



PLANE  SCAPE

TORMENT

O QUE PODE MUDAR A NATUREZA DE UM HOMEM?



Planescape: Torment



Texto original © 1999 Interplay Productions:
Chris Avellone e Colin McComb. Todos os direitos reservados.

Material adicional foi adaptado de *LP Torment*
de ShadowCatboy, disponível nos fóruns do Something Awful.
Contém também trechos adaptados da edição de Rhyss Hess.

Edição e revisão por Logan Stromberg.

Tradução PT-BR, pós-epílogo e arte digital: Victor Cardoso.







Prólogo

Poucas coisas conseguem se igualar ao fedor pútrido da Colmeia.

As fábricas e casas de trabalho cospem vapores sulfúricos, negros e amarelados, pintando o ar com uma névoa doentia que quase encobre a cidade de Sigil, do outro lado do céu. Uma cidade em forma de toro, um guia — não, um mimir — havia lhe explicado isso há muito tempo. Uma cidade dobrada sobre si mesma, curvada ao redor da fumaça flatulenta que faria os olhos de qualquer sem noção lacrimejarem.

Depois vem o cheiro dos sem-teto, comprimidos uns contra os outros nos becos, calças reduzidas a trapos e a pele exposta coberta por manchas de imundície. É o cheiro de suor e carne não lavada, azedo, rançoso e espesso o bastante para fazer suas narinas arderem. A sujeira (ou pelo menos você espera que seja sujeira) incrustada em suas peles formava placas finas e escamas onde um corpo se apertava contra outro — apáticos demais para se mover, loucos demais para se importar se alguém naquele amontoado havia morrido.

Loucos, sem dúvida, se esbarrar num cadáver antes

que os Bleakers pudessem afastar os mendigos e deixar os Dustmen cuidarem dos mortos era algo normal. Houve um tempo em que você deixava algumas moedas de cobre onde podia. Depositava-as diante daqueles olhos sem esperança, fixos na distância com uma determinação muda. Muito possivelmente os únicos olhos que não brilhariam de ganância ao tilintar das moedas.

E depois vêm os vapores dos Planos Inferiores, arrastados no rastro dos enormes demônios e diabos que percorrem as ruas, esbarrando em anjos e elementais sem sequer trocar uma palavra. O cheiro de carne queimada e enxofre os acompanha por onde passam — e eles parecem estar por toda parte. É como se nada importasse na Cidade das Portas: os fracos permanecem sem auxílio, enquanto inimigos mortais por raça e fé se sentam para tomar chá ou debater os pontos mais delicados da filosofia bem no meio do mercado. Ou talvez seja apenas a sombra da Senhora. Você estremece só de pensar nisso.

Era o cheiro de óleo e metal, suor e imundície, fogo e enxofre que pairava sobre a Colmeia, espesso como se fosse possível atravessá-lo a passos lentos. Houve um tempo em que aquilo queimava sua garganta e cegava até mesmo você. Fazia seu estômago se revoltar. Um paladino, vestindo uma simples cota de malha de bronze, passa por ali, os olhos arregalados enquanto mantém um

lenço perfumado sobre o nariz. Um recém-chegado a Sigil, obviamente. Em silêncio, você o admira por ainda não ter vomitado. Ainda.

De verdade, poucas coisas conseguem se igualar ao fedor da Colmeia.

Hoje em dia, você raramente caminha por essas ruas. Elas se tornaram perigosas demais, e o lucro que poderia encontrar ali dificilmente compensaria o risco. Mas um velho amigo havia pedido que você viesse visitá-lo, e você se sentiu compelido a aceitar — nem que fosse apenas pela nostalgia. Um verdadeiro falastrão, mas sempre soube tornar qualquer história melhor diante de uma boa garrafa de vinho e uma refeição generosa.

Você esperou no mercado por quase uma hora, beliscando ameixas elísias bem maduras e cogumelos secos vindos de terras distantes. Um mercador parecia ter arrastado uma monstruosidade de peixe diretamente do Plano Elemental da Água, vendendo cortes refinados demais para o povo da Colmeia.

Você suspira. Uma tarde inteira pela frente, e ali está você, no meio daquela multidão, exposto demais e longe de se sentir seguro contra problemas. Seus olhos passam pelos guardas do Harmonium espalhados pela área. Três. Mais do que o suficiente para manter a paz, mas, ainda assim, você se sentiria muito melhor no Distrito dos Escribas.

Não há muito o que fazer. Então você pega a primeira rua que o levaria de volta aos seus aposentos — uma via irregular em zigue-zague, cujas esquinas eram marcadas pelos cantos afiados dos prédios, as paredes remendadas e cobertas por videira-navalha.

Mesmo distraído, seu olhar para de repente num pequeno canto: uma porta escondida, espremida entre duas lojas maiores. Um pequeno e escuro buraco na parede daquela parte da Colmeia, um lugar que você jamais havia notado antes. Talvez fosse recente, mas o reboco rachado e as grossas veias de videira-navalha que se espalhavam pelas paredes ao redor do portal sugeriam outra coisa. O próprio portal mal parecia ocupar espaço suficiente para existir. Acima da porta, uma placa desgastada pendia torta.

Estranho.

As portas duplas se abrem quando você entra, e o aroma seco de fumaça e bebida forte o recebe — surpreendentemente limpo em comparação ao ar lá fora. Um mal menor, muito menos ofensivo ao nariz. Pela primeira vez naquele dia, você respira fundo de verdade.

A taverna era muito maior do que parecia por fora, estendendo-se por pelo menos cinquenta passos e dividida em dois níveis. Uma marilith, de seios nus e coberta de joias, ergue os olhos para você. Quatro de seus braços trabalham entre copos e garrafas, o vidro tilintando

delicadamente com a prática de quem já repetiu aqueles movimentos incontáveis vezes. Uma das mãos limpa o filete de bebida escorrido pela lateral de um copo recém-servido, enquanto outra segura uma corrente.

A corrente desce até a coleira no pescoço de um homem preso ao chão. Pele cinza de crepúsculo, cabelos como fumaça. A carranca profunda e o rosto marcado falam de ancestralidade ífera — um cambion, talvez. Agachado no chão, vestindo uma armadura antiga tomada pela ferrugem, ele esfrega uma caneca enquanto lança um olhar nada amistoso na sua direção.

A marilith sorri diante da sua entrada.

— Bem, temos um rosto novo por aqui. Sou Shara Seis-Lâminas, e tenho bebida suficiente pra derrubar qualquer um pra debaixo da mesa. Se precisar de alguma coisa, é só pedir.

Você faz um gesto educado em direção a uma garrafa de Baatorian Black Brew. Faz tempo desde a última vez que tomou uma caneca decente, e você passa a língua pelos lábios, antecipando o peso daquela cerveja escura e defumada. O líquido negro como ébano sibila ao escorrer espesso para a caneca, e Shara Seis-Lâminas lhe lança um aceno de aprovação. Afinal, se você consegue encarar uma Baatorian Black Brew, certamente merece uma boa dose de respeito aos olhos dela.

Os frequentadores da taverna formam uma mistura improvável — o tipo de coisa perfeitamente normal em Sigil. Uma mulher vestindo armadura de couro gasta e trapos castanhos cobertos de poeira apoia uma lança de ponta obsidiana na dobra do braço enquanto lambe o interior da caneca com uma avidez pouco elegante. À mesa em frente à dela, um grupo de três espadachins usa casacos cinzentos bem cortados e chapéus mais apropriados à nobreza do que à Colmeia. Em todos eles havia um leve arqueado nos cantos da boca, como se estivessem considerando qual travessura — ou problema — causariam em seguida.

Você quase se sobressalta quando um padrão estranho percorre uma coluna metálica do outro lado da taverna. A silhueta colorida de um homem se move pela superfície como um mural vivo. Uma criatura bidimensional, ao que parece, com a aparência de um jovem de traços agradáveis, vestindo um casaco amarelo marcado por cortes vermelhos.

Uma névoa cinzenta e espessa se enrola ao redor de uma mesa isolada no canto — aparentemente vazia. Ainda assim, os copos sobre ela estão cheios de uma bebida vermelho-sangue, borbulhante, pulsando de maneira irritadiça enquanto sombras negras dançam em seu interior. No instante seguinte, um dos copos começa a se esvaziar sozinho, enquanto fios de névoa se enrolam no

líquido. Você pisca, surpreso.

— Recomendo manter distância daqueles hóspedes, visitante — diz Shara Seis-Lâminas, com um sorriso enviesado. — Raramente deixo gente daquele tipo entrar aqui, mas eles já... resolveram alguns problemas que estavam além da minha conta. De vez em quando eu ofereço uma rodada de Cerveja de Sangue de Abishai, em agradecimento. Mas é melhor ficar esperto perto da laia deles.

Você está prestes a perguntar mais quando uma voz vibrante, quase prateada, ecoa pelo salão.

— Atenção, gentis ouvintes! Trago uma canção de risos e lágrimas, de guerra e paz! De um homem que se amarrou à própria vida a ponto de morrer pelas próprias mãos! Canto sobre alguém que atravessou os planos dos condenados em busca de sua salvação — alguém que procurou destruir a si mesmo para que outros pudessem viver! Canto uma história que fez anjos chorarem e fúrias lamentarem! Canto a história de...

Ele faz uma pausa.

— O Sem-Nome.

Você se vira em direção ao palco.

Ali, sentado num banco torto, está um belo anjo de pele dourada, asas iridescentes abertas atrás de si e um braço erguido no ar. Uma lira repousa sob seu braço, presa pela

larga faixa prateada em torno da cintura e sobre calças largas, brancas como neve. Com delicadeza, ele a ergue e dedilha uma melodia breve e melancólica. Então, o deva se cala.

A pausa pesa como chumbo.

A última nota ecoa pela taverna, espalhando um silêncio repentino pela multidão heterogênea.

— É mesmo? E de qual “Sem-Nome” você tá falando? — uma voz áspera surge de algum canto do salão, embora você não consiga enxergar quem falou. — O mesmo sujeito do Homem-Sem-Nome, talvez? Ou daquele tal de Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Conhecido?

Uma explosão de risadas toma conta da taverna — gargalhadas cristalinas de fadas, silvos serpentinos, urros roucos e até um tilintar estranho que você não consegue identificar. Quem segura canecas pesadas bate com elas nas mesas; os de taças mais delicadas batem palmas ou estalam as mãos nos joelhos.

— Ou talvez ele esteja cantando sobre Aquele-Cuja-Existência-É-Tão-Terrível-Que-Só-De-Pensar-Nele-Sua-Cabeça-Explode! — grita outra voz, arrancando ainda mais risadas.

Dessa vez, vem de uma mulher jovem, flores presas aos cabelos e um vestido que parece costurado com pétalas de rosa.

— Hã? Quem é esse? — pergunta o homem ao seu lado.

Ele parece algum tipo de vela humanoide: a cabeça envolta em chamas que, de algum modo, não queimam suas roupas.

— Eu... já ouvi falar desse Sem-Nome — entoa uma voz envelhecida.

Agora é um homem atrás do balcão. Seus dedos longos e finos apertam papéis cobertos por uma caligrafia impecável. O rosto é comprido e pálido, envolto por um capuz estranho que faz parecer que cabeça e corpo são uma coisa só — como um enorme ovo. Um contador, talvez.

— Ouvi... lendas sobre alguém que certa vez caminhou pelos Planos. Um imortal, abandonado pela própria Morte.

— Você está falando do Homem das Muitas Mortes? — pergunta a mulher da lança, aproximando a caneca do peito.

A voz dela é firme, desafiadora; o desdém quase transparece nas palavras.

— Ouvi uma história dessas, contada por um bêbado enquanto mal conseguia ficar de pé. Falava de alguém servido por homens e mulheres, usando todos como ferramentas e descartando-os quando já estavam gastos... ou quebrados.

Um diabrete, empoleirado no encosto de uma cadeira, inclina a cabeça. Uma pequena bolsa pende de seu ombro

estreito.

— Ele Morre Muitos Pode Um? Fóssil torce e envelhece do homem bom, homem bom, então provo e queimo!

O deva sorri e faz um leve aceno.

— Canto sobre todos eles... e sobre nenhum, meus bons amigos. Sou Oudilin Ovariis, bardo e colecionador de histórias.

— Mito, isso sim! — a primeira voz áspera ressurgue, e desta vez você vê um humanoide baixo saltando sobre uma mesa.

Um anão, ao que ouviu dizer — alguma espécie de criatura escavadora. Ainda assim, ele parece mais baixo do que as descrições costumam sugerir.

— Mil histórias de fada e boatos nascem todo santo dia nesse canto encharcado de mijo de rato da Cidade, e isso só aqui! Mais um monte de esterco, é o que eu digo!

Um murmúrio de concordância percorre a multidão.

— Esterco?

— ESTERCO! Esterco duas vezes!

— Ah, mas—

— TRÊS VEZES!

O deva ergue uma mão num gesto conciliador, esperando o sujeito se acalmar. O anão arfava, praticamente espumando pela boca.

— E como é o seu nome, meu bom amigo?

— Eu sou G'mir!

Uma breve pausa.

— G'mir? G'mir, o Anão Minguado? Saqueador e bárbaro? O mesmo que matou o Arquidemônio Gulathomon depois de ser atirado no meio da batalha? — pergunta a mulher da lança.

Você tem a forte impressão de que G'mir foi “atirado” na batalha em sentido bem literal.

O guerreiro atarracado rosna, cerrando os dentes ao ouvir seu título nada lisonjeiro.

O deva ergue uma das mãos num gesto apaziguador, interrompendo qualquer discussão antes que ela crescesse mais.

Com a outra, repousa a lira sobre o banco.

Pequenos pontos de poeira branca começam a girar em sua palma, e algo toma forma ali: um pequeno volume marrom, quadrado. Um símbolo estranho, pontiagudo, parece marcado a ferro sobre a capa. O couro curtido está gasto, descascando em vários pontos e manchado por uma quantidade nada pequena de sangue. Ainda assim, o objeto permanece bem preservado, encadernado com precisão, as páginas perfeitamente alinhadas.

— E que diabo é isso? — resmunga G'mir, ainda

emburrado.

— Isto — responde o deva, com um gesto tranquilo e um leve sorriso — é o seu esterco.

Ele ergue o pequeno livro para que todos vejam.

— O diário perdido do Sem-Nome.

— BAH! — rosna outra vez a voz já familiar. — Isso é ridículo! Agora vamos acreditar num tomo velho e caindo aos pedaços como prova de um homem que viveu sabe-se lá quantos anos atrás? Prova de que um sussurro de lenda é real?

A multidão murmura em concordância com o Anão Minguado. Ainda que desconfiados, ninguém mais presta atenção em qualquer outra coisa.

O sorriso dourado de Oudilin se alarga.

— Nós, devas, embora firmes na fé, não abandonamos a razão por causa dela, meu amigo anão.

Ele ergue o diário um pouco mais.

— Adquiri este volume de um velho mentor que serviu Kylae, uma deusa da Lei. Ele, por sua vez, o recebeu de um antigo sábio que o roubou da biblioteca privada de Solten, O Que Tudo Vê. Todos afirmavam tratar-se do verdadeiro diário do Sem-Nome.

Ele faz uma breve pausa.

— Ainda assim, permaneci cético.

O salão permanece em silêncio.

— Viajei até a cidade de torres prateadas de Noronde, onde mil videntes, cada um com mil olhos, investigaram sua origem. Voei até a Cidadela de Lem'Faal, para encontrar uma jovem iniciada capaz de ler visões ao tocar um objeto. Desci às margens ardentes de Baator, para falar com o Pilar de Crânios.

Ele fecha os dedos ao redor do livro.

— Todos confirmaram sua autenticidade.

Outro longo silêncio se espalha pela taverna.

Os incrédulos começam, pouco a pouco, a ceder.

Afinal, se nem mesmo a palavra de um dos exércitos celestiais podia merecer confiança... em quem se poderia confiar?

Ainda assim, os Planos já revelaram coisas mais estranhas do que um anjo mentiroso.

Sentado junto ao balcão, você vê Shara Seis-Lâminas servir mais uma taça de vinho, que uma atendente logo leva até Oudilin, substituindo a já vazia.

A dríade de antes inclina a cabeça.

— Verdadeira ou não... ainda parece uma boa história. Afinal, não precisamos acreditar nela para apreciá-la.

Com murmúrios de concordância subindo e descendo pelo salão, Oudilin oferece um aceno respeitoso.

— Então... começarei.





Capítulo 1

Os sonhos vieram primeiro.

Sonhos escuros.

Desolados.

Visões meio esquecidas de tristeza e sombras que talvez devessem permanecer enterradas. Em algum lugar, muito distante, o guincho metálico de ferro raspando contra pedra. Uma porta se abrindo. Algo pesado sendo lentamente empurrado para dentro de uma sala sem luz.

De muito longe — ou assim parece — vem o cheiro de produtos químicos agressivos e sangue com gosto de cobre. O toque gélido do metal nu.

Não.

Esses são os sentidos de outra pessoa. Sussurros apagados de algum fantasma.

Como o vazio pode ter voz? Como a escuridão pode derramar uma visão?

Ainda assim, o horror frio e solitário que me aperta parece ser, talvez, algum tipo de pesadelo. Não me lembro da última vez que sonhei, mas suponho que seja algo parecido com isto.

Um lampejo de luz violeta.

Um obelisco coberto por incontáveis nomes gravados em sua superfície de obsidiana.

Outro lampejo.

Centenas de crânios repousando sobre prateleiras se voltam para me encarar. Crânios humanos. De animais. De demônios e anjos igualmente. Tudo por trás de uma cortina de névoa que embaralha minha visão.

Eles me observam por um instante.

Curiosos.

Zombeteiros.

Acusadores.

Fogo.

Dor.

Agonia.

O amor de uma mulher em luto.

TANTA dor.

Dor suficiente para matar uma cidade. Para despedaçar um mundo em lágrimas sem fim.

Amor.

Tão suave.

Uma garota tímida, um dia — mas com fogo no peito. Ela abandonou algo para vir comigo. Sacrificou tudo apenas

para me ver sorrir. E um gesto de ternura talvez tivesse valido mil vezes mais aos olhos dela.

Eu a arranquei de uma vida tranquila e gentil para lançá-la nessa peregrinação áspera e perigosa.

Ainda assim, ela me seguiu.

De livre vontade.

Ela era meu fardo.

Mas...

Eu a amava?

Espera...

Isso não é real!

ISSO NÃO É REAL!

Cem dedos acusadores.

Mil.

DEZ MIL!

O sonho sai do controle, girando sobre si mesmo enquanto as visões se dissolvem numa miasma negra que prende tudo num vale de lágrimas.

Demônios.

Sombras.

Massacre.

Sangue demais.

Rios de sangue.

Suficiente para tingir o Styx de vermelho.

Sinto minha pele se desprendendo.

Minha carne se contorce enquanto cicatrizes se gravam sobre mim.

Faço a única coisa que posso fazer:

Eu grito.

Mas talvez até pesadelos tenham suas pequenas misericórdias.

O pânico e o terror se desfazem num lampejo azul, no tilintar suave de pequenos sinos.

E então ela.

Uma mulher familiar.

Uma mulher que eu conheço.

Olhos azul-cristal pousam sobre mim por um breve instante. Os cabelos prateados, entrelaçados por mechas azuladas, ondulam num vento que não sinto.

Ela fecha os olhos.

E se afasta.

Em silêncio.

Os sinos suaves desaparecem à distância enquanto o mundo volta a escurecer.

Ela se vai sem olhar para trás.

Aquele único olhar — tão carregado de tristeza, tão vivo de raiva — é tudo o que ela me oferece.

Frio como tempestades de inverno.

Liso como vidro coberto de geada.

A única coisa que ainda está disposta a me dar.

E então tudo escapa.

E eu descanso.





Capítulo 2

“...hhhhhhhhHHHHHhhhhh”

Aquele chiado irregular que escapou de mim na primeira respiração não era exatamente uma boa maneira de começar o dia.

Quando despertei, meu corpo estava dormente. A pele, fria e úmida. Os músculos rígidos como os de um cadáver. Uma forma terrível de acordar — completamente antinatural.

Um nascimento sem ventre.

Os espasmos nos meus dedos e o leve movimento das pernas diziam a alguma parte entorpecida da minha mente que eu estava, de algum modo, vivo. Minhas pálpebras tremularam e, aos poucos, um calor começou a se espalhar pelos meus membros. Senti as primeiras batidas abafadas no peito quando meu coração finalmente voltou a funcionar.

Soltei um gemido baixo e rolei de lado.

As costas doíam por causa da mesa metálica gelada onde haviam me deixado, e aquela primeira respiração fez seu trabalho ao arrancar meus sentidos da letargia.

O cheiro de metal. O fedor de fluidos conservantes e formaldeído. O odor de sangue e carne.

Tudo raspava meus sentidos como uma lixa.

A iluminação era fraca, minha visão ainda turva, mas aqui e ali eu conseguia ouvir pés se arrastando e o ranger seco de articulações.

Foi então que aquele horror lento começou a me apertar por dentro.

Zumbis.

Eu estava cercado pelos mortos ambulantes.

Minha respiração travou nos pulmões e senti o gosto de carne apodrecida no ar.

Fiquei imóvel.

Esperando que eles não me notassem.

— Ei, chefe. Tá bem? Tá bancando o cadáver ou tentando enrolar os Dusties? Achei que você já tinha entrado pro Livro dos Mortos, sinceramente.

Ergui os olhos na direção da voz — e encarei, boquiaberto, um crânio flutuante, olhos verde-acinzentados girando nas órbitas secas.

Levei um instante para me sentar e escorregar da mesa.

A voz dele era estranhamente reconfortante. E aquele sorriso torto — de algum jeito possível mesmo sem lábios — dissipava parte da tensão.

— Qu... quem é você?

Minha garganta estava seca, e minha voz saiu áspera, quase um grasnado rouco.

— Hã... quem EU sou? Que tal começar por você? Quem é você?

Esfreguei as têmporas.

— Eu... não sei. Não consigo lembrar.

O tom rouco diminuiu um pouco, mas minha voz continuava grave e áspera, um leve ressoar vibrando no peito. Talvez simplesmente fosse assim que minha voz devesse soar.

— Não consegue lembrar do próprio nome? Heh. Bem... da PRÓXIMA vez que resolver passar a noite nesse buraco, pega leve na biritá. O nome é Morte. E eu também tô preso aqui.

Ótimo.

Então talvez eu não estivesse bêbado coisa nenhuma.

Mas uma palavra do que Morte disse finalmente fez sentido.

— Preso?

O crânio balançou num aceno.

— É. Já que você ainda nem conseguiu firmar as pernas, aqui vai a real: tentei todas as portas. Esse lugar tá mais trancado que um cinto de castidade.

— Estamos presos... onde? O que é este lugar?

— Chamam isso aqui de Mortuário. Um prédio enorme, preto, com o charme arquitetônico de uma aranha grávida.

Balancei a cabeça e quase deixei escapar uma risada.

— “Mortuário”? O quê... eu estou morto?

— Da onde eu tô olhando, não — não me dei ao trabalho de apontar que ele não tinha pernas para ficar em lugar nenhum. — Mas você tá coberto de cicatriz, chefe... parece que algum otário resolveu te pintar com uma faca. Mais um motivo pra dar o fora daqui antes que quem te abriu volte pra terminar o serviço.

Baixei o olhar para meus braços e pernas.

Cinzentos.

Cobertos por cortes grossos e enrugados, sobrepostos uns aos outros em tantas camadas que era quase um milagre eu ainda ter pele.

Fiz uma careta.

— Quão ruins são?

Morte começou a flutuar ao meu redor, e tentei não ficar girando para acompanhá-lo com os olhos. Era irritante conversar com uma cabeça simplesmente boiando para onde bem entendesse.

— Bem... os rabiscos no seu peito não tão TÃO ruins... mas os das costas...

Ele fez uma pausa.

— Escuta só: parece que você carrega uma galeria inteira de tatuagens aí atrás, chefe. E tão dizendo alguma coisa...

— Tatuagens nas costas? O que elas dizem?

Morte soltou uma risadinha.

— Heh! Parece que você já vem com manual de instruções...

Ele fez um barulho, como se limpasse a garganta.

— Vamos ver... começa assim:

“Eu sei que você deve estar se sentindo como se tivesse bebido alguns barris de lavagem do Styx, mas precisa se CENTRAR. Entre seus pertences há um diário que vai esclarecer a real da situação. Pharod pode te contar o resto da história... se já não tiver entrado pro Livro dos Mortos.”

Guardei mentalmente cada detalhe.

Então talvez eu não tivesse bebido coisa nenhuma, afinal.

Mas por que diabos eu permitiria que alguém gravasse uma mensagem nas minhas costas daquele jeito?

E aquele nome não me parecia familiar.

— Pharod...? Tem mais alguma coisa?

— Tem mais um pedaço, sim — continuou Morte. —

Vamos lá...

“Não perca o diário ou vamos acabar no Styx de novo. E faça o que fizer, NÃO conte a ninguém QUEM você é ou O QUE aconteceu com você, ou vão te mandar rapidinho numa peregrinação até o crematório. Faça o que eu digo: LEIA o diário. Depois, ENCONTRE Pharod.”

Um arrepio percorreu meu corpo enquanto eu finalmente tomava plena consciência dos cortes espalhados pela minha pele.

— Não é à toa que minhas costas doem... tem uma maldita novela inteira escrita nelas. E quanto ao diário que eu deveria estar carregando... tinha algum comigo quando eu acordei aqui?

Morte balançou a cabeça — ou melhor, o crânio.

— Não. Quando te trouxeram, você tava pelado até os ossos. Além disso... parece que já escreveram diário suficiente no seu corpo.

Agradei em silêncio pelo menos terem deixado alguma roupa comigo.

O saíote, a faixa de ossos e as botas eram confortáveis, mas insuficientes contra o frio úmido do Mortuário.

Ugh.

Um mortuário.

Tentei ignorar o fato de estar cercado por corpos em

diferentes estágios de dissecação e me concentrar em outro assunto.

— E esse Pharod? Você conhece?

— Nunca ouvi falar... mas, por outro lado, eu também não conheço muita gente. Ainda assim, algum otário deve saber onde encontrar esse Pharod... quer dizer, depois que a gente sair daqui.

Assenti.

— E como saímos?

— Bem, todas as portas estão trancadas, então vamos precisar da chave. E, muito provavelmente, um dos cadáveres ambulantes nessa sala tá com ela.

— Cadáveres ambulantes?

Até então eu evitara olhar diretamente para os zumbis, mas agora, pelo canto do olho, percebi-os se arrastando pelo salão — membros leves e ressequidos se movendo numa dança obscena, dedos desajeitados trabalhando na preparação dos corpos.

Morte virou-se para acompanhar meu olhar.

— É. O pessoal do Mortuário usa cadáveres como mão de obra barata. Os corpos são burros que nem pedra, mas inofensivos. Não vão te atacar... a menos que você ataque primeiro.

Hesitei diante do que ele claramente estava insinuando.

— Não existe outro jeito? Eu não quero matar eles só por causa de uma chave.

Morte inclinou o crânio num gesto que lembrava um encolher de ombros.

— Ah, fala sério. Você acha que vai ferir os sentimentos deles? Eles tão MORTOS. Mas, olha pelo lado bom: se você matar um, pelo menos ele descansa um pouco antes dos cuidadores levantarem ele de novo pra trabalhar.

Isso não era exatamente reconfortante.

Mas teria de servir.

O jeito casual como ele tratava algo tão violento era, estranhamente, tranquilizador.

— Certo... tudo bem.

O crânio abriu um sorriso enviesado.

— Beleza. Mas antes disso, arranja uma arma. Acho que tem um bisturi em alguma prateleira por aqui.

De repente consciente do quão vulnerável eu estava, assenti e comecei a procurar qualquer coisa útil ao redor.

Quem quer que eu fosse, certamente não parecia um homem de moral muito elevada — não se eu conseguia aceitar roubo e assassinato com tanta facilidade.

As prateleiras de granito cinzento, manchadas aqui e ali por marcas negras acumuladas ao longo dos anos, ofereciam pouca coisa de valor aparente.

Frascos de bandagens antigas — muitas ensanguentadas e fedendo a pus. Pergaminhos. Garrafas de salmoura e fluidos conservantes.

E, numa das prateleiras...

Um pote cheio de juntas de gato.

Juntas de gato?

Que coisa bárbara.

Fui afastando objetos de lugar, torcendo para que ninguém muito atento percebesse a bagunça, até notar o brilho discreto de metal sobre uma das mesas, naquela luz opaca tingida de sangue.

Atrás de mim, ouvi um alegre tilintar de dentes.

— Isso! Achou! Agora vai lá pegar aqueles cadáveres... e relaxa, eu fico aqui atrás oferecendo conselhos táticos valiosíssimos.

Fiquei olhando para ele.

— Talvez você pudesse ajudar, Morte.

— EU vou ajudar. Conselho bom é artigo raro.

— Eu quis dizer ajudar a atacar o cadáver.

— Eu?

Ele recuou um pouco.

— Chefe, eu sou um romântico, não um soldado. Só ia atrapalhar.

Apontei o bisturi na direção dele.

Não como ameaça.

Mais como ênfase.

— Escuta, eu também não quero fazer isso. Mas a ideia foi sua. Então me dá uma mão.

Morte fechou a mandíbula com um estalo e ficou me encarando por um instante.

— Tá bom, tá bom. Eu vou nos joelhos ou coisa assim.

Passei de um zumbi para outro, examinando-os enquanto vagavam pelo salão, até encontrar um cadáver de pele azul-esverdeada curvado num canto, uma das mãos fechada num punho rígido.

Aproximei-me para olhar melhor.

Ali estava.

Uma pequena chave torta, presa entre dedos tão endurecidos pelo rigor mortis e pelos conservantes que parecia inevitável: eu teria mesmo de derrubar a criatura.

Murmurei algo parecido com um pedido de desculpas e permaneci imóvel por um instante, bisturi em mãos, reunindo coragem.

Então ataquei.

Um único golpe rápido.

A pele fina, quase de papel, ao longo do abdômen do

zumbi se abriu, e alguns órgãos disformes — endurecidos pelo embalsamamento e afrouxados pela decomposição — escorregaram para fora.

Bem menos do que eu esperava.

Graças aos deuses.

Nesse instante, uma esfera branca passou disparada ao meu lado e acertou o peito do zumbi com um estalo seco.

A criatura tombou com um gemido antes mesmo de conseguir reagir.

— Opa! Esse aí tava mais duro que sátiro no cio em festa báquica!

Eu já estava ajoelhado junto ao corpo, forçando os dedos a se abrirem enquanto olhava ao redor para ver se alguém tinha percebido.

Os outros zumbis continuavam ocupados com seus próprios afazeres.

As portas permaneciam fechadas.

Silenciosas.

Usei os trapos do cadáver para limpar o ícor negro das mãos e do bisturi.

Depois segui até a porta.

Uma torção.

Um clique.

Estávamos livres.

Enquanto avançávamos pelos corredores do Mortuário, Morte se aproximou flutuando ao meu lado.

— Psiu... um conselho, chefe: daqui pra frente, melhor manear nos cadáveres. Não precisa mandar mais ninguém pro Livro dos Mortos sem necessidade... principalmente as moças. Além disso, ficar esquartejando corpo pode chamar atenção dos cuidadores.

Franzi a testa.

— Acho que você ainda não explicou isso direito... quem são esses cuidadores?

— Eles se chamam Dustmen. Você reconhece fácil: roupa preta e cara de quem morreu por dentro faz tempo. Um bando de malucos obcecados por morte. Eles acham que todo mundo devia morrer...

Ele fez uma pausa.

— Quanto antes, melhor.

Um arrepio me percorreu.

Mas então algo do que ele havia dito me atingiu.

— Espera. Antes você falou pra eu evitar matar cadáveres femininos. Por quê?

Se Morte tivesse sobrancelhas, elas provavelmente teriam subido até o topo do crânio.

Ele me encarou de mandíbula frouxa.

— Quê... tá falando sério?

Fez uma pausa dramática.

— Escuta, chefe: essas mocinhas mortas são a última esperança de dois guerreiros resistentes como nós. A gente precisa ser cavaleiro... nada de cortar elas em pedaços atrás de chave, arrancar braço, essas coisas.

Piscei.

— Última esperança? Do que você tá falando?

Então veio o entendimento.

Pequeno.

Repentino.

Profundamente desconfortável.

Morte estalou os dentes, claramente satisfeito consigo mesmo.

— Chefe, ELAS tão mortas, NÓS tamo mortos... tá vendo onde eu quero chegar? Hein? Hein?

Fiquei em silêncio.

A inquietação que eu ainda sentia em relação aos Dustmen começou a evaporar, substituída por outro tipo completamente diferente de desconforto.

— Você não pode estar falando sério.

Morte virou um pouco de lado, inclinando o crânio. Para alguém sem corpo — ou pele — ele fazia um esforço

impressionante para se expressar sem palavras.

— Chefe, a gente já começa com assunto garantido com essas damas manca daqui. Nós dois já morremos pelo menos uma vez: já temos algo em comum pra conversar. Elas vão apreciar homens com experiência no assunto.

Ele fez uma pausa, os dentes se abrindo num sorriso torto.

— Eu, particularmente, não acharia ruim dividir um caixão com algumas dessas belas senhoritas cadavéricas por aqui.

Suspirei e esfreguei as têmporas.

Talvez eu devesse ter continuado deitado naquela mesa hoje de manhã.





Capítulo 3

Até hoje não consigo acreditar que realmente tentei aquilo.

— Então... ééé... — a zumbi permanecia ali, balançando de leve, instável — vai fazer alguma coisa mais tarde?

Como era de se esperar, ela não respondeu.

Morte cutucou meu ombro.

— Pssssiu. Viu o jeito que ela tava olhando pra mim? Hein? VIU aquilo? O jeito que ela tava acompanhando a curva do meu osso occipital?

Ergui uma sobrancelha.

— Você quer dizer aquele olhar vazio de além-túmulo?

Os olhos de Morte pareceram quase saltar das órbitas.

— Quê— você TÁ CEGO?! Ela tava me analisando! Foi descarado o quanto ela me QUERIA.

Soltei uma risada baixa.

— Talvez ela quisesse que você fosse embora. Claramente tava ocupada demais prestando atenção EM MIM pra reparar numa cabeça flutuante tagarela.

— Você? Ah, tá bom! — Morte estalou os dentes em indignação. — Confia em mim, chefe: essas mocinhas do

além não ligam pra esse papo de “fiscalidade” e “eu tenho um corpo” e “olha como sou cheio de cicatriz e durão”. Elas gostam é de sujeito com espírito. E isso sou eu. Você? Cadáver que nem você é mais comum que moeda de cobre.

Fiz um gesto dispensando o assunto enquanto seguíamos pelos corredores.

A essa altura, os cadáveres já não me abalavam tanto.

Bom...

Não tanto assim.

Como na sala anterior, comecei a vasculhar as prateleiras em busca de algo útil, até avistar um livro velho e empoeirado.

Enquanto Morte observava os zumbis, folheei o volume, passando os olhos pelos protocolos e procedimentos de recebimento dos corpos, além de registros intermináveis de cadáveres.

Milhares.

Dezenas de milhares.

Cada um acompanhado de uma breve descrição.

Fui direto para as entradas mais recentes, mas algo chamou minha atenção:

A última página havia sido arrancada.

Não rasgada.

Cortada.

A borda do papel ainda estava limpa.

Nada mais a fazer ali.

Abri a porta seguinte.

No centro da terceira sala havia um livro gigantesco.

Tinha pelo menos dois metros e meio de altura, páginas amareladas pelo tempo e couro velho, gasto e puído envolvendo a encadernação.

Atrás dele estava sentado um homem idoso.

A pele enrugada carregava um tom amarelado, como pergaminho antigo. Olhos cinza-carvão repousavam num rosto anguloso, e uma longa barba branca descia pela frente das vestes.

Levei um susto.

Ele não pareceu notar minha presença.

Continuava trabalhando em silêncio, riscando o enorme livro com uma grande pena azul. A respiração vinha irregular, áspera, e acessos ocasionais de tosse pareciam incapazes de interromper sua escrita.

— Er... olá? — arrisquei, nervoso.

Com o rangido pesado da porta metálica, ele certamente já devia ter me ouvido.

— Uou, chefe! O que você tá fazendo?! — sibilou Morte.

— Eu só ia falar com esse escriba. Talvez ele saiba alguma coisa sobre como vim parar aqui.

Além disso, parecia valer a pena arriscar e torcer para que honestidade bruta não fizesse ele chamar os guardas.

— Escuta, bater papo com Dusties devia ser a ÚLTIMA coi—

Uma violenta crise de tosse interrompeu o tagarelar de Morte. Depois de um instante, ela cedeu ao seu chiado costumeiro.

— E, principalmente, a gente NÃO devia trocar a real com Dusties velhos, doentes e meio surdos. Vamos embora. Quanto antes a gente der o fora desse lu—

Antes que ele terminasse, os olhos cinza do escriba se ergueram lentamente até mim.

— O peso dos anos repousa pesadamente sobre mim, Insone...

Ele pousou a pena no colo.

— ...mas ainda não conto a surdez entre os meus males.

Gaguejei diante da voz fria e repreensiva.

— Er... ahn... será que poderia nos dizer onde estamos? Parece que acabamos nos perdendo e... bem...

Minha frase morreu no ar.

— Como sempre, a pergunta.

Ele suspirou.

— E, como sempre, a pergunta errada.

Uma pausa.

— Você está no Mortuário, Insone. Mais uma vez... você retornou...

A frase foi interrompida por outra crise de tosse.

Levou alguns instantes até sua respiração voltar ao chiado irregular de antes.

— Este é o lugar de espera daqueles prestes a deixar a sombra desta vida. Aqui os mortos são trazidos para serem sepultados ou cremados. É responsabilidade dos Dustmen cuidar dos mortos — daqueles que deixaram esta sombra de vida e caminham rumo à Morte Verdadeira.

A voz dele suavizou um pouco.

Talvez preocupação.

— Seus ferimentos devem ter cobrado um preço terrível... se já não reconhece este lugar.

Ele me observou longamente.

— Está quase em casa.

Engoli em seco.

— Você... parece me reconhecer. Nós nos conhecemos?

O velho assentiu devagar.

— Sou Dhall. Escriba. Catalogador de todas as cascas

que chegam a este Mortuário.

Ele fez uma pequena reverência, mas o movimento desencadeou outra crise de tosse.

Quando recuperou o fôlego, continuou:

— Mas conhecer você?

Uma amargura discreta atravessou sua voz.

— Eu... jamais conheci você, Insone.

Uma pausa.

— Não mais do que você jamais conheceu a si mesmo.

Os olhos dele permaneceram fixos nos meus.

— Você esqueceu... não foi?

Assenti.

Ele suspirou.

— Então temo que jamais deixará esta sombra de vida.

— Você mencionou isso antes... o que exatamente quer dizer com “sombra da vida”?

O lugar parecia real o bastante.

Apesar das cicatrizes, eu andava. Respirava. Sentia o coração pulsar no peito. E, grotesco ou não o cenário ao redor, já começava até a sentir fome.

— Sim. Uma sombra.

Dhall ergueu os olhos para mim.

— Veja, Insone... esta vida...

Ele hesitou por um instante.

— Ela não é real.

A frase pairou no ar.

— A sua vida. A minha vida. São sombras. Ecos tênues daquilo que a vida um dia foi. Esta “vida” é onde viemos parar depois da morte. E aqui permanecemos...

Uma pausa.

— Presos.

Outra.

— Enjaulados.

A tosse veio novamente, breve e áspera.

— Até alcançarmos a Morte Verdadeira.

Levei uma mão ao peito, sentindo o peso firme e ritmado das batidas ali, quase tentando convencer a mim mesmo.

— E o que faz você acreditar que esta vida não é real?

A amargura voltou aos olhos de Dhall.

— E o que faz você acreditar que ela é?

Ele inclinou levemente a cabeça.

— Olhe para dentro de si, Insone. Não sente algo faltando?

Silêncio.

Então ele balançou a cabeça.

— Isto é um purgatório. Só há tristeza aqui. Miséria. Tormento.

A palavra pareceu cortar o ar.

Farpada.

Por um instante, uma visão me atravessou:

Sangue.

Fogo.

Um símbolo metálico pontiagudo.

Então desapareceu.

Forcei minha voz a se manter firme.

— Acho que seu fatalismo levou a melhor sobre você. Essas coisas fazem parte da vida... mas não são tudo.

Ao menos eu esperava que não fossem.

Eu certamente não conseguia lembrar da última vez que havia rido.

Ou cantado.

Ou me apaixonado.

Dhall soltou um ruído baixo, quase de desaprovação.

— As paixões têm peso.

A frase veio carregada de desdém cansado.

— São elas que mantêm muitos presos a esta sombra

de vida. Enquanto alguém se apegar à emoção, continuará renascendo para esta “vida”...

Ele tossiu novamente.

— Sofrendo para sempre.

— Sem jamais conhecer a pureza da Morte Verdadeira.

Cruzei os braços.

— Então imagino que você tenha um plano para escapar desse ciclo.

Dhall limpou a garganta.

— Mate suas paixões.

A resposta veio simples.

Direta.

— Livre-se da necessidade de sentir. Quando estiver verdadeiramente purificado, o ciclo de renascimento terminará... e encontrará paz.

Ele desviou o olhar, fitando algo distante.

Muito distante.

— Além destas cascas que vestimos... além da Fronteira Eterna entre morte e “vida”... está a paz que todas as almas procuram.

A respiração saiu num chiado.

— O vazio.

Uma pausa.

— Um estado sem razão.

— Sem sensação.

— Sem paixão.

Tosse.

— Um estado de pureza.

Um frio percorreu minha espinha.

— Isso parece mais... inexistência.

Dhall não hesitou.

— É pior do que permanecer na sombra do que um dia foi a vida?

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Eu acredito que não.

Olhei para Morte, que abria a mandíbula num bocejo exagerado, antes de voltar a encarar Dhall.

— Me disseram que os Dustmen querem me ver morto.

Dhall soltou um longo suspiro.

— Nós, Dustmen, somos uma facção. Um grupo daqueles que reconhecem a ilusão desta vida. Aguardamos a próxima existência... e ajudamos outros em sua jornada.

Seu olhar pousou sobre mim.

Triste.

Firme.

— Há quem diga que existem almas incapazes de alcançar a Morte Verdadeira.

A frase pesou.

— A morte as abandonou.

Uma pausa.

— Seus nomes jamais serão escritos no Livro dos Mortos.

O chiado irregular da respiração pareceu mais pesado por um instante.

— Despertar da morte como você despertou... sugere que você é uma dessas almas.

Ele hesitou.

— Sua existência é... inaceitável para nossa facção.

Será que eu realmente havia morrido?

Dhall estava dizendo que eu era imortal?

Minha nova existência parecia se encher cada vez mais de perguntas e incertezas.

Por mais irritante que fosse, naquele momento eu quase desejei que Morte dissesse alguma coisa.

Uma piada.

Qualquer coisa para aliviar o peso.

— “Inaceitável”...

A palavra pareceu estranha na minha boca.

Estrangeira.

— Isso não soa exatamente favorável à minha situação.

— Você precisa entender.

A voz de Dhall suavizou.

— Para muitos deles, sua existência é uma blasfêmia. Se soubessem da sua condição... muitos entre nossa facção ordenariam sua cremação.

Mordi o lábio antes de dizer o óbvio:

— Você é um Dustman.

Hesitei.

— Mas não parece muito disposto a me matar. Por quê?

Dhall permaneceu em silêncio por um instante.

— Porque impor nossas crenças a você seria injusto.

Ele apoiou uma das mãos sobre o livro.

— Você deve abandonar esta sombra de vida por vontade própria.

Não porque o forcemos.

A tosse ameaçou voltar, mas ele conseguiu contê-la.

— Enquanto eu permanecer neste posto, protegerei seu direito de buscar sua própria verdade.

Assenti, sinceramente grato.

— Se é assim... existe algo que possa me dizer sobre

mim mesmo?

Dhall balançou a cabeça com pesar.

— Sei muito pouco sobre você, Insone.

Ele desviou o olhar.

— Pouco mais sei daqueles que viajaram ao seu lado...
e que agora repousam sob nossos cuidados.

Minha boca secou.

Eu já havia estado aqui antes.

E não sozinho.

Companheiros.

Pessoas que haviam caminhado comigo.

Agora mortos.

Dhall suspirou.

— Peço que não convide mais ninguém a caminhar ao
seu lado, Insone.

A voz dele carregava algo inesperado.

Quase tristeza.

— Onde você caminha... caminha também a miséria.

Ele ergueu os olhos para mim.

— Deixe que esse fardo seja apenas seu.

O aviso me atingiu em cheio.

Mas havia algo que eu precisava perguntar.

— Havia outras pessoas comigo? E... elas estão aqui?

Os olhos de Dhall se arregalaram levemente.

— Você não conhece o corpo da mulher preservado no salão memorial abaixo?

A pergunta me atravessou.

Mulher?

Ele parecia genuinamente surpreso.

— Eu imaginei que ela tivesse viajado ao seu lado no passado...

A garganta dele apertou numa nova crise de tosse, mas conseguiu recuperar o fôlego.

— Estou enganado?

Parei por um instante.

Tateando entre as teias de aranha na parte mais distante da minha mente.

Procurando qualquer resposta.

Nada veio.

— Onde está o corpo dela?

— No salão memorial a noroeste, no andar abaixo.

Dhall ergueu uma das mãos num gesto cansado.

— Verifique os esquifes. O nome dela deve constar em uma das placas memoriais.

Uma pequena pausa.

— Talvez isso desperte sua memória.

Assenti devagar.

— Obrigado pela ajuda...

Hesitei.

— Você parece doente. Se houver alguma forma de eu aju—

Ele dispensou a oferta com um gesto lento da mão retorcida.

— Estou próximo da Morte Verdadeira, Insone.

A voz saiu quase serena.

— Em breve atravessarei a Fronteira Eterna e encontrarei a paz que busco há tanto tempo.

Um suspiro áspero.

Cansado.

— Estou fatigado desta esfera mortal.

Os olhos dele se perderam por um instante em algum lugar distante.

Muito distante.

— Os Planos já não guardam maravilhas para alguém como eu.

— Tem certeza? Talvez exista alguma forma de ajudar.

Mesmo enquanto dizia aquilo, eu já suspeitava que insistir era inútil.

— Não desejo viver para sempre.

A resposta veio imediata.

— Nem viver outra vez.

A tosse voltou, breve.

— Eu não suportaria isso.

Desloquei o peso do corpo, desconfortável.

Parecia não haver mais nada a dizer.

— Bem... espero que encontre paz, Dhall.

— E obrigado pela ajuda.

Quando me virei para partir, ouvi sua voz outra vez.

Fraca.

Mas firme.

— Saiba disto:

Esperei.

— Eu não invejo você, Insone.

O chiado da respiração preencheu a pausa.

— Renascer como você renasce seria uma maldição que eu não suportaria.

Ele tossiu novamente.

Profundo.

Ressonante.

— Em algum momento, seu caminho o trará de volta a este lugar...

Outra tosse.

— É o destino de toda carne e osso.

Um arrepio percorreu meu corpo.

Ou talvez fosse apenas o frio daquele mundo absurdo no qual eu havia sido arremessado.

Eu precisava de um banho.

Qualquer coisa.

Algo que removesse da minha pele o cheiro acre de sangue e poeira.

Que lavasse o gosto sujo da morte impregnado em mim.

Morte e eu seguimos pelos corredores, vasculhando o que podíamos, cutucando qualquer coisa que talvez viesse a ser útil depois.

A presença tagarela do crânio me dava uma estranha coragem.

Como um amigo de infância inconveniente, daqueles que te desafiam a dar mais um passo — mesmo quando tudo indica que você vai se meter numa encrenca monumental.

Não que eu me lembrasse da minha infância.

Mas um dos zumbis chamou minha atenção.

Estava parado diante de uma parede.

Imóvel.

Não havia corpos naquela sala.

Nem prateleiras.

Nem mesas.

Nada para fazer.

Ainda assim, permanecia ali, oscilando levemente —
como a pena de um pássaro ferido sacudida pelo vento frio
do outono.

Preso ao peito havia um bilhete.

Eu o arranquei.

O prego soltou-se da carne, abrindo um pequeno sulco
na pele ressequida.

Congelei ao ler o que estava escrito.



MORTUI
TE SALUTANT
ORDO · SILENTIUM
LABOR · MEMORIA

♀





Capítulo 4

Era a página arrancada do registro de recebimento do Mortuário.

No meio de uma longa lista de cadáveres, alguém havia rabiscado:

16539: 5ª Noite: Casca Cicatrizada Causa da morte: indeterminável (as cicatrizes não parecem ser a causa da morte — trauma por choque?) Coletor: Pharod — 3 cobres pagos Pertences registrados: soqueiras, treze cobres Mesa do meio, sala de recebimento.

Pelas outras descrições, os cadáveres colocados ao meu lado eram antigos — alguns talvez pouco mais do que pele e osso.

— Morte, dá uma olhada nisso.

Ergui o bilhete para ele.

Os dentes do crânio estalaram de leve enquanto os olhos percorriam a página.

Seu jeito peculiar de “murmurar” as palavras, imaginei.

— Uau. “Cicatrizada”? Ou alguém anda muito convencido... ou os Dusties têm um talento especial pra eufemismo.

— Não, olha isso. Diz que meu Coletor foi Pharod. Seja lá o que isso signifique.

— É, eu vi, chefe.

Ele inclinou levemente o crânio.

— Hm. Parece que tem alguma coisa estranha rolando com esses corpos. Pelo jeito você não é o único sujeito a morrer duas vezes.

Reli o papel.

Quando vi “cicatrizada” e “Pharod” tão próximos, mal tinha prestado atenção no resto.

Mas Morte tinha razão.

Os Dustmen estavam recebendo cadáveres que já haviam sido preparados antes... ou que tinham morrido de novo.

Talvez aquilo tivesse relação com o que quer que estivesse acontecendo comigo.

Mas, naquele momento, eu simplesmente não podia me dar ao luxo de perseguir esse tipo de pergunta.

A porta seguinte rangeu de forma ameaçadora quando a empurrei.

Metal raspando contra metal.

O som cortou o ar.

E então me atingiu.

O cheiro.

Um fedor nauseante, adocicado de um jeito doentio — carne apodrecendo misturada ao aroma espesso e metálico do sangue.

Virei a cabeça e quase vomitei.

Sobre a mesa ao lado da entrada jazia um cadáver pálido.

Os braços erguidos num começo rígido de rigor mortis.

A pele do peito havia sido removida e puxada para trás, presa por pequenos ganchos enferrujados.

Alguém abrira a caixa torácica.

Os órgãos ainda estavam lá dentro.

Minha boca encheu de saliva.

Afastei o olhar, cambaleando de volta para a porta enquanto lutava contra a ânsia.

— Er... tá tudo bem, chefe?

Cuspi algumas vezes antes de conseguir responder, a voz saindo úmida e falha.

— É... é. Tô bem...

— Ótimo.

Uma pausa.

— Porque a gente não tá sozinho.

Levantei os olhos depressa.

O estômago embrulhado.

A cabeça girando.

Amaldiçoando minha própria estupidez por ter esquecido, ainda que por um momento, do perigo de estar ali como invasor.

Quem sabia o que aquela guilda fazia com intrusos?

Considerando que o ofício deles envolvia cadáveres...

Eu definitivamente não queria descobrir.

Uma jovem estava parada junto a uma mesa no centro da sala.

Vestia túnicas cinzentas, apagadas como crepúsculo.

O cabelo, um bronze terroso desgrenhado, mal chegava aos ombros — endurecido pela sujeira acumulada, espetando em todas as direções.

A Dustwoman estava de costas para mim.

Os braços se moviam rápido.

Preciso.

Intrincado.

Completamente absorvida na tarefa diante dela.

Parei.

Esperei.

Contei os segundos até ela perceber minha presença.

Demorou quase um minuto até eu entender:

Ela não tinha notado.

Nem mesmo com o barulho da porta.

Devagar.

Em silêncio.

Me aproximei um pouco mais de Morte, sem tirar os olhos da mulher.

Quando consegui um ângulo melhor, vi o quanto ela era alarmanamente pálida.

O corpo magro demais.

A carne do rosto e do pescoço afundada, cinzenta.

Então vi as mãos.

Ela estava completamente concentrada no cadáver à sua frente.

As palmas escorregavam sobre o peito ensanguentado enquanto os dedos longos — ou melhor, as garras — trabalhavam com precisão inquietante.

À medida que me aproximava, ficou impossível ignorar o detalhe:

As unhas não eram unhas.

Eram garras compridas, curvas, manchadas de sangue.

Quase lâminas.

Entravam e saíam da cavidade torácica com a facilidade

de tesouras afiadas, separando pele e tendões com uma precisão impossível.

Era impressionante a rapidez com que um corpo conseguia se adaptar ao horror.

Porque, contra toda lógica, uma curiosidade quase acadêmica despertou em mim.

Inclinei-me discretamente para Morte.

— O que aconteceu com as mãos dela?

— Ah... ela é uma tiefling, chefe.

Ele abaixou um pouco a voz.

— Sangue ífero nas veias. Geralmente porque algum ancestral resolveu dividir os lençóis com um demônio ou outro. Isso deixa alguns meio desregulados da cabeça...

Um som úmido de carne se rasgando pontuou a frase.

A tiefling arrancou um pedaço de fígado do cadáver e o depositou num vaso ao lado.

— ...e meio estranhos de olhar também.

Não parecia haver muito o que fazer ali.

E, sinceramente satisfeito com minha sorte até aquele momento, fiz um gesto para que Morte me acompanhasse para fora.

Um estalar seco atrás de mim nos fez parar imediatamente.

— Hst! Você!

Virei.

Ela apontava uma garra ensanguentada na minha direção.

Fragmentos de sangue coagulado e bile escorriam pelas mãos.

A cabeça inclinou-se de leve enquanto me analisava.

As garras já eram estranhas o bastante.

Mas os olhos...

Amarelos como algo apodrecendo.

Pupilas minúsculas, pontinhos laranja brilhando no centro.

Em um instante, a expressão dela passou de surpresa a irritação.

Ela fez uma careta.

— Ah... oi? — arrisquei, sem convicção alguma.

Ela não pareceu sequer ouvir.

Em vez disso, se inclinou para frente, semicerrando os olhos, como se tivesse dificuldade em me enxergar direito.

Maluquinha.

E míope.

Definitivamente uma vantagem.

Ela estalou as garras.

Depois fez um gesto estranho com as mãos.

— Você.

Outro estalo.

— Busca LINHA e líquido de embalsamar.

Apontou para o chão diante dela.

— Traz AQUI. Pra Ei-Vene.

Fez um gesto brusco.

— Vai. Vai-vai.

A voz era um chiado rouco.

Úmido.

Se ela pensava que eu era um dos servos zumbis...

Talvez fosse melhor interpretar o papel.

Encontrar linha e fluido de embalsamamento não exigiu mais do que alguns minutos vasculhando armários e prateleiras.

Quando voltei, Ei-Vene já havia retomado o trabalho.

Fatia.

Puxa.

Descasca.

Fatia.

Puxa.

Descasca.

O padrão era estranhamente familiar.

Mas eu não conseguia lembrar por quê.

Então—

Uma sensação percorreu meu couro cabeludo.

Como formigas.

Poucas no começo.

Depois dezenas.

Depois centenas.

Minha visão vacilou.

O mundo ficou turvo.

E então—



Um cadáver recém-morto estava estendido sobre a mesa de dissecação.

O rigor mortis zombava do sorriso torto em seu rosto.

O número “42” havia sido costurado no couro cabeludo.

O zumbi jazia sobre a mesa, e eu acabara de fechar os pontos no peito.

Eu havia escondido algo ali dentro.

Algo que talvez se mostrasse útil caso eu voltasse por este caminho outra vez.

Esperemos que o investimento valha mais do que a dor de cabeça que deu.

Ainda assim, não é culpa minha que o idiota tenha tentado me assaltar.

Melhor transformar isso em algo útil.

Agora só preciso falsificar a papelada.

Os Dustmen cuidam do resto.

Inclinei-me sobre o rosto do jovem bonito — a pele já assumindo um tom azul-acinzentado — e sussurrei em seu ouvido:

— Guarde estas coisas em segurança.

— E espere meu retorno.

A voz ecoou.

Minha voz.

Cruzei os braços diante do peito.

Como esperado, o cadáver fez o mesmo.

Depois de alguns instantes, os braços tombaram de volta ao lado do corpo.

Excelente.

Está funcionando.

Agora só preciso conseguir aqueles documentos...

A visão se dissipou.

E eu estava novamente observando as mãos de Ei-Vene trabalhando no cadáver.

Fatia.

Puxa.

Descasca.

Sacudi a cabeça, afastando os últimos fragmentos daquilo.

Uma memória.

Eu tinha certeza.

Eu já estivera no Mortuário antes.

Toquei de leve no ombro de Ei-Vene.

Ela ergueu os olhos imediatamente, franzindo a testa.

— Zunfi idiota.

As garras estalaram impacientes.

Ela fez um gesto de costura.

— Linha e líquido de embalsamar.

Fiquei olhando para ela por um segundo antes de lembrar.

Ah.

Certo.

Estendi os itens meio sem jeito.

Sem interromper o trabalho, Ei-Vene arrancou a linha da minha mão, enrolando-a numa das garras antes de começar a costurar o peito do cadáver.

Depois mergulhou os dedos no líquido de embalsamamento e espalhou uma camada sobre o corpo.

Trabalhava rápido.

Rápido demais.

Eu já estava prestes a me virar quando algo frio e úmido se arrastou pelo meu ombro.

Ei-Vene me puxou de volta.

Forte.

Muito mais forte do que parecia.

Fiquei frente a frente com ela.

As garras estalaram.

Então, para minha surpresa, começou a passar os dedos pelos meus braços e peito.

Um arrepio estranho percorreu minha pele cicatrizada.

Cócegas dormentes.

— Ah... não que eu não esteja lisonjeado, mas—

Morte soltou uma risadinha abafada.

— Heh. Parece que você fez uma nova amiga, chefe. Quer que eu dê um tempinho pra vocês ou...?

— Guarda isso pra você, Morte.

Enquanto ela examinava meu corpo, finalmente percebi:

Ela estava observando as cicatrizes.

Ei-Vene recolheu as garras, estalou-as duas vezes e se inclinou para examinar as tatuagens no meu peito.

— Hmph.

Cheirou o ar.

— Quem escreve em você?

Outro estalo.

— Gente da Colmeia faz isso?

Franziu o nariz.

— Sem respeito por zunfis.

Cutucou meu peito.

— Zunfis não pintura.

Ela apontou para um dos cortes cinzentos mais profundos ao longo do meu abdômen.

— Esse ruim.

Mais um estalo.

— Muito cicatriz.

— Não preservado direito.

Antes que eu reagisse, uma das garras disparou.

TCHC.

Entrou na pele ao lado do ferimento.

A surpresa de levar uma garra no abdômen me fez prender a respiração.

Mas, além do susto, mal doeu.

Só uma fígada.

Quase nada.

Seja lá como eu tivesse conseguido aquele ferimento, devia ter sido fatal.

Talvez minhas entranhas tivessem acabado espalhadas pela rua.

Uma imagem pouco reconfortante.

Sem cerimônia, Ei-Vene começou a costurar o rasgo longo e mal cicatrizado.

As garras se moviam rápido.

Precisas.

Entrando e saindo da pele como agulhas grotescas.

Quando terminou, aproximou o rosto de mim e cheirou o ar.

Franziu a testa.

Então mergulhou os dedos no líquido de embalsamamento.

Em poucos minutos, espalhou a substância pelo meu corpo.

Fria.

Escorregadia.

Minha pele formigou sob os conservantes agressivos.

Mas, estranhamente...

Eu me sentia melhor.

Melhor de verdade.

Morte pareceu estremecer ao assistir.

— Essa deve ser a segunda vez na vida que agradeço por não ter nariz.

Ei-Vene fez os últimos ajustes, observou o trabalho, assentiu uma vez e então fez um gesto desajeitado de dispensa com as garras.

— Pronto.

Outro gesto.

— Vai-vai.

— Espera um pouco.

Fiz o gesto de girar uma chave no ar com a mão.

— Preciso da chave da sala de embalsamamento. Você tem uma?

Ela se inclinou para frente, observando meus gestos.

Cheirou o ar outra vez.

Começava a me lembrar um gato particularmente perigoso.

As garras.

Os olhos amarelados.

A insistência em farejar tudo.

A mão desapareceu dentro das vestes.

Quando voltou, trazia uma chave pendurada no indicador afiado.

Com um movimento surpreendentemente ágil, lançou-a na minha direção.

Peguei-a por puro reflexo.

— Devolve depois.

Outro gesto brusco.

— Vai-vai.

Com a chave da liberdade apertada nos dedos, seguimos até a porta mais próxima.

Os zumbis eram nossa única companhia.

Aquela parte do Mortuário parecia quase abandonada.

Uma casca vazia preenchida por cadáveres errantes.

E as poucas centelhas de vida ali pareciam fracas.

Gastadas.

Dhall, consumido pelo próprio corpo.

Ei-Vene, despedaçada em algum lugar da mente.

O peso sombrio da filosofia dos Dustmen voltava a me

pressionar.

Frio.

Opressivo.

Isto é apenas uma sombra da vida...

Um rato guinchou nas sombras.

Bom.

Pelo menos alguma coisa naquele lugar ainda parecia sobreviver pelo simples instinto de sobreviver.

A escadaria era protegida por grades de ferro reluzente.

Quase novas.

Um contraste estranho com a ferrugem, o sangue e a decadência do resto daquele lugar.

Aproximei-me com a chave na mão.

Mas meus olhos subiram.

Para a escada acima.

Uma sensação familiar voltou.

Aquela coceira leve no couro cabeludo.

Algo me puxava para cima.

— Er... chefe?

Morte girou no ar para me acompanhar.

— O primeiro andar é PRA BAIXO.

Franzi a testa.

— Acho que deixei alguma coisa...

— Chefe, não inventa de pirar agora.

Ele bateu os dentes.

— Dá uma olhada pra mim: EU NÃO TENHO MÃOS!
Pode pelo menos abrir a porta primeiro?

Pausa.

— Chefe?

Outra.

— Chefe?!

Suspirou.

— Ah, pelos deuses, que droga...

Os resmungos de Morte foram ficando distantes enquanto eu subia.

Pouco depois, ouvi um suspiro resignado atrás de mim.

Ele tinha vindo junto.

Ver mobília de verdade foi quase um alívio.

Mesmo uma casa dos mortos precisava de algo mais mundano, suponho.

Alguma pausa entre sangue, carne e formaldeído.

O terceiro andar do Mortuário parecia... diferente.

O piso de pedra verde.

As paredes ainda de ferro frio.

Mas mais suaves, de algum modo.

Menos agressivas.

Eu definitivamente não esperava jardins atrás daquela porta.

Ainda assim, o contraste me pegou desprevenido.

Uma onda de calor atingiu meu rosto.

Meus olhos, já acostumados à penumbra do Mortuário, demoraram um instante para se ajustar.

Então vi o crematório.

As chamas rugiam no interior da grande câmara com a fúria de um pequeno sol.

Vermelhas como sangue.

Fiquei parado.

Hipnotizado.

Aterrorizado.

Mas hipnotizado.

Eu talvez sobrevivesse àquilo.

O pensamento surgiu de repente.

Instintivo.

Estranhamente natural.

— Ei! Você aí! Pare!

Droga.

O Dustman que se aproximou tinha um olhar duro como pedra.

O cabelo azul-acinzentado, curto e desgrenhado, emoldurava um rosto tão morto quanto as paredes do lugar.

— Está perdido?

Precisava manter ele falando.

Se chamasse os guardas, estávamos ferrados.

— Não... não estou perdido.

Pense rápido.

— Só preciso de ajuda.

Os olhos dele se estreitaram.

— Se não está perdido, o que faz aqui?

Precisava improvisar.

Rápido.

— Vim para um sepultamento... mas acho que houve algum engano.

Ele inclinou levemente a cabeça.

— Quem está sendo sepultado? Talvez a cerimônia esteja acontecendo em outra parte do Mortuário.

Assenti como quem sabia exatamente do que estava falando.

O que definitivamente não era o caso.

— Pode ser. Onde essas outras cerimônias acontecem?

A irritação surgiu na voz dele.

— Há várias câmaras funerárias espalhadas ao redor do Mortuário. Acompanham a curva das paredes no primeiro e segundo andares.

Uma pausa.

— Qual o nome do falecido?

Quase travei.

Mentalmente, fiz a primeira mistura aleatória de sílabas que me veio à cabeça.

— Ahm...

— Adahn.

O Dustman franziu a testa.

— O nome não me é familiar.

Balançou a cabeça.

— Procure um dos guias no portão principal. Talvez consigam orientá-lo melhor do que eu.

Assenti rapidamente.

— Obrigado.

Quando me virei, dei de cara com um Morte claramente irritado.

— Sabe, chefe... eu comecei a gostar de você.

Ele estalou os dentes.

— Então faz um favor pra nós dois e tenta NÃO acabar com sua cabeça espetada numa lança antes da gente sair daqui.

Dei de ombros.

— Ei.

Ajustei o bisturi no cinto.

— Eu sou imortal, lembra?

Por mais absurdo que aquilo soasse...

Eu tinha certeza.

Talvez fosse instinto.

Ou memória da carne.

Meu corpo havia sido rasgado.

Cortado.

Esmagado.

Dilacerado além do imaginável.

E ainda assim...

Ali estava eu.

Olhei de novo para o inferno vermelho do crematório.

Talvez eu até sobrevivesse àquilo.

Mas Morte tinha razão.

Não era hora de ficar convencido.

Explorei mais do lugar.

Ainda mais corpos.

Todos preparados para a cremação.

Enrolados, organizados, aguardando o fogo.

Também havia zumbis por toda parte.

Mas agora os Dustmen eram muitos.

Muito mais.

A cada esquina, um deles parecia vigiar silenciosamente.

Mantive a postura firme.

Sem andar rápido demais.

Sem parecer um intruso.

Se alguém perguntasse alguma coisa...

Bem.

Eu simplesmente improvisaria outra mentira.

Precisava haver pistas sobre quem eu era.

Então entrei numa pequena câmara ao sul.

Parecia uma mistura de depósito com biblioteca.

— Morte, anda. Me ajuda com essas prateleiras.

Ele virou no ar devagar.

— Claro, chefe. Já vou folhear os livros com meus dedos invisíveis.

Pausa.

— Quer que eu dance sapateado também?

— Só cala a boca e procura qualquer coisa interessante.

O resultado da busca foi modesto:

Algumas gotas de sangue cristalizado.

Um trapo velho.

E um relatório amarrotado.

Desdobrei o papel.

“Entrar em contato com o necromante responsável pela Reanimação do trabalhador contratual 42.

Sei que ele já examinou o esqueleto antes, mas estou convencido de que houve alguma deformação na magia usada em sua Reanimação inicial.

O trabalhador ainda responde a comandos, mas, ao concluir uma tarefa, volta a andar no mesmo padrão circular de antes.

Dhall informou recentemente que o trabalhador 42 apresentava exatamente o mesmo comportamento quando ainda era um zumfi, décadas atrás.

Talvez exista algum eco de alma na medula, ou talvez a idade do esqueleto tenha deteriorado a magia que o anima. Um dos Iniciados sugeriu que ele ainda esteja obedecendo ordens dadas por um Dustman de alta patente no passado, mas não encontrei registros dessas ordens.”

42.

De novo.

E ainda estava aqui.

Encontrei o esqueleto circulando lentamente ao redor do centro do salão, exatamente como a nota descrevia.

Era velho.

Muito velho.

Toda a carne havia desaparecido.

Os ossos amarelados e frágeis pareciam prestes a se desfazer.

O número “42” estava entalhado na testa.

Tiras de couro envolviam as juntas para impedir que desmontasse no meio do caminho.

E um avental preto pendia do corpo.

Inclinei a cabeça.

— Preciso perguntar...

Apontei para o avental.

— Por quê?

Morte girou no ar.

— Quê?

— O avental.

Pausa.

— Quer dizer... do que exatamente ele tá preservando a modéstia?

Morte soltou uma risada seca.

Ao som da minha voz, o esqueleto subitamente parou.

Endireitou a postura.

Cruzou os braços sobre o peito.

Os dedos se prenderam entre as costelas.

Ficou imóvel.

— Ah...

Os braços caíram de volta.

— Er... oi?

Nada.

— Você se lembra de mim?

O esqueleto cruzou os braços novamente.

Morte estalou os dentes.

— Ah, para com isso. Os braços dele vão cair.

Franzi a testa.

Então algo me ocorreu.

Cruzei meus próprios braços diante do peito.

Instantaneamente, o esqueleto soltou os braços.

As tiras de couro do torso se romperam.

A caixa torácica se abriu como portas duplas.

Parei.

Não fazia sentido.

Mas uma vontade repentina tomou conta de mim.

A necessidade de alcançar o interior daquele corpo.

Como se eu já soubesse.

Como se lembrasse.

Enfiei a mão entre as costelas.

Uma sensação profundamente errada me atravessou.

Minha mão parecia estar...

Em outro lugar.

Havia um espaço extradimensional ali dentro.

Construído naquele corpo.

Provavelmente por mim.

Um arrepio percorreu minha espinha.

Tateei no escuro.

Então meus dedos tocaram algo duro.

Do tamanho de um punho.

Preso à coluna do esqueleto.

Puxei.

Preso.

Puxei de novo.

Mais forte.

Apoiei uma mão na clavícula do esqueleto e forcei—

CRACK.

A peça se soltou de repente.

Perdi o equilíbrio.

O esqueleto teve ainda menos sorte.

A estrutura leve voou para trás e explodiu no chão em fragmentos de osso.

O crânio quicou uma vez.

Duas.

Até parar aos pés de um zumbi que não pareceu minimamente impressionado.

Olhei para o objeto nas minhas mãos.

Um pedaço disforme de ferro negro.

Então começou a se desfazer.

Um fragmento caiu.

Outro.

Com um longo chiado...

O metal evaporou.

Deixando para trás:

Uma adaga estranha.

Um punhado de moedas.

E mais duas gotas cristalizadas de sangue.

Encantos de sangue.

Eu sabia disso agora.

Força vital solidificada.

Morte olhou ao redor.

— Ah... eu diria que é melhor a gente ir embora antes
que alguém repare nisso.

Engoli seco.

Guardei a adaga no cinto.

— É.

Já deu de exploração por hoje.

Era hora de sair do Mortuário.





Capítulo 5

Não havia tempo a perder. Felizmente tive o autocontrole de me recompor com calma, sacudindo a poeira com descaso — e os poucos Dustmen que me olharam não deram importância. É curioso o que se consegue passar impune quando se mantém as costas eretas, a cabeça erguida e o rosto em branco.

Morte assobiava uma melodia alegre. Isso mesmo — finge que é normal.

Desci os níveis do Mortuário, a fumaça sufocante de cinzas cedendo lugar ao cheiro cortante de sangue e formol, que por sua vez foi dando espaço ao ar morto de um túmulo. O ar ainda estava viciado ali, mas àquela altura poderia ter sido uma brisa de outono.

Mesmo nos andares mais baixos, os corredores do Mortuário eram guardados pelos mortos: quatro esqueletos imensos cercavam uma câmara central, balançando com rigidez enquanto eu passava. Minha presença não registrava nos seus sentidos embotados, e passei sem consequência. Certamente seria um pouco mais... reconfortante... ter guardas de carne e osso, mas afinal, mão de obra gratuita é mão de obra gratuita — e o

silêncio dos sentinelas esqueléticos garantia paz para as meditações dos Dustmen.

Um lampejo de azul em uma das câmaras laterais prendeu meu olhar, e virei a cabeça para encarar... nada. Piscei. Talvez fosse minha imaginação — era só uma névoa difusa, afinal. Algo no canto do campo visual.

Mas ainda assim... em todo aquele edifício, não havia nada além dos tons moribundos de carmesim e marrom terroso, entrelaçados de negro e tocados pelo brilho ocasional de bisturis metálicos. Azul valia ser investigado, ainda que por alguns minutos.

— Chefe, onde você está indo? A entrada é por aqui!

— Um minuto, Morte. Acho que vi alguma coisa aqui — e entrei no salão memorial.

— Pelos deuses, você não consegue simplesmente seguir o grupo por— — sua voz travou.

A câmara era sombria e cinzenta como as outras, mas o metal e a pedra eram de alguma forma mais suaves — mais gentis. Os planos cortantes e as paredes gastas no restante do Mortuário eram entalhe de mão descuidada e projeto de mente cruel. As outras câmaras se preocupavam com função, não com forma — ásperas e afiadas com a idade.

Mas aqui a câmara era limpa, bem cuidada. As pedras tinham sido polidas até uma suavidade terna, e os últimos fios de incenso nas braseiras exalavam um aroma

adocicado, exótico como flores de inverno. Sem dúvida as braseiras seriam em breve limpas e reabastecidas. Lampiões rodeavam o túmulo de mármore — elegantes, sem economia. E ainda assim o lugar possuía uma certa humildade, a marca de uma mão amorosa que ainda não conseguia soltar.

A placa dizia apenas: *Deionarra* — um nome que soava estranhamente familiar. O ar de repente esfriou.

— Você... — o sibilo gelado pareceu ressoar por toda a câmara. As chamas murcharam, o incenso se apagou, e os últimos fios de fumaça doce serpearam pelo ar. Olhei ao redor, tremendo — o frio por fim alcançava minha pele descoberta.

Uma névoa azul e branca se desdobrou nos degraus do túmulo, e uma neblina fria se expandiu enquanto o rosto de uma mulher se materializava diante dos meus olhos. Era de uma beleza que cortava o ar — cabelos brancos e longos cascadeando sobre ombros pálidos. Seu vestido ondulava em uma brisa que não existia, suave e azul como o céu de inverno. O rosto era liso, terno — e onde deveria haver paz havia uma careta retorcida de fúria.

— Você! O que te traz aqui?! Vieste ver com os próprios olhos a miséria que forjaste? Talvez na morte eu ainda guarde alguma utilidade para ti... — sua voz caiu em amargura, tingida tanto de escárnio próprio quanto de desejo. — ...meu Amor.

Fiquei olhando boquiaberto.

— Quem... és tu? — A névoa ao redor dela era fria como geada.

A raiva sumiu do rosto dela, substituída por uma súplica — o espectro se inclinou para frente, mãos estendidas:

— Como pode ser que os ladrões da mente continuem a roubar meu nome da tua memória? Não te lembras de mim, meu Amor? — Sua voz se tornou desesperada. — Pensa... o nome Deionarra deve evocar alguma lembrança em ti.

Aquele formigamento no couro cabeludo me cutucou de novo. Tentei abraçá-lo, agarrá-lo, arrancá-lo pela raiz — sem resultado. Mas uma coisa ficou clara: o fantasma era de fato familiar.

— Creio que sinto os primeiros estremecimentos de uma lembrança... diz-me mais. Talvez tuas palavras possam afastar as sombras da minha mente, Deionarra.

A voz de Deionarra transbordou de júbilo:

— Oh, por fim os destinos mostram misericórdia! Nem a morte consegue me apagar de tua mente, meu Amor! Não vêes? Tuas memórias vão voltar! Dize-me como posso te ajudar, e o farei!

— Sabes quem eu sou?

— És alguém abençoado e amaldiçoado, meu Amor. E

és alguém que nunca está longe dos meus pensamentos e do meu coração — ela respondeu com suavidade, depois ergueu os olhos, azuis como cristal. — A natureza da tua maldição deveria ser evidente. Olha para ti. A morte te rejeita. Tuas memórias te abandonaram. Não te perguntas por quê?

— Deixando as memórias de lado... e assumindo que a morte me rejeite... por que isso seria uma maldição?

Deionarra sacudiu a cabeça com tristeza:

— Não duvido da tua capacidade de ressurgir dos mortos. Acredito, porém, que cada encarnação enfraquece teus pensamentos e tuas memórias. Dizes que perdeste a memória. Talvez seja um efeito colateral de mortes incontáveis? Se for assim — o que mais perderás em mortes sucessivas? Se perdes a mente, não terás sequer consciência suficiente para saber que não podes morrer. Estarás verdadeiramente condenado.

Senti então, fundo em mim. Enquanto minha carne estava pintada de cicatrizes incontáveis — camadas sobre camadas delas —, as feridas internas eram menos aparentes. Havia um vazio ali, no fundo da mente, no centro do peito. Era como se houvesse um corte bruto na própria essência deste invólucro, e quando eu tentava sondar através dele, um abismo imenso se estendia do outro lado — aterrorizante e sem fim. Em algum lugar, de alguma forma, minha alma estava presa ao meu corpo

em algemas inquebráveis. O verdadeiro horror da minha imortalidade me atingiu então, e olhei para o espírito:

— “Mortes incontáveis?” Há quanto tempo isso acontece?

— Não sei ao certo. Exceto que já foi tempo demais — a voz de Deionarra cortou. Ela estava dizendo que eu precisava morrer. — Sei que um dia afirmaste me amar, que me amarias até a morte nos reclamar a ambos. Acreditei nisso, sem nunca saber a verdade sobre quem eras, o que eras. — Seus olhos se desviaram de mim, contornando o proibido.

— Então o que sou? — a frustração engrossou minha voz. — O que sou, Deionarra?

— Tu... eu... não posso... — Ela de repente congelou, e falou devagar, com cuidado, como se a própria voz a assustasse. — A verdade é esta: és alguém que morre muitas mortes. Essas mortes te deram o conhecimento de tudo que é mortal — e em tua mão repousa a centelha da vida... e da morte. Aqueles que morrem perto de ti carregam um vestígio de si mesmos que podes fazer brotar...

Enquanto Deionarra falava, uma sensação rastejante borbulhou na nuca... e de repente senti-me compelido a olhar para a própria mão. Ao levantá-la, pude *ver* o sangue fluindo lentamente pelo braço, derramando-se nos

músculos e por sua vez dando força aos ossos...

— O quê...

E então soube — Deionarra tinha razão. De repente me lembrei de como despertar a mais tênue centelha de vida de um corpo, fazê-la brotar... o pensamento até agora me horroriza e me fascina ao mesmo tempo.

Quase estendi a mão para tocar o túmulo — tentar desfazer a injustiça feita a esse pobre espectro. Mas sabia no fundo que era impossível. Sim, ela estava de alguma forma ligada a mim — sentia o conduto através do qual eu poderia verter de volta sua essência, compartilhar uma centelha da minha vida para revivê-la. Mas seu corpo jazia frio demais, distante demais de mim quando morreu. O canal havia sido cortado, e apenas um vestígio fantasmagórico restava.

— A Fronteira Eterna nos separa, meu Amor. Por agora e para sempre — sua voz estava pesarosa. Talvez ela soubesse o que acabei de tentar. — É uma barreira que temo que jamais cruzarás, meu Amor. É a barreira entre tua vida e o que resta da minha...

Passos distantes ecoaram pelo corredor. Me retesi — e então olhei de volta para ela:

— Deionarra, estou em perigo. Podes me guiar a um lugar seguro? Voltarei assim que puder para falar contigo novamente.

— Em perigo? — Deionarra pareceu preocupada. — Claro, meu Amor. Ajudarei como puder... — Fechou os olhos por um momento, e um zéfiro etéreo passou por seu corpo, agitando os cabelos. Depois de um instante, o zéfiro morreu, e seus olhos se abriram devagar. — Talvez haja um caminho.

— Sinto que este lugar guarda muitas portas encobertas aos olhos mortais. Talvez possas usar um desses portais como meio de fuga.

— Portais? — piscei.

— Portais são buracos na existência, que levam a destinos nos Planos Interiores e Exteriores... se encontrares a chave certa, podes escapar por um deles.

— Chave? — Estava completamente perdido. Os passos se aproximavam.

Deionarra também olhou para o corredor:

— Os portais se revelam quando tens a chave adequada. Infelizmente, essas chaves podem ser quase qualquer coisa... uma emoção, um pedaço de madeira, uma adaga de vidro prateado, um trapo de tecido, uma melodia que cantarolares para ti mesmo... Temo que os Dustmen sejam os únicos que saberiam as chaves para sair dos seus salões, meu Amor.

Os passos se apagaram. Soltei um suspiro de alívio. Afinal, sempre poderia alegar que viera prestar respeitos

a Deionarra se fosse apanhado.

Sacudi a cabeça:

— Obrigado, Deionarra. Farei o possível para encontrar uma — e me virei para partir.

— Espera um momento — ela circundou, flutuando até ficar de frente para mim. O ar frio redemoinhou ao seu redor, e estremeci. — Aprendi muito quando viajei contigo, meu Amor, e o que perdeste, eu retive. Não te revelei tudo que sei. Minha visão é clara... enquanto tateia na escuridão à procura de uma centelha de pensamento. — Seus olhos estavam brilhantes agora, ávidos, dispostos a ajudar.

Sorri com gratidão — e ela pareceu radiante. Ainda me amava, então. Mais profundamente do que qualquer coisa. Dhall tinha razão. As paixões nos prendem a este plano — e se Deionarra algum dia há de encontrar paz, preciso ou me reunir a ela, ou ela precisará aprender a me esquecer como eu a esqueci.

— E o que tua visão vê que eu não vejo?

— O próprio tempo afrouxa seu domínio enquanto o frio do oblívio nos reclama lentamente, meu Amor. Vislumbres de coisas por vir enxameiam minha visão. Vejo-te, meu Amor. Vejo-te como és agora, e... — Deionarra calou. Seu rosto ficou plácido, sem expressão, e seus olhos se fecharam como se estivesse em transe.

— O que é? O que vê?

— Vejo o que te aguarda. Ondula pelos Planos, irradiando deste ponto. Devo falar do que vejo? — ela entoou.

— Dize-me. Por favor.

— Primeiro, exijo uma promessa. Promete que voltarás. Que encontrarás algum meio de me salvar ou de te reunir a mim.

Hesitei por um momento — de repente cético. Era verdade que talvez eu precisasse morrer, talvez precisasse acertar as contas.

Os passos ecoaram pelo corredor mais uma vez, mas não era o pânico que me movia. Me centrei, me acalmei, e olhei Deionarra nos olhos para fazer um voto.

— Juro que encontrarei algum meio de te salvar ou de me reunir a ti, Deionarra.

Ela assentiu, sorriu — mais do que satisfeita:

— Isto é o que meus olhos veem, meu Amor, livre das algemas do tempo...

— Encontrarás três inimigos — mas nenhum mais perigoso do que tu mesmo em teu pleno esplendor. São sombras do mal, do bem e da neutralidade dadas à vida e torcidas pelas leis dos Planos.

— Chegarás a uma prisão feita de arrependimentos e tristeza, onde as próprias sombras enlouqueceram. Ali

serás chamado a fazer um sacrifício terrível, meu Amor. Para que o assunto seja encerrado, deverás destruir aquilo que te mantém vivo — e não mais ser imortal.

Os olhos de Deionarra se abriram de repente, e seu rosto voltou a ser desesperado, suplicante — seu tormento evidente:

— Sei que precisas morrer... enquanto ainda podes. O círculo precisa se fechar, meu Amor. Não foste feito para esta vida. Precisas encontrar o que te foi roubado e seguir adiante — para as terras dos mortos.

Assenti:

— Obrigado. Adeus, Deionarra.

— Esperarei por ti nos salões da morte, meu Amor. — Ela sorriu — mas havia apenas tristeza naquele sorriso. Fechou os olhos, e com um sussurro etéreo, desfez-se. A névoa se dissipou.

— Você está comigo, chefe? Você meio que saiu fora por um momento. — A voz afiada do Morte foi uma cutucada súbita que me trouxe de volta. Ele soava nervoso.

— Sim, estou bem. Sabes quem era aquele espírito?

Os olhos do Morte se arregalaram por um instante, depois ele inclinou a cabeça com descaso:

— Hein? Espírito? Que espírito?

— O espectro com quem eu estava falando.

Morte se virou de mim e olhou pelo corredor, desinteressado:

— Olha, chefe, se você está ficando maluco de novo...

— A mulher no vestido azul, cercada de névoa fria — eu estava ficando louco? — O nome dela era Deionarra.

Isso chamou a atenção de Morte:

— Você estava chacoalhando a caixa-de-miolos com alguma mulher? Onde? — Morte olhou ao redor, animado.

— Como ela era?

— Estava bem ali em cima do esquite. Você não viu?

O sorriso dele era largo demais de alguma forma:

— Ehhh... não, você só meio que saiu fora por um instante, ficou parado lá, tipo estátua. Fiquei um pouco preocupado que você tivesse ficado maluco de novo.

Piscei. De alguma forma não conseguia acreditar no que Morte estava dizendo. A névoa era tão real quanto qualquer coisa que eu podia sentir.

— Não, estou bem... acho. Vamos embora.

Estremeci mais uma vez enquanto me afastava.



Arrivals
Salvation Row

Mortuary
This way

BLEAK CABAL
MERCHANTS
OF THE PLANES

The
Hive

No gods.
No masters.
Only
the Cage.



Capítulo 6

Meu passo pelos corredores vazios do Mortuário não tinha a confiança e o vigor de antes. A conversa com Deionarra ainda ecoava na minha cabeça. Aqueles olhos azuis como cristal — ora baixos numa melancolia nostálgica, ora cravados nos meus com fúria ardente. Eles me encaravam com uma súplica suave para que eu nunca mais a abandonasse.

Dhall tinha razão. O tormento caminha por onde quer que eu vá.

Mais uma vez perdi-me nos próprios pensamentos, alheio ao mundo — e um corpo miúdo e nervoso chocou-se com o meu. O Dustman se assustou, depois recuou com um sibilo baixo.

— Oh! Ahn, com licença — me desculpei de forma bastante tola.

— Saudações... — ele me examinou, fazendo uma pequena reverência. Seus olhos eram estranhamente injetados de sangue... não... na verdade pareciam ter uma tonalidade vermelha natural. Alguns lampejos de carmesim e ele já havia me escaneado de cima a baixo com desconfiança. Dava para ver que não ia me deixar passar

sem uma explicação. — Sou Soego. Como posso... — ele tressaltou ao analisar minhas cicatrizes, testemunho de mil feridas que teriam matado qualquer outro homem. — Sinto muito, senhor, o senhor está perdido?

Coloquei um fio de confiança e charme na voz:

— Não, estou apenas visitando um dos memoriais.

Seus olhos se estreitaram em desconfiança e brilharam de vermelho na luz instável das tochas:

— Não me lembro de ter admitido o senhor. Posso perguntar o que faz aqui? — Sua voz trazia aquele sibilo estranho de novo. Um tiefling, talvez?

Dei um sorriso triste:

— Vim prestar minhas últimas homenagens a uma velha amiga mais cedo. Estou pronto para ir, mas parece que me perdi. Pode me ajudar a encontrar a saída?

— Por... claro — Soego assentiu com hesitação, como se estivesse apenas meio convencido. O canto da boca tressaltou. — Esses corredores podem confundir alguns visitantes. Não há problema, mas o senhor não tem permissão de permanecer no Mortuário após o nono sino. Deixe-me abrir o portão da entrada.

Seguimos até a saída. Soego caminhava com um passo estranho, nervoso — as mãos tremiam levemente enquanto destrancava a porta com uma chave de bronze e então me indicou a saída com um gesto. Morte flutuou para fora

alegremente, mas eu olhei para Soego, sem querer chamar atenção para seus olhos vermelho-sangue:

— Se me permite perguntar... o senhor está bem? Parece... cansado.

Soego esboçou um sorriso fraco, e os cantos da boca tressaltaram levemente:

— Adoecei há pouco tempo... febres leves, nada mais. Às vezes dificultam o sono.

— Posso fazer alguma coisa? — ofereci.

Ele sacudiu a cabeça:

— Não, não. Obrigado pela preocupação. Vou resistir.
— Franziu levemente a testa. — Há algo mais?

— Conhece alguém chamado Pharod?

— Pharod? Claro que o conheço — ele franziu o cenho, e os olhos brilharam de vermelho. — Um homem sinistro. Sem nenhum respeito pelos mortos, e ainda menos pelos vivos. É um catador. Um Coletor.

— Coletor? — A palavra me trouxe à mente a nota que mencionava Pharod como meu “Coletor”.

Soego assentiu:

— Coletores ganham a vida recolhendo cadáveres e trazendo-os até o Mortuário. Nós então nos certificamos de que os corpos recebam um enterro adequado.

— Então se um Coletor encontrasse um corpo... o meu,

por exemplo... poderia tê-lo trazido aqui e vendido para vocês?

Outro aceno.

Então eu conhecia esse Pharod afinal:

— Então esse Coletor, Pharod... sabe onde posso encontrá-lo?

Ele torceu o nariz, como se a ideia de se associar a um Coletor o repugnasse:

— Sei que ele mora na Colmeia — os cortiços fora do Mortuário —, mas não sei ao certo onde. Alguns dos outros Coletores podem saber, se quiserem falar contigo.

— Ei, chefe! Vai ficar chacoalhando a caixa-de-miolos o dia todo ou vai vir? — Dei a Soego um sorriso cordial. — Obrigado, Soego. Espero que melhore. — Ele assentiu e fechou o portão atrás de mim enquanto eu alcançava Morte. — Chefe, bem-vindo ao centro do Multiverso.



Retorcendo-se como larvas cegas por dentro de uma carcaça de pedra e ferro, os habitantes do Mortuário seguiam com suas tarefas. Muitos pararam — de repente inquietos — e por um momento poucos ousaram percorrer os corredores do segundo andar.

Dhall, talvez um dos Dustmen mais velhos e endurecidos

abaixo do próprio Factol Skall, olhou na direção da sala de preparação sul. O coçar de sua pena cessou enquanto ele se perguntava se aquele vazio novo e sombrio que acabara de surgir havia vindo buscá-lo.

A costura de Ei-Vene pausou — sangue e icor escorrendo pelo fio em pérolas vermelhas neblinosas. Seus olhos amarelo-mortos se estreitaram, curiosos com essa nova ressonância pulsante de morte e decomposição.

A chave esfriou de repente na mão de Soego enquanto ele a girava na fechadura. Olhando para o andar acima, captou um cheiro antigo e mofento. Era um odor familiar — algo com que se deparava todos os dias no Mortuário. Mas tê-lo tão perto, como a roçada das garras de uma mãe sombria, invisível e ainda assim afiada como fio de navalha... Soego tressaltou nervosamente.

Nos salões memoriais, um espectro azul e prateado envolvia os próprios braços ao redor de si e chorava, tremendo. Não era o frio que a cercava para sempre. Era um terror familiar que ela conhecia bem — que caçava e perseguia, sempre buscando vingança com garras negras e tentáculos cinzentos como fumaça. Havia uma raiva fria por trás daquela superfície plácida e sombria, com um ódio fundo como as profundezas do mar. Deionarra chorava por se sentir tão impotente e inútil.

E em algum lugar lá fora, na Colmeia, um estranho caminhava com seu companheiro assobiador. Estava feliz

*apenas por ter escapado de um perigo — alheio ao mais
sombrio que o seguia.*



CURIOSITIES
FROM ALL
PLANES

THE
FOUR
SIGHTS

SENSATE
EXCESS
MIND THE
STEP

THE
FOUR
SIGHTS



Capítulo 7

A luz amarelada que banava a cidade — ainda que brilhante o suficiente para o meio do dia — era apagada, opaca como faca antiga. O cheiro pesado de fumaça e óleo em brasa assaltou meus sentidos. A pestilência era densa o suficiente para vadeá-la, mas por algum motivo meus olhos mal lacrimejaram, e meus pulmões pareciam já acostumados ao ar sujo.

Não deveria ter olhado para cima.

As ruas seguiam uma curva íngreme para cima em ambos os lados. A cidade dobrava-se sobre si mesma, de modo que os prédios emolduravam o céu. Dava para vislumbrá-los à distância. Fechada sobre si própria, a pestilência e as fumaças da cidade não tinham para onde ir — o ar sujo estava preso, envenenando a população de aparência adoentada que vagava pelas ruas. Senti uma leve tontura. Não eram os vapores.

— Multiverso? — murmurei enquanto errávamos pelas ruas. — Onde estamos?

— Agradeça aos poderes por ter um mimir como eu por perto, sua cabeça-oca. Aqui vai o que é de saber: Sigil, a Cidade das Portas, é o centro de todos os planos da

existência. Portais chegam, portais saem, aparentemente para todo lugar. Agora se você quisesse— ei, oi!

Morte assobiou para uma prostituta que passava. Suspirei. Talvez um metafísico de verdade pudesse me ajudar.

O Mortuário era definitivamente menos repulsivo por fora. Era uma cúpula de pedra e metal, baixa e ameaçadora, suas paredes sem janelas. Certamente os Dustmen não podiam deixar entrar nem uma fresta de luz, mesmo com o brilho do meio-dia tão sem graça e adoentado quanto era. Contrafortes negros e espinhosos irradiavam do centro em uma coroa de espinhos, e os paralelepípedos por toda a sua superfície davam ao Mortuário uma textura escamada, reptiliana.

— Bom, Morte. Acho que é aqui que nos separamos.

Ele deu uma risada:

— Hah! Sem mim, um cabeça-oca como você acabaria esfaqueado e pendurado de volta no Mortuário umas dez vezes antes de aprender a ficar do lado certo da faca. E quem te ajudaria então? — Ele tinha razão, por mais irritante que fosse.

— Tem certeza que quer viajar comigo? — perguntei com hesitação. — Ouviu o que Dhall disse.

— Quem, aquele velho saco de rugas laringítico? Ora, se ele não está completamente maluco ou senil, é metade das

duas coisas — ele não me encarava; boa parte da atenção estava nas garotas de programa da cidade. Ainda assim, ia jogando fragmentos de informação aqui e acolá enquanto descíamos a rua. — Isso aqui é a Colmeia. É um covil de escória e vilania e você não quer ter nada a ver com nenhum deles— ei, docinho! Quer pular nos meus ossos? — A falta de lábios não impedia Morte de assoviar.

No portão externo, uma figura em capa e capuz esfarrapados estava curvada, de olho nos passantes. As roupas eram sujas, mas de alguma forma eu sabia que não era nem vagabundo nem batedor de carteiras.

Um Coletor.

— Ei.

— A gente realmente precisa falar dos seus padrões, chefe.

A figura encapuzada estava curvada bem do lado de fora do portão do Mortuário. O rosto estava oculto pelas sombras do capuz... o pouco que eu conseguia ver era o queixo, coberto de barba por fazer e o que parecia ser uma erupção horrível de verde e roxo. A erupção era mais densa ao redor do pescoço, desaparecendo conforme subia até o queixo. Diante dos horrores que havia testemunhado desde que acordei, não me abalei.

Ele não se moveu com a minha saudação. Houve um momento de silêncio antes de responder com uma voz

aguda, mais adequada a uma menina de dez anos do que a um homem.

— Hai?

— Ahn... quem és tu?

— Pox, o nome é, hai.

— Ahn... Pox? — Um nome estranho, mas adequado.

— Mãe e pai deram o nome, uma praga-ao-primogênito desejaram, maldição dada, veio verdade, veio sim, hai.

— Eca. — Meu olhar foi novamente atraído para a erupção arroxeadada e esverdeada cobrindo o queixo e o pescoço de Pox.

— Coletor és então? Conhece alguém chamado Pharod?

Pox assentiu rigidamente:

— Hai, Pharod. Coletor, grande, nome tem peso, sombra longa lança, lança sim, hai.

Excelente.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Hai, na Colmeia aqui, está. Em algum lugar, hai.

— Pode ser mais específico? — meu pé bateu com impaciência. Esperava que nem todo mundo na Colmeia fosse tão desorientado. Enquanto isso, Morte estava assediando algumas das prostitutas. Esperava também que nem todos os meus amigos fossem tão desorientados.

— Hai, em algum lugar na Colmeia, está. Pharod se esconde, se esconde sim. Muito difícil de achar, é. Não vale achar, não vale.

Dava para ver que Pox não ia oferecer informação de graça:

— “Não vale achar?” O que quer dizer?

— Hai, muitos o odeiam, outros Coletores até. Sharegrave o odeia, não gosta de Pharod nem um pouco, hai.

— Sharegrave? — piscei.

— Hai, Sharegrave nome grande, carrega peso, sombra longa lança, lança sim. Diz a Pox o que fazer, diz sim.

— Seu chefe... esse Sharegrave... saberia onde Pharod está?

— Hai, Sharegrave sabe os segredos, sabe sim. Sabe onde Pharod se esconde, sabe. Sharegrave na Praça do Trapeiro, muitos blocos a oeste-daqui, hai. Diz a Sharegrave que Pox mandou, diz sim — Sharegrave vira Cota-do-Pox ele vai, hai.

— Certo. Obrigado, Pox.

— Hai. Bom ver de novo, hai.

Me virei de repente, olhos arregalados:

— Espera — você me conhece?

— Hai. Pox conhece muita vez. Ajudou a entrar no

Mortuário às escondidas.

Considerando o esforço para sair, fiquei me perguntando como e por que eu entrei.

— Mas... como?

Pox descruzou os braços das vestes, revelando uma adaga enferrujada em cada uma das mãos cobertas de erupção. Com um lampejo, as lâminas cortaram dois traços através da minha garganta. Sem dor, estranhamente — apenas a pressão rápida e o corte do metal na carne.

— Grkl! — Chocado, levei as mãos à garganta, sangue jorrando e escorrendo pelo meu peito e mãos a cada batida do coração. Estranhamente fiquei curioso sobre como podia ser tão indolor se as lâminas eram tão cegas a ponto de deixar a pele tão rasgada.

Meu corpo tombou para trás, se contorcendo. Foi ficando mais difícil mover os membros conforme eles pesavam a cada momento. Meu coração desacelerou. Ao longe eu ouvia Morte gritar, dentes batendo, Pox guinchando de terror.

Enquanto minha visão escurecia, o último pensamento na minha mente foi de admiração: de como o céu era belo — um teto de ruas, avenidas e prédios embaçados de ouro e cinza.



Capítulo 8

A primeira vez não foi fácil, e a segunda tampouco.

Meu coração bateu de forma irregular no começo, bombeando sangue frio pelas veias, alimentando os músculos entorpecidos. Um gemido gutural brotou da minha garganta e meu primeiro sopro de ar ficou empacado na boca como algodão. Engasguei — um coceirão estranho fez cócegas na parte de trás da garganta. Com uma tosse, o sangue que havia escorrido pelo esôfago derramou-se dos meus lábios.

O mundo foi surgindo à vista numa tonalidade horrível de amarelo adoentado e cinza, e me virei, cuspiendo e vomitando.

— Hai, o Cicatrizado bem está, hai?

— Ugh... estou todo enrijecido — resmunguei. Não estava muito a fim de falar mais.

— Caramba, chefe. Parece que aquele escriba maluco não estava brincando. Você continua voltando como uma urticária baatoriana. É invencível!

E então vomitei.

— Eca. Acho que um prato de figos marinhos de Avadorn

não te traz nada à mente? Não acorda as memórias?

Cuspi um gomo de sangue-bile-saliva engrossado:

— Para... Morte. — Cuspir. Cuspir. — Ahh, que bom. Pelo menos estamos chegando a algum lugar com a memória.

Quando olhei para cima, Pox também estava se debruçando sobre mim, cuidando de um braço ferido:

— Morte, me diz que você não...

— Desculpa, chefe. Só vi ele— er... ela— ahn. Pox aqui rasgou sua garganta. Como diabos esperava que eu reagisse?

Me levantei rigidamente, a mente ainda embaçada e a boca ainda com o sabor metálico e salgado de sangue. Pelo canto do olho vi Pox se afastando rapidinho. Fiz uma nota mental de pedir desculpas a Pox mais tarde. Talvez.

Me recuperei depressa e continuei explorando Sigil com uma nova cautela nas veias. As maravilhas lúgubres da cidade ficavam ainda mais impressionantes em contraste com a multidão de cidadãos cobertos de poeira. Caminhavam pelas ruas com os ombros caídos num cansaço do mundo, olhos encovados e esgotados pela vida dura da Colmeia. E ainda assim havia uma dureza nessas pessoas — uma aura de ferro espinhoso que havia sido temperada neles por uma vida áspera e sem amor.

O espigão de pedra obsidiana que prendeu meu olhar

mexeu com algo dentro de mim. Parecia familiar, como o eco de um sonho esquecido. Mesmo à distância dava para ver que a superfície estava marcada por incontáveis arranhões minúsculos — e ainda assim reluzia de alguma forma na luz adoentada do meio-dia.

Observei com cautela os Dustmen na entrada do monumento. Mesmo que eu não estivesse mais em seu território, e mesmo que eles estivessem concentrados em seus cantos, precisava ter cuidado ao redor deles. Eu era uma abominação para eles. Se havia uma coisa a lembrar, era essa.

— Ooommm... — “A Morte Verdadeira aguarda...” —
“Todos buscamos o consolo do descanso final...”

E ali estava, fincado no chão — um punhal de pedra negra veado de branco e cinza, tatuado com incontáveis nomes. Me aproximei, lendo alguns. Mishar Akelrun, Pathfinder Garen, Sumali, Bela Farallah, Xixvada o Soluçante. Nada. Nenhum dos nomes gravados na pedra significava coisa alguma para mim. Gemi, batendo a testa contra a obsidiana fria.

Duas coisas resultaram do ato idiota. Primeiro, doeu como os Nove Infernos.

Segundo, uma voz se manifestou atrás de mim:

— Horrível, não é?

Olhei para cima para encarar um homem de estatura

e idade medianas. Era atarracado, de pescoço grosso e touro. Os ombros estavam curvados, como se um grande peso os pressionasse, e ele encarava o monumento com impaciência.

— Não sei, acho que chama o olhar — Morte flutuava ociosamente, lendo nomes das paredes ao redor. — Tipo quando uma lasca de um centímetro se aloja na bunda de alguém.

— O que é isso?

O homem me olhou com olhos arregalados. Aparentemente eram naturalmente grandes, dotando-o de um olhar perturbador:

— É uma lápide para os Planos. — Ele bufou. — Cemitérios de nomes estão riscados nessa pedra. Só posso torcer para que o meu seja o que vai partir essa pedra ao meio. — Apontou para a base do monólito. — “Quentin”, bem ali, cravado com força suficiente para derrubá-la de vez.

Passei a mão pela superfície fria da pedra:

— Os Dustmen.

— Isso — Quentin sorriu com melancolia e gesticulou. — Os Dusties riscam os nomes dos mortos no monumento aqui, e nas paredes deste lugar. Espaço não é suficiente pelo meu cálculo, mas tanto faz. Eles fazem o que podem. Mal dá pra ler metade dos nomes.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

Quentin deu de ombros:

— Lendo os novos. Todo dia tento achar um, tento lembrar se conhecia, nada mais.

Me virei, absorvendo as incontáveis gravações:

— E os Dustmen registram todos os nomes dos mortos neste monumento? Todos?

— Isso, eles os riscam nessa pedra... e nas paredes aqui também. — Quentin bufou. — Não sei por que se dão ao trabalho de contar os mortos... os Dusties têm mais consideração pelos vivos do que pelas pedras.

Morte deu uma risadinha:

— Bem, não é que estejam bebendo de um copo cheio, os Dusties.

Quentin assentiu:

— Isso... sabe dos Dustmen enlutados que vêm a este lugar? Eles não estão de luto pelos mortos, entende. Estão de luto pelos vivos. Mal dá pra trocar duas palavras com eles sem que peçam para fazer o luto por algum coitado ainda vivo.

Mais um nome. Noradya Kalik Avadal. O nome estava gravado num cantinho, coberto por tantos outros que estava quase ilegível. Distraidamente me perguntei se um dia a conheci, em algum passado distante.

— Mas por que fazem o luto pelos vivos? — murmurei para mim mesmo.

Quentin ouviu:

— Boa pergunta, camarada. — Deu de ombros. — Talvez valha perguntar a eles. Na minha opinião os mortos valem três vezes mais pena do que qualquer pobre coitado vivendo nessa sarjeta. — Acenou para o monumento. — Todo nome ali está abençoado no meu livro.

Aquela pontada de novo: aquela pequena e infinitamente profunda vacuidade na alma, ofuscando o vazio onde deveriam estar as memórias. A dor surda no peito era uma ferida antiga — eu sabia — mas não vinha de faca ou lança. Fechei os olhos, sondando mentalmente aquela fissura de bordas ásperas, mergulhei um pouco dentro, e encontrei novamente aquele abismo terrível e escancarado. Maior do que a montanha mais alta, mais escuro do que o mar mais profundo.

Meus olhos se abriram de repente, e deslizei a mão pela pedra com uma reverência recém-descoberta, os arranhões ásperos sob meus dedos. Talvez um dia meu nome pudesse repousar aqui.

— Afinal, o que há num nome? — resfoguei.

— Nada de especial, digo eu. Só algo que o estalajadeiro grita quando quer que você pague a conta — suspirou Quentin.

Queria acreditar nele.

Deixei Quentin a seus afazeres e circulei pelo memorial devagar, lendo nomes aqui e acolá. Eram incontáveis, mas esperava que algo acionasse minha memória.

— Chefe, você acabou de sair de um Mortuário e está vagando por um cemitério? Por que a gente não vai a um bar? Tem um lugar a alguns blocos daqui que serve o melhor—

— Acho que me lembro deste lugar — interrompi, ouvindo Morte com apenas metade da atenção.

— Por que você não pode relembrar num bordel ou num bar ou em algum lugar divertido?

Ri:

— Talvez tentemos isso depois, Morte.

O Dustman parado no canto estava me encarando há um bom tempo. Apesar do sorriso torto congelado no rosto, seus olhos eram opacos como pedras. O braço direito era mais curto do que o esquerdo, e ele o mantinha dobrado ao lado do corpo, como se embalasse uma criança pequena.

Me aproximei, e seus olhos deslizaram sobre mim.

— Nome. — A forma como disse a palavra soou como o dobrar de um sino.

— Eu... não sei.

— Sem nome, sem nome, não posso ajudar. — O

Dustman falava com uma voz de cantilena estranha. Um lamento sombrio ou um sussurro rouco teria combinado melhor com ele. O sorriso torto e o tom de alguma forma tornavam sua presença ainda mais perturbadora. — Precisa dar um nome se quer ver onde morreu.

— Ah.

— Dado um nome ao nascer, devolvido quando não se precisa mais. Morte-de-Nomes, Morte-de-Nomes. — Seus olhos varreram o monólito, depois as paredes da área. — Muitos nomes enterrados aqui, Morte-de-Nomes enterrou. Me dá um nome, mostro o túmulo.

Só havia um nome que me vinha à mente:

— Deionarra.

Os olhos de Morte-de-Nomes rolaram para o fundo da cabeça, depois voltaram. Com um brilho feroz, varreram as paredes do monumento, lendo os nomes em velocidade sobre-humana. Então apontou para uma seção da parede.

— Enterrado.

Me ajoelhei no ponto que ele indicava. Cinzelado na pedra negra, em letra pequena e apertada, estava o nome: “Deionarra”. Estava quase perdido sob o mar de nomes ao redor.

Passei os dedos pelas letras com reverência, em silêncio. Não — não trouxe memória alguma.

Sem respostas no memorial, parti e continuei vagando. Logo do lado de fora, avistei uma mulher com terror estampado no rosto. Em seus olhos havia algo assombrosamente familiar — algo que eu sabia estar ligado a mim mesmo.

Fui atrás.

Ela deslizou pela multidão com uma facilidade ensaiada, desviando e se esquivando. Uma carroça que passava quase a esmagou enquanto ela se jogava para o lado, e no fim a perdi numa esquina. Ela me reconheceu? Talvez. Queria saber.

Na maior parte, os habitantes da Colmeia me empurravam para o lado ou me ignoravam. Poucas palavras gentis eram trocadas num labirinto dilapidado como este. Isso não quer dizer que os cidadãos fossem hostis — a maioria estava simplesmente suficientemente praga dos próprios problemas para não se preocupar com um estranho cicatrizado e sem nome e seu crânio de língua afiada. Alguns mencionaram uma louca que andava por ali — uma ingênua que havia se perdido, fosse lá o que isso significasse. Eu só sabia que precisava encontrá-la.

Os menos prestativos ameaçavam me estripar.

Uma velha praticamente cuspiu no meu rosto quando tentei me orientar. Berrou sobre o marido perdido, o filho, e as duas filhas, delirando como louca antes de me

empurrar de lado e sair furiosa num tempão de dar inveja.

Havia perda nela — eu conseguia sentir.

Em cada canto da Colmeia havia dor. Havia a saudade terna da juventude e dos amores perdidos. Havia o sabor áspero do desespero. Havia a sombra opressiva da morte. Morte e decomposição saturavam o ar e a poeira; estavam plantados em cada tijolo e sussurrados em cada respiração.

Qual é aquele ditado antigo? Água, água por todos os lados, mas nenhuma gota para beber?

Afogado na sujeira crua da Colmeia, um homem em vestes limpas e coloridas de azul e violeta se destacava como lanterna na meia-noite. Vagava em torno num torpor confuso, a frustração cavando sulcos no rosto. Me aproximei, vendo talvez um espírito afim perdido na cidade confusa.

Ao me aproximar, ele olhou para cima com esperança e chamou com voz aguda:

— Craddock... bom senhor?

— O quê? — Senti como se levasse um soco no estômago. Seria esse o meu nome?

— Eh... — A expressão esperançosa morreu enquanto estudava meu rosto, e minha própria esperança murchou com ela. — Mil desculpas, bom senhor, se causei algum constrangimento. — Fez uma leve reverência. — Sou chamado de Baen o Enviado, terceiro filho de Dai’Baen o

Enviado. Sou um dos muitos mensageiros a serviço da Casa dos Enviados.

Sorri mesmo assim. Era terrivelmente refrescante ver alguém se portar com tanta compostura e cortesia aqui:

— Sem necessidade de desculpas, Baen. Está procurando alguém?

— Mil desculpas por incomodá-lo com questão tão trivial, mas busco Craddock, um supervisor na Colmeia...

— Baen parecia estar em sofrimento. — Mas ele me escapa.

— Olhou para mim com esperança de novo. — Poderia ser que o senhor tivesse ouvido falar de tal homem?

Balancei a cabeça:

— Temo que não. Eu mesmo sou... um tanto novato por aqui.

Baen soltou um suspiro fundo — talvez um pouco melodramático:

— Estou obrigado a lhe entregar uma mensagem, e até agora a fortuna não me favoreceu...

— Posso fazer algo para ajudar?

O rosto de Baen se iluminou como lanterna:

— Oh, dia afortunado para Baen e para a Casa dos Enviados! Qualquer ajuda que o senhor pudesse oferecer seria muito bem-vinda! Se puder encontrar este Craddock e transmitir a mensagem, verei que o senhor

seja recompensado pelo trabalho.

— Certo, qual é a mensagem?

Baen recitou quase como um mantra:

— O carregamento deve estar em Curst até o terceiro dia ou haverá penalidade. — Baen franziu a testa. — Disseram-me que Craddock saberá a qual “carregamento” a mensagem se refere.

Repeti a mensagem duas vezes na cabeça antes de ter certeza de que a fixei. Com memórias ou sem elas, o vazio que ficara para trás deixara espaço em abundância para preencher:

— Se encontrar Craddock, repasso a mensagem. Há algo que possa me dizer sobre ele que ajude a encontrá-lo?

— Dizem ser um homem gigante, de feições severas. Que é supervisor em um dos mercados da Colmeia. Infelizmente pouco mais sei do que isso, bom senhor.

Assenti.

Baen fez uma reverência:

— Obrigado, senhor. Se a fortuna o favorecer e puder levar a mensagem a Craddock, seja tão gentil de voltar e me contar. Verei que seus esforços sejam recompensados.

Um lampejo de movimento prendeu meu olhar. Aquela mulher — a que havia fugido de mim logo de cara. Corri

atrás, gritando um adeus rápido a Baen e me sentindo um pouco culpado por não poder lhe mostrar a mesma cortesia que ele me demonstrou.

— Chefe, espera!





Interlúdio

— Vai se ferrar, idiota!

— Isso, enfia pela sua caixa-de-miolos!

Um dos três nobres de casaca cinza sentados no canto se levanta, uma mão orgulhosamente cruzada sobre o peito. Um membro do Pacto das Espadas, você ouviu nos murmúrios ao redor — um trio afetado mas habilidoso que limpava as ruas de Sigil mais por senso de aventura do que por virtude.

— Nós, o Pacto das Espadas, não ouvimos nada do tipo, bom anão! O Sem-Nome era um homem de habilidade e astúcia, que palmilhou os Planos salvando donzelas e derrotando demônios e diabos!

— Que absurdo! — Desta vez é Scii-tavakis, a elfa coberta de poeira empunhando a lança de obsidiana. — Era mais esperto que isso. Não — o Sem-Nome era um oportunista que sabia quando aproveitar uma dívida, e sabia ainda melhor como enredar as pessoas em tais obrigações.

— Meu próprio bisavô, Valakai o Matador-de-Corações, conheceu este homem! — funfa um abishai negro. — Era um simples louco que se escondia nos cantos de rua como

um rato, segundo ouvi — nada mais, nada menos.

— Um feiticeiro cujo poder poderia desafiar os próprios deuses!

— Não, um guerreiro de força e habilidade brutas!

— Um ladrão furtivo que roubou o Tomo do Conhecimento Proibido de debaixo do nariz do próprio Factol Hashkar!

— Era um sacerdote de Aoskar, juro que é verdade!

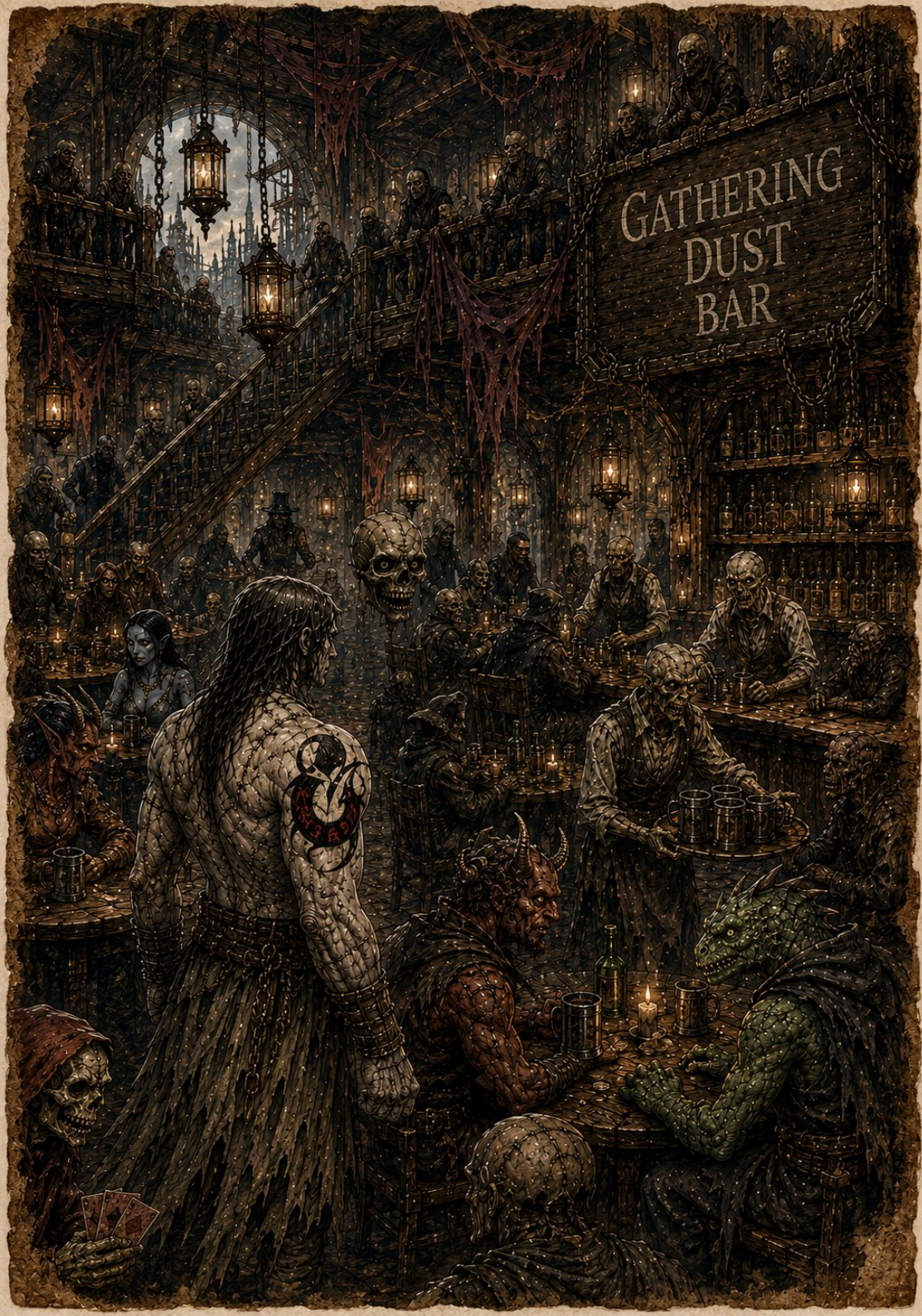
Os lábios de Oudilin estão cerrados enquanto ele ergue uma sobrancelha, dedilhando algumas cordas. A ressonância pulsante que emite acalma a multidão, e rapidamente as vozes em alvoroço se calam de chofre.

— Estou apenas contando o conto como aconteceu, bom amigo — Oudilin se dirige ao anão. — O Sem-Nome veio de origens humildes, foi se arrastando até a lenda que se tornou. Temo que algumas falsidades se misturaram às verdades. Bastantes, na verdade, e os poucos fatos que sobreviveram se fragmentaram.

— Pelo menos não são tão chatos quanto as aulas de um Guvner — rosna G'mir.

— Ah, mas pense nisso — Oudilin sorri sobre a taça de vinho. — Isso mostra que o Sem-Nome andou pelas mesmas ruas que você andou, frequentou as mesmas tavernas, talvez até sentou na mesma cadeira em que você está saltitando, bom anão. Ora, como eu dizia — o Sem-

-Nome foi atrás de sua presa ao reconhecer o brilho nos olhos dela. Seguiu-a na esperança de que ela pudesse revelar sua verdadeira natureza...





Capítulo 9

Meus músculos bombeavam e meus tendões se esticavam enquanto os prédios em ruínas voavam ao meu redor. A mulher era experiente em correr — dava para ver — não importava com que força eu batesse as botas no calçamento, ela ainda estava cinco saltos à minha frente. Meus pulmões já queimavam.

Morte não tinha tais limitações corporais.

Ainda era um pouco perturbador ver um crânio disparar por mim com as mandíbulas abertas. Os dentes de Morte se cravaram no ombro da mulher e ela guinchou, rodando e tombando no chão.

— Não a machuque! — tentei gritar, mas saiu como um arquejo rasgado.

A alcancei em alguns passos rápidos e agarrei seu pulso. Não havia sangue no ombro, ainda bem — apenas algumas marcas de dentes.

Recuperei o fôlego:

— Calma... por favor.

A mulher era dura como prego, o rosto crispado num rosnado. Era maltratada, enrolada em trapos. O cabelo

estava despenteado e sujo, e a tez era extremamente escura. Queimaduras cobriam os braços, e a mão direita era uma massa fundida de carne... parecia derretida, como cera exposta a um calor imenso.

— Qu'é que quer de mim? Solta a Ingress! Solta! — O sotaque era carregado, e era difícil entender o que dizia.

— Você... você me conhece? Percebi— — ela estava sacudindo a cabeça. — Não conheço... não conheço homem cicatrizado...

Soube então. Aquele brilho familiar nos olhos dela não era reconhecimento. Era algo que eu reconhecia brilhando nos meus próprios. Havia a mesma confusão, o mesmo medo. Eu estava tão perdido nessa cidade quanto ela — um intruso estrangeiro cutucado e cortado, queimado pelo caos e pelos perigos de Sigil. Minha garganta ainda coçava.

Havia um brilho louco em seus olhos:

— Quer qu'eu vá embora? NÃO vou embora dessa cidade, não vou. Não posso, tentei — não é uma cidade, é uma prisão pra todo lugar.

— Uma prisão? — Estava começando a parecer que tudo que eu dizia era uma pergunta.

— Sigil também é chamada “a Gaiola”, chefe.

— Tem Mundos, tem... — Os olhos dela brilharam loucamente. — ...planos que são areias movediças, campos

de urtigas sequentas, mundos cegos onde os membros ganham vida e odeiam, cidades de pó cujo povo é pó e sussurra cinza, a casa sem portas, as Terras Crepusculares, os ventos cantantes, os ventos cantantes... — Ela começou a soluçar baixinho, mas parecia sem lágrimas. — E sombras... as sombras terríveis que existem.

Sombras... um arrepio correu pela minha espinha.

Soltei seu braço. Agora que estava falando eu sabia que não ia fugir.

— Onde ficam esses lugares?

— Onde ficam? Onde ficam esses lugares? — Ela atirou a massa da mão direita num arco, gesticulando para a paisagem urbana. — Ficam todos AQUI. Portas, portas, daqui pra todo lugar.

— Portais... — sussurrei, lembrando das palavras de Deionarra.

Ela me fitou, depois assentiu. Os dentes começaram a tiritir:

— Vou te dizer: cuidado com cada espaço que atravessas ou tocas nessa cidade três vezes maldita... Portas, portões, arcos, janelas, molduras de quadros, a boca aberta de uma estátua, os espaços entre prateleiras... Cuidado com QUALQUER espaço delimitado por todos os lados. TODOS esses são portais para outros lugares.

Ela me agarrou com a mão intacta, me advertindo com

fervor:

— Toda porta tem uma CHAVE, e com essa chave, mostram sua verdadeira natureza... um arco vira um portal, uma moldura vira um portal, uma janela vira um portal... todos ávidos pra te levar a OUTRO LUGAR. Te roubam... — Ela ergueu a massa da mão direita. — ...e às vezes o que está do outro lado leva um pedaço de você como PEDÁGIO.

— E as chaves podem ser qualquer coisa, ouvi. Uma emoção, um pedaço de madeira, uma melodia que se cantarola... — Lembrei das palavras de Deionarra.

Ela assentiu:

— As chaves, as chaves são tantas quanto as portas desta cidade. Pra cada porta, uma chave; pra cada chave, uma porta. — Os dentes voltaram a tiritir, como se sentisse frio. — Uma chave é qualquer coisa. Pode ser uma emoção, um prego de ferro seguro entre o segundo e o quinto dedos, um pensamento pensado três vezes e depois pensado uma vez ao contrário, ou pode ser uma rosa de vidro. Não consigo ir... não consigo ir...

Estendi a mão, tentei confortá-la:

— Como chegou aqui?

— De... — Ela pareceu se acalmar levemente, e os olhos tomaram aquele olhar de milhas de distância. — Vim de um lugar fora daqui, quase uma vida atrás, cantarolei uma

melodia perto de uma clareira com duas árvores mortas que haviam tombado juntas. Uma porta brilhante se abriu no espaço entre as árvores cruzadas, mostrou essa cidade do outro lado... entrei, cheguei aqui.

— Consegue voltar?

— Tentei! — Ela tentou soluçar de novo, mas não vieram lágrimas. — Tentei! TODAS as portas aqui levam a OUTROS lugares. — Estremeceu e apertou a mão direita derretida. — Passei por trinta portais, alguns de propósito, alguns por acidente, nenhum certo. Não consigo achar o caminho de volta...

Dei uma olhada nas próprias cicatrizes. Metade delas deve ter vindo das minhas próprias explorações cegas por esses portais. Suponho que tive sorte de ser imortal. Minha carne curava rápido — a coceira já havia sumido da garganta.

— Deve haver um portal que pode te levar de volta. Você consegue encontrá-lo se—

— Nem consigo sair daqui! Desta praça! E ali, o lugar da morte atrás do portão me espera! — Ela apontou para o Mortuário atrás do portão, depois se voltou para mim com o rosto desesperado. — Não consigo ir a lugar nenhum nessa cidade!

Um momento de silêncio passou entre nós enquanto tentei absorver o que ela dizia:

— Você não consegue ir a lugar nenhum? O que quer dizer?

— Qualquer coisa pode ser uma porta. Qualquer arco ali, qualquer porta aqui, pode ser um portal — não sei a chave, pode me mandar pra outro lugar horrível... — Os dentes voltaram a tiritir. — ...preciso ficar longe dos espaços fechados, todos podem ser portas, pode ter uma chave comigo e eu nem saber...

Outro curto silêncio:

— Você... está com medo de passar por QUALQUER porta ou arco porque pode ser um portal?

Ela assentiu, os dentes ainda tiritindo.

— Há quanto tempo está com esse medo?

Ela franziu os olhos:

— Desde a última vez que passei pelo último portal, o lugar onde minha mão... — Parou. — Desde minha décima Volta... estou na minha quarta décima Volta agora. — Os dentes voltaram a tiritir.

— Trinta anos? Você não passou por nenhuma porta por trinta anos? — Ela estava perdida desde criança, três décadas roubadas. Ingress havia deixado tudo para trás — sua família talvez já estivesse morta. — Se chegou até aqui, deve haver um portal que pode te levar de volta. É só uma questão de encontrá-lo—

Ela sorriu. Os dentes não tiritiam de frio — se moviam dentro da boca, as gengivas se torcendo enquanto os dentes se deslocavam. Subiam e desciam enquanto eu observava, batendo uns contra os outros.

— Ahn...

Ela me silvou:

— Só precisa de UM portal que passa por acidente pra plantar o MEDO em você. Passei por trinta, perdi a mão, queimei a carne, e perdi o juízo. — Olhou para os próprios pés. — Nunca mais, nunca mais.

— Lamento... se puder encontrar algum meio de ajudar, o farei. Até logo.

Enquanto me afastava, ela ainda fitava a distância — pensando numa clareira da sua infância onde duas árvores mortas haviam tombado juntas.



Capítulo 10

A luz estava minguando enquanto eu vagava pelas ruas, o brilho outrora dourado se derretendo num vermelho-ferrugem sombrio. O ar mais frio aliviava um pouco a mordida da fumaça, e meu estômago roncou. É o que tem de engraçado em vomitar, eu acho — logo antes de soltar as tripas nas ruas, a última coisa que você quer pensar é em comida. Mas depois de limpar a bile da língua, você está com fome como qualquer outro amnésico hediondamente cicatrizado.

Vasculhei o improvisado bolso de cintura que havia feito com um trapo e um barbante. Algumas moedas, curativos, uns encantos e uma faca que roubara do Mortuário. Poderia vender parte disso por um trocado — mas seria suficiente para um quarto e uma refeição? Bem, a refeição eu poderia pular. Se adormecesse nas ruas ficaria acumulando facas nos rins, e se vomitar ao reviver como da última vez, aí é desperdício de refeição.

Os poucos habitantes da Colmeia que ainda andavam por lá estavam indo para casa, e só um ou dois foram gentis o suficiente para me indicar onde passar a noite:

— É só seguir a Rua Bedlam até o fim e eles cuidam de

você, camarada.

Uma grande torre sem teto se erguia ao fim da rua, os becos pontuados de casas em decomposição e loucos vagando em trapos. O cheiro azedo de suor e pele por lavar engrossava o ar sempre que um dos vagabundos passava.

A Casa do Portal, chamavam — uma torre semicircular sem teto, ladeada por várias alas, cuja entrada era uma garganta escancarada dentada de pilares da espessura de um homem. Não, me corrija — não eram pilares. Eram as barras de um portão, cada uma de um metro e meio de espessura. No fundo da mente refleti sobre o que estavam tentando manter fora com esse monstrego. Algumas coisas talvez sejam melhores desconhecidas — mas para alguém sem memória alguma, essa era provavelmente uma categoria bem limitada.

Caminhei entre as barras e entrei no pátio central, onde algumas centenas de outros esperavam para entrar. Havia jovens, velhos, fracos, loucos — todos com o mesmo olhar apagado. Os lampejos de esperança haviam sido drenados deles, e o melhor que podiam desejar agora era uma tigela de sopa e uma noite de abrigo.

Não teriam como alojar a todos no pátio, muito menos alimentá-los. Me movi inquieto, observando os pobres desesperados esperando sua chance de entrar. Alguns podiam estar ali há semanas aguardando sua vez para uma tigela de sopa e um teto.

Me virei:

— Vamos, Morte. Vamos ter que dormir nas ruas essa noite.

Ele estalar a língua:

— É, como se fosse conseguir entrar de qualquer jeito.

— Coitado. O que te fizeram? — Uma voz grossa acompanhou uma mão com garras no meu ombro.

Me virei para encarar quem falou. A pele era verde mofento, os olhos amendoados e amarelos. As feições do homem eram afiadas e distorcidas, quase monstruosas, e o capacete feroz com chifres estava adornado com um arranjo de amuletos tribais e um pequeno símbolo capacetado na frente. Apesar disso, havia uma bondade nos olhos — e um lampejo da mesma loucura que eu vira em centenas de outros rostos aqui.

Ele examinou minhas cicatrizes:

— Entre, companheiro. Daremos um lugar para dormir e uma refeição quente. A Bleak Cabal vai te tratar melhor do que os outros habitantes da cidade.

Sorri:

— Muito obrigado, senhor, mas sei me cuidar.

O homem deu uma risada abafada, sem humor real nela:

— Reconheço um sem noção quando vejo um, camarada. E reconheço bons homens também. Você

e seu companheiro podem ser meus convidados, mesmo que seja só por esta noite. Meu nome é Lhar, Factol da Bleak Cabal.

Factol. A palavra era algum tipo de título — provavelmente importante — mas Lhar o atirou para mim como se fosse um fragmento de palavra sem mais importância do que qualquer outra.

— Você é um gatinho num covil de leões, sem noção — Lhar continuou enquanto andávamos pelas portas duplas de uma das alas. — A maioria das pessoas naquele pátio consegue se defender dos perigos da cidade à noite muito melhor do que você. Sem ofensa — você parece ser alguém que já sobreviveu sua parcela de perigos.

— Não com tanta frequência quanto eu gostaria, suspeito — acrescentei com secura.

— Deixa eu adivinhar. A gente fica uma hora numa apresentação e ganha um panfleto antes de chegar na comida.

Os cantos dos meus lábios se contraíram num meio sorriso:

— Você até precisa comer, Morte? Quer dizer, bem...

— Você sabe mesmo onde foder, chefe.

Lhar deu uma risada de novo. Era um som vazio:

— Ahh, que mudança agradável. A maioria dos internos

combinados não é nem de perto tão animada quanto vocês dois. E não — nossa facção geralmente não prega, a não ser que você esteja disposto a ouvir.

O refeitório estava montado com mesas e bancos de madeira encardida, e as poucas pessoas que circulavam usavam aventais e montavam pilhas de tigelas e pratos, cerâmica e metal tilintando uns contra os outros. O cheiro da cozinha era gorduroso e rico — apetitoso o suficiente para mim, com tanta fome quanto estava.

A palestra seca de Dhall sobre filosofia Dustman me veio à mente:

— Tenho vagado por esta cidade por algumas horas, e sei demais sobre filosofia e de menos sobre coisas práticas.

As tigelas eram díspares. Lhar havia pegado uma decente de bronze, e uma elfa de cara fechada lhe serviu uma concha de mingau branco e pastoso, depois pousou uma fatia de bacon gorduroso por cima. Escolhi um pires pequeno e humilde, com bordas tão lascadas que eu poderia ter usado para cortar meu bacon. Não estava com tanta fome quanto pensava.

— Ah, mas aqui é Sigil, meu amigo — respondeu enquanto nos sentávamos. — Filosofia é prática. Ideias, pensamento, até a simples crença podem moldar a realidade.

— Então no que você acredita? — O mingau branco e

pastoso era relativamente sem sabor, com algumas raízes e tubérculos amassados dentro. Para o benefício dos vagabundos mais velhos e desdentados, imagino. Era viscoso contra a língua.

— Em absolutamente nada — disse Lhar. Havia um tom de finalidade nisso.

— Em nada?

— Ei, chefe. Confia em mim. Você não quer falar com um Bleaker. Tem uma razão para chamarem de Loucos, sabe... er... com todo o respeito, Factol — Morte deu a Lhar um aceno educado.

Lhar ignorou:

— Pensa nisso, camarada. Há mil fés por aí. Dez mil. Pelos poderes, os planos são infinitos — podem muito bem existir infinitas fés, crenças e valores. Mas nem uma única tem o monopólio da verdade. Não é que as pessoas não tentaram, ou que não sejam inteligentes o suficiente. Incontáveis buscaram o significado último por trás da existência — muitos deles brilhantes, mais do que alguns completamente malucos.

Assenti:

— Se o melhor que mil das mentes mais finas consegue é brigar sobre qual é o verdadeiro significado de tudo, o que nos faz pensar que EXISTE um verdadeiro significado?

Lhar pressionou a fatia de bacon na tigela com uma

colher:

— Exatamente. Veja — nós da Bleak Cabal sabemos que o multiverso não faz sentido. Aceitamos isso. Não nos vê correndo tentando converter a realidade a alguma ordem como os Guvners, nem desmontá-la no caos como os Sinkers. Não tentamos forçar a realidade a obedecer nossos caprichos arbitrários como o Signo do Um — ele rosnou ao mencionar aquela última facção. — Muita gente tenta essas assim chamadas filosofias, e muitos veem além das palavras e percebem o quanto são vazias, ocas e iludidas. A Bleak Cabal é o refúgio dos párias, o santuário daqueles que as outras Facções falharam em amparar.

Olhei para baixo e me surpreendi ao ver que a tigela estava pela metade. Distraidamente peguei a fatia de bacon gorduroso com os dedos e comecei a mastigar. O sal e a gordura eram de alguma forma terapêuticos. Nutritivos.

— Então você rejeita todas as outras facções porque respeita a verdade por trás de tudo — que não há significado na realidade.

— E aí reside o risco da loucura — disse Lhar. Mergulhou um pedaço de pão na tigela. Serviam pão? Onde perdi isso?

— Então por que devo viver? Por que devo morrer? — As palavras ainda soavam estranhas nos meus lábios. Que

eu precisava morrer. — Por que fazer qualquer coisa se não há significado?

— Isso é com você, camarada. É o fardo que todos devemos carregar: que somos responsáveis pelos próprios destinos; que devemos batalhar com nossa própria loucura. — Ele se inclinou para frente então, com um meio sorriso no rosto que parecia quase genuíno. — Mas você não precisou de algum ideal grandioso para se virar e tentar sair daqui e dar lugar a outra pessoa, precisou? E uma filosofia rebuscada também não o compeliu a pegar a menor tigela para deixar mais para os outros.

Que me fizesse parecer um mártir. Uma tapinha na cabeça e um docinho por ser um bom menino? Brinquei com a ideia de dar um soco na cara dele.

Lambi os últimos restos de mingau dos dedos. Tinha um gosto horrível, mas estranhamente estava com fome de mais uma tigela:

— Suponho que não. Ainda assim, um mundo sem misericórdia é o que cria a necessidade de misericórdia em primeiro lugar, e uma cidade sem esperança é a fonte perfeita para a esperança.

Ugh. Talvez eu mesmo merecesse uma pancada no queixo. Engolir alguns dentes seria o remédio perfeito para o complexo de mártir que esses caras parecem espalhar.

Lhar pegou a própria tigela vazia e se levantou:

— Busque significado dentro de si mesmo, camarada. É sua única salvação. Mas até encontrá-lo — quer mais?



Não era o colchão duro que haviam me dado, nem os lençóis gelados contra a pele. Diabos, duvido que fosse nem o fato de que essa era a primeira vez que dormia, até onde eu me recordava.

Andar pelo centro do multiverso sem memória alguma planta em você um cansaço que vai até os ossos. É o tipo de cansaço cheio dos gritos e dores de músculos exaustos, onde uma barriga cheia e uma cama que range são divino alívio da loucura do dia. Havia loucura suficiente para uma vida inteira.

Morte ronca, aliás. Ele tenta negar. Afinal, não tem pulmões nem nariz. Não faço ideia de como diabos consegue flutuar, assoviar ou até falar — então não faço ideia de como pode assumir que roncar seja impossível para ele. Um par de travesseiros ajudou a resolver o problema. Ele não precisa respirar. Acho.

Desde que soube da minha imortalidade fiquei me perguntando o que fazer agora. Sou antinatural, disse Deionarra. Sou uma abominação, disse Dhall. O ciclo de vida e morte havia sido quebrado — uma chave de fenda jogada na engrenagem da realidade pela minha existência.

No entanto, até onde eu podia dizer, o multiverso seguia em frente perfeitamente bem sem mim. Por que eu precisaria morrer?

Não. Eu só precisava encontrar meu diário, falar com Pharod, e decidiria o que fazer a partir daí.

Quando consegui adormecer, o vazio estava me esperando. Imagine a tênue luz do mundo recuando lentamente, o toque dos cobertores ásperos sumindo, o brilho intermitente do céu azul-violeta lá fora ficando mais fraco. Seus sentidos o abandonam pouco a pouco, até a escuridão o reclamar.

Não há nada.

Aquela escuridão negra, infinitamente vasta, era a garganta escancarada do oblívio puro se abrindo diante de mim. Absorvia meus gritos loucos, não dava nada contra o que se debater. Uma prisão macia — sem paredes para socar, sem limites que me dariam ao menos a esperança de escapar. Era isso a Morte Verdadeira? Era esse o segredo terrível escondido na mente de um Bleaker? Não — era uma parte de mim, eu sabia. Era aquele mesmo vazio terrível que se estendia além daquela fissura de bordas ásperas na minha essência. Era a escuridão que se estendia entre as estrelas, a vastidão negra que existiria no fim dos tempos. Era o abismo oco que eu só conseguia acariciar antes de recuar em terror.

Se ao menos pudesse enchê-lo com meus gritos.

Quando meus olhos se abriram, a gloriosa luz dourada do dia sangrava pelo céu azul-violeta, tornando-o branco com um toque de azul onde quer que tocasse. Morte havia de alguma forma saído de debaixo dos travesseiros em que o enfiara, roncando alegremente. Não poderia estar mais feliz por aguentá-lo.

Sentei, desorientado, um pouco tonto, mas com medo demais de dormir de novo. Não — eu simplesmente escreveria. Detalharia minha jornada. Ajudaria a aliviar a pontada daquele vazio horrível e sem sonhos.



Alguns cobres haviam sido deixados para mim numa mesinha de cabeceira precária. Os recolhi. Uma breve conversa com um funcionário para avisar que o quartinho estava livre para outro, e fui embora.

A forma como Sigil dobrava sobre si mesma já não prendia meu olhar, nem o cheiro azedo chamava mais do que uma atenção passageira. Curioso como alguém se adapta rapidamente até às coisas mais estranhas e nocivas.

Tinha evitado os personagens mais estranhos e menos recomendáveis da cidade até então. Bem, tirando Pox. Os habitantes da Colmeia que perambulavam entre tarefas

tinham pouco a dizer — talvez as figuras mais excêntricas pudessem render mais. Seriam mais propensas a negociar com os segredos da cidade, o “obscuro” como dizem aqui.

O tinido de metal contra metal — uma martelada rítmica — me atraiu para um canto da Colmeia. Vinha de uma estrutura de metal alta e retorcida, sem nenhuma função aparente que eu conseguisse perceber. Era coberta de pequenas placas de bronze, e vinhas negras torcidas a envolviam da base ao topo. Na base, porém, havia uma criatura alta com um topete de cabelo branco. Sua pele tinha um tom esverdeado, e um par de chifres de cabra brotava da testa. Vestia longos mantos fluidos e parecia flutuar levemente acima do chão.

— Saudações.

A criatura se voltou para mim e uma série de símbolos apareceu ao redor de sua cabeça. Os símbolos tinham um leve brilho — e simplesmente... flutuavam ali.

— Pelos poderes, um dabus de merda — Morte estalar a língua com irritação.

— O que há?

— É um dabus. Eles “falam” em rebuses — essas charadas irritantes com figuras. Se você não entender o que está dizendo, é melhor achar um nativo ou outro jeito de se comunicar... se quiser. Um bando chato. Minha aposta? Eles conseguem falar — só preferem encher o saco

de todo mundo com esses quebra-cabeças.

— O que é um “dabus”? — Havia me acostumado a fazer perguntas, e Morte parecia perfeitamente feliz em responder. Curioso como era completamente paciente comigo mas perdia a cabeça com uns quebra-cabeças de símbolos.

— A real é que são zeladores da Senhora da Dor. Ficam flutuando por aí consertando e remendando Sigil conforme os caprichos dela. São piores que moscas de cadáver. — Morte suspirou. — Mas não dá para espantá-los, senão a Senhora vai... ficar contrariada.

— E... quem é a Senhora da Dor?

Morte de repente ficou nervoso:

— Eh... ela governa esta cidade. Você vai saber se a vir: ela tem essas lâminas ao redor do rosto, é do tamanho de um gigante, e flutua acima do chão, igualzinho a esses caras. — Morte acenou para o dabus, que nos olhava a ambos. — Ninguém sabe muito sobre ela... ela não fala muito. Tudo que você precisa saber é que não quer irritá-la. Se a vir, meu conselho: corra.

O dabus esperava pacientemente, as mãos enfiadas nas mangas. Uma série de símbolos se materializou acima de sua cabeça, depois sumiu e um ponto de interrogação apareceu.

Fiz ao dabus várias perguntas, tentando pegar o jeito

dos rebuses que apareciam acima de sua cabeça. Ele foi extremamente paciente durante toda a nossa “conversa”, dando frases simples para traduzir. Depois de alguns minutos, comecei a pegar o jeito... parecia que já havia feito isso antes.

Me testei com o básico:

— Quem és tu?

O dabus inclinou levemente a cabeça, e uma sequência de símbolos aureolou aquele topete branco. *Sou um dabus.*

— O que estás fazendo?

Um conjunto de símbolos apareceu acima de sua cabeça. *Atendo aos meus deveres.*

— Pode me dizer algo sobre a Senhora da Dor?

Um símbolo solitário apareceu — uma máscara metálica e andrógina, com lâminas saindo dos lados. Só de olhar para a imagem espectral me senti desconfortável. Talvez fosse imprudente perguntar sobre ela, mas eu precisava de todo conhecimento que pudesse obter.

— Ahn... não era bem o que eu esperava. Por acaso conhece Pharod? O Coletor?

Não.

Bom, isso foi um beco sem saída. Pelo menos agora sei falar dabus.





Capítulo 11

O dia estava um pouco mais quente do que antes, a luz batendo sobre nós dois. O ar sugava o suor que escorria pelo meu corpo — do contrário teria ficado se acumulando nas dobras e cicatrizes da pele. Talvez fosse por isso que eu andava de simples tanga.

Ainda estava vendo símbolos e rebuses por um tempo depois de deixar o dabus, piscando um olho, depois o outro, para limpar a visão. Por ora deixei Morte guiar enquanto vagávamos pela cidade. Ele nos levou à sombra de um prédio.

Devia ter esperado por isso.

A meretriz era uma mulher de ar cansado, vestida num colete de couro justo e calças coladas. O cheiro de perfume barato a envolvia como uma nuvem, e o rosto estava coberto por uma máscara de maquiagem grosseira. Ela sorriu ao nos ver se aproximar.

— Por que não fica e bate um papo comigo, amor?

— Morte... — resmunguei pelo canto da boca.

A mulher me olhou com falso pudor, deslocando o peso e pousando ambas as mãos nos quadris largos.

— Parece que és um figurão que perdeu alguma coisa. Talvez eu possa te ajudar a encontrar, camarada? — Esboçou um sorriso.

Morte se adiantou animado:

— Que sorte! Provavelmente perdemos o que procuramos lá na sua toca, senhorita.

— O único que me falta é um diário, madame — disse com secura.

— Ahn? — Ela pareceu confusa. — Do que se trata?

Se eu ia falar com os excêntricos e renegados da cidade, poderia muito bem começar aqui. Mudei o tom de voz, dei um sorriso leve o suficiente para não ser confundido com o de um libertino:

— Na verdade não estou procurando nada — embora precise de informação.

Morte bufou.

— Não sou informante... — Ela franziu o cenho com beicinho, depois esfregou dois dedos. — A não ser que tenha algo pra pagar pelo meu tempo.

Me inclinei para frente, abrindo um pouco os braços, com um sorriso confiante e amistoso:

— Quanto?

Ela me examinou de cima a baixo, sorrindo, depois deu uma risadinha satisfeita:

— Oh, pra um batedor tão atraente como você... três cobsres bastam pra soltar minha língua. Pra informação, entende. — Ri. Ela lambeu os lábios, depois franziu o cenho. — Outras perguntas de papo mais fundo vão custar mais, claro.

Assenti:

— Justo. Aqui estão três cobsres. — As moedas tilintaram na palma dela, e me ocorreu que a primeira coisa que eu comprara na vida havia sido de uma meretriz. Quase ri em voz alta.

— Aye, então. — Ela guardou as moedas numa bolsa. — Agora...

Melhor começar pelas perguntas gerais:

— O que há de interessante por aqui?

Ela pôs as mãos nos quadris e fez beicinho:

— Depende do seu interesse, camarada.

Fiquei desconfortavelmente consciente de como minha bolsa estava leve:

— Bem, posso sempre usar algum trabalho.

Ela riu:

— Você está me perguntando? Quer dizer, está pensando em entrar pra Irmandade? — Quase dobrou de rir, o guincho se parecendo com o de uma harpia bêbada. No fim as gargalhadas cederam, e ela respirou fundo. —

Você é... você é muito engraçado mesmo.

Pelos poderes. Eu precisava de algo para arrancar da minha mente a imagem de mim mesmo me oferecendo a alguém. Acaricieei o vazio outra vez — gelado, aterrorizante. Deslizei além da borda áspera, tocando o oblívio puro. Se eu sondasse mais fundo poderia devorar minha alma, destruir minha essência, me deixar uma casca vazia e sem rumo.

Ahh, muito melhor.

Foquei em outra coisa, e minha conversa com Lhar veio à mente:

— E as facções? O que sabe sobre elas?

Ela sorriu com ar de quem sabe das coisas:

— Eu apenas... “sirvo” às facções, amor. Não me envolvo com elas.

— Nem os Dustmen?

— Os Dustmen não se comportam como Dusties nos meus braços, amor. — Ela bufou. — Esses caras falam tanto sobre morte, mas não dizem muito quando estão comigo, entende?

— Bem... estou procurando alguém chamado Pharod.

— Pharod? — O sorriso astuto sumiu do rosto dela. — Esse é um dos segredos mais profundos, amor. Se quiser saber sobre esse figurão, vai custar três vezes o preço de

uma pergunta normal.

Nove cobres tilintaram na palma dela. A bolsa estava ficando realmente mais leve.

A meretriz deu uma olhada nas moedas, deu de ombros e as embolsou:

— O que quer saber sobre o velho Pharod?

— Pelo preço que paguei, tudo que puder me dizer.

Ela deu de ombros:

— A real é que ele é um chefe dos Coletores. Tem um bando inteiro à sua sombra.

— E onde posso encontrá-lo?

Ela olhou para longe:

— Ninguém sabe ao certo, mas se eu fosse sugerir um lugar, amor, diria a Praça do Trapeiro — uma grande pilha de trapos e lixo três blocos a oeste do Mortuário... todos os Coletores têm sua toca por lá. Boas chances de Pharod ter a dele também.

Assenti:

— Obrigado pela informação. Até logo.

Morte circulou para me deter:

— Espera, chefe, pode me emprestar um trocado... é... eh... faz muito tempo, faz mesmo.

Parei por um momento, as questões remoinhando na

minha cabeça congelando de chofre:

— Nem vou perguntar como você pretende fazer isso.

A mulher interveio:

— Custa o dobro pro mimir... ou pra qualquer outro degenerado.

Já havia ouvido aquela palavra antes:

— Ahn... “mimir”?

— Mimir é uma enciclopédia falante. Que sou eu, chefe— ei! “Degenerado?!”

A mulher sorriu, revelando duas fileiras de dentes sujos. Manchados de preto e marrom, um ou dois apodrecidos até virar tocos.

Estremeçi por dentro. Minha mente ainda estava um pouco em choque e minha língua escorregou:

— Entendo. Bom, não precisa se preocupar, Morte. Do jeito que ela está, provavelmente estou te salvando de morrer duas vezes.

A meretriz rosnou, o rosto se contorcendo em fúria:

— Que uma praga murche suas entranhas! Você tem o cheiro e o senso de moda de um cabreiro, e é duas vezes mais feio!

Morte ficou hipnotizado enquanto a meretriz soltava uma torrente de obscenidades. No fim da avalanche verbal, Morte ficou em silêncio por um momento, depois se virou

para mim:

— Nossa, chefe. Peguei uns insultos bem bons pro arsenal. — Se voltou para a meretriz, que estava recuperando o fôlego. — Também estou apaixonado.

Fomos embora.

— E você acha que precisamos falar dos meus padrões?

Ele deu uma risadinha:

— Ora vamos, chefe. O melhor que você fitou aqui foi um cadáver que caminha e um hermafrodita coberto de erupção. Quero te ver fazer melhor.

Foi quando eu a vi.

Era uma jovem marcante, o cabelo ruivo e curto. A armadura de couro era uma peça justa e bem ajustada, laçada no meio para mostrar um colo generoso. Ela me encontrou com os lábios apertados, que rapidamente se torceram em repulsa, os olhos se arregalando de choque.

— Ach! Nunca vi nada tão feio, não vi mesmo!

O braço direito da jovem estava coberto por uma série de placas entrelaçadas que pareciam tiradas da pele de alguma criatura, e uma proteção de ombro com chifre protegia o braço esquerdo. Estranhamente, ela tinha uma cauda — que balançava de um lado para o outro enquanto eu observava. Eu era uma cabeça mais alto do que ela, mas ela me encarava com uma careta, seus olhos bonitos cheios

de veneno e vinagre:

— Cai fora.

Ela se virou, me ignorando.

— Ahn... olá — disse com estranheza. — Quem é você?

— Suave, chefe.

A jovem franziu o nariz, depois fez um gesto obsceno com a cauda:

— Disse pra cair fora, seu sem-noção — as palavras saíram enroladas num sotaque carregado.

— Calma — disse, erguendo as mãos num gesto apaziguador. — Só tenho algumas perguntas.

Ela me olhou com cautela, um brilho de... algo nos olhos:

— Aye? E o que quer?

— Eu, ahn... — pausei. — Não consigo deixar de notar que você tem uma cauda.

— Tenho mesmo? — Os olhos da jovem se arregalaram em falsa surpresa enquanto ela olhava para a própria cauda. — Olha só! E eu aqui achando que era impressão minha. Você não é nada perspicaz, aye? — Arregaçou os dentes. — Por que não some pro buraco de onde saiu e me deixa em paz?! Nem eu nem minha cauda estamos à venda, entendeu?

Uma tiefling, então. Certamente tinha o temperamento de um infero.

— Tudo bem... eu só estava cu-

Morte se adiantou alegremente, a língua salivando enquanto os olhos varriam as curvas dela. Para alguém feito basicamente de boca e talo, eu estava aprendendo rapidamente que Morte tinha mais boca do que qualquer outra coisa:

— Ainda bem que nem você nem sua cauda estão à venda. Não conseguiria ganhar a vida com elas de qualquer jeito.

— Ahn...

Ela ficou roxa de fúria, as mãos disparando para as facas presas nas coxas brancas como leite:

— O que foi isso, seu miserável?! Repete!

— Ele não disse nada — tentei agarrar Morte, mas ele flutuou para fora do alcance.

— Aye, isso mesmo, camarada. Segura esse mimir seu — ela se acalmou visivelmente, mas ainda com aquela careta.

Suspirei. Melhor ir direto ao ponto:

— Estou procurando alguém chamado Pharod. Sabe onde posso encontrá-lo?

— Aye, talvez. Talvez eu diga mais se você adoçar a pergunta, aye? — Ela estalar a língua e esfregou dois dedos. — Dinheiro, aye?

— Dinheiro?

— O que a caveira disse. Moeda de verdade.

— Certo. Quanto?

— Quanto vale pra você saber, aye? — Ela me estudou, depois cruzou os braços. — Vamos lá, não tenho o dia todo.

A meretriz havia precisado de nove cobres pelas respostas sobre Pharod, e isso com um pouco de charme da minha parte. Sorri de novo, me endireitando, confiante:

— Que tal dez? Se a informação for boa o suficiente, pode ser mais.

— Aye, tá bom então... — Parte da tensão nela derreteu e ela embolsou o dinheiro. Sumiu tão rápido que não faço ideia de onde foi parar. — Procura ele no beco em direção ao espiro, a partir do Mortuário... fica ao sul e a oeste do Mortuário, aye?

Assenti:

— Sul e oeste do Mortuário. Obrigado, até logo.

— Então, pra onde vamos agora? Encontrar Pharod, quer dizer — perguntei a Morte enquanto descíamos a rua.

Ele suspirou, resignado ao fato de que iríamos direto aos negócios:

— O beco ao sul e a oeste do Mortuário, né? Como a tiefling disse.

Balancei a cabeça:

— Eu sei, mas a meretriz disse que podemos encontrar

Pharod na Praça do Trapeiro, direto a oeste. Pox também disse, agora que penso nisso.

— Vamos. Você vai confiar numa prostituta comum e num portador de praga, ou vai confiar naquelas pernas-e-curvas espremidas no couro ali?

Pensei nisso. Havia algo na tiefling — a forma como ela ficou de pé, a forma como os olhos se arregalaram levemente ao nome “Pharod”:

— Hm. A jovem parecia de fato... interessante.

O sorriso de Morte pareceu se alargar ainda mais:

— Viu? Pernas-e-curvas então. — Você disse que ela era feia.

— Falo muita coisa.



Fumaça antiga e cinzas — o menor rastro delas ainda havia no ar. Um prédio queimado e abandonado ficava de um lado; paredes enferrujadas do outro, comprimindo a rua num beco estreito. Alguns valentões maltrapilhos ficavam encostados de um lado, com ar de quem não precisava se esforçar. Um jogava uma faca para o alto, outro limpava as unhas distraidamente com a ponta de um punhal.

Um deles, particularmente feio, com o cabelo espetado

como crista de galo, se aproximou com passo arrogante. Vincos e cortes marcavam o rosto — um bom corte longo sob o olho havia passado a um fio de deixá-lo cego.

— Saudações, estranho. Parece que você entrou no território da Darkalley Shiv agora. Parece que essa sua bolsa precisa ser aliviada. É melhor torcer pra ter o suficiente — o sorriso inamistoso estava cheio de dentes amarelados e encardidos. Provavelmente esses caras conheciam Pharod.

— Preciso falar com o seu líder — disse.

Ele inclinou a cabeça:

— Rotten William? Aye, deixo você falar com ele assim que me deixar bisbilhotar essa bolsa.

— Er... não. Pharod. — O homem apenas sorriu.

— Acho que vamos indo agora — gesticulei para Morte recuar.

— Não, não acho que você vai fazer isso, camarada... — o valentão se lançou sobre mim, e com o som abafado e espesso de metal se enterrando em carne, cravou um punhal na minha barriga. Fiquei olhando para ele, atônito. Ele piscou, depois assobiou. Com aquele chamado agudo, os amigos pularam para dentro, saindo das sombras e dos cantos.

Um soco firme no rosto o fez cambalear, arrancando mais alguns dentes. Saí a faca de aço verde que havia

enfiado no cinto e me lancei.

O valentão era ágil, girando para me acertar na lateral da cabeça com o punho. Senti uma dor aguda nos rins, rossei ao girar e golpear às cegas. O patife ficou boquiaberto — não esperava que eu ainda estivesse de pé. Doía como os Nove Infernos, mas meu corpo estava acostumado à dor. Diabos, teria me surpreendido se metade dos meus nervos ainda estivessem intactos.

A ponta da minha lâmina atravessou a têmpora dele por pura sorte, deslizando quinze centímetros dentro da cabeça. Balançou uns golpes enquanto eu a puxava — os dentes e farpas perto do cabo haviam se prendido no osso. Mexeu o cérebro até virar mingau, e arraquei a faca com um estalo, um jorro de sangue e matéria.

Minha habilidade com a faca era razoável, mas os valentões iam chegando um por um, me cercando. Cercando Morte.

— Morte! Sai dessa aqui! Corre!

Outro valentão caiu, carmesim jorrando da garganta em múltiplos ferimentos pequenos. Morte cuspiu o sangue da língua:

— O quê, chefe? Acha que eu te abandonaria?

— VAI! — e então uma lâmina encontrou meu coração.

— Hghlllfth! — Aquele sabor ferroso estava se tornando familiar demais ao escorrer dos meus lábios. Caí, as

costas arqueadas de forma desconfortável sobre o valentão que acabara de matar. As pontas da armadura dele se cravavam nas minhas costas, os ferimentos no peito e na barriga latejavam enquanto o sangue quente escorria de mim.

Ao longe ouvi os gritos que iam se apagando de Morte, o berro do bando enquanto o perseguiram. Lentamente a dor foi cedendo, o mundo foi escurecendo.

Tossi, as palavras escorrendo dos meus lábios num cochicho rouco.

— Merda...



Capítulo 12

Aquela sensação familiar de calor bombeando lentamente pelas veias frias foi a primeira coisa que senti enquanto a consciência lentamente me inundava. As juntas rangiam e estalavam, os membros doíam, e incontáveis pontos ao longo da carne coçavam enquanto as feridas se fechavam. Os estágios finais da minha cura antinatural sem dúvida deixariam mais cicatrizes.

Depois veio o frio do metal contra as costas, o cheiro rançoso de sangue, carne e líquido de embalsamamento. O ar frio da sala que beijava minha pele agora aquecida.

Malditos deuses. De volta ao Mortuário.

— E aí, chefe — uma voz familiar se manifestou. Um alívio me inundou ao saber que Morte ainda estava ali. Alívio, depois memória, depois raiva.

— Morte, eu disse para você correr. Podia ter sido morto! — rosnei. Cuspi os últimos restos de sangue coagulado.

Morte deu uma risadinha:

— Ei, acho que sou um guerreiro afinal. Um guerreiro fantástico, na real. Fiquei firme no meu lugar, sabe, eram

trinta daqueles valentões imundos ao meu redor, e você estava gritando alguma coisa, tentando me espantar. Mas não! “Vou te salvar, chefe! Nunca abandono um amigo!” Você devia ter visto. Mergulhei no meio da multidão e fui arrancando as cabeças uma por uma, e...

Levantei uma mão para pará-lo, sentindo os pontos que coçavam por todo o corpo:

— Ugh, o que aconteceu depois que caí?

— Oh, corri feito a Senhora fosse atrás do meu traseiro. Quando voltei, parecia que eles estavam irritados demais com os caras que entregamos aos Dusties para realmente te saquear. Só ficaram te esfaqueando várias vezes.

— Isso explica algumas coisas — resmunguei, ainda doendo de uns cem ferimentos ou mais, e desci lentamente da laje.

— Sim, mas tenho uma notícia ruim, chefe. Dei uma espiadela por aqui, e parece que nosso amigo de olhos sanguíneos foi embora. E honestamente, não confio muito nos outros Dusties.

Piscei:

— Então estamos trancados de novo? Que maravilha.

— A boa notícia é que marquei uns encontros pra gente com duas daquelas moças de pele cinza. Trabalhadora Zumbi número 11 e número 91. Acho que são irmãs.

— Morte...

— Temos tanto em comum—

— Morte! — sibilei. — Podemos simplesmente tentar sair daqui?

Demos mais uma volta pelo andar, tentando encontrar ferramentas para ajudar na fuga. Fui vasculhando livros de registro, mexendo em algumas bugigangas, suspirando. Alguns encantos espalhados aqui e acolá, um pouco de ouro, mas nenhuma chave ou informação de real importância. Eu sabia que estava preso de novo — até me deparar com ele.

O cadáver parecia muito com os outros, mas sua pele era mais fresca, seu passo um pouco mais determinado e menos desajeitado. O número “821” estava esculpido na testa, e os lábios haviam sido costurados. O leve cheiro de formol emanava do corpo — almiscarado e pungente. E no entanto...

Me aproximei da criatura:

— Então... viu alguma coisa interessante acontecendo por aqui?

O zumbi piscou surpreso:

— Hê? Quê?

Cruzei os braços:

— Por que está disfarçado de cadáver?

Os olhos do “zumbi” se arregalaram, e ele tentou responder por trás dos lábios costurados — com uma expressão peculiar de meio assustado, meio irritado estampada no rosto.

— Quê ê vucê? O ‘uê ‘uê quêr?

Vamos dizer que eu havia acordado de mau humor, e não estava disposto a aguentar impertinência agora. Exceto talvez de Morte:

— Por que não me diz o que está fazendo aqui antes de eu chamar os guardas? — Fixei nele um olhar penetrante.

A expressão do zumbi desmoronou:

— Ñ-ñã! Ñã chama os guarda! — Pareceu assustado.
— Mim... mim espioná Dustees, falá o que vê. Ñada mais.

Franzí as sobrancelhas, e o músculo na testa latejou. Pelos deuses, será que tentaram me esfaquear pelo crânio também?

— Espião? Para quem?

O zumbi caiu num silêncio assustado. Parecia não querer dizer mais nada.

— Vamos. Para quem está vigiando este lugar? — pressionei.

— Espera... — Morte soou surpreso. — Esse idiota deve ser um Anarquista. Heh. Se disfarçar de zumbi é inédito até pra esses malucos.

— Anarquista? É mais uma facção?

Morte assentiu:

— Anarquistas... são uma facção que perde o tempo espionando figuras de autoridade e procurando formas de derrubar tudo que cheira a ordem ou controle. — Morte fungou. — Os Anarquistas acham que todo otário nos Planos vai ser livre e feliz pra buscar sua própria “verdade” assim que o sistema for queimado até o chão. Querem estabelecer uma nova ordem — nenhuma ordem.

Tentei achar a lógica nisso, mas não havia:

— Parece bem... contraditório.

O zumbi nos observava com medo enquanto conversávamos. Ainda em silêncio... mas algo na expressão dele me dizia que o palpite de Morte estava certíssimo.

Me virei para ele:

— Os Anarquistas, hein? É pra eles que está vigiando este lugar?

Ele se desviou de mim, começando a olhar ao redor com nervosismo.

Dei um sorriso tranquilizador. Afinal, eu sabia como era precisar se esconder dos Dustmen:

— Não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo. O que você viu os Dustmen fazerem, afinal?

O sujeito relaxou visivelmente:

— Nada. Eles ñada fazê. Ñão achá ñada. Morto, morto, só gente morta, Dustees ñada fazê. — Mesmo entediado até às lágrimas, seus olhos se estreitaram em convicção.
— Mesmo assím mim ficá.

— Por acaso conhece Pharod?

— Fah-ROD? — O zumbi franziu o cenho brevemente.
— Mim... ouvir ele morá na Colmeia em algum lugar. — Sacudiu a cabeça. — Ñão sabê onde. — Franziu o cenho de novo. — Dustees muito bravo — eles ñão GOSTAR de Fah-rod.

O homem certamente não tinha muitos amigos. Eu precisava saber mais antes de encontrá-lo:

— Por que os Dustmen não gostam de Pharod?

— Ele Coletor. Trazê mortos pro Mortuário, vendê pra Dustees. Trazê MUITO morto. Dustees ñão sabê onde ele pegá mortos. Achar que ele tá matando gente.

Ergui uma sobancelha. Era difícil entender suas palavras através daqueles lábios costurados:

— O quê?

Morte era sempre feliz em preencher o silêncio:

— Ele está dizendo que esse Pharod tem vendido muitos mortos... cadáveres... para os Dustmen. Parece que ele vendeu tantos que os Dusties acham que ele está colocando

gente da Colmeia no Livro dos Mortos antes da hora... sabe, matando pessoas.

Pensei naquela nota que encontrei na minha primeira hora aqui. Parecia que algo verdadeiramente estranho estava acontecendo com aquele homem. Mal podia esperar para conhecê-lo.

Suspirei:

— O sujeito parece um santo. E quanto a Soego? Pode me dizer alguma coisa sobre ele?

O Anarquista fungou:

— Guia. Ele fica na porta da frente do Mortuário. O 'uê 'uê quêr com ele?

— O que sabe sobre ele?

Ele deslocou o peso e seus lábios se estreitaram, ameaçando rasgar as costuras:

— So-ego. Age estranho, não é Dustee, não é Anarquista, olhos mudaram... — deu de ombros. — Gosta de rato. Estranho.

Ratos? O quê? — Bem, o que sabe sobre Dhall?

Ele deu de ombros:

— Escriba. Velho. Amarelo.

Ri:

— Bem, é tudo o que há nele, eu suponho. — Algo me

veio à mente então. Deionarra havia mencionado portais pelos quais eu poderia escapar. — Conhece uma saída? Os portais?

O zumbi assentiu:

— 'Uê 'uê quêr saír, vai pro arco no primeiro andar, sala noroeste... Precisa de osso-de-dedo, formato de gancho... — Levantou o indicador e o dobrou em gancho. — Quando tiver chave, vai pro arco, pula pra cripta secreta e dá pra escapar daqui. Saída secreta. — Acenou animado. — Dá pra descansar lá.

— Ah, um probleminha, chefe — Morte disse rapidamente. — Tem uma cerimônia fúnebre acontecendo agora no primeiro andar. Algum figurão importante bateu as botas. Pode ter gente chegando e a gente seria facilmente notado.

— Sempre posso blefar meu jeito por eles.

Morte me olhou de cima a baixo:

— Sim, mas você não está exatamente vestido para a ocasião. Quer dizer, vamos lá. A faixa de osso? A tanga de pele de demônio? Isso aí é coisa do século passado.

Pausei, me voltando para o zumbi:

— Como você conseguiu esse visual?

Ele sorriu o máximo que podia, os lábios se separando levemente para revelar um pouco dos dentes amarelados:

— Mim bom em disfaáss. Mim também têr cicatriz. Mim usár muito líquido de embarsamento. Mim fazêr BOM zumbi. — O Anarquista deu uma risadinha por trás dos lábios costurados, depois deu um tapinha na própria cabeça. — Dustees burrão.

Morte reviroo os olhos:

— Sim, eles que são os burros.

O sarcasmo foi evidentemente perdido no zumbi, que acenou animado:

— Dustees burrão. Mim fazêr BOM zumbi.

Fiz uma careta:

— Não dói?

Ele olhou para minhas cicatrizes:

— Mim te perguntá o mesmo. Mim, não doer muito. — Bateu o peito com um punho. — Mim DURÃO.

Sorri — uma ideia horrível tomando forma:

— Esse disfarce é muito bom. Você consegue me disfarçar de zumbi?

Ele me olhou de cima a baixo por alguns momentos, murmurando para si mesmo, depois acenou:

— Uhm. Mim precisá de pote de líquido de embarsamento. — Apontou para as cicatrizes no meu peito. — E agulha e linha.

Mais uma garimpagem pelas prateleiras e eu voltei com o que ele precisava, além de um punhado de moedas para mim mesmo:

— Aqui está.

O zumbi pegou os itens e se pôs a trabalhar. Tentei ficar parado. Primeiro veio um conjunto das vestes dos trabalhadores, cheirando a sangue e formol.

— Não acredito que você está fazendo isso — Morte sacudiu a cabeça incrédulo. — O quanto você é maluco?

Dei de ombros:

— Bastante maluco, eu acho.

Uma máscara de couro alvejado cobriu minha cabeça, dando-lhe uma aparência esquelética e grotesca. Uma camada de líquido de embalsamamento foi generosamente aplicada ao meu corpo, depois vários remendos de pele foram costurados para criar uma aparência de rabiscos e retalhos. Trabalhando dos pés para cima, o zumbi enfiou a agulha pelas minhas cicatrizes, depois finalizou o disfarce costurando meus lábios. Fiz uma careta com a agulha e a linha perfurando a pele tenra, mas os dedos do zumbi eram habilidosos e rápidos. Sugei o sangue dos ferimentos minúsculos.

— Ei, dá pra apertar as costuras dos lábios um pouco mais? — Morte se manifestou.

— Cala a bocca, Morrte—

O zumbi ergueu a mão:

— Cuidado! Falar puxa as costuras, estraga disfaáss. Zumbi não falar. Se precisar falar? Falar devagar, com cuidado.

Tentei de novo, devagar, com cuidado:

— Mmph... mmm. Eu... entendo.

O zumbi franziu o cenho:

— Disfaáss não durár muito... líquido de embarsamamento vai secar, costuras vão cair. — Me examinou de novo. — Provável não durár fora do Mortuário. E não correr! Correr, estraga todo disfaáss.

Assenti:

— Obrrigado. — Que elegância.



Capítulo 13

Curioso como simplesmente se vestir e agir como outra coisa pode te dar uma perspectiva completamente diferente sobre as coisas. Arrastei os pés, deixei os membros balançar frouxos, e balancei de um lado para o outro como um dos mortos andantes. Havia uma certa monotonia nisso — entorpecida, mas quase pacífica — mesmo com Morte passando como um raio e estalar a língua com impaciência.

— Vamos, chefe. Você está mais devagar do que melaço numa Feira do Gelo.

No ritmo em que eu ia, as costuras já puxavam a pele e ameaçavam arrebentar. Arrastar, andar. Arrastar, andar.

Yu wunt out, go tuh arch on firzzt fluur, nurthwezzt ruum... Yuh need fungur-bone, shape of crook... o anarquista havia dito. Osso de dedo em formato de gancho. Entendido. Uma mão ociosa sobre os dedos enrijecidos de um cadáver, um puxão, um estalo — e lá estava minha chave.

Morte tinha razão. Dentre os convidados que circulavam, todos estavam nas melhores roupas. Sedas azuis e vermelhas iluminavam o Mortuário até onde a vista

alcançava, com respingos de verde aqui e acolá. Os olhos dos Dustmen deviam estar doendo terrivelmente depois de tanta habituação aos cinzas e marrons apagados.

Passei por eles num amble, circulando e me dirigindo às câmaras do norte. Arrastar, passo. Arrastar, passo.

Morte flutuava ao lado dos arcos. Seu maxilar se abriu num bocejo exagerado, me mostrando o quanto estava irritado e entediado. Realmente precisava conhecer outras pessoas.

Ponderai em silêncio por alguns instantes, imaginando como isso deveria funcionar. Ingress havia dado a entender que bastava carregar a chave, mas tomei o osso do dedo assim mesmo, erguendo-o na direção do arco. O líquido de embalsamamento estava secando. As costuras começaram a puxar a carne um pouco mais.

Arrastei um pouco mais rápido até o arco seguinte, e um sussurro suave emanou do espaço vazio na parede. O espaço ali se contorceu num rugido baixo de vento, se deformando num espiral de azul e violeta para revelar uma sala escura e oca do outro lado. Avancei um braço com cuidado, meu dedo atravessando aquele buraco no espaço. Esperava uma formigamento ao cruzar o plano fino que separava essa parte do multiverso da seguinte — talvez um leve puxão. Não havia, porém, nada que eu pudesse sentir além do ar levemente mais quente da sala além e uma lufada suave.

Me preparei.

Um momento depois de eu atravessar, o portal piscou e deixou de existir atrás de mim.

— Mpppfghhh! — gemi, e imediatamente puxei a faca de aço verde do cinto e cortei as costuras dos lábios. Ofeguei com alívio, lambendo os lábios enquanto uma sequência de impérios represados ficava presa na garganta.

Olhei ao redor enquanto arrancava os últimos fios dos lábios e similarmente desfazia as costuras por todo o corpo. O nicho em que me encontrava estava fracamente iluminado por uma luz sem origem visível, com apenas um único sarcófago no centro da sala. A coisa parecia um bloco sólido de pedra, e me perguntei se de fato abrigava um cadáver. Era uma pequena tumba? Um memorial? Um conjunto de pegadas na espessa camada de poeira era sinal de que ao menos uma pessoa havia visitado dentro do último século.

O brilho de moedas prendeu meu olhar imediatamente. Uma pequena pilha de cobres prendia uma nota.

Ao examinar, vi que a nota havia sido escrita com caligrafia notável sobre o mais fino pergaminho:

Vaxis,

Se estás lendo isto, sem dúvida falhaste na tua missão e foste forçado a usar a rota de fuga que providenciei. Disse-te que aquela tua ideia ridícula de disfarce era

absurda. De qualquer forma, precisarás ficar baixo por um tempo. Os Dustmen podem ser iludidos, mas não são tolos, e certamente buscarão retribuição pela nossa intrusão. Deixei-te algumas moedas. Usa-as para garantir um esconderijo na Colmeia, de preferência na Praça do Trapeiro. Os Dustmen relutar em te procurar lá.

Assim que garantires um novo esconderijo, tenho uma nova missão para ti: descobre onde Pharod está conseguindo esses cadáveres que entrega ao Mortuário. Aparentemente está causando grande perturbação aos Dustmen, e eu próprio não me importaria de saber. Os relatos indicam que aquele Dustman de pedra no Bar da Poeira Assentada — o Iniciado Emoric, acho que é o nome do tolo — tem mandado batedores tentar marcar os movimentos de Pharod. Descobre até onde ele chegou e dificulta seus esforços até sabermos mais sobre as atividades de Pharod. Não quero que Emoric descubra algo antes de nós.

— Penn

O mistério da riqueza de cadáveres de Pharod — antes uma nota de rodapé menor num pedaço arrancado de um livro de registro — havia crescido para se tornar um problema real, ao que parecia. Senti uma pontada de culpa ao embolsar as moedas, mas esse Vaxis parecia ser alguém que sabia se virar. Honestamente, eu precisava mais do dinheiro do que ele.

E mais um nome. Emeric. Talvez eu devesse conhecer esse homem.

Suspirei de alívio enquanto o ar quente da Colmeia beijava minha pele. A pestilência estava presente como sempre, espessa e nauseante — mas a inspirei fundo. Era rica à sua maneira, e não era como se os vapores fossem me matar.

— Bom, estamos aqui de novo, chefe. Desta vez vamos explorar a cidade sem você acumulando facas nas partes carnosas.

Rodopiei a faca na mão, e a extremidade sem corte me acertou o pulso de forma estranha antes de eu conseguir agarrá-la. Eu me sentia à vontade com a lâmina, habilidoso o suficiente em seus movimentos — mas havia percebido que as pessoas com quem me deparava eram mais fortes do que eu, mais rápidas, e eu não era bruto nem veloz o suficiente para enfrentar os múltiplos inimigos que poderia encontrar.

— Morte, vou precisar de algo mais poderoso para me defender.

Ele inclinou num encolher de ombros:

— Ia ser difícil achar uma boa espada por aqui, mas uma boa estaca de madeira, um osso embrulhado em trapos, um lasca de metal. Escolhe, chefe.

Contemplei o céu, absorvendo as maravilhas estranhas

e abstratas da cidade:

— Parece que vou ter que ser mais cuidadoso então. Vamos tentar ir a oeste agora, como Pox e a meretriz sugeriram.

Prédios cobertos de vinhas ervas daninhas pretas e verdes passavam ao nosso lado. Enquanto caminhávamos pela Colmeia, os cidadãos pareciam ainda mais abatidos, mais sujos. Os olhos de cada um estavam mais vazios, mais desolados. As casas mal mereciam o nome: pouco mais do que cabanas primitivas de tábuas de madeira remendadas e folhas de metal. As que não estavam consumidas pelas vinhas estavam cobertas de lonas gasta e sujas para manter o frio de fora.

Curioso, estendi a mão e toquei uma das vinhas. O caule era triangular, com uma borda afiada, e as folhas eram rígidas e igualmente cortantes.

— Ai! — Puxei a mão e comecei a chupar o corte no nó dos dedos.

— Videira-navalha, chefe. Algum velho idiota a trouxe dos Planos Inferiores achando que poderia cultivá-la nas paredes das casas para deter ladrões. Heh. Pena que ele não sabia que ela se espalha mais rápido que uma doença. Não dá para queimar videira-navalha, e se você a cortar, um galho solto pode te arrancar um olho. Os dabus têm um trabalhão para arrancar o negócio.

Assenti, acrescentando mais um item à lista rapidamente crescente de “coisas para nunca tocar em Sigil”.

Alguns cidadãos foram gentis o suficiente para apontar a direção da Praça do Trapeiro. Conforme nos aproximávamos, porém, cada pessoa com quem eu falava usava roupas um pouco mais surradas, o cheiro de suor e pele por lavar era um pouco mais forte. Mais adiante, os olhos de cada cidadão brilhavam um pouco mais com a faísca da loucura. Era como a Casa do Portal de novo — mas desta vez sem a esperança de uma cama quente e uma tigela de sopa quente.

E então chegamos à Praça do Trapeiro.



Capítulo 14

Meu nariz se enrugou com o cheiro azedo de suor — denso e grudento como se tivesse sido esfregado com um pano úmido e deixado a mofar numa caixa sob o sol quente por uma semana. Um roedor, a cabeça pulsando com matéria cerebral rosada exposta, cruzou minha bota. Respirei fundo e raso, filtrando o ar pelos dentes. Ajudou um pouco, mas eu ainda conseguia sentir o gosto da imundície.

Aqui e acolá um Coletor vagava. Um com um carrinho de mão quase cheio, membros frescos pendurados nas tábuas. Outros estavam agachados no lixo com seus mantos surrados em marrom-ferrugem. Foi devagar que caiu a ficha de como aquela cor poderia facilmente mascarar a sujeira e o sangue que manchavam o tecido.

Um desses Coletores passou murmurando para si mesmo. Seus olhos eram fundos e encovados, mas faiscavam com um toque de sanidade a mais do que os outros dali.

Sem querer tocá-lo, me coloquei no seu caminho:

— Saudações.

— Alguém vem falar com Nodd, falar com Nodd, aye...

— Ele entrou de repente num acesso de tosse seca, depois

assentiu para si mesmo.

— Tenho algumas perguntas — disse com educação.

Ele assentiu:

— O quê? — Fungou, depois me fitou e olhou para Morte. — Dinheiro. Você quer saber de alguma coisa — dinheiro. Aye, dinheiro-dinheiro.

Já tinha alguns cobres na mão para isso, e os deixei cair numa palma estendida — ainda úmida com os sucos de o que quer que ele tivesse manuseado por último.

— Dinheiro pra Nodd, dinheiro-dinheiro. — Ele murmurou por um momento, escondendo as moedas nas dobras do manto. — Pode perguntar, Nodd tenta responder, aye. — Tossiu um pouco, cuspiendo de lado.

— Você conhece um homem chamado Pharod?

Nodd pareceu assustado e começou a sacudir a cabeça:

— Pharod, Pharod, Pharod... O quê? O que tem ele? — Franziu o cenho, depois balançou a cabeça como se não tivesse certeza se deveria estar me falando.

Cuspi. O ar aqui era imundo. Não era nenhum dondoca, mas queria muito ter trazido um lenço perfumado. Morte fez uma careta.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

O Coletor balançou a cabeça, depois murmurou. Deu uma olhada rápida para mim, depois recomeçou a

murmurar para si mesmo. Parecia estar recitando uma prece contra o mal.

— Nã-não aqui. Na Praça... — Franziu o cenho, como se não soubesse explicar. — ...mas não na Praça. — Balançou a cabeça de novo, depois tossiu.

— Bem, isso foi de uma utilidade extraordinária. Fico pensando como chegaríamos a algum lugar sem tagarelar com esses tapados, chefe.

— Seja paciente, Morte. Me conte sobre esta área, Nodd.

Ele apontou para o chão, assentindo:

— A praça, a Praça do Trapeiro, lixo em todo lugar, aye, a praça do Sharegrave.

Morte estalar os dentes:

— Acho que já provei meu ponto.

— Pox também mencionou ele. O que pode me contar sobre Sharegrave?

— A sombra do Sharegrave é longa, cai sobre Nodd, cai sim, aye. Nodd dá um pouco do seu dinheiro pro Sharegrave, Sharegrave diz pros outros na sua sombra: “cuida do Nodd”, aye. — Fungou, assentindo devagar.

— Eh... eh... — Balançou a cabeça, tossiu, depois voltou ao seu balançar. — Você pergunta a Nodd, aye, Nodd pergunta a você... uma pergunta pra você, aye...

Justo, suponho. Fiquei de olho nas mãos dele por via das dúvidas, e não estava animado para morrer e ter meu cadáver arrastado por essa praça nojenta.

— Nodd tem uma irmã, aye, Amarysse. Ah-ma-ris-se... mora na Colmeia, longe daqui, longe da Praça. Faz tanto, tanto tempo que Nodd foi separado da irmã, levado embora...

Comecei a me perguntar por quanto tempo conseguia segurar a respiração. Bastante, eu acho:

— Você foi separado dela e gostaria que eu a encontrasse?

— Vamos lá, chefe! Você vai fazer recados pra todo coitado que a gente encontrar nessa cidade? Vamos passar metade da vida buscando e correndo atrás de nada nesse ritmo!

Me movi desconfortavelmente e não olhei bem nos olhos de Nodd. Morte tinha razão, por mais que eu odiasse admitir.

— Você não a conhece? — Ele balançou a cabeça com tristeza por um momento, mastigando o lábio inferior. — Se você a vir, se você vir, diz pra ela que Nodd, o irmão dela, tá preocupado com ela, aye, tá preocupado sim.

— Por que você mesmo não vai procurá-la? — Morte mal conseguia esconder o aborrecimento na voz.

— NÃO! — Nodd cobriu a cabeça com os braços,

murmurando para si mesmo. — Nodd... Nodd não consegue mais falar direito, não consegue, não, e cheira a cadáver e à sujeira da Praça, da Praça do Trapeiro... NÃO! — O surto o mandou numa crise de tosse seca.

Olhei para ele:

— O que aconteceu com você, Nodd?

Nodd fungou, olhando para o chão em silêncio. Enfim, começou a assentir para si mesmo, falando baixinho:

— Nodd era jovem, aye, era sim, e começou a ouvir vozes, dizendo a Nodd “faz isso! faz aquilo!” Coisas ruins, ruins, como morder os dedos de Nodd... — Levantou as mãos até o rosto, revelando velhas marcas de mordida sob a sujeira acumulada. Fiz uma careta e torci para ele ter largado esse hábito. Ugh.

— Aí os pais de Nodd levam ele embora, levam sim, colocam em lugar escuro, uma Torre Alada, onde ficam enfiando agulhas e ganchos na cabeça de Nodd... vozes param, aye, param sim, mas Nodd não consegue mais pensar direito, não consegue falar direito. Nodd foge do lugar, foge sim, acorda na Colmeia, aye.

— Onde fica essa torre alada?

— Não sei, não sei. Lugar ruim, ruim! — Balançou a cabeça violentamente, agarrando as têmporas, antes de retomar o balançar costumeiro. — Nodd acorda, tem Coletores, aye, Coletores cutucando Nodd, falando “Olha!

Não é um morto, morto não é! Leva de volta, leva!” E eles levam Nodd de volta, levam sim, de volta pra Praça. Faz tanto tempo... anos, longos anos atrás.

— Morte, precisamos ajudá-lo.

Ele rosnou por trás dos dentes, mas no fim cedeu, murmurando:

— Por mais que eu goste de você, chefe, não espere que eu fique enxugando seu coração sangrando o tempo todo.

O Coletor sorriu torto, os cantos dos lábios tressaltando:

— Nodd agradece, agradece sim, Nodd agradece. Amarysse era bonita, tão bonita, mora na Colmeia agora. Pele clara, ela tinha, cabelo como ébano, e sempre de azul, azul... ela estava sempre de azul...

Deixei Nodd com seu balançar e seu arrastar de pés, vagando pelas cabanas destruídas dali que mal mereciam o nome. Sharegrave. Se era ele quem mandava aqui, talvez soubesse onde encontrar esse Pharod escorregadio.

E de fato, encontrei a varanda de uma toca (marginalmente) bem conservada. Estava entrelaçada de videira-navalha para deter intrusos. Os Coletores na porta me olharam, as mãos nas facas, mas se contiveram — por uma margem mínima. Os olhares deles alternavam entre mim e um valentão ossudo que andava de um lado para o outro.

Alto e anguloso, o homem pálido de aparência sombria

exalava autoridade apesar do corpo desgarbado e ligeiramente desajeitado. Uma boa parte da orelha esquerda estava faltando; o que sobrava era uma massa irregular de tecido cicatricial, como se a orelha tivesse sido arrancada a dentadas, não cortada. Seus olhos estreitos e inquietos — quase meras fendas — pareciam espertos... e perigosos.

— Saudações.

Ele cuspiu uma resposta e me fulminando com o olhar:

— Não te conheço, idiota. O que você quer? Responde logo antes de eu chamar uns caras pra te despedaçar.

— Você é Sharegrave?

Ele bufou, me encarando incrédulo:

— Idiota, a segunda coisa que você devia saber antes de trazer esse seu traseiro esfaqueado e cheio de cicatrizes aqui dentro era quem eu sou.

Piscei como um coruja:

— E a primeira?

— Que eu odeio visitantes, e me repugnam estranhos. Você é os dois. — Ele rosnou e bateu o dedo na própria têmpora. — Descubra o resto sozinho.

— Calma. Não vim causar problema — minha voz estava lisa como açúcar fiado, mas ele ainda rosnava na minha cara.

— Ah, não disse? Bem, isso torna tudo muito melhor, não é? Agora, vou te perguntar uma última vez antes do seu traseiro ir parar na rua — possivelmente em vários pedaços — o que você quer?

— Estou procurando um homem chamado Pharod — minha mandíbula se fechou no exato momento em que o nome escapou.

A tensão no ambiente subiu de repente, e o olhar de Sharegrave se afiou como lâmina de navalha. Seus lábios estavam tensos ao falar:

— Ora, que coisa engraçada de se perguntar. Por que você quer saber sobre o velho figurão Pharod?

Eu via Morte flutuando em direção à porta. Melhor ser honesto:

— Ele tem coisas minhas, e as quero de volta.

Sharegrave ficou em silêncio por um momento, depois abriu um sorriso:

— Ele rouba de todo mundo, não é? Vivos ou mortos. — Riu.

Morte ainda estava escorregando para perto da saída. Mas mantive o olhar em Sharegrave:

— O que você quer dizer?

— Nossa principal fonte de... renda... por aqui são os mortos. Você entende? — Assenti. — Você é Coletor.

— Isso. — Ele me olhou como se estivesse avaliando algo. — Agora, só tem tantos mortos de uma vez. Eu e meus companheiros só conseguimos coletar tantos. Se tem mais alguém coletando mortos, isso é tanto dinheiro a menos entrando no nosso bolso.

— Ouvi dizer que ele tem encontrado um bom número de corpos.

Sharegrave assentiu:

— O problema é que ele achou uma mina deles. Agora, não ouvi falar de nenhum massacre em Sigil. — Franziu a testa, batendo o queixo com o dedo. — Por isso estou bem interessado em saber de onde vêm todos esses mortos.

— Posso descobrir pra você, se quiser — ofereci animado.

Ele ergueu uma sobrancelha:

— Oh, aye? E como faria isso?

— Só preciso encontrá-lo. Deixa o resto comigo — dei de ombros.

— Hm. Heh. Está bem — darei até cem cobres de cobre pelo seu trabalho. Sobe nas plataformas, segue até o norte e o oeste, e vai chegar a um portão que leva ao esconderijo do Pharod. Como entrar e conseguir a informação é problema seu. E se alguém perguntar, você não me conhece e esse papo nunca aconteceu, ouviu?

Morte suspirou e balançou a cabeça enquanto saíamos.

— O quê?

Morte flutuou à minha frente e me olhou nos olhos:

— Olha, chefe, provavelmente não é uma boa ideia fazer promessas assim antes de sabermos como as coisas estão. Você vai acabar com uma corda trançada no pescoço de tanto querer ajudar.

Hm. Talvez ele tivesse razão.

Um cheiro cortante e amargo cortou a pestilência. Era em parte amadeirado, em parte perfumado. Havia o cheiro de parafina queimada, a doçura de fumaça de boa madeira. Estranhamente, me lembrei de vegetação cortada fresca e do cheiro rançoso de seiva recém-brotada.

Ervas frescas? Aqui? Mal conseguia acreditar.

Curioso, me aproximei de uma cabana que de fato parecia habitável. Tábuas de madeira retas estavam amarradas em círculo com arame metálico, como as aduelas de um barril, enquanto uma chapa de metal amassada — talvez outrora parte de uma parede — servia de teto. Os degraus da porta rangeram enquanto eu subia, escuros e quebradiços de tanto envelhecer. Essas tábuas estavam mais acostumadas a passos mais leves.

A placa pintada na porta estava tão desbotada que as letras eram ilegíveis, mas uma lista de preços havia sido entalhada na madeira. Obstetrícia, dez cobres.

Cataplasmas e curativos, seis cobres. Sanguessugas, cinco cobres.

Entrei.

A cabana espaçosa era ao mesmo tempo lar e loja. Uma cama — lençóis surrados mas limpos — ficava na outra extremidade do cômodo. Ao lado dela, um suporte vertical exibia ervas dispostas para secar, enchendo o ar com um cheiro doce e amadeirado. O fogão onde uma velha estava de pé era feito de algum tipo de madeira petrificada, e uma panelinha borbulhava com o que parecia pedaços de peixe e miúdos.

A velha baixota parecia ter toda a cor sangrada de si — tudo, do cabelo ao xale ao manto, eram tons de cinza. As únicas manchas de cor nela vinham de algumas ervas estranhas presas ao cinto pelos caules. As ervas faziam um sussurro quando ela se movia, como uma vassoura.

A porta rangeu ao fechar, e a velha se virou e me fitou... e parecia que os tons cinza que cobriam seu corpo se estendiam também até os traços. Seu cabelo era um grisalho esfumado, e seus olhos eram como lascas de granito. Ela franziu o cenho ao me ver:

— E quem seria você, hmmn?

Meditei por um instante, uma mentira nos lábios:

— Er — meu nome é Adahn. E você?

Com uma risada manhosa, ela balançou as

sobrancelhas:

— Então não ouviu falar da Velha Mebbeth, a parteira da Praça? Não ouviu não? — Estreitou os olhos, e sua voz baixou. — Bem, agora ouviu, pois sou eu a Mebbeth.

— Notei a lista de preços. O que você faz?

— Endireito ossos, expulso a tosse dos doentes, arranco bebês berrentes e teimosos, remendo mantos e farrapos, faço remédios e ervas e o mais. — Ela me examinou, estudando minhas cicatrizes. — Precisa de um remédio ou três, não precisa?

— Remédios?

— Aye, parece que você precisa de uns remédios de olhar pra você. Quer comprar alguns, quer...? — Mebbeth deu outra olhada nas cicatrizes cobrindo meu corpo, depois deu de ombros. — Tarde demais pra perguntar, acho.

Olhei para Morte. Ele ainda estava um pouco riscado e arranhado do nosso último encontro. Ele até se curava?

— Na verdade, poderíamos usar alguma cura...

Mebbeth assentiu:

— Muito bem, então. — Ela pegou uma das ervas secas do cinto, arrancou-a pelo caule, depois a moeu nas palmas calejadas. Pequenas volutas de pó e pólen subiram de suas mãos. Ela murmurou para si mesma, depois soprou o pó no ar...

Respirei fundo enquanto o pólen cinza redemoinhou pelo cômodo. Inalei fundo, absorvendo o pó, e menos de um momento depois me senti estranhamente revigorado. Olhei para Morte — ele parecia recém-esfolado de um cadáver. Estranho como isso poderia ser um elogio para alguém.

— Obrigado, Mebbeth. Antes de ir, tinha outras perguntas...

A parteira se virou para mexer a panela de cozido:

— Pode perguntar.

Fui direto:

— Você é uma bruxa, Mebbeth?

Mebbeth se virou para me examinar. Seus olhos se estreitaram levemente, um lampejo de fogo naquelas piscinas cinzas:

— Não digo nada sobre o que sou ou não sou, mas o que você quer saber que te faz perseguir uma velha, latindo e fareijando atrás de um pedacinho de fofoca suculenta?

Refleti amargamente sobre como havia sido derrubado por um bando de valentões mais cedo. E por um Coletor coberto de erupção antes disso.

— Quero aprender sobre magia. Você poderia me ensinar?

— O quê? Dente e garra não bastam? — Morte disparou.

— Precisa só balançar os dedos e cuspir fogo na cara dos valentões da Colmeia pra eles não roubarem sua bolsa?
— ele bufou mencionando os gestos necessários para a feitiçaria. A maioria das coisas simplesmente escorregava em Morte, mas eu estava começando a perceber que em raras ocasiões ele tinha um calcanhar de Aquiles quando se tratava de insinuações sobre suas próprias limitações.

Mebbeth riu de nós dois:

— Pah! Não sou professora, nenhuma escola-mestra montada pra ensinar como as do Salão grande! Tem outros em algum lugar com certeza que revelariam o segredo disso... você estaria perdendo seu tempo com a Velha Mebbeth, perderia sim.

Sorri com educação:

— Discordo. Acho que você teria muito a ensinar.

Mebbeth me examinou com atenção:

— Oh, aye? Por que você quer aprender essas coisas?

Porque não quero mais apanhar de uma gangue de valentões fedorentos. — Porque talvez eu precise disso para resolver o mistério de quem sou.

Depois de um momento, Mebbeth assentiu:

— A Arte pode ajudar, pode não ajudar, e você não deve depender dela pra resolver todos os seus problemas. — Ela suspirou. — Filho, o mais provável é que só vá acrescentar

mais um caco à sua pilha de perguntas...

Me inclinei com respeito, um humilde discípulo diante de uma velha parteira:

— Entendo. Vai me ensinar?

— Pah! — Mebbeth balançou a cabeça. — Deveria fazer canções em vez de fazer magia. Canções têm mais beleza. A magia ficou entediante, comum, sujada pela multidão que pisou por ela... hmppph. — Ela me fitou como se mal pudesse acreditar na situação. Poucos procuravam parteiras e bruxas de bairro para conhecimento de verdade. — Vou te ensinar... mas primeiro você vai ter que fazer umas coisas pra mim, ouviu?

— Como o quê?

— Minhas pernas não são boas para andar por Sigil, e há recados que eu gostaria que você fizesse. Preciso que busque umas ervas no mercado... fica na direção do espiro — a leste e ao sul daqui — no mercado da Colmeia. Aqui está uma amostra... — Ela tirou uma semente preta do casaco e a jogou para mim.

Torci a semente preta na mão... ao fazê-lo, senti uma pequena mordida, e uma pequena gota de sangue escorreu do meu polegar... havia minúsculas farpas na semente, como dentes. Mebbeth resfolegou:

— Cuidado com ela... mostre pra um dos feirantes de frutas no mercado, eles vão saber quais ervas você procura.

— Muito bem. Voltarei quando tiver as ervas.

De alguma forma, tinha a sensação de que esse aprendizado seria longo e terrivelmente arrastado.



Capítulo 15

Não havia necessidade real de perguntar por um herbalista. Na porção sudoeste da Colmeia havia um mercado — uma multidão de comerciantes e feirantes que carregavam todo tipo de mercadoria estranha de outros planos. Lá, eu sabia, encontraria minha resposta.

Desconfiei da semente de dentes afiados mesmo enquanto ela descansava na minha bolsa. Já me picara uma vez, e a perspectiva de carregar de volta uma boa amostra da erva necessária provavelmente seria muito mais dolorosa.

— Ei, Morte, essa semente não é videira-navalha, é?

— Meh, improvável, chefe — ele deu uma olhada nos prédios cobertos da trepadeira. — A maioria das pessoas as cultiva de mudas, não de sementes, e ela está em todo lugar. A velha coroca não estaria te mandando caçar algo que vale menos do que uma hemorroida.

— Bem, foi só um pensamento.

Uma multidão de vozes subia do mercado — uma cacofonia de assovios e rosnados, de homens com dentes tortos barganhando ferozmente por preços, ou de feirantes gritando com pivetes por roubar uma torta ou um doce.

Os poucos guardas dali eram um grupo heterogêneo, com armaduras mal ajustadas e mais remendadas do que não.

Eram um bando grosseiro, mal pago e sombrio — mas eram o que os comerciantes locais podiam pagar.

Me virei para entrar no bazar e encontrei o olhar de um velho feirante rechonchudo. Ele tinha um ar de quem já viu o mundo, e sua voz grave era gentil mas confiante:

— Ah, olá. Está pronto para experimentar algumas das mais deliciosas iguarias de todos os Planos, meu caro? Gaste um cobre, pela sanidade dos seus sentidos!

Sua carroça estava arrumada com uma bela coleção de frutas e petiscos — pequenos barris transbordando de pérolas vermelho-vivo e cubos marrom-opaco, flores e pães, carnes temperadas e alguns tonéis de vinho. Meu estômago roncou, e me ocorreu que fazia um tempo desde que comi pela última vez.

— Bem... o que você tem? — perguntei, examinando as mercadorias. A maior parte do que vendia era desconhecida para mim.

O homenzinho rechonchudo sorriu:

— Todo tipo de iguaria para deliciar seu paladar, meu caro. Sementes de fogo de Arborea, raiz Gar-Bar, peras de Elysium, pétalas de lótus carmesim, pão de pastor de Bytopia, especiaria cambiante do caos de Limbo, e ameixas do mar são o que tenho no momento. Apenas cinco cobres

para provar qualquer coisa que quisesse.

Morte estava salivando um pouco também:

— Sempre fui parcial às sementes de fogo, chefe.

Parecia exótico de fato. Pesquei alguns cobres:

— Vamos experimentar as sementes de fogo.

O feirante embolsou minha moeda e sorriu, oferecendo um pequeno saquinho de papel com sementes vermelhinhas:

— Não as engula — apenas cuspa quando pararem de formiguar.

Para cada semente que joguei na boca, joguei uma no ar para Morte, que a apanhou com a língua. As sementes, doces e com um leve gosto de canela, foram esquentando e formigando na boca... levou um momento para perceber que haviam pegado fogo de verdade. Logo, porém, a sensação se apagou e as cuspi na sarjeta.

Nos recostamos num barril enquanto acabávamos as sementes ociosamente, e pensei para mim que não era exatamente educado de um aprendiz deixar Mebbeth esperando. Por outro lado, ela provavelmente esperava que isso levasse um tempo.

Amassei o saquinho de papel nas mãos e o joguei de lado — ainda com fome.

— Acho que vou querer uma raiz Gar-Bar também.

— Aqui — ele me deu dois cubinhos marrons do que parecia ser matéria vegetal borrachuda. — É bem mastigável... não engula, mas cuspa quando não tiver mais sabor.

Joguei um na boca e dei o outro para Morte. A raiz, inicialmente bastante dura e difícil de mastigar, tinha um sabor doce e xaroposo. Logo ficou macia e gomosa, e me vi mastigando alegremente.

Puxei a semente da bolsa enquanto mastigava e me virei para o feirante. Talvez ele soubesse de algo:

— Senhor, Mebbeth, a parteira da Praça, precisa de algumas ervas brotadas desta semente. Pode me ajudar?

O homem pegou a semente, olhou para ela criticamente... ao pressioná-la entre o polegar e o indicador, fez uma careta, e uma pequena gota de sangue apareceu no polegar:

— Ah! Essa semente tem uma mordida...

— Percebi. Você tem as ervas que ela está pedindo? — Olhei pela carroça de novo.

Ele parecia não conseguir tirar os olhos da semente:

— Meu jovem, não sei se tem alguém que tenha o que seu amigo procura... para ser honesto, nunca vi uma semente dessas antes. Você precisaria de alguém que cultive sementes assim, pois não tenho nenhuma.

O sabor da raiz morreu nesse ponto, e cuspi o gomo marrom e gomoso na sarjeta:

— Muito bem... onde eu encontraria tal pessoa?

— Não sei o segredo disso, amigo — ele me devolveu a semente. — Seria difícil encontrar um jardineiro na Colmeia...

Mebbeth certamente me mandou numa caçada louca:

— Parece que terei que procurar. Obrigado pela ajuda. Enquanto isso, pode me dar um saquinho dessa raiz Gar-Bar?



Percorremos o mercado terminando a raiz Gar-Bar pedaço por pedaço, ocupados demais mastigando para conversar com os feirantes. Doces nunca são tão gostosos quanto a primeira vez, mas ainda assim amenizou maravilhosamente a fome. Não podia ter sido saudável, no entanto.

À distância, porém, notei um homem que se encaixava perfeitamente numa descrição que me haviam dado.

Era um homem enorme, observando a área com um franzir de lábios apertados e olhos estreitados. Estava um pouco curvado, como se carregasse um fardo pesado nos ombros. O cheiro desagradável de suor e sujeira emanava

de suas roupas.

— Ei. Você é Craddock?

— Pode ser... — Ele estudou meu rosto, como se tentasse me lembrar. — Se sou, o que te importa?

— Venho com uma mensagem de Baen o Enviado. A mensagem diz: “O carregamento deve estar em Curst até o terceiro dia ou haverá penalidade.” — Nossa, tenho uma mente afiada se consegui me lembrar disso. Talvez ainda vire um grande mago.

As sobrancelhas de Craddock se fecharam enquanto o rosto ficava rosado:

— Pelos infernos! Serão tão idiotas a ponto de achar que conseguimos fazer milagres pra chegar lá?! Muito bem — sua mensagem chegou aos ouvidos certos, pelo bem que vai fazer!

Ele se virou, gritando com os trabalhadores ali num bom e velho tempão:

— Vamos, seus preguiçosos! Seus inúteis! Esse Jhelai não apareceu ainda? Esse cão vagabundo fedorento é melhor aparecer logo ou eu vou—

O rosto de Craddock ficou vermelho-vivo e se contorceu num rosnado:

— Argh! Maldito o nome dele! Que todos os males dos Planos persigam seus passos...

Uma torrente de insultos, ameaças e especulações sobre as raízes familiares de Jhelai brotou da boca de Craddock.

— Ooooh! — Morte estalar os dentes enquanto Craddock ganhava vapor... quase dava para ouvi-lo fazendo anotações dentro do próprio crânio.

Deixei Craddock para seus pesares e fui vagando pelo mercado. Camelôs agitavam suas mercadorias, as enfiavam debaixo do meu nariz, e um casal dos mais amargos fez gestos rudes quando eu me afastei mastigando Gar-Bar.

Os que pareciam gentis o suficiente para conversar um pouco ainda relutavam em ajudar com meu recado, ou estavam um pouco tocados da cabeça. Um ou dois foram surdos como paredes para minhas perguntas, e tive que ir embora.

Mais de um feirante parecia desesperado para vender, mas minha bolsa estava magra demais para gastar mais. Mais de uma vez tive que sair envergonhado depois de dar uma olhada educada nas mercadorias.

Ainda assim, era animador ver a vida seguir em frente. Aqui a miséria da Colmeia era atenuada pelas mercadorias coloridas e pelas trocas animadas, abafada pelos gritos dos feirantes e pelos sorrisos tortos dos clientes.

Lancei o olhar pela cidade então. Centenas de prédios,

dezenas de becos, e as únicas coisas que prosperavam eram videira-navalha e ratos. Onde diabos eu ia encontrar um jardineiro?



Capítulo 16

Essas coisas não podiam ser boas para os meus dentes.

Minha mandíbula estava doendo de tanto mastigar, e a doçura do Gar-Bar estava começando a ficar levemente nauseante. O gomo gomoso e pegajoso se prendia aos meus molares como cola, puxando cada um a cada mordida. Distraído, provei os dentes para ver se tinham afrouxado. Sim, esse ia ser o último.

Levantei outro pedaço, oferecendo a Morte, mas ele balançou a cabeça.

— Então, Morte, qual é a sua história, afinal? — perguntei enquanto mastigava.

— Eu? — ele virou a cabeça, piscando. — Bem, deixa eu simplificar pra você: quando se está tão morto quanto eu há tanto tempo... sem braços, pernas ou qualquer outra coisa, dá pra pensar muito, entende? Acho que faz uns poucos séculos desde que fui pro Livro dos Mortos, mas o tempo não se soma mais como costumava...

— Sim, entendo o que você quer dizer — inconscientemente joguei outro pedaço na boca. Merda. Por que essas coisas tinham que ser tão viciantes? Senti minha mandíbula estalar desconfortavelmente ao morder

o pedaço, e minha cabeça estava começando a doer.

— ...sem a coisa da mortalidade te pressionando — Morte continuou —, todos os dias e noites meio que se misturam. Então você pensa nisso, pensa naquilo... e o pedaço mais importante de sabedoria que aprendi nos últimos cem anos ou mais é este: tem muito mais gestos obscenos que dá pra fazer com os olhos e com a mandíbula do que a maioria das pessoas imagina.

Ri, e o gomo de Gar-Bar foi pelo caminho errado. Engasguei um pouco, tossi, e cuspi o troço nas botas de um velho de cara pálida que se parecia bastante com Dhall. Os olhos dele se estreitaram em fendas para mim, mas o sujeito apenas murmurou algo e seguiu em frente.

— Está brincando — engasei, ainda limpando a garganta e enxugando algumas lágrimas dos olhos.

— Sério! Sem recorrer a insultos ou provocações, dá pra acender uma fogueira debaixo de alguém só com a combinação certa de movimentos de olhos e estalos de mandíbula. Deixa qualquer um maluco!

Empurrei um molar com a língua. Sim, definitivamente frouxo:

— Você certamente tem um talento pra irritar as pessoas.

— Ei, não preciso de lição de eloquência de um cara que ficou falando em frases de uma sentença a vida toda — ele

sorriu irônico enquanto eu erguia uma sobrancelha. — Vou te dizer o seguinte: se um dia te decapitarem e arrancarem a pele do crânio, te mostro como se faz. Tenho umas joias, chefe — deixariam um deva pensar em homicídio.

— Você deve sentir falta do seu corpo. Quer dizer, conseguir andar, respirar, essas coisas.

Morte inclinou a cabeça do jeito que fazia para mostrar que estava dando de ombros:

— Tem gente que fica toda deprimida com a morte — nunca tentaram, claro — bem, quer dizer, você tentou, chefe, mas ainda tem pulso. Mas uma coisa que nunca parecem perceber é como isso muda sua perspectiva; realmente te faz dar uma segunda olhada na vida, ampliar seus horizontes.

Por falar nisso, o céu dourado estava começando a perder a cor para toques de cobre crepuscular. De vez em quando o ar quente era cortado pelo beijo frio de uma brisa.

Morte continuou a tagarelar pela Colmeia. Era uma companhia estranhamente agradável, ele com aquela voz irônica e caqueteira. Companhia irritante, sim, mas estava contente que ele tivesse decidido vir junto — embora me perguntasse quando nos separaríamos.

— Pra mim, me fez perceber principalmente quantas mulheres mortas existem nessa cidade e quantos homens de língua afiada como eu existem pra dar conta — você gira

o disco certo, e acabaram os anos sozinho à noite!

— Ugh... — esfreguei os cabelos com uma mão. — Morte, você está brincando. Primeiro porque mal consigo imaginar a mecânica toda (e honestamente acho que não quero), mas parece meio...

— “Meio”? Meio o quê?

— Raso.

— Raso?! — ele engasgou, recuando como se tivesse sido insultado. — Não sou raso. Só não fico preso em toda essa lavagem de filosofia e crença e fé que todo idiota de Arborea ao Vale Cinzento fica chacoalhando a caixa-de-miolos. Que se lixe? Os Planos são o que são, você é o que é (seja lá o que for), e se mudar, ótimo, mas as coisas não estão ruins do jeito que são — e eu sei disso melhor do que ninguém.

— Tenho certeza que sim — disse com secura.

— Pode perguntar! Pergunte sobre os Planos, ou sobre o obscuro, ou sobre as pessoas, ou as culturas. Quando você acaba como eu — sem pálpebras, quer dizer — acaba vendo muita coisa, e posso te contar quase tudo que precisa saber.

— Até avistar a próxima meretriz na rua, claro.

— Meretriz? Onde?! — ele pio, olhando ao redor por um momento. Depois se virou, inclinou a cabeça e me olhou de canto com um sorriso. — Brincando. Mas sério, é assim:

estamos nisso juntos, chefe. Até isso acabar, fico grudado como sua perna.

Animado depois de ter a oportunidade de fazer o que faz de melhor, Morte continuou tagarelando enquanto eu ouvia. Falou sobre raças com treze gêneros diferentes e as centenas de formas como se acasalavam, sobre mulheres-cobra com não menos de três fileiras de seios, sobre religiões nas quais a Deusa do Amor matava seus inimigos com uma dança sensual e perturbadora. Eu estava começando a detectar um padrão.

Ainda assim, com toda sua experiência, Morte não conseguia dizer onde poderíamos encontrar o jardineiro mais próximo. — Talvez no Distrito dos Escribas — ele disse. — Mas não nesse lixão. Normalmente não ando em círculos tão rasteiros quanto esses.

Conforme fui aprendendo, os próprios habitantes da Colmeia eram de pouca ajuda. A maioria murmurava e seguia em frente, ocupada demais com suas vidas sujas e quebradas para ajudar um estranho. A maioria riu na minha cara ao mencionar um jardineiro, mas um dabus pareceu ponderar que poderia haver tal pessoa na porção sudeste da Colmeia.

Esperando conseguir melhores direções, tentei falar com uma velha enquanto me dirigia para onde o dabus me indicara:

— Com licença, mas tenho algumas perguntas que eu...

Ela me interrompeu com um brusco “Hmph!”:

— Com licença?

— Aposto que você tem todo *tipo* de perguntas malucas!

— Ela imitou minha postura heroica. — *Saudações, tenho algumas perguntas... pode me falar sobre este lugar? Quem é a Senhora da Dor? Estou procurando o Cinto Mágico de Ferro Elegante, viu? Conhece algum portal para o 2817º Plano do Abismo? Sabe onde fica o Sagrado Chamejanste Crioufogo Esmagadragão Vorpai Martelo do Ferimento, do Retorno e do Disparo-Relâmpago-Pela-Bunda?* Estou farta disso!

Concluí que essa conversa não ia a lugar algum, então me despedi educadamente e fui embora à procura de alguém mais amistoso. Estava tendo uma rápida conversa com um Bariaur — uma criatura meio carneiro, meio humanoide — quando notei um brilho de metal pelo canto do olho.

— Ei, rapazes. Olha o que temos aqui.

O Bariaur sumiu de vista enquanto eu tossia constrangido. Me virei para encarar os valentões que tinham se aproximado.

— Por acaso aceitariam um saquinho meio comido de raiz Gar-Bar para nos deixar em paz?

O valentão na frente da fila puxou os lábios num sorriso

de dentes amarelos e tortos. Outro atrás dele lambeu a lâmina do punhal.

Pus a mão na faca:

— Acho que não.

Me esquivei quando o primeiro valentão tentou me cravar, e enquanto ele tropeçava eu enterrei minha lâmina no meio das costas dele. Com um gargarejo e um jato de sangue, ele caiu enquanto Morte arrancou a garganta de um segundo com os dentes.

Ele cuspiu a pele e o sangue da boca:

— Viu isso? — ele cacareou.

Testemunhando o rápido carneirão, um dos membros do bando fugiu a pé enquanto eu agarrava a cabeça embasbacada do último ladrão com as duas mãos. Uma puxada e um giro, e ele parou de se debater com um estalo estranhamente satisfatório. O patife caiu flácido no chão.

— Bem, isso foi fácil — Morte assobiou. — Quem precisa dessas magias finas?

Limpei a faca na roupa de um dos cadáveres:

— Não estavam saindo dos becos desta vez. Vamos deixar esses para os Coletores. — Vasculhei os bolsos deles pelo que conseguia. Num mundo onde as pessoas sobreviviam de catação, não se podia me culpar por pegar minha parte.

Sem o elemento surpresa, esses caras eram fáceis de derrubar. No fundo da mente, porém, havia pouco conforto. Eu havia vislumbrado pegadas de poderes que faziam os habitantes da Colmeia parecer formigas. Mesmo sendo um lutador habilidoso, minha mente era muito mais afiada — e precisava afiar essa vantagem ao máximo.

Essa mente afiada, por exemplo, recordou com bastante facilidade a descrição de uma bela jovem de cabelo negro azeviche, sempre vestida de azul.

Amarysse era uma jovem encantadora vestida num colete de couro justo e calças de azul desbotado, o cinza-azulado de um céu moribundo. Cheirava levemente a perfume barato, e o rosto, apesar de bonito, estava pintado com uma maquiagem berrante. Ela sorriu com falso pudor ao me ver.

— Procurando companhia, amor?

Morte abanou a língua:

— Uau! Bom gosto, chefe!

— Você seria, por acaso, Amarysse?

Ela me encarou em silêncio por um tempo, depois falou:

— Já me chamaram assim, muito tempo atrás. Quem és tu?

— Fui mandado para te encontrar por Nodd, teu irmão. Está preocupado com você, e esperava que eu pudesse

contar como você está.

Seus olhos se arregalaram:

— N... Nodd? Ele está vivo? Onde? Por que não veio ele mesmo me procurar?

Esfreguei as costas da mão desconfortavelmente. Suponho que a verdade não podia doer tanto:

— Acho que ele tem vergonha. É um Coletor agora, vivendo na pobreza na Praça do Trapeiro. Não parece estar muito... bem. Da cabeça, quer dizer.

Ela assentiu:

— Aye, ele era um pouco tocado mesmo quando criança, quando o nome dele era Thodus. Oh, como sinto falta dele! Vergonha? Hah! — o sorriso iluminou seu rosto coberto de maquiagem. — O meu próprio trabalho não é lá muito orgulhoso! Ah, bem, pelo menos estou me saindo — para ser uma habitante da Colmeia, pelo menos. Preciso visitá-lo em breve. — Ela me olhou de perto pela primeira vez desde que eu falara. — És amigo de Nodd, ou...?

Pensei por um momento:

— De certo modo, sim. Por quê?

— Poderia...— Ela franziu o cenho, mordendo o lábio, como se considerasse algo. — Poderia dar isto a ele? — Ela se aproximou e me ofereceu uma bolsa com o que parecia ser uns cem cobs de cobre. Pelo canto do olho vi

a mandíbula de Morte cair.

Inclinei a cabeça:

— Sim, juro que vou entregá-la.

Ela me passou a bolsa.

— Agradeço. Vai falar com Nodd por mim, e conta como me preocupo com ele!

O olhar de Morte queimava no meio das minhas costas enquanto continuávamos pela rua:

— Por favor, me diz que vamos comprar alguma companhia com isso.

— Não é nosso dinheiro, Morte. E além disso, uma boa ação é sua própria recompensa. — Ele estalar a língua, desapontado.

Circulamos por essa parte da Colmeia — mais limpa do que a Praça do Trapeiro, mas não tão movimentada quanto as outras ruas. O cheiro de cerveja barata e fumaça de cachimbo escapava por algumas das portas, e em cada esquina um casal de valentões ficava parado, de olho em alvos. Na extremidade norte dessa rua, porém, uma árvore havia sido plantada.

Era uma coisa triste e doentia, de folhas marrons e galhos enrolados sobre si mesmos. Crescia penosamente à sombra, envenenada como estava respirando a pestilência fétida de Sigil.

Havia um homem velho de aparência cansada e pesarosa contemplando aquela árvore morta-de-cinzas à sua frente. Ele murmurava para si mesmo e batia no queixo, como se tentasse resolver algo. Vez ou outra sacudia a cabeça com tristeza.

— Saudações.

Ele pareceu momentaneamente sobressaltado com minha interrupção. Falou num tom calmo, sem pressa, mas cheio de tristeza:

— Oh... saudações também a você, amigo. Como vai esse dia?

Deixando de fora os cadáveres que eu havia deixado na calçada, sorri:

— Vai bem.

Ele sorriu de volta, mas a tristeza ainda repousava nos seus olhos:

— Que bom, amigo. Espero que sua boa sorte continue.

— Parecia prestes a se virar de volta para a árvore.

— E para você, como vai esse dia?

Ele deu um leve encolher de ombros e esboçou um meio sorriso:

— A sorte me trata bem, mas ainda assim estou triste.

— Por quê?

Ele deu um tapinha na árvore ao lado dele:

— São as árvores, aqui na Colmeia. Estão morrendo, amigo — e ninguém se importa. — Ao ver minha expressão, ele levantou as mãos como se me pedisse um momento. — Pode não importar para alguns, mas é importante para mim. Sinto que é uma pena ver os últimos farrapos de vida e beleza neste bairro serem deixados, sem cuidado, para morrer. Por isso me chamam de Chora-por-Árvores. Você consegue entender isso, amigo?

Olhei para a árvore:

— Sim... você tem razão, é algo triste.

Ele pareceu surpreso, e blaterou:

— Mesmo? Oh! Quer dizer, maravilhoso! Talvez você...— Fez uma pausa e subitamente pareceu desconfiado. Se recompôs, falando do seu jeito habitual e lento. — De qualquer forma, bom. Suponho que você “tem algumas perguntas” pra mim agora...

Ele estava prestes a dizer algo:

— Não, ainda não. O que ia perguntar?

Pela primeira vez, o homem pareceu genuinamente feliz. Radiante, explicou:

— É difícil sobreviver aqui... é só olhar ao redor para ver o que quero dizer, amigo. Não sei se é possível para as árvores prosperarem aqui, mesmo que de alguma forma conseguissem luz e água limpa suficientes...

— Continue...

Ele assentiu animado:

— Mas se pessoas suficientes se importassem... realmente quisessem que elas vivessem... tenho certeza que sobreviveriam! Ficariam verdes de novo e floresceriam!

Parecia disparatado:

— O quê? Isso não faz sentido.

Ele sorriu com ar de quem sabe:

— Você é novo aqui, agora estou vendo. Não entende como as coisas funcionam em Sigil, amigo. A crença é tudo aqui... tudo!

Tive que admitir que sabia pouco sobre Sigil, e assenti:

— Pode ser que você tenha razão.

— Tenho, tenho certeza. — Uma sensação de convicção o envolvia como uma aura; ele parecia tão diferente do homem com quem eu falara primeiro. — É tudo que pediria a você, amigo... só se importar com elas, torcer pela recuperação delas. Com o tempo, se pessoas suficientes quiserem, acontecerá. Você consegue fazer isso por mim, amigo?

— Sim — disse, olhando para a árvore, me concentrando no bem-estar dela, em como ela floresceria. — Vou ajudar.

— Excelente, meu amigo, excelente! Obrigado... você

me devolveu a confiança, o propósito. Talvez eu encontre outros como você, que ouçam... talvez façamos diferença. E quanto ao seu companheiro, amigo? Faria isso por mim?

— Morte? O que você acha?

— Hã? — ele piscou. — Oh, sim, chefe, claro — o que você disser.

— Falo sério, Morte. Você consegue fazer um esforço?

Morte me olhou por um tempo em silêncio, depois assentiu:

— Sim, consigo. Se é tão importante para você, faço.

— Obrigado, Morte.

Com isso, me virei para Chora-por-Árvores:

— Bem, suponho que você é a coisa mais parecida com um jardineiro na Colmeia, Chora-por-Árvores?

Ele deu uma risadinha:

— Bem, meu interesse na flora da Colmeia não se limita a remover a videira-navalha, se é isso que quer dizer.

Pesquei a semente da bolsa:

— Preciso de algumas ervas brotadas desta semente. Pode me ajudar?

Chora-por-Árvores pegou a semente de mim e a ergueu até os olhos:

— Que semente estranha... são dentes ao longo da

borda? Farpas, talvez... onde você a conseguiu, amigo?

— A Velha Mebbeth, a parteira da Praça, precisa de algumas ervas brotadas dessa semente. Você sabe onde conseguir?

— Não... — Chora-por-Árvores continuou fitando a semente na mão. — Esta é a única semente do seu tipo que já vi... eu... ah! — Ele fez uma careta, e uma gota de sangue reluzente apareceu no polegar. — As farpas são bastante afiadas. Talvez você deva segurá-la.

Peguei de volta:

— Sim, devia ter te avisado. Desculpe. — Fitei-a contemplativo. — Então você também não consegue me ajudar?

— A não ser que possa fazer essa crescer, não posso... de novo, nunca vi uma semente assim antes, amigo.

— Se quiséssemos muito que ela crescesse, seria possível fazê-la crescer?

Chora-por-Árvores olhou para a semente e assentiu:

— Talvez... se você se importasse o suficiente para vê-la crescer...

Então a segurei nas mãos, me concentrando nela, querendo que crescesse. Silenciei aquela voz irritante do ceticismo no fundo da cabeça, plantando toda atenção na semente preta-espinhosa que segurava com cuidado entre

os dedos. A provoqueei gentilmente com a mente — sem forçar, sem pressionar.

Para minha surpresa, houve um estalo e a semente rachou, galhinhos se dividindo de sua superfície como dedos. Por instinto, soltei a semente, mas os galhos em forma de garra se enrolaram no meu pulso e não soltaram.

— Que infernos?!

Chora-por-Árvores e Morte fitaram os galhos espinhosos enrolados no meu pulso, atônitos:

— Eu... acho que as farpas nesses galhos novos já seriam mais do que suficientes para o que sua amiga precisa.

Sacudi o braço, tentando não mover os dedos por causa dos espinhos:

— Espero que ela consiga tirar essa merda do meu pulso. Até nos vermos de novo, Chora. Você gosta de raiz Gar-Bar?



Capítulo 17

Um cidadão ou dois me olharam ao passar, um braço preso numa gaiola de espinhos. A maioria dos habitantes da Colmeia, no entanto, passou por mim com uma indiferença cansada de quem passou anos vendo toda estranheza que os Planos cuspiam na cidade.

Segurei o braço com cuidado ao entrar na cabana. Ao ouvir minha aproximação, Mebbeth se virou e me deu uma olhada cética. As bordas dos seus lábios se curvaram num sussurro de sorriso:

— Seu caminho te traz de volta aqui, não é, filho...?

Levantei o braço:

— Voltei com as ervas que queria... agora talvez possa tirar esse maldito matagal do meu pulso.

— Mesmo? — Mebbeth deu uma olhada nas farpas que rodeavam meu pulso. — Se for assim, pense para tirá-lo, então.

Fiz isso — querendo que a massa se desfizesse. Mais uma vez, gentilmente, movendo a vontade sem forçar.

Com rangidos e estalos, os galhos pretos e espinhosos se desenrolaram do pulso e se formaram numa bola

entrelaçada de gravetos e ramos — parecia um ninho de cobras pretas e mortas. Mebbeth resfolegou:

— Pense nela como uma moldura ou algo do tipo, algo com mais estrutura e menos ângulos.

Assenti e me concentrei de novo. A bola de galhos rangeu, os ramos se dobrando e se retorcendo até formarem uma pequena moldura de imagem, dois palmos de lado. Quase sem pensar, imaginei os espinhos para o verso da moldura para que pudesse ser pendurada facilmente na parede... e, num segundo pensamento, movi os espinhos restantes para o interior da moldura, para que pudesse ser segurada pelas bordas.

Olhei para cima sorrindo, surpreso e satisfeito comigo mesmo:

— E aí?

Mebbeth fitou a moldura por um momento, depois deu uma gargalhada:

— Ha! Quadrada o suficiente, é! Bom trabalho, filho, bom trabalho. — Ela pegou a moldura e a examinou de perto. — Vai servir bem.

— Era só isso que queria? — Tinha imaginado que ela fosse fazer uma poção ou alguma beberagem de bruxa. Embora fosse um exercício interessante, era um pouco menos dramático do que eu esperara.

— Aye, bem, isso é suficiente... — Ela fungou. — Aye,

mas tinha uma coisa que esqueci de te dizer pra buscar quando saiu da última vez, e vai te levar de volta à praça do mercado... procure o vendedor de tecidos, Giscorl. Ele tem uns panos meus que ele deveria ter lavado, e faz muito tempo desde que pedi a primeira vez.

Minha sobrançelha tressaltou:

— Podia ter mencionado isso antes de eu sair...

Mebbeth resfolegou:

— Aye, culpa a memória fraca de uma velha, por que não?

Um fio de luz dourado-âmbar filtrava por uma pequena fresta no telhado. Mebbeth olhou para cima com aqueles olhos pálidos:

— Talvez deva deixar para amanhã. Essas ruas não são seguras para alguém como você depois do pôr do sol, e odeio ter meu primeiro aprendiz estripado e estendido na rua para os Coletores logo depois da primeira tarefa.

Concordei a contragosto:

— Posso descansar aqui?

Ela assentiu:

— Claro, filho. Tenho um monte de cobertores no canto que serviriam...



Aconteceu de novo naquela noite.

Intellectualmente, eu sabia o que eram os sonhos. Eram imagens da mente, paisagens surrealistas e terríveis. Eram os amores e esperanças dos vivos, e o alívio dos oprimidos. De certas formas eu conhecia a natureza dos sonhos como alguém pode conhecer a natureza de uma terra distante lendo sobre ela num livro. De outras formas era como descrever as cores de um campo de flores para um cego, ou uma grande sinfonia para um surdo. O sabor de um sonho me escapava.

Havia apenas aquele vazio aterrorizante, como se eu estivesse pousado na beira entre a realidade e o oblívio.



De manhã saí da cabana com um pouco de mingau na barriga. Mebbeth era uma ótima curandeira — mas cozinheira não era. Ainda assim, não podia reclamar; a Casa do Portal servia melhor.

As tábuas do assoalho rangeram sob as minhas botas enquanto eu as pisava bruscamente, o ar fresco da manhã picando minhas cicatrizes. Uma figura curvada familiar estava passando.

— Nodd! — chamei. Ele se virou.

— Alguém vem falar com Nodd, falar com Nodd, aye...

— Entrou de repente num acesso de tosse seca, depois assentiu para si mesmo.

— Falei com sua irmã, Amarysse...

Um sorriso rasgou o rosto dele:

— Falou? Nodd tão feliz, tão feliz! Como está a irmã de Nodd? Conta de Amarysse, conta pra Nodd, por favor! — A animação o mandou numa longa série de tosses secas. Quando conseguiu falar de novo, perguntou: — A irmã de Nodd ainda é bonita, tão bonita?

Estremeçi por dentro. Não podia mentir para ele; ele iria vê-la em breve de qualquer jeito:

— Sim, é. Ela é... meretriz... agora, na Colmeia. Está bem, e preocupada com você.

O sorriso nunca vacilou:

— Nodd tão contente de saber, de saber que a irmã está bem! — Pareceu prestes a chorar por um momento, depois engoliu em seco. — Mais alguma coisa, mais alguma coisa que ela disse pra Nodd ouvir?

Morte resmungou enquanto eu desatava a bolsa do cinto:

— Sim, ela queria que você ficasse com estes cobres. Também vai te visitar assim que puder encontrar o tempo.

O balançar da cabeça de Nodd parou bruscamente e sua mandíbula caiu enquanto eu entregava as cem moedas.

Por baixo do capuz marrom-sujeira, seus olhos reluziam de alegria:

— Notícias maravilhosas, são sim, boas, notícias maravilhosas, aye! Nodd agradece, e agradece de novo, e agradece mil vezes mais, aye!

— Fique bem, Nodd. Vá visitar sua irmã em breve. — Fui embora sorrindo.

— Você é um tremendo mártir, chefe.

Me senti um pouco culpado mordendo a pera que comprei no mercado. Afinal, Mebbeth havia sido gentil o suficiente para botar mais mingau no fogão para nós, e paciente o suficiente quando Morte reclamou da textura viscosa e da falta de sabor. Talvez fosse a forma como eu o tapei na mandíbula que a apaziguou.

Ainda assim, o crocante da pera era refrescante, e o suco rebentou doce na língua. Não havia nada de sobrenatural no sabor, mas era talvez a melhor pera que eu havia comido. Deixei cair algumas moedas nas mãos do feirante enquanto comprava mais um par para o caminho.

— São as minhas favoritas — o velho feirante deu uma risadinha. — Tão doces! Me lembram da minha juventude.

O vendedor de tecidos que Mebbeth mencionara era um feirante de aparência mirrada com um pincel de pelos grisalhos e avermelhados no queixo. Usava várias camadas de mantos coloridos, tanto que parecia uma bandeira com

braços e pernas. Ele estava tremendo levemente enquanto eu o observava.

— Saudações. Você é Giscorl?

— Eu, Giscorl. — Ele fez uma reverência e estendeu as mãos trêmulas. Ao fazê-lo, notei que suas mãos e antebraços eram uma massa retorcida de tecido cicatricial preto... como se tivessem sido gravemente queimados.

— Ahn... o que você está vendendo?

— Giscorl compra tecido. — A voz de Giscorl tiquetaqueava como um relógio, plana e medida. — Giscorl vende tecido, lava tecido, conserta tecido e... — Gesticulou para suas camadas de roupa com as mãos trêmulas. — ...usa tecido.

Não deveria ter feito uma careta. Meus próprios braços eram muito piores, afinal:

— Ahn... como machucou as mãos?

Giscorl não pareceu me ouvir; respondeu apenas com seu papo, entregue no mesmo monótono plano:

— Giscorl compra tecido, vende tecido, lava tecido, conserta tecido e... — Gesticulou de novo para si mesmo com as mãos trêmulas. — ...usa tecido.

— Perguntei: como machucou as mãos?

O monótono de Giscorl quebrou:

— Giscorl c-compra tecido, v-vende tecido, l-lava tecido,

c-conserta tecido, e... — Gesticulou para si mesmo de novo, mas as mãos tremiam tanto que ele mal conseguiu terminar.

Tentei não encarar:

— Ahn... sem importância. Olha, estou aqui para buscar a lavagem de alguém... Mebbeth... a parteira... Praça do Trapeiro?

Giscorl piscou:

— Lavar tecido?

— Sim, Mebbeth... Praça do Trapeiro?

— Eh... pano? Trapeiro? — Ele bateu os dedos, como se contasse algo. — Sei. Lembro. — Levantou um dedo trêmulo, como se me pedisse para esperar.

Voltou com uma massa achatada de trapos verdes, fina como papel, mas tão rígida que pareciam poder servir de tábuas de madeira. Os trapos estavam tão impregnados de um amido verde-limão que pareciam precisar de anos de molho para amolecer.

Dei uma batida no tecido com os nós dos dedos, e um estalo oco foi a resposta:

— Ahn... quantas vezes você os lavou?

— Giscorl lava tecido, engoma tecido a cada quinto dia, lava tecido, engoma tecido a cada quinto dia. — Seus olhos piscaram. — Giscorl lava muitos anos. Sempre engoma

tecido no quinto dia. Ritual de Giscorl.

— Mas estão arruinados.

— Lavar tecido. É ritual de Giscorl. — A voz era plana, quase zumbiana. — Precisa engomar tecido a cada quinto dia.

— Qual o sentido de fazer isso a cada cinco dias quando eles não precisam... ah, sem importância, só me entregue.

Quando voltei, Mebbeth parecia absorta em torcer a moldura de galhos pretos que eu havia feito para ela... estava quadrando as bordas e quebrando algumas das sementes espinhosas dos ramos. Ela me notou na porta e pôs a moldura de lado:

— Aye, filho?

— Trouxe sua lavagem... acho que Giscorl foi um pouco pesado no ritual de limpeza.

Ela pegou as pilhas de trapos engomados e os examinou criticamente:

— Pelo menos não vão rasgar. — Suspirou. — Nem dobrar.

— O que houve com aquele feirante de tecidos, Giscorl? Suas mãos estavam todas cicatrizadas, e ele parecia... lento. — Bati na têmpora.

Mebbeth ainda virava o tecido nas mãos, batendo nele com o dedo:

— Bem, filho, às vezes se queima com a Arte, e outras vezes a Arte queima você.

— Foi o que aconteceu com ele?

Mebbeth estalar a língua:

— Pode ser. Tem uns pra quem usar a Arte é como respirar. Andam por aí com chapéus pontiagudos e cachimbos fedorentos... depois tem as bruxas de bairro e ciganas tocadas pelos planos e cartomantes e meia-videntes e parteiras que cintilam com a Arte... essas têm um tempo mais difícil com ela.

— E Giscorl era um deles?

Mebbeth assentiu:

— Aye... por assim dizer. De certas formas, ele não é tão diferente agora do que era. Viciado em hábito e ritual que era. — Ela pousou os trapos rígidos; eles bateram ao ser colocados no chão. — Aye, agora, tem uma última coisa que preciso de você, filho...

Mordi o comentário esperto que tinha preparado e controlei a voz para soar sério. O sarcasmo de Morte estava me contaminando:

— Claro. O que precisa?

— Só isso: preciso de algumas tintas para escrever ingredientes num dos meus livros de receitas. Vai precisar buscá-las de um dos feirantes — Kossah-Jai é o nome dela.

Assenti — só soltei o suspiro quando já estava do lado de fora.



Capítulo 18

Os cadáveres dos meus inimigos estavam espalhados aos meus pés. Sangue escorria do meu punho, pingando livremente da ponta do meu punhal e dos meus nós de dedo para se misturar na poeira revirada do chão. O cabo da lâmina ainda estava firme na minha mão apesar do sangue escorregadio. Passei por cima de um cadáver, a barriga aberta de modo que as entranhas encharcavam de forma úmida o calçamento gasto.

Vasculhei os corpos, catando alguns anéis e pulseiras de cobre sem dúvida roubados de suas vítimas. Os embolsei — uma parte de mim satisfeita com a ideia de que não prejudicariam mais ninguém. Um trapo com leve cheiro de óleo rançoso serviu para limpar as mãos. Ofereci-o a Morte, que estava sondando um dente com a língua para ver se havia afrouxado na armadura dos valentões.

— Não, obrigado, chefe — ele cuspiu. — Nunca se sabe por onde essas coisas passaram.

Sempre que eu era emboscado por um grupo de valentões, a maioria dos habitantes da Colmeia fazia um grande círculo ao redor de mim. Um homem, porém, olhava com admiração enquanto eu despachava os patifes.

Cada centímetro da pele do homem estava coberto por uma teia de linhas pretas; era como se algum artista tivesse escolhido acentuar cada dobra da carne com uma pena. O efeito geral era tal que mesmo quando seu rosto não mostrava expressão, ele parecia estar franzindo o cenho.

Olhei para ele:

— Saudações.

— Este aqui tem um nome: Este aqui se chama Porfíron.

— A voz do homem era como um gongo; enquanto falava, as linhas do rosto se dobravam e assentavam em séries de padrões esféricos. — Este aqui gostaria de saber: por que você se dirige a este aqui?

— Bem, você estava me observando. Acho que estou um pouco curioso.

— Este aqui gostaria que você soubesse: este aqui não pode responder às suas perguntas. — As linhas do rosto se contorceram em ângulos, depois se fragmentaram num emaranhado de rabiscos. — Este aqui pisou neste lugar de muros recentemente.

— Tudo bem. Mas tenho que te perguntar uma coisa: por que essas linhas no seu rosto... se movem?

— As linhas mostram raiva: Você se ofende? — As linhas se endireitaram lentamente, formando curvas gentis. — Nenhuma ofensa foi pretendida: Aceita as muitas

desculpas deste aqui?

Sorri levemente. Parte de mim queria conseguir ajustar minhas cicatrizes assim:

— Não me ofendi... por que está com raiva?

— Este aqui narra evento recente: Sabia que este aqui foi cercado por três? — Ele olhou para os cadáveres com desgosto. — Os três exigiram um item deste aqui. Este aqui temeu um ataque: O que faz este aqui? Este aqui entregou o item.

Assenti, bem ciente das feridas em brasa que pontilhavam meu corpo ainda sem curar:

— Bem, você estava certo em ter medo. Se eram três, poderiam ter te matado se não tivesse entregado o item.

— Este aqui foi mal compreendido. — As linhas do rosto ficaram anguladas, depois suavizaram em curvas. — Este aqui não temia ser morto: este aqui temia matar os três.

Ergui uma sobrancelha:

— Bem... se você poderia tê-los matado, por que deixou que te roubassem?

— Este aqui trilha o caminho de um guerreiro: Muitas armas caminharam com este aqui. O punho, a lâmina, o cajado, o machado, o bastão: Estas ferramentas são todas conhecidas por este aqui.

— Isso não é uma explicação... de novo, se é um

guerreiro com tanto treinamento, por que deixar que te roubassem?

— Este aqui tem proibição de atacar. — As linhas ondularam pelo rosto enquanto ele falava. — Se este aqui tivesse golpeado os três com raiva: O voto de não-violência seria desfeito.

— Voto de não-violência? Você é um guerreiro e um pacifista?

Porfíron piscou:

— Este aqui não está familiarizado com seu discurso: O que é este “pa-si-vis-ta”?

— Deixa para lá. Por que treinou tanto se não pode atacar outro?

— Este aqui é da Ordem de Erit Agge: Aguardamos os Dias Finais onde todos serão chamados à batalha. O treinamento e as habilidades deste aqui: São para ser mantidos em silêncio até então.

— Enquanto isso, vai deixar que te roubem na rua sem se defender?

Porfíron baixou a cabeça:

— Este aqui esclarecerá: O item tem valor. A disciplina do Erit Agge tem valor maior.

— Já que não vai lutar, alguma chance de convencer esses ladrões a devolver o item?

Ele franziu o cenho:

— Este aqui se dirige aos três ladrões: O que acontece? As solicitações deste aqui são recebidas com escárnio: Os três não vão devolver o item.

Apesar das queixas de Morte, estava me sentindo prestativo:

— Posso tentar recuperar o item para você.

— Este aqui precisa perguntar: Você traria violência aos três que roubaram deste aqui?

Dei de ombros, embainhando a lâmina:

— Bem, se não forem espertos o suficiente para entregar quando eu pedir, as coisas podem ficar feias.

As linhas do rosto do homem formaram uma série de elipses sobrepostas:

— Se essa é a mensagem que eles entendem: É assim que a mensagem pode ser transmitida.

— Muito bem então. Qual é o item que perdeu?

— O item é este: Um rosário de contas pretas e vermelhas usado ao pescoço. O valor dessas contas não é medido em cobre: O valor dessas contas é medido em fé.

— Muito bem. Verei se consigo encontrar esse rosário. Sabe onde esses três valentões podem estar?

— Este aqui sabe onde as palavras raivosas foram trocadas e o item foi perdido: Perto do bar que arde por

dentro? Os três estavam do lado de fora do lugar: Vestidos de preto e vermelho.

— Três ladrões vestidos de vermelho e preto, do lado de fora de um bar que arde por dentro? Não deve ser difícil de encontrar. Até logo.

Aquele recado teria que esperar. Embora enfiar uma lâmina nas partes moles e tenras de um valentão tivesse sua eficácia bruta e simples, eu podia sentir que estava bem perto de aprender a cuspir fogo pela ponta dos dedos. Menos sujo, e mais eficiente. Ou seja, se Mebbeth comesse a me ensinar de verdade em vez de me usar como moleque de recados.

Kossah-Jai era uma velha desdentada que cheirava a peixe e salmoura. Ao me avistar, abriu um sorriso largo e rosado:

— Peixe, meu filho? Cabeças de peixe, talvez?

— Filho? De forma alguma.

— Oh sim, sim! Mas filho você é, para minha idade! Hee-hee, os jovens de hoje...— sua risada era aguda e chiante.

Me inclinei para frente com um sorriso calmo:

— Acredito que esteja enganada. Dê uma olhada melhor.

Ela se aproximou arrastando os pés; o cheiro de peixe era quase insuportável. A velha franziu o cenho primeiro para o meu rosto, depois para os meus olhos. Só então

recuou surpresa:

— Oh, minha nossa! Quantos anos esses olhos já viram?

Dei de ombros:

— Não sei... quantos você acha?

— Não sei, não sei. Muitos demais, diria. Mas não importa! — Ela se inclinou perto para sussurrar no meu ouvido. — Não adianta alarmar os passantes; guardemos isso como nosso segredinho. — Voltou ao tom normal. — Então: peixe, meu filho? Hee-hee! — Me cutucou na barriga.

A velha cutucou firme e tinha o dedo ossudo. Esfreguei o estômago:

— O que você está oferecendo, exatamente? — Dei uma olhada na carroça.

— Peixe, meu filho bobo! Peixe de todo tipo — e cabeças de peixe, para quem está curto de dinheiro. Cabecinha de peixe! Hee-hee!

Decidi entrar na brincadeira. A mulher adorava o que fazia:

— De onde vêm os peixes?

— São trazidos para Sigil de todos os cantos dos Planos, meu menino! Quer alguns? Vendo só as cabeças, caso esteja sem moeda...

— Mebbeth disse que você vende tinta. Ela me mandou

comprar.

— Tinta? — Ela riu. — Não, senhor, só vendo peixe, só peixe...

— Tem certeza? Mebbeth... a parteira da Praça do Trapeiro... mencionou você especificamente.

— Heh! Bem, Kossah-Jai era o nome da minha mãe, e o nome da minha avó, então pode ser qualquer uma de nós... mas as duas estão no Livro dos Mortos, então só essa Kossah-Jai importa. Nem ideia do que ela está falando... uma parteira na Praça do Trapeiro, diz você? — Ela pensou por um momento. — Não a conheço, não.

Joguei as mãos para o alto:

— Então... não tem tinta? Bem, não posso dizer que isso é muito de surpresa. Juro que Mebbeth me manda dar voltas em círculos—

— Espera aí... sua amiga parteira não está de todo errada. Sei como você pode conseguir tinta... mas pode não ser a tinta que procura... a tinta que estou pensando sangra das guelras de um brogota-fin, sangra sim.

— Esse brogota-fin... sangra tinta?

Ela franziu o cenho:

— Aye... o problema é que esse peixe não é pra comer, tem um gosto horrível, queima a língua... pode perguntar pra Meir'am, ela fica com seus peixes um pouco mais ao sul

daqui. — Ela cacareou. — Ela pode ter um desses peixes na vara...

Delicioso.

Uma mulher de ombros largos se movia entre as vigas enormes deitadas na rua enquanto eu passava. Ela chutava as vigas com botas de solas de ferro; de vez em quando se curvava e arrancava um prego de uma das tábuas com as mãos nuas. Erguia cada um, avaliava, e o deixava cair numa bolsa de couro.

Caramba, essa mulher era dura como sola velha.

Assoviei, impressionado. Morte arqueou um olho, depois abanou a língua como se antecipasse o que aqueles dedos calejados e duros poderiam fazer.

Ao me notar, a mulher se endireitou. Estava sorrindo com educação, mas pela postura e pela forma como a mão pousava perto do cabo da arma, dava para ver que estava pronta para o problema. Era construída densamente, e um dos olhos tinha um filme leitoso sobre ele.

— Chega por aí, camarada... o que precisa de mim?

— Er, com licença. Só notei você arrancando esses pregos. É bastante impressionante.

Ela puxou três pregos da bolsa, os jogando girando no ar e os apanhando na palma. — Aye. Pregos de Ferro, me chamam. — Os jogou de volta na bolsa com um tilintar abafado.

Olhei para as tábuas crivadas de buracos irregulares. A madeira por dentro de muitas delas ainda era de um amarelo pálido, como se recém-exposta:

— Por que coleciona os pregos?

— Vendo eles pra um homem chamado Hamrys, no Distrito Inferior. Fabricante de caixões, é ele.

— Me conte mais sobre esse Hamrys.

— Não tem muito a dizer... ele é um pouco falador — vai chacoalhar a caixa-de-miolo até você enlouquecer, se deixar.

Lancei um olhar para Morte:

— Acho que sei o que quer dizer.

— Isso foi duro, chefe.

Ela sorriu:

— Aye. Mas é um negociador justo. Ele precisa dos pregos, eu preciso do dinheiro, e é isso.

— Onde fica o Distrito Inferior? Tenho vagado pela Colmeia por alguns dias e gostaria de explorar um pouco.

Pregos de Ferro franziu os lábios:

— Eh... eu conhecia o caminho, mas os dabus mudaram as ruas de novo. Não sei como chegar lá agora — vou ter que traçar um novo caminho — mas acho que os dabus vão resolver logo.

— Mais alguém por aqui coleciona pregos?

Ela sorriu e balançou a cabeça:

— Ninguém foi esperto o suficiente nem teve disposição de fazer isso antes de mim, e já mandei embora qualquer um que tentou invadir minha área. — Ela fez um carinho amoroso no punhal de lâmina comprida pendurado no quadril.

— Sua “área”?

— Aye, é como chamo! Trabalho honesto é difícil de encontrar na Colmeia, e não estou disposta a deixar nenhum parvo me roubar o esforço. Já mandei mais de um correr berrando, segurando as tripas... ou junto com os Coletores, se estiveram com azar. — O olho morto brilhou maliciosamente. — A Colmeia sabe que esse ponto é de Pregos de Ferro, sabe sim.

Com a abundância de garotas de programa e ladrões por toda a Colmeia, era preciso realmente respeitar alguém que fazia um trabalho honesto e decente. No fundo da mente, porém, eu não achava que ela conseguiria fazer o outro trabalho se tentasse, a não ser que estivesse planejando dar uma surra no pobre coitado e roubá-lo depois. Era bem quadrada para uma mulher.

Eu havia me acostumado tanto a cicatrizes e ferimentos agora que minha língua escorregou de forma descuidada:

— Foi assim que seu olho foi arruinado?

O rosto de Pregos de Ferro ficou duro:

— Não é da sua conta, idiota. Por quê? Quer uma ferida combinando para a sua coleção?

Sorri:

— Não, aquela em particular não combina comigo.

Ela deu uma boa risada:

— Aye, e acho que você já não tem muito espaço para mais uma cicatriz!

— Verdade suficiente, Pregos de Ferro. Bem, estou num recado, então foi um prazer te conhecer.

Ao dobrar a esquina, o suave cheiro oceânico de peixe me cumprimentou. O aroma pungente picava contra o ar seco e empoeirado do mercado. Uma velha estava parada silenciosamente junto à parede, fitando a distância. Parecia não se importar com o fluxo de tráfego ao redor, e segurava uma vara de madeira da qual dezenas de peixinhos pendiam.

— Olá.

— Oh... 'lá, senhor. — Ela me fitou por um momento, tentando me identificar. Para uma feirante, parecia estranhamente despreocupada com compradores. — Oh minha nossa! Aqui estava eu achando que você fosse um dos meus clientes regulares. — Ela proffered sua vara. — Atum, senhor? Cavala? Pepino-do-mar?

— “Pepino-do-mar”? Ora, você está inventando — Morte fitou a vara.

Afastei uma coisa marrom enrugadinha, úmida e com a forma de um grande pickles escuro e embolado:

— Sem peixe, obrigado. Tinha algumas perguntas...

— Hrmm... — Sua boca se contraiu num franzir de lábios apertados, e ela fitou por cima do meu ombro.

Me virei para ver o que ela fitava. Não consegui ver nada de interessante atrás de mim. Ao me virar de volta para a velha, a apanhei me olhando... ela desviou rapidamente, retomando seu olhar distante como se contemplasse o passado.

— O quê? Pareço familiar para você?

— Duvido que ela perderia de vista um sujeito alto, de pele cinza, todo cicatrizado e feio como o diabo.

— Meu Deus, não! — Ela fez uma pausa. — Aye, parece sim.

— Então já me viu antes? — Não consegui esconder a urgência da voz. Um elo com meu passado, qualquer passado, seria raro de fato. Havia vagado por essa imensa cidade por alguns dias e encontrar alguém que me reconhecia, mesmo que fosse uma memória turva, me animou. Que sorte!

Suas palavras foram cautelosas:

— Acho que sim... você, ou um homem com seu exato rosto, senhor. Foi há tanto tempo.

— Me conte...

— Bem, senhor, veja... minha visão não é tão boa agora, e não era naquela época também. Mas achei que vi você passar com um pequeno grupo atrás de você.

— Como eram essas pessoas?

— É difícil dizer, senhor... foi há tanto tempo, e você passou tão depressa. Mas me lembro agora, da maneira como segurava a cabeça... havia uma mulher seguindo você, tentando te parar. Para que você se virasse, falasse com ela... mas você a empurrava para o lado.

Deionarra... uma brisa fria varreu meu peito, como se o nome me tivesse acariciado. Tive que trabalhar um pouco de umidade na boca:

— O que aconteceu então?

— Uma bela mulher, era... parecia tão triste, tão furiosa ao mesmo tempo. Ela ficou parada um momento, depois seguiu atrás de você assim mesmo, correndo para alcançar.

Um grupo?

— Você disse que havia um grupo? Quem mais estava lá?

Ela deu de ombros:

— Havia pelo menos dois outros cavalheiros com você,

senhor... o único que me lembro com clareza, porém, era alto, magro. Cheirava a bub — o senti do outro lado da rua. Parecia que não tomava banho há séculos. Seguiu você de perto, e nunca disse uma palavra. Agia como se a mulher nem existisse, mesmo quando ela esbarrava nele tentando te parar. É tudo que me lembro, senhor.

Deixei cair um punhado de moedas na palma da mulher:

— Obrigado. Foi muito informativo.

Ela sorriu:

— Oh, minha nossa! Ora, obrigada, senhor, muito obrigada. Que a sombra da Senhora passe por cima de você.

— Agora, ouviu falar de um Brogota-fin? Me disseram que sangra tinta pelas guelras.

Ela piscou, depois assentiu:

— Aye, esse peixe... esse peixe é um estranho. Poucos ouviram falar dele e menos ainda gostariam de comê-lo... difícil de matar, e mesmo na morte ainda parece viver. Poucos querem cravar os dentes em algo que ainda se contorce.

— Você tem um?

— Aye... mas para a tinta, vai precisar de algo para carregá-la. Tem uma tigela ou copo?

Minhas mãos ainda vasculhavam o cinto mesmo

sabendo que não havia nada ali:

— Ótimo... vou procurar uma, então volto.

Uma rápida visita a um dos feirantes do mercado me deu o que precisava. A jovem não pediu moeda: a caneca amassada não era algo que conseguiria vender. Estava coberta de mossas, e a alça parecia prestes a cair.

— Ahn... parece que foi usada na cabeça de alguém.

Ela apenas sorriu levemente.

Meir'am assentiu ao eu apresentar a caneca miserável e pescou um peixe da vara... ele se contorceu quando ela o agarrou, depois começou a se sacudir enquanto ela o torcia como um pano. Ela o espremeu até um ícor azul-negro começar a pingar das guelras. Quando a caneca estava quase cheia, ela relaxou a mão e jogou o peixe ainda se contorcendo numa sacola ao lado.

Sorri:

— Obrigado, Meir'am. Bons negócios para você.

— Aye, para você também.

Ao me virar, esbarrei num homem em longos mantos pretos e rosto pálido. Me tensei instintivamente. Parecia ser uma das mesmas pessoas do Mortuário — um Dustman — mas ao contrário deles, esse homem parecia confuso e olhava ao redor. Quando me avistou, ergueu a mão para chamar atenção.

Bem, enquanto não pudesse chamar os guardas do Mortuário, devia estar bem.

— Posso ajudar?

O homem pareceu aliviado com que eu estivesse falando com ele. Fez uma pequena reverência:

— Obrigado por me ouvir, viajante. Sou conhecido como Manto-de-Cinzas, um dos Dustmen. Estava me perguntando se poderia me orientar... não conheço bem a área, e estou procurando um certo estabelecimento, um bar que os de minha seita frequentam. Sabe de tal lugar?

Ergui uma sobrancelha:

— “Seita”? Não quer dizer “facção”?

O Dustman assentiu:

— Bem, sim, facção, quis dizer facção... seita, facção, são muito parecidas mesmo, não são... por acaso conhece esse bar que minha facção frequenta?

Tinha um palpite de que esse sujeito estava escondendo algo:

— Bem, temo que não possa te ajudar com isso. Mas estou curioso — poderia responder algumas perguntas?

Ele assentiu:

— Seu pedido é razoável.

— Pode me contar um pouco sobre os Dustmen?

Ele fez uma pausa por um momento... depois assentiu:

— Com prazer. Nós... os Dustmen... reconhecemos esta vida pelo que é: uma oportunidade de experimentar nossas paixões antes da próxima vida. Vasculhamos a poeira das vidas passadas em busca de significado antes da próxima.

Tossi:

— Ahn... essa é uma visão incomum para um Dustman.

O homem piscou:

— Bem... não sou um Dustman comum.

Me movi desconfortável enquanto o silêncio constrangido se pendurava entre nós. Se soubesse mais sobre os Dustmen, talvez pudesse avaliar o que havia de errado, mas até então era melhor deixar:

— Bem, talvez deva ir então.

O Dustman assentiu e fez uma última reverência:

— Obrigado pelo seu tempo.

Estava prestes a me virar quando de repente tive a sensação de que algo estava errado. Desconfiado, dei uma olhada de relance em Manto-de-Cinzas bem a tempo de vê-lo enfiar algo nas mangas... parecia algo meu.

— Ei! O que você pensa que está fazendo?!

O homem me olhou com inocência, mas vi que se tensionou:

— Com licença?

Rosnei:

— Você não é nenhum Dustman. Você é um batedor de carteiras.

O rosto dele estava calmo, expertamente plácido. Por um momento pareceu prestes a responder com uma negação, mas rápido como um chicote pulou e saiu correndo.

— Ei! Volta aqui, seu rato!





Interlúdio

Você esconde um sorriso atrás da caneca. Ouviu muitos bardos na vida, e poucos precisavam passar pelos “Portões Dourados” tão cedo quanto Oudilin disse. Bastante pouco profissional. Por outro lado, derrubar cinco canecas de cerveja conseguiria esse feito para qualquer um, até mesmo para um Deva. Também responde algumas perguntas sobre o funcionamento do corpo de um anjo.

A plateia murmura enquanto ele sai, discutindo o diário ganho vida nas palavras de um anjo. Olhando ao redor, você descobre com surpresa que a pequena mistura havia crescido consideravelmente. A taverna havia se enchido lentamente ao longo da narração, e poucos haviam saído nesse tempo. Cada banco e cadeira estava ocupado — claramente insuficiente para a fila crescente de clientes que se viam tendo que sentar nas bordas das mesas ou se apoiar nas paredes.

A tigela de crocantes salgados de fogo que você vinha beliscando havia ajudado a criar uma boa sede. Sozinhos eram levemente apimentados, mas um bom punhado deixava língua e lábios em brasa. A pitada de sal marinho adicionava um contraste afiado que a maioria

achava levemente viciante, e Shara Seis-Lâminas estava rapidamente repondo as tigelas ao longo do balcão e pedindo para que mais fossem colocadas nas mesas.

O cambion agachado no chão e acorrentado pelo pescoço apenas faz uma careta e polue sua caneca. Parece ser a mesma que ele estava trabalhando quando você entrou. Se não parar logo, vai tirar o acabamento.

Você descobre que sua garganta está pedindo uma bebida, e a boca salivando por mais um crocante. Ah, que armadilha engenhosa!

Shara Seis-Lâminas é rápida para te servir um copo do néctar de hevala para o qual você gesticula. Bem diluído, claro — a coisa era enjoativamente doce e espessa sem diluição, boa apenas para crianças com fome insaciável de açúcar. A bebida é calmante na língua, doce com um sabor reminiscente de pêssegos de verão e mirtilos, recém-colhidos e ainda úmidos com o orvalho da manhã.

Você joga um crocante na boca.

— Conto fascinante, verdadeiramente fascinante. Embora, claro, algumas partes certamente tenham sido dolorosamente exageradas — uma voz forte e severa murmura ao seu lado.

Você olha para cima para um rosto emoldurado por um capacete vermelho espinhoso e um corpo em armadura combinando, vermelha como o sangue de um pecador. É

de aparência jovem e pele lisa — ou um lutador altamente competente para estar tão intocado, ou um recruta novo. — O Harmonium — ele continua — envia suas patrulhas regulares pela Colmeia. Tantas gangues de assassinos e ladrões — e em plena luz do dia! Impossível.

A mulher em armadura de couro gasto e trapos cobertos de poeira, Scii-tavakis, sorri por cima da caneca. É um sorriso cheio de dentes, sem afeto:

— Oh? E suponho que você está aqui para manter a paz, aye?

O guarda do Harmonium se levanta com orgulho:

— Aye. Meu oficial ouviu falar de uma reunião incomum aqui na Colmeia, e fui desviado da patrulha para ficar de olho nas coisas.

A mulher dá uma risadinha seca, mantendo o corpo como aço mesmo recostado. Aquela lança no canto do braço parece que viu bastante uso: a madeira logo após a ponta de obsidiana está tingida de um vermelho profundo, enegrecida com a idade. Ela é uma cobra enrolada, pronta para bote:

— Já estou nessa cidade estranha por um tempo, Cabeça-Dura. A patrulha habitual no, digamos, Distrito dos Escribas consiste de três a cinco. Onde estão seus companheiros, Cabeça-Dura?

O jovem oficial faz uma careta e se mexe

desconfortavelmente, olhando para a guerreira como se considerasse se poderia prendê-la:

— Eu... creio que devem chegar a qualquer momento.

O pálido Escalas-de-Três para de contar moedas atrás do balcão e olha para cima, encarando a pequena multidão como se pudesse precisar intervir como mediador. Enquanto o jovem guarda do Harmonium relaxa, porém, o rilmani volta seu olhar de madeira para a tarefa.

— Não há necessidade disso, Mikon — Shara Seis-Lâminas diz ao guarda do Harmonium. — Você sabe que tenho pouca tolerância para violência, a não ser que me convenha. Posso encerrar qualquer briga, mais ou menos.

— Cuidado — Escalas-de-Três entoia com sua voz rouca. — Numa aglomeração como esta... equilíbrio... é necessário. — Com isso, ele aconchega uma pilha de moedas numa pequena bolsa e rabisca num livro de contas. — Agora estamos na ponta de um precipício, íngreme e alto. Nosso apoio é escorregadio, e a queda seria fatal de fato. Equilíbrio... — ele murmura.

Shara estalar a língua:

— O único equilíbrio com o qual estou preocupada é a situação precária com a Cerveja do Nó Preto. — Ela balança um molho de chaves diante de Escalas-de-Três. — Vai ao depósito e rola quatro barris novos pra cá. Estava guardando esse estoque para o Festival das Serpentes do

mês que vem, mas com esse tipo de movimento...

O rilmani pisca dentro do seu manto em forma de ovo:

— Mas — os livros de contas—

— As moedas continuam fluindo — ela o corta. — E nesse ritmo vamos estar no fundo do barril em meia hora. Vai logo e traz mais doze latas desses crocantes também.

Enquanto Escalas-de-Três se apressa para sair, Shara Seis-Lâminas olha para você com um sorriso:

— Um bom trabalhador e contador confiável, mas que sujeito pregador. Não estaria pensando no almoço agora? A cozinheira vai ter uma noite difícil pela frente, mas bem que podemos manter as barrigas cheias enquanto as gargantas estão molhadas.

Quando Oudilin retorna, um bom corte de veado é colocado diante de você, coberto de um molho cinza fumegante e pontilhado de fatias de cogumelo. Um pouco mais rico do que você estava acostumado, mas você havia pulado o café da manhã na pressa de encontrar seu velho amigo. O cheiro de especiarias e gordura era sedutor.

— Agora — a voz penetrante de Oudilin corta o burburinho rapidamente, o silêncio repentino soando como um gongo de bronze. — Como eu estava dizendo, a presa do Sem-Nome, embora um pobre Dustman...



Capítulo 19

Manto-de-Cinzas pode ter sido uma péssima imitação de Dustman, mas corria naquelas perninhas finas com a habilidade de um ladrão experiente. Desviou dos habitantes da Colmeia que não pouparam nem um segundo olhar para um patife em fuga, e esbarrou num homem carregando uma cesta de fruta roxa e mole. Atirando o sujeito para trás enquanto fugia, Manto-de-Cinzas girou habilmente nos pés e correu. A cesta voou das mãos do homem, espalhando os bulbos em forma de pera e macios pelo chão.

Eles esmagaram sob os pés, escorregadios como banha, e quase cai ao derrapar para frente.

— Morte! — gritei. — Rápido!

— Chefe?! — ele gritou de volta, e com uma mão na quadernação agarrei ele pelo maxilar.

— KIEFE?!

Balancei.

— AIIIIIIEEEEEEEEEE!!!!

Morte girou pelo ar enquanto voava, redemoinhando como um pião branco-pálido enquanto espiralizava em

direção ao falso Dustman...

E passou zumbindo pelo ouvido dele.

Por uma fração de segundo preendi a respiração, até ouvir um grito agudinho e feminino. As mãos de Manto-de-Cinzas se agitaram enquanto ele tapava Morte, que agora se prendia pelos dentes à sua juba marrom-ferrugem. Quando ele girou e puxou, Morte saiu livre com a boca cheia de fios de marrom — pontilhados de bits de sangue e carne que haviam sido arrancados do couro cabeludo do homem.

— Devolve o que roubou! — rosnei, agarrando um punhado de suas vestes.

Ele me olhou com calma, como se estivesse prestes a ceder:

— Com prazer. — Com isso, enterrou meu próprio punhal fundo na minha barriga.

Olhei para baixo para a carne rasgada e o sangue escorrendo ao redor do ferimento. Doía como os Nove Infernos, mas um ferimento de barriga assim era uma morte lenta se fatal, e com o médico certo raramente era. Encarei-o enquanto o horror puro fazia as pupilas dele recuarem.

Grunhi enquanto minhas mãos se envolviam ao redor do crânio dele:

— Isso cócegas.

Com uma torção rápida e um estalo satisfatório, o grito de Manto-de-Cinzas foi cortado na garganta — o gemido moribundo um mero assobio que ecoou na traqueia.

Morte estalar a mandíbula:

— Você tem muito estilo, chefe.

— Lamento muito, Morte — olhei para o cadáver. — É que depois de todos esses valentões... ninguém deveria ter que lidar com isso. Lamento. — O sujeito certamente não merecia morrer, necessariamente. Quer dizer, tudo que fez foi me roubar. E me esfaquear com meu próprio punhal.

Era algo para eu lembrar se fosse encontrar meu caminho nesse mundo. Às vezes, é verdade — é preciso matar para sobreviver. A morte é uma faculdade tão verdadeira à vida quanto respirar ou comer. Mas quando alguém apela para a conveniência em vez de a necessidade... encarei o cadáver.

— Lamento.

— Sim, bem. Não é como se eu usasse minha cabeça pra mais alguma coisa — Morte murmurou.

Meu estômago roncou:

— Vamos lá, vou te comprar almoço.

Um homem de aparência sórdida próximo foi rápido em notar que havia chamado sua atenção; em instantes estava sobre mim, vendendo suas “mercadorias”. Carregava

uma longa vara de madeira; dezenas de ratos esfolados e cozinhados pendiam dela, balançando como fruta carnuda e carnosa. Enquanto falava, gesticulava para eles com uma mão larga e encardida de sujeira, sorrindo um sorriso amarelo e torto o tempo todo:

— Oi, camarada, como vai? Que tipo de ratinhos dee-li-cio-sos te interessa nesse belo dia?

— Ó pelos poderes, chefe. Por que a gente nunca vai a algum lugar bacana, hein? Tipo o Dríade Sem-Teto ou a Casa das Muitas Mamas da Mamãe Marm — a voz era jocosamente animada, mas ainda havia um pouco de amargura pela pobreza atual.

— Acho que não temos dinheiro suficiente para esses lugares, Morte — suspirei. — Quando em Sigil—

Dei mais uma olhada nas mercadorias do homem.

Cada rato havia sido esfolado e esventrado, com os pés e rabos removidos; pendiam da vara por ganchos furados no pescoço. Enquanto examinava as várias maneiras como foram preparados, notei que suas cabeças estavam ligeiramente deformadas — um nó bulboso de osso protuberante de cada crânio, coberto de sulcos que lhes davam a aparência de tecido cerebral.

— Esses são ratos de aparência estranha.

— Ah, você tem um olho afiado, camarada! Só vendo ratos cranianos eu vendo... tenho certeza que vai achar

que têm um sabor muito mais rico do que seu rato comum. Bem gostosos, na verdade! — Ele os ofereceu mais uma vez, balançando a vara na frente do meu rosto sugestivamente... os ratos balançavam de um lado para o outro, pendurados como pequenos pedaços de carne.

— Ratos cranianos? Talvez isso não fosse uma boa ideia afinal.

— Aye, camarada, ratos cranianos. Criaturas horríveis, são. Veja bem, os ratos normais só comem os estoques e se multiplicam, espalham doenças e tudo isso... uma praga, realmente, nada mais. Mas o seu rato craniano — o verme cerebral que eu persigo — esses são um problema. Quando você reúne mais do que um punhado dos bizoirinhos juntos, eles ficam espertos... às vezes bem espertos.

Aqueles sulcos ósseos prenderam meu olhar de novo:

— Eles ficam mais inteligentes?

— Tão certo quanto estou aqui de pé diante de você, ficam! Se eu topasse com mais de duas dezenas deles, fugiria para o meu esconderijo assim... — Ele estalar os dedos para enfatizar. — Assim! Você reúne essa quantidade deles num grupo, bom... ficam tão espertos quanto um homem, ficam!

Ele se inclinou perto:

— Aqui vai meu melhor conselho, camarada... se estiver determinado a caçar ratos cranianos, fique em grupos

pequenos. Uma dúzia ou mais, no máximo. Mas vou te dizer... — Ele se aproximou, o hálito fedorento na minha cara, e falou em tom abafado: — Se topar com mais do que isso... mais de duas dúzias... corre como se estivesse à sombra da Senhora! — Recuou de mim de novo.

Me afastei também:

— Por quê? O que há para temer?

— Feitiçaria, camarada... feitiçaria! Você reúne bichinhos suficientes num espaço, eles ganham todo tipo de poderes estranhos! Fazem o cérebro de um sujeito escorrer pelos ouvidos, fazem! Absolutamente aterrorizante... está tudo errado, digo. É por isso que Sigil quer tanto se livrar deles... a recompensa, e tudo.

A palavra foi música aos meus ouvidos:

— Recompensa? Alguém paga por rabos de rato?

— Isso mesmo, camarada! Tem um sujeito no Escritório de Controle de Pragas e Doenças, de nome Lort, que paga recompensa por eles. Um cobre por cabeça — er, rabo — é o que é, ei. Mas precisam ser ratos cranianos... não apenas ratos comuns.

— Me fale mais sobre esse tal de Lort.

— O nome dele é Phineas. Phineas Lort. Acho que era um figurão, foi derrubado pelos rivais e jogado aqui no rabo-do-mundo de Sigil. O sujeito fica lá sozinho a noite toda e o dia inteiro, parece, esperando que o povo traga

rabos e pagando a recompensa. Sabe a melhor parte? O pobre coitado deve ser alérgico a rato, porque está sempre com uma erupção enorme! Ho ho! Que os poderes louvem por eu não ser aquele sujeito.

— “Derrubado”? Alguma ideia de por quê isso aconteceria?

— Bem, ele é bem tagarela — vai chacoalhar a caixa-de-miolos por horas só sobre o quanto é esperto e coisa do tipo. Talvez isso tenha algo a ver com isso. — Deu de ombros.

Dei uma risadinha:

— Acho que consigo lidar com isso.

— Então — ele abriu um sorriso. — Vai querer experimentar um bom ratinho? São boa comida são!

— Acho que prefiro comer tripas — Morte fez uma careta.

Fiz uma careta também. Talvez Morte tivesse razão:

— Er. Outra hora.

Creeden deu de ombros e seguiu feliz em frente.

— Não acha que um almoço quente vai nos deixar quites, chefe. Espero uma atenção de primeira de uma gata mais tarde.

Mergulhei a mão na bolsa, avaliando quanto tínhamos:

— Bem, temo que não seja a Casa da Mamãe Marm, mas

verei o que consigo.

Duas tigelas fumegantes de miúdos ensopados depois, íamos caminhando para a casa de Mebbeth para completar meu treinamento esperançosamente.

Quando voltei à cabana, Mebbeth estava puxando a massa de trapos engomados verde-limão que eu havia trazido de Giscorl... ela parecia estar propositalmente desgastando as bordas, como se tentasse descolar as camadas de alguma forma. Ao me ouvir se aproximar, ela se virou.

— Aye, filho?

— Aqui está essa tinta que queria.

Mebbeth pegou a caneca de tinta de mim e a cheirou:

— Tinta boa, fresca, aye... — Assentiu para mim. — Você se saiu bem, filho. Tudo que pedi. Agora, te pergunto de novo: depois de tudo que viu, ainda quer aprender a Arte?

Sorri com ar de quem sabe:

— Sim. Afinal, o objetivo dos seus recados era testar minha persistência, não era?

Mebbeth sorriu, depois assentiu:

— Sim... talvez, filho, talvez.

— E não é só isso; você sabia de antemão com quem eu precisaria falar para realizar cada recado, não sabia?

Mebbeth assentiu de novo, mais devagar desta vez:

— Talvez, filho, talvez... se for assim, o que seus sentidos lhe disseram sobre eles?

Contei nos dedos:

— Chora-por-Árvores me mostrou que minhas crenças afetam o mundo ao meu redor. Giscorl me ensinou que o ritual é esforço desperdiçado quando o propósito do ritual é ignorado. Meir'am me ensinou que não importa o quanto eu ache que sei, ainda há muito que posso aprender pelos olhos de outro.

Mebbeth ficou em silêncio por um momento, depois caminhou lentamente até mim e me tocou com ternura na bochecha.

— Oh, filho... — Ela suspirou. — Vai ser um mestre feiticeiro um dia, vai. Você tem o saber disso, mas... você veio à Velha Mebbeth em busca de ajuda. O que uma parteira poderia ensinar a alguém assim?

Minha mão foi quente e gentil no ombro dela:

— Muito, Mebbeth. Quero aprender tudo que tem a ensinar.

— Então vai trilhar o caminho... — Mebbeth fez uma pausa. — Bem, primeiro as coisas primeiras: só ter o talento para a Arte não é suficiente. Você precisa de um meio de dar foco a ela — geralmente são “magias”. As magias geralmente ficam num livro. Por isso a Arte exige que você tenha um grimório antes de poder lançar magias.

Sabe ler?

Me movi desconfortavelmente:

— Acho que sim.

— Então vamos testar: consegue ler isso? — Mebbeth tirou um pequeno cartão surrado... parecia uma receita.

Ao fitá-lo, a escrita na receita nadou diante dos olhos, cada símbolo saindo de foco toda vez que eu tentava ler. Quase que por instinto, relaxei os olhos, deixando-os absorver a página toda de uma vez... e os símbolos de repente se misturaram: a receita listava medidas, ingredientes... parecia ser uma pequena adivinhação.

Olhei para Mebbeth:

— Isso é uma adivinhação menor, não é? Parece ser uma magia que permite ao usuário ver a “natureza” de um item... para saber se é encantado ou não.

Os olhos de Mebbeth se arregalaram e ela deu um passo para trás, recuando de susto:

— Quem é você para testar a Velha Mebbeth assim?! É algum infero?

Me afastei dela:

— Não... bem, não que eu saiba. O que foi?

— Bem... não estava esperando isso... — Ela assentiu para a receita, apertando o peito. Deu uma respiração funda e então a tirou da minha mão. — O que você vê

está escrito na língua da Arte. Se ainda não for um mago, deveria ser todo um redemoinho de mistura confusa. — Ela estalar os dedos. — No entanto, clara como cristal, você pega o sentido dela num pulo. Talvez a Velha Mebbeth possa te dizer por que isso é?

Aquela coceira estranha rastejou pelo interior do crânio de novo:

— Acho que talvez já soubesse, mas esqueci... ver os símbolos só sacudi minha memória.

— Ou então um dom natural que você pode ter... não importa, não importa, você acabou de diminuir as estações do seu aprendizado. — Mebbeth resfolegou. — E eu estava procurando alguém para ajudar com as tarefas por aqui, estava...

Sorri:

— Se precisar de ajuda com alguma coisa por aqui, pode pedir... é o mínimo que posso fazer em troca de você me ensinar. Só, er... vou voltar ao mercado?

— Não, não, não se preocupe com isso... — Ela franziu o cenho. — Bem, você sabe ler magias bem o suficiente, mas magias não lhe servem de nada sem um livro para colocá-las...

— Você tem um?

Mebbeth olhou ao redor da cabana, e então avistou a moldura de galhos pretos que eu fizera. Ela a pegou com

cuidado e a examinou:

— Isso vai servir.

— Aquilo? É só uma moldura.

— Ah, mas você também é só uma moldura, filho...

— Ainda segurando a moldura, ela pegou um dos trapos engomados que eu trouxera de Giscorl. Com uma puxada, ela retirou o filme de amido verde endurecido da superfície; ele esvoaçou no ar como um pedacinho de tecido etéreo. — O que quer que Giscorl use na lavagem funciona melhor do que cura, esticamento e pedras num trapo normal. Não posso comprar pergaminho...

— Pergaminho...?

Ela pegou o filme de amido e o puxou sobre a moldura de galhos pretos, prendendo as bordas do trapo nos ganchos ao redor da moldura até parecer uma pequena tela de pintor esverdeada e negra.

— Está faltando alguma coisa...

— Bem, precisa de algo pintado nela.

Ela assentiu:

— Aye, ou escrito... — Mebbeth pegou a caneca de tinta que eu lhe dera e a pousou ao lado. Mergulhou uma das unhas na caneca, depois a tirou, murmurando para si mesma. Ainda murmurando, Mebbeth começou a riscar símbolos na moldura, um por um.

— Pronto. — Mebbeth se levantou, secando a unha manchada de tinta no manto. Inclinou a cabeça, contemplando a estranha página emoldurada diante dela. — Uma página para o seu grimório. — Gesticulou para mim, e eu a peguei.

— Dentro do seu grimório ficam suas receitas... suas “magias”... se quiser. Enquanto estiverem no livro, porém, são só palavras. — Ela bateu na cabeça. — A Arte exige que você arranque a magia do livro e a coloque no sótão... sua cabeça — antes de poder usar o poder delas.

— Continue...

— Você as coloca no sótão estudando-as, memorizando-as. Geralmente precisa descansar antes de poder fazer isso. Alguma pergunta?

— Não, Mebbeth.

— Oh, sem perguntas, hein? Bem, então, você deve saber tudo sobre como memorizar magias! Você é um talentoso! Com certeza não precisa das palavras velhas da Mebbeth tomando seu precioso tempo... já é um mestre feiticeiro!

Levantei as mãos defensivamente:

— Me perdoe, Mebbeth. Não quis dizer que não tenho perguntas sobre o que disse. Por favor, explique como memorizar magias.

— Hmph. Muito bem então. Aqui está o segredo de

como memorizar as magias: escolha as que quer guardar no sótão do seu grimório antes de dormir. Quando acordar de manhã, elas estarão zunindo na sua cabeça como moscas, prontas para serem soltas.

Passei a mão pela moldura:

— Quantas magias posso lançar?

— Você pode lançar apenas uma, talvez duas magias antes de precisar descansar de novo... como um mago pequenino e farfalhante, não há muito espaço no seu sótão. Por isso use suas magias com sabedoria até ficar mais sábio na Arte. À medida que seu poder aumentar, você terá mais espaço no sótão para magias.

— Tudo bem... continue...

— Você só pode lançar magias que memorizou. Por isso, se quiser usar a Arte para, digamos, Remendar algo duas vezes, precisa memorizar a magia... quantas vezes?

— Duas.

Mebbeth assentiu:

— Aye, duas, certo. — Deu de ombros. — Como consigo mais magias?

— Fique de olhos e ouvidos abertos para aprender — mesmo pessoas comuns podem ter algumas magias menores para ensinar. Também há pergaminhos, receitas, livros e até alguns itens mais estranhos com magias

inscritas. Se encontrar um, examine com atenção e copie para o grimório se quiser. Também posso te mostrar mais magias se voltar, especialmente quando tiver um pouco mais dos planos em você.

— Agradeço. Obrigado.

— Antes de ir, filho, você vai precisar de algumas magias para abrir o apetite... — Mebbeth vasculhou o manto, depois tirou três pequenas receitas, que me passou. — Deve copiar essas para o grimório, para que possam ir ao sótão o mais rápido possível...

— Obrigado, Mebbeth.

— Espera... tem mais... — Mebbeth pescou um pequeno embrulho de tecido preto do avental e o desenrolou, produzindo um par de brincos de âmbar. — Esses vão te proteger nas suas viagens, filho... não os uso mais, então pode ficar com eles.

— Muito obrigado...

— Tudo bem, filho — não perca mais tempo aqui. Alguém como você tem outras maneiras de gastar o tempo do que ficar pendurado ao redor da Velha Mebbeth.

Dei a ela um sorriso caloroso:

— Ora, vamos lá, Mebbeth, você não é velha.

Os cantos dos seus lábios se contraíram num sorriso, e ela corou levemente, os dedos aos lábios:

— Pah, seu lisonjeiro! Sua língua está tão forrada de prata que envergonharia um baatezu! Vai embora daqui!

Me inclinei para ela:

— Obrigado por tudo, Mebbeth.

— Pah! Pode me agradecer não fazendo de idiota com o que aprendeu. A Arte condenou muitos tolos que tentaram torná-la de maneiras que a Arte não foi feita para ser. Agora vai embora!

— Adeus, Mebbeth.

— Bem bem, finalmente um mago chique, hein? Bom para você, chefe. Embora honestamente eu ache que ainda precisamos de um pouco mais de força. Acho que estou sentindo um dente afrouxando.

Grunhi concordando, passando os olhos pelas cartinhas de receita. Hmm. Orbe Cromático? Ponte de Sangue? Identificar? Parecia interessante.

— Vamos precisar de um amigo ou dois, Morte. É hora de ir aos bares.



Capítulo 20

Havia desconfiado desse canto da Colmeia desde que fugi do Mortuário.

Lembrava de ter visto uma taverna ali bem do lado de fora do Mortuário, mas o crânio estilizado — símbolo da facção Dustman — me afastara. Mas agora que eu precisava de mais alguns companheiros de viagem, fosse para uma lâmina ou para uma mão que me arrastasse para longe depois de morrer e me deixasse reviver em segurança, restavam poucas opções.

Afinal, o que os Dustmen iam fazer? Me matar?

Um zumbi balançava a não mais de quinze passos da entrada. O cadáver de aparência suja estava em péssimas condições; os ombros curvados, e uma das pernas estava quebrada, fazendo com que ele se inclinasse para um lado. Manchas cobriam-no da cabeça aos pés... a julgar pelo cheiro e pela textura, as manchas iam de frutas podres a lama e fezes de pássaro. Para piorar a situação, grafites haviam sido entalhados no corpo, e vários avisos haviam sido pregados no peito, nas costas e na cabeça. Um quadro de avisos não-morto.

Fiz uma careta:

— Achei que eu estava mal. Todos esses pregos não doem?

O cadáver ficou em silêncio.

Apesar dos muitos pontos, a pele apodrecida do cadáver estava descascando em vários lugares, revelando longos trechos de músculo e osso. Meu palpite era que o zumbi era frequentemente usado como alvo de prática... além das manchas de fruta e lama, algumas das rasgaduras na pele ainda tinham pedras e pedaços de vidro encravados. Uma pedra de calçamento de aparência brutal ainda estava embutida no lado da cabeça.

Bem que podia fazer um favor.

Agarrei a pedra e a puxei de dentro da cabeça do cadáver. Rastros de matéria cerebral e carne apodrecida escorreram devagar dela... parecia que o que havia dentro tinha se transformado em lodo faz tempo.

Examinei o cadáver.

Vários dos folhetos haviam sido arruinados pela chuva, mas alguns ainda eram legíveis.

“AOS CIDADÕES DA COLMEIA QUE DESEJEM EMPREGO REMUNERADO JUNTO AO ILUSTRÍSSIMO E JENEROSO GOVERNO DE SIGIL: Inquerize Imediatamente no Escritório de Controle de Pragas e Doenças para ajudar a conter a PRAGA de ratos cranianos. RECOMPENZAS PAGAS! Cobre Dado por cada rabo

de rato trazido. (Rabos devem ser verdadeiros e de rato somente. Rabos de gato, cachorro ou ífero não aceitados.) Escritório vários blocos AO SUL E OESTE do Portão do Mortuário, na Colmeia baixa. Peça pelo Inspetor-Chefe Oficial, o RESPEITÁVEL PHINEAS T. LORT, XXXIX.”

Hm. Exatamente como Creeden havia mencionado.

Alguém havia colado um cardápio do “Bar da Poeira Assentada”, mas o cardápio não podia ser lido, pois as palavras “BAR DO CADÁVER FUMEGANTE” haviam sido rabiscadas em carvão por cima do cardápio.

— “Bar do Cadáver Fumegante?” — murmurei. Poderia ser o bar onde Porfíron havia sido assaltado?

O zumbi de repente sacudiu o braço esquerdo para cima e apontou para longe, na direção do sudeste. Um momento depois, o braço caiu de volta ao lado com um PLOC.

— Huh. Ele até dá indicações.

— Me lembra de um emprego que já tive — Morte pareceu envergonhado. — Bem, quer dizer... sem os braços.

Dei uma risadinha e continuei lendo.

“AVISO PÚBLICO: Por Ordem do Conselho Judiciário e em Conformidade com os Cidadãos de Sigil, Saibam Todos Que Desfigurarem um Servo Registrado dos Dustmen, seja por Pichação, Ataque Malicioso, ou por Afixação de Avisos, constituirão AGRESSÃO CRIMINOSA e o Infrator será

*Responsabilizado pela Vandalização do Referido Servo.” —
Por Ordem do Salão dos Oradores*

“PROCURA-SE: Pessoa capaz e disposta a investigar assunto de extrema importância para a causa Dustman. Ofereceremos remuneração adequada após a conclusão bem-sucedida do referido trabalho. Interessados consultem o Iniciado Norochj, Bar da Poeira Assentada.”

— Parecem bons trabalhos, Morte.

— Sim, os que realmente pagam. Sabe, mais do que uma boa massagem na sua consciência. — Ele inclinou no ar, intrigado. — Poderíamos ganhar algumas centenas de cobs com esse dos Dusties... se você for maluco o suficiente para lidar com eles.

Por curiosidade, dei uma olhada nos grafites. Iam de obscenidades sobre os Dustmen a slogans glorificando o que pareciam ser gangues locais. Um pedaço de grafite prendeu meu olhar... alguém havia entalhado o nome “Pharod” no braço esquerdo do cadáver, depois riscado um “X” por cima.

— Pharod? — sussurrei.

Como antes, o zumbi sacudiu o braço esquerdo para cima e apontou longe para o oeste... e para baixo. Esperei, atônito, até o braço cair de volta ao lado.

— Ele está... embaixo da Praça do Trapeiro? — Não esperava uma resposta, embora um aceno tivesse ajudado.

— O sujeito deve ter cavado fundo lá. Não admira que seja tão difícil de encontrar.

As paredes do Mortuário eram vermelho-ferrugem. Era o tom do metal doendo com o peso de séculos — um corpo sempre morrendo mas nunca morto, sempre apodrecendo mas nunca renovado. Os vapores cortantes de formol haviam sido ricos no ar, o chão salpicado de sangue e fluidos corporais preguiçosamente limpos, deixando um rubor grotesco na pedra. As prateleiras e ferramentas haviam estado cobertas de poeira como o apelido da Facção.

Aqui, porém, a arquitetura Dustman — de tijolos partidos costurados com argamassa — mostrava um novo lado da morte. O chão estava assentado num padrão de pedras afiadas de um véu enlutado cinza-azulado. As mesas e balcões eram opacos na luz pálida do bar, polidos que estavam. Onde o Mortuário era a escorregadia mistura carmesim de sangue em lajes frias e enferrujadas, o Bar da Poeira Assentada era o toque gelado da sepultura. O ar estava frio e seco — mais ainda do que o próprio Mortuário, se isso era possível. Novamente aquele arrepio rastejou pela minha espinha.

Talvez eu simplesmente precisasse de um daqueles mantos grossos e cinzas.

Os Dustmen ali estavam sentados quietamente nas mesas. Os poucos que conversavam estavam curvados

sobre suas canecas simples de argila e murmuravam em tons abafados. Por alguma razão o ar parecia mais espesso, abafando ruídos num sussurro opaco. Um encantamento, talvez, para proteger a paz e a solidão dos frequentadores.

Assim como no Mortuário, zumbis serviam os Dustmen ali. Com passos arrastados e desajeitados, iam e vinham, pousando canecas com dedos gastos até o osso e espanando mesas até ficarem imaculadas.

Um homem magro como um fuso em mantos pretos sujos estava sentado numa mesa. Seu cabelo preto e rígido brotava do crânio como uma coroa de espinhos, e a pele branca-leprosa estava esticada com nitidez sobre o crânio. Ele estava franzindo o cenho para a bebida e murmurando para si mesmo.

Melhor começar com ele:

— Saudações.

O Dustman olhou para cima, piscou uma vez, depois me olhou de cima a baixo, me examinando. Ao me dar a avaliada, ele pegou uma das mechas espinhosas e apontou para si mesmo com ela:

— Norochj. Iniciado. Dustman. Guarda.

Joguei o polegar na direção da entrada:

— Estou aqui por causa do aviso lá fora.

O Dustman me olhou de cima a baixo de novo:

— Muitos problemas tenho. Ajudar pode você. Um mausoléu desperta, os mortos caminham, os mortos perturbados, os Dustmen perturbados. Descobrir o que perturba os não-mortos, e moedas de cobre pagarei.

Qualquer coisa que pague as contas:

— Muito bem. Onde fica esse mausoléu?

Norochj assentiu:

— Mausoléu junto ao memorial Dustman. Ir ao norte e ao oeste do monumento negro, ir ao arco e fazer um semicírculo sobre o coração com este dedo assim. — Ele mexeu o indicador da mão direita. — Ao mausoléu, ir você vai.

Sem pressa. Curioso sobre o que os Dustmen tinham na torneira, fui até o balcão. O zumbi atrás do balcão estava ocioso.

— Er. Vou querer o mais popular por aqui — disse.

— Qualquer coisa alcoólica para mim, obrigado — se Morte tivesse pálpebras, ele teria piscado para o cadáver. — Então, onde você está enterrada, linda?

Revirei os olhos e tomei um gole da caneca que o zumbi me serviu. Era chá. Chá frio, fraco e amargo como se tirado do fundo de folhas que haviam sido refervidas todo dia por uma semana. O amargor era opaco como a borda de uma faca gasta, mas havia um corpo incomum nele que eu não conseguia identificar. Não me via tomando um segundo

gole.

— Com licença, tem mel? — perguntei.

— Chefe, talvez eu consiga um pouco de ação aqui.

Com um suspiro me virei, dando mais um gole na bebida. Talvez fosse me acostumar.

Uma mulher bufou ao meu lado:

— Procurar algo com sabor num bar de Dustman é como procurar uma brecha no contrato de um baatezu.

Olhei para o lado para ver uma velha que, por sua vez, piscou e me encarou:

— Lá, olha quem veio visitar Sere hoje... o filho mais querido da morte. — Ela me examinou de cima a baixo, depois balançou a cabeça incrédula. — Por todos os Poderes e suas mães, menino... de que cripta você saiu rastejando?

Dei um sorriso irônico:

— Bem, a cripta estava perdendo o charme, então agora estou procurando o lugar certo para morrer. Conhece algum?

Para minha surpresa, ela soltou uma risada que sacudiu meus ouvidos:

— Ha! Não aqui... a não ser que queira morrer de tédio. — Apontou para minha caneca e depois ergueu a dela. — Chá das Três Cinzas. A coisa acalma a mente, ajuda na

meditação. Eu só gosto do sabor.

— Algo errado?

Sere fez uma careta:

— Tchhh. Alguém beliscou seu senso e sua vista, menino? — Ela acenou a mão ao redor do bar. — Olha ao redor. O que seus olhos te dizem?

Inclinei a cabeça:

— Um bando de Dustmen divertidíssimos, bebendo alegremente e conversando animadamente, celebrando a vida em toda a sua plenitude.

— Você tem uma língua esperta aí, menino... talvez sua língua seja mais esperta do que você? — Sere me fitou, depois fungou. — Isso explicaria as cicatrizes.

Olhei nos olhos dela:

— Mas não explica por que um Dustman está aqui ridicularizando outros Dustmen. Quer responder a isso? Você é Dustman?

— Um Dustman? Suponho que sim. — Sere fungou. — Tchhh. Já vi areia suficiente passar pela ampulheta enquanto usava esses mantos. Esse corpo está quase pronto para pagar o barqueiro. — Ela riu, mas não havia muito júbilo nisso.

— Você tem medo de morrer?

— Claro que tenho, menino! Quem não tem? — Ela

franziu o cenho e olhou ao redor. As palavras não fisgaram os ouvidos de nenhum outro Dustman. Talvez houvesse alguma proteção afinal. — Bem, exceto os Dustmen. Eles não têm medo porque ficaram engolindo tanto de seus próprios excrementos por décadas que se cegaram achando que a morte é algum tipo de “alívio”. Tchhhh.

— Você não soa muito como um Dustman.

Ela deu de ombros:

— Acho que os mantos Dustman não me assentam tão bem quanto antes.

— O que gerou essa crise de fé?

Ela deu de ombros:

— A vida, suponho. É... eh... — Ela franziu o cenho. — Ha! Nem me pergunte. Não vou te encher com os detalhes minuciosos.

— Gostaria de saber, na verdade — disse com um sorriso.

— Oh, quer mesmo? — Ela me olhou com ceticismo. — Tchhhh. Quantos anos você me dá, menino?

As rugas no rosto dela eram profundas, e a pele havia ficado pálida e manchada com a idade:

— Velha.

Ela resfolegou:

— Bem, você está errado. Sou muito velha. Agora,

passei a maior parte dos meus longos anos ensinando Dustmen. Vi muitos filhotinhos Dustmen crescerem em nossa ordem, os ensinei os modos da facção, mantive a fé, preguei os princípios da facção... — Ela franziu o cenho. — ...e assim por diante, e assim por diante. Sem perguntas. Sem dúvidas. Esta vida era apenas uma antecâmara que levava à Morte Verdadeira.

— O que aconteceu?

— Bem... há meio mês, adoeci com febre. — Ela suspirou. — Achei que era o fim. Isso... eh, sacudi minha gaiola.

— Como assim?

O rosto dela ficou de pedra:

— Há algo em ter os membros da sua facção circulando ao redor do seu leito de morte como um bando de carniçais de rosto pálido, assentindo e concordando que seu sofrimento e agonia são para o melhor. “Oh, Sere tem tanta sorte! Logo será aliviada do fardo da vida!” Fardo da vida? Foi aí que me ocorreu...

Ela fez uma pausa para tomar um gole do chá:

— Há algo... — Uma expressão estranha tomou seus traços. — ...errado em não apreciar sua vida. Os Dustmen ficam dizendo que a vida é miséria e sofrimento... é? Que deveríamos ficar felizes em passar para o oblívio... deveríamos? — Ela balançou a cabeça. — Perguntas,

perguntas... e poucas respostas.

— Parece que você não acredita mais na filosofia Dustman.

— Suponho que tenho um enxame de dúvidas zunindo no crânio. — Ela esfregou as têmporas. — Difícil fazer elas ficarem quietas às vezes. Precisam ser alimentadas com algumas respostas, e ainda não resolvi todas.

— O que vai fazer?

— Para ser honesta, menino, não sei. — Sere suspirou. — É o problema com a dúvida. Nem posso confiar que o que estou sentindo é verdade, ou se só estou com medo da morte por causa do susto da febre, ou mesmo o que devo fazer. É algo passageiro? Não sei.

Ficamos ali no balcão, contemplando em silêncio. Parte de mim conseguia aceitar algo da filosofia Dustman. Afinal, era parte do que eu estava tentando entender sobre mim mesmo. Mas ainda esperava ansiosamente pelo sabor de outra semente de fogo, sentia bem ao tornar a vida um pouco melhor para os outros. A vida não podia ser tão ruim quanto os Dustmen diziam.

— Sere — disse, quebrando o silêncio. — Se você realmente acreditasse na filosofia Dustman, o susto da febre não lhe deixaria com tantas dúvidas.

Sere me encarou, depois assentiu devagar:

— Pode ser... pode ser. — Ela franziu o cenho, o rosto

se enrugando em concentração. — Vou ter que remoer isso um pouco mais.

— Deveria. Não é coisa pequena.

— Lá, agora... chega de eu ficar tagarelando sobre meus problemas! — Sere fitou minhas cicatrizes. — Você parece que já apertou a mão da morte algumas vezes. Não mudou um pouco sua visão das coisas? Não faz você apreciar a vida um pouco mais?

— Claro que sim.

Ela assentiu, tomando outro gole do chá:

— E bem que deveria. Não há nada de confortante na morte.

Sorri. Sere parecia uma boa mulher, e confiável:

— Bem, meus encontros com a morte são muito mais próximos do que os de outras pessoas. Parece que não consigo morrer... pelo menos, até onde sei.

Sere piscou:

— Está me provocando.

— É verdade.

Ela balançou a cabeça, sua voz baixando para um murmúrio:

— Estranhos são os caminhos dos Planos, e já vi demais para jogar qualquer história fora com a lavagem. — Ela estudou meu rosto. — Se for verdade, por que isso

acontece?

— Tudo que sei é que acordei no Mortuário sem memória e coberto de ferimentos suficientes para me matar três vezes.

— Não fique dizendo isso em voz alta. — Ela olhou ao redor. — Muito peculiar. Nunca ouvi falar de nada assim. Pena quanto às memórias.

— Tem alguma ideia de por que isso acontece?

— Não, nem uma. Nunca conheci alguém que a morte não levasse... até agora.

Suspirei. Se uma Dustman envelhecida não conseguia ajudar, realmente me perguntava como um Coletor sujo e velho como Pharod poderia.

Tomei um gole do chá e fiz uma careta.

Era realmente bastante horrível.



Capítulo 21

— Realmente não vejo como isso é numericamente possível, Morte — disse, mantendo o olhar em busca de valentões. Embora minha bolsa estivesse terrivelmente vazia, o serviço que Norochj me dera parecia perigoso demais para um só amnésico mutilado e um crânio tagarela.

— Pft. Sinto falta do chefe antigo que só precisava girar uma lâmina pra resolver as coisas. Agora é tudo números e fórmulas e você debruçado sobre aquela maldita moldura.

— Tive minhas entranhas derramadas na rua porque tudo que eu sabia era girar uma faca.

— Aaah, esses são só detalhes. Você volta rastejando depois de umas horas de qualquer jeito.

Pisquei com cuidado nesse canto da Colmeia. Em cada esquina havia um valentão imundo com uma faca, vestido de couro e armadura remendados. Garotas de programa andavam pelas ruas livremente, algumas conversando com valentões para oferecer seus serviços. Parte de mim tinha pena daquelas mulheres por isso ser a que tinham se reduzido. Uma parte menor e mais cautelosa, porém, ficava contente se as garotas conseguissem gastar um

pouco da energia extra daqueles batedores. Quanto mais suor derramado nos lençóis, menos entornado me enfrentando.

E então esbarrei na gangue que estava procurando.

Era liderada por uma coisa corpulenta enrolada em trapos tingidos de vermelho e preto. Parecia ser feita quase que puramente de músculo, com ombros largos e um pescoço grosso e touro. O couro cabeludo estava salpicado e escuro pelos raios do sol de modo que sua cabeça parecia um grande ovo marrom. Flanqueado por dois membros da gangue igualmente vestidos, ele franziu o cenho ao me ver me aproximar.

O examinei de cima a baixo, um pouco preocupado. Morrer de novo não era a pior parte, mas teria deixado as coisas bastante inconvenientes.

— Saudações.

— E como posso te ajudar então, patrão? — O rosto do homem se contorceu num rosnado. — Parece que você precisa de um curandeiro.

Meus dedos tressaltaram, instintivamente coçando a faca:

— Você é um dos homens que roubou um monge aqui na Colmeia? Levou seu rosário de contas?

Seus lábios se torceram e o nariz se enrugou num rosnado:

— Algum patife com linhas rabiscadas por todo o rosto? Disse que poderia nos mandar todos pro Livro dos Mortos, mas deixou a gente tirar tudo que tinha? — Seus lábios grossos se relaxaram e se espalharam num sorriso lento e desdentado. — Nunca ouvi falar de tal patife.

Os companheiros do valentão deram risadinhas e acariciaram as facas nos cintos.

Ele levantou casualmente o enorme machado ao lado. Minha mente disparou, e rápido como um raio comecei a mentir para sair da situação com toda a suavidade de leite que tinha:

— Que interessante. O resto da ordem dele está à sua procura — a irmandade do Erit-Agge parece conhecê-lo muito bem.

— Hein? — o rosnado do homem sumiu. — Do que você está falando? Que irmandade? O sujeito estava sozinho.

Balancei a cabeça com tristeza:

— Ele é membro de uma ordem religiosa, seu idiota. Aquele “rosário” que roubou é a relíquia mais sagrada deles. Se não for devolvido, o resto da ordem vai vir atrás de você... e eles não têm nenhuma reserva em relação a matar ladrões.

Os olhos do homem se arregalaram:

— Eh... agora... estávamos só guardando a relíquia pra ele. — Ele enfiou a mão na dobra do manto e retirou

o rosário, que pousou cuidadosamente na minha palma aberta. — Aqui está, sem dano nenhum, tá?

Era a amargura de ter que lidar com patifes como ele que me fez insistir. Afinal, as coisas estavam rolando muito bem:

— Espero que isso seja suficiente para chamar de volta o resto da Ordem. Talvez uma doação à causa deles também seja apropriada. Pode ajudar a suavizar as coisas e afastar quaisquer maldições que possam estar vindo no seu caminho.

— Maldições?! — Os olhos do homem arregalaram enquanto ele fazia um semicírculo sobre o coração. — Eh, bem, não ia querer nada disso... — Enfiou a mão numa bolsa no cinto e entregou várias moedas de cobre. — Leva com a minha bênção, patrão. Diz a ele que não foi pra machucar ninguém.

Inclinei a cabeça com educação, fechando as mãos ao redor do rosário como em prece:

— Sua doação é apreciada. Adeus.

Morte cacareou assim que ficamos fora do alcance auditivo:

— Oh, isso foi grandioso, chefe! GRANDIOSO. Não acredito que você tirou desses idiotas—

— Shhh! — fiz silêncio. Olhei ao redor. Embora a gangue não estivesse perto o suficiente para ouvir, alguns

valentões olharam para cima.

Foi provavelmente minha imaginação quando achei que osso pareceu corar levemente da cor de rosa por mortificação:

— Oh... ahn... desculpa, chefe. Isso foi bem estúpido, hein?

Franzí as sobrancelhas:

— É. É mesmo.

Pus a mão no cinto com descaso, a empunhadura fria da lâmina contra as pontas dos dedos. Aquele beco estava fervilhando de ladrões — um grupo de três estava casualmente parado em cada curva com olhares que pesavam tanto sua força quanto suas moedas. Engoli em seco. Talvez enganar o sujeito de cima do dinheiro não tivesse sido uma ideia tão boa afinal.

Escorregamos para fora da vista das gangues e corremos para dentro do Bar do Cadáver Fumegante o mais rápido que conseguimos.

A batida lenta de um tambor e o gemer de uma flauta de bronze estranha me cumprimentaram ao entrar. Uma melodia lúgubre, áspera e que irritava os ouvidos.

Estava abafado e úmido lá dentro, e a névoa pesada de cinzas e char engrossava o ar. O cheiro era pesado e quente, mas meus pulmões rapidamente se ajustaram a cada respiração. No centro do bar uma série de grelhas

emitia calor e luz, inundando o cômodo com um brilho laranja-vivo de brasa. O pulso constante de luz fazia as sombras tressaltar e dançar caprichosamente contra os poucos frequentadores que circulavam lentamente por ali, absortos em seus próprios assuntos.

Num canto avistei um par de íferos assoviando sobre canecas metálicas grossas e esmagando carne vermelha e crua. Osso estralava sob as mandíbulas e o cheiro de enxofre vinha deles sem muita sutileza. Melhor não pensar em qual criatura cedeu aquela fibra rígida.

Contorcendo-se nas mandíbulas de mil línguas lambejantes de chama, uma criatura ondulante se torcia lentamente acima de uma grelha de ferro no chão do bar. Podia ter sido humana antes, mas agora a pele estava carbonizada além do reconhecimento. Correntes de fogo formavam uma grinalda ao redor do corpo da criatura, e as chamas lambiam os poucos bolsões de carne restantes, fazendo-os bolhar e escorrer como cera ao longo do esqueleto da criatura.

O calor ao redor dessa... criatura... era incrível. Para minha surpresa, a grelha de ferro sobre a qual a criatura flutuava havia encurvado e dobrado com o calor. Num primeiro momento, achei que o calor vinha da grelha... mas agora percebi que emanava da criatura. Enquanto observava, flocos de cinzas derivavam do cadáver retorcido e flutuavam lentamente até o teto.

— Saudações...?

A coisa não respondeu. Ela se contorcia lentamente nas chamas — vivia, mas não parecia ciente de nada além do fogo que a rodeava. Sua pele era chama, seu coração era chama, e eu sabia, num canto sombrio da memória, que essa coisa era perigosa.

Logo depois da entrada havia uma mulher com hematomas desaparecendo no rosto e nos braços e um olhar de anseio desesperado nos olhos fundos. Talvez já tivesse sido bonita um dia, mas esses dias eram coisa do passado. Ela se virou lentamente para me encarar. Vida derramou nos traços dela, e a faísca de luz sardônica que dançava nos olhos agora me fez questionar se estava enganando minha visão.

— Bem-vindo ao Cadáver Fumegante, homem cicatrizado. Sou Drusilla. E você deve ser sem noção. Não me pergunte como sei. Só brilha em você.

Mordi um comentário esperto. Melhor não confirmar nem negar minha ignorância:

— Quem é aquele que está queimando perto da entrada?

Aquele desespero que vi no rosto dela antes passou rapidamente por ele como uma sombra de asa negra antes de ela se controlar:

— Esse é Ignus, um dos maiores magos a já sair desse esgoto malcheiroso. Eles o apanharam e abriram um canal

para o Plano do Fogo através dele, e agora é apenas uma porta para ele — se mantendo vivo pela força da própria vontade. Se alguém pudesse apagá-lo por alguns momentos, daria a vida de volta a ele — mas não existe água suficiente para isso.

Ela suspirou:

— Alguns caras eventualmente construíram um bar ao redor dele. Sujeitos que gostam de ver pessoas sofrendo vêm aqui. Íferos gostam. Gente que não quer muito ser incomodada também vem aqui... o nome afasta a maioria dos idiotas.

— Não suponho que possa responder algumas perguntas—

— Pareço uma informante? — ela cortou. — Só esperando aqui caso algum homem cicatrizado entre no meu bar favorito e comece a fazer suas perguntas malucas. Você incomoda todo mundo que encontra? Que vida fascinante.

— Muito mais fascinante do que a sua, apostaria — disse com secura.

— Ah, é mesmo, aye? — o rosto dela se torceu numa máscara de raiva, e calor entrou na voz. — Você já esteve apaixonado por uma chama viva? Já quis desaparecer nos braços de outro, se perder no calor da paixão? Seus olhos me dizem que queria ter podido, mas sem sorte. Não me

fale de fascinante. Cicatrizes não são fascinantes. Brigas não são fascinantes. Dureza não é fascinante. VOCÊ não é fascinante.

Fiz uma pausa depois de deixá-la terminar. O silêncio se assentou de modo que minhas próximas palavras, quietas e lisas, raspavam pelo ar como uma faca cega em pele velha:

— Por onde começo? Sou imortal, perco a memória cada vez que morro, tenho um crânio flutuante como escudeiro, estou tendo experiências que fariam a maioria dos mortais gritar a alma pelos olhos — e você está me dizendo que estar apaixonado por um fogo é fascinante? Isso não é fascinante — é só loucura.

— Eu também te amo, chefe — Morte comentou.

Drusilla recuou de repente e me olhou mais de perto. Animação entrou na voz dela:

— Você é ele, não é? Você é ele!

Piscei como coruja:

— O que quer dizer?

— Ele disse que você viria! Disse que você é o único que vai libertá-lo! Falou comigo num sonho e disse que você viria com um oceano de água para equilibrá-lo, para que ele possa queimar pelos planos! Liberte-o! Por favor, salve-o!

Olhei para Ignus, enquanto ele se contorcia nas chamas,

revelando nelas:

— Qual é a sua ligação com ele?

A voz dela praticamente pulsava com uma dor profunda:

— Eu era a amante de Ignus e ele, meu amado. Ambos amávamos a chama, embora ele a amasse mais do que eu. E agora ele se tornou a chama — e porque o amo, amo a chama. Mas tudo isso acabou agora. Agora espero que ele se apague. Vendo o pouco que tenho só para ficar perto dele, para contemplar sua beleza enquanto se contorce no coração do fogo.

Recuei. O pensamento de ajudar aquela... coisa... destrancou um terror dentro de mim que eu não sabia que tinha:

— Você está completamente fora da realidade.

— Ele disse que você o salvaria — ela suplicou. — Você não pode escapar disso.

A deixei onde estava e fui vagando para o outro lado do bar. Dois frequentadores estavam na sombra de um pilar de metal, sua superfície áspera e arranhada. Listras negras chamuscadas no metal opaco bronze eram atravessadas por sulcos fundos — as feridas de muitas brigas no bar.

— Não faz sentido — a mulher protestou. — Quer dizer, os portais. O fato de os próprios deuses brigarem por ele. Sua posição—

O homem acenou a mão com desdém:

— Não precisa ser um Bleaker para ver como tudo isso é sem sentido. Há padrões, mas nenhum design real. Vive aqui por alguns anos e veria a mesma coisa.

A mulher bufou em resposta e olhou para mim.

Ela tinha um aspecto distante no rosto. Não era exatamente jovem, nem exatamente velha. Talvez fosse a expressão de leve incredulidade esboçada nos traços — uma que dizia que não acreditava nos próprios sentidos. Quando focou em mim, falou com firmeza, mas sem raiva:

— Precisa de algo?

— Me desculpe — inclinei levemente a cabeça. — Não pude deixar de ouvir o que vocês estavam discutindo. Parecia interessante.

Ela franziu os lábios:

— Ele não é meu amigo, é meu primo. Ele estava me dizendo que isso não é o centro do multiverso, apesar de estar localizado bem no meio das Terras Exteriores, apesar de ser o ponto focal de portais de todo o cosmos — não há lugar conhecido com mais — apesar de toda a briga que os deuses têm por ele, apesar da pura variedade e concentração de poder que se acumula aqui. Não há lugar assim no cosmos, e ele está me dizendo que não é nada especial? Ha!

— Uma perspectiva interessante. Talvez ambos tenham

elementos de verdade?

Ela descartou a ideia com um aceno de mão:

— Talvez você esteja certo, mas esse tipo de relativismo geralmente está além de mim. Ou o lugar é importante, ou não é.

O homem balançou a cabeça, o cabelo começando a ceder à idade nas bordas do couro cabeludo. Ele falava em voz staccato, marcando cada palavra distinta e claramente:

— Me perdoe, camarada. Minha prima — ele enfatizou a palavra, como para destacar que não tinha escolha na sua companhia — veio recentemente do mundo primário dela. Meu tio, um mago renomado, a trouxe aqui para expandir horizontes. Ela trabalha sob a ilusão de que este é o centro do multiverso, e acha que é de alguma forma importante. Como moro aqui a vida toda, sei o contrário — é um lugar que os poderes e os planejados ignoram, como humanos ignoram os esquilos nos parques da cidade. Não é importante, e quanto mais cedo os humanos perceberem que não são importantes, melhor ficarão. — Ele passou a mão pelos cabelos rareando. — Cilaen Dedos-de-Ferro. Antes de perguntar, recebi o nome porque meu irmão idiota deixou cair uma pedra de cinquenta quilos nos meus pés e esmagou os dedos. Agora tenho dedos de ferro. Certo?

A mulher ergueu uma sobrancelha e olhou para mim:

— Sou Kiarus. Kiarus Língua-de-Espinho. Temo que devo suportar a presença de Cilaen porque meu tio não quer que eu ande pela Colmeia sozinha. Ele não parece achar que sou competente, embora talvez tenha razão. Não conheço bem essa cidade nem esse plano. Não sou daqui. Sou do Primário.

Piscei:

— O Primário? O que é isso?

Ela inclinou a cabeça e me olhou de forma estranha:

— O Plano Material Primário? O lugar onde a crença que molda os Planos Exteriores nasce? O mundo? Estrelas, luas, e assim por diante? Crença e realidade? Espero mesmo que você saiba o que é o Primário, porque é uma parte essencial do conhecimento planar.

— Er — eu já sabia disso. — Me movi. Pelos olhares deles, não estavam comprando. — O que está fazendo aqui então?

Kiarus suspirou:

— Visitando. Expandindo horizontes. O Primário é um ótimo lugar, mas é um pouco... real demais, suponho. Meu tio dá a cada um de seus sobrinhos e sobrinhas alguns anos nos planos, e nos permite ficar se assim desejarmos. Acho que posso desejar. Estou fascinada e repelida. Mas então, suponho que essa seja a natureza dos planos, não é?

O olhar severo do homem me deixou um pouco

desconfortável, e depois de trocar algumas gentilezas nos separamos. Minha ignorância era um pouco mais incapacitante do que eu esperava. Precisava aprender algumas coisas se fosse me manter aqui.

Um velho levemente curvado me acenou. Uma barba grisalha cheia e uma juba de cabelo cinza emolduravam o rosto, enrugado pelo toque do tempo. Usava um par de proteções de ombro como armadura, e mantinha um elmo por perto.

Dedos pálidos e enrugados mergulharam numa bolsa de tabaco na cintura, puxando uma pitada de folha seca que ele adicionou ao cachimbo. Parecia bastante forte, mas estava um pouco barrigudo e também parecia ter algum problema respiratório. O velho foi tragando enquanto falava, a voz rouca:

— Bem, você é um espetáculo, meu jovem! Nunca vi tantas cicatrizes cobrindo um sujeito — como uma capa de cicatriz que você está usando! Por onde andou — numa debulhadeira de grãos?! — Ele riu. — Oh, estou só brincando, jovem, sem ofensa e espero que sem ofensa tomada. Sou Ebb. — Ele estendeu a mão.

A tomei. Podia parecer nada mais que gordura e nervo, mas o aperto era firme, os ossos grossos:

— Saudações, Ebb.

— Agora, apresento formalmente minhas desculpas

pelas brincadeiras injustas, jovem. Espero que não haja ressentimentos; posso comprar uma ou duas canecas de algo para suavizar quaisquer penas eriçadas?

— Por que não?

— Esse é o espírito, jovem! Espera um momento. — Ele se levantou e foi até o balcão. Depois de um momento, voltou ao assento com um par de canecas. — Aqui você vai, jovem. Beba! — Ele tomou um grande gole da própria caneca e tragou o cachimbo. — O que o velho Ebb pode fazer por você neste belo dia de Sigil?

Tomei um gole, depois tossi. A coisa era forte e tinha gosto de verniz. O retros gosto era estranhamente agradável, porém — uma doçura além da mordida ofensiva. Tossi:

— É... ahem... bastante...

— Aye, isso aí tem um chute, tem. Ebb Joelhos-Rangentes, Terceira Medida do Harmonium, agora aposentado e sendo um informante com a própria voz desde que não ando tão levemente quanto talvez nos últimos dois ou três decênios! — Ele deu uma risadinha.

— Terceira Medida do Harmonium?

Ebb se inflou levemente com orgulho e um olhar semi-severo cruzou o rosto. — Aye, Terceira Medida do Harmonium... — Ele relaxou um pouco. — Embora não tenha cumprido uma missão em muitas décadas.

Pressionar uma pena não era bem minha praia depois de todas as brigas e escaramuças em que estive, então só fico aqui acompanhando as coisas na Colmeia e ajudando um pouco onde posso. E você parece alguém que pode precisar de uma mão... está em algum tipo de apuro, jovem?

Assenti:

— Alguns apuros: acordei no Mortuário e parece que esqueci quem sou.

— Hein? — Ebb piscou, depois franziu o cenho. — O que foi que disse, jovem? Que acordou no Mortuário... — Ebb me estudou de perto. — Oh, seria que eles confundiram você com um morto por baixo de todas essas cicatrizes talvez? — Ebb riu. — Não posso dizer que eu seria mais esperto... — Tragou o cachimbo. — Especialmente não depois de umas rodadas dessas. Esses Dusties... — Ele se corrigiu. — Quer dizer, esses Dustmen... Dusties sendo um termo rude para esses caras de rosto pálido, e não pretendo desrespeitá-los muito... eles têm as percepções e a amabilidade de uma lápide às vezes, hein? Não posso dizer que não conseguia ver eles cometendo esse erro, não, jovem.

Olhei ao redor do bar:

— Lugar estranho, esse.

Ele assentiu:

— Você está no Bar do Cadáver Fumegante, jovem. Não

é lá muito bonito como alguns, mas tem seu charme próprio caseiro.

Engoli mais um gole com dificuldade. A coisa estava começando a me agradar. Gesticulei para Ignus:

— E qual é a história dele?

— Ele? Oh, não se deixe enganar. Não é nenhum cadáver — nenhum morto ele. Pelo que conseguimos dizer, o velho Ignus ainda está vivo dentro daquela assadeira. Pelo que conseguimos entender, de qualquer jeito. — Ebb enrugou o nariz. — Pode cheirar terrivelmente às vezes também. Me mantém no cachimbo para garantir que não entre no nariz. — Ele deu uma risadinha.

Depois de passar pelo crematório no Mortuário, não era tão difícil se acostumar com Ignus:

— Como ele chegou lá?

Ebb tragou o cachimbo por um momento, como se decidisse como formular o comentário:

— Bem, jovem, Ignus tinha um punhado de problemas e não poucas magias de feiticeiro para se somar, e raramente as duas se misturam bem, se me entende. Ele gostava de...

— Ebb tragou o cachimbo, e fumaça subiu. — ...bem, ele gostava de queimar coisas, e começou a incendiar lugares e pessoas, e geralmente causando um bocado de confusão.

— E?

— Bem, agora a maior parte disso estava acontecendo na Colmeia, e serei o primeiro a admitir que a Colmeia não é o primeiro lugar que o Harmonium vai para manter a lei de Sigil... — Ebb pareceu um pouco envergonhado. — Uma falha da nossa parte, pois pode ser o lugar onde nossa presença é mais necessária. Então, pelo julgamento da Senhora, houve um pouco de justiça de rua na comunidade de feitiçaria... um bando de leitores de cartas, bruxas de bairro e parteiras bruxas se uniu e conseguiu tecer um feitiço que foi um tipo de poética justiça. — Ebb gesticulou com o cachimbo para a figura. — Então agora ele fica ali e queima. Ainda está vivo, o que acho que eles não contavam.

Conversamos sobre muitas coisas então — o funcionamento da cidade, a Senhora da Dor, de feirantes e ladrões (embora às vezes os dois fossem intercambiáveis). Ebb discorreu rudemente sobre as anomalias dos planos e a estrutura da cidade.

— Ufa. Deixa eu molhar a língua. — Ele tomou um gole da caneca. — A cidade flutua acima de um espiro infinitamente alto — o Espiro. Fica de lado como uma roda de carroça descartada, mas não há raios conectando ao Espiro. É dividida em seis distritos, cada um com sua função. Agora, você está na Colmeia. Acho que o propósito da Colmeia é ser a miséria em contraste com a grandiosidade do resto da cidade! — Ele riu. — Facções — clubes filosóficos, ou gangues se preferir — dividem o

governo da cidade entre si.

Estava na minha terceira caneca nessa altura:

— E você era de uma facção?

Ebb levantou a mão como se me detivesse e deu uma risadinha leve:

— Oh, agora, espera, jovem — não sou nenhum ex-membro de facção... dizem, e têm razão, que uma vez que é do Harmonium, é do Harmonium para a vida. Somos os caras que tentam garantir que Sigil fique fora de apuros. Não balançar o espiro, não deixar as pessoas ficarem entusiasmadas demais em se machucar, mantendo a cidade num barulho baixo. Tentamos manter a paz, jovem, e na maioria das vezes fazemos um trabalho decente.

Ele continuou:

— A cidade é chamada de encruzilhada dos planos, Cidade das Portas e a Gaiola. Tem portais para toda a criação, dizem, e todo tipo de criaturas passa por aqui para comerciar, se instalar ou pular de um lugar para outro. Agora, essa é só a versão rápida, jovem; vai precisar experimentar o lugar por conta própria.

Era só uma questão de tempo até a garganta dele secar e ele se slumpar, cansado:

— Ufa! Que informante sou eu. Ach, não consigo brigar, mal consigo encher os novatos com o que é de saber.

— Bem, já faz um tempo. Talvez em outra ocasião—

Ele balançou a cabeça:

— Não, você ainda tem perguntas, percebo. Vai falar com Candrian ali — é um bom sujeito. Onde eu consigo te contar os ins e outs de Sigil, o homem usa os próprios planos como um manto.

Ele apontou para um homem de aparência suave com olhos gentis e de olhar distante. Vestia roupas de couro macio e carregava vários implementos úteis e de destruição pelo corpo: cordas, pinos, isqueiros e frascos vazios de ar. Ele parecia estar pela metade — literalmente. Havia uma insubstancialidade em sua existência, como se a essência dele tivesse sido parcialmente esgotada. Ele focou aqueles olhos em mim, e de repente os descobri tensos e determinados.

— Saudações para você, ó buscador.

— Saudações — disse. Olhei de volta para Ebb, que havia se recostado na cadeira e estava roncando suavemente.

Candrian pousou cuidadosamente a caneca que estava segurando e me deu toda a atenção:

— Já vi os extremos do multiverso e voltei para contar. Caminhei sobre os corpos de deuses mortos e fei feixes de luar no Astral à frente de mil cavaleiros githyanki berrajantes. Passei pelas bordas da existência e observei

minha essência estremecer diante de mim. O que posso fazer por você?

Esfreguei a mão pelos cabelos:

— Temo que só tenha estado na cidade, e sei pouco de como ela funciona. — Olhei de volta para a mulher do outro lado do cômodo ainda discutindo com o primo, para Drusilla. Sem noção? Não por muito mais tempo, eu esperava.

— Não é apenas Sigil, mas todos os planos que se deve conhecer. Talvez eu tenha respostas para você. Fale, e lhe direi. Sou Candrian Illborne — viajante, sonhador, contador de histórias, e assim por diante. Às suas ordens.

— Ouvi dizer que você é viajante. Me fale dos planos.

Ele balançou a cabeça e suspirou com cansaço:

— Estou cansado, buscador, tão cansado... acabei de voltar da negação. Responderei o que puder para você, mas não posso prometer que encontrará satisfação nas respostas que der. O que gostaria de saber? Gostaria de ouvir sobre os Planos Exteriores, o Primário, ou os Planos Interiores?

— Qual é a diferença?

— A diferença é a essência verdadeira, buscador. Os Planos Interiores são matéria, substância, fisicalidade verdadeira. São os blocos de construção do multiverso — é deles que nasce toda crença nos elementos. Os Planos

Interiores filtram pelo Plano Etéreo — o plano do potencial, dizem alguns — que forma os elementos nos mundos dos mortais. Uma vez passado o Plano Etéreo, chega-se ao Primário, onde existem todo tipo de mortais e monstros e mitos e máquinas. É lá que a crença nasce, e lá que os espíritos que criam os Planos Exteriores nascem. Quando mortais morrem, passam pelo Plano Astral — um não-lugar que é pensamento e energia mental em si. Está em todas as coisas, e em nenhuma. É paradoxo, entre outras coisas, e filtra espíritos para o Grande Anel. Compreende até aqui?

Assentí, absorvendo suas palavras tão depressa quanto conseguia. Mais rápido do que eu fazia com esta cerveja, pelo menos.

Depois de uma longa conversa sobre a cosmologia dos planos, as Regras Cardinais — a Regra dos Três, o Centro do Multiverso, a Unidade dos Anéis —, e o Grande Anel, percebi a relativa quietude e a falta de ossos chacoalhando. Olhei ao redor à procura de Morte. Ele não estava em lugar nenhum.

Apenas me recostei e bati o calcanhar nervosamente enquanto Candrian continuava.

— Os Planos Exteriores são criados de e pela crença e pensamento e fé. Tomam sua forma imaginada do Plano Material Primário — formados em formas que desnorteiam a imaginação, construídos pelo acúmulo de crença. A crença cria os planos. A crença é poder aqui. Mude a

crença, e pode mudar a natureza da realidade...

— É por isso que os poderes — deuses, alguns os chamam — vivem aqui fora. É aqui que toda a fé neles vem — é aqui que estão mais puros e mais fortes. Seus reinos são extensões dos próprios seres, manifestações de sua essência divina, tudo informado pela crença. É um lugar onde o alinhamento moral é organizado e interage, em vez de matéria. No coração dos Planos Exteriores ficam as Terras Exteriores — o reino da neutralidade absoluta. E no centro das Terras Exteriores fica um espiro infinitamente alto, e no topo desse grande espigão flutua Sigil, onde estamos agora.

Dei uma risadinha:

— Parece que viajou bastante, então.

Ele sorriu:

— Mapeei muitos dos portais aqui, e viajei pela maioria. Se algum dia precisar de um guia, sabe onde procurar.

Piscei:

— Eu não sei, mas alguém sabe. — Candrian ergueu uma sobrancelha. — Oh?

— Encontrei uma mulher chamada Ingress com dentes muito ruins. Ela disse que veio aqui por um portal aberto por uma melodia cantarolada perto de duas árvores cruzadas. Você pode levá-la de volta para casa?

Ele fez uma pausa brevemente, pensando:

— Conheço o portal do qual você fala, embora não tenha viajado por ele nesses trinta anos. Levarei ela para casa, buscador. Vá dizê-la para aguardar minha chegada — depois me encontre de volta aqui, e direi se fui bem-sucedido ou não.

Assenti e fui até a porta. Parecia que Morte não estava no bar, e eu precisava da ajuda dele para encontrar Ingress — especialmente se ela fosse correr como uma louca como antes.

A porta de repente se abriu de golpe, e uma bola familiar de osso e dentes entrou a toda velocidade:

— Chefe, temos um problema.

— Morte! Onde você estava? Candrian estava me contando sobre—

— Sim, já ouvi tudo antes. Grande Anel, Lei dos Três, muito bonito — os olhos dele rolaram, dando uma olhada nervosa ao redor.

— Não, Candrian é viajante. Se conseguirmos encontrar Ingress—

Ele me cortou:

— Olha, tem problema. Fui lá fora procurar um bar de mamas... — Enterrei o rosto nas mãos e gemi enquanto ele falava. — ...e estava bisbilhotando algumas das garotas

de programa mais bacanas, e... bem. Parece que aquele grandão feio que você enganou descobriu de alguma forma e quer vingança. Ele reuniu um monte das gangues locais — os Feios do Satch, a Mão dos Quatro Dedos, as Presas Carmesim-Ébano... acho que vão te despedaçar, chefe.

— ...Merda.





Capítulo 22

— Isso é culpa sua, sabia? — Morte franziu o cenho, estalar a mandíbula.

— Minha?! Mas— você— Morte! Você foi quem estava praticamente comemorando alto o suficiente para o quarteirão inteiro ouvir!

— Tch, ei. Eu te disse que não deveríamos tentar enganar o grande e feio cavaleiro armado. Só pedir com educação, sabe. Sem necessidade de mentir como uma meretriz na vista de uma moeda de prata. Por falar nisso—

Agarrei-o antes que pudesse escapar:

— Não. Você nos meteu nisso.

Morte estalar os dentes:

— Agora não é hora de apontar dedos, chefe. Quer dizer, você me tem em desvantagem.

Bufei:

— Não vamos sair daqui até isso se acalmar. Vamos ter que nos esconder aqui por um tempo. Não vou arriscar você ser esmagado contra uma parede.

— Tudo bem — ele disse. Soltei-o, e ele flutuou calmamente ao meu lado. — Mas vamos ficar aqui um

tempo. Quer dizer, se você só saísse aí e deixasse eles arrancar alguns pedaços de você, talvez se acalmassem e esquecessem que isso aconteceu.

Tentei não dar um soco nele:

— Poderia funcionar, mas não sei se ainda me recuperaria se me despedaçassem.

— Sempre tem uma primeira vez, não tem?

Resmunguei e fui até o fundo do bar, me recostando num pilar de sustentação.

Ao meu lado havia um homem completamente imóvel. Não estava mexendo um músculo. Num exame mais cuidadoso, parecia que nem estava respirando — só parado. Suas órbitas eram buracos vazios no rosto. Contidos em seus limites havia uma luz cinza chata que parecia dançar com possibilidade. Olhando para as órbitas, a sensação estranha e vazia de um vazio ilimitado estremeceu por mim, como se tivesse fitado uma lasca de eternidade. A cabeça se voltou lentamente para mim (percebi que nenhum músculo parecia se mover sob a pele enquanto ele girava), e ele falou num tom puro como um sino:

— Bem encontrado, viajante. Você esqueceu de novo, não esqueceu?

Piscei:

— Você me conhece, estranho?

Ao abrir a boca, tive aquela sensação de eternidade de novo — dentro da boca não havia língua, não havia dentes. Era quase como se esse homem fosse uma casca ao redor de uma expansão ilimitável.

— Já falei com você antes, e sempre você esquece. Sua busca interminável para se descobrir sempre termina na sua amnésia. Você se aproxima da verdade e recua. Esperemos que tenha força para suportar sua existência.

Me levantei ansioso. Finalmente, alguém que podia me dar algumas respostas!

— O que sabe de mim? Como sabe disso?

Ele acenou a mão, dedilhando os dedos com delicadeza:

— Sei que você, como uma mosca, se levanta dos destroços da casca velha, zunzuna por um tempo, e se enrola e morre na janela da verdade. Você se debate pelo vidro, buscando a luz sem nenhum plano para as ações, e cai exausto quando fracassa. Pousa em outros para se alimentar deles por um tempo, e segue em frente sem nenhuma consideração por eles. Observei você chegar aqui e ouvi suas palavras, e o observei partir sem ser mais sábio.

Mordi o lábio, tentando tolerar o tom arrogante:

— Quem é você?

— Sou O. — Por alguma razão, quando ele pronunciou o nome, soou como se estivesse falando de muito mais

do que uma única letra — como se o pronunciar do nome contivesse possibilidades e nuances incontáveis. Nenhuma língua humana poderia criar tal som.

Balancei levemente de admiração:

— Que tipo de nome é esse?

— É meu nome. É o nome de uma porção de eternidade. Sou uma letra no alfabeto divino. Compreender-me leva a compreender a existência. Estou escrito nos verdadeiros nomes de metade de tudo. Meu ser abarca a verdade. Sou matemático, orgânico, metafísico.

— O que isso significa?

— O alfabeto divino está escrito no nome de tudo que existe, desde a semente no coração dos planos elementais até o núcleo do Grande Além. Meus irmãos/irmãs — uma única palavra traduzida em duas na minha mente — e eu nos estendemos por tudo que é, foi ou jamais será. Somos pensamento, e realidade, e conceito, e o inimaginável.

Fascinante:

— Me fale sobre o Grande Além.

Ele balançou a cabeça:

— Você não entenderia. Nenhum mortal poderia. Está além dos poderes de compreensão de todos exceto os mais poderosos dos poderes, e uma vez que entendem, avançam além do véu da compreensão mortal. Não posso explicar

mais do que isso. Talvez, algum dia, você entenda.

— Então o que está fazendo aqui? — Realmente me perguntava o que poderia interessar a um ser tão poderoso como este.

— Por que, estou observando o fluxo e refluxo da mortalidade. — Ele varreu a mão, tomando todo o bar.

Olhei ao redor para a pequena miscelânea de pessoas ali, se é que podiam ser chamadas assim. O estranho, o sórdido e o demoníaco eram os frequentadores deste bar:

— E o que vê?

Havia algo seguro nos seus movimentos, algo no jeito como movia as mãos que parecia delinear uma coisa mesquinha:

— Vocês mortais são como vespas. Constroem suas vidas/ninhos dos galhos mais finos, e quando o vento sacode seu lar/vida, tentam picar o vento até a morte. Em vez de perceber seus erros tolos, tentar reparar o dano que causaram a si mesmos, e aprender com a experiência, causam dano a qualquer um que tenha o infortúnio de tropeçar perto deles no momento de dor e angústia. Meu conselho para você — e para todos os mortais: parem de agir como inseto e comecem a agir como ser senciente. — Parecia divertido como um menino olhando para um inseto.

— Os frequentadores deste lugar são variados, mas todos mortais. Como todos os mortais, suas preocupações

são limitadas, com o potencial de florescer em Verdade genuína. Posso te dizer isso, porém: você pode encontrar aqui um companheiro caro ao seu coração — pelo menos tão caro quanto seu coração permite. Você vai precisar dele na sua jornada.

Piscei:

— O que sabe sobre isso?

Ele sorriu levemente:

— Sei que sua jornada o leva muito além da busca pelo diário, até as bordas da existência. Você vai lutar pela vida e pelo próprio espírito... e não lhe digo mais a respeito disso.

Balancei a cabeça:

— Você parece saber muito.

— Tanto quanto um pedaço da própria essência do multiverso pode saber.

Olhei nos olhos dele, aquele brilho dançante e estranho piscando nas órbitas sem fundo:

— Então isso significa que você conhece todos os segredos da existência, não é?

Ele balançou a cabeça:

— Conheço partes de muitos deles. Sem uma conexão com meus irmãos/irmãs, sou apenas uma letra. Sozinho, sou um símbolo. Combinados, somos linguagem e poder.

— Então você não conhece os segredos da existência?

Ele se levantou rigidamente:

— Não disse isso. Uma letra ainda é uma força poderosa, mesmo por conta própria. Permita-me mostrar.

— Ele abriu a boca, mais e mais. A máscara do rosto se rasgou ao redor dos olhos, da boca e do nariz, revelando aquela dica de eternidade que eu havia vislumbrado antes. Fui perdido nela, à deriva nela... uma parte dela. Quando voltei aos sentidos mundanos — percebi que O havia desaparecido. No entanto, de alguma forma, meus horizontes tinham se expandido. O iluminismo havia me roçado, por mais brevemente que fosse, na testa.

— Isso foi... indescritível.

Cambalei. Podia estar batendo papo com todo mundo neste maldito bar, mas este fragmento de Verdade, pelo menos, valia muito mais. Ainda tonto, apoiei as mãos numa mesa onde um velho estava sentado, contemplando uma pequena xícara de chá.

Era velho. A pele seca e amarela tinha as cicatrizes de alguém que viajou por todos os lugares e nunca descansou muito em nenhum. O rosto apertado era inumanamente angular, e as orelhas varriam o crânio, afinando-se em pontas. Usava uma túnica larga de laranja, e uma estranha lâmina cintilante estava presa às costas. A lâmina parecia ser um glaive de duas pontas, feito de algum metal cuja

superfície redemoinhou como uma película de óleo num lago.

— Me perdoe.

O homem se voltou para mim, os olhos como carvão polido. Ele olhou através de mim, e por um momento me perguntei se poderia ser cego. A arma de repente se tornou um negro morto e chato, espelhando os olhos do homem.

Piscei:

— Você está bem?

Ele nada disse por um momento, apenas buscando meu rosto com os olhos:

— Salve... viajante. — A voz era quieta e sombria, como um vento sussurrando pelos galhos de uma grande árvore. Retribui a saudação estranha:

— Salve.

O homem encontrou meu olhar, os olhos sondando os meus. A arma perdeu a cor negra, retomando o cintilante que notei antes de lhe falar:

— Seus olhos têm o peso de alguém que viajou longe para estar neste lugar.

Dei de ombros:

— Poderia se dizer assim.

O olhar do homem não vacilou:

— Sou conhecido como Dak'kon. — A ênfase que colocou na palavra “conhecido” me pareceu estranha... ainda assim familiar ao mesmo tempo.

— Você não é conhecido por mim.

— Você não é conhecido por mim.

— Estamos sob o mesmo céu nessa questão, então.
— Dak'kon ficou em silêncio por um momento, ainda me estudando com os olhos de carvão. — Os Planos contam muitos infinitos, mas você está aqui. Eu gostaria de saber por que você veio a esta cidade.

— Estou procurando respostas... há muito que não sei, e esqueci ainda mais.

Ele assentiu, gesticulando para o assento ao lado dele:

— Fale suas perguntas. Vou ouvi-lo.

Sentei. O metal do banco estava quente, como toda outra superfície neste bar:

— Seus traços são... desconhecidos para mim. O que é você?

— Um githzerai — ele disse simplesmente.

— Um githzerai?

— Um githzerai é um do Povo — mais uma vez sem uma onça a mais do que absolutamente necessário.

Piscei:

— Um do povo?

— Um githzerai — tão plano como antes.

— Sim, mas o que são os githzerai, exatamente?

Dak'kon ficou em silêncio por um momento, depois falou:

— Nossa história não precisa ser de seu conhecimento. Sangrariam até a morte na lâmina do tempo antes que eu recitasse uma fração das histórias do nosso Povo.

Dei uma risadinha:

— Não preciso saber das histórias... mas gostaria de conhecer seu povo como são agora.

Dak'kon fez uma pausa. — *Saiba* disso e aceite como resposta: Somos o Povo que faz seu lar no plano mutante de Limbo. — Com um movimento habilidoso, Dak'kon retirou a lâmina das costas e a segurou diante dele.

Sua voz assumiu um tom suave e grandioso. Havia uma certeza ali que lhe faltara antes — forte e resoluta:

— Lá, moldamos a matéria de Limbo com nossas mentes. Forjamos cidades com nossos pensamentos. — Enquanto eu observava, uma série de ondas metálicas começou a se propagar do centro da lâmina. A crista e a amplitude das ondas combinavam com as inflexões na voz de Dak'kon. — Em seu caos habitamos, com apenas nosso *saber* para nos preservar. Somos os githzerai.

Contemplei sua arma:

— O que é essa lâmina... ela se moveu, mudou em resposta à sua voz.

— É uma lâmina karach. É um objeto que permite que outros *saibam* o posto do portador.

Olhei para Dak'kon:

— Karach? O que significa?

Dak'kon ficou em silêncio por um momento, como se buscasse as palavras certas:

— Na sua língua, a tradução mais próxima é “matéria do caos”. O Povo pode moldá-la com os pensamentos. A karach não é moldada pelo calor, mas por *se conhecer*. É um espelho que reflete a vontade do portador na superfície e no fio. Quando alguém *se conhece*, a lâmina é forte — mais dura e resistente do que o aço. Quando alguém não *se conhece*, a lâmina é como água — informe e fraca.

— Que posto a lâmina indica?

Ele jogou a arma de volta às costas:

— A lâmina é um símbolo carregado pelo zerth. Um zerth é alguém que *conhece* as palavras de Zerthimon, ele que fundou nossa raça. Ele *conhecia* os githzerai antes que eles se *conhecessem*. Ele definiu o Povo. Deu-lhes uma mente. Em *conhecer* as palavras de Zerthimon, eles *conhecem* a si mesmos.

— Você parece dar uma ênfase especial a “*saber*”. O que quer dizer?

— Todas as coisas, seja estrutura ou carne — sua existência é definida pelo *saber* de si mesmas.

— E se um homem não *se conhece*?

— Quando uma mente não *se conhece*, é falha. Quando uma mente é falha, o homem é falho. Quando um homem é falho, aquilo que toca é falho. — Dak’kon fez uma pausa. Claramente era um homem de poucas palavras normalmente. — Diz-se que o que um homem falho vê, suas mãos tornam quebrado.

— Você *se conhece*?

Dak’kon ficou em silêncio. Seus olhos de carvão assumiram a mesma distância que notei quando lhe falei pela primeira vez.

— Pergunto de novo: Você *se conhece*?

Quando Dak’kon falou de novo, sua voz havia mudado — suas palavras ecoaram, como uma grande pedra caindo num abismo. Parecia estar forçando as palavras do peito:

— Não é de minha vontade que você *saiba* disso.

— Me perdoe, não quis ofender — tentei mudar de assunto. — Está na cidade há muito tempo?

— Viajei por ela muitas vezes. É *conhecida* pelo nome de “Sigil”. Entre o Povo, é *conhecida* como a cidade que

não *se conhece*.

— Ela não *se conhece*? O que quer dizer?

— A cidade existe, mas não *se conhece*. Em não *se conhecer*, sua existência é falha.

— Você fala como se a cidade fosse viva.

— Pode não ser consciente e *se conhecer* no sentido que você ou eu poderíamos nos *conhecer*, mas ela vive. Cresce, muda, e toca as mentes de todos que vivem aqui.

Inclinei a cabeça:

— Por que disse que a cidade não *se conhece*?

— A cidade existe em oposição a si mesma. Colocou-se à parte dos planos, mas busca estar em todo lugar de uma vez. Suas paredes são portas, mas mantém essas portas trancadas. Tal existência fala de uma coisa que não *se conhece*. Em não *se conhecer*, é falha.

— E se a cidade não for falha, e você simplesmente não souber as razões das contradições? Há ordem em tudo. Talvez haja um padrão subjacente que você não consegue perceber.

A voz dele era segura e sabedora:

— À sua pergunta, uma pergunta: E se a cidade for falha, e você ver suas contradições ao redor?

— À sua pergunta, uma pergunta — retruquei. — Você afirma que a existência desta cidade é falha. Você

aceitou isso em vez de explorar a possibilidade de que algo maior possa existir. Isso sugere que você é falho... e que você não busca conhecimento, mas apenas uma resposta conveniente.

Dak'kon ficou em silêncio:

— Não há como *saber* a resposta às perguntas que fizemos. Ainda assim a cidade existe. Isso é tudo.

— Ainda assim eu manteria que nos *conhecemos* pelas perguntas que fazemos e pelas que não fazemos. Se cessarmos de fazer perguntas e aceitarmos apenas o que podemos perceber...

— Então cessaremos de *nos conhecer*. — A voz de Dak'kon havia mudado levemente, ficando mais pesada. — Tais palavras já foram ditas antes. Eu as ouvi e as *conheço*.

Me recleinei em surpresa:

— Onde as ouviu?

— As palavras são minhas. Uma vez, eu as *conhecia* e *conhecia* seu significado. Havia me esquecido delas até você falar. — O olhar de Dak'kon atravessou-me, e sua lâmina parou de cintilar, perdendo toda a cor até ficar translúcida. Houve um momento de silêncio, então Dak'kon olhou para cima:

— Gostaria de trilhar seu caminho com você.

Resmunguei:

— Eu... não acho que seja uma boa ideia agora. Temo que estou num certo apuro no momento. — Será que os valentões tomariam o bar de assalto? Esperava não ser responsável por um massacre. Por outro lado, pela aparência do lugar, os frequentadores eram duros como prego. Talvez conseguissem cuidar de si mesmos.

O olhar de Dak'kon mudou. Parecia estar olhando além de mim mais uma vez:

— Sou velho, mas viajei longe. As artes da guerra são de meu *saber*. As marés desta cidade são de meu *saber*. Onde você apunhala no escuro, minha lâmina golpeia certo. Portas fechadas para sua mão são corredores para a minha. Em *saber* essas coisas através de mim, você se tornará forte. Gostaria de trilhar seu caminho com você.

— Não — sacudi a cabeça. — Não posso permitir que alguém se machuque pelos meus próprios erros. Ou pelos de Morte.

— Gostaria que você me ouvisse. — Antes que eu pudesse me virar para sair, Dak'kon falou de novo. Estava achando difícil me afastar enquanto ele tivesse minha atenção. — Você é um estranho para esta cidade. Em não *conhecê-la*, a cidade é um perigo para você. Duas lâminas carregam mais peso do que uma, mesmo quando deixadas nas bainhas. — Enquanto falava, a lâmina voltou ao negro morto de antes.

Relutantemente assenti:

— Se insiste, então aceito. Uma lâmina extra seria bem-vinda.

— Seu caminho é o meu. — Estranhamente, sua voz parecia distante, e ecoou, como se estivesse falando de uma grande distância.

Era hora de derramar um pouco de sangue.





Capítulo 23

— Quando acabarmos com você, vai querer ter ficado com a aparência que tem agora.

Estávamos em desvantagem de três para um. Valentões com as cores das gangues: vermelho e preto, cinza e azul, carmesim névoa, marrom-ferrugem — os representantes de não menos de quatro bandos estavam frente a frente conosco naquele beco apertado. Parte de mim esperava que o pior que poderia acontecer fosse acordar na laje novamente. A outra parte não tinha tanta certeza de um final tão feliz. De um jeito ou de outro, homens cairiam como palha hoje.

Se eu tivesse tido tempo de meditar sobre o grimório. Ganhar vantagem com a feitiçaria.

— Realmente não queria você nisto, Dak'kon.

Ele examinou o líder:

— Ele não *conhece* seus companheiros: um acólito que não *conhece* sua lâmina e a maneja desajeitadamente. Eles cairão. — Ele desembainhou a lâmina *karach*. — Em nome de Zerthimon. — Seu sussurro rangia com a rigidez de décadas — frio e seguro como uma floresta ao vento.

Eles vieram sobre nós com punhais desembainhados, uivando com lábios marcados pela bexiga e dentes limados em sorrisos de tubarão. Punhais reluziam opacamente na luz amarelada do dia, armaduras remendadas chacoalhavam e botas levantavam nuvens de poeira enquanto carregavam. Eu estava em silêncio. Dak'kon estava parado. Morte cacareou num chocalhar de dentes e chacoalho de ossos e saiu com insultos e provocações, atraindo três ou quatro homens que ficaram vermelhos de raiva.

Senti um punhal se enterrar no meio das costas e grunhi de dor. Algo jorrou por dentro — aquela lâmina serrilhada penetrando fundo o suficiente para que eu pudesse sentir o sangue morno escorrendo para dentro do pulmão.

O grande grupo vindo pela direita era uma distração: um punhado de patifes havia se esgueirado por trás enquanto estávamos distraídos. Rosnei, girando enquanto aquela lâmina se retirava — as bordas serrilhadas arrancando carne e tendão num horrível estalido úmido. Meu punhal deslizou pelo ponto macio da armadura de um valentão no primeiro golpe; a ponta bateu em aço amassado no segundo.

— Morte precisa da sua ajuda! — gritei. — Vai morrer!

Sem hesitar, Dak'kon correu em direção ao combate com a arma na mão — desviando de um valentão e cortando-o com a graça casual de um gavião de olhos de

ébano.

Era um guerreiro de vento e aço: focado, preciso, veloz. Quatro valentões cercaram Morte e Dak'kon, mas o githzerai dançou entre as lâminas cortantes e os socos de espigão, *conhecendo* a crua simplicidade dos movimentos deles, *conhecendo* as fragilidades de suas armaduras remendadas. Uma estocada da lâmina negra partiu carne e osso como uma faca quente na manteiga; um corte ascendente abriu o patife do umbigo ao nariz. As entranhas do homem escorregaram para a terra empoeirada, e uma misericordiosa estocada da lâmina *karach* encerrou o espasmo agonizante.

Dak'kon se movia com propósito sem paralelo: girava apenas o suficiente para uma faca desviar na armadura, cortava com tal precisão que nem uma gota de suor a mais do que o necessário era gasta. Cada gota de suor derramado, cada respingo de sangue espalhado pelas ruas pavimentadas era feito com o mesmo foco divino que trazia ordem ao caos — que forjava uma lâmina de fio de navalha da proto-matéria de Limbo. Suas formas circulantes — uma mão girando firmemente a lâmina, uma palma suavemente guiando o cabo — trouxeram uma espiral de morte para o espaço apertado onde as paredes eram a armadura dos inimigos, suas barreiras a própria carne deles.

Era a Arte da Guerra em sua forma mais pura.

Meu humilde punhal se torceu desajeitadamente na

minha mão — a ponta lascada e o fio embotado pelo osso e armadura dos inimigos. O primeiro patife jazia morto aos meus pés. O segundo pulou sobre mim, esperando marcar um golpe de sorte no pescoço ou pelo peito desprotegido para forçar uma vitória tão rápida quanto a morte.

O cabo do punhal já estava escorregadio de sangue na minha mão, e com uma aparada desajeitada ele saiu dos meus dedos. O ladrão me olhou com um sorriso satisfeito de vitória no rosto. Derrubar um oponente desarmado seria simples.

Isso, se seu oponente temesse um ferimento mortal.

O homem soltou um grito agudo, pulando à frente com um rápido corte e uma estocada. Abracei o aço encharcado de sangue como abraçaria um amante áspero, e enquanto ele o arrancava da barriga com um estalido e um jato de sangue, agarrei o crânio dele. Com uma torção e um estalo, acabou.

Tossi, o gosto de ferro do sangue enchendo a boca. Não deveria usar essa estratégia demais.

Me virei para me juntar a Dak'kon no combate, e no meio da refrega confusa uma mão carnuda agarrou meu pescoço.

Ferro e aço entrechocaram à distância enquanto os dedos carnudos do valentão cavavam minha garganta, me empurrando contra o chão enquanto a outra mão firmava o

machado perto da lâmina. O pescoço do homem era grosso demais para quebrar.

— Sem punhal, sem magia chique. Nenhum irmão amarelo do Ert-Agh para te apoiar. Superado por cima. As coisas tão ficando feias, aye?

Minha voz saiu num croar — mais aguda e suave do que meu rosnado habitual:

— Você... não pode... me matar...

— Não, é por isso que vou te machucar bem devagar. Reza suas preces, sua aberração horrenda. — A lâmina se aproximou do rosto.

Gemi:

— Não sou particularmente religioso.

Com isso, enfiei o polegar na órbita do olho do homem.

Ele berrou, os dedos perdendo a pega no machado pesado, que despencou e cravou no meu outro ombro. Fiz uma careta enquanto o valentão recuava cambaleando, meu polegar ainda o prendendo de dentro do crânio. Caímos um sobre o outro até eu ficar montado no peito dele, forçando o polegar mais fundo até ele romper o osso fino na parte traseira da órbita — sondando o cérebro até ele gorgolejar e babar pela boca, as palavras se dissolvendo em baboseira incoerente.

— Mas se é o que quer, desejo-lhe paz na vida após a

morte... — um último empurrão o silenciou para sempre: uma morte rápida. Puxei o polegar num jorro de sangue e fluido cerebral. Espuma grossa e borbulhante escorreu da boca dele.

Depois disso, era apenas questão de cuidar dos retardatários.

Com o líder caído e a lâmina de Dak'kon ceifando-os como folhas de outono, os valentões fugiram tão depressa que mesmo os insultos mais coloridos de Morte (sobre a sexualidade deles e os ancestrais de três gerações) não conseguiram atraí-los de volta ao moedor de batalha.

— Você está bem, chefe? — Morte tinha uma fissura aqui e ali, e uma fratura se formando ao longo da mandíbula. Dak'kon parecia intocado.

Balancei, rindo estupidamente de perda de sangue:

— Estou... bem. Mas você precisa de um curandeiro.
— Cuspi mais um golfão de sangue, mas já podia sentir a coceira familiar enquanto o corpo entrava em ação e começava a se regenerar. Não me impediria de me sentir como se tivesse sido espremido pela extremidade traseira de um ta'nari, no entanto.

Chegamos ao quadrante norte da Colmeia o mais rápido que conseguimos. A cada passo meu ritmo era um pouco mais rápido, e fui recuperando um pouco da força que me permitiria ao corpo fazer um vômito muito necessário.

Encontramos Ingress encolhida dentro do manto de trapos sujos, os dentes chacoalhando. Ela olhava ao redor furtivamente, como se esperasse ser atacada a qualquer momento.

Tossi e cuspi, limpando a garganta antes de falar:

— Saudações, Ingress.

— Hein? Você! — Ela me fitou. — Que é que vous quer de mim agora?! Vous quer que eu saia? NÃO saindo desta cidade, não é não. Não consigo, tentei, não é uma cidade, é uma prisão pra todo lugar.

— Ingress, encontrei alguém que pode te levar de volta ao seu plano natal.

Ingress ficou em silêncio:

— Quer ir. Quer SAIR desse lugar.

— O nome dele é Candrian. Deve vir em breve para te ajudar... confia nele, tá?

Ela nada disse, apenas deu uma aceno quieto enquanto os dentes chacoalhavam na boca.

— Vou voltar e encontrar Candrian no Bar do Cadáver Fumegante e garantir que tudo deu certo. Seja forte, Ingress.

Tinha vários pontos soltos para amarrar.

Porfíron ainda estava parado sombriamente na rua quando o vi de novo — sem dar atenção aos passantes.

A teia de linhas no rosto estava escalonada em séries de ângulos retos.

— Este aqui se dirige a você, Porfíron.

Enquanto eu falava, os ângulos no rosto de Porfíron relaxaram em séries de curvas estranhas:

— Este aqui gostaria de perguntar: Você tem o cordão de contas do pescoço que foi roubado?

— Acho que sim. É este? — Estendi o rosário.

— Este aqui vê o que você segura: Essas são as contas antes faltantes. — Ao pegá-las, notei que suas mãos tinham o mesmo traçado de linhas que o rosto. — Este aqui tem uma pergunta: Como você conseguiu as contas dos três?

Dei de ombros:

— Os convenci de que era do interesse deles devolver o rosário.

Porfíron franziu o cenho:

— Este aqui gostaria de *saber*: Aquele que luta com palavras carrega um nome na Ordem do Erit Agge. — O rosto de Porfíron se contorceu em ângulos de novo. — Esses são chamados de diplomatas: É um caminho sem disciplina e sem honra.

Sorri firmemente:

— Oh, ainda matei os ladrões.

O franzido desapareceu enquanto ele assentiu:

— Este aqui está satisfeito: A mensagem da violência foi transmitida. Este aqui concede: Muitos agradecimentos bem-vindos, sim?

— O prazer foi meu. Tenho uma pergunta para você: se não pode entrar em combate, como obteve o treinamento de guerreiro?

Porfíron se ergueu com orgulho:

— Este aqui esclarecerá: O Erit Agge pode treinar com alguém quando não há raiva entre eles.

Coçei o queixo:

— Entendo. Você poderia me ensinar como usar essas armas?

— Este aqui poderia te instruir, sim. Mas este aqui te avisa: Com o *saber* da violência vem a tentação de usá-la.

Praticamos posturas e formas no meio da rua por algumas boas horas enquanto ele me ensinava a arte do punhal. Golpe e esfaqueada, estocada e perfuração. Meus movimentos desajeitados foram se refinando, e aos poucos me ajustei à arma como se fosse parte da própria mão. Quando terminamos, Porfíron assentiu como alguém que havia cumprido seu dever com orgulho, e nos separamos com sorrisos e agradecimentos.

Uma rápida palavra com Baen o Enviado foi tudo que foi necessário para garantir que a mensagem foi transmitida — me rendendo outro punhado de moedas, assim como a

vontade de gastá-las.

Mebbeth franziu os cenhos ao eu entrar arrastando os pés na cabana naquele estado deplorável — carne rasgada e apenas começando a se costurar, ensanguentado e bruto:

— Tch, o que aconteceu com você, filho?

Havia cuspid o último bit de sangue logo do lado de fora da Praça do Trapeiro, mas a voz ainda rangia:

— Uma briga com valentões locais. Muitos deles.

Ela balançou a cabeça:

— Muito bem, então. — E alcançou uma das ervas secas do cinto. Mebbeth a arrancou pelo caule, depois a moeu nas palmas calejadas. Pequenas volutas de pó e pólen subiram das mãos. Ela encheu o ar com o cântico, e soprou o pó no ar.

Suspirei enquanto a magia suave dela se assentava por mim — aliviando as feridas e sangrando a náusea. Palavras nunca poderiam transmitir o quão refrescante se sentia. Morte espirrou.

— Obrigado, Mebbeth.

Ela franziu o cenho:

— Devia te dar um tapa, andando tão irresponsavelmente. Te avisei para ter cuidado, aye?

Me endireitei defensivamente:

— Não abusei do treinamento, Mebbeth. Nem tive

chance — embora não fosse fazê-lo de qualquer forma.

Ela bufou:

— A Arte transmite sabedoria e poder mais do que apenas um mexer de dedos e uma explosão de chama, menino. Melhor lembrar disso.

Assenti humildemente:

— Tem magias e encantamentos que posso comprar?

Quando terminei de vasculhar as mercadorias dela, Mebbeth praticamente nos forçou a dormir ali. Aproveitei para estudar — memorizando as magias que ela me havia dado.

De manhã, saímos para comprar o que mais pudéssemos para terminar a tarefa à frente, vendendo as joias de cobre que havia catado dos cadáveres dos valentões que matara. Não havia honra nem orgulho em viver como abutre, mas a necessidade me empurrava a isso. Não estava muito orgulhoso do novo peso arredondado da bolsa naquele dia.

Fiz o caminho de volta ao Cadáver Fumegante. Os corpos do massacre de ontem haviam sido arrastados pelos Coletores, mas manchas carmesins e poças ressecadas ainda estavam espalhadas pelas pedras do calçamento. Os valentões que circulavam me olhavam cautelosos, mas nenhum tentou atacar. Passaria um tempo antes que se encorajassem para tentar de novo.

Candrian se levantou ao me ver se aproximar:

— A mulher dos dentes queria que você ficasse com isso — ele disse, estendendo a mão. — Queria expressar os agradecimentos, equilibrar o livro de contas por assim dizer, e pronto com a coisa. — Na palma da mão havia um saquinho verde que ele depositou suavemente na minha.

Sorri levemente, contente por Ingress:

— Como ela reagiu?

Candrian sorriu:

— Nunca vi alguém tão radiante. Ela ficou chorando e lamuriando. “Lar! Lar!”

Suspirei:

— Espero que encontre a família de novo. Ou os amigos.

— Demos a ela essa chance, buscador.

Despejei o conteúdo do saquinho de pano na mão enquanto saíamos. Ugh. Os dentes dela. Eles chacoalharam entre si na palma, como um bando de insetos de marfim puladores e horripilantes:

— Ei, Morte, olha isso.

Ele flutuou para perto:

— Qual é a história, chefe?

— Está vendo esses dentes?

Ele deu uma olhada na palma, morbidamente fascinado:

— Iáccccch.

Os dentes chacoalharam enquanto os girava na mão:

— Uns bizonhos feios, não são?

— Dispensa. — Morte estremeceu. — Você ia querer essas coisas em *você*?

— Vamos lá, Morte, parece que eles gostam de você. Olha o jeito que ficam te encarando — brinquei, balançando a mão na direção dele.

— Esses bizonhos não chegam perto de mim, senão vou... — Morte fez uma pausa. — Sabe, não tenho ideia de como ameaçar dentes.

Algo se mexeu na minha mão.

— O que foi? — Morte flutuou mais perto e olhou para a palma. — Ei... parece que estão planejando alguma coisa, não parece?

— Parece mesmo, não parece—

O que aconteceu a seguir é difícil de descrever... e doloroso de assistir. Mais rápido do que consegui fechar a palma, os dentes pularam da mão e enxamearam para a mandíbula de Morte. Morte uivou enquanto os dentes de Ingress prontamente arrancavam os velhos e então saltavam para as cavidades expostas.

— Morte! — gritei, completamente horrorizado. Dak'kon recuou, os olhos se arregalando.

Morte continuou uivando. Os dentes se assentaram,

ajustando-se e plantando as raízes com um horrível som de perfuração.

Agarrei os lados do crânio dele para estabilizá-lo, me perguntando se deveria tentar arrancar as coisas com os dedos:

— Morte? Você está bem?

Morte parecia não me ouvir... continuou uivando e uivando, depois subitamente começou a bater os dentes. Conseguiu três mordidas poderosas antes de os dentes superiores e inferiores se travarem juntos e o impedirem de abrir a boca.

Piscei:

— Uau.

Morte me fez barulhos abafados de gritos, os olhos arregalados:

— Morte, está bem?

Os dentes de repente se destrancaram, e Morte deu uma respiração funda:

— Vou te *matar* por isso! Você planejou! Eu sei!

Olhei para ele, fazendo uma careta:

— Olha, não planejei isso... até te avisei. Ahn... como eles estão?

Morte mexeu a mandíbula experimentalmente:

— Estranho. Mas não ruim. — De repente os dentes se estenderam em presas. — Ooooh! Eles mudam! — Voltaram ao normal, depois para presas de novo, depois normal... — Acho que vou gostar desses.

— Lamento, Morte. Não queria te machucar.

— Oh, ainda vou me vingar disso — Morte respondeu. Deu um sorriso com os dentes se tornando presas de novo. — Só espera.

Não gostei do som disso.

— Ahn... a vingança nunca ajudou ninguém, Morte... ahn, vamos embora.

Pelos dias seguintes peguei trabalhos avulsos aqui e ali: entregando cartas, escoltando visitantes, repelindo valentões e gangues e vendendo os bens coletados. Não era uma vida orgulhosa de forma alguma, mas era algo para nos ajudar a sobreviver.

A hospedaria mal cuidada onde ficávamos era um abrigo pobre, e parte de mim ficava preocupada que o dono tentaria nos assassinar no sono pelas poucas moedas. Mas com Dak'kon ao lado e as cicatrizes se acumulando na carne, os de vontade mais fraca recuavam. Logo percebi que apesar do manto de feridas na carne, os valentões conseguiam ver que eu era inexperiente nos modos da cidade — talvez até um pouco ingênuo.

— Eles *conhecem* sua inexperiência pela sua postura —

havia dito Dak'kon.

À noite ficava acordado a maior parte do tempo enquanto Morte roncava e Dak'kon cochilava quietamente, a lâmina apoiada no ombro enquanto ele se recostava na parede como em meditação. Eu sempre temia aquele vazio sem sonhos aterrorizante quando os olhos fechavam — aquela ferida funda em mim com as bordas irregulares onde algo estava faltando. Algo *vital*.

Quando a fadiga finalmente me abraçou no frio, foi tudo que pude fazer para não gritar até a fraca luz da manhã se infiltrar pelas janelas rachadas. Me levantei zozinho, tremendo e tentando limpar a cabeça daquela névoa negra terrível. Hoje era o dia em que entraria no túmulo, e precisava de alguns suprimentos. Decidi investigar uma loja que havíamos passado antes mas não tínhamos tido tempo para entrar.

A placa lá fora dizia: “Salão de Tatuagens de Fell.”



Capítulo 24

O ar frio e seco era de mau augúrio no salão de tatuagens. Por baixo da doçura da fumaça de incenso, o cheiro bolorento de couro velho havia se entrelaçado com a mais leve dica azeda de carne estragada.

Por todo o estabelecimento, designs intrincados haviam sido tatuados em folhas de couro e pergaminho. Estavam espalhados de forma aparentemente aleatória, mas pela ausência de poeira havia uma ordem estranha em tudo aquilo. Era como se Fell trabalhasse com uma mão meticulosa, mas caprichosa.

Um dabus estava no centro do cômodo... mas algo nele me pareceu estranho. Tinha o mesmo choque de cabelo branco, o mesmo tom esverdeado na pele, o mesmo par de chifres de bode... então de repente percebi: este estava caminhando no chão, não flutuando. Por alguma razão, isso me deixou desconfortável.

Piscei, olhando para Morte:

— Ahn... Morte. Você disse que dabus flutuam, certo? Esse está andando no chão.

Morte olhou para o dabus, e os olhos se arregalaram:

— Aha! Sabia que vocês cabeças-de-chifre conseguiam andar! Sabia! — Morte se virou alegremente para mim. — Ha! Esse deve não ser altivo o suficiente para sair do chão.

O cumprimentei. O dabus esperou pacientemente, as mãos enfiadas nas mangas. Fiz várias perguntas ao dabus, tentando refrescar a memória sobre os rébus que apareciam acima de sua cabeça.

Enquanto estava prestes a perguntar ao dabus quem era, de repente percebi que já sabia o nome da criatura — “Fell”. Não era a placa nem o fato óbvio de ele estar agindo como lojista. Havia algo mais fundo no nome do que eu percebera. Ecoava no crânio. Como em resposta, o dabus inclinou ligeiramente a cabeça, e um único símbolo apareceu acima dela. Era turvo no começo, depois se resolveu numa oval branca com um raio preto.

— Tenho a sensação de que te conheço, Fell — disse, levemente desorientado.

Fell fez uma reverência respeitosa, e um fluxo de símbolos redemoinhou ao redor de sua cabeça, girando no sentido horário, depois no anti-horário. Levei um momento para traduzir: *Esta é a primeira vez e não é a primeira vez que você vem a este lugar.*

— Você sabe quem sou?

Outra série de símbolos se materializou com nitidez acima da cabeça de Fell. A tradução me veio tão rápida

e clara quanto os próprios símbolos... como se eu já tivesse traduzido a mesma sequência inúmeras vezes antes.

Sim. Mas não me é permitido contar a sua história.

Mordi o lábio:

— Por quê?

Por um momento não houve resposta de Fell, depois um fluxo de rébus apareceu, como se escorresse da mente dele. *Minhas desculpas, não posso. Não posso mudar a natureza de um homem.*

Não consegui explicar por quê, mas a última frase enviou uma sensação rastejante pelo crânio. As palavras ressoaram no cérebro, mordendo fundo na mente como uma coceira fora de alcance. Havia algo escondido e profundo naquela frase que eu precisava desesperadamente lembrar. Tentei alcançar o ponto empoeirado na dobra escura da consciência. Era um lampejo no canto do olho — que desaparecia quando eu tentava encará-lo de frente.

...mudar a natureza de um homem...

Tressaltei:

— “Natureza de um homem”? O que isso significa?

Os símbolos que apareceram acima de Fell quase espelhavam o fluxo anterior.

Minhas desculpas. Não posso dizer.

Resmunguei e dei uma volta completa, exibindo o mapa de cicatrizes e arranhões, bem como a tapeçaria de tinta na carne:

— Pode me contar algo sobre essas tatuagens no meu corpo?

Fell estudou meu corpo por um momento, caminhando ao meu redor. O suave bater de seus calcanhares contra as tábuas rangentes me fez estremecer. Havia algo errado nele. Acima de sua cabeça, Fell espelhou cada símbolo enquanto examinava, depois voltou a me encarar. *Conheço-os. Nenhum é de minha mão.*

— Pode me contar sobre alguns deles?

Fell assentiu — símbolos aparecendo ao redor dele como vaga-lumes. *Os que estão nas suas costas foram escritos por uma mão cuidadosa e são direções para uma mente que se esquece de si mesma. O símbolo que repousa no seu ombro esquerdo é a marca do Tormento.*

Lutei contra o tremor que queria me percorrer enquanto olhava para o braço. A palavra era como um conjunto de garras de ferro raspando contra ardósia polida. Aquela ferida funda em mim pulsava com a palavra.

— Tormento?

O símbolo se aguçou, ganhando arestas que eram quase dolorosas para os olhos.

É o Tormento. É aquilo que atrai todas as almas

atormetadas para você. Fell assentiu para o meu braço esquerdo, para o ombro. A carne sabe que sofre mesmo quando a mente esqueceu. E assim você carrega a runa sempre.

Cocei o ombro distraidamente. De repente parecia muito coçando, a marca incômoda.

— Você diz que já me viu antes, Fell... sabe como eu morri?

Por um momento Fell não respondeu... depois, devagar, ameaçadoramente, três símbolos se materializaram acima de sua cabeça, cada um deles lançando uma longa sombra.

Sombras.

— Sombras?

Os três símbolos redemoinhou ao redor um do outro, cada um deixando um rastro negro e nebuloso. Ganharam bordas irregulares, como dentes e garras, e se multiplicaram... onde havia três, tornaram-se nove, nove tornaram-se vinte e sete, até o cômodo ser um enxame de sombras.

Muitas sombras. Saíram da escuridão, te cercaram, depois te deixaram para morrer.

Dak'kon tocou o cabo da lâmina enquanto os dentes de Morte chacoalhavam:

— Ahn... ch-chefe? Talvez devêssemos ir...

Encarei Fell:

— Por quê? Por que elas me mataram?

Os símbolos sombreados se fundiram em um, depois se dissolveram para serem substituídos por um símbolo simples. *Não sei.*

Depois de recuperarmos os nervos, vasculhamos a loja, examinando retalhos de carne cuidadosamente gravados com padrões e símbolos negros. Olhando para eles com o olho de um mago, notei que pulsavam com poder — uma ressonância que distinguia os símbolos de uma tatuagem comum. Uma era a marca de um guerreiro, concedendo maior força. Outra era um símbolo que concedia perspicácia. Outras ainda contavam histórias como bardos reunidos ao redor de uma fogueira.

Enquanto eu explorava a loja, Fell pacientemente selecionava seus pergaminhos, colocando-os aqui e ali de forma knowing, mesmo que não houvesse um padrão aparente em suas ações.

Curioso com a criatura enigmática, aproveitei a oportunidade para passar a cortina até o quarto dos fundos.

Quisera não ter feito isso.

Longos bastidores esticados e apoiados nas paredes adornavam o cômodo, com peles humanas estendidas como couro sendo curtido. Rabiscados pela carne rasgada

e distendida havia tatuagens — designs artísticos que pareciam contar uma dúzia de histórias de triunfo e tragédia. Dor e prazer. Não tinha muita certeza de querer saber como Fell havia coletado aquelas.

Ele estava parado com calma, me observando enquanto eu cambaleava de volta para o cômodo principal.

Tossi, envergonhado:

— O que são esses bastidores no quarto dos fundos, Fell?

Uma caravana de símbolos se materializou lentamente ao redor de Fell, um por um. *É minha galeria. Suas peles descartadas são minha tela. Eu te admiro. Estou triste por você.*

Estremeci ao pensar em todas aquelas peles. Eram minhas, ou Fell estava exagerando? Não queria saber.

— Triste por mim? Por quê?

Outro trem de símbolos se formou ao redor de Fell, desta vez formando um círculo. *A marca do Tormento repousa na sua carne. Tragédias e perdas se construíram sobre ela, como pedras sobre uma fundação. Você suportou grande dor.*

— O que quer dizer?

Uma longa cadeia de rébus apareceu acima da cabeça de Fell, depois envolveu os braços dele como algemas. *Eu te admiro porque você nunca se rendeu ao peso dessas*

perdas, apesar de suas correntes ainda pendurarem em você.

Uma série de rébus coalescia de novo, depois desceu, cobrindo o dabus como um manto. *Essas perdas cobrem esta vida e todas as suas vidas passadas. Você muda de vidas como uma serpente em muda. Você está explorando os caminhos infinitos da vida.*

Mais rébus apareceram, depois caíram subitamente ao chão, escorrendo atrás dele como uma sombra. *Leve consigo este aviso: cada uma de suas vidas lança uma sombra sobre a existência. Você deve viajar a um lugar onde essas sombras enlouqueceram e os arrependimentos cicatrizaram a terra.*

Uma súbita torrente de memória.

“...Você chegará a uma prisão construída de arrependimentos e tristeza, onde as próprias sombras enlouqueceram. Lá lhe pedirão para fazer um sacrifício terrível, meu Amor. Para que a questão seja resolvida, você deve destruir aquilo que o mantém vivo e não mais ser imortal.” As palavras de Deionarra ecoaram como se recém-ditas de seus lábios etéreos...

Balancei, subitamente perturbado:

— Tem mais alguma coisa que possa me dizer?

Uma breve série de rébus de papel fino apareceu em fileira ordenada ao lado de Fell, depois desapareceu em

motes brilhantes. *Não assine nada.*

Assenti:

— Muito bem.

Outra série de rébus apareceu, formando uma espiral — tinha a textura de uma pergunta. *Você se sente completo?*

Fechei os olhos, buscando fundo dentro de mim, acariciando aquela cicatriz cortada mais fundo do que qualquer das marcas que cócegas na carne. — Não estou. Na verdade, desde que acordei no Mortuário, sinto que algo está... faltando. Algo por dentro.

Fell assentiu, e uma série de símbolos se materializou num halo ao redor dele. *Você é forte. Mantenha a fé, e se tornará inteiro de novo.*

Vasculhamos as mercadorias dele um pouco mais, compramos algumas que pareciam úteis, e saímos de bom grado.

— Chefe, digo isso com toda a sinceridade que consigo reunir, mas realmente deveríamos deixar aquele dabus cabeça-de-bode bem longe. — Ele olhou para as novas tatuagens nos nossos braços. — Nunca estive tão contente por não ter pele.

Dak'kon balançou a cabeça enquanto andávamos:

— Este Fell te *conhece* de maneiras que você não *conhece* a si mesmo. Seria um aliado dos mais úteis. O

saber dele completará o seu.

Olhei por cima do ombro:

— Tenho que concordar com Dak'kon neste ponto, Morte. Fell sabe algo sobre meu passado... é algo que preciso. Talvez se eu falar com ele consiga me lembrar de alguma coisa.

Morte balançou a cabeça, murmurando. Não havia quase nenhum humor na voz:

— Tem um motivo pelo qual o sujeito precisa abrir loja nesse canto sombrio da Colmeia, chefe. Tem um motivo pelo qual ele não flutua como aquelas outras cabeças-de-chifre malditas.

Parte de mim ficou surpreso por ainda não termos sido cercados por valentões de novo quando chegamos ao arco que Norochj nos havia indicado. Respirei fundo, desenhei um semicírculo sobre o coração conforme as instruções, e com um sopro de ar o espaço à nossa frente distorceu, se torceu sobre si mesmo numa espiral de azul com motes de pó prateado. Uma brisa fria soprou do portal. O outro lado estava escuro como uma tumba.

Entrei cautelosamente enquanto Morte e Dak'kon entravam confortavelmente. Depois da história de Ingress, eu desconfiava de tais portas no espaço, onde sombras e fogo, geada e dentes poderiam me esperar do outro lado. O portal se fechou com um estalo atrás de mim.

O ar lá dentro estava estagnado, o cheiro empoeirado da idade maduro no ar. Onde deveria haver um silêncio assombrosamente desconfortável, ao longe havia um rangido rítmico mas irregular — como se criaturas vagassem por aquele mausoléu com propósito irreflexivo. Ignorando as próprias respirações pesadas e os batimentos acelerados no ouvido, nas trevas eu conseguia ouvir o chocalhar de ossos e os arrastões e raspões de coisas se movendo contra o metal.

Os mortos estavam caminhando.

Antes de darmos mais um passo, uma figura espectral se materializou da penumbra da passagem à frente e rapidamente se moveu para bloquear o caminho. Flutuava diante de nós, os outrora humanos traços torcidos numa máscara de raiva:

— Profanadores! Deixem este lugar imediatamente!

Contive o susto e, depois de um momento, estendi uma mão educada:

— Saudações.

— Saiam agora! — A voz trovejante ecoou pelos corredores. — Este lugar é proibido aos vivos. Saiam enquanto ainda podem.

Olhei além dele para a passagem à frente:

— Tenho algumas perguntas primeiro...

O rosto pálido se torceu num rosnado:

— Busquem suas respostas em outro lugar. Este lugar é um santuário para os mortos. Não permitirei que o sono deles seja perturbado pela intrusão de mais um mortal insolente!

— “Mais um”? Este deve ter sido a fonte dos mortos perturbados:

— Mais alguém esteve aqui?

O espírito resmungou:

— Se precisar saber... sim, há outro intruso que, ainda agora, continua a violar a santidade destes salões sagrados. — A raiva na voz do espírito desvaneceu. Ele parecia um tanto entristecido com a admissão. — As almas de meus irmãos e irmãs clamam por paz.

— Quem é este outro intruso?

— É um covarde maligno que empunha grande poder sobre os mortos. Busca algo nestes salões... o que poderia ser ou qual seu propósito ao buscá-lo, não posso dizer.

Examinei o fantasma de cima a baixo. Era algum tipo de guardião, afinal:

— Por que não expulsa este intruso?

O espectro balançou a cabeça:

— Não posso. O covarde se trancou na câmara interior do Mausoléu. Ele ergueu proteções poderosas que me

barram a entrada na câmara. É de lá que chama suas artes negras para acordar meus irmãos e dobrar-los à sua vontade maligna.

Sorri levemente:

— Parece que você precisa da ajuda de um intruso para se livrar de outro.

O espírito ficou em silêncio por longos momentos. Quase conseguia sentir o peso do olhar sem vida sobre mim:

— Sim... você talvez prevaleça onde eu falhei. Se prometer livrar-me deste vilão, concederei passagem. O que diz?

Assenti:

— Farei isso.

— Que assim seja. — O espírito começou a desvanecer lentamente, até restar apenas o eco de sua voz. — Mas tome cuidado... pise com leveza nestes salões, para não se juntar aos outros em eterno repouso.

Os pisos e paredes do mausoléu eram revestidos de metal, assentados como se substituíssem tábuas de madeira. Inconscientemente pisava firmemente em cada placa larga, evitando as frestas que separavam uma da outra.

De vez em quando as sentia se mover. Batiam ocamente

sob as botas, quando me ocorreu.

Essas placas eram as tampas de armários metálicos que guardavam os corpos dos mortos. Estávamos pisando sobre os túmulos deles.

Houve um clique, e a placa em que pisei afundou meio centímetro no chão. Ah, infernos.

Olhei para cima e vi um lampejo brilhante de luz disparando das sombras — uma orbe de cores que espiralizava em minha direção com um zunido. Emanava lascas de luz enquanto voava. Rajadas de dor me atravessaram quando a atingiu, faíscas elétricas que inflamaram os nervos pelo abdômen à medida que as energias arcanas do orbe cromático eram liberadas na carne.

Gritei de surpresa — Morte e Dak'kon pararam. Quando comecei a respirar de novo, os corredores estavam ermos de um silêncio assombroso.

E então o chocalhar à frente recomeçou, mais firme do que antes, como se aqueles ossos agora rangessem com propósito.

Os mortos ambulantes eram desajeitados, mas possuídos de uma ferocidade e resistência que nenhuma criatura viva poderia igualar. Rangiam e chacoalhavam enquanto lutavam, meu punhal quase inútil contra os ossos sem carne. Morte estilhava ossos com o próprio crânio,

enquanto a lâmina zerth de Dak'kon chocava contra os esqueletos ressequidos. Quando podia, grapejava — torcia e quebrava espinhas. Um giro do pulso arrancou o osso da perna de um esqueleto derrubado, e balançando-o como clava ajudei a trazer uma segunda morte a outro.

Lâmina chocou contra osso enquanto avançávamos pelos corredores mal iluminados, espalhando cacos de marfim que tilintavam no metal. Um por um os não-mortos caíam, inertes mais uma vez. Tomei a linha de frente, absorvendo o dano como uma esponja enquanto as clavas e os machados enferrujados deles caíam, como Morte e Dak'kon atacavam por trás. As coisas eram fracas — suas pancadas como gotas de chuva contra pedra. Mas ainda assim a chuva de golpes desajeitados me desgastava.

Ao dobrar uma esquina, porém, o tilintar de metal anunciou um perigo completamente novo.

Um esqueleto gigante avançou pesadamente em armadura pesada, enferrujada e amarela pela idade. A enorme lâmina que empunhava poderia chegar ao meu pescoço se posta na ponta. Os ossos haviam sido deformados e alongados pelas magias fétidas do necromante — crescidos para um tamanho imenso de modo que se erguia sobre todos nós.

Imediatamente estendi a mão, bradando as palavras de poder que ativaram a magia que havia preparado. Uma orbe de luz élfica piscante, engastada com todos os matizes

do arco-íris, disparou das pontas dos dedos e acertou o esqueleto. Perfurou a armadura, chamuscando a criatura até as costelas enquanto Dak'kon saltava para a refrega e Morte girava por trás atacando.

Percorremos aqueles corredores por horas, trazendo descanso final aos mortos ambulantes. A própria feitiçaria de Dak'kon chocou contra os não-mortos. Com cantos numa língua arcana e alienígena, ele desencadeava rajadas de fúria que estilhaçavam tudo que atingiam, de modo que a chuva de cacos de osso havia se tornado um barulho familiar.

Passos descuidados ativavam as proteções mágicas que protegiam o mausoléu. De vez em quando eu precisava descansar e esperar as feridas se fechar, depondo novas cicatrizes sobre as velhas.

Dak'kon era um companheiro silencioso na maior parte, mas alguma conversa solta foi afrouxando a língua enquanto descansávamos.

— Meu passado não é de seu *saber*. Não é de minha vontade que você o *conheça* — havia dito.

— *Saiba* que carrego as cicatrizes de alguém que viajou pelos Planos. *Saiba* que nunca descansei muito num lugar. *Saiba* que carrego o peso de alguém que viajou longe para estar neste lugar.

— *Saiba* que sou um githzerai. *Saiba* que sou do povo

de Zerthimon.

— Foi Zerthimon que *conhecia* os githzerai antes que eles se *conhecessem*. Ele *sabia* o que precisava ser feito para nos libertar. De seu *saber*, veio ação. De seu *saber*, a liberdade nasceu. Os githzerai cessaram de ser escravos e tornaram-se um povo.

— *Saiba* que sigo o Círculo Inquebrável de Zerthimon. Suas palavras são de meu *saber*. Seu coração é de meu *saber*.

— Tudo que resta é que eu *conheça* a mim mesmo.

Que sujeito sociável.

Quando chegamos aos portões do coração do mausoléu, havíamos consumido boa parte dos preciosos encantos de coágulo — o sangue cristalizado dissolvendo na língua enviou um calafrio por nós enquanto a magia fazia seu trabalho, estancando o fluxo de sangue nas feridas e renovando os corpos combalidos.

No centro da câmara estava um homem de estatura mediana em longos mantos de preto profundo. O cabelo estava bem penteado e uma barba aparada com impecabilidade complementava os traços belos. Ao notar minha chegada, pousou o livro em que escrevia e veio confiante em nossa direção, sorrindo:

— Impressionante... devo admitir que nunca pensei que chegaria tão longe.

Desembainei o punhal. Pelo menos agora havia algo que eu podia esfaquear:

— Fico contente em tê-lo desapontado... você é o responsável por todos os mortos ambulantes?

Ele deu uma risadinha e acenou a mão com desdém:

— Quem sou eu não lhe diz respeito. O que quero é a questão que mais deveria lhe preocupar.

— Muito bem... o que quer?

Ele deu um passo atrás e arqueou uma sobrancelha:

— Quero... o seu sangue.

Fiquei parado por um momento antes de falar de novo:

— Isso é algum tipo de ameaça?

O homem começou a responder, mas se deteve abruptamente. Um sorriso maligno se espalhou pelo rosto e ele começou a rir:

— Sim... suponho que seja.

Ele continuou a rir ainda mais forte da própria piada particular. As mãos haviam começado a se mover aos lados, traçando padrões intrincados no ar.

Em outra ocasião eu teria ficado maravilhado com as complexidades da magia que ele tecia, me perguntando se eu mesmo poderia aprendê-las. Mas o instinto me impulsionou e com um estalar dos dedos e um grito, um orbe cromático floresceu das pontas dos dedos e acertou o

necromante no peito. Ele cambaleou para trás de surpresa, enquanto os esqueletos ao redor do cômodo fechavam o cerco.

— Um mago! — ele disse, admirado, e as mãos começaram a se mover com maior desespero, sem esperar por esse revés.

— Desculpe, Morte! — gritei, e com isso o agarrei e o lancei além dos esqueletos chacoalhantes. Ele praguejou enquanto voava, estalando contra o nariz do necromante enquanto Dak'kon e eu nos ocupávamos dos esqueletos com força bruta.

Enquanto meu corpo absorvia os golpes dos esqueletos, Dak'kon despedaçava um esqueleto após o outro. Lancei uma rajada de energia atrás da outra no mago enquanto Morte zunzunava ao redor, mordendo e rasgando o manto negro, fazendo sangue brotar com os dentes ferozes e cintilantes de Ingress.

Um último orbe cromático atravessou o peito do mago justo quando minha magia estava se esgotando, e ao desabar com um coaxar, as magias que mantinham juntos os esqueletos ao redor se desfizeram. Ossos chacoalharam e trapos esvoaçaram enquanto caíam, levantando nuvens de poeira antiga.

Mais fácil do que eu esperava.

Revirei o corpo do homem, tentando encontrar alguma

evidência de quem era e o que fazia aqui. Algumas bugigangas que carregava pareciam úteis, pulsando de magia. Mas o tomo bolorento em que escrevia gelou o sangue nas veias.

Parecia ser algum tipo de diário, rachado e gasto pela idade. Algum tipo de brasão havia sido queimado na capa. Conseguia distinguir uma série de triângulos entrelaçados centrados ao redor das iniciais SR. A escrita nas páginas havia desbotado consideravelmente, mas as últimas entradas pareciam ter sido redigidas recentemente:

2º dia do 127º Ano do Reinado do Factol Hashkar:

Por fim, encontrei! A página faltante do Grimório Ap'Tarj está em meu poder. Como havia suspeitado, a página detalhava os componentes necessários para o lançamento do feitiço de transformação final. Tenho todos, exceto um. Uma gota do sangue de um imortal é tudo que me separa do poder eterno da lich. Mas onde encontrar tamanha raridade? Talvez deva buscar a resposta pela adivinhação.

14º dia do 127º Ano do Reinado do Factol Hashkar:

Após dias de exaustivos feitiços de adivinhação, finalmente tenho as respostas. A adivinhação revelou a localização de um imortal numa antiga cripta localizada no Distrito da Colmeia de Sigil. Devo me apressar. Devo encontrar esta criatura e colher seu sangue antes que siga

em frente.

15º dia do 127º Ano do Reinado do Factol Hashkar:

Cheguei ao Mausoléu. Imediatamente fui assediado por uma sombra que guarda os restos dos que aqui repousam. Consegui escapar do espírito e encontrei o caminho até o que parece ter sido algum tipo de câmara interior. Protegido por algumas proteções menores para prevenir novas interrupções daquele chato sobrenatural, pus-me a levantar alguns dos locais para realizar uma busca pelo imortal. Se a adivinhação foi precisa e o imortal está aqui, provavelmente está entombado numa das muitas criptas que alinham estes corredores. É só uma questão de tempo.

17º dia do 127º Ano do Reinado do Factol Hashkar:

Não estou sozinho. Alguém entrou no Mausoléu e está interferindo com meus servos. Poderia este ser aquele que busco? A adivinhação revelou apenas que encontraria o imortal aqui. Poderia ser que MINHA presença neste lugar tenha levado aquilo que busco a me buscar? Que reviravolta encantadora...

A tinta desta última entrada ainda estava fresca. Teria que ter mais cuidado.

Ao entrarmos no corredor, o espírito guardião se materializou diante de nós. O semblante fantasmagórico nos contemplou com benevolência:

— Agradeço-lhes. Prestaram-me um grande serviço. Os

espíritos de meus protegidos dormem quietamente mais uma vez. Vão em paz... amigos.

A aparição desvaneceu, deixando-nos sozinhos nos salões desertos do Mausoléu.

— Mais um dia de trabalho — disse, sorrindo.



Capítulo 25

Da próxima vez que vi Norochj, ele estava puxando uma das mechas espinhosas do cabelo e a usando para coçar um ponto no rosto. Não conseguia deixar de achar que ele ficaria muito melhor com dreadlocks.

Joguei o diário do necromante sobre a mesa:

— Descobri o que estava acontecendo no mausoléu. Os mortos dormem de novo.

Ele folheou, examinando rapidamente as páginas mais recentes. As linhas de preocupação no rosto de Norochj se suavizaram:

— Agradeço dou.

Ele enfiou a mão nos mantos e tirou um saquinho pequeno que me entregou:

— Cobre. Duas vezes cem.

Assenti e me virei para ir quando avistei um jovem Dustman escondido no canto do bar. Havia uma expressão sombria no rosto dele, algo mais fundo do que o olhar grave e pesaroso que os Dustmen usavam constantemente. O rapaz parecia prestes a desmoronar sob o peso do desespero, com barba por fazer e olheiras profundas.

Encarava a parede com expressão sombria.

Me aproximei dele:

— Saudações.

O Dustman não olhou para cima. Encarava bem à frente, como se estivesse vendo algo a léguas além das paredes do bar.

— Está bem?

O Dustman não respondeu. Continuou fitando a distância.

— Muito bem então... — Morte sibilou. — Vamos, chefe. Esse Dustie pode muito bem já ser adubo.

Suspirei:

— Justo. Vamos embora.

Ao me virar para sair, o Dustman subitamente falou, a voz mal um murmúrio — tive que me esforçar para ouvir as palavras. Achei que disse algo sobre querer morrer.

— O que disse?

A expressão do rapaz não vacilou:

— Você quer morrer?

Pensei por um momento:

— Não. E você?

— Sim... — Ele me examinou. — Por que você quer viver?

— Há certas perguntas que preciso responder sobre minha vida antes de estar disposto a abri mão dela. Quero descobrir quem sou.

O Dustman escutou em silêncio. Depois que falei, ele não respondeu — apenas me observava. Parecia estar pensando.

Puxei uma cadeira para sentar ao lado dele:

— Você quer morrer? É por isso que perguntou?

O olhar dele deslizou lentamente até encontrar o meu:

— Sim.

— Por que você quer morrer?

— Esta existência... esta existência é uma paródia da vida. Não desejo continuar a farsa. — O rosto se enrugou em desgosto. — Por que alguém quereria permanecer nesta cidade imunda no centro de um multiverso que se alimenta de dor e ódio? A morte... é silenciosa... reconfortante.

Aparentemente ele nunca havia experimentado raiz Gar-Bar:

— Então por que ainda não se matou?

— Estou procurando um meio de terminar com a vida. Vai me matar?

As sobrancelhas se franziriam:

— Não. Se você não tem convicção para se matar, não

vou fazer isso por você.

— Não é uma questão de convicção...

Ao longe, notei que Dak'kon havia pedido uma xícara daquele chá horrível e morno. Ele o bebia pensativo:

— Então deve ser outra questão. Por isso lhe pergunto: o que há em viver que te faz odiá-la? Com certeza viver não pode ser tão ruim quanto você diz.

— Isso é viver? — O Dustman arregaçou os lábios, e as mãos se fecharam. — Esta existência... esta existência é uma paródia da vida. Não desejo continuar a farsa. A morte é silenciosa... reconfortante.

— Talvez depois da primeira morte — resmunguei, mas imediatamente desejei poder engolir as palavras.

O Dustman piscou, depois fez uma careta:

— A primeira morte? O que, você foi ressuscitado?

— Ressuscitado?

— Ressuscitado... trazido de volta à vida... a magia necessária é de fato poderosa.

Minha mão tressaltou. Eu sabia que carregava o peso de incontáveis mortes sobre mim — tantas que conhecia bem a fronteira entre vida e morte. Sabia como poderia chamar de volta a menor faísca a um corpo frio. Engoli em seco:

— Quem seria capaz de tal poder?

— Um feiticeiro ou sacerdote poderoso... ou um dos Poderes... mas não alguém que conheço. — Ele franziu o cenho e acenou a mão com desdém. — E não acho que você conheça ninguém assim tampouco.

Franzi o cenho. Se esse rapazote ia desperdiçar a vida assim:

— Você não acredita que eu possa morrer? Tente me matar então. Veja o que acontece.

Ele me olhou com ceticismo:

— Não, acho que não, mesmo que sentisse vontade de fazê-lo.

Me levantei com rigidez:

— Então vou te forçar a assistir: vou te mostrar o que a morte guarda.

Pus as mãos ao redor da própria cabeça.

— O que... quer dizer? — Ele parecia querer se afastar mas não conseguia. — Não pode estar falando sério...

Mal senti o estalo ao quebrar meu próprio pescoço.

Rápido. Sem dor. Fiquei aliviado que tantos que mandei para o abraço negro tivessem uma viagem tão fácil.

A visão voltou lentamente... minha morte desta vez pareceu diferente. Enquanto as cores opacas do bar nadavam nos olhos, notei o rapaz parado acima de mim... parecia horrorizado e fascinado. Tinha me

erguido na cadeira e olhava apreensivo para os outros frequentadores do bar... eles não pareciam ter percebido ou me confundiam com um bêbado.

— Convencido agora? — gemi.

Cara, isso deixou um baita torcicolo:

— Está... — ele engoliu em seco. — Está entre os mortos ambulantes?

— Não. — Resmunguei, ainda tonto.

— Então o que é você?

Balancei a cabeça:

— Não sei. Mas morro e renasço.

— Ainda assim... você ainda pensa, ainda sente?

Minha respiração chacoalhou na garganta enquanto punha uma mão no peito:

— Sim, mas há... um vazio. Algo está faltando, e corrói você, nunca te deixa em paz.

Falar nisso me mandou calafrios pela espinha.

— Estar morto... e ainda pensar e sentir?! Será que a miséria nunca vai deixar um corpo em paz? — O pensamento pareceu horroriza-lo. — Até a morte não é alívio.

Assenti, depois torci a cabeça de um lado para o outro. Com um estalo satisfatório, aquela pressão irritante nas

vértebras desapareceu:

— Com efeito. Talvez não deva ser tão rápido em abandonar esta vida antes de saber o que a próxima guarda.

O rapaz me encarou:

— Você estava falando a verdade. — Olhou para mim com espanto. — O que há? O que você viu do outro lado?

Estremeci só de pensar nisso:

— Não vou falar daquele lugar para ninguém. Já disse demais.

Ele ficou mais insistente:

— Você precisa me contar! Preciso saber!

Me levantei, empurrando a cadeira de lado:

— Não vou lhe contar nada.

— Você precisa me contar! — Ele cerrou o punho. — O que você pediria de mim?!

— Pediria que você vivesse.

— Você está me zombando, senhor. Está fazendo uma farsa das minhas perguntas... — Os olhos ficaram aguados, e lágrimas amargas escorreram pelo rosto desgastado.

— Você é o tolo por querer jogar fora a vida tão descuidadamente. Isso insulta os mortos, e insulta os vivos.

Dak'kon estava olhando agora. Talvez estivesse me

vendo me matar pela primeira vez. Bem, não tinha jeito. Ele teria que aprender mais cedo ou mais tarde. Morte parecia preocupado.

— Fala o que viu! Qual é a Morte Verdadeira?! O que viu lá?! — A voz foi ficando mais alta e mais insistente, tanto que os Dustmen ao redor viraram a cabeça.

Ignorei os olhares penetrantes:

— Muito bem.

Alcançando as profundezas da memória, trouxe de volta à existência a visão das terras dos mortos — aquele lugar de nada entre este mundo e o próximo. Era como se lembrar de um sonho meio esquecido talvez: desbotado, obscuro. Mas uma vez que agarrei o menor detalhe, o resto irrompeu em pleno horror como as marés em movimento.

— Eu jazia numa ilha à deriva num oceano de grande escuridão. A ilha era formada de pedras sombreadas... mas as pedras não eram pedras, pois murmuravam e sussurravam para mim num discurso que não conseguia entender. Não havia silêncio lá, não havia conforto, e o frio penetra sob a carne e afunda nos ossos.

— Não há diferença... — Ele olhou para o chão e mastigou os lábios com uma expressão estranha. — Além da sombra desta existência, mais miséria aguarda. Não há obliúvio, nenhuma purificação... nada muda. Os Planos giram... e nada jamais muda.

— Exceto você. Você ainda pode mudar.

Ele bufou:

— Não, já tentei. Repetidamente.

— Se você acredita nisso, então será verdade.

— É mais do que crença, é realidade. — O olhar ficou sombrio. — Já viu esta cidade? Ela apodrece, e tudo dentro dela apodrece junto... não há esperança, nada pelo que lutar. Tudo está manchado de escuridão e sombra.

Olhei ao redor do bar observando todos os outros tomando chá ou meditando em paz:

— E quanto às suas crenças como Dustman? Isso não é um objetivo digno o suficiente?

Ele assentiu:

— A filosofia Dustman é um objetivo digno. Do contrário não teria me tornado um Dustman.

— Então por que não fazer as crenças dos Dustmen seu foco? Talvez esta seja uma vida de dor e miséria, mas se você se concentrar nas suas crenças e naquilo que tem valor para você, elas ajudarão você a superá-la.

— Talvez... — Ele considerou o que eu havia dito. — Talvez você tenha razão. Mas... às vezes é difícil ignorar a dor desta vida. Como devo lidar com ela?

— Simplesmente tente viver o melhor que puder. Use esta vida, não importa quão dolorosa, como uma

oportunidade. Você é jovem. Talvez ver mais desta vida mate seu anseio pela morte.

O rapaz ficou em silêncio, pensando. Por fim, se virou para mim de novo:

— Suas palavras têm peso, senhor... e uma perspectiva nova. Farei o que disse.

Assenti:

— É tudo que peço... viva, cresça velho e aprenda. Adeus.

Com dinheiro, magias e um pouco mais de sabedoria no mundo, estava pronto para continuar a busca por Pharod. Primeiro, porém, precisava visitar um amigo.



Chora-por-Árvores sorriu amplamente ao me ver:

— Ah, meu amigo, voltou! Há algo que desejasse de mim?

— Não, queria pedir a Dak'kon que o ajudasse — respondi.

— Acho sua solicitação intrigante — meditou Dak'kon. — Árvores, na Colmeia? Como cidades, no Limbo. Seriam um testemunho da vontade das pessoas de não se curvar àquilo que as cercaria e devoraria — de pegar o que lhes

foi imposto ou deixado para trás e fazer algo bom disso. Eu também cuidarei destas árvores.

Radiante, Chora-por-Árvores pôs os dedos nos lábios para esconder o sorriso:

— Olha! Oh, olha! — Apontou para os galhos. — É tão sutil que mal se vê, mas olha: seiva fresca, saindo do tronco, e um punhado de brotos novos. É só uma questão de tempo agora. Oh, amigo, obrigado de novo por me devolver a esperança.

Havia aprendido bem essas ruas depois de alguns dias de recados. De vez em quando, vasculhei a Praça do Trapeiro em busca de algum indício do paradeiro de Pharod, passando um dia inteiro catando lixo do amanhecer ao anoitecer. Não havia nada lá, pelo que conseguia ver, mas talvez com três pares de mãos... bem, dois pares e um crânio irritante, a busca terminaria bem mais depressa.

Estava ruminando sobre isso enquanto caminhávamos pela Colmeia, quando um lamento agonizante chamou minha atenção.

Rios de lágrimas haviam sulcado o rosto empoeirado do homem. Parecia um monge ou um homem sagrado de algum tipo, mas a sujeira cobrindo seu corpo tornava quase impossível ver o homem por baixo. Ele cantarolava e balançava a cabeça de um lado para o outro — parecia

algum tipo de ritual.

Me aproximei:

— Está bem?

O homem parou o cântico frenético e me fulminou com os olhos avermelhados. Abriu a boca ressecada para falar, mas tudo que conseguiu foi um coaxar murchado.

Vasculhei a bolsa. Sabia que tinha um trapo em algum lugar que serviria de lenço. Enquanto procurava, perguntei:

— O que houve? Por que está chorando?

— Eu... — A voz dele era tão rouca que parecia que havia ficado sem água por dias. Enquanto eu observava, uma lágrima escorreu pelo rosto. — Eu... sou um Pranteador de Es-Annon.

Puxei um pedaço de pano, mas estava áspero e manchado de óleo. Inútil. Suspirei e olhei para o homem:

— Es-Annon? Quem é esse?

— O qu... Quem é Es-Annon?! — O homem jogou a cabeça para trás e deu uma risada rouca; soou brutal e derrotada. — Es-Annon... não é um homem, mas uma cidade!

— Por que você chora por uma cidade?

A voz dele estava rouca:

— Pranteamos o nome porque Es-Annon não deve ser

esquecida. Todos os Pranteadores de Es-Annon carregam este fardo.

— Você lamenta uma cidade? Por que faz tal coisa?

— Porque seu nome é tudo que resta. Suas avenidas de luz, seus grandes parques espirais... quando foi devastada e reduzida a memória, apenas três dezenas de seu povo sobreviveram. Era nosso dever garantir que o nome fosse lembrado pelos Planos. Muitos Pranteadores de Es-Annon morreram pelo bem de lembrar... muitos...

O homem estava louco de desgosto:

— Se coloca você e os outros em risco, por que não param?

Ele balançou a cabeça, lágrimas gordas escorrendo pelas bochechas mesmo enquanto falava:

— As lágrimas que derramo, a poeira que me cobre... essas coisas não são nada comparadas ao que aguarda se eu abandonar meu fardo sagrado. PRECISAMOS garantir que o nome seja lembrado. Somos memoriais vivos de sua passagem.

— Se for assim, o que acontece se todos vocês morrerem?

Uma lágrima nova brotou no olho do Pranteador. Mesmo o rosto coberto de poeira não conseguia disfarçar o olhar de desespero:

— NÃO SEI. Nós Pranteadores de Es-Annon não podemos prá-la para sempre... mesmo agora, a poeira se agarra às vestes, a saliva seca em nossas bocas, nossos corpos murcham e morrem.

— Há alguma forma de eu poder ajudar?

— É gentil da sua parte perguntar... — O Pranteador balançou a cabeça. — A menos que possa imortalizar Es-Annon, não há ajuda possível.

A imagem de um obelisco de pedra negra me veio à mente, e encarei o Pranteador com o brilho de uma ideia nos olhos:

— Deve ser imortalizada por um homem? Uma lápide serviria?

O Pranteador piscou:

— Uma lá... pide?

— É uma pedra que registra o nome de um homem, sua vida e um elogio. Se serve para um homem, não poderia também servir para uma cidade que morreu?

Ele me encarou por um momento, assombrado:

— Pedras podem fazer tais coisas?

Assenti:

— Sim. E a vida delas é muito mais longa do que a de um homem. Se o nome fosse esculpido em pedra, a memória de Es-Annon seria honrada?

O homem fez uma pausa:

— Outros veriam este nome?

Sorri:

— Sim. Estaria lá para todos verem, muito depois de você ter morrido.

O homem assentiu:

— Se tal coisa fosse possível... — Virou-se para mim. — Onde alguém encontraria tal pedra?

— Conheço uma. Eu poderia ver que o nome de Es-Annon fosse esculpido nela.

— Você... você... faria isso? Eu... — Os olhos do homem marejaram de novo. — Estaria libertando todos os Pranteadores de Es-Annon. Mas uma vintena de nós restam... o fardo de lembrar acabaria depois de tantos e tantos anos...

— Eu faria isso. Voltarei quando o nome estiver esculpido.



— Gostaria de sepultar um nome — disse a Morte-de-Nomes.

Ele assentiu, depois desdobrou a mãozinha de onde estava embrulhada no lado do corpo. Fiz uma careta ao

ver o membro atrofiado:

— Custa dinheiro sepultar um nome. Três cobres, três.

— Hmmm... Es-Annon.

Pesquei na bolsa as moedas.

Os cobres caíram na mão de Morte-de-Nomes, e ele enfiou o braço de volta ao lado. Os olhos — de repente vivos — rolaram para o fundo da cabeça, depois se firmaram para começar a varrer o monólito e as paredes do memorial com aquela mesma velocidade inumana de antes.

Avistou um ponto na parede e rapidamente foi até lá, curvando-se, começando a picar a parede. Parou alguns momentos depois, saltou, depois voltou para perto de mim:

— Sepultado.

A palavra tinha uma finalidade perturbadora.

Passei a mão pelo cantinho apertado da parede. Lá estava, o nome branco e recém-esculpido na pedra: “Es-Annon”. Uma marca humilde, mas uma que esperançosamente bastasse.

Quando voltei ao Pranteador de Es-Annon, ele ainda emitia soluços sufocados enquanto cantava o nome da cidade morta. Lágrimas escorriam pelas bochechas:

— Providencie que o nome de Es-Annon fosse lembrado. Está esculpido no monumento de pedra negra do lado de fora do Mortuário.

De repente, houve um breve sussurro no ar, e os olhos do homem secaram. Uma das lágrimas que rolava pelo rosto simplesmente desapareceu:

— Então Es-Annon está servida. Direi aos meus companheiros Pranteadores da pedra que você descreveu. Você tem minha gratidão.

— Foi nada. Adeus. Espero que você e seus irmãos passem o resto dos dias em paz.

— Sabe, chefe, por mais que isso me dê uma sensação boa e formigante em lugares que sinto falta há mais tempo do que consigo lembrar—

— Eu sei, eu sei — o interrompi, observando o monge partir ereto. Era como se um mundo inteiro tivesse sido tirado dos seus ombros.

— Está na hora de encontrar Pharod.



Capítulo 26

O dia seguinte na Praça do Trapeiro trouxe um encontro malcheiroso do tipo que eu jamais esperaria.

A Colmeia estava longe de ser um jardim de rosas. O ar tinha aquela marca sulfurosa de carvão queimado, engrossado com o cheiro irritante de óleo queimado e carne suja sem banho. A Colmeia era a ferida inflamada de Sigil — apodrecendo de dentro para fora, desabando sobre si mesma apesar dos esforços dos dabus em costurá-la de volta.

Mas isso...

Dak'kon, com sua maneira quieta e fria, havia sugerido que eu perguntasse aos personagens mais encardidos de Sigil sobre Pharod.

— É preciso *conhecer* os caminhos de um rato para encontrar outro.

Dak'kon era suave mas duro como ferro: uma espada embainhada em seda.

Um homem havia se enfiado num canto, lançando olhares furtivos aos passantes. Nos encarou com um olhar estranho, de olhos saltados — tão enormes que pareciam

prestes a rolar pelas pedras do calçamento. Acenava animado enquanto nos aproximávamos, sacudindo a cabeça como um pássaro. À medida que chegávamos perto, fomos recebidos pelo cheiro de urina e fezes. Eu poderia ter cortado o ar com uma faca e passado no pão.

Tentei não respirar pelo nariz:

— Saudações.

— Puf! — Morte cuspiu. — Às vezes acho que você tem prazer em se arrastar por esse lixo todo, chefe. Esse aqui cheira pior do que um furúnculo estourado nas nádegas de um infero.

Respirei em bufadas curtas. Ajudou um pouco:

— Você não tem nariz, Morte. Como consegue cheirar alguma coisa?

Morte cuspiu de novo, engasgando:

— Chefe, eu consigo *provar*.

O homem fungou, limpou o nariz na manga, depois abriu a boca revelando gengivas pretas e podres:

— Histórias-por-moeda, senhor? Histórias-por-moeda?

O hálito cheirava a carne podre estocada dentro da boca. Recuei um passo:

— Quem é você?

O homem fungou grosso de catarro. — Nomes, nomes... quem é você, quem é você... — A cabeça dava pequenos

tiques toda vez que repetia a palavra. — Nomes... perigoso, perigoso. — Olhou para o chão, mexeu a terra com o pé.

— Perigoso?

— Saber um nome ou ser preso num, os dois dão trabalho. — Ergueu os olhos para mim. — Meu nome é um nome dado, não pedido. Fedorento. — Mais uma vez fiquei consciente do hálito podre e do cheiro de urina e fezes ao redor. — Um nome dado, um nome dado.

Lancei um olhar para Dak'kon, que fitava à frente com placidez. O cheiro o incomodava pouco.

Fedorento, hein?

— Esse é seu nome de verdade?

— Não meu nome verdadeiro, nome verdadeiro. — Fedorento murmurou, a cabeça tressaltando toda vez que dizia “nome”. — Um nome verdadeiro é coisa perigosa, dá poder a outros. — Me encarou com aqueles olhos imensos e abanou o dedo. — Guarda seu nome em segredo, guarda perto, nunca deixa sair.

— O que quer dizer?

— Nomes são como cheiros... coisas podem te rastrear com eles. — Fedorento tossiu, os olhos quase saindo das órbitas. A tosse pareceu afrouxar os intestinos, pois ele soltou um arrote enorme, como se quisesse reforçar o ponto. — Se alguém *conhece* um nome verdadeiro, isso dá poder. — Lambeu os lábios. — Poder de machucar.

Um calafrio percorreu minha espinha. Seria esse, pensei, o motivo de eu continuar sem nome? Eu deveria levar as palavras de Fedorento com cautela — as palavras de um vagabundo maluco valiam pouco. Mas numa cidade de vagabundos malucos, as palavras de Fedorento cortavam fundo.

— Não sei meu nome verdadeiro.

Os olhos de Fedorento arregalaram; ver os globos oculares incharem ainda mais me deixou ainda mais desconfortável:

— Então você é abençoado, abençoado. Fique sem nome e será como um espírito nos Planos, intrastejável, inrastreável, invisível, indescoberto. — Estalar os lábios úmidos. — Um nome escolhido, um nome dado... permite que outros te encontrem e machuquem.

Um tremor me percorreu — um medo vestigial, talvez, de um terror há muito esquecido que poderia ter me caçado. Algo do qual eu talvez tivesse escapado ao lançar meu nome no lote do oblívio:

— Você foi machucado?

Fedorento deu um aceno de cabeça com tique, depois coçou a si mesmo:

— Deixei meu nome escapar uma vez, uma vez, apenas uma vez, apenas uma vez. — Os olhos ficaram opacos como se a memória fosse dolorosa, antes de me lançar um

olhar inquieto. — Posso contar a história, posso sim, mas três cobres preciso ver. — O rosto se abriu num sorriso à menção de cobres, e o hálito podre acertou como uma marretada.

Minha bolsa estava gorda o suficiente:

— Muito bem. Aqui estão três cobres.

Fedorento assumiu uma postura, olhou para a esquerda, olhou para a direita, depois me encarou. O rosto se contraiu e, com um ronco, soltou mais um gás. O cheiro quase me derrubou, mas ele não deu a mínima:

— Amaldiçoado, eu! Andava pelos distritos com esplendor... — Ficou rígido, nariz erguido no ar. Fedorento perfilou de um lado ao outro, acenando para passantes invisíveis.

Fedorento congelou, braços na cintura:

— Cruzou o caminho com um cruzado. Tinha a aparência de uma abóbora, suas sementes, maldições!

Então empurrou a barriga para fora como se fosse gordo, alisou os cabelos com a palma suja como se fosse quase calvo, e começou a tamboritar os dedos na barriga “gorda”. Depois andou em círculos ao redor do ponto onde a “persona estufa e da alta classe” havia estado:

— Todo cheio de maldições, esse. — Com um nariz torcido e um gesto descuidado, Fedorento lançou uma maldição invisível na “persona estufa”.

— *Sabia* meu nome, eu tinha deixado escapar, tinha sim, tudo que precisou, levou tudo!

Ficou rígido de novo, inspirando fundo, retomando a “persona da alta classe”. A persona de repente desmoronou, e Fedorento soltou um arroteo violento, depois expirou, enchendo o ar com o hálito fétido e podre:

— Amaldiçoado com fedores, cheiros, excremento! Vim aqui pra contar histórias, bom pra alguma coisa, bom pra alguma coisa. Agora Fedorento é o nome, nome dado, nome dado...

Pobre sujeito. Bati o dedo no queixo:

— Pode me dizer onde encontrar alguém chamado Pharod?

Fedorento de repente se curvou e me fitou enviesado. Andou ao redor de mim por um momento, arrastando a perna como se manco. — Um rei! Um conto nobre, conto nobre! Um conto posso contar, mas três cobres preciso ver...

Os cobres tilintaram humildemente na palma dele.

Fedorento continuou curvado, fitando à frente:

— Uma vez homem respeitado, Pharod era, um homem, um homem de metas, e posição. Tudo virou nada, nada, virou ar. — Fedorento franziu os olhos, depois soltou mais um gás, enchendo o ar com um cheiro que revolveu o estômago. — Virou ar... e fedor.

— Mentiroso, trapaceiro, homem que torcia a lei, Pharod era. — Curvou-se como se escrevesse numa mesa. “Escreveu” por um momento, depois parou de repente, assustado. — Então um dia ele descobriu que havia se torcido a si mesmo!

— Tal mentiroso tinha se tornado que quando morreu, haveria de ir para um lugar horrível... — Fedorento balançou a cabeça com tristeza, depois se curvou de novo e olhou para todos os lados freneticamente. — Pharod não aceitava, não aceitava! Havia enganado a outros, enganaria o destino também!

— Leu, cavou em livros, consultou videntes... — Fedorento rondou de um lado ao outro, a mão sobre os olhos como quem fita a distância. — ...e eles lhe disseram que só no lixo encontraria aquilo que lhe permitiria enganar o destino. — Fedorento soltou outro gás, depois deu uma tosse fedorenta. — Talvez tenham mentido...

Fedorento ficou rígido, depois começou a arrancar roupas imaginárias. A cada “peça” que jogava fora, ficava mais curvado:

— Pharod jogou fora sua posição, suas metas, e tomou um novo título... — Fedorento parou, depois se fitou enviesado. Arranhava os trapos, sacudindo-os. — E virou um Rei de Trapos! Governaria o lixo, mandaria seus súditos vasculhá-lo todo, e encontraria aquilo que precisava. — Balançou a cabeça. — Procura até hoje, até hoje...

Sigil moía os poderosos no pó como uma pedra de moinho:

— Ahn... sabe onde posso encontrá-lo?

Fedorento balançou a cabeça:

— Vive entre trapos e lixo. Lá vai encontrá-lo, encontrá-lo...

Ótimo.



O zumbido de moscas substituiu a cacofonia das massas da Colmeia. Uma esmagou sob minha mão ao a tapar do pescoço, deixando uma dor pontuda e uma coceira onde pousou. Com todas as coisas estranhas que vi em Sigil nas últimas semanas, não me surpreenderia se essas coisas fossem filhas de demônio do Sétimo Nível do Abismo ou coisa assim.

Vagando cautelosamente pelas pilhas de lixo, uma coisa pareceu promissora: uma passarela de madeira escondida num recanto atrás das cabanas e da imundície. Só havia notado pelo canto do olho enquanto vasculhávamos uma região mundana antes inexplorada. Era um lugar no qual você não daria uma segunda olhada... o local perfeito para a entrada de um ermitão como Pharod.

Com as tábuas rangendo sob as botas, porém, as coisas

foram ficando menos reveladoras e mais mundanas. Lixo empilhado alto em ambos os lados. Parte dele fresco: ossos com pedaços de carne úmida, potes parcialmente cheios cujo conteúdo ainda tinha cor e ainda não havia sido tocado por bolor. De vez em quando eu via o cadáver de um rato craniano, as moscas acabando de se reunir. Devia ser uma passarela para carrinhos de mão descarregarem mais lixo.

Olhei ao redor cauteloso. Era uma cidade onde os habitantes brigavam por cadáveres e valentões espreitavam em cada esquina. Não me surpreenderia se os catadores desta praça se escondessem entre o lixo e a imundície para pular em qualquer explorador desavisado e ingênuo. Canalizados nessa passarela estreita, seria simples flanquear os três de nós.

Mas nada aconteceu.

No fim do caminho, um arco levava apenas alguns centímetros para dentro de um pequeno edifício antes de ser bloqueado por uma parede sólida de lixo. O entulho estava tão compactado que bem poderia ter sido pedra e argamassa.

Morte falou:

— Espera, chefe... olha isso.

Olhando para baixo, notei uma série de pegadas sujas que levavam ao arco... e não voltavam:

— Deve haver um portal por aqui ou algo assim.

— Um portal? Como abrimos?

— Nem ideia, chefe. Mas deve ter uma chave comum — olha toda a movimentação que passou por aqui! Talvez algum dos baixos-fundos de por aqui saiba.

Sair foi mais rápido que entrar, e muito mais agradável. Como Pharod, outrora um nobre ou oficial de Sigil, conseguia suportar viver nesse ambiente estava além da minha imaginação.



Um sujeito de aparência sorrateira rondava pelo lixo como uma sombra esfarrapada. Ao nos ver, me fez um aceno.

— Psssst... ei! O crânio. Onde você arranjou o crânio, ei? Crânio meu, é! Devolve pra mim.

Morte se virou para o habitante da Colmeia:

— Vai se catar.

Eu, porém, estava mais curioso com o sujeito:

— Quem é você?

Ele me ignorou, continuando a encarar Morte:

— Crânio meu, meu, ei! Devolve pra mim que esqueço que você roubou.

Estava ficando irritado com ele, então decidi deixar

acontecer:

— Pode pegar o crânio.

Como se houvesse qualquer chance.

Ele riu seco e sorriu. Ao estender a mão para Morte, houve um estalo, e a mão do homem voltou para trás.

O homem começou a gritar:

— Aaaaaaahhhhh! Ahhh!!! Vou te matar! Te matar!

Morte segurava um dos dedos do homem entre os dentes como um charuto macabro. Falou com o dedo na boca:

— Me toca de novo e sua mão vai junto com o dedo, idiota.

— Morte! Devolve o dedo do homem.

Morte cuspiu o dedo para o homem. Saltou no peito dele e caiu no chão. Sem necessidade de perder mais tempo aqui:

— Lição aprendida. Adeus.

O homem, mordendo o lábio de dor, me fulminou com o olhar. De repente atacou! Não era páreo para Morte e para mim, e dobrou quase de imediato com o ferimento da minha faca na barriga. Notei Dak'kon, que estivera observando em silêncio, que veio em minha defesa.

Considereei perguntar a Dak'kon o que achava das minhas ações, mas estava... apreensivo de descobrir que

ele poderia não aprovar. Anotei para reflexão posterior que a mera presença dele parecia estar tendo efeito sobre mim.

Outro homem havia observado a briga. Agora assobiava uma melodia animada e brincava com uma boa faca de combate bem cuidada. Ao me aproximar, parou de assobiar e me lançou um olhar curioso.

— Saudações...

Enquanto eu falava, ele girou e se jogou numa meia-agachada... embora eu não conseguisse dizer se estava pronto para pular em minha direção ou em outra qualquer. Dak'kon repousou uma mão calmamente na lâmina enquanto o sujeito miúdo e esquivo falava:

— O quê? Fala logo agora...

— Tinha algumas perguntas...

— Bom, não tenho respostas. Vai se catar!

Só então percebi que ele tinha um punhal longo e curvo na mão.

Cruzei os braços e achatei a voz:

— Está me ameaçando?

Ele sorriu torto:

— Por quê? Pregos de Ferro te assusta? Sentindo ameaça, idiota?

— Não — disse, cravando o olhar nele. Eu não ia sujar as mãos mais do que já havia hoje.

— Heh heh! É o que parece, dado o jeito que você anda. Tudo bem, o que você quer de mim?

Olhei o homem de cima a baixo:

— Quem é você?

— O nome é Osso-de-Rato, camarada. Sou ladrão-de-aluguel a serviço de Sharegrave, o chefe dos Coletores que você vê por esta praça. Ele me paga principalmente pra ensinar meus companheiros a andar em silêncio e a brigar quando se metem em apuro. Provavelmente as únicas perguntas que vou responder, camarada.

Fungou e deu de ombros.

Relaxe:

— Ladrão de aluguel? Você poderia me treinar?

Ele assentiu e franziu os lábios:

— Claro, por um toco de dinheiro. Já treinou antes?

— Não.

— Tudo bem. Vou te dar uma tapa agora, então esquiva.
— De repente balançou a mão aberta na minha cabeça, e eu pulei para trás a tempo.

Deu um aceno de aprovação:

— Não está mal, camarada. Agora sobre aquele toco... cinquenta cobres e te treino direito.

— Combinado. Aqui está. — As moedas tilintaram

grossas na palma dele.

Já havia passado horas demais e feito corridas demais entre a cabana de Mebbeth e o mercado para treinar, mas Osso-de-Rato foi curto e direto. As lições sobre o básico do ofício de ladrão eram detalhadas, mas me vi absorvendo as nuances sutis do ofício rapidamente. As posturas e técnicas eram estranhamente familiares, como o aperto de mão de um velho amigo.

Depois de um longo período de treino, Osso-de-Rato assentiu satisfeito:

— Devo dizer, camarada — nunca me deparei com um aprendiz mais rápido. Quase diria que você já fez isso tudo antes!

Sacudi as mãos. Um bom conjunto de habilidades caso eu precisasse, mas por ora a feitiçaria seria mais útil. — Obrigado, Osso-de-Rato. — Apontei de volta para a passarela. — Sabe como passar por aquele arco cheio de lixo a noroeste daqui?

Osso-de-Rato piscou:

— Hein? Não, não sei. Ei... você poderia perguntar ao Creeden, o Caça-Ratos. Às vezes ele fica vasculhando por lá e desaparece por um tempo estranhão. Creeden fica normalmente na Colmeia, bem do lado de fora do Escritório de Controle de Pragas e Doenças.



— Oi lá, camarada; bem encontrado de novo. Mudou de ideia? Voltou por um dos dee-li-cio-sos ratinhos do Creeden? — Creeden miou enquanto balançava a vara de ratos tentadoramente.

— Não, hoje não. Mas tinha algumas perguntas...

Ele descansou a vara no ombro casualmente:

— Qual sua pergunta, camarada?

— Me disseram pra te perguntar sobre o arco cheio de lixo na Praça do Trapeiro. Pode me ajudar?

Ele pensou por um momento:

— Aye, sei do que você tá falando. Tinha uma moça, de nome Pregos de Ferro, que eu vi passar por lá uma vez enquanto eu procurava ratos. Não sei como ela fez, no entanto. Provavelmente você consegue encontrá-la a nordeste daqui, vasculhando uma pilha de madeira por pregos e coisa assim.

Assenti:

— Obrigado, Creeden. Agradeço de verdade.

Ele tocou meu braço:

— Vejo que você tá saindo, camarada, mas antes de ir, não quer um dee-li-cio-so ratinho? Um pra levar, digamos?

Fiz uma careta. Pelo menos que fosse um gesto de

agradecimento pelo auxílio. — Por que não...

Creeden abriu um sorriso de orelha a orelha:

— Ótimo, camarada, ótimo! Que tipo quer? — Apontou para cada um com a unha suja. — Tenho assado, temperado, cozido e chамuscado! Todos frescos, todos deliciosos... e apenas três cobres por dois!

— Temperado.

Talvez cobrisse o gosto estranho.

Entreguei os cobres e, num único movimento, ele espetou um par de ratos temperados num espeto de madeira, os desenganchou e me colocou na mão. Agradei em silêncio por ele não ter manuseado com os dedos sujos. Creeden me piscou:

— Aproveite, camarada!

— Não suponho que você queira um, Morte? — perguntei, entregando o outro espeto para Dak'kon. Ele aceitou em silêncio e atacou calmamente.

— Você adora me tirar da zona de conforto, não é, chefe?

A carne de rato era aromática e bem temperada, aparentemente marinada em alguma mistura de ervas antes de ser cozida. Era um pouco gordurosa e bastante rica, com gosto de alguma outra... carne que eu tinha certeza de ter comido antes. O homem me olhou ansioso:

— Gostou? Quer mais?

Tirei alguns pedaços de carne da caixa torácica:

— Er. Não obrigado, precisamos ir.



Pregos de Ferro estava exatamente onde a deixei. Segurando um prego com o polegar calejado e apoiando o pé na tábua, arrancou a coisa de uma só puxada. Pelo jeito dos ombros musculosos, ela poderia ter nocauteado alguns dentes no backswing se eu estivesse atrás dela.

— Olá, Pregos de Ferro.

Ela se endireitou e pôs as mãos nos quadris:

— De volta, hein? O que precisa desta vez?

— Me disseram pra te perguntar sobre o arco cheio de lixo na Praça do Trapeiro. Pode me ajudar?

Pregos de Ferro assentiu devagar:

— É um portal, você sabe. Tropecei nele por acaso, tropecei sim... tudo que você precisa é ter um punhado de lixo na mão quando se aproxima, e vai poder passar direto. Tem um pequeno espaço aberto do outro lado do portal, e um portão que leva para baixo, mas achei que não fazia sentido pedir problemas então girei e voltei. Aqui... — Me entregou um punhado de lixo. — Use isso se quiser. Ia jogar fora de qualquer jeito.

Era algumas horas depois do pico quando voltamos, e o

calor do dia fazia o lixo mofar, arrotando uma pestilência vil. Cobri o nariz e tentei filtrar o ar pelos dentes, mas deixava uma sensação oleosa na boca. De vez em quando cuspi, e às vezes o golfão chiava ao acertar o metal cozido pelo calor da tarde. Com a decomposição se acelerando ao redor, olhei para os lados. Nem Fedorento teria se enterrado e se escondido nessa podridão (embora pudesse ter melhorado o próprio cheiro). Não — estava escutando os gemidos e rangidos de uma pilha que poderia desabar e me enterrar na imundície e nos sucos.

Ao me aproximar do arco, seus contornos começaram a cintilar. O lixo na mão pulsou, cintilando também. As duas auras pulsavam uma contra a outra como uma batida cardíaca lenta em ondas branco-azuladas e faíscas pálidas.

Enfiei o lixo no arco.

A parede de entulho cintilou, oscilou e pareceu se dobrar sobre si mesma. Com um sopro familiar o portal se abriu, revelando um espaço além.

Aquele rato de Pharod estava melhor ter meu diário. Passei pelo portal.



Interlúdio

Ociosamente Oudilin Avariis dedilha as cordas da lira. Uma melodia lânguida, doce de arrependimento e amarga de alegria não cumprida, mantém a plateia se contorcendo nos bancos num silêncio inquieto.

Você enxuga os últimos vestígios de molho com a última mordida de um pãozinho e apanha o último cogumelo tenro do prato. A comida estava um pouco mais salgada do que esperava, mas ainda assim é difícil encontrar uma refeição assim na Colmeia. Melhor do que ensopado de rato craniano, com certeza.

— E aí?! — A voz rouca de G'mir rompe o silêncio. O pequeno pávio havia pulado no banco de novo. — Vai continuar logo!

Oudilin limpa a garganta e fica dourado de embaraço:

— Devo confessar, bons senhores, que este era o último capítulo do diário. Apenas algumas páginas em branco restam, e embora eu tenha consultado muitos videntes e escrutadores, nada resta do restante de sua história neste humilde volume.

Os rosnados da plateia eram de se esperar, mas ainda assim você recua e assume postura defensiva quando

a turba heterogênea sai batendo nas mesas e atirando canecas. Homens-bestas ferozes revelam as garras e demônios rosnam, soprando fogo e fumaça enquanto os olhos ficam vermelhos de fúria. Você torce apenas para que ninguém seja idiota o suficiente para sacar uma faca: uma vez que o aço é desembainhado num bar lotado, o que sobra é uma chacina em massa e alguns novos corpos para aquecer as camas da Prisão para os Mercykillers.

De fato, o aço é sacado — mas não por nenhum desse bando sujo. Shara Seis-Lâminas saca uma espada curva reluzente de sob o balcão e, com um bom golpe, a enterra seis centímetros na superfície. Com o estrondo cortante de madeira contra aço, cem pares de olhos se voltam para uma marilith de rosto impenetrável que saca mais duas lâminas em curva de foice. Até o irritadiço G'mir parece reconsiderar antes de começar qualquer coisa.

Shara franze os lábios e assente satisfeita com o silêncio que se segue, como uma mãe severa acalmando os filhos rebeldes. Com uma mão de garras aponta para o deva:

— Mestre Avariis. Você se apresentou muito bem nesta taverna pelo tempo que o conheço, mas esta é a primeira vez que o vejo agir tão grosseiramente a ponto de deixar um conto inacabado. Quer se explicar?

Com um sorriso de calma sobrenatural, o bardo dedilha a lira e caminha com cuidado entre os cacos de canecas aos pés. Com um sorriso prateado e uma reverência educada,

se dirige à plateia:

— Minhas desculpas, Senhora Shara, bons senhores e damas. Mas o poder de continuar este conto não está em mim. No entanto...

Pausa de novo para ênfase, e cem pescoços se inclinam em sua direção.

— É que logo vai! — uma voz rosna do fundo do bar.

Oudilin tosse:

— Ahem. Contos do Sem-Nome foram espalhados pelos Planos nos anos desde que sua lenda era carne. Alguns são ecos moribundos, cem vezes removidos da fonte original. Alguns — ele gesticula para o diário ao lado do banco — foram deixados como seu legado verdadeiro, memórias escritas frescas com suas experiências e densas com a corporeidade da verdade.

Ele se inclina para pegar o cálice de vinho dourado e tostado, ainda de pé após a fúria da plateia. O salão fervilha enquanto ele toma um gole delicado, olhos enigmáticos deslizando sobre a borda do copo:

— Dizia-se que o Sem-Nome atraía sofrimento como uma pedra de ímã atrai limalhas de ferro. O mesmo pode ser dito sobre aquilo que carrega sua marca.

A plateia sussurra enquanto Oudilin varre a multidão com o olhar:

— Ao começar este relato, creio que os eventos já foram colocados em movimento para atrair a história até nós. É minha esperança que, talvez, outro possa ser capaz de continuar o conto.

A multidão se move desconfortavelmente. Demônios alados lançam olhares suspeitos para elementais de fogo; githyanki rosnam para seus irmãos mais calmos e meditativos. Um xamã, adornado com cem ossos chacoalhantes e tiras de pele, respira, e o ar à sua frente ondula em padrões que poderiam ter sido de veados correndo.

Quando Oudilin começa a coçar o cabelo, subitamente nervoso, Scii-tavakis sacode os calções de couro, equilibra a lança de ponta obsidiana sobre o ombro e se levanta. Você recua tentando evitar ser furado no olho pela ponta manchada de sangue, mas Scii-tavakis se mantém com graça especializada e viva consciência dos que estão ao redor. Você sente que, se precisasse, a mulher conseguiria dançar nos espaços entre gotas de chuva.

— Aye, bem, parece que vou ter que falar afinal.

Embora Oudilin ainda tente se manter digno, você nota os lábios dele se entreabrirem num levíssimo suspiro de alívio. Ele sorri, reverencia e recua do palco enquanto a mulher élfica sobe. Com um estalo seco dos dedos ela aponta para uma garçonete rechonchuda, que arregala os olhos e corre buscar uma bebida.

— Importa-me pouco contar histórias. Palavras pouco enchem barrigas e tomos têm pouco valor em troca. Mas quando você corre pelos ventos do deserto do meu mundo por três dias inteiros sob um sol vermelho moribundo, o repouso com boa companhia e o compartilhar de histórias é boa maneira de preencher uma noite parada.

Quando a moça volta, Scii agarra a caneca e joga a cabeça para trás para engolir o ale de uma só vez. Nem uma gota escorrega dos lábios.

Suspirando contente, ela pousa a caneca e vasculha a bolsa do cinto enquanto fala:

— Tinha pouca ideia quando engatinhava pelo buraco do ankheg que os juramentos que murmurava me trariam a estas terras estranhas: uma cidade com uma feiticeira mais poderosa do que qualquer outra, e muitas vezes mais perigosa. Estes Planos são terras para se tomar cuidado, mas ainda são terras ricas em água.

Ela sorri enquanto tira um pequeno cubo:

— Com o tempo fui arrumando bicos aqui e acolá. Buscar isso para um mago, aquilo para um sábio. Roubei uma ampulheta encantada que contava o tempo em sangue para um mago, depois o assassinei pelo próprio rival para quem a roubei.

Para alguém sem gosto por narrativa, Scii era mais do que proficiente. Uma inclinação de cabeça acompanhava

cada palavra manhosa, e olhos azuis aguçados faiscavam maliciosamente com sua confissão sombria.

— Passei três semanas num bosque verdejante, procurando uma caixa-de-quebra-cabeça estranha para um feiticeiro idoso. A encontrei numa toca há muito abandonada, enterrada sob cama de palha e gravetos antigos. Quando voltei para reclamar o prêmio, descobri que o velho havia morrido dormindo. Fiquei com a caixa como pagamento e como lembrete de cobrar pelo menos parte da recompensa pelo trabalho adiantadamente no futuro. Na época pensei que fosse alguma bugiganga estranha sem sentido.

— Com o tempo, porém, comecei a mexer nela. Uma pressão aqui, uma torção ali. Algumas runas pareciam se deslocar ao longo da pedra esculpida enquanto outras permaneciam no lugar. Logo fiquei entretida, brincando com ela à noite, coberta com a poeira do trabalho do dia. Os que faziam comentários espertos sobre uma guerreira resolvendo um quebra-cabeça mais das vezes eu deixava sangrando nas ruas.

Ela sorri e lambe os lábios como se de repente ficasse com sede do sabor do sangue:

— Logo, porém, descobri o padrão. — Scii torce a caixa nas mãos enquanto fala, pressionando pontos aqui e ali com precisão. A caixa-de-quebra-cabeça clicava a cada toque ágil dos dedos, que dançavam pela superfície

com precisão praticada. — E a cada nova face que eu desbloqueava, a caixa contava um novo capítulo de uma história, começando com uma viagem para uma terra onde as paredes estavam empilhadas com lixo.

Enquanto a caixa gira nas mãos, à distância a superfície parece se contorcer, como se centenas de formigas rastejassem pelas faces lisas cinza-esverdeadas. Com um aceno satisfeito, Scii-tavakis ergue a caixa-de-quebra-cabeça para todos verem, as runas estranhas agora dispostas em linhas claras e distintas circundando a superfície e avançando num ritmo legível.

— Assim continua o conto do Sem-Nome...





Capítulo 27

Quase me envergonha escrever isto.

Havia me acostumado tanto a descrever o fedor torpe e rastejante dos arredores no início de cada entrada que agora precisei pausar e me reajustar. Aqui embaixo, nas recessões mais frescas sob a Colmeia, as paredes eram secas e firmes. O ar estava estagnado, quando muito mofado. Havia apenas o mais tênue laivo de lixo no ar. Poderia ter entrado num bosque fresco e limpo por tudo que eu sabia.

Enquanto a porta de madeira remendada rangeu ao fechar atrás de mim, uma dúzia de pares de olhos se voltou para o novo intruso. Coletores. Ratos de sarjeta e parentes de beco. Esses não eram muito parecidos com os irmãos tolos na superfície. Não — havia um desvio no olhar, desconfiança de forasteiros e cuidado com as facas. Esses parvos não pensariam duas vezes antes de deslizar um punhal entre minhas costelas, mas tomariam cuidado de fazê-lo fora de vista.

Um Coletor de meia-idade esfarrapado se aproximou enquanto eu entrava:

— Eu... — Rapidamente nos examinou e fez uma careta.

— ...não te conheço.

Estreitei os olhos para ele:

— Também não acredito que tenhamos nos conhecido.

O Coletor continuou a me encarar, parado bem no meu caminho. Tentar contorná-lo talvez não fosse a melhor solução.

— Estou procurando um homem chamado Pharod.

— O que você está procurando não é problema meu, idiota. — Cuspiu. — O que é problema meu é você ainda estar respirando na minha presença.

Parte de mim cogitou ameaçar rachar o crânio dele, mas pensei melhor. Se fosse realmente mostrar meus pontos fortes, o regaria com faíscas flamejantes, mas isso provavelmente seria um pouco barulhento demais.

Encarei-o firmemente:

— Coletar corpos antes que estejam mortos é jeito rápido de encontrar a Senhora.

Pareceu ter colocado algum senso nele, pois se virou e foi embora:

— Cuida das costas, camarada. A maioria daqui vai te falar com a lâmina antes de abrir a caixa-de-miolos, e se você ficar mais um pouco, vou fazer o mesmo.

Resfoleguei:

— O que for...

O caminho pelos Labirintos de Lixo descia em leve declive, e eu tomava cuidado onde pisava. Guiado pela curiosidade, vasculhei prateleiras e cantos abandonados aqui e acolá, catando o que podia ser útil. O caminho era longo e sinuoso, e várias vezes chegamos a becos sem saída e fomos forçados a voltar.

Depois do que parecia horas de exploração, decidimos descansar num dos alcoses cheios de trapos. Aproveitei a oportunidade e me virei para Dak'kon.

Sabia pouco do nosso novo companheiro, e esperava mudar isso se fôssemos viajar juntos.

— Dak'kon?

O githzerai pálido se voltou para mim, olhos como carvão polido; a lâmina espelhou os olhos por um momento enquanto eu o chamava, depois ele assentiu:

— Qual é a sua vontade?

— Há coisas que gostaria de *saber*, Dak'kon...

A voz dele rangeu como uma árvore antiga numa noite de vento:

— Vou ouvi-lo.

Havia visto o homem em ação, lançando raios de luz furiosa que devastavam tudo que atingiam:

— Posso conversar com você sobre seus ensinamentos? Você pode me ensinar algo da Arte, Dak'kon? — perguntei

ao meu companheiro mago.

Ele fez uma pausa, considerando:

— *Saiba* que o caminho do Povo não é o mesmo que a Arte que viestes a *conhecer*. Não é a energia que dá força. É o *saber* de si mesmo que dá força. Os ensinamentos de Zerthimon falam de tais coisas.

Assenti, digerindo as palavras:

— Você me ensinaria o Caminho de Zerthimon, Dak'kon?

— Sabeis o que pedistes? — A textura da lâmina de Dak'kon fluiu até se tornar pedra. Ele ergueu as sobrancelhas cautelosamente, como se cético sobre se deveria me ensinar. — Para caminhar o caminho de Zerthimon deveis *conhecer* o Povo. O *saber* de tais coisas por alguém que não é do Povo é questão difícil. Há aqueles que não são do Povo e que ouviram o Caminho de Zerthimon, mas não *conhecem* o Caminho.

Refleti sobre isso. Se esta jornada era tão abstrata quanto Dak'kon sugeria, devia me preparar para buscar as verdades mais profundas no que ele oferecia:

— Dak'kon, quero *conhecer* o Povo e *conhecer* os ensinamentos de Zerthimon. Creio que há sabedoria a aprender em tais coisas.

Ele inclinou a cabeça:

— *Saibais* que ouvi vossas palavras, e as testarei. Para

aprender, deveis *conhecer* o Povo. Para *conhecer* o Povo, deveis *conhecer* o Círculo Inquebrável de Zerthimon.

Dak'kon ergueu o disco de pedra que carregava, e seus dedos de aranha se prenderam nas laterais. Muitas vezes eu o havia visto meditando sobre ele, passando os olhos nas palavras com um olhar de aço. Havia lido tão profundamente que nunca precisava mover os lábios ao ler. Houve um clique no objeto, e as placas do Círculo deslizaram para uma nova configuração. Ele reverteu o movimento, selando a pedra:

— *Saibais* que o Primeiro Círculo de Zerthimon está aberto a vós. Estudai-o, depois ouvirei vossas palavras.

A pequena pedra redonda estava fria nas mãos. O Círculo Inquebrável de Zerthimon. Me maravilhei com ele, segurando o estranho tomo mecânico com cuidado para não quebrá-lo. Seria uma coisa bonita quebrar as escrituras sagradas do meu novo companheiro e professor. Era composto de uma série de círculos entrelaçados que se desdobravam uns dos outros; a complexidade das placas e a intricência de seus elos provavam que o texto fora construído por um artesão mestre.

Espelhei os movimentos que Dak'kon havia feito no Círculo, e as placas cederam ao meu toque, os anéis deslizando para uma nova configuração. Nos anéis havia uma série de símbolos; o escrito era como nenhuma escrita que eu havia visto: era uma série de geometrias

entrelaçadas, com círculos predominando. Mas apenas olhando para ele, *conhecia* os símbolos e sabia que podia lê-los. Percorri-o enquanto caminhávamos.

“Sabei que somos o Primeiro Povo.

Antes de tudo havia o caos. O Primeiro Povo era pensamento extraído do caos. Quando o Primeiro Povo veio a se conhecer, o caos deixou de existir, e tornou-se carne.

Com seus pensamentos e o saber da matéria, o Povo moldou o Primeiro Mundo e lá habitou com seu saber para sustentá-lo.

Mas a carne era nova para o Povo e com ela o Povo deixou de se conhecer. A carne deu origem a novos pensamentos. Ganância e ódios, dores e alegrias, ciúmes e dúvidas. Todos estes se alimentavam uns dos outros e as mentes do Povo foram divididas. Em sua divisão, o Povo foi punido.

As emoções da carne eram fortes. A ganância e os ódios, as dores e alegrias, os ciúmes e dúvidas — todos serviram como pedra de guia para os inimigos. Ao se tornar carne, o Primeiro Povo tornou-se escravo daqueles que conheciam a carne apenas como ferramentas de sua vontade. Sabei que estas bestas eram os illithids.

Os illithids eram uma raça que havia deixado de se conhecer. Havia aprendido a fazer outras raças deixarem de se conhecer.

Eram os tentaculados. Viviam na carne e viam a carne como ferramentas de sua vontade. Seu sangue era como água e moldavam mentes com seus pensamentos. Quando os illithids encontraram o Povo, o Povo não era mais um povo. O Povo tornou-se escravo.

Os illithids levaram o Povo do Primeiro Mundo e o trouxeram aos Mundos Falsos. Enquanto o Povo trabalhava nos Mundos Falsos, os illithids lhe ensinaram o Caminho da Carne. Através deles, o Povo veio a conhecer a perda. Veio a conhecer o sofrimento. Veio a conhecer a morte, tanto do corpo quanto da mente. Veio a conhecer o que é ser o rebanho de outro e ter a carne consumida. Veio a conhecer o horror de ser levado a sentir alegria em tais coisas.

O Círculo Inquebrável é o saber de como o Povo se perdeu. E como veio a se conhecer novamente.”

Virei-me para Dak’kon quando terminei:

— Li o Círculo Inquebrável de Zerthimon. Quero falar mais com vós sobre o Caminho de Zerthimon.

Ele assentiu sobriamente, os olhos cinza-carvão rígidos:

— O que viestes a *saber*?

Escolhi as palavras com cuidado:

— A força está em *conhecer* a si mesmo. Aprendi que uma vez que alguém não se *conhece*, está perdido. Torna-se ferramenta de outros.

Ele me fitou por um longo momento, depois assentiu com a satisfação de um mentor que fez seu dever:

— Viestes a *conhecer* o Primeiro Círculo de Zerthimon. Não apenas vedes as palavras de Zerthimon — viestes a *conhecê-las*. — Dak'kon ergueu o Círculo e prendeu os dedos nas bordas. Houve um clique, e as placas deslizaram para uma nova configuração. Ele reverteu o movimento como antes, selando a pedra. — *Sabei* que o Segundo Círculo de Zerthimon está aberto a vós. Estudai-o, depois ouvirei vossas palavras.

Como antes, deslizei as placas para a configuração que Dak'kon me mostrou, e um novo anel foi revelado. O anel trazia os mesmos símbolos que li antes, com as mesmas geometrias...

“Sabei que a carne não pode marcar o aço. Sabei que o aço pode marcar a carne. Em saber isso, Zerthimon tornou-se livre.

Sabei que os tentaculados eram da carne. Dependiam da carne e a usavam como ferramentas de sua vontade. Um dos lugares onde a carne servia à sua vontade eram os Campos das Cascas nos Mundos Falsos dos illithids.*

Os Campos eram onde os corpos do Povo eram lançados depois que os illithids haviam consumido seus cérebros. Quando o cérebro era devorado, as cascas tornavam-se fertilizante para crescer as gramas venenosas dos illithids.

Zerthimon trabalhava os Campos sem nenhum saber de si mesmo ou do que havia se tornado. Era ferramenta da carne, e a carne estava satisfeita.

Foi nesses Campos que Zerthimon veio a conhecer a escritura do aço. Durante um dos turnos, enquanto Zerthimon lavrava os Campos com as mãos, deparou-se com uma casca cujo cérebro ainda estava dentro. Não havia sido usada como alimento. No entanto, estava morta.

O pensamento de que uma das cascas havia morrido sem servir de alimento para os illithids era um pensamento que Zerthimon tinha dificuldade em compreender. Desse pensamento, surgiu o desejo de saber o que havia acontecido com a casca.

Encravada no crânio da casca havia uma lâmina de aço. Havia perfurado o osso. Zerthimon percebeu que era o que havia matado a casca. O aço havia marcado a carne, mas a carne não havia marcado o aço.

Zerthimon tomou a lâmina e estudou sua superfície. Nela, viu seu reflexo. Foi no reflexo do aço que Zerthimon primeiro se conheceu. Seu fio era aguçado, sua vontade a do portador. Era a lâmina que viria a ser levantada contra Gith quando Zerthimon fez a Proclamação dos Dois Céus.

Zerthimon guardou a lâmina por muitos turnos, e muitos foram os pensamentos que teve sobre ela. Usou-a nos campos para ajudar em seu trabalho. Ao usá-la, pensou

sobre como ela não era usada.

Os *illithids* eram poderosos. Zerthimon havia acreditado que não havia nada que eles não conhecessem. No entanto, os *illithids* nunca carregavam ferramentas de aço. Usavam apenas a carne como ferramentas. Tudo era feito pela carne, pois os tentaculados eram feitos de carne e conheciam a carne. No entanto, o aço era superior à carne. Quando a lâmina havia matado a casca, era a carne que havia sido mais fraca que o aço.

Foi então que Zerthimon veio a saber que a carne cede ao aço. Em saber isso, veio a saber que o aço era mais forte que os *illithids*.

O aço tornou-se a escritura do Povo. Sabei que o aço é a escritura pela qual o Povo veio a conhecer a liberdade.”

Deslizei a placa fechada, respirei fundo e meditei sobre a lição, buscando o significado mais profundo por trás do conto. Com os *githzerai*, história e parábola fluíam como uma só coisa, assim como Dak’kon era um com a lâmina *karach*.

O olhar de Dak’kon estava sereno:

— O que viestes a *saber*?

— Aprendi que não *conhecer* algo pode ser uma ferramenta, assim como carne e aço, se ao se deparar com isso, você tentar *conhecer* sua natureza e como veio a ser.

Novamente ele assentiu com satisfação, um lampejo de

contentamento nos olhos de que eu estava progredindo rapidamente:

— Vistes as palavras e vistes além delas. Viestes a *conhecer* o Segundo Círculo de Zerthimon.

Tomou o Círculo e com um movimento habilidoso torceu um dos elos de modo que uma das placas deslizou para fora — mas estranhamente, a pedra ainda parecia intacta. Me entregou a placa:

— Meditai sobre este ensinamento, e o *saber* dele vos dará força. Quando o houverdes absorvido, *sabereis* mais.

Li a placa esguia, gravada com aquelas runas circulares da língua githzerai. A Escritura do Aço. Era uma magia, de uma forma que eu não conhecia. Seus poderes vinham da calma meditativa do *saber*, tão diferente dos rituais das receitas de Mebbeth. Percorri os cânticos, os três pensamentos do ritual. Embora alienígenas, as palavras rapidamente se fundiram como uma só, assim como o escrito das fichas de receita de Mebbeth fez, assim como as runas circulares da língua githzerai fizeram. Com uma familiaridade assombrosa, então *conheci* a Escritura do Aço.

Piscei, e Dak'kon observou, seu rosto calmo e pétreo não surpreso com a eficiência com que absorvi o ensinamento:

— Ainda quero *saber* mais dos ensinamentos de

Zerthimon.

Os dedos de Dak'kon apalpam as bordas do círculo de pedra e o torceu no sentido horário, os elos clicando até se assentarem numa nova configuração. Depois reverteu o movimento como antes, redefinindo a pedra:

— O próximo Círculo de Zerthimon está aberto a vós. Estudai-o, depois ouvirei vossas palavras.

Assenti:

— Vou analisá-lo quando chegar o momento.



À medida que avançamos, descobrimos que as frestas e passagens dos labirintos estavam cheias do mesmo tipo de valentões que havíamos visto na Colmeia — provavelmente guarda-costas de baixo custo para os Coletores. Suponho que fosse otimismo demais esperar que a ralé imunda desses labirintos nos deixasse em paz. Mas o que mais eu poderia esperar de um monte de lixo senão um ninho de ratos?

Vieram em grupos, gangues de dez contra três na esperança de que um ataque de pinças nos permitisse ser flanqueados. Seguramos a posição o melhor que pudemos, Dak'kon de pé como uma tempestade de aço focado enquanto raios de luz explodiam das pontas dos

dedos, estilhaçando contra carne e armadura remendada em uma explosão de sangue e motes cintilantes. Dez catadores ardilosos vieram sobre nós, e quando a febre de sangue esfriou e as últimas faíscas de magia se apagaram, estávamos sobre uma massa de corpos e membros decepados. Sangue ia se infiltrando na pedra e nas massas antigas de lixo comprimido. As poças carmesins faziam pouco para suavizar o lixo esmagado e petrificado.

Dak'kon se apoiou numa parede solta e rangendo de tábuas de madeira e pano podre, a respiração pesada. Morte sondou um dente solto com a língua.

Em comparação conosco, ele saiu ileso.

— Você poderia ter desviado alguns dos golpes — revirei os olhos para Morte. Dak'kon parecia estar a alguns passos da morte.

Ele resfolegou:

— Ei, não é culpa minha que eles escolheram ir atrás do Senhor Sombrio aí. Sou o menor alvo de todos nós.

Resmunguei. Teria que cobri-lo em cobres se ele ia ajudar a absorver parte das facadas.

Me arrastei até Dak'kon. Os olhos do guerreiro-mago eram cinza-carvão, a pele amarela-opaca pálida e seca como pergaminho. Eu mesmo estava sangrando de vários cortes. Um punhal comprido havia furado um rim, e não menos de três cortes marcavam meu peito e costas. No

entanto as feridas estavam se fechando num ritmo notável. Eu me recuperaria com o tempo; Dak'kon não.

— Aqui — me inclinei para o companheiro e mentor. — Não é exatamente magia curativa, mas talvez lhe dê um pouco mais de sangue e fôlego.

Ele me fitou com olhos semimortos, como se fosse me mandar embora com um gesto. Dak'kon soltou um suspiro resignado e curvou a cabeça enquanto eu traçava alguns símbolos vermelhos brilhantes no ar.

— Os anos não foram tão gentis comigo — disse ele em voz rouca. — Minha lâmina ficou mais lenta. Minhas juntas doem com o peso do tempo. Isso eu *sei*.

— Disparate — disse ao completar o encantamento. — Autopunições sem fundamento não ajudam em nada.

— Não era autopunição — murmurou ele. — Mas um pedido de desculpas.

O zumbido da feitiçaria nos sacudiu a ambos enquanto toquei o ombro de Dak'kon. Senti-me drenar, meu corpo se esvaziar de vida como uma velha bolsa de vinho. A cabeça girou, o mundo ficou pálido enquanto minha própria força vital fluiu pelo conduto que teci e entrou em Dak'kon. O velho gith estremeceu, engasgou, e as bochechas ficaram mais cheias, a respiração mais fácil. Um momento de quietude passou entre nós enquanto eu balancei, gemendo. Dak'kon agarrou minha mão antes que eu tropeçasse.

— Viu? Ainda é mais rápido que eu — ri tonto. Ele não disse nada.

Dak'kon teve que me amparar enquanto as feridas se fechavam lentamente. Eu avançava ao lado dele mancando, tentando manter os gemidos de dor ao mínimo. Não adiantava chamar mais atenção.

Um caminho nos levou a mais um beco sem saída, mas com cautela e curiosidade examinei o arco ali. Um portal. Devia ser.

Ao toque a abertura ganhou vida — uma espiral azul, ondulando como um lago que separava dois reinos. Voltejos brilhantes emolduravam o portão, e um quarto escuro e recuado estava do outro lado.

Atravessamos — e quase tropeçamos de volta em choque.

Ratos. Dezenas de ratos, saindo dos cantos para morder nossos calcanhares. Aquelas espirais ósseas que brotavam dos crânios como tumores gordos os denunciaram imediatamente. Lembrei o que Creeden havia me contado sobre eles:

“Yer cranium rat... they’re just trouble. When ye get more than a ‘andful a’ the little pikers together, they start to get smart on ye... sometimes real smart.

Ye run into more than that... more than a couple dozen... ye run like ye’re in the shadow of the Lady!

Sorcery, cutter... sorcery!"

O jeito como os ratos se mantinham, encarando a todos nós como uma única entidade com uma dúzia de pares de olhinhos, era testemunho de uma inteligência sinistra. Pensamentos de comunicação foram prontamente cortados por um grito agudo e penetrante que encheu meu cérebro, sacudindo um pensamento contra o próximo como dados numa xícara. Já enfraquecido, tropecei, sangue jorrando pelo nariz e, pelo filete morno escorrendo pelos ombros, pelos ouvidos também.

Freneticamente arranquei das magias restantes que havia preparado, lançando esferas de morte na massa fervilhante de pelos e caudas rosas e nuas. À medida que caíam, a mente coletiva entrou em colapso, e o agudo penetrante amorteceu para um zumbido surdo.

Reunindo foco e me descobrindo vazio de qualquer magia útil, me atirei na massa com um punhal — furando uma bola de pelo que guinchava, pisando em outra. O estalo de osso e carne se achatando sob a bota era perturbador, mas estranhamente satisfatório enquanto a dor do ataque psíquico caía mais um nível. Os pequenos dentes mordentes não eram nada diante das mandíbulas triturantes de Morte e da lâmina de Dak'kon.

Quando suficientes estavam mortos, os demais fugiram, e soltei um suspiro de alívio. Manter a posição parecia estar funcionando.

— Criaturas imundas — murmurou Dak'kon, limpando a lâmina. — Mas o sabor é bom.

Morte cuspiu, tentando tirar os pelos e a pele dos dentes:

— Fale por você mesmo, chefe. Bleagh! Os pezinhos deles são mais frios que teta de bruxa ou—

— Sabe, Morte, fico me perguntando como você *conhece* essas coisas em detalhe suficiente para citá-las.

Arranquei o cadáver ainda se contorcendo do punhal e joguei de lado. Me perguntei se as criaturas comiam os próprios mortos.

Morte curvou o crânio num encolher de ombros. — Prática.

— Bem, vasculhem o cômodo — disse. As escaramuças do dia estavam me cobrando o preço. A voz estava virando um grasnado opaco, e a sensação de vertigem do ataque dos ratos ainda me fazia cambalear. — Este alcove não está aqui à toa.

Já havíamos vasculhado cada maldito canto desses túneis. O esconderijo de Pharod devia estar escondido em algum lugar aqui. Talvez houvesse uma porta secreta, ou outro portal, ou—

— Um estoque — declarou Dak'kon.

Encostado no canto havia uma caixa discreta. A camada

de pó acumulada nela estava perturbada pelas pegadas dos ratos e pelos varredores de suas caudas.

— Parece que algum idiota deixou essas coisas para guardar. Provavelmente morreu, no entanto, se ficou fora tanto tempo a ponto de este alcove ser tomado por ratos cranianos.

Dei de ombros:

— Melhor nos servir então. Vamos precisar de tudo que conseguirmos.

Uma pontada de culpa me atravessou ao me servir dos bens. Prometi a mim mesmo que devolveria essas coisas se pudesse, ou reembolsaria o sujeito que as deixou aqui, se ainda estivesse vivo.

Era uma coleção impressionante, devo dizer. Uma boa bolsa cheia de cobres, uma moldura de imagem estranha de metal retorcido, ecoando com magia. Havia uma maçã com pinos, também mágica talvez. Dois encantos de cura, desesperadamente necessários, e um pergaminho. Excelente.

Me servi primeiro dos itens mais leves: os encantos, o pergaminho, a bolsa, a moldura. Foi ao levantar a maçã que deveria ter sido mais cuidadoso. Ah, se ao menos eu tivesse me lembrado do treinamento de ladrão, saberia das armadilhas astuciosamente colocadas, mesmo num covil como este.

Um clique ominoso foi o arauto do perigo, e deslizei a maça rapidamente para dentro da mochila. Para meu horror, um botão havia sido deixado sob a cabeça da maça, e outro sob a extremidade do cabo. Congelei de choque — só para ser trazido de volta por cliques e estrondos suaves emanando da caixa.

— A-ARMADILHA! — engasguei, mas estava alguns segundos atrasado demais para me salvar.

Uma névoa marrom imunda borbulhou pelas fendas na caixa — uma neblina biliar de um amarelo enferrujado. Fiquei cego ao tropeçar para trás, e por um momento não senti nada. Talvez fosse um dud, ou o veneno havia se degradado com a idade.

E então veio a dor.

O primeiro bafo de gás me deu o cheiro do meu próprio sangue, a princípio descartado como da hemorragia nasal que sofrera antes. Mas então veio a sensação de queimação — um fogo acelerado que se espalhou pelas narinas.

Meus olhos estavam em chamas, e premí as mãos neles apenas para encontrar um estalido horrível enquanto aqueles orbes sensíveis explodiam nas órbitas, os humores vítreos leitosos escorrendo pelas mãos e bochechas como lágrimas grossas e quentes. Lutei para não respirar, mas ofegando de horror havia atraído o veneno para

os pulmões. Podia sentir o rubor ardente do sangue — uma torrente de líquido carmesim fluindo pelas narinas, derramando pelos lábios. A agonia em queimação se espalhava pelo crânio, atingindo o cérebro enquanto carne e cartilagem se dissolviam, comidas enquanto eu cambaleava de dor e terror.

Tentei gritar para os companheiros, dizer-lhes para fugir, mas o veneno já havia começado seu trabalho nos pulmões. Meu peito estava carbonizado pelo veneno, o revestimento interno dos pulmões havia se liquefeito a ponto de o melhor que conseguia era um gorgolejo. Os restos derretidos de meu esôfago e pulmões escorreram pelos lábios, a carne se soltando como gordura derretendo de um osso num fogão.

Fui grato quando a morte me levou e os sons úmidos que eu fazia foram silenciados. O rubor do ácido nos pulmões havia esfriado mesmo enquanto o gás acariciava minha pele. Tudo o que sentia então eram os pingos de líquido escorrendo do nariz e dos lábios, e o bater distante de botas.

O mundo ficou parado.





Capítulo 28

Estou começando a notar algo.

Quando um corpo acorda, a primeira coisa que vem à mente é a luz. A visão. O brilho radiante da aurora. Há os sons de pássaros lá fora cantando, ou os rangidos da cama quando o companheiro ou amante rola. Depois vem a sensação tátil: o ar fresco, ainda levemente úmido mesmo depois de ter cedido o orvalho da manhã. Depois o cheiro cortante e limpo do amanhecer. Finalmente, ao se levantar, um sabor azedo preenche a boca, enxaguado com um sorvinho e um gole de água.

Esta é a dança serena do despertar.

Já ouvi alguns dizerem que o sono é o modo pelo qual o corpo se prepara para a morte. Um ensaio, realmente, onde o corpo entra em torpor e a alma desliza para mergulhar um dedo no mundo além, seja o caos cintilante do sonhar (um conceito que só conheço em fragmentos de segunda mão) ou as terras estranhas e borbulhantes dos mortos: escuras, secas e chacoalhando com uma madeira silenciosa.

Talvez haja alguma comparação, talvez não. Não vi nenhuma luz no fim de um túnel, nem ouvi as vozes de entes

queridos, se é que algum dia tive. Não havia anjos nem diabos nem estradas sinuosas para me levar a qualquer destino metafísico onde minha alma pudesse descansar. Ainda assim, posso ver o apelo da analogia.

Porque quando meu corpo ressuscita, tudo é completamente ao contrário.

Os sentidos viscerais vêm primeiro. Há o gosto ferroso de sangue na garganta e o mofo seco e podre do apodrecimento na língua enquanto a saliva começa a escorrer de volta na boca. Há o cheiro de carne com uma semana de idade: azedo, rançoso como um açougue onde o pobre sujeito havia ficado morto por uma semana e suas mercadorias estragadas e cobertas com vermes brancos gordos e azedas com bolor nesse tempo. Depois disso, madeira lascada pressiona contra a carne enquanto a vertigem se dissipa e consigo distinguir cima de baixo. Sangue morno flui para os membros frios. Os músculos doem, endurecidos pelo rigor mortis. Então há o zumbido de moscas que acompanha as centenas de coceiras rastejando pela carne, e o brilho laranja-amarelo lugubrememente fulgurante de uma luz caprichosa.

Gemi, e com um tilintar de armadura uma leve brisa agitou contra a carne. A sensação de seiscentos pezinhos minúsculos fazendo cócegas na pele flutuou para longe com um coro de zumbidos.

— Dak'kon? — coaxeí. O tinido leve da armadura era

distintivo.

— Viveis — ele entoou plano, nem agradado nem desapontado.

— De certa maneira — tossí e escorregui da mesa, me torcendo de um lado ao outro, tentando dobrar os dedos. Ainda levaria alguns minutos antes de conseguir fechar um punho direito. — O gás... o que—

Uma pio familiar e irritante me respondeu:

— Pedra Firme tentou entrar e te salvar. O sujeito levou uma baforada da coisa, então quando ele caiu eu tive que arrastá-lo pra longe. Consegui um bom cantinho bem afastado também. Poderia ter morrido se eu não tivesse enfiado uns encantos de coágulo pela boca.

Minha visão ainda estava turva, mas Dak'kon nem piscou com o relato de Morte:

— Quantos encantos de coágulo—

Morte fez uma pausa, como se relutante em dizer:

— Eeeh... seis. E deixa eu te dizer, colocar na língua dele sem nenhuma mão é problema suficiente. Prefiro não pensar muito nisso.

Eu também não. As coisas eram caras, mas desde que tivessem salvado uma vida, fizeram seu trabalho.

— Dak'kon — gemi e apalpei o rosto. A cartilagem havia crescido de volta, e estava com uma sensação estranha,

como se estivesse usando a pele de outro homem. — Não é preciso entrar direto no moedor de carne comigo... eu seria o único que sairia de lá de novo.

O tom era plano mas seguro:

— Como disseres.

Às vezes eu queria que o homem reagisse.

Parecia uma laje de... não, madeira... sob mim. Era bastante aparente que não estávamos no Mortuário. Não havia odor de formol, nenhum gemido ou arrastar de trabalhadores zumbi. A esterilidade mofada da morte e o pó do tempo faltavam aqui: havia apenas o cheiro de sangue e a pestilência rançosa de carne podre.

Onde o Mortuário era um santuário de reverência e proteção para os mortos, este era um covil de abutres. Cadáveres, cortados em pedaços e suas dobras e recessos de carne vasculhados, jaziam de forma descuidada numa pilha numa extremidade do cômodo e numa tina na outra. A maior parte do sangue havia drenado há muito tempo e endurecido no chão numa camada espessa. A carne úmida havia endurecido e, embora desmembrada, parada e silenciosa, os cadáveres estavam fervilhando de vida. Em cada curva suave de rosa e vermelho, vermes brancos gordos se contorciam e festejavam, enquanto moscas circulavam e pousavam numa dança intrincada, partilhando do repasto e criando furiosamente mais vida

para dentro da massa silenciosa.

Essa ia ser uma daquelas experiências que faz alguém nunca mais comer carne.

Um som de arrastar chamou minha atenção para uma mulher bojuda vestida num robe de linho pesado. Ela se arrastava pelo cômodo, as juntas estronidando ao se curvar para pegar objetos das várias mesas. O cabelo estava preso para trás com um alfinete de osso, e ela tinha uma expressão de coalhada azeda. Enquanto a mulher trabalhava, murmurava para si mesma numa voz cantante.

Me torci, tentando desfazer alguns nós nas costas enquanto falava:

— Saudações.

A mulher parecia não me ouvir — em vez disso, se arrastou até uma das mesas compridas e começou a cutucar um dos cadáveres:

— Vamos lá, agora... — Estalar os dentes. — Não fique sendo difícil com Marta... ele está sendo difícil, não está, Marta...? Sim, sim, está...

Pelo que eu conseguia ver, parecia que ela estava arrancando dentes do cadáver... com apenas as mãos e as unhas. Quando isso não deu certo, sacou um cinzel de madeira lascado e um martelo e bateu nas gengivas até o dente soltar, depois o colocou numa bolsa na cintura.

— Ahn... o que está fazendo?

Marta pulou para longe do cadáver, assustada, e soltou um grito agudo:

— Aigh!

Recuperou o fôlego, depois sibilou com raiva — para o cadáver na mesa:

— Se morto você não fosse, talvez tivesse dito alguma coisa antes, falso cadáver, cadáver mau, sim! Não tem vergonha?

Podia me divertir um pouco com a velha. Saquear um corpo caído na rua era uma coisa, mas arrancar e cortar para tirar bens era outra. Levantando a voz uma oitava e jogando um sotaque ridículo, joguei a voz:

— Você é quem deveria ter vergonha. Arrancando meus dentes assim... não tem respeito pelos mortos?

— Hah! — Marta pôs as mãos nos quadris e se inflou indignada. — Como se você cuidasse dos dentes! Todos podres e manchados e marrom xarope — espanto que não tenham caído da caixa-de-miolos!

Coçou a cabeça:

— Não é mesmo, Marta? Aye, toda podridão e acabados...

De novo guinchei:

— Ooooooh... você será punida por esta maldade nos dentes, Marta. Vou te assombrar até o fim dos seus dias...

Ao lado de mim, Morte estava mordendo a língua e o osso branco-giz parecia um pouco mais pálido no esforço de não explodir em gargalhadas.

— Hah! Vocês ouvem isso, Marta? Ouvem? — O rosto de Marta se enrugou como um pano retorcido. — Ouço sim, Marta! Ouço! — Com um grunt, ela começou a socar o cadáver com os punhos, dando golpes carnudos a cada pancada. — Vai me assombrar, vai! Toma isso! E isso!

— Ooooooh... para... para... não vou mais assombrá-la... me perdoe...

— Malditos cadáveres... — Marta respirou fundo e deixou o cinzel cair de lado. — Isso sim que é mais certo, hein, Marta? Sim, sim... cadáver quieto... sim.

Tossi:

— Fui eu quem falou, não o cadáver.

Marta franziu os olhos e se virou. — Hein? Como você foi para lá tão rápido? — Murmurou para si mesma. — Marta, como ele fez isso? Nenhum lampejo, nenhum lampejo.

Morte recolheu os olhos. — Essa velha carniça é cega e quase surda.

Marta ainda murmurava algo sobre cadáveres e gratidão, que não consegui bem captar.

— Quem é você? — perguntei.

— Marta, este perguntou quem eu era? Aye, perguntou sim, perguntou... — Começou a cantarolar. — Ninguém além de mim, eu sou Marta, Marta a Costureira... hmnnn... Mar-ta — a — Cos-tu-rei-ra... Mar-ta — a — Cos-tu-rei-ra...

Virou de volta para o cadáver, cantando o nome para si mesma.

— O que está fazendo?

Marta voltou ao cadáver com um bufar:

— Tentando fazer esse idiota aqui dar as linhas e os dentes, e ele não está cooperando, não... — Abanou o dedo, como se repreendesse uma criança pequena. — Teimoso como pedra, não é, Marta? — Fez bico. — Sim, sim, é...

Ergui uma sobancelha:

— Linhas... e dentes? Do que está falando?

— Precisa arrancar as linhas, os dentes... eh, Marta, talvez você pudesse me dar uma mão... eu tenho dado uma mão a você, velha bagunça... sem necessidade desse tom comigo... arrancando as linhas e os dentes, sim. E as coisinhas dentro.

— Coisinhas dentro?

Morte flutuou sobre o cadáver que ela trabalhava, analisando os cortes e incisões:

— Acho que ela quer dizer órgãos. Espero que queira dizer órgãos.

— Coisinhas — Marta corrigiu.

Morte se voltou para Marta. — Sim, “coisinhas.” — Depois se voltou para mim. — São só semânticas.

O serviço da velha era bagunçado, diferente dos cortes rápidos e graciosos e das costuras de Ei-Vene no Mortuário:

— Marta, por que está arrancando os dentes e as linhas do cadáver?

— Deixa de lado, Marta, é o que faço aqui. — Coçou a cabeça. — Aye, Marta, a gente faz... linha de costura e dentes são preciosos, dão pra converter em moeda. “Tira os cadáveres que trouxemos”, eles dizem pra Marta: “Arranca os dentes, as linhas, as coisinhas dentro do cadáver, tira tudo frio e aí vendemos pros Dusties”.

E eu achava que o ofício de Coletor era ruim. Pelo menos arrastar cadáveres para o Mortuário era uma função necessária; isso era catação pura:

— Quem manda você fazer isso?

— O Quint gordo de cara de porco ganancioso, e o outro de muleta-manca, manca-muleta Esquisito-Pharod, não é mesmo, Marta? — Deu um sorriso torto e assentiu. — Aye, é sim, Marta...

Me inclinei, de repente interessado:

— Pharod? Onde ele está?

Marta deu de ombros. — Onde está Pharod, este

pergunta? Ele está aqui, Marta, não está...? — Assentiu.
— Aye, Pharod está aqui, Marta. Em um dos prédios aqui, ele está...

— O que fazem com as coisas que você tira dos cadáveres?

— Vendem. Vendem por brilhantes — disse simplesmente.

Passei a mão pela barriga, de repente tomado pela sensação de que havia algo enjaulado dentro da carne. Quem sabia que pedaços e peças tinham encontrado caminho fundo dentro de mim com todas as estocadas de faca e ossos quebrados? Ou talvez eu uma vez tivesse escondido algo dentro para segurança. A sensação era como uma coceira nas costas, bem fora do alcance, persistente, irritante, até que percebi que precisava de ajuda se fosse satisfazer aquela vontade estranha que havia surgido:

— Marta, você pode vasculhar meu corpo para ver se tem alguma coisa?

Marta franziu os olhos para mim:

— Hmnnn. — Depois assentiu. — Marta pode fazer isso, pode, Marta?

Morte fez um som de engasgo:

— Não vou assistir a isso.

— Onde? Onde... — Marta me estudava como se procurasse o melhor lugar para me abrir.

Engoli em seco. Bem, melhor começar pelo óbvio:

— Vamos tentar o estômago, que tal...

Me deitei sobre a mesa e Marta ficou sobre mim, uma faca enferrujada na mão. Fechei os olhos e esperei... houve uma dor aguda enquanto ela cortava o abdômen, depois corte brutal para baixo num movimento de serra, expondo as entranhas enquanto pele e carne se separavam revelando os intestinos reluzentes. Fiz um gorgolejo sufocado e, apesar da dor, assisti com fascínio mórbido enquanto ela levantava o estômago...

Minha visão voltou lentamente... para ver Marta parada sobre mim, balançando a cabeça:

— Nada, nada, encontrei, hein, Marta? — Balançou a cabeça. — Não, nada, Marta, sem sorte... devemos tentar de novo?

Estava em algum delírio estranho que guiou as próximas palavras:

— Huh... huh... Que tal a caixa torácica...?

Instantaneamente me arrependi de abrir a maldita boca.

Marta rapidamente pegou o cinzel e o martelo. Houve um estalo seco ao rachar a caixa torácica aberta. Engoli os gritos enquanto ela começou a pescar nos pulmões...

aqueles sacos de ar se agitando inutilmente enquanto eu tentava gafar ar. Era quase demais. Ciclos de agonia, virando como as estações. Carne se separando e ossos estalando e tendões se rasgando tão rapidamente quanto se regeneravam. Foi uma misericórdia quando entorpecí, depois apaguei pela dor.

Quando acordei de novo, Marta ainda estava parada sobre mim. Os lábios franzidos combinavam com o olhar desapontado nos olhos:

— Nada. Não encontrei nada.

Na terceira vez que o charme funciona:

— Chu... chu... confere os intestinos... pode ter qualquer coisa enfiada aí.

— Pelos Poderes, chefe! Por favor para! — Morte estava à beira de gritar, a voz rica de desespero.

E Marta ergueu aquela faca enferrujada de novo. Houve uma dor aguda ao cortar o abdômen, depois corte brutal para baixo, me esvaziando como um peixe mais uma vez. Fitei para cima, tentando manter a consciência enquanto ela cantarolava para si mesma, enfiando as mãos murchas nos intestinos.

— Ah! — Houve uma dor retorcida ao Marta levantar a massa de corda dos intestinos, sangue e outros fluidos escorrendo dela. — Olha isso, Marta... olha aqui... eu vejo, eu vejo, corta ali, corta ali...

Marta fez uma pequena e habilidosa incisão na lateral de um dos intestinos, e ouvi um tnnng ao algo pequeno e metálico bater no chão.

— Urrhkk... — gorgolhei.

Morte contraiu e se virou. Dak'kon assistia com frieza.

Marta então despejou a massa escorregadia de volta no torso, depois se abaixou, pegou o objeto... um anel, ao que parecia, e o atirou para mim:

— Bonito, bonito, hein, Marta? — Assentiu. — Sim, Marta, não se devia engolir tal coisa, não, não...

Tentei dar sentido aos emaranhados escorregadios, sem sucesso. Aparentemente Marta não ia me ajudar a enfiar de volta para dentro:

— Ob-obrigado... tinha... mais alguma coisa...?

Marta balançou a cabeça. — Nada mais, nada mais a não ser, hein, Marta? Devemos tentar algum outro lugar, Marta?

Me deitei de costas, respirando pesado e fitando o teto de barro marrom opaco:

— Não... não... mais...





Capítulo 29

Uma vez que o nojo e o horror iniciais me varreram, a provação de tentar dar sentido à massa entrelaçada e escorregadia das minhas entranhas era mais problemática do que grotesca. Não havia dor além da incisão inicial na barriga (bem, esta e a medley de outras feridas e torturas que sofri), e a coisa já estava meio feita. Não havia jeito de enfiar as cordas carnudas de volta na cavidade abdominal no jeito que foram originalmente embaladas. A coisa mais limpa a fazer, ironicamente, seria simplesmente dar a perda como perdida e cortar o resto, enfiando as próprias entranhas na mochila.

Morte engasgou. Mas por mais estranho que fosse carregar as próprias entranhas, parecia mais estranho deixar um pedaço de mim para trás assim. Quem sabia o que um necromante faria com as entranhas de um imortal? Na verdade, não queria pensar nisso.

Esse maldito anel valeria a pena.

Lá fora tirei um momento para contemplar os arredores. Do chão ao teto, o que antes era um labirinto de lixo antigo esculpido como os túneis de um cupim havia se tornado uma vila cavernosa. Nem um único tijolo do lugar parecia

se encaixar direito sobre o outro. Em vez disso, os edifícios haviam sido montados com tudo que podia ser catado: tábuas podres e mal combinadas, lonas remendadas e manchadas. E se os habitantes imundos da Colmeia eram sujos, o povo do que viria a ser chamado de Vila Soterrada não tinha nem a dignidade de andar pelas ruas acima. Era uma vila de abutres.

Um homem andrajoso passou, vestido de roupas remendadas. Cheirava a fumaça e lixo e tinha um aspecto amarelado na pele. Acenei para ele:

— Com licença.

Ele me olhou enviesado ao me aproximar:

— O que você quer de mim, camarada?

— Só respostas para algumas perguntas... quem é você?

O morador balançou a cabeça:

— Não é importante, camarada. Caí pelas frestas faz tempo demais — ou talvez tenha sido meu pai. De um jeito ou de outro, sou só mais um tentando ganhar a vida do jeito que puder.

— Bem, tinha algumas outras perguntas...

A voz ficou levemente irritada:

— Vai rápido, camarada. Tenho bocas pra alimentar.

— O que está fazendo?

— Tentando ganhar a vida. Como parece? Só que

fico sendo interrompido por perguntas, e isso está me impedindo disso. Já acabou?

Pedi desculpas e fui embora.

Alguns dos moradores pareciam ter uma condição melhor. A sorte era carne dura de se encontrar quando se vivia dos restos de outros. Uma mulher com rosto sulcado e vestida com roupas monótonas fitava a distância de onde estava. Os olhos tinham um aspecto distante, e parecia haver uma vitalidade nova surgindo sob a pele, como se lhe tivessem dado uma nova vida. Havia uma tatuagem padronizada em volta do pescoço. Ela tressaltou quando falei com ela:

— Hein? O que você quer?

— Só queria fazer algumas perguntas...

Ela inclinou a cabeça de um jeito curioso:

— Talvez eu tenha respostas para você, e talvez não.

— Me conte sobre você mesma.

Ela sorriu com orgulho:

— Eu? Tenho dois nomes agora, e vou te mostrar só um — não quero que você roube o novo, hee hee! Pode me chamar de Radine, querido, e vou guardar esse outro nome bem perto de mim, vou.

Senti a mais leve pontada de... bem. Não sabia bem o quê. Necessidade, talvez. Inveja? Olhando

para um morador de olhos vazios passando, sem passado e sem futuro, parte de mim sabia que ele e eu nos assemelhávamos em alguns aspectos. Errantes sem nome no vento. Olhei de volta para Radine:

— Dois nomes, hein? Deve ser bom tê-los.

— Aye, boneco, é — ela disse com um aceno orgulhoso.

— Me conte sobre este lugar.

— A Vila Soterrada? — Ela olhou para os edifícios improvisados. — Um lugar bonito o suficiente, suponho, se você não se importar com o cheiro de cadáveres sendo abertos, lixo empilhado no telhado e o eterno esgueiro de ratos por aqui. Muito mais frio com apenas um nome e nenhum número para protegê-la, isso com certeza.

— Me conte sobre o número — pedi, olhando para a tatuagem.

— Essa coisa retorcida? É um número de identificação. É meu número, dado a mim por um homem gentil que me viu fria sem a proteção de números para me apoiar. Agora o tenho e estou mais feliz do que nunca antes.

Me inclinei um pouco mais perto:

— Interessante. Como funciona?

— Segurança em números, e com segurança vem o calor, e com calor vem o conforto. Números podem fazer tudo por você, querido, desde que você respeite o poder deles.

Radine era uma mulher sortuda por saber quem era — e mais. Estava quase na beira de pedir o nome extra, o que seria bem descarado. Mas a dor em mim poderia ter sido preenchida com um nome. Tais eram os meus pensamentos até eu encontrar outro morador da vila.

Era um homem monótono com um rosto perfeitamente redondo como lua, que me olhou sem expressão e não falou. Parecia como se sua voz fosse tão plana quanto um prado.

— O senhor está bem? — perguntei. O pobre homem parecia ainda pior que os outros moradores, que pelo menos tinham algum vislumbre de quem e o que eram. — Não suponho que pudesse me ajudar?

O homem me fitou de forma plana:

— Mal consigo me ajudar, mas farei o que puder. O que deseja saber?

— Me conte sobre este lugar. Espero encontrar um homem chamado Pharod.

De novo o tom era plano, como a voz de um homem morto. Dak'kon era um bardo em comparação:

— Não sei nada disso. Não conheço este lugar. Não tenho nome. Não tenho número. Não tenho memória deste lugar. Estou com frio. Estou com medo. Isso é estranho, ficar tão nu. Temo que vá morrer.

— O que quer dizer? — perguntei, mas já estava começando a ter minhas suspeitas sobre o que havia

acontecido com o pobre sujeito.

A voz era oca:

— Já vivi numa terra de máquinas de metal e portas que se abriam com uma palavra. Sonho com as cidades de metal impecável e as cascas que são nosso povo. Tinha um número e um nome lá, e agora não tenho nenhum. Como todo o meu tipo, são tudo que tenho. São tudo que tive de próprio em toda a minha vida. Foram roubados de mim. Sem eles nada sou. Solicito sua ajuda.

— Você a tem — ofereci, mas precisava confirmar as suspeitas. — Quem tem seu nome e número?

— Aquela que costumava ser Radine. Roubou-os de mim. Ofereci-lhe o abrigo do meu nome e número, e ela os roubou. São meus por direito e por lei. Encontre-a. Ela está nesta Vila.

Droga.

A mulher havia voltado ao olhar distante, mas a mente não havia vagado tão longe desta vez — ela não ficou tão assustada comigo:

— Você de novo, hein?

— Radine? O homem cujo nome você pegou quer de volta agora — rosnei.

A voz ficou estridente e um rubor rosado veio às bochechas:

— Bem, ele não pode ter! Ele me ofereceu, e eu fiquei com eles. Ele nunca disse nada sobre nenhum empréstimo, e nunca disse que precisava de volta! Ele não vai conseguir! Pode ir dizer isso a ele! Se ele realmente precisa de um nome, pode ficar com o meu... o nome “Radine” deveria ser bom o suficiente para qualquer um!

Era difícil não cutucar com firmeza o peito dela:

— Não foi bom o suficiente para você... por que bastaria para ele?

— É uma diferença de mundos entre crescer num nome e ter o de outra pessoa, querido. Uma nova atitude atrás de um nome velho pode mudar tudo. Veja o que fiz com este aqui!

Aquele sorriso louco voltou ao rosto dela. Ela não ia largar facilmente.

— Muito bem. Vou falar com ele sobre isso. Adeus.

O homem sem nome me fitou ao me aproximar de novo, um lampejo de esperança nos olhos, mas falou tão sem emoção quanto antes:

— Você localizou a mulher com meu nome e número? Ela dirá que ganhou o nome de mim, mas não ganhou. Ela roubou. Preciso do meu nome e número. Ela está na Vila, em algum lugar.

Assenti:

— Encontrei. Ela não quer devolver.

Ele empalideceu por um momento:

— Ela deve. São meus. Ela os roubou. Solicito sua ajuda. — Estava começando a soar como um mantra.

— Você a está recebendo.

Radine olhou em branco ao eu voltar, depois sacudiu o torpor. Ao fazê-lo, a tatuagem em volta do pescoço se contorceu:

— Você de novo, hein, camarada? Digo que não vou devolver o nome e o número. Sabe o quê — usar este nome e número aumentou minha fortuna. Vou pagar um bom dinheiro por isso, e ele pode comprar um novo bom conjunto, o que acha?

Balancei a cabeça:

— Acho que não vai resolver. Devolva-me o nome e o número.

— Que tal vinte moedas? Isso deve aguentar o querido até ele conseguir um novo conjunto, hein? Seja um bem e vá perguntar se é isso que ele quer por isso.

— Que tal se eu comprar de você, já que você está tão disposta a colocar preço no nome?

Ela me olhou como se eu fosse maluco:

— Está completamente fora do siso? Claro que não vendo meu nome!

— Por quê?

— Porque é meu nome, idiota! Não se vende o próprio nome!

— Você... você mulher contraditória! — disparei.

O sorriso torto vacilou, mas ela ainda conseguiu manter um:

— Já me chamaram de coisas piores, querido.

O homem desalentado me fitou, um vislumbre de esperança nos olhos, mas falou tão sem emoção como sempre. — Ela lhe deu meu nome e número? Ela ofereceu dinheiro, não é? Não posso viver. Dinheiro nada significa sem um nome. Consegue meu nome? Ela deu?

Assenti:

— Ela ofereceu dinheiro por eles.

— Nenhum dinheiro pode comprar um nome. Nenhuma quantidade pode comprar um número. Moeda é magra consolação pela identidade. Certamente você pode compreender.

Suspirei, esfregando as têmporas:

— Sim, posso. Farei o que puder. Adeus.

O rosto de Radine se contraiu ao me ver de novo:

— Ele recusou de novo, não foi? E com certeza você veio tomar de volta o que é meu de direito.

— Seu de direito? — era difícil manter o fogo fora da voz. — Você não tem direito a esse nome e número. Você o roubou. Você não precisa de um número para viver. Ele precisa. Mesmo que doa, você tem que abrir mão. Será melhor para os dois a longo prazo.

Radine pressionou alguns dedos na testa enquanto pensava de verdade. A voz rachou quando falou de novo:

— Suponho... que você tenha razão. Fui uma pessoa má, fui sim, e não posso ficar com isso. Aqui. — Ela descascou a tatuagem retorcida de volta do pescoço e me entregou. Estremeceu ao fazê-lo. — E você pode dizer a ele o nome agora. Ele era e será Ku'u Yin. Agora me deixe ir.

Assenti. Tinha pena dela, de verdade. Quando se vive num mundo como este, quem não roubaria para sobreviver?

— Aqui está algum dinheiro pelo transtorno. Compre algo para se manter aquecida.

— Obrigada, camarada. — Ela embolsou o dinheiro, parecendo cada vez mais monótona à medida que a magia da tatuagem a deixava. — Seria melhor eu ir embora daqui então... e com a ajuda do dinheiro que você me deu, talvez nos encontremos de novo em circunstâncias mais felizes para os dois.

Sorri:

— Não roube mais nomes, Radine. Adeus.

— Ela devolveu seu nome e número — disse.

— Posso tê-los?

A voz era rouca, os traços drenados.

Foi então que o medo e a tentação me tomaram. É isso que acontece quando o nome de alguém é roubado? Eu estava destinado a morrer aos poucos, drenado de vida e esperança até ser uma mera casca do que um dia fui? Me perguntei se o homem à minha frente sentia aquela mesma ferida funda dentro do espaço onde a essência do ser deveria estar. Me perguntei se ele tinha noites aterrorizantes e sem sonhos onde mergulhava na escuridão, e aquele vazio horripilante de oblivio ficava bem na esquina do olho.

Já podia sentir aquela identidade roubada escorrer para dentro de mim. Ku'u Yin, dos Círculos Asekelar. Ku'u Yin, inventor do Brilho Seélico e Sonhador Terceiro. Era um novo começo, envolto na pele quente de outro.

Mantive a voz firme, mas as palavras foram difíceis de forçar:

— Sim. Seu nome é Ku'u Yin. Tome seu número.

Entreguei-lhe o fragmento de tatuagem.

Vida e calor escorreram de volta para a pele de Ku'u Yin, e ele se levantou mais cheio, mais alto, e a voz cresceu forte com a autoridade e o poder de *saber* quem era. Nenhum sorriso tressaltou nos lábios, mas contentamento suave

emoldurou os traços enquanto se curvou levemente:

— Agradeço pelo nome e número. Sim. Ku'u Yin. Sim. Mas não. Agora percebo que não preciso mais de um número aqui. Vou me arranjar um número novo, se necessário. Dou-lhe meu número velho. Pode ajudá-lo. É um manto de lei. É proteção. Aceita?

Me inclinei com educação e segurei a tatuagem com cuidado na mão:

— Sim. Obrigado, Ku'u Yin.

— Que lhe aqueça. Confie nele. Vai protegê-lo. Adeus.

Ele se virou e foi embora.

Com a tatuagem no antebraço, senti uma aura rígida se enrolando ao meu redor, me protegendo dos estragos do caos. Havia um calor nela, uma sensação de segurança. Faltava a consciência de si mesmo de ter um nome, por mais breve que fosse aquela experiência, mas a satisfação de devolver uma identidade a alguém que precisava mais era suficiente.

E assim abri caminho para o palácio improvisado de Pharod. O guarda estreitou os olhos e olhou na minha direção ao me aproximar, mas não disse nada.

— O que há por aquele arco?

Ele me deu um olhar severo, aquele que sabia que eu era problema:

— Pharod e sua corte, camarada. Cuida-se lá dentro, e vigia a língua; ele está num humor tão podre quanto sempre.

Havia procurado por ele tempo demais para ser repellido por algo tão trivial. Passei pelo arco e entrei na sala do trono do Rei dos Trapos.



Capítulo 30

Os recessos da corte de Pharod eram mais frios ainda, o ar mais limpo. O cheiro suave de incenso era leve no ar, o ligeiro odor de fumaça mal detectável. Talvez este lugar já tivesse sido um templo, ou uma biblioteca. Mas agora a câmara, grande demais para servir a um único homem, estava vazia e esvaziada pelas mãos de saqueadores. As lajes de pedra que pavimentavam o chão ressoavam a cada passo, e uma luz violeta mística chorava das fissuras entre elas. Longas rachaduras haviam dividido fendas retas no chão, e energias estranhas redemoinhou como leite lavanda entre as tábuas dispostas aleatoriamente por cima, formando passarelas descuidadas.

Havia grandiosidade nesta corte uma vez, e agora era uma casca cicatrizada do que já foi, suas memórias, grandiosas ou cruéis, haviam sido devoradas pelo tempo.

O trono na extremidade oposta do salão — talvez outrora um altar, talvez outrora uma escultura — era uma mão de pedra com o dobro da altura de um homem. Almofadas acolchoavam a palma fria, e os dedos eram curvados suavemente para frente como o frouxo aperto de um homem morto. O arco sobre a palma estava decorado com

lanternas que emitiam um brilho laranja lúgubre.

— Então vejo que você voltou, cadáver.

A voz era rouca e cansada, mas a câmara era grande e vazia, e a saudação de Pharod carregou bem.

Virei para ver um homem idoso apoiado pesadamente numa muleta; a perna esquerda estava torcida, como se ele tivesse tentado andar em duas direções ao mesmo tempo e pago o preço. A pele cor de larva estava fortemente engelhada no crânio e salpicada de manchas de fígado. Ele murmurava e estalos os lábios enquanto os olhos faziam um circuito pelo salão, mas por fim o olhar voltou para um relógio de sol de pedra colocado de qualquer jeito ao lado de uma pilha de pedras quebradas cobertas por tecido desbotado.

— Pharod.

Os olhos do homem se iluminaram ao eu me aproximar, de pé diante dele com os braços cruzados:

— É minha colheita constante de moeda vindo para os braços esperando de Pharod mais uma vez! Saudações, cadáver. — Ele sorriu um sorriso malvado. — Você veio perguntar a Pharod sobre outra incursão pelas paredes do Mortuário?

Havia procurado por ele tanto tempo que tive dificuldade em pensar no que dizer:

— É um homem difícil de rastrear, Pharod. Vim por

informação. Me disseram que você sabe algo sobre mim.

— Sabe algo sobre você...? — A luz nos olhos de Pharod diminuiu. Ele me estudou, murmurando levemente enquanto os olhos piscavam para cima e para baixo na minha estrutura. — Cadáver...? Não? Sim? — Os olhos encontraram os meus. — Ah! Não...

— Pharod? O que foi?

Pharod me estudava com um olhar absolutamente nivelado:

— Não é um show de máscaras, cadáver. Sem tempo para jogos, sem tempo para Pharod brincar de roda... o que você está fazendo com essas perguntas?

— Esqueci a mim mesmo, e me disseram para procurá-lo. Que você saberia algo sobre mim — disse com franqueza.

— Eh... — Pharod lambeu os lábios; soaram como pergaminho seco raspando na areia. — Agora quem lhe disse tal coisa, cadáver?

— Bem, ninguém me disse exatamente. Havia essas tatuagens nas minhas costas... elas me disseram para procurá-lo, se eu alguma vez me esquecesse.

— Ah... tão pouco dito, tanto revelado... — Pharod ficou em silêncio, e de repente tive a sensação de que estava me dissecando, como um cadáver numa laje do Mortuário. — Sei muito que você gostaria de saber. Muito, sim. Muito,

de fato... — Pharod sorriu devagar, as dobras de carne no rosto se puxando para trás como uma cortina.

— O que você sabe sobre mim?

Pharod lambeu os lábios de novo, depois se instalou sobre a muleta como um abutre:

— Não, não... não de graça, a pergunta que você faz. — As mãos pastosas bateram na borda da muleta. — Muito posso lhe contar, mas o contar tem um custo.

Resmunguei:

— Continue, Pharod...

Pharod bateu as pedras de calçamento com a muleta e franziu o cenho:

— Esta vila não é tudo que está soterrado sob a Praça do Trapeiro.

— Sim...?

— Câmaras, cofres, corredores... cheios de mortos, todos adormecidos em seus caixões. Em algum lugar naqueles salões, em algum lugar lá, há algo extraviado. Algo meu.

— O que é?

— Uma coisa pequena, uma quinquilharia, tal bobagem... — À medida que Pharod falava, as palavras começaram a ecoar, como se duas pessoas estivessem falando... e eu soube que já havia ouvido antes... dos meus

próprios lábios. Gentilmente, toquei a memória, e foi suficiente para me lembrar...

— ...é uma esfera. Feita de bronze. Feia. Parece um ovo ao toque, e cheira a creme podre. Estou certo?

Pharod ficou em silêncio mortal por um momento, depois assentiu:

— Sim... quanto você esconde de mim, cadáver? — Ele deu uma risadinha. — Você voltou para ver se me lembro do que quero?

— Por que você não manda um dos seus Coletores procurar? — perguntei com suspeita.

— Porque os corredores não precisam de mais mortos desta vila. — Pharod fez um tsks. — Forte, rápido, esperto... essas são qualidades que meus moradores não têm. Eles vão para baixo — não voltam. — Pharod me lançou um olhar. — Talvez os mortos acolham os seus, hmmm? É o que eu acho, cadáver.

— Você sabe onde está esta esfera?

— Ah... — O suspiro de Pharod era como areia escorregando. — E por que você acha que peço a você para procurá-la, cadáver? Não sei onde está. Sei que está soterrada fundo, muito mais fundo do que qualquer morador já foi. — Pharod fez um tsks. — Pode estar nas catacumbas onde as águas correm fundo, fundo...

— Muito bem... vou procurar. Mas quero saber o que

estou comprando com esta quinquilharia.

— Tem muito saber barulhando na minha caixa-de-miols, cadáver. — Ele ergueu um dedo murcho. — Um deles é este pedaço de sabedoria: todo mundo quer alguma coisa, quer saiba ou não. Há muito que sei sobre você... muito que você gostaria de saber...

Bufei:

— Duvido que você possa me dizer algo de valor, Pharod.

O blefe me deixou ansioso. Precisava do conhecimento dele mais do que qualquer outra coisa.

— Aprendi outro pedaço de sabedoria inestimável... para você, dou de graça: Um homem frequentemente está errado sobre muitas coisas, e um homem morto é aquele que esteve errado vezes demais. — Pharod lambeu os lábios. — Muito tenho a lhe dizer que alguém consideraria de valor.

Ele tinha um ponto:

— Muito bem, verei sobre encontrar esta esfera para você... em troca do que você sabe.

— Muito bem, negócio fechado, negócio feito... — Pharod rachou a muleta com força nas pedras. — Uma esfera por uma olhada dentro da minha caixa-de-miols. Agora, cadáver — não há tempo a perder. Vá até o portão ao sul e ao leste e diga àqueles tolos dormentes para abri-lo para você — depressa, depressa.

— Espere um momento... tinha algumas outras perguntas antes de sair...

— Então pergunte! — Pharod bateu a muleta nos paralelepípedos, como se proferisse sentença. — Vamos, vamos, cadáver, o tempo é curto e minha paciência, menor.

— Quando você me saudou, disse algo sobre me levar “numa incursão ao Mortuário”. O que quis dizer?

— Me diz você, cadáver — talvez os Dusties que moram lá sejam mais do que sua preferência por uma jovem com boa forma? — Pharod bateu a muleta no chão, o repique ecoando pela corte. — Mais perdoadores os Dusties, em deixar você entrar e sair dali como bem entende, considerando que você não tem o bom senso de ficar no Livro dos Mortos.

A imagem daquelas câmaras sombrias me veio. Quem iria querer ir lá?

— Eu queria entrar no Mortuário? Mas por quê?

Pharod bufou:

— Cadáver, você era tão determinado a entrar lá, e agora derrama que nem mesmo sabe por que queria entrar? Às vezes é uma maravilha como os Planos continuam a girar...

— O que é este lugar?

Os olhos de Pharod rolaram nas órbitas, varrendo teto,

paredes e depois o chão:

— Aqui é a Corte do Vento Podre — não é nome de minha escolha, muito obrigado — e o kip fora desta Corte é a Vila Soterrada, cadáver.

— O que é a Vila Soterrada?

— Bem, há uma história... — Pharod lambeu os lábios de novo, depois deu de ombros. — Mas para dizer a verdade, a história me entedia. A versão curta? É um pedaço da Colmeia que foi tijolejado por um dia, um pedaço de Sigil pendurado no Livro dos Mortos.

— O que quer dizer?

— Você conhece aquelas cabeças-de-bode flutuantes que servem à Senhora, os dabus? Bem, não importa se conhece ou não — eles ficam por aí consertando, quebrando, soterando, construindo o tempo todo. Segue?

Assenti:

— Sim, continue.

— Bem, como vai o chant... e chant empoeirado é porque é muito velho... esses dabus simplesmente tijolejaram uma seção da Colmeia um dia e todo mundo simplesmente esqueceu. Jogue muito lixo em cima, e logo, ninguém nem sabe que está aqui. — Pharod sorriu. — Perverso, não? Um pedaço de Sigil completamente esquecido?

— Como você encontrou?

Pharod fez um tsks:

— Ainda tenho meus olhos, cadáver, e ainda tenho meus ouvidos, e quando você tem senso suficiente para amarrar os dois juntos, encontrar o obscuro de qualquer assunto não é tão difícil quanto alguns fazem parecer. — Pharod esfregou o manto sujo. — Agora, havia mais alguma coisa que você queria colher da minha caixa-de-miolo? Não veio só para ouvir sobre este buraco de trapos, veio?

A pele estava começando a arrepiar. Pharod sabia muito, mas me deixava desconfortável falar com uma figura tão miserável e retorcida:

— Quando acordei no Mortuário, um diário estava faltando. Você sabe onde está?

Pharod me franziu os olhos, as dobras de carne quase cobrindo os olhos:

— Um diário você tinha quando falamos por último... perdeu-se? — Pharod riu seco. — Estes olhos não o viram... mas vou mantê-los abertos. Adoraria ler uma obra tão magnífica...

E finalmente ao coração do assunto. A única pergunta que muitos fizeram, que muitos queriam saber:

— Ouvi dizer que você tem encontrado uma riqueza de corpos, Pharod. De onde vêm?

— Um mago conta os segredos do ofício? Assim é com o Coletor... — Pharod franziu o cenho, me estudando. —

Talvez lhe conte... mas você deve prometer que é só para seus ouvidos.

Gesticulei, entrelaçando as mãos no ar. Os dedos estralaram com as pequenas magias que havia preparado, mas Pharod pareceu indiferente:

— Você está se comparando a um mago, Pharod? Acho que está insultando o ofício.

Pharod corou mesmo assim, e bateu a muleta no chão:

— Colecionar é tão habilidoso quanto qualquer malingzinho consegue manter uma moeda de cobre.

— Pharod, encontrar um monte de cadáveres e vendê-los dificilmente se compara ao estudo da magia — deixei a energia se dissipar e acenei com descuido, espalhando as faíscas com uma mão casual.

— Não foi habilidade que encontrou este lugar?! — A voz de Pharod subiu a um rugido, e os dedos apertaram ao redor da muleta. — Levou senso encontrar este lugar, levou, e levou senso tirar o máximo proveito!

Ri, tocando o velho como um violino:

— A Vila Soterrada? Vamos lá, qual é o segredo disso?

— Muito bem... — Pharod bateu as pedras de calçamento com a muleta e franziu o cenho. — Esta vila não é tudo que está soterrado sob a Praça do Trapeiro.

Assenti, intrigado:

— Continue...

— Há catacumbas... — Pharod deu o mais tênue dos sorrisos, e os olhos brilharam como ouro. — Lugares, negros como piche, cheios de pedras chorosas e os preciosos mortos, todos adormecidos em seus caixões. Adormecidos...

— De onde vêm todos esses mortos?

Pharod me fixou com um olhar torto:

— Cadáver, cadáver... tudo morre. A vida é tão curta, mas a morte dura tão longa, tão longa. Muitas pessoas, muitas mortes... — O olhar viajou além de mim. — Que desperdício para as mortes delas não servir a nada nos braços de um Dustie, hein?

Ergui uma sobrancelha:

— O que quer dizer?

Pharod sorriu, gananciosamente:

— Nem todos os mortos que vão ao portão do Mortuário são alimentados à fomalha, cadáver. Os Dusties soterram alguns dos mortos nas entranhas da cidade. Sob a vila... tão perto, tão perto... é tal lugar. Eu seria um tolo por não ver as oportunidades...

Pior que um abutre. Um profanador de sepulturas, que perturbava os mortos. Não para arrancar o ouro dos dentes nem roubar as joias enterradas com eles, mas para colher

os corpos dos lugares de descanso e vender os ossos como sucata:

— Então você rouba as catacumbas dos mortos que os Dustmen colocaram lá, vende-os de volta aos Dustmen e eles os soterram novamente?

Pharod assentiu, depois riu levemente — o som era como areia se deslocando:

— Essas catacumbas são tão profundas quanto os bolsos de um Dustie.

— E tão profundas quanto a ganância do homem — disse, enojado.

— Oh, sim... — Pharod franziu o cenho. — E a ganância do homem é algo no qual sempre se pode contar quando nada mais resta, hein?

Tendo satisfeito minha curiosidade em todos os pontos, exceto os que importavam para mim, deixei Pharod sozinho no trono sombrio.



Capítulo 31

Decidi passar a noite na Vila Soterrada, sabendo que Marta me deixaria dormir na choupana dela. O dia seguinte seria cedo o suficiente para começar a missão de Pharod. Além disso, recuperar-se de uma morte não é coisa que se faz numa tarde.

No portão na beira da vila estava um homem enorme, vestido com roupas de retalhos fedendo a cerveja azeda. Era realmente enorme — era óbvio que fora escolhido para aquele trabalho pela força bruta, não pelo cérebro.

— O que você quer?

Um homem repulsivo. Astuto. Ardiloso. Mas acima de tudo, repulsivo. O humor estabelecido pelo nome “Cabelo-de-Verme” cabia-lhe perfeitamente.

— O que fica além do portão? — Apontei para os túneis escuros do outro lado da ponte.

— As Catacumbas da Pedra Chorosa. Muitos mortos, muitas criptas pra saquear.

— Por que se chamam Catacumbas da Pedra Chorosa?

Ele coçou o pescoço:

— Muita água escorre de cima. Parece que as paredes

estão chorando. O nome veio daí.

— Pharod me deu permissão para descer até as catacumbas. Preciso que você abra o portão.

Com isso, o sujeito deu uma cabeçada seca e destrancou o portão.

Sigil era de fato uma cidade de desordem se, mesmo com uma facção inteira prestando serviços para os mortos, conseguia-se construir uma vila de saqueadores de tumbas bem ao lado de uma de suas criptas antigas. Urnas estavam estilhaçadas, oferendas junto aos esquifes haviam sido roubadas, e caixões e túmulos estavam quebrados e arrombados até pelo menor brilho de cobre. A espessa camada de pó sobre muitos dos ossos partidos era testemunha de há quanto tempo tinham sido perturbados.

Os rangidos e sussurros nas sombras nos diziam que não estávamos sozinhos.

— As malditas coisas praticamente infestaram a cidade — Morte resmungou. — Oitenta anos atrás tentaram eliminar os ratos cranianos. Chamaram uns senhores de bestas, um envenenador, um flautista... cada vez a cidade ficou limpa por duas semanas, mas depois os bichos voltaram rastejando. Ninguém sabe de onde vêm.

— Uma vez que se conhece a resposta para tal enigma, o problema pode ser resolvido.

Esmaguei um rato e ele estalou sem guinchar sob a bota:

— Duvido que consigamos descobrir isso agora. Prefiro só encontrar essa maldita esfera e acabar com isso.

— Claro, não é como se algum velho meio demente tivesse pedido sua ajuda para encontrar o local de reprodução dessas criaturas. Mas que herói você seria! — Morte provocou.

Um ruído distante e inumano, meio rosnado meio grito, chamou minha atenção.

— Fiquem em guarda. Eu fico na frente e absorvo os primeiros golpes. Morte fica atrás e vigia o flanco. Dak'kon é rápido e ágil, então pode ir para a frente ou para trás com facilidade.

Morte sorriu:

— Já cansou dos meus conselhos sábios e dos comentários irônicos?

Finalmente ele entendeu. — Não, mas precisamos de alguém para guardar as costas.

Outro grito à distância. O ruído era agudo mas abafado, e gorgolejava como se as cordas vocais da criatura estivessem no processo de apodrecer.

— *Vargouilles* — Dak'kon sussurrou, mas se a palavra deveria significar algo, não capturei o sentido.

E ainda assim lá estavam logo na esquina: três deles. Criaturas vis eram aquelas: cabeças flutuando em círculos

com presas gotejando ícor e línguas grossas e compridas como as de um enforcado. Asas membranosas e em forma de estandarte as mantinham no ar, com garras pontudas em cada osso saliente. Eram branco-giz, horripilantes, com guinchos como os de um falcão moribundo.

Se eu dissesse que essas eram as coisas mais horripilantes que já encontrei até agora, provavelmente estaria me amaldiçoando.

— São da variedade mais fraca — Dak'kon disse sabiamente com sua voz oca.

— Então lutamos — rosni, e me joguei na briga.

A tática era brutal mas eficaz. Com minha capacidade de regenerar carne rasgada e membros quebrados, absorvi a maior parte do dano enquanto era cercado. Por fora, Dak'kon e Morte podiam flanquear e golpear pelas costas dos inimigos.

— Cuidado! — Dak'kon chamou enquanto as cabeças babavam sobre minha carne. A saliva dos mortos era espessa e podre — com uma qualidade grudenta melhor esquecida. — Quem morre pela mordida de uma *vargouille* ressurge como uma!

— AGORA você me diz?!

Cercado de *vargouilles*, eu estava numa posição ruim para usar meus pontos fortes e lançar raios de destruição furiosa nas criaturas. Porcaria, estava guardando essas

magias para algo que achei que seria mais ameaçador.

Se eu morresse, minha cabeça se desprenderia e ficaria voando ao redor mordendo meus aliados? Seria condenado a uma existência eterna de flap-flap por esses corredores atacando incautos moradores da Vila Soterrada que saqueavam os túmulos? “A *Vargouille* Eterna”, eles me chamariam. “Cuidado com a que é marcada e feia, em oposição às que são apenas feias.” Bem, pelo menos então Morte e eu teríamos algo em comum.

Mas chega de filosofar... hora de matar com algo afiado e/ou pesado.

Não havia peso real nas criaturas, e assim minha adaga as empurrava tanto quanto as esfaqueava. Mas jogadas contra a testa de Morte ou cortadas ao meio pela lâmina afiada de Dak’kon, foi eficaz o suficiente.

E então veio outro coro de guinchos lá no corredor. Droga. Outra briga...



Um braço pendia inútil ao meu lado enquanto eu repousava contra a parede. A pedra antiga estava úmida e fria, e os escombros em si eram molhados com pingos e condensação. Um grande pedaço de carne havia sido arrancado do meu bíceps por presas famintas, e lentamente

a carne rosada por baixo ia se unindo de volta. Se eu olhasse com atenção conseguia ver o pulsar do sangue fluindo pelo tecido.

Escolhi não olhar com atenção.

Morte fez um clique com a língua:

— Droga. Doeu, chefe?

— Cortaram o nervo — disse seco. Talvez estivesse sendo econômico com os encantos de coágulo, mas tudo que precisava eram algumas horas e estaria em ótima forma de novo. Esses eram melhor guardados para Morte ou Dak'kon.

— Enquanto esperamos... — limpei a garganta — ...Dak'kon?

— Qual é a sua vontade?

— Talvez esse tempo livre seja bom para eu estudar o Círculo de Zerthimon.

Dak'kon me fitou por um momento e, com um simples nó utilitário, deslizou as placas para a configuração adequada. Aceitei com a mão funcional, e Dak'kon recostou com a lâmina zerth apoiada no colo.

Olhando para ela, entrou num transe meditativo focado. A lâmina de bordas pretas ficou esfumada, ondulando até ficar clara como vidro polido e afiada como um pensamento. Ondulou de novo, e a lâmina assumiu um tom

obsidiano com presas serrilhadas ferozes ao longo do fio.

Deixando Dak'kon para seus exercícios mentais, comecei a ler.

“Zerthimon serviu muitos turnos ao illithid Arlathii Twice-Deceased e sua parceria nos céus cavernosos dos Mundos Falsos. Seus deveres teriam quebrado as costas de muitos outros, mas Zerthimon trabalhava, suportando tormento e exaustão.

Sucedeu que o illithid Arlathii Twice-Deceased ordenou Zerthimon diante de si em sua galeria de muitas veias. Alegou que Zerthimon cometera ofensas de obstinação e covardia contra sua parceria. A alegação não tinha peso de verdade, pois Arlathii apenas desejava saber se chamava ardiam no coração de Zerthimon. Desejava saber se o coração de Zerthimon era de escravo ou de rebelde.

Zerthimon se rendeu ao castigo do illithid em vez de revelar sua força recém-encontrada. Ele sabia que se mostrasse o ódio em seu coração, não serviria a nada, e faria mal a outros que sentiam como ele. Escolheu suportar o castigo e foi colocado dentro dos Pilares do Silêncio para que pudesse sofrer por um turno.

Amarrado nos Pilares, Zerthimon moveu sua mente para um lugar onde a dor não podia alcançar, deixando seu corpo para trás. Durou um turno, e quando foi trazido diante de Arlathii Twice-Deceased, deu gratidão por seu

castigo ao illithid como era costume. Ao fazê-lo, provou ser um escravo aos olhos do illithid enquanto seu coração permanecia livre.

Ao suportar e apagar as chamas de seu ódio, permitiu que Arlathii Twice-Deceased o julgasse fraco. Quando chegou a hora da Levante, Arlathii foi o primeiro dos illithids a conhecer a morte pela mão de Zerthimon e morrer uma terceira morte.”

Olhei para cima. Hesitei em perturbar Dak’kon no meio de sua meditação, mas ele notou meu olhar vacilante.

— Er... li o Círculo Inquebrável de Zerthimon. Quero falar mais contigo sobre o Caminho de Zerthimon.

Ele pegou a lâmina do colo e me deu toda a atenção:

— O que viestes a *saber*?

A moral da história era simples. Era uma oração que eu havia ouvido Dak’kon entoar muitas vezes em batalha:

— **Resista. Ao resistir, cresces forte.**

As palavras pareceram atingir Dak’kon de forma estranha... enquanto as falei, sua testa se enrugou, depois se assentou de volta na expressão passiva normal.

— Vossa vontade vos trouxe o *saber* do Terceiro Círculo de Zerthimon. Com este *saber*, parto-vos isto.

Pegou o Círculo e com um movimento hábil torceu um dos elos de modo que uma das placas deslizou para fora.

Me entregou a placa.

— Meditai sobre seus ensinamentos, e o *saber* deles vos dará força.

— Muito bem... vou estudar este Círculo. Há mais que podes me ensinar?

Ao fazer as perguntas, percebi de repente que Dak'kon não estava me olhando. Segurava o Círculo Inquebrável nas mãos, estudando-o. Sua lâmina havia assumido a mesma textura do Círculo Inquebrável... e Dak'kon de repente parecia mais velho de alguma forma.

— Dak'kon?

Os olhos negros de Dak'kon se ergueram do Círculo e me olharam.

— *Saber* que não acreditei que viésseis a *conhecer* os ensinamentos do Círculo. É... um caminho difícil que ireis trilhar ao aprender o Caminho de Zerthimon. Vossa mente está focada neste assunto?

Assenti:

— Sim. Desejo aprender mais.

Os dedos de Dak'kon apalparam as bordas do círculo de pedra e o torceu no sentido horário, os elos clicando até se assentarem numa nova configuração. Me entregou como estava.

— O próximo Círculo de Zerthimon está aberto a vós.

Estudai-o, depois ouvirei vossas palavras.

Olhei a placa que ele havia me dado antes de percorrer o novo círculo... uma meditação que me concederia a força que Zerthimon levou consigo em seu ano de punição.

— Obrigado. Descanse. Pode demorar um pouco para eu meditar sobre isso.

Ele assentiu de novo, e recostou com a lâmina zerth apoiada no dobro do braço. Olhos fechados, traços plácidos, eu nunca conseguia dizer se estava realmente dormindo ou não.

Comecei a ler.





Capítulo 32

Já lutei contra gangues, hordas e enxames. Se você é bom com uma lâmina e tem a capacidade de tocar a trama do cosmos e dobrar as leis da física à sua vontade, tudo que é preciso são alguns raios de fúria focada ou uma orbe cromática, e a multidão se dispersa como palha no vento. Claro, essa estratégia depende do fato de que seus inimigos *conseguem* sentir medo.

Os mortos-vivos não sentem.

Aprendi isso quando os vargouilles vieram em enxames no terceiro dia.

A tática das catacumbas exigia adaptação constante. Com os ossos cranianos quebrados sob as botas e as presas dos vargouilles cerradas nos meus braços enquanto eu os afastava, era o tipo de combate que desgasta a alma mais do que o corpo. Morte ficava nos arredores mordendo e arrancando asas enquanto a lâmina de Dak'kon cantava, seus golpes certos e frios como o próprio metal.

A dor era apenas um prelúdio à cura, e a cura era apenas um prelúdio a mais dor. Aprendera a desligar parte disso.

Quando a última criatura caiu rangendo contra a pedra úmida, me encostei na parede e respirei fundo.

Ainda precisávamos da esfera. E ainda havia mais catacumbas pela frente.

Vasculhamos os corredores mais remotos. Em cada alcova havia evidências do que esta cidade subterrânea já havia sido: cacos de urnas funerárias, restos de oferendas — comida, objetos pequenos, moedas — que alguém havia deixado para os mortos há décadas. Tudo que tinha qualquer valor já havia sido levado pelos Coletores de Pharod. O que restava era a própria pedra, úmida e chorosa, e os mortos que ainda aguardavam em seus nichos.

— Dak'kon — disse enquanto descansávamos, comendo o que havia sobrado das rações que Marta nos havia preparado. — O Quarto Círculo. Estou pronto.

Dak'kon assentiu e deslizou as placas.

Comecei a ler.

“Sabei que a Levante do Povo contra os illithids foi uma coisa construída sobre muitos dez-turnos de labor. Muitos do Povo foram reunidos e ensinados em segredo as formas de derrotar seus mestres illithids. Foram ensinados a proteger suas mentes, e a usá-las como armas. Foram ensinados a Escritura do Aço, e, mais importante, receberam o saber da liberdade.

Alguns do Povo aprenderam a natureza da liberdade e a levaram para seus corações. O saber lhes deu

força. Outros temeram a liberdade e se calaram. Mas havia aqueles que conheciam a liberdade e conheciam a escravidão, e foi sua escolha que o Povo permanecesse acorrentado. Um desses era Vilquar.

Vilquar não viu liberdade na Levante, mas oportunidade. Viu que os illithids se espalharam por muitos dos Mundos Falsos. Seus Mundos eram tantos que sua visão estava voltada apenas para fora, para tudo que ainda não tocavam. O Olho de Vilquar viu que muito acontecia que os illithids não viam. Para a Levante, os illithids estavam cegos.

Vilquar veio diante de seu mestre, o illithid Zhijitaris, com o saber da Levante. Vilquar acrescentou às suas correntes e ofereceu ser seus olhos contra a Levante. Em troca, Vilquar pediu que fosse recompensado por seu serviço. O illithid concordou com seu contrato.

Na vinculação do contrato, um tempo sombrio ocorreu. Muitas foram as traições que Vilquar cometeu e muitos foram os membros do Povo que os illithids devoraram para deter a Levante. Parecia que a Levante morreria antes de ocorrer, e os illithids estavam satisfeitos com o Olho de Vilquar.

Foi perto do fim deste tempo sombrio que Zerthimon veio a conhecer as traições de Vilquar. Ao conhecer o Olho de Vilquar, Zerthimon forçou a Levante a se calar, de modo que Vilquar pudesse pensar que suas traições finalmente

havam tido sucesso, e a Levante havia caído. Ele sabia que o Olho de Vilquar estava cheio apenas da recompensa que lhe havia sido prometida. Vilquar veria o que desejasse ver.

Com a ganância batendo em seu coração, Vilquar veio diante do illithid Zhijitaris e falou ao seu mestre de seu sucesso. Disse que a Levante havia caído, e os illithids estavam seguros para voltar seus olhos para fora novamente. Elogiou a sabedoria deles em usar o Olho de Vilquar, e pediu sua recompensa.

Em sua cegueira de ganância, Vilquar havia esquecido o saber de por que o Povo havia buscado a liberdade. Havia perdido o saber do que a escravidão significava. Havia esquecido o que seus mestres illithids viam quando olhavam para ele. E assim a traição de Vilquar ao Povo foi encerrada com outra traição. Vilquar veio a conhecer que quando o Olho de Vilquar não tinha mais nada a ver, o Olho de Vilquar era inútil.

O illithid deu a Vilquar sua recompensa, abrindo a cavidade de seu crânio e devorando seu cérebro. O cadáver de Vilquar foi lançado sobre os Campos das Cascas para que seu sangue regasse as ervas de caule venenoso.”

— Nunca entendi como você conseguia ler esse lixo —
Morte resmungou.

— Vai dormir, Morte — pausei — Na verdade, por que

não conversamos? Faz tempo que só batemos papo.

Melhor mantê-lo acordado enquanto pudesse... seu ronco poderia atrair mais vargouilles, e eu já estava com um braço funcionando a menos.

Ele estalou os dentes animado:

— Bom, nesse caso, deixa eu te contar sobre a vez que trabalhei para o Arquimago Khelebak. Cara, esse sujeito estava ficando velho, e miserável como uma cabra — embora honestamente não consiga pensar numa boa analogia para nenhuma dessas coisas agora. De qualquer forma, ele me colocou numa prateleira como alarme de ladrão barato, e um dia essa ladra élfica bonitinha decidiu tentar um roubo com o mínimo de coisas a atrapalhar...

Dez minutos agonizantes depois ele estava roncando enrolado numa sacola cheia de trapos com nossas mochilas empilhadas em cima.

Passei as horas lendo meu tomo improvisado com os olhos cansados, copiando o novo feitiço e memorizando outros, praticando os exercícios básicos da magia: foco, gesto, cântico. Foco, gesto, cântico.

Entre as tarefas árduas de preparar minhas magias, olhei para meus companheiros e me perguntei como chegara a isso: um errante sem nome seguido alegremente por um crânio flutuante e um githzerai envelhecido que parecia estar mais em casa num monastério do que

arriscando os ossos numa cripta úmida como essa. Era grato pelos meus companheiros, de verdade, mas em momentos como esse precisava me perguntar o que me tornava tão afortunado, ou o que os tornava tão amaldiçoados ou tolos para se juntar a mim.

Com um suspiro, as pálpebras de Dak'kon se ergueram. Ele deu uma olhada sem expressão na pilha de tralha roncante, depois olhou para mim. Sentado reto como uma lança, o homem era todo negócios e disciplina.

— O que viestes a *saber*?

Havia pensado muito sobre isso:

— Quando alguém escolhe ver apenas o que está diante de si, vê apenas uma parte do todo. Está cego. E assim como Vilquar foi cegado por sua recompensa prometida, assim também os illithids foram cegados para a verdadeira Levante. Pois quando ouviram as palavras de Vilquar, voltaram sua visão para fora novamente, não foi? E a Levante foi livre para atacar?

Dak'kon assentiu:

— *Saber* que falastes com verdade. O Olho de Vilquar cegou tanto Vilquar quanto os illithids. Os tentaculados pensaram que a Levante não existia mais. Quando a Levante ocorreu, a terra bebeu fundo do sangue illithid. Assim a vitória nasceu da traição.

Coçei o queixo:

— É uma lição curiosa. Por que seria parte dos ensinamentos de Zerthimon?

A lâmina de Dak'kon sangrou para um preto morto de noite, e sua voz se aprofundou — por um momento pensei que estava com raiva, mas não tinha certeza.

— Há muito sobre o Caminho de Zerthimon e seu trajeto que é difícil de *conhecer*.

— Sabes por que o Olho de Vilquar é parte do Caminho de Zerthimon?

— Faz parte do relato de como nosso Povo veio a *conhecer* a liberdade. Nos deixa *saber* que há aqueles, mesmo entre o Povo, que não são do Povo. E que mesmo na maior traição, um maior *saber* pode ser alcançado.

Assenti:

— Muito bem.

— Viestes a *conhecer* o Quarto Círculo de Zerthimon.

Ele pegou o Círculo e com um movimento hábil, torceu um dos elos de modo que uma das placas deslizou para fora. Me entregou a placa.

— Meditai sobre seus ensinamentos, e o *saber* deles vos dará força.

— Obrigado, Dak'kon.



Capítulo 33

Sabe aquelas manhãs em que você se sente atordoado e simplesmente não quer acordar? Talvez você tenha babado no sono e a bochecha esteja repousando numa poça de saliva fria espremida num travesseiro arruinado. Você dormiu numa posição estranha de modo que um braço ficou pressionado sob o corpo e, quando a consciência pisca de volta, está completamente entorpecido.

Talvez você cutuque aquele membro mole e imóvel algumas vezes achando que pertencia a outra pessoa.

Agora imagine algo assim, exceto que você está coberto de sangue, um braço foi parcialmente cortado e está a centímetros de se recuperar, e você está tossindo sangue e coberto por ele. Droga, acho que perdi um mamilo para aquelas mandíbulas aladas.

— Ugh... — gemí, e flexioné os dedos experimentalmente. Não havia dano permanente, felizmente. Isso, e minha cabeça ainda estava presa nos ombros — outro ponto positivo.

— Por que me sinto como lixo de cachorro? — resmunguei. De quanta coisa precisava me recuperar?

— Eeeh, Dak'kon insistiu em te carregar nas costas

quando fugimos. Felizmente as coisas pareciam muito mais interessadas em bicar seus pedaços imodestamente vestidos e a gente meio que te usou de escudo humano até ficarmos seguros.

— Obrigado — resmunguei. Era sincero, mal-humorado que estava. A ideia de ficar preso para sempre numa câmara de mandíbulas tilintantes, a carne rasgada e devorada por dentes famintos tão rapidamente quanto se regenerava, era o mais próximo que conseguia chegar de um pesadelo real. Um imortal marcado seria uma fonte interminável de alimento.

Os sinais jaziam espalhados no chão mal calçado enquanto descíamos mais fundo nas catacumbas.

Esqueletos e outros cadáveres haviam sido cobertos com roupas folgadas após a morte. Alguns seguravam armas rudes nas mãos, outros carregavam feridas que nunca coagularam nem cicatrizaram. Me ajoelhei cautelosamente, examinando um corpo. O esqueleto definitivamente carregava marcas e feridas recebidas como criatura morta-viva.

Estávamos nas Nações Mortas.

Passamos por um cadáver estranho, morto com certeza, mas cujo pescoço ainda se contorcia como se tentasse se arrancar do próprio corpo. Alguma força estranha o detinha, retendo a transformação completa em *vargouille*,

e decidi deixá-lo em paz.

Um par de portões de ferro barrava a entrada para a câmara seguinte, mas com um empurrão e um rangido o caminho se abriu para a próxima sala.

Se a Tumba Mosaico era um exercício em intricência, isso era uma obra de escala régia. Pedras suaves azul-cinza e violeta estavam dispostas em padrões circulares no chão, espalhando-se para fora como extensões de uma teia de aranha. Colunas antigas, esculpidas e polidas, brilhavam opacamente na luz caprichosa das tochas fincadas nas paredes. Boa parte da pedra correspondia ao material de que o resto das Catacumbas da Pedra Chorosa era feito, mas onde as catacumbas eram ásperas e partidas pelas eras, os ângulos limpos e as superfícies polidas poderiam ter sido encontrados numa corte régia.

Mas os corredores estavam vazios, e nem um traço de vida ou calor podia ser encontrado, exceto pelas tochas que iluminavam o corredor principal.

— Assustador — Morte murmurou.

Era como se a própria palavra fosse proibida, um encantamento de invocação. No momento em que o primeiro eco ressoou de volta, uma meia dúzia de carniçais surgiu das sombras. Quatro deles. Lembrei nosso último encontro, que deixou Dak'kon gravemente ferido. Estávamos longe de estar em condições de repelir mais

quatro carniçais.

Então dois mais entraram, babando e rosnando, impulsionados pela fome não-natural.

E mais três. Cinco mais.

Bem... não se chama de Nações Mortas à toa, suponho.

Foi quando o portão atrás de nós se fechou com estrondo que murmurei o palavrão mais profano que consegui pensar.

— Pela Senhora escorchada, o que é isso...

Morte até estremeceu com aquele, e em volta os mortos-vivos congelaram como se aguardassem meu inevitável fim. Hmm. Talvez eu devesse ter mais cuidado com a escolha de palavras.

Antes que eu pudesse lançar, conjurar ou balançar qualquer coisa, uma voz imperiosa e oca gritou para nós:

— Parem!

Com isso os carniçais ficaram quietos, nos encarando como lotes frescos de carne.

Dois esqueletos avançaram, flanqueando outro esqueleto alto e vestido com roupas régias, de olhos vermelhos brilhantes e elmo alto. Numa mão segurava um cajado alto de metal encimado por um crânio, que batia na pedra enquanto caminhava. Seus mantos ondularam enquanto avançava na minha direção.

A voz da criatura era seca e oca por falta de língua ou carne para falar. Mas era rica de comando e, enquanto falava, os outros mortos-vivos obedeciam. Com cautela, avancei para falar com ela.

Ele me olhou de cima com o que parecia ser piedade naqueles olhos vermelhos brilhantes:

— Viajante, vós chegastes longe demais e trespassastes as Nações Mortas, reino do Rei Silencioso! Quereis vos submeter pacificamente?

— Submeter a qual autoridade? — perguntei com cuidado.

— É a vontade do Rei Silencioso que todos que passam pelos portões para nossa Nação tornem-se prisioneiros de suas terras. Quereis vos submeter?

Olhei para trás para meus aliados em busca de apoio e vi Dak'kon tocando um lábio pensativo, e Morte balançando para cima e para baixo num aceno frenético. Bem, não tínhamos outra escolha afinal.

— Muito bem, nos submeteremos.

O esqueleto soou satisfeito:

— Vinde, então... vos mostraremos a Capelinha. Sabei isto: sereis livres para vagar por estes corredores, mas não para deixar as catacumbas. Sereis prisioneiros aqui até vossa morte; devendo ressurgirdes como ressurgimos, sereis livres. Louvado o Rei Silencioso; que a sua vontade

seja feita.

Para prisioneiros, fomos tratados razoavelmente bem. Os guardas esqueletos caminhavam calmamente ao nosso lado, sem nenhum dos empurrões ou abusos verbais que se esperaria de um desertor militar médio mal-humorado. O próprio esqueleto líder confiou o suficiente para nos deixar com apenas aqueles dois, embora os carniçais babando por toda parte fizessem qualquer precaução de segurança adicional pouco mais que uma formalidade.

Até nossa cela (se assim pode ser chamada) foi construída com a mesma alvenaria graciosa que compunha o corredor principal. Sequer tinha porta, e nenhum guarda foi postado para nos vigiar. Ainda assim, embora fornecida de mantas há muito sem uso estendidas no chão, as cores sombrias e a iluminação fraca faziam o lugar parecer mais uma tumba final do que um quarto para “hóspedes”.

Uma voz familiar me cumprimentou:

— Ah, mais um membro dos vivos. A maioria é morta pelos carniçais, tão fundo nas catacumbas; tendes sorte.

Sentado na beira de uma cama de madeira severa estava um homem em trajes Dustman. Ao seu lado repousavam alguns livros, capas cinzentas de idade mas conservados bem o suficiente para que mesmo o couro nos cantos mostrasse pouca desgastamento. Tomos de sabedoria Dustman. O homem usou um recorte de papel para marcar

onde estava lendo antes de pousar o livro e me olhar com olhos tingidos de vermelho.

— Você é Soego — disse surpreso — do Mortuário. O que está fazendo aqui?

Ele apenas me encarou sem expressão:

— Sua memória serve bem. Não estou mais estacionado no Mortuário... em vez disso, tornei-me missionário por estas partes.

— Missionário?

Soego olhou além do arco de entrada enquanto falava:

— Sim, vim a estas catacumbas depois de ouvir rumores de mortos-vivos conscientes por aqui. Espero salvá-los.

Um zumbi entrou arrastando os pés enquanto conversávamos, carregando uma bandeja cheia do que quer que pudessem colher aqui. Colocou-a na beira da cama, curvou a cabeça, e soltou um gemido que poderia ter sido “bom apetite”, antes de sair.

— Salvá-los? — murmurei enquanto mexia na bandeja. Uma crosta de pão duro, um copo de água limpa, e um rato craniano esfolado e eviscerado para cada um de nós, embora o último estivesse cru. Blegh.

Soego assentiu e olhou para a bandeja. Parecia estar encarando o rato, metade com nojo, metade com anseio:

— Sim, uma civilização única de mortos-vivos

sencientes. Tal coisa é incomum, mesmo em Sigil. Mas não deixa de ser uma abominação na doutrina Dustman.

Engoliu e se afastou da bandeja:

— Paixão os prende a esta vida falsa. Espero poder ensiná-los a abandonar estas paixões e deixar esta vida falsa para trás e alcançar a Morte Verdadeira.

Bati um pedaço do pão contra a madeira e os estalos ecoantes enfatizaram minhas palavras:

— Por que fui feito prisioneiro aqui?

— Não sei. Pergunte a alguns dos “cidadãos” aqui.

Assenti:

— Talvez o faça. Depois de descansarmos, porém.

Soego assentiu:

— Ofereço algum conselho antes de descansar. Não ataque nenhum dos mortos-vivos aqui nas catacumbas; eles não te farão mal contanto que permaneças pacífico. Se mostrares hostilidade se defenderão, e há... muitos deles.

— Obrigado.

Nos dias seguintes ficamos deitados em repouso, nos recuperando do dano quase fatal que sofremos em nossas explorações. Quando Dak’kon não estava meditando praticava as formas fluidas e graciosas com sua lâmina com a certeza e o *saber* de um mestre. Morte flertou com algumas das zumbis por algumas horas, mas como muitas

não tinham interesse em reciprocidade (de fato, podiam fazer pouco para se comunicar além de gemidos ininteligíveis) ficou entediado rapidamente e passou a maior parte do tempo tagarelando e me importunando.

É verdade que sua presença tornava nossa detenção suportável, mas era distrativo quando eu tentava me concentrar em estudar os itens que havíamos coletado. E de fato, no segundo dia fiz uma descoberta surpreendente.

O braço decepado que retiramos do cadáver na pilha de lixo era meu.

O tom cinza e a massa de cicatrizes deveriam ter me entregado, assim como a familiaridade assombrosamente íntima que sentia pela coisa. Não havia como saber há quanto tempo havia estado ali, ou realmente o que havia acontecido para que eu deixasse um braço decepado nas profundezas dessas catacumbas. De novo senti a necessidade de entregá-lo a Fell para análise.



Na terceira dia tínhamos nos recuperado o suficiente para aventurarmos e dar uma olhada nessa nação nós mesmos. Enquanto Dak'kon permanecia em meditação, Morte e eu saímos de nossa cela.

O coração das Nações Mortas era um templo de ferro e pedra. A alvenaria ornamentada familiar estava bem

conservada e polida aqui. Enquanto o resto da Nação estava construído em padrões caóticos e desesperados de violeta e azul, os pisos eram ladrilhados em beleza ordenada e precisa, como se o templo tivesse sido construído primeiro e o resto da Nação tivesse que se contentar com os restos de cor. Embora o templo fosse sombrio, desolado e oco como uma tumba, havia uma sombra humilde de fé aqui que impulsionava os mortos tanto quanto a fé impulsionava os vivos.

— Bonito, não é? — um esqueleto chacoalhou para mim enquanto passava com um monte de pergaminhos.

— Assustador, mais. Preferia ver um Dustman dançando no Mortuário do que um aqui — Morte se curvou e inclinou a cabeça numa tentativa de olhar por baixo da saia de uma zumbi que passava — Embora não me importasse de ser provado errado.

— Mas olha ao redor, Morte — gesticulei. — Estamos falando de uma civilização nascente nascida da morte. São um povo que recusou morrer e em nome do dever se uniu para proteger os que não eram fortes o suficiente para fazê-lo.

Enquanto vagávamos pelos corredores esqueletos e zumbis andavam e se arrastavam, ocupados em suas tarefas, imersos em pensamentos. Ocasionalmente ouvia alguns carniçais resmungando sobre melhor proteção contra a incursão de ratos cranianos. Não era uma

metrópole, mas as Nações Mortas estavam prosperando:

— Isso não te surpreende nem um pouco?

— Eh — Morte revirou os olhos com desdém — Sei que você ainda é meio verde aqui, chefe, mas confia em mim. Uma vez que você viu uma necrópole de mortos-vivos guardando um labirinto antigo e proibido de catacumbas você viu... todos... eles...

A fala desacelerou enquanto uma zumbi feminina com a maioria de seus longos cabelos brancos ainda presos se arrastava por ali.

— Com licença.

Suspirei e caminhei adiante. O que quer que ele tivesse dito a ela, valeu uma pancada no maxilar que o mandou voando para dentro de uma pilha de trapos.

— Uuuu! Chamem o legista! Temos uma viva aqui!



— Maravilhentoo... hamintoo... — um esqueleto próximo murmurava para si mesmo, ocasionalmente pausando para coçar o crânio. Era antigo o suficiente para não ter mais nenhuma carne nos ossos... apenas alguns trapos coloridos.

— Saudações...

Ele retribuiu um cumprimento com um aceno, mas não respondeu.

— Esperava que pudesse me dizer onde encontrar o Rei Silencioso...

O esqueleto olhou para cima e grunhiu frustrado:

— Agora não! Perdoe-me, mas tenho o mais horrível enigma na cabeça e não consigo resolvê-lo!

— Qual é o enigma?

Pareceu surpreso:

— Oh? Vai tentar?

Dei de ombros:

— Sim, pode continuar.

— Muito bem. Este é de um bufão barulhento de um saco-de-ossos que talvez encontres por aqui. Recusa-se a me dar a resposta, e está me matando!

— Continue, então...

Assentiu:

— Pense em palavras que terminam em ‘-ENTO.’ ‘Tormento’ e ‘talento’ são duas delas. Existem apenas três palavras na ‘língua comum’... qual é a terceira? A palavra é algo que todos usam todo dia. Se ouvistes com atenção, já vos disse o que é.

Coçou o queixo pensativo:

— É... er... hmm.

— Preso também, não é? Me diga se encontrar a resposta... e boa sorte caso tente arrancá-la daquele idiota tagarela que mo deu!



O esqueleto alto que havia ordenado meu aprisionamento parou quando o cumprimentei. Ele vestia o que parecia ser mantos de padre antigos, pesados e ornamentados. Numa mão dessecada segurava um cajado largo e impressionante, encimado por chifres intrincadamente esculpidos, pendentes balançantes, e um crânio dourado.

— Saudações...

O esqueleto, olhos brilhando como duas brasas, me avaliou... mas não respondeu.

— É o Rei Silencioso?

Ele balançou a cabeça, virando com uma graça estranha e apontando para o leste. Depois se voltou de novo para mim.

— É Hargrimm?

Ele assentiu solenemente, os pendentes suspensos do cajado tilintando suavemente. Havia algo perturbador no olhar silencioso e penetrante.

— Por que fui feito prisioneiro?

— É a vontade do Rei Silencioso. Os Vivos apanhados aqui são feitos para lamentarem em seus salões até se juntarem aos quietos — disse naquela voz mofada e antiga. Era rica de comando, e recortada com uma eloquência formal impressionante, se não arcaica.

— Poderia ser convencido a permitir o contrário?

Após um breve silêncio, as mandíbulas rangeram:

— É duvidoso, mas talvez. Misteriosos são os caminhos do Rei Silencioso.

— Posso falar com ele?

Levantou uma palma ossuda. Com um rangido pesado e um sopro de poeira, as mandíbulas se abriram para falar:

— Não.

A voz, profunda e ressonante, ecoou por um longo tempo na câmara abobadada.

— Mas por quê?

A voz trovejou pela câmara e o cajado bateu firme nos ladrilhos:

— Nenhuma criatura viva pode passar as portas que levam a sua câmara do trono; nem vos permitiria uma audiência mesmo que tal coisa fosse possível. Não o vereis.

Essa era uma situação problemática:

— Mas isso é irracional! Preciso de sua permissão para sair.

Levantou a palma.

— Não. Pelo poder do Rei Silencioso, não deixareis este lugar.

Suspirei:

— O que posso fazer para vos convencer?

— Primeiramente, gostaria de *saber* por que estais aqui.

Fiz uma bola com os dedos:

— Estou procurando algo. Uma pequena esfera de bronze.

Ele sacudiu a cabeça:

— Não vi tal coisa. Por que buscais este objeto?

— Para um homem chamado Pharod.

O esqueleto recuou. Olhou para cima e para longe, como se fitasse a superfície:

— Sangue ainda bate em seu coração negro e cheio de vermes? Aquele saco de carne chiando ainda envia sua matilha para nossas casas para saquear e pilhar.

Voltou-se para mim:

— Fostes errados em vir aqui... não toleramos tais profanadores dentro de nossas fronteiras.

— Mas não faço parte de sua matilha... — protestei.

A voz era firme e afiada como lâmina:

— Por que, então, estais aqui, invadindo nossas casas num vai-e-vem para aquela alma miserável?

— Estou encontrando a esfera para ele em troca de informação que preciso. Não há outra lealdade entre nós — disse firme e honestamente. Esperava que Hargrimm aceitasse isso.

Ele me avaliou cuidadosamente, batendo com um dedo ossudo no queixo — clique, clique, clique.

— Não pareceis do tipo que segue tal homem. Talvez faleis a verdade. Talvez... vossa presença aqui seja tolerável.

— Contai-me do Rei Silencioso.

Ele se endireitou com orgulho:

— Nosso senhor e visão, aquele que faz a lei e nos protege. Faríeis bem em não começar nenhuma perturbação aqui, estranho, pois o olho do Rei Silencioso está em todo lugar e sua justiça, rápida.

— Por que é chamado o Rei Silencioso?

— Ele fala não mais do que o necessário para nos guiar. Louvado o Rei Silencioso.

— Contai-me de vós mesmos.

Indicou seu cajado e mantos:

— Chamo-me Hargrimm. Sou o sumo sacerdote dos

cidadãos aqui. Espalho a palavra do Rei Silencioso a seus seguidores.

Os olhos assumiram um olhar distante ao recordar o passado distante e mofado:

— Parti desta vida há muito tempo, e descobri que além da morte jaz apenas o oblívio... felizmente, pude recuar no último momento da beira.

Ergui uma sobrancelha:

— Recuar?

— Sim, acordei aqui. Vagueei pelas catacumbas por dias incontáveis antes de tropeçar no trono de meu senhor, o Rei Silencioso. Ele me falou, e daquele encontro fatídico as Nações Mortas nasceram.

— Mencionastes seguidores. Quem mais está aqui?

— Nós, os esqueletos. Outros mortos-vivos — zumbis, e carniçais. Havia sombras outrora, mas há muito fugiram. Às vezes, um dos Vivos passa os últimos de seus dias aqui. Também, bem ao leste vivem muitos ratos cranianos.

Hargrimm colocou uma mão no peito ossudo:

— Nós esqueletos cuidamos dos quietos, os verdadeiramente mortos, e obedecemos a palavra do Rei Silencioso. Nosso trabalho aqui dura há séculos. Os zumbis... servem ao Rei Silencioso e às Nações Mortas como trabalhadores. Trabalham sob a orientação de Maria

Mofada, a mais inteligente e sábia entre eles.

— Contai-me de Maria Mofada.

A voz de Hargrimm teve um toque de calor ao falar dela:

— É a mais inteligente do que alguns chamam de ‘rebanho podre,’ os zumbis que povoam as Nações Mortas. Ao contrário de muitos de nós, seu coração não partiu no momento da morte. Era uma alma compassiva em vida, séculos atrás, e é igualmente protetora na morte. Isso é tudo que pode ser dito.

Olhei para o lado e observei um pequeno grupo de carniçais amontoados, rosnando e sussurrando no escuro. Ao contrário dos zumbis e esqueletos, que vagueavam livremente para realizar suas tarefas diárias, os carniçais pareciam se manter afastados com uma insatisfação silenciosa.

Hargrimm captou meu olhar:

— Sois muito perspicaz. Também não confio nos carniçais, nem em sua matriarca, Acaste. Nos observam com olhos famintos, e sem dúvida nos devorariam a todos se nossos números e a palavra do Rei Silencioso não fossem um escudo contra eles.

Parou, como se pensando:

— Estão para sempre vorazes; sem nós para contê-los, correriam desenfreados na Vila Soterrada e nos labirintos dos ratos cranianos, matando a todos, depois voltariam

para devorar tudo que há aqui. E Acaste... ela é a matriarca do bando de carniçais que veio a nossos salões. É forte e extremamente astuta.



A zumbi feminina com aparência excepcionalmente velha, quase mumificada, examinou o zumbi ferido à sua frente com toque maternal. Uma longa rasgadura havia sido aberta em seu peito, e embora seus intestinos tivessem sido removidos há muito no processo de embalsamento, uma cavidade exposta assim não podia ser boa. A zumbi feminina costurava o ferimento com o máximo cuidado, como se cuidasse de uma criança que havia machucado o joelho.

O zumbi que ela tratava olhou para o lado, como se envergonhado, mas ela casualmente ignorou sua vergonha enquanto cortava o fio com dentes amarelados antigos e puxava até partir. Com isso se levantou, deu uma afetiva tapinha na face do zumbi.

Seus lábios rangiram como se sorrindo, e ela gemeu:

— B-beeeh cuuurfuul urruund weeeraaatz.

O zumbi assentiu em resposta e se arrastou para longe.

A fêmea me notou enquanto o outro zumbi passava com um educado, se ininteligível:

— Kscuzzz meee.

Inclinou a cabeça e falou com uma voz lenta e espessa:

— Guh-guh-guhreeetingz.

— Saudações... — disse, mudando levemente de posição. Estranho como uma afeição tão terna poderia parecer tão perturbadora.

Ela apontou para si mesma e falou de novo:

— Suh-suh-stuhhh Muhhhry.

Soava como se suas cordas vocais estivessem apodrecendo numa pasta disforme na base de sua garganta.

Olhei ao redor. Zumbis se arrastavam para lá e para cá, aplicando resinas nos ossos quebrados dos verdadeiramente mortos e costurando mortalhas rasgadas. Havia uma vontade autodirigida neles, uma vivacidade que não existia entre os trabalhadores zumbis dos Dustmen. Cada zumbi trabalhava como se soubesse suas tarefas, e isso significava que tinham que se comunicar de alguma forma. Olhei para Maria Mofada:

— Como é que se comunica com esses outros zumbis? Não os entendo como te entendo...

O cadáver deu um passo em minha direção, estendendo o braço para tocar minha carne. Olhei curioso:

— O que estás fazendo?

Ela apenas gemeu suavemente em resposta, estendendo a mão mais uma vez para tocar meu braço. Apesar dos estragos do tempo, ainda havia algum vestígio de humanidade em seu olhar. Sabia que ela não pretendia nenhum mal.

— Tch. Não entendo o que eles veem em você, chefe — Morte resmungou.

A mão quase sem carne de Maria Mofada roçou gentilmente meu antebraço, e ela falou:

— Luhhhssnnn.

Com aquele gorgolejo pastoso, porém, a palavra ressoou claramente em minha cabeça, como um sussurro ecoando numa câmara silenciosa.

<Escute.>

Recuei, algo surpreso:

— Como é que te entendo?

Não hesitei quando ela me tocou mais uma vez:

— Spuhhhkkk tuuuh uh hh yuhhhh kuhnn. Buhuuhhh mhuuussst duhh uhht puhhhpuhlee.

<Falar conosco pode. Mas deve fazer certo.>

— Podes me ensinar?

Ela sorriu, a pele endurecida de seu rosto rangendo como couro grosso:

— Yuhhh.

<Sim.>

Não demorou muito para aprender a arte do que Mary chamava de Histórias-que-Ossos-Contam. Embora soubesse que havia magias para chamar, invocar e vincular os mortos de modo que pudessem ser forçados a falar verdade, esta era uma habilidade mais simples, menos intrusiva, que buscava ouvir os ecos da essência de uma entidade que jaziam fundo em seus ossos. Era um dom que aprendi a prezar, tanto quanto quando a Velha Mebbeth me ensinou a Arte.

— Posso falar com qualquer corpo morto?

Mary assentiu:

— Suhmmm. Uhhhhers tuh duhhhud. Muhhht yuhhhh skuhhhh.

<Alguns. Outros mortos demais. Deve usar habilidade.>

Ela se arrastou por mim e pegou uma escova, ajudando outro zumbi a montar os pedaços quebrados de um cadáver numa laje. Assentando uma camada fina do material, Mary torpidamente apanhou um pedaço de osso e o pressionou contra a resina antes de escovar outra camada por cima. Uma camada como cola, outra como selante.

Ajudei a arranjar e colocar alguns dos pedaços menores, os que seus dedos não eram suficientemente hábeis para

manusear:

— Conta-me de ti mesma.

— Stuh-stuh-stuhhh Muhreee.

<Maria Mofada.>

Limpei um pouco da resina que pingou no dedo. A coisa estava bem aguada e levaria várias boas horas, talvez alguns dias para secar.

— Como vieste a estar aqui?

— Duhhhhd luhhhnnn tuhghmmm. Muhhhhmuhrrr guhhnnn.

<Morta há muito tempo. Memória perdida.>

— Sei como é.

Ela balançou para frente gentilmente como se assentindo:

— Guuhhhhd uuuhd zzzohhhhmmmb. Cuhrrr fuhrrr kuh-kuwht whunnns. Turrr dehhd.

<Guiar outros zumbis. Cuidar dos quietos. Verdadeiramente mortos.>



De repente, caminhando pelos corredores da Nação, a estridência de carniçal de uma mulher antiga e com cheiro podre era nauseante, mesmo à distância. Sua pele

verde-acinzentada estava infestada de podridão tumular e feridas supurantes, e seus dedos, cada um encimado por uma longa garra curva, estavam cobertos de sangue seco e imundície. Seu cabelo, denso de insetos rastejando e vermes, descia até seus joelhos. Escondia quase todo o rosto na sombra, exceto por um sorriso de presas ferais e uma língua cinza bambolante.

— Hsssst. O que temos aqui? Alguma carne bonitinha, não é, uma pouco de cartilagem dura? Afiar meus dentes no vosso osso e engordar com vosso tutano, hmmm? Hsssst.

— Droga. Qual é a sua, chefe? Por que é você repentinamente um figurão com as senhoras e eu fico sozinho aqui?

Ignorei Morte:

— Deve ser Acaste.

— Não preciso ser nada pra vocês, carne e osso — ela sibilou. — Vigieis o tom comigo, ou ninguém vos encontrará inteiro de novo. Agora, quem é que vem diante de mim como um banquete? Respondei a Acaste.

Comecei a me afastar, mas os outros carnicais ao seu lado estavam babando como buldogues. Se eu corresse agora poderia apenas despertar aquele instinto de dar a perseguição:

— Sou... Adahn — menti.

— Aaaaaadahn...

Ela arrastou a longa língua cinza lentamente pelos lábios, baba amarelada pingando pelos cantos de sua boca:

— Sim...

— Não suponho que pudesse me contar um pouco sobre ti mesma.

— Vai! Importunai Acaste enquanto ainda viveis, carne! Perguntai!

— O que estás fazendo aqui?

Sua risada saiu como um sibilo:

— Lutamosss, vencemosss e nos alimentamosss. Criaturas com sangue como vós tornam-se nossa comida no fim. Fomes vorazes que temos, queimam o estômago, nunca satisfeitos. Temos fome o tempo todo... e aqui estais... depressa, morreis e ficais quietos!

Precisava procurar uma boa oportunidade de escapar. Com ou sem os éditos do Rei Silencioso, Acaste parecia louca o suficiente para não se importar:

— Como vieste a estar aqui?

— Vagar catacumbas, caçar e matar, abrir cripta e caixão, comer ossos e carne-morta. Vir aqui... — Acaste piscou. — Aqui... lugar estranho... Acaste ficar entre ossos fracos cheios de tutano e rebanho de carne-morta... pode fazer barulho, falar com eles e eles falam de volta.

Acaste franziu o cenho como se considerando algo, e começou a olhar para longe:

— Mas não presa fácil. Não são quietos como outros ossos e carne-morta são... lutam como bando e são muitos deles. Difícil vencer os dois, mais fracos separados, juntos fortes, quase tão fortes como Acaste. Então esperamosss.

Não a deixei pausar e considerar ir atrás de coisas mais saborosas e carnudas nas proximidades:

— O que fazes enquanto esperas, então?

Ela rosnou:

— Dizemos que lutamos por eles, matamos criaturas-com-sangue quando vêm roubar de nós, caçamos coisas-de-rato-com-cérebro, matamos elas, comemos elas, deixamos pedaços de corpos que não comemos como aviso, dizemos ‘não venha aqui ou te comeremosss’. Eles fazem a gente proteger aqui só. Hargrumm e Stale Maree dizem que não podemos ir matar criaturas-com-sangue.

— Isso é tudo que—

Acaste não parecia mais estar ciente de mim. Ela sibilou, mostrando dentes afiados e sangrentos:

— Odiamosss eles! Queremos comer criaturas-com-sangue! Famintosss, estamos... matar todos com-sangue, rasgar carne com dentes e quebrar osso, chupar doce tutano de dentro do calor deles!

Me esgueirei enquanto ela continuava seu delírio.





Capítulo 34

Foi numa galeria lateral que encontrei o segundo membro do Triunvirato das Nações Mortas.

O esqueleto bufão estava parado ali, balançando a cabeça e rindo baixinho para si mesmo. Bufou e fungou ocasionalmente, mordendo a própria mão ossuda para se conter. A criatura era velha o suficiente para não ter mais carne nos ossos... apenas alguns trapos coloridos.

— Saudações, sim! — ele gargalhou, baforadas de poeira voando com cada respiração.

Bem. Este deve ser aquele do qual o outro esqueleto estava falando:

— Tenho certeza que tens um enigma difícil.

Assentiu, rindo:

— Queres ouvi-lo?

— Claro.

— Ahem! Agora, pense em palavras que terminam em ‘-ENTO.’ ‘Tormento’ e ‘talento’ são duas delas. Existem apenas três palavras na ‘língua comum’... qual é a terceira palavra? A palavra é algo que todos usam todo dia. Se ouvistes com atenção, já vos disse o que é.

Forcei o cérebro mais uma vez:

— É... er... hmm. Morte?

— Ah, vai se catar, chefe. Todos os meus talentos são para distribuir problemas. Não sou de adivinhas.

— Dak'kon?

Dak'kon considerou cuidadosamente as possibilidades:

— Minhas desculpas. A língua comum não é minha língua nativa... tais palavras não me são conhecidas.

O esqueleto explodiu numa gargalhada depreciativa e zombeteira. Apontou para nós com um dedo ossudo, chacoalhando e tilintando enquanto agarrava algum estômago imaginário.

Parte de mim se perguntou como aquele crânio polido ficaria esmagado em um monte de pequeninos pedaços rindo. Bem melhor.

— Tudo bem, qual é a resposta?

— De jeito nenhum! De jeito nenhum! — Ver minha expressão sombria apenas fez rir mais, tilintando os dentes para mim.

— Bem... e se eu te deixar sem resposta? Vai me dizer, então?

O riso parou abruptamente:

— O quê é isso?

Ele pôs uma mão ossuda ao lado do crânio:

— Ouço eu... um desafio? Sim... sim... vá em frente! Mas se perderes, ou saíres pela metade, não te falarei mais!

Se ao menos fosse tão fácil.

— Muito bem. Vamos começar.

Não sabia muitas adivinhas. Diabos, às vezes me sentia sortudo de acordar sabendo como falar o idioma local. Metade das que usei eram coisas simples tiradas do fundo de um dabus que qualquer criança suja da Colmeia deveria saber. À medida que o vai-e-vem crescia em dificuldade, porém, eu ralava o cérebro tentando formular algumas boas entre responder os enigmas que ele apresentava.

Não demorou muito até eu encontrar uma boa.

— O que é o começo da eternidade, o fim do tempo e do espaço, o começo de todo fim, e o fim de todo lugar?

O esqueleto começou a rir depreciativamente, mas de repente parou:

— Ah... er. Oh, querido.

Morte se juntou a mim no riso zombeteiro. Talvez não precisasse transformar seus ossos em enfeites de vento afinal.

O esqueleto baixou a cabeça:

— Eu... não sei.

— Dá-me a resposta do teu primeiro enigma, e te darei

a minha.

Ele assentiu:

— É ‘língua.’ As primeiras duas frases não têm relação, estão lá apenas para enganar-te. Lembre: há três palavras em ‘a — **língua** — comum.’ A terceira palavra é ‘língua.’

Suspirou alto:

— Tua resposta?

Sorri levemente:

— A letra ‘E.’

— Ah, merda de troll! Ah, bem. Só não contes a mais ninguém a resposta. Prometeis-me ao menos isso?

— Por que não devo?

— Porque gosto da ideia deles parados por aí, tentando resolver por toda a eternidade.

Ele riu maliciosamente, colocando uma mão ossuda sobre a boca:

— Bem? Prometeis?

— Não — disse, e sorri de novo antes de me afastar.



— Resolvi o maldito enigma — disse ao esqueleto pensativo mais tarde.

Ele piscou espantado:

— É o quê? Mas...

— As primeiras duas frases não têm relação, estão lá apenas para enganar-te. Lembre: há três palavras em ‘a — língua — comum.’ A terceira palavra é ‘língua.’

— Isso é... isso é... ooh! Um truque ardiloso! Ora, eu nem tenho língua! — Parou, depois riu, poeira borbulhando das mandíbulas rangendo. — Isso é bom, sim! Obrigado!

— Certifica-te de pensar num bom para acertá-lo de volta — respondi ao me afastar.



Com nada a fazer, eu me via andando em círculos pelos bancos de ferro da igreja. Os carnicais já haviam despedaçado o corpo de Soego a esta altura e eu não sentia vontade de dormir ao lado de um cadáver recém-morto. Já havia passado meu grimório incontáveis vezes agora, e estava agitado demais para discutir filosofia com Dak’kon.

— Deixa de andar em círculos, chefe. Tás me deixando nervoso.

— Entendo sua frustração. No entanto, a situação parece estar fora de nossas mãos. Descanse, medite, e faça o que puder quando a oportunidade for fornecida — Dak’kon acrescentou.

Apesar da rara ocasião em que Dak'kon e Morte estavam em acordo, não conseguia aceitar minha impotência nas Nações Mortas. Havia feito tudo que podia, e agora meu destino estava nas mãos de Hargrimm, que havia desconfiado desde o primeiro dia e que havia recusado meu pedido de apelação diante de seu grande líder para rogar por minha liberdade.

— Dak'kon, vens do plano de Limbo, onde a própria terra ferve e tomba em caos.

Ele assentiu:

— É por nos *conhecermos* que os Githzerai trazem ordem ao reino.

— Moldais vossos próprios destinos apenas pela vontade. Estou prestes a fazer o mesmo.

Dak'kon cruzou os braços e respirou fundo:

— Não *sabemos* o que acontecerá se entrarmos nas câmaras do Rei Silencioso. Diz-se que nenhuma criatura viva pode passar pelas portas...

Dei de ombros:

— Bem, o que vai fazer, me matar?

Não era tolo o suficiente para entrar pela força... pôr as Nações Mortas inteiras contra mim seria uma má maneira de começar um esforço diplomático para ganhar minha liberdade. Hargrimm era um obstáculo, Acaste era mais

predadora do que líder, mas Maria Mofada... sua bondade não havia sido apagada na morte.

Os caminhos da persuasão e do encanto eram conhecidos a mim em meus estudos da Arte, e foi através desta lente que concentrei minha vontade.

— Mary, preciso falar com o Rei Silencioso. Podes me ajudar?

— Whuh?

<Por quê?>

— Preciso sair deste lugar, Mary. Tenho tanto a fazer... e ser aprisionado aqui, simplesmente por ter tropeçado nas Nações Mortas... não é certo. Por favor... peço apenas um mínimo de compaixão. Podes me ajudar?

— Hrrghhnnn...

<Hargrimm...>

Sacudi a cabeça:

— Hargrimm não me permitirá falar diretamente com o Rei. Não sei se realmente pretende me libertar ou a meus amigos.

Maria Mofada ficou em silêncio por um tempo, depois assentiu. Apontou para o primeiro dos três portais ao longo da parede norte.

— C-c-cluuhh ayyysss. Thuuh uh Suhhlunnnh Kuh-kuknnng. Wwhhhuuhbh uuhhhnd nuuueehhh ahhlk-

-ku-kuuuhh. Bhu-bhu-buhhh uhn suuuhhh lhuuung ayyye
lhhuuuv.

<Fechar os olhos. Pensar no Rei Silencioso.
Caminhar pelo alcove a noroeste. Mas apenas
enquanto eu viver.>

— Obrigado, Mary.

— Hrrghunnn... uzz khnnnd unnnsss...

<Hargrimm... foi gentil uma vez...>

Ela disse com o silencioso pesar do lamento.

— Espero que um dia possas reacender aquela
gentileza, Mary. Adeus.

E assim entrei no alcove. O nicho opaco estava seco
e vazio, a poeira de décadas, se não séculos, cobrindo o
chão. Parecia que ninguém havia usado a porta dos fundos
há eras.

— Seja lá o que for — murmurei, e imaginei o Rei
Silencioso: alto, orgulhoso e régio. O imaginei como
uma múmia, um lich, um fantasma, usando coroa, estola
ou cetro. Enquanto me concentrava podia sentir o ar
ondular, e havia a sensação de cócegas de que a própria
realidade estava se torcendo diante de mim. Com um
puxão arrepiante, o espaço diante do alcove pareceu rasgar
e ondular numa espiral de azul.

A câmara em que entramos era fria, seca como uma

tumba, e absolutamente silenciosa. Guardiões esqueletos altos circulavam a sala, parados tão imóveis que poderiam ter sido colocados para assustar intrusos.

Dak'kon subiu os degraus soturno atrás de mim, e Morte olhava para os lados enquanto flutuava. O silêncio era perturbador, e o jeito como os esqueletos faziam sentinela era ainda mais não-natural do que a própria não-morte.

Lambí os lábios. Talvez não fosse uma ideia tão boa afinal.

O trono estava assentado no centro de uma plataforma, espaçada com buracos cobertos por uma substância incrivelmente dura e vítrea. Fundo nos poços abaixo havia uma massa de ossos estilhaçados e crânios sorrindo. Uma luz amarela estranha iluminava a câmara de baixo, as sombras dançavam para cima como se estivessem vivas.

— Ó Rei Silencioso — disse, ajoelhando-me diante do trono. — Vim rogar por minha liberdade. Minha missão por estas catacumbas é pacífica, e não procuro perturbar os mortos. Tudo que quero é encontrar uma pequena esfera dourada, sua superfície vil ao toque. Por favor, se quiseres apenas—

Olhei para cima. Algo estava errado.

O trono, construído a partir da caixa torácica de uma grande besta com ossos maciços moldados e curvados para dentro, mantinha a imagem do rei na sombra. Me

aproximei para uma olhada mais de perto, apenas para ver um cadáver murchando. Embora impressionante em sua armadura de parada gravada apesar de sua camada de poeira e teias de aranha, o senhor e mestre das Nações Mortas não era mais do que uma casca dessecada.

— O Rei Silencioso... está morto... — sussurrei.

Os dentes de Morte tilintaram:

— Não me sinto bem com isso, chefe. Se Hargrimm souber que sabemos de seu sujo segredinho...

— Tal é o perigo e o poder de *saber* o que é proibido — Dak'kon entouou.

Viramo-nos para sair.

— HERESIA! — Hargrimm gritou. — Ousastes se aproximar do Rei Silencioso?!

Com isso sua forma esquelética se ergueu no ar e voou em minha direção com graça sobrenatural.

Os dedos de uma mão ossuda se alongaram, e as garras se cravaram na carne de meu pescoço. Com aquele firme aperto no meu pescoço Hargrimm me atirou no ar como um trapo. Meu corpo voou, em espiral desajeitada até minha cabeça rachar contra a substância vítrea num ângulo estranho. Houve a sensação enjoante e torpe de minha espinha partindo e imediatamente tudo do pescoço para baixo ficou entorpecido.

O mundo desbotou, oscilou, antes de voltar em plena força. Bochecha pressionada contra a substância fria de cristal, fui apresentado com uma visão completa da queda aterrorizante para dentro de um poço de ossos pontiagudos. Teria doído.

Apesar do dano que sofri, meu corpo estava se curando já e com um espasmo estralei meu pescoço de volta ao lugar.

Hargrimm pairava sobre mim, um olhar estranho de preocupação em seus olhos brilhantes:

— Mas... como...?

— Sou imortal — gemí, me sentando e girando a cabeça até estalar no lugar. Achei que podia sentir um pequeno caco de osso ainda alojado no músculo de forma estranha. Ia ter um torcicolo por um tempo. — Parece que não posso morrer. Estou tentando encontrar uma maneira de me tornar mortal de novo, mas aparentemente preciso passar por Pharod primeiro.

— Então jamais deixareis este lugar — Hargrimm comandou soturno. — Para sempre ficareis com vossos companheiros, vinculados por cada pedaço de poder que possa comandar...

— Stuuup.

<Pare.>

Maria Mofada lutou para falar enquanto se arrastava do

fundo da escadaria.

— Maria Mofada... — Hargrimm murmurou. — Isso foi obra tua?! Colocastes nossa nação em perigo! Este homem agora *conhece* o mais perigoso dos segredos das Nações Mortas!

— Nuuuugh. Uuuh wuuuh nnn ruughhht.

<Não. Não estava certo.>

Era difícil para ela forçar as palavras para fora, mas Maria Mofada falou com a convicção de uma mãe protegendo seu rebento.

— Mary... — Hargrimm gemeu, colocando o rosto numa mão. — Tua compaixão nos ameaça a todos.

— Cooompnnnn drrruuvs uuuz tuuu prruuuhtk kwuuuht uuns. Coompnnn mmmkus uuus wuurth.

<Compaixão nos leva a proteger os quietos. Compaixão nos torna dignos.>

Hargrimm afrouxou o aperto no cajado e os ombros se curvaram, como se se acalmando. Então virou para mim em voz cansada:

— Assim chegaste.

O esqueleto se virou para contemplar o trono maciço. O que vistes aqui é o fim de nossa cultura.

— Aquele é o Rei Silencioso?

— Sim — um suspiro mofado enviou um sopro de poeira

pelo ar. — Nenhum deve *saber* que o Rei só fala silêncio.

Me pus de pé:

— Há quanto tempo isso acontece?

— Luhnnngg.

<Muito.>

Hargrimm fitou para as sombras:

— Parou de falar conosco há muito tempo — ele mesmo já partiu para a maldita Morte Verdadeira.

Um traço de fúria e desespero infiltrou sua voz:

— Abandonou-nos aqui para sofrer entre os Vivos! Tornamo-nos... a presa... de tudo que vive.

— Então por que ele reina?

— Ele reina porque deve.

— Mas se está morto... como?

— Interpretamos os desejos do Rei Silencioso com base no que disse há muitos anos atrás. Não tem sido fácil...

Hargrimm soou cansado; curvou-se sob o peso de um fardo invisível:

— Muitas perguntas, muitas perguntas tenho para ele.

Olhei para Hargrimm. Então este era o verdadeiro poder por trás das Nações Mortas. Devia ter apelado a ele em vez de tentar encontrar um rei invisível:

— Então sois vós quem realmente governa aqui,

Hargrimm.

Ele olhou para Maria Mofada:

— Mary e eu falamos ao Rei Silencioso. Governamos em seu lugar.

— Por que não conta a seu povo a verdade?

O sacerdote suspirou. A dor de séculos de existência pesava sobre ele, e embora Hargrimm parecesse humilde e derrotado, sabia que ainda vivia para trabalhar por um propósito maior.

— Desejo preservar o que criamos. Não desejo morrer.

Maria Mofada falou, sua voz ponderosa:

— Nuh-nuh-nor I.

<Nem eu.>

— Se nosso próprio povo viesse a descobrir isso... ou se Acaste descobrisse este engano... ou os Muitos-como-Um... tudo que criamos aqui seria destruído. Esta casca — Hargrimm disse, apontando para o corpo curvado do Rei Silencioso — é tudo que mantém os inimigos internos e externos à baía. Se a verdade fosse dita, nossa pequena civilização se tornaria pó.

— Tal equilíbrio frágil — Dak'kon murmurou.

— Não posso te forçar a ficar em silêncio. Mas te pediria que olhasses além de ti mesmo, para considerar o que aconteceria se falasses do que viste aqui.

Assenti:

— Só desejo partir, Hargrimm. Concede-me isso, e juro que terás meu silêncio.

Hargrimm ficou em silêncio por um momento:

— Podes partir. Vai, agora... e peço-te: honra tua palavra.

— Tenho uma última pergunta antes de partir... vistes uma pequena esfera de bronze em algum lugar aqui?

Hargrimm sacudiu a cabeça:

— Não vi tal coisa aqui. Talvez mais fundo sob Sigil... busca as catacumbas afogadas. Encontrarás a entrada para aquele lugar a oeste de onde chegaste primeiro. Parte agora, e não perturbes os mortos. Mary e eu temos muito a discutir.

Mary assentiu, e me deu um tapinha suave na bochecha:

— Muuuuh unduuuh.

<Muito mesmo.>



Capítulo 35

Com o cabelo escovado e os dentes polidos, Soego de quatorze anos endireitou as roupas. Verdade, eram surradas e desgastadas, e absolutamente sem graça costuradas como eram a partir de cortinas velhas catadas de um vendedor humilde no Mercado da Colmeia, mas ainda era sua melhor camisa e precisava causar uma boa impressão.

Enquanto dividia o armazém abandonado com doze outros jovens vagabundos, era o mais velho, e com a idade vinha o privilégio da privacidade. Soego levantou uma tábua solta para revelar seu estoque, retirando um frasco de perfume de entre os tesouros escondidos: um medalhão de bronze levemente manchado, um pequeno saco de sementes de lótus de fogo que roubou, e um par de sapatos velhos que usava quando tinha dez anos (ainda eram ótimos, couro resistente, e ele não tinha coração de deixá-los ir quando ficaram pequenos demais). O delicado frasco de cristal continha um óleo rosado que brilhava vivo na luz do dia que filtrava pelas janelas. Era algo que guardara por um capricho ocioso, resultado de aligeirar alguns bolsos, mas hoje era grato por não ter vendido afinal.

Verdade que era um perfume feminino, mas um aroma róseo era melhor do que o fedor de imundície e suor tão prevalente na Colmeia. Na semana anterior havia se banhado nele e atraíra risinhos e zoações suficientes para fazê-lo enrubescer de vergonha. Ainda assim, Soego era esperto o suficiente para saber que era melhor não deixar isso atrapalhar.

Com dois dedos pingando uma gota do perfume restante no pescoço, estava pronto para sair.



A multidão de jovens brincava e conversava sentada em círculo diante do Obelisco, ou “O Pilar do Enforcado” como os meninos o chamavam para consternação de muitos Dustmen. Tantas piadas tinham sido feitas sobre a grande pedra erguida, esculpida com os nomes de incontáveis mortos, que haviam ficado velhas há anos. Mesmo assim as piadas eram contadas se apenas para irritar alguns narizes Dustie.

Soego sempre havia sido um menino esguio, e nas vielas era sempre uma desvantagem. Aqui, porém, achou fácil se espremer entre um trabalhador fabril corpulento e um homem alto e desdentado. Atrás dele um dos meninos mais altos, um futuro Punhal-de-Beco se os rumores fossem acreditar, estava socando o amigo no ombro. Era

a violência máxima que os Dustmen permitiriam neste santuário. Soego se mexeu, tentando abrir um pouco mais de espaço. Os bancos velhos rangeram.

E lá estava ela.

Seu nome era Seladril, uma aasimar de cabelos dourados com olhos azuis e um sorriso de dentes de leite. As vestes Dustman folgadas garantiam sua modéstia, mas eram decotadas o suficiente para revelar um pescoço como de cisne. Seladril se movia como se fosse uma força da natureza: sussurrava como o vento beijando a grama de verão, andava como se percorresse os caminhos das estrelas das quais tantos habitantes dos Mundos Primários falavam. Mas não era essa dança celestial que a guiava: era antes sua vontade e charme naturais que pareciam fazer tudo nos Planos se curvar ao seu chamado.

E era esse charme que atraía as multidões para ver um Dustman pregar, de todas as coisas.

Ela sabia como usar seu corpo a esse efeito. Um movimento de pulso apanharia os olhos de todos os meninos, e eles ficariam a encarar. Se erguesse os braços de certo jeito, aquelas mangas folgadas e opacas escorregavam, revelando braços esguios e alvos como porcelana líquida se curvando, e os homens suspiravam.

Uma vez por semana ela vinha ao obelisco. Sorria a cada ponto, fazia piadas e enchia o ar de risadas borbulhantes

entre cada hino. Mas o que atraía o jovem Soego eram os seus olhos.

Límpidos e brilhantes como safira prateada, o olhar de Seladril era tão diferente do encarado morto além-tumba carregado por tantos de seus irmãos e irmãs. Quando estava em silêncio, eram penetrantes como memórias meio-esquecidas e wistful ao crepúsculo. Quando ela sorria, aqueles olhos eram brilhantes e provocadores como os de uma mulher correspondendo ao cortejo. E mais de uma vez, Soego havia notado, aqueles olhos pareciam pousar nele mais do que nos outros.

— A Morte Verdadeira é paz. É libertação de seu sofrimento. É o descanso final depois de uma vida de trabalho. Paixões são a âncora que te mantém preso neste ciclo sem sentido de renascimentos, boas pessoas. Se apenas as liberares, poderás conhecer a liberdade.

— Pois? E que ‘paixões’ talvez tenhas sacrificado? — Um sátiro perguntou, as palavras empastadas pela bebida e quentes de desejo.

Quando as gargalhadas se acalmaram (e sempre se acalmavam, rapidamente, quando Seladril sorria), a estranha conferencista respondeu:

— Bem. Se as boas pessoas precisam saber... antes de aceitar pela primeira vez as vestes de Iniciada, eu era bastante afeiçãoada a rosas.

O sorriso que ela sustentou era para Soego, e só para Soego.

E mais uma vez, Soego corou.



Enquanto o interesse na jovem brilhante crescia e diminuía com a multidão ao longo das semanas, Soego era um dos poucos que se sentavam no banco toda semana para ouvir as palestras de Seladril. Embora ainda não houvesse se convencido da filosofia Dustman, era um daqueles fleis a Seladril, pelo menos.

E quando tinha 17 anos, Soego recebeu o título de Nomeador.

Um dos doze Nomeadores que Seladril havia reunido naquele ano (um número astronômico, pelos padrões Dustman), Soego se viu resmungando com os outros sobre tarefas mundanas e assistindo a aulas sobre as cinco artes do embalsamento (e suas muitas variantes) e os estágios da decomposição. Ser constantemente questionado e testado e batido com uma vara por uma velha com cabelo de verme não era o melhor jeito de passar a juventude. Mas ainda assim, como os outros Nomeadores, estudava e buscava e trabalhava, para ver Seladril lançar olhares para eles lá pelo corredor era suficiente.

Cada vez que aqueles olhos cintilavam à distância era

como a primeira vez que vira um portal se abrir para os Campos Abençoados, o Elísio. Um vento doce com cheiro de campo tinha acariciado as gramíneas de longos talos que se curvavam em reverência sob um céu azul, tudo emoldurado pelas bordas prateadas do próprio portal. Levou tudo que tinha para não saltar pelo portal e seguir os viajantes àquele reino estranho.

E um dia, enquanto trabalhava arduamente limpando o sangue de uma laje de dissecação, o sussurro de tecido atrás dele anunciou sua presença. Soego conhecia bem o som daqueles passos.

— Esfregar seguindo o padrão da gravação do metal é muito mais eficaz — ela disse naquela voz, quente e musical como o canto de sinos de prata.

— F-Fator Seladril — Soego gaguejou. Ao se virar para enfrentá-la, curvou-se desajeitadamente.

Ela sorriu:

— Sei quem és. Soego, não é? Meu, como cresceste num belo jovem.

Ele corou:

— S-fico honrado por se lembrar.

Com um dedo branco como marfim Seladril passou o dedo pela superfície que ele estava limpando, e examinou a leve camada de poeira preta e escarlate que manchou sua pele:

— Faz... quanto, um ano desde que vieste para nós?

— Dez meses, Fator Seladril.

— Tch. Não há necessidade de ser formal, Soego — ela repreendeu, virando para examinar um zumbi balançando no canto. Um braço estava pendurado inerte ao lado... o corpo precisava de algum reparo antes de ser posto a trabalhar de novo.

Soego assentiu.

— Vá em frente e pergunte, querido — ela riu. — Não seja tímido. Todos os outros fizeram... e como me pregaram quando o anúncio da minha promoção a Fator foi anunciado.

— V-você... — Soego começou, parando um momento para acalmar a gagueira. — Não parece uma Dustman comum.

Separando por uma bandeja, Seladril ergueu uma agulha já enfiada para os olhos. Examinando-a, assentiu, metade em satisfação, metade em resposta ao pensamento de Soego. Virou para costurar o braço do zumbi enquanto falava:

— Era uma Sensate alguns anos atrás, e muito boa também. E um dia decidi experimentar como seria ser uma Dustman.

A ponta da agulha furou a carne cinza e meio dessecada, curvando de volta numa costura fina e uniforme. Os dedos

de Seladril, aparentemente muito delicados para trabalho tão grosseiro e fétido, eram ágeis e praticados. Com a outra mão ela levantava o braço do zumbi enquanto costurava, prendendo a carne cada vez mais próxima à carne:

— Como uma boa Sensate me entreguei completamente à experiência, e com o tempo aprendi e aceitei a escuridão da vida e da morte. Muitos dos Dustmen eram céticos. Alguns eram abertamente desdenhosos. Não os culpei claro. Os Sensates podem ser tão voláteis com tudo: gosto, toque, sentir, ouvir, cheirar... a busca por capturar os fantasmas passageiros desta sombra de vida é tudo que eles algum dia saberão. Se pudesse sentir pena deles, o faria.

Murmurou uma conjuração, tocou um dedo no braço do zumbi, e com um tremular de chama negra o ferimento se fechou sozinho.

— Zumbi 918, termine de limpar esta laje — ela comandou, depois virou para Soego com um sorriso.

— Um jovem como você não deveria desperdiçar seu tempo com tais coisas. Vamos, vamos discutir algumas lições.

Soego apertou a borda da laje bem enquanto o zumbi começava a esfregar. Com o salto súbito no pulso tinha quase certeza de que estava prestes a desmoronar naquele

momento.

Mas quando uma mão suave tomou a sua, Soego engoliu em seco. Sabia que era mais forte do que isso. Este era seu momento para impressionar:

— Mas não é um tanto contraditório para você ser uma Dustman?

— Contraditório? — as bordas de seus lábios se contraíam playfully enquanto caminhavam pelo arco.

— Bem, sim — a voz de Soego se fortaleceu. — Visivelmente pareces alguém que gosta da vida. E reúnes Iniciados em potencial inflamando suas paixões, e os urges a matar exatamente essas paixões que os inspiraram a se juntar aos Dustmen em primeiro lugar.

— Verdade. És tão brilhante quanto esperava. Há muito potencial em ti como Dustman se podes ser tão direto. Poucos são tão ousados a ponto de questionar alguém de patente superior — Seladril sorriu encantada. — Mas não ‘gosto’ da ‘vida.’ Vivo-a. Isso é tudo que se pode esperar de qualquer um, Dustman e vivos igualmente. Nada mais, nada menos. E quanto ao meu lugar como Dustman, bem...

O respirar de Soego se acelerou quando ela deu um pequeno aperto firme em sua mão:

— As pessoas ouvem a verdade que prego. Algumas escutam, muitas não. Mas ainda assim reúno muitos à nossa causa mesmo que o façam por capricho e nos

deixem depois. Mas seus destinos me importam pouco... frustração e pena também são coisas das quais uma verdadeira Dustman deve se livrar. E a futilidade deve ser abraçada.

— Além do mais — seus lábios vermelhos se curvaram para revelar um sorriso afiado — provoco os superiores. Testo e lembro-os constantemente do que devem se purgar. Provavelmente por isso fui promovida a Fator tão rapidamente... misturar-me com o estoque mais fraco dos Fatoriais teria feito mais mal do que bem.

Soego lambeu os lábios:

— Creio... estou pronto para me juntar aos Dustmen.

O sorriso de Seladril ainda estava quente:

— Paciência, Soego. Ainda tens muito a aprender.



Sob a tutela de Seladril as paixões de Soego esfriaram com o tempo. Ela era tão calorosa quanto sempre, tão gentil e alegre. Mas no coração de Soego era como se um brilhante dia de verão tivesse nublado, e a palidez cinzenta resultante havia sugado a cor do mundo. Uma névoa sombria começara a encobrir suas paixões, usurpando o lugar legítimo da luz.

E assim quando tinha vinte anos, Soego vestiu as vestes

de Iniciado Dustman.

Seladril, sua patrocinadora, sorriu orgulhosa durante o ritual enquanto ele friamente entregava seus últimos laços físicos ao sentimento. O medalhão de bronze havia sido dado a ela há muito tempo em tímida gratidão, mas aquele par de sapatos velhos e o frasco de perfume seriam destruídos nas fomalhas aquela noite, libertando-o por fim para caminhar o caminho em direção à Morte Verdadeira.

Os outros Fatores assentiam aprovadoramente enquanto desfilavam por ele, rostos planos e inexpressivos como pedra. Seladril foi a última a sair, e ao fazê-lo pressionou seus lábios vermelhos macios em sua bochecha num beijo suave e sussurrou em seu ouvido.

— Compartilharei mais um segredo contigo, querido Soego: ainda sou bastante afeiçãoada a rosas.

Algo flickered em seu peito então, uma memória de uma brasa que se apagava onde uma vez havia sido uma chama tão quente quanto um incêndio florestal. Mas Soego obedientemente a afastou como Seladril havia lhe ensinado, deixando apenas um entorpecimento frio e oco para trás.



Ainda se encontravam para tomar uma xícara de chá toda semana ou mais. A risada suave de sua ex-professora,

tão calorosa e alegre, contrastava agudamente com o silêncio quase absoluto do Bar da Poeira Assentada. Mesmo se não houvesse feitiços lançados para abafar o barulho e intensificar a meditação, outro Dustman teria ficado envergonhado de ser visto com uma jovem bela e animada como Seladril.

Mas não Soego. Algo se movia nele a cada encontro. Os dias antes de se encontrarem eram doces de antecipação, e os dias em que ela tinha que cancelar pareciam mais sombrios do que antes. Não era amor, Soego sabia... era uma fantasia infantil que havia deixado para trás há muito tempo. Era algo, mas não era amor.

Sabia que Seladril ainda o estava testando. Embora Soego ainda fosse um humilde Fatotal, sua ex-professora estava orgulhosa dele e tinha expectativas tão altas quanto as que tinha com os outros Fatores. E assim Soego começou a passar os dias depois de seus encontros em meditação profunda, embora uma ou duas vezes se permitisse o vício de sentir, apenas um pouco.

Enquanto isso, ratos cranianos tinham estado se esgueirando pelo Mortuário em números maiores do que os que ele conhecia em memória recente. Armadilhas foram lançadas, apenas para serem encontradas detonadas mas vazias. Restos envenenados foram postos, mas as pragas os evitavam. Os Fatoriais resmungavam frustrados, enquanto os mais sábios conheciam a paciência. Um dia,

uma das criaturas foi ousada o suficiente para se esgueirar até Soego enquanto ele entoava um cântico suave para si mesmo. Uma tigela de incenso estava fumegando diante dele.

Soego havia sido bem treinado, mas ainda assim sentiu um toque de aborrecimento, e rápido como um açoite agarrou o roedor. Ele guinchou em sua mão, se debatendo enquanto ele o erguia e inclinou a cabeça com curiosidade. O que as criaturas podiam estar fazendo? Não havia carne fresca para elas ali.

Alguns anos atrás Soego teria soltado uma fila colorida de palavrões quando aquele roedor mordeu o pedaço carnudo de sua mão e tirou sangue. Alguns bons que havia aprendido nas ruas quando menino, também. Mas ele simplesmente estremeceu e o ergueu severamente.

— Criaturinhas nojentas, não são? — murmurou, e estrangulou o rato com as duas mãos. Ele soltou um guincho curto antes que os ossos estralassem em seu aperto, e sangue jorrou pelos dedos. Soego derrubou calmamente a massa de pelo, carne, sangue e osso e retomou sua meditação.

A cauda rosada e verminosa se mexeu uma vez, e ficou imóvel.



Uma batida soou na porta dos aposentos de Soego.

— Soego? Sei que estás aqui. Mudaste o quarto atribuído.

O chamado foi respondido com silêncio.

Outra batida:

— Soego? É melhor não ter te enforcado nas vigas. Ficaria muito aborrecida se atirasses teu treinamento fora assim.

A porta se abriu, e Seladril deslizou para dentro com uma bandeja nas duas mãos:

— Tch. Podias ter tido a cortesia de me dizer que não podias vir para o chá semana passada. Nunca perdias uma oportunidade de falar, e esperei por mais de uma hora. Sabes quão entediadas são os outros Dustmen? Claro que sabes.

A pilha coberta por um cobertor jazia imóvel na cama.

Colocando a bandeja na pequena mesa, Seladril suspirou. Havia tão poucos Dustmen, e ainda menos Iniciados a cada ano, parecia. Os registros nunca haviam contado de uma época em que mais da metade dos quartos estivessem preenchidos:

— Agora não sou nem estalajadeira nem cozinheira, mas ouvi que não estavas comendo. Rumores de Febre de Olho Vermelho.

Soego não se mexeu.

Seladril se sentou na cama e passou a mão naquela pilha:

— Soego? Não disse isso a ninguém em muito tempo, mas estás me deixando nervosa.

Suas palavras saíram num rosnado gutural:

— Sai...

— Soego? — ela sussurrou.

Pela primeira vez na memória de Soego, a voz de Seladril estava tremendo. Ela começou a puxar os lençóis...

Instintos predatórios nunca são gentis. São impiedosos, inumanos, e sangrentos. Se a simples necessidade de rasgar e devorar a presa pode ser chamada de cruel, então Soego não conseguia encontrar palavras para descrever a pura brutalidade de seus instintos.

Porque eles não foram gentis o suficiente para conceder a Seladril uma morte rápida.

Seus gritos ecoaram sem ser ouvidos pelo Mortuário quase vazio, com a ironia tortuosa de que era no corredor de apartamentos abandonados que Soego havia se escondido para proteger outros de sua condição, e agora ninguém podia vir em auxílio de sua professora. Ela se debateu, arranhando contra a pele coberta de pelo

espesso de Soego, tentando se escudar de suas longas presas amarelas naquele instinto primário de se proteger. Em qualquer outra ocasião Seladril teria abraçado a morte, mas há muito adotara o hábito de deixar de lado sua especialidade e treinamento por seu pupilo.

Soego chorou muito depois do último estertores dela afogados pelo rasgar e estalar de carne e osso. Chorou enquanto começava a comer.



Três pequenas heresias foram cometidas pelos Dustmen no dia do funeral de Seladril.

Primeiro, expressaram surpresa. Era o choque e a confusão do assassinato brutal de um Fator no coração do próprio poder Dustman. Era o espanto de que ratos cranianos fossem responsáveis — dezenas haviam sido encontrados se esgueirando sobre o corpo dela, enxameando sobre o cadáver ainda quente num turbilhão pulsante de pelo pardo-escuro mordendo e mordiscando. Mais suave, porém, era a perplexidade de que tantos Dustmen compareceram que consideravam Seladril uma amiga.

Era um funeral de caixão fechado.

A segunda heresia era ainda maior. Enquanto aquele caixão era lentamente e gentilmente empurrado

para dentro das chamas consumidoras do crematório, os Dustmen escolheram lembrar a vida de Seladril. Lembraram de sua beleza, seu sorriso estranho e calor apesar de seu devotado compromisso com a causa e ideologia Dustman. Lembraram dela pelo grande trabalho em guiar mais Iniciados ao redil e por sua inabalável crença na paz final da Morte Verdadeira. Talvez tivesse envergonhado sua causa, mas a reunião escolheu lembrar. E num momento de fraqueza, um por um vários Dustmen derramaram uma única lágrima, e não mais.

A terceira heresia pertencia a Soego e só a Soego. Ele escolheu chorar.



— Se posso perguntar... está bem? Pareces... cansado.

Soego conseguiu um sorriso fraco, e os cantos de sua boca tremeram levemente:

— Fiquei recentemente doente... febres menores, nada mais. Às vezes dificultam o sono.

— Há algo que eu possa fazer? — o estranho ofereceu. Era de pele cinza e terrivelmente marcado, e se não fosse pelo aguçado sentido olfativo de Soego provavelmente o teria confundido com mais um zumbi.

Soego sacudiu a cabeça:

— Não, não. Obrigado pela preocupação. Resistirei.

— Ei, chefe! Vai ficar aí chacoalhando a caixa-de-miolos o dia todo ou vens? — o mimir do viajante chamou.

O estranho deu a Soego um sorriso educado antes de partir:

— Obrigado, Soego. Espero que fiques melhor.

Que homem gentil, se um tanto ingênuo e ignorante dos costumes Planares. Pobre sem noção.

— Tch — Soego se repreendeu por um momento, tendo esquecido de perguntar o nome do estranho. Mas não importava... os Dustmen o veriam novamente a seu tempo. A morte chegava a todos nos Planos, afinal.

Com isso, o Dustman cansado fechou a porta:

— Bom dia.

Uma voz familiar o dirigiu.

Soego ergueu os olhos:

— Remn.

Como Soego, Remn havia sido um órfão adotado e treinado por Seladril. Talvez pudesse ter havido alguma rivalidade entre os dois como resultado (de fato, talvez já houvesse) se Seladril não houvesse sido suavemente desaprovadora de tal disparate.

— Sei que eras muito próximo de nossa falecida Fator Seladril — Remn disse friamente. Havia suspeita em seus

olhos.

— De certa forma — foi a resposta, igualmente fria. — Éramos amigos, nada mais.

— Ainda assim, parece incomum que hajas escolhido realizar a autópsia tu mesmo. E o embalsamento — Remn passou um dedo pelo queixo. Tinha o hábito de fazê-lo toda vez que estava em pensamento profundo.

Soego brincou com a ideia de estripá-lo no lugar onde estava. Já podia sentir o sangue quente fluindo pelo pelo, lambendo-o doce e grosso e nutritivo das veias de Remn:

— Ela me ensinou bem. Acreditei que faria-lhe honra mostrando que não pestanejo ao realizar esses últimos favores.

Remn fez um clique com a língua:

— E tal orgulho te desfaz, Soego. És demasiado arrogante para o teu próprio bem.

O borbulhar quente de entranhas em suas garras, o estalar de osso escondendo tutano tenro dentro... — Há algo que quisesses, Remn?

— Ah. Sim, havia esquecido — Remn estralou os dedos como dispensando o pensamento original. — Foste quem encontrou o corpo, e assumiste que ela estivesse vindo te visitar já que estavas doente.

— Sim. Sabemos todos que Seladril era muito atenciosa.

— Eu estava no Bar da Poeira Assentada naquela noite também. Quando ela entrou pediu uma bandeja com uma tigela de sopa e uma xícara de chá. Para ti, imagino.

Soego podia sentir seus olhos queimando ainda mais vermelhos:

— Muito gentil da parte dela.

— Que estranho que a bandeja não foi encontrada com seu corpo.

— Sim. Que estranho. Agora com licença, preciso trancar — Soego disse. Era difícil manter o estalo fora de sua voz.

Na manhã seguinte, o corpo de Remn foi encontrado em sua cama, meio devorado por ratos cranianos.



Havia tropeçado pelas catacumbas, tropeçando sobre cadáveres antigos e passando por tumbas saqueadas. Tais preocupações ficaram para trás. Havia fugido do Mortuário e dos costumes Dustman. Com cada passo Soego descia mais fundo no labirinto de túneis. Queria morrer aqui, mas sabia que era impossível.

O Pacto dos Mortos o protegia dos carnicais, zumbis e vargouilles que vagavam. A menos que atacasse um deles primeiro, nenhum morto-vivo colocaria uma garra nele.

Soego poderia ter tido um desejo de morte, maior do que quando ainda era um verdadeiro Dustman de coração, mas não era tolo.

Havia pensado, talvez, que havia uma chance de os ratos cranianos o matarem. De fato, havia tropeçado em vários grupos grandes das criaturas, mas elas simplesmente se dispersavam em sua presença.

Embora vagasse cegamente pelos túneis, sem saber para onde estava se dirigindo, Soego sabia que algo o guiava. Havia um instinto de tomar um caminho em vez do outro, e sempre pensava ouvir um coro ecoando sem som enquanto se aproximava cada vez mais.

E quando os Homens-rato o saudaram, não ficou nem um pouco surpreso quando as pobres criaturas o guiaram até seu deus.

Era uma câmara circular, um ninho de galhos e ossos, com ratos cranianos empoleirados no topo dos círculos concêntricos que construíram. Havia milhares deles, e onde faltavam assentos neste conselho de vermes os ratos se empilhavam uns sobre os outros, bigodes frémitos. Incontáveis olhos brilhavam para ele das sombras, como se fossem estrelas gêmeas cintilando pela noite.

A voz soou como a dor angustiante de milhares, ecoando por seu crânio:

— ESPERÁVAMOS POR VÓS HÁ MUITO TEMPO,

BÍPEDE. FALAI RÁPIDO E VERDADEIRAMENTE. ESTAIS NOS SALÕES DOS MUITOS-COMO-UM. NÃO SAIREIS EXCETO POR NOSSA GRAÇA, E ISSO DEVEIS GANHAR ATRAVÉS DA SERVIDÃO.

— Destruístes-me! — Soego gritou. — Tomastes os costumes Dustman e o caminho em direção à Morte Verdadeira, depois tomastes a única pessoa que teria tornado a vida suportável!

— A MORTE DE SELADRIL NÃO ERA NOSSA INTENÇÃO — o coro de vozes era menos doloroso agora, mas frio e sem arrependimento.

— Mas por que... — Soego coaxou.

Talvez pudesse se atirar sobre a massa de ratos. Com sua mente coletiva e potencial mágico certamente poderiam lhe dar uma morte rápida.

— OS IMPULSOS PRIMAIOS CONCEDIDOS POR NOSSO DOM TERIAM COLOCADO EM RISCO VOSSA SALVAÇÃO ATRAVÉS DA MORTE VERDADEIRA, E AO FAZÊ-LO VOS TERIA LEVADO A NÓS PARA A CURA. AINDA TEREÍAMOS QUE SERVIR, E PODEMOS RECOMPENSAR EM TROCA.

— O que precisaria uma matilha de vermes de um Dustman? E o que poderiam possivelmente oferecer em troca? — a voz de Soego era amarga.

— PODES ANDAR ENTRE OS MORTOS-VIVOS LIVREMENTE COM A PROTEÇÃO DO PACTO DOS

MORTOS. COM ESSE ESCUDO IREIS ÀS NAÇÕES MORTAS, BUSCAREIS O REI SILENCIOSO, E O MATAREIS. NO PROCESSO, SEMEAREIS DISCÓRDIA ENTRE OS MORTOS-VIVOS E OS SEPARAREIS. NÃO CONFIAMOS NAQUELES CUJAS MENTES NÃO PODEMOS VER. NÃO CONFIAMOS EM MISTÉRIOS SILENCIOSOS. QUANTO À RECOMPENSA... OFERECEMOS-VOS SELADRIL.

Soego lutou contra as lágrimas:

— Sois um tolo, Muitos-como-Um.

A mente coletiva não ficou impressionada:

— TEMOS PODER ALÉM DO VOSSO ENTENDIMENTO, BÍPEDE. OFERECEMOS-VOS SELADRIL.

— Tolo! — Soego gritou. — Mesmo que o corpo dela estivesse intacto, mesmo que tivésseis um farrapo de sua carne para trabalhar vossa magia, um Dustman não pode ser devolvido à vida! Assim como o Pacto dos Mortos é lei não dita entre os Dustmen, assim também é esta! Sua alma já está além do alcance da magia mortal!

E Soego ofegou, ao sentir os dedos de uma mão macia e branca como lírio se enrolando nos seus.

— O QUE OFERECEMOS É MUITO MAIS SIMPLES, SOEGO DOS DUSTMEN.

E a garganta de Soego soou um gemido rouco, ao sentir lábios vermelhos e ternos roçando sua bochecha.

— OFERECEMOS-VOS A MEMÓRIA DE SEU TOQUE.

— Ainda sou bastante afeiçoada a rosas...

— OFERECEMOS-VOS O SONHO DE SEU AMOR.

O mais tênue cheiro de rosas encheu o ar. Era algo que Soego não havia percebido que sentia falta todos esses anos. O cheiro evocou seu sorriso, trouxe de volta a memória daqueles olhos azul-prateados e sua risada como o canto de sinos de prata.

Os Muitos-como-Um conheciam a resposta de Soego antes mesmo que ele mesmo soubesse:

— E ASSIM NOSSO PACTO É FEITO.



Capítulo 36

Hargrimm se aproximou, cheirando a pó e pano mofado:

— O que falas? Que prova tens de que Soego anda com os vermes de cérebro?

— Há prova em seus aposentos, seu diário. As entradas não são muito coerentes nem legíveis, mas do que consegui reunir ele foi mordido, ficou infectado com licantropia, e acabou se transformando num Homem-rato e matando uma amiga no Mortuário. Por alguma razão fez um pacto com os Muitos-como-Um para espionar ou matar o Rei Silencioso.

A voz de Hargrimm era severa, mas uma corrente de ceticismo corria por ela:

— Veremos; reunirei Soego e falarei com ele sobre este assunto em seus aposentos. Devendo isto ser verdade, vos devo agradecimentos.



Fomos à nossa cela com uma escolta de esqueletos e carniçais, o cajado de Hargrimm batendo nos ladrilhos enquanto caminhava. Soego havia estado repousando na cama mais uma vez, e se sentou com alarme ao ver o

sombrio grupo.

A voz de Hargrimm era um sibilo frio e sem emoção quando falou:

— Soego, o que é isso que ouço de estares aliado aos Muitos-como-Um?

Os olhos do Dustman recuaram com choque:

— O quê? Isso é uma mentira! Quem ousaria lançar tal acusação hedionda contra mim?!

Varreu o grupo com o olhar, e aqueles olhos de bordas vermelhas pousaram em mim. Ele rosnou, metade rosnado metade chilreio, como o de um roedor:

— Você!

O estalar daquele cajado pesado trouxe a atenção de Soego de volta ao sacerdote esquelético alto:

— Ousas mentir ao sumo sacerdote do Rei Silencioso?

— Não! Não, Hargrimm, nunca presumiria...

— Onde está teu diário? Deixa-me vê-lo. Prova tua inocência perante os olhos do Rei Silencioso.

— Eu... eu... — engoliu em seco, abatido e humilde — imploro por vossa misericórdia, Hargrimm.

— O Pacto dos Mortos te protegerá aqui, Soego, mas jamais deixarás estas catacumbas. Continuarás tua busca pela tua preciosa “Morte Verdadeira” aqui, sozinho... pelo resto de teus dias. Adeus.

Hargrimm pronunciou a sentença de Soego com sombria satisfação, com uma cabeçada tão firme e certa quanto o braço de um carrasco.

Soego gaguejou:

— Mas... você... não pode... nnnnARAGH!

Mantos rasgando e olhos sangrando em pleno carmesim, Soego se transformou. Sua pele engrossou em pele coberta de pelo, seus dentes se alongaram em presas amarelas. Uma cauda grossa como verme estalou atrás dele. Soego se curvou de quatro, uivando num uivo inumano enquanto longos bigodes tremiam ao longo de seu focinho de rato.

Hargrimm apenas clicou os dentes, sem impressionar-se:

— Marca bem minhas palavras, Vivo; apenas o Pacto te protege. Não lances de lado teu único escudo tão descuidadamente.

— Não serei enjaulado! — Soego gritou. — Morram!

Quando Soego saltou sobre o sacerdote, os dois esqueletos se puseram à frente de seu líder para protegê-lo. Mas foi em vão, pois Hargrimm rachou os ladrilhos com seu cajado. Erguendo uma mão e estalando uma ordem numa língua antiga e estrangeira, um nimbo de luz redemoinhou ao redor do sacerdote. Com um estalo e um lampejo, um raio de relâmpago desceu dos reinos acima e

atingiu o homem-rato, envolvendo seu corpo num clarão pálido.

Soego foi lançado para trás com um guincho. Estendido no chão, convulsionava e gemia em agonia enquanto a transformação recuava. Suas vestes rasgadas revelavam carne pálida e fumegante.

E os carniçais se atiraram sobre ele, devorando-o vivo.

Me virei do espetáculo horrendo, tentando ignorar o estalar e o rasgar úmido de carne ainda viva.

A voz de Hargrimm tinha a finalidade fria de uma lápide:

— Está feito, então. Que o Rei Silencioso nos proteja de tal imundície no futuro.

Jamais comerei um rato craniano de novo.



Hargrimm ficou satisfeito quando me falou no templo:

— Agradeço-vos pela assistência. A infiltração de Soego poderia ter causado dano genuíno às Nações Mortas.

— Só fiquei feliz em ajudar, Hargrimm. Agora que eu e meus amigos mostramos ser inofensivos ao teu povo, podemos falar com o Rei Silencioso?

A resposta de Hargrimm foi firme e sua voz, fria:

— Não.

O choque à resposta me atravessou:

— Mas... revelamos o traidor Soego! Certamente já ganhamos vossa confiança!

Hargrimm sacudiu a cabeça:

— Nenhuma criatura viva pode passar pelas portas do Rei Silencioso, e novamente, não permitiria uma audiência mesmo que fosse possível.

Rosni frustrado:

— Olha, não fiz nada para prejudicar teu povo, fiz tudo para ajudar, e expus um espião enviado por um de teus inimigos mais perigosos. Sinto que ganhei uma chance de apresentar meu caso.

Hargrimm tocou um dedo ossudo em seu cajado:

— Falarei ao Rei Silencioso em teu nome.

— Não confiaste em mim todo esse tempo. Por que deveria confiar que farás o mesmo?

— Não tens escolha.



Capítulo 37

Pelos corredores mal iluminados das Nações Mortas e pelos portões entrei nas Nações Afogadas como Hargrimm havia sugerido. Com sorte a esfera de bronze de Pharod estaria em algum lugar por aqui, mas se não havia conseguido nenhuma pista vasculhando o resto dessas catacumbas, parecia ainda menos viável que a encontraria neste canto úmido de Sigil.

Um carniçal me cumprimentou ao entrar. Seus olhos eram cautelosos, e me afastou com um sibilo:

— Sss... criatura de carne, lugar nenhum para você isso é.

— O que estais fazendo aqui?

Ele gesticulou, tomando em toda a extensão do labirinto de túneis de tijolos vermelhos. Lajes e móveis antigos estavam espalhados pelo lugar. Antes dos caixões serem colocados podia ter sido uma taverna até afundar sob a cidade:

— Procuramos expandir nosso lar. Eliminar inimigos... achar comida pra não morder a carne que anda, sssim? O Rei Silencioso nos diz... nada de carne que anda.

— Estas são as Nações Afogadas?

— Issso? Issso são as Naçõessss Afogadassss, sssim — ele sibilou. — Issso é nosso novo covil de caça. Issso... issso é nossa despensssa.

Totens haviam sido erguidos em vários cantos feitos de crânios bestiais e trapos catados de mortalhas ou tapeçarias antigas. Se não afastavam as criaturas mais selvagens das Nações Afogadas, provavelmente serviam como sinais para marcar santuários que haviam sido limpos de tais perigos.

Os carnicais aqui não me encaravam nem lambiam os lábios podres com línguas serpentinas negras como os outros faziam. Havia alguma medida de controle aqui: enquanto os carnicais lançavam olhares furtivos para as sombras e se arrastavam cautelosos por perigos ocultos, havia um contentamento que vinha da caça e a satisfação de estar bem alimentado.

Esses carnicais não precisavam viver de ratos com carne suficiente apenas para palitar os dentes. A presa aqui era maior, mais abundante, e eu teria que ser cuidadoso.

Vasculhando uma câmara, me deparei com exatamente tal monstro.

— Tás... sssustado dessssa criatura? Ha ha! — um carnicai latiu uma gargalhada. Seu companheiro franziu, — Vou tentar. É... rrrrápido.

Enquanto observava, o segundo carniçal se arrastou em direção a uma besta de pelo menos dois metros e meio de comprimento do nariz à cauda. A pele branca como barriga de peixe estava esticada em sua estrutura fortemente musculada. Uma boca tinha fileiras de dentes afiados como adagas brotando das mandíbulas como ervas daninhas após a chuva, e dois grandes espinhos ósseos saíam de seus mandíbulos. A criatura poderia ter levado um braço com um estalo e uma puxada, e enquanto o carniçal se arrastava mais perto eu fiz uma careta, esperando um rosnado e um som úmido de rasgar enquanto aquelas mandíbulas arrancavam cartilagem e tendão.

No último momento a criatura rosnou, e o uivo enviou o carniçal correndo com um agudo:

— Yeeeeeeeeee!

Seu companheiro uivou:

— Ha ha! Covarde!

— Besta sstúpida...

Quando sua gargalhada se apagou ele me lançou o mais amigável dos sorrisos que já recebi de um carniçal. Embora preferisse não ver aquele tipo de sorriso de dentes tortos de novo, era melhor do que os rosnados e delírios furiosos de Acaste:

— Sss... criatura de carne... a trocoptoca nos mantém longe do tesouro, sssim? A troco deve morrer. Você fica

com o tesouro. Nósss ficamosss com o corpo. Sssim?

— O que é essa criatura?

— É uma trocoptoca. Branca. Chifrrruda. Nassssquenta. Trocos comem carne. Nossos inimigossss. Mata ela, sssim?

A criatura rosnou, tentando me expulsar de seu território do jeito que bestas predatórias fazem. Tais criaturas raramente estão interessadas em brigas. Melhor bater cabeças e assustar um inimigo do que arriscar ferimentos incapacitantes abertos a infecção se as coisas ficassem realmente feias. Se tudo que tinha eram rosnados e grunhidos, talvez eu pudesse—

Meus pensamentos foram cortados quando a coisa balançou a cabeça e me esfaqueou com um daqueles espinhos mandibulares.

— Ah, filho de uma— — gritei ao pousar, apertando uma perfuração funda na perna. A jorra de sangue não era tão grave quanto poderia ter sido... um quarto de centímetro de lado e a artéria teria estado espirrando minha vida escarlate sobre as pedras.

— Estamos indo, chefe!

Karach cantou e dentes tilintaram enquanto meus companheiros vinham em meu auxílio. A criatura guinchou e sibilou enquanto sangue preto derramava sobre as pedras.

Meio cego e frenético palpei em volta enquanto os pés galhados da criatura pisoteavam. Vez por outra aquelas garras de navalha passavam perto dos meus braços por um cabelo, e duas vezes roçaram minha carne.

Meus dedos se enrolaram no cabo da adaga de osso, e aproveitando a confusão da troco enfiei a lâmina para cima no coração dela. O primeiro golpe apenas rendeu um guincho agonizado, mas com a segunda e terceira facadas seus movimentos começaram a desacelerar.

Não me lembro quantas vezes perfurei a carne pálida, mas quando o frenesi acabou eu estava coberto de uma boa camada de sangue preto bilioso.

Fiz o que pude naquelas catacumbas. Era uma aliança tênue, nascida dando pontapés e gritos e encharcada no sangue e nos fluidos dos perigos mortais que espreitavam nessas catacumbas. Lutei apenas para abrir caminho mais fundo nos túneis úmidos com a esperança tênue de encontrar a esfera de bronze, enquanto os carnicais lutavam apenas para espalhar seu domínio de modo que pudessem saciar, mesmo por um momento, sua fome interminável.

E uma vez que alcançassem seu objetivo, eu seria inútil para eles, protegido apenas pelo édito de um Rei morto.

Alguns dias eu realmente preciso de um abraço.



Havia salas com pilares graciosos altos, construídas por homens que ansiavam tocar o céu com suas criações.

Havia corredores com paredes revestidas de corpos mumificados, segurando ossos e mortalhas como bebês voltando ao peito frio de uma mãe.

Havia criptas que continham as cascas de homens há muito esquecidos, seu pó guardado em sarcófagos cujas feições haviam sido há muito erodidas pelas águas pingando de cima.

E por último, havia um covil esmigalhado e esvaziado fedendo com o esterco dos roliços habitantes reptilianos aqui.

E com o fim da última batalha a força sobrenatural de Dak'kon desapareceu, e ele soltou um suspiro cansado, apoiando uma mão pesada na parede. Os próprios olhos de Morte sondaram um dente molar ou dois que tinham sido afrouxados com a cadeia de batalhas que havíamos suportado.

Não sabia como nem por que um Coletor tinha se encontrado tão fundo em labirintos que até os carniçais ousariam pisar. Talvez tivesse sido morto nas catacumbas acima e arrastado para baixo por um túnel lateral. Não me importava.

Tudo que conseguia ver era aquele brilho de bronze que ele segurava apertado nas mãos em dedos congelados pela morte.

— Finalmente — sussurrei satisfeito.

A esfera era leve ao toque, como se fosse oca. Embora fosse de qualquer forma ordinária, me deixava a pele arrepiada ao toque. A superfície coalhou sob as pontas dos dedos, e a mera sensação dela me dava a impressão de que era um ovo prestes a estourar. Para piorar, o leve cheiro de creme podre emanava dela, tão pútrido e espesso que fazia os olhos lacrimejarem.

— Sim! — Morte vibrou. — Agora podemos ir nos embriagar e saltar cobres nas garçonetes do bar!

Enquanto estava de bom humor, não me sentia tentado a erguer a esfera e comemorar. Enfiando a coisa nojenta na mochila conduzi o caminho de volta à superfície, onde as coisas poderiam não ter aparência de normalidade, mas pelo menos haveria calor, comida, e uma boa cama se pudéssemos poupar moeda suficiente.

A sensação que me tomou então era uma garra fria se enrolando ao redor do coração, perfurando com terror e assombrosa como uma memória perdida para as eras.

E ali, à nossa esquerda, havia um portão velho e esquecido. Como a esfera era totalmente ordinário a primeira vista, mas ao tocá-lo o metal negro parecia frio

e implacável. Era o eco de um réquiem, o rosto de um passante esquecido. Era um estranho que você já conheceu, o nome tentadoramente tímido na ponta da língua.

— Chefe...? Chefe, temos a esfera! O que estás fazendo?

Ao abrir o portão, uma brisa fria soprou para fora. Comecei a tremer ao ouvir o som de uma voz sussurrando, embora não conseguisse distinguir o que dizia. Em um segundo, havia sumido e tudo estava silencioso... e percebi que havia estado aqui antes, e havia a forte sensação de que meus companheiros não deviam me seguir.

— Vou entrar sozinho... esperem aqui por mim.

— Oh não, chefe. De jeito nenhum vais entrar aí sem mim! Não vou te deixar sair por aí nessa cripta louca e solitário!

— Concordo — Dak'kon entoou. — Pedi para me juntar a ti para que pudesse emprestar meu *saber* dessas terras estranhas. Não posso te deixar entrar em território inexplorado por nenhum de nós sozinho.

— Confiem em mim! — disse com firmeza, cravando um dedo nos dois. — Fiquem aqui e esperem até eu voltar.

— Mas chefe— — Morte protestou.

Dak'kon se endireitou:

— Como desejares — ele disse suavemente, cruzando

os braços. Embora contente por não ter que discutir mais, fiquei desconcertado com a mudança repentina de Dak'kon. Eu o havia decepcionado? Estava com raiva de que seu discípulo falasse assim com ele? Não sabia, apenas me sentia envergonhado de ter tratado um companheiro e mentor assim.

Morte suspirou:

— Tudo bem. Se o gith vai ficar eu também fico.

Assenti:

— Bom. Já volto.



Procurei no fundo da memória quanto podia enquanto caminhava pelos corredores úmidos, vasculhando o passado em busca de qualquer coisa que pudesse me dar um senso de orientação. O que era esta voz? Por que eu havia estado aqui antes? E onde, por todos os Planos, estava Glyve?

Vozes, vozes. Mortos cochichando enquanto eu passava. Não o tipo silencioso de mortos como o da Vila Soterrada, mas o tipo assombrado e teimosamente vivo de mortos que se recusavam a seguir em frente.

— ...ajuda... não consigo sair...

— ...lembra de mim...

E então, no canto de um corredor, uma face na pedra. Os olhos estavam fechados, o rosto sereno mas sofrido. Os traços eram esmagados e fundidos na própria parede como se a pedra tivesse engolidoele e se recusado a cuspir de volta.

Ao me aproximar os olhos se abriram, lentos, pesados:

— Quem... passa?

Nunca havia visto tal coisa. Uma alma fundida na pedra da cidade, presa para sempre nas fundações de Sigil:

— Glyve?

Um longo silêncio, como pedra raspando contra pedra:

— Sim... sou Glyve. Você... é vivo.

— Como vieste a estar aqui?

Outro silêncio longo. Quando Glyve falou, as palavras vieram como pedregulhos rindo numa corrente seca:

— Não... lembro. Há muito... muito tempo... eu estava aqui. Lembro de... luz. Depois... pedra.

— Precisas de ajuda?

— Ajuda... — a palavra carregava o peso de séculos presos. — Sim... mas não do tipo que podes dar. Há... uma coisa. Um frasco... de metal. Que nunca para... de fluir. Com sua... água... poderia beber. Poderia... talvez... lembrar.

— Tenho algo assim. Um Decantador de Água Sem Fim.

Os olhos na pedra abriram ligeiramente mais:

— Não... ainda. Traz o frasco... primeiro. Depois te dou... o que prometí. A palavra de comando... para dominá-lo.

Saquei o frasco da mochila e inclinei-o sobre os lábios de pedra. A água limpa do frasco pingou sobre os lábios de pedra, diluindo o fluxo imundo que escorria pelos buracos. Enquanto observávamos, a água da vala lentamente se dissipou por completo, o tinte sujo substituído por água clara e fresca. Glyve gemeu em êxtase.

Após um momento, ele falou:

— Meus... agradecimentos, Sem-Nome. Em gratidão, presenteio-vos com o conhecimento que permitirá dominar o pleno poder do Decantador.

Sua voz começou a desaparecer mesmo enquanto falava:

— Buscai... a mulher chamada... “Nemelle”. Ela reside... no Distrito dos Escribas... no Alto de Sigil. Não sei... onde exatamente... Boa sorte... em vossa busca... imortal.

— Obrigado, Glyve. Vai ao teu repouso merecido.

O rosto de pedra estava silencioso. Um fio de água clara correu do canto de seus olhos, e a careta esculpida no rosto havia se afrouxado. Outra alma libertada de seu tormento.

— Muito bem, então.

— Sabe, chefe, estava ficando muito enjoado dos... constantes... pausões... de qualquer forma... é... uma... boa... coisa... que... ele... calou... a... boca... agora.

— Muito engraçado, Morte. Vamos.





Capítulo 38

O ar frio desta câmara me picou a pele. Não era apenas a maneira como a cripta maciça parecia sugar o calor de minha carne, absorvendo o calor dos ossos. Nem era apenas os ladrilhos azuis que racalhavam como gelo sob meu passo. Era algo — o frio sem alma de coisas melhor deixadas esquecidas, segredos antigos enterrados porque eram sombrios ou loucos demais para ser contemplados. Pelo outro lado e pelo arco havia uma câmara central com um sarcófago cinzento e maciço no coração. Esta era uma tumba, de quem ou de quê eu sentia que deveria ter sabido.

Engoli ao ver o esqueleto ao lado da entrada. Aparentemente muito poucos chegam muito longe.

Cada som que eu fazia ecoava pela câmara vasta, ondulando o ar em crescendos de borda afiada que sinalizavam quão enormemente grande era este lugar. Era como se um verme tivesse escavado um espaço no núcleo de Sigil em si, e o deixado vazio quando morreu.

Mas o mais estranho de tudo era a runa gigante dourada no centro do chão em metal prateado não familiar. Era a mesma runa que carregava no ombro... afiada como faca e farpada para dentro e para fora como se fosse dor traindo

a si mesma.

A Runa do Tormento.

Explorei a galeria, e com meus passos descuidados um raio de luz azul disparou de um canto, racalhando contra meu ombro e me mandando girando.

Droga. O lugar estava armadilhado.

Bem, não era como se este lugar pudesse me matar. Poderia?

Uma folha de couro pendia de uma parede, com asas de morcego como se tivesse sido fresca arrancada de um corpo, cabeça, braços, pernas e cauda. As runas arranhadas estavam um pouco desbotadas com a idade, mas o ar frio e seco parecia tê-las preservado ao longo das eras.

Por fim te tenho. Nunca mais me atormentarás, pois nenhum homem mortal pode escapar destas paredes. Busca as chaves e abraça a morte com cada uma que encontrares. Só então serás livre.

Bem, que reconfortante.

Com intenção de progredir para o próximo cômodo me dirigi para a passagem abaixo. Ainda assim tolamente havia pisado no selo que era o símbolo de minha maldição, a marca negra que estava fadado a carregar comigo.

Então quando brilhou fiquei parado imóvel, paralisado

pelo lampejo. O raio de relâmpago desceu por mim como um açoite branco quente, fritando cada músculo e nervo ao longo de minha espinha numa poça inútil de carne derretida. Desabei, tressaltando por um momento, antes de a escuridão me tomar.



Mexendo, gemí, arqueando as costas para desfazer os nós. A carne renovada coçava, e meus nervos ainda não estavam em pleno funcionamento. Meu corpo inteiro estava entorpecido e meus movimentos eram desajeitados, mas com alguns minutos de repouso a paralisia desapareceu e me arrastei de pé.

Melhor não fazer aquilo de novo.

Circulando ao redor da runa continuei pelo corredor.

Um processo simples e direto para chegar ao próximo maldito cômodo, então imaginei minha confusão quando o ar ondulou diante de mim. Não houve chance de recuar, nenhum aviso quando a realidade ao meu redor pareceu puxar meu ser e me arrancar. Gritei de choque enquanto o espaço em si se torcia ao meu redor, e fui arrastado involuntariamente para um portal...

E para outra câmara lateral.

Havia apenas uma coisa de interesse aqui: o sarcófago

sombrio de pedra cinza e acabamento de cobre. Mesmo se cada lado tivesse um pé de espessura ainda era grande o suficiente para caber dois ou três corpos dentro. Deixando de lado a sanção do Rei Silencioso contra a profanação de túmulos, parte de mim não apreciava a ideia de abrir os selos e expor qualquer monstruosidade que havia dentro.

A essa altura, porém, eu estava superando o pudor mortal em relação à dor e à morte. Olhando ao redor estava cercado por paredes sombrias de paralelepípedos, o único caminho sem dúvida outro portal.

Busca as chaves e abraça a morte com cada uma que encontrares. Só então serás livre...

Empurrei a tampa do caixão de lado.

Embora espessa e pesada, era mais leve do que esperava. Enquanto me esforcei e suei, grunhindo com cada empurrão a tampa foi cedendo de lado quando joguei meu peso contra ela. Pedra raspou contra pedra, e quando cheguei a repousar na base do sarcófago ofegando de exaustão, havia um espaço largo o suficiente para enfiar um braço.

Mordendo o lábio, deslizei a mão para a escuridão.

Para minha surpresa alcancei até tocar pedra nua. Apalpando em volta ainda sentia apenas ar vazio. Me pusei na ponta dos pés, me inclinando mais para dentro para explorar mais fundo.

Finalmente meus dedos bateram contra uma barra fina de metal, e meus dedos se enrolaram ao redor dela. Puxando-a do sarcófago de pedra parecia uma chave, mas sem porta ou fechadura à vista não conseguia encontrar muita utilidade para ela.

Suspirei. Suponho que teria que confiar na inscrição. Se nenhum homem mortal podia escapar, então minha imortalidade devia ser a saída.

Pisei no selo.

Como esperado, o relâmpago disparou pelo meu corpo, chamuscando pela carne e pelo osso de modo que senti como se estivesse sendo partido ao meio.

No entanto quando tressaltei de volta à consciência, me vi ainda esparramado sobre aquele selo... estava apenas meio morto do golpe, e a agonia era insuportável.

O cheiro esfumaçado de minha própria carne queimada redemoinhou entre as volutas de fumaça, saboroso o suficiente para fazer a boca salivar, ácido a ponto de fazer os olhos jorrar lágrimas. A bile espumosa encontrou meus lábios antes de a onda de náusea me atingir uma fração de segundo depois e engasguei enquanto cada nervo ao longo do corpo estourava como se estivesse em chamas.

Quase completamente paralisado, não conseguia arrastar para longe do selo. Em vez disso, tapei o selo dourado de prata fracamente, gritando em voz rouca.

— Leva... me — coaxeí. — Leva-me!

E misericordiosamente, os poderes acima concederam minha súplica e puseram fim ao meu sofrimento.



Quando voltei a mim, estava na entrada mais uma vez. Em minha mão ainda segurava a chave. Pedacos de minha carne queimada haviam sido soldados à superfície do metal.

A rolei na mão enquanto sacudia a sensação levemente tonta de minha morte anterior.

A chave parecia vagamente familiar de alguma forma... ao segurá-la de repente soube seu propósito. Como as chaves dos portais de Sigil isso me permitiria teleportar para uma das outras câmaras internas da tumba — mas apenas se usada no corredor de entrada.

E o único jeito de voltar à entrada era pelos selos armadilhados. Guardei de lado a questão de como a maldita coisa funcionava... relâmpago dimensional, imps que arrastavam meu cadáver de volta à entrada, quem sabia. Tudo que precisava agora era entrar na tumba.

Circulei ao redor do selo e passei pelo portal.

Mais uma vez fui teleportado para outro cômodo. A chave havia funcionado, alterando o caminho do portal de

modo que acabei numa nova câmara.

Pus mãos à obra rápido. Jogando meu peso contra o sarcófago suei, grunhi, e instei a tampa de lado de modo a poder alcançar a segunda chave. Era grato pelo alívio de minha morte, embora cansado que estava quando finalmente apanhei a chave das profundezas sem luz não estava muito ansioso por outra.

Suspirei e me afastei do sarcófago.

Bem, todos precisamos dormir alguma hora.



Foi uma morte misericordiosamente limpa, no sentido de que meus globos oculares não estavam estourando com humores vítreos derretendo das órbitas. A dor ao longo de minha espinha enrijeceu as costas, e a enxaqueca me levou a palpar a cabeça para verificar se a explosão havia rachado o crânio.

Me sentei e cambalei ao redor do selo. Cada morte progressiva em tão rápida sucessão me deixava drenado: seja meu corpo atingindo seu limite ou a fadiga mental da tarefa.

Passei pelo portal mais uma vez, entrando no que esperava fosse o cômodo final.

Outra rodada de empurrar, grunhir, e a tampa cedeu.

Me sentei ao lado do sarcófago, me perguntando o que Dak'kon e Morte estavam fazendo agora. Eram um par desajustado se é que algum dia vi um (e com toda honestidade, pela minha memória, não havia). Há quanto tempo estava aqui e há quanto tempo os havia deixado esperando? Morte estaria circulando ao redor de Dak'kon tentando importuná-lo com um de seus insultos bem afiados enquanto o gith meditava.

Quanto mais cedo acabasse com isso, mais cedo poderia resgatá-los um do outro.

Retirei a chave do sarcófago e me arrastei até o selo e para dentro do meu destino.

Espalhando os braços como um falcão prestes a voar, abracei a lança de luz enquanto fatia meu corpo.



Me arrastei fragilmente para a entrada.

Voltas de fumaça se enrolavam de minha carne, o único indício de calor nesta tumba fria. Meus membros estavam de borracha. Meus músculos estavam fracos. A força estava fluindo de volta ao meu corpo num fio moroso, e as chaves tilintavam em meu froxo aperto.

Quase não percebi que havia passado pelo arco sem ser teleportado de novo.

Desabando de costas comecei a rir. A vitória era minha e eu estava fraco demais para reivindicá-la plenamente. As risadas ecoaram frias e ocas contra as paredes, zombando de mim em mais uma amarga reviravolta de ironia.

Eventualmente a náusea pingou embora e a fraqueza desmoronou do meu corpo. Meu estômago começou a roncar e pensei na última vez que havia comido... um rato craniano meio cozido e uma crosta de pão que poderia ter sido usada para calçar o chão. Amolecê-la em água mofada havia melhorado pouco.

Estranho como de repente você pensa nas pequenas coisas quando está a centímetros de seu maior objetivo.

Me pus de pé sobre o grande sarcófago. O trabalho era rígido e alienígena, e preso com múltiplos dedos de bronze. Não havia umidade para manchar o metal, mas a mera idade havia começado a tornar as bordas verdes. A laje que o cobria estava esculpida com um padrão rígido e utilitário, e o pedestal em que tudo repousava estava incrustado com mais bronze e pedra cinza-castanha.

Me esforcei tentando abrir a tampa do sarcófago, mas meus esforços foram em vão. Estava firmemente fechado no lugar.

Com um suspiro me apoiei na laje momentaneamente, quando um pensamento me atingiu. Saltei de pé.

As Runas do Tormento. A sensação estranha de que eu

conhecia este lugar e seus mecanismos. Eu *sabia*.

Esta era minha própria tumba, construída pela minha própria mão.

Olhei ao redor.

Penduradas nas paredes havia lajes de pedra, brancas por baixo mas enferrujadas de vermelho como se fossem mortalhas antigas ensanguentadas. As inscrições estavam escritas num estilo idêntico ao meu próprio punho, mas as palavras eram estrangeiras. As runas inscritas eram calmas e determinadas em alguns lugares, freneticamente rabiscadas em outros, como as palavras de um louco que não sabia quem era e cujos humores eram tão mercuriais quanto suas memórias.

Era este... meu diário original? Comecei a ler.

“Não há nada que possa ser feito. Memórias foram embora, talvez nunca para retornar. Com cada morte perco uma parte de mim.

Como alguém pode ser imortal e ainda morrer?

*Ele me disse que minha mente está enfraquecendo com cada morte. Perguntei como isso poderia ser, mas ele não podia responder. Era inútil. O **esquartejei** para que nenhuma encarnação se beneficiasse de sua **inutilidade**.”**

Passei a mão sobre a inscrição. As runas eram minhas, mas a brutalidade por trás das palavras não estava no meu próprio coração. Quem eu era? Quem sou eu?

Numa inspeção mais próxima porém acreditei que o painel poderia recuar na parede. O empurrei, e o painel deslizou para a parede. Um clique emanou do sarcófago atrás de mim.

Clique.

Outra inscrição, outro painel. Deslizou suavemente para a parede.

Clique.

“O que pouca vida há no mundo está drenando por esse buraco em meu corpo. O mundo pode queimar, os Planos podem queimar, apenas me dê vida! Destruirei esta vida tão terrivelmente, quebrarei, esmagarei, e a mancharei em sangue e fezes, para que não possas vivê-la também! Que toda a criação queime pois não posso morrer!”

Empurrei o painel.

Clique.

“É extremamente importante registrar suas jornadas para que possa aprender com elas. A maior necessidade, porém, é que as fontes de informação que você usa para desvendar este mistério precisam ser protegidas quando encontradas. Se figuras-chave, documentos ou oráculos forem de alguma forma removidos, seja pela morte ou destruição, então você nunca saberá quem ou o que é ou como veio a ser desta maneira.”

O trabalho do painel era requintado, incrustado com a

precisão que apenas um mestre poderia alcançar.

Clique.

“Suspeito que continuaremos a morrer e a renascer até que finalmente acertemos nossa vida. Não sei o que temos que fazer para que isso aconteça. E aí está a frustração.

É algum tipo de ciclo kármico? Pelo que entendo, algumas encarnações cometeram crimes terríveis, mas também houve várias encarnações em que trabalhamos para não fazer nada além do bem. Essas encarnações são pretendidas como punição? Não sei. E essa é a única verdade real que posso oferecer nessas inscrições: não sei.

*Em que ponto o Eu se separa do nós? Em que ponto sou libertado das algemas das ações dessas outras encarnações? Em que ponto sou permitido ser **eu**, sem o peso dessas vidas passadas?”*

Clique.

A inscrição final parecia as direções nas minhas costas que Morte me leu no Mortuário. Embora achasse que havia aprendido tudo que precisava saber, olhei por cima para refrescar a memória. Talvez mais pudesse ser apreendido de uma leitura direta.

Para minha surpresa, havia mais uma linha — uma que Morte não me leu no Mortuário:

Fiquei de pé, cabeça girando, piorado pela dor de cabeça residual de tantas mortes.

“Ei, chefe. Tás bem? Tás bancando o cadáver ou tentando enrolar os Dusties? Achei que eras um deader com certeza.”

“Eeeh... não confio no gith. Devíamos deixá-lo para trás.”

“O que tá rondando tua cabeça, chefe?”

“Você e eu, chefe. Você e eu.”

Alcançando para trás, passei um dedo pelas costas onde a inscrição provavelmente estava. Tive que conter o impulso repentino de pegar uma adaga e fatiar minha própria pele em pedaços para poder ver por mim mesmo. Em minha fúria e confusão rosni, socando o painel para que recuasse.

Clique.

Tinha coisas mais importantes em que focar, pensei. Podia lidar com tais problemas mais tarde. Por agora, precisava focar no que estava diante de mim. Precisava ver pelo que tinha que morrer três vezes.

Não confie no crânio...

A tampa do sarcófago deslizou aberta com facilidade, ao contrário dos outros... descobri apenas uma única chave dentro: nenhum corpo, nada de valor.

— Bem, isso é muito decepcionante — resmunguei e a apanhei.

Caminhando pelo arco mais uma vez não fiquei surpreso quando a chave zunzunou em minha mão e fui transportado para uma câmara final. Um grande baú quadrado estava no centro do pequeno cômodo, e ao abri-lo finalmente encontrei um estoque digno de bens, sem dúvida guardado aqui por uma encarnação passada esperando por uma nova que precisasse dessas ferramentas.

Finalmente. Feliz me servi.

Quando terminei de saquear um portal final se abriu. Lá no fundo eu sabia que isso me levaria de volta às catacumbas onde Morte e Dak'kon esperançosamente ainda aguardavam. Voltaria mais rico em suprimentos, marcado com algumas novas cicatrizes, e perturbado pelas sombrias revelações de minha tumba.



Dak'kon se virou enquanto eu me aproximava, seus olhos como carvão polido:

— Era *sabido* por mim que retornaríeis. É vossa vontade que nossos dois caminhos se tornem um?

— Sim. Preciso do teu auxílio, Dak'kon. Espero não ter ficado esperando muito tempo.

Ele sacudiu a cabeça:

— Vosso caminho é o meu.

Morte chilreou, contente em me ver de novo:

— Uf. Estava preocupado, mas sabia que voltarias, chefe! Finalmente percebeu que precisa de mim, hein?

— Sim... vamos embora.

— Digo-te, chefe. Não vou mais te deixar ir nisso sozinho. Quer dizer, vamos ser honestos, sem um mimir como eu por perto para te dar o obscuro das coisas terias morrido umas dez vezes. Vou ficar aqui até aprenderes a viver sem as alças do avental, mas até lá estamos presos crânio-a-habilidade. Melhores amigos somos, Morte e... bem, vamos te chamar de algo eventualmente. Afinal, num lugar grande e assustador como esse é quase impossível encontrar amigos de verdade...





Capítulo 39

Deixei as Nações Mortas feliz, ansioso para provar o ar fétido de Sigil de novo. No portal, porém, passei por aquele cadáver mais uma vez. O Coletor de cabelos arenosos estava coberto de mordidas nojentas, e ainda o pescoço do morto se contorcia, como se tentasse se arrancar do corpo. Ele falou com esforço, mas graças às Histórias-que-Ossos-Contam que havia aprendido com Maria Mofada eu o entendia com perfeita clareza:

— Ei... sou Chad... preciso de ajuda...

Me agachei ao lado dele:

— O que há com você?

— Vê... este... pescoço?

Estava se esticando como taffy e se contraindo.

— Maldita *vargouille* me mordeu. Estou morto, e... preciso segurar minha cabeça no lugar se não quero ser... uma dessas malditas... coisas. Precisa matar as *vargouilles* nessa passagem... todas... pra me salvar disso.

Assenti. Havia me preocupado com exatamente esse destino na primeira vez que aprendi da terrível mordida da *vargouille*:

— Feito.

— Em troca... vou te dar... direções para um poderoso item mágico... o saber dos ossos me diz... que talvez precisés...

— O que é?

— Encontra e... depois te digo. Antes não.

Já havia enfrentado hordas das coisas, lutado contra lagartos de esgoto gigantes nos túneis úmidos das Nações Afogadas. Fui ameaçado por carniçais babando, tinha cortado um Homem-rato nesses túneis. Matar um pequeno enxame de *vargouilles* era coisa simples. Eram pouco mais do que ratos voadores para mim agora.

Quando voltei percebi que o pescoço de Chad estava melhor... não mais se projetava para fora como se quisesse se separar do torso:

— Obrigado, amigo... pelo menos agora sei que não vou ser uma *vargouille* pela eternidade... Quer sua recompensa agora?

— Pode falar.

— Certo, aqui está: há uma razão pelas quais as Nações Afogadas se chamam assim. Há uma garrafa mágica que nunca para de fluir, um Decantador, escondido nas catacumbas das Nações Afogadas. Pega ela, e tens toda a água fresca que sempre precisarás.

— Quer dizer esta aqui?

Puxei da mochila, segurando diante de seus olhos mortos e imóveis.

— Qu-ah não. Sinto não poder te oferecer mais nada de agradecimento... espera! Alguém aqui em baixo talvez saiba como conseguir a palavra de comando... um sujeito de nome—

— Glyve? Cara na parede, fala como se tivesse a boca cheia de melaço?

— Pelos Poderes, me sinto tão inútil.

Sacudi a cabeça:

— Não. Precisei ser lembrado de que ainda tenho algumas coisas a fazer aqui. Obrigado, Chad. Descanse em paz.

Com isso senti seu espírito desvanecer, passando para os Planos além. Se precisasse sempre poderia trazer de volta as memórias de seus ossos, mas não havia necessidade disso agora.

— “Coisas a fazer aqui?” A menos que haja um bar de mamãe e umas dez outras maneiras de satisfazer meus onze-mais vícios estamos saindo do maldito buraco das nádegas de Sigil!

— Temos algumas obrigações, Morte.

Como vingança contra certo enxame de *vargouille* que

me havia matado anteriormente.



Não estava esperando nenhuma fanfarra quando voltei, e de fato não fiquei decepcionado. Quando cheguei ao portão aquele valentão enorme e atarrancado ainda estava de guarda, rosto franzido numa careta feia.

O guarda se endireitou:

— Tem o que Pharod quer, imbecil?

— Sim.

— Mostra pra mim, imbecil, e levanto o portão. Mas não antes, tá?

Lancei um olhar suspeito para ele. Tinha sangrado e morrido e passado fome por essa esfera, e não ia deixar ninguém mais pegá-la:

— É só para os olhos de Pharod.

O valentão soltou uma gargalhada:

— Então não passa.

Um músculo em minha bochecha tressaltou, mas tentei ficar calmo:

— Por outro lado, tenho algo que pode te interessar.

Ele ergueu uma sobrancelha:

— É? O que seria?

— Dinheiro. Que tal vinte e cinco cobres?

— Tás esquentando, imbecil, mas ainda não chegaste lá.

Suspirei:

— Tudo bem. Que tal cinquenta?

Um sorriso envolveu o rosto feio dele:

— Isso basta. Passa pra cá, e abro o portão.

Tirei uma mão cheia de moedas, fazendo uma contagem aproximada antes de enrolá-las num trapo e amarrá-las rapidamente com um fio sobrando. Estendi o pequeno saco, oferecendo-o logo além do portão:

— Pega e é teu.

Ele estendeu a mão pelo portão para as moedas que eu segurava.

Num movimento rápido predei habilmente seu braço de volta contra o portão e torci. O guarda gritou em agonia enquanto o braço rangeu na articulação. Torcendo mais o músculo e os tendões forçaram na beira de rasgar.

— AIEEEEEEE! — ele guinchou como um leitão. — Solta! POR FAVOR!

Soltei-o:

— Agora me deixa entrar ou te destroço em pedaços. Sem mais jogos. Estou cansado, doendo, e não tenho uma refeição quente há dias e serei amaldiçoado se vou deixar um portão de ferro fraco e um rato saqueador de tumbas

me impedir.

Ele se apressou a abrir o portão antes que eu cumprisse a ameaça, e ficou bem fora do meu alcance enquanto eu passava pelo portão.

— Aprendemos a lição, aprendemos? Vamos ver um pouco mais de respeito da próxima vez. Adeus.

Os outros guardas me olharam com medo e ódio misturados, mas prontamente me deram espaço. Ninguém encontrou meu olhar enquanto eu passava.

Dei uma acenada amistosa ao me afastar:

— Bom dia, rapazes!



— Ah, cadáver...

Pharod se virou enquanto eu me aproximava, sua muleta batendo nas pedras da Corte. Lambeu os lábios e sorriu expectante:

— Trouxeste o que pedi?

Estendi. A superfície coalhou sob as pontas dos dedos, e o cheiro nauseante me fez segurá-la esticando o braço:

— Aqui está. A esfera de bronze.

Os olhos de Pharod brilharam ao entregá-la — tocou-a com cuidado, quase reverentemente. Como Pharod podia

suportar demonstrar este tipo de afeição por uma coisa tão vil estava além de mim. Afinal, larvas se criam melhor em carne podre.

— Você... — Ele riu. — Ah, cadáver, que aposta você foi, e pagou muito bem, sim...

Pharod estudou seu reflexo na esfera e fez um tsks:

— Os anos foram cruéis comigo, vejo...

— Fiz o que pediu, Pharod. Agora quero algumas respostas.

Pharod nem me olhou enquanto falei... sua atenção estava absorta pela esfera que segurava.

— Sim, sim, faça suas perguntas...

Pharod rodou a esfera nas mãos.

— O que sabe sobre mim? Por que me disseram para te procurar?

Pharod me estudou com um olhar crítico:

— Segura as armas pelo que vou dizer, cadáver, pois poderia ser que seus ouvidos vão se ofender... — Pharod sorriu maliciosamente. — Meus ouvidos não se importam mais, mas os seus ainda estão frescos pra queimar, parece.

Coloquei a mão sobre o peito:

— Tens minha palavra de que segurei a mão, Pharod. Juro. Mas preciso saber o que sabes.

— A verdade... — O tom de Pharod amoleceu, como que bajulando. — A verdade foi um pouco esticada da minha mente para a minha língua quando falamos pela primeira vez, cadáver — em toda a terrível honestidade, sei pouco sobre você.

Ergueu um dedo murchado:

— Ainda assim, me ouve...

— Sim...?

— Você é um cortador que finge de morto, como vejo.

Pharod me franziu, entrecerrando os olhos:

— Há algum tempo, veio a mim, como está agora, mas não, simplesmente entrou na Corte do Vento Podre e disse que queria uma “audiência” comigo.

— Uma audiência contigo?

— Aye, uma “audiência.” — Pharod riu, como areia sussurrante. — Como se eu fosse realeza...

Parecia divertido, mas havia uma borda em sua voz:

— Sabia as coisas certas a dizer, sabia, oh sim. Falou a real como um Guvner, nato e verdadeiro. E eu ouvi.

— Mas você era realeza... pelo menos um homem de posição, uma vez, não era?

O conto de Fedorento ainda estava fresco em minha mente.

— Uma vez. — Pharod sibilou. — Uma vez. Títulos, apenas palavras, NADA no fim...

Mergulhou em silêncio, depois fez um tsks:

— Você sabia isso também, minha história, acho que sabia...

— O que ele... eu... queria de você?

Pharod fez uma reverência falsa, sua muleta rangendo enquanto se inclinava sobre ela:

— “Oh, Pharod, grande Rei Coletor”, você diz. “Vim diante de você para solicitar um favor.” “Um favor?” digo. “O que poderia oferecer a um homem de tão óbvia força?”

Pharod balançou seu dedo torto:

— E você pediu uma coisa estranha: você diz: “Lorde Pharod, peço cortesia. Seus Coletores vagam por toda a Colmeia. Se encontrarem meu corpo, quero que seja mantido seguro. É tudo que peço.”

Pharod deu de ombros:

— Um favor simples.

Tentei instá-lo a continuar, mas antes que pudesse falar, de repente senti uma picada no crânio enquanto Pharod falava a palavra “favor” e o cheiro de sangue e medo me açoitou pelas narinas... Pharod estava escondendo algo, algo que havia acontecido no passado, envolvendo a mim — e isso o assustava. O favor que ele concedeu não era

assunto simples.

— Você concedeu meu favor assim? Não há nada a ganhar com isso, para você. Por que sequer concordou em fazê-lo? — perguntei suspeito.

Pharod ficou em silêncio por um momento:

— Um homem morto não pode guardar nenhuma promessa, e promessas a um homem morto são fáceis o suficiente de fazer, cadáver.

— Você é um mercador, Pharod, não um samaritano. Devia ter havido outro motivo...

A memória queimou enquanto voltava em picadas branco-quentes, chamuscando enquanto se abria caminho para frente em minha consciência. Logo, porém, esfriou, gelada com a calma rígida que sentia então. O fedor da Colmeia queimou minhas narinas. Uma mão estava enrolada ao redor da adaga embainhada, e um suor frio havia tornado o cabo escorregadio...

O valentão riu: “Uma ‘audiência’ com Pharod? Te mandou Sharegrave?”

“Não,” disse simplesmente, “Estou começando a perder minha paciência, abutre-de-rua. Onde encontro Pharod?”

“O Rei Coletor não recebe forasteiros, imbecil,” ele grinhou, revelando duas fileiras de dentes verde-amarelados mofados. “Mas acho que vai gostar dessa bolsa tua.”

Pelo canto do olho notei os valentões se movendo, dez... não, vinte deles. Mais ainda. Os habitantes da Colmeia conseguiam sentir o aroma afiado do perigo, e pelas ruas as janelas batiam e as portas eram fechadas, terminando com um coro de tilintares enquanto os ferrolhos deslizavam para casa. Resmunguei. Era um dia triste quando teria que desperdiçar minha energia com esses ratos.

Ah bem. Pelo menos seria um pouco de diversão.

Balançando um braço para trás agarrei o pescoço do valentão que manobrava para esfaqueladar pelas costas, a outra mão agarrando seu pulso antes que pudesse deslizar a lâmina para algum lugar mole. Seus olhos saltaram, e ele se debateu enquanto sussurrei uma única palavra de poder em seu ouvido: “Insetos.”

Podia sentir o sangue pingando de suas narinas, escorrendo de seus lábios e olhos e molhando meus dedos enquanto ele desabou, suas entranhas se liquefeitas enquanto era comido por dentro para fora. Seu corpo convulsionou, se debatendo enquanto um grito úmido e borbulhante gorgolejava de seus lábios. Quando estava tressaltando em seus espasmos de morte as centopeias estavam se contorcendo de baixo de suas pálpebras, formigas enxameando de seus ouvidos e aranhas rastejando de seus lábios, alegremente carregando pedaços de sua língua em suas mandíbulas.

“B-Barek!”

“Um mago!”

“Rápido!” outro valentão gritou. “Pega seus pulsos! Cobre sua boca!”

Não eram tão estúpidos quanto eu imaginara. Mostrar as costas teria significado morte certa. Se pudessem me alcançar e me prender no chão com algemas e mordanças, poderiam ter tido uma chance.

Mas eu faço minhas próprias regras.

Batendo os punhos juntos uma onda de ar e força fustigou os valentões mais próximos para trás, derrubando-os. Agitei as mãos, e um por um os apanhei como por ganchos telecinéticos invisíveis.

Um joguei na parede de um prédio abandonado, e seu corpo deslizou pela metade para dentro da pedra antes de solidificar de novo, pedra e carne se fundindo num conglomerado que deixou suas entranhas ossificadas. Seus gritos foram curtos e sufocados, e ele morreu lentamente enquanto seus órgãos começavam a falhar, meio fundidos no tijolo como estavam.

A outro atravessei misericordiosamente com flechas de vidro, deixando-o dependurado e imóvel da parede de tijolos.

Um terceiro aprisionei numa prisão de sal esmagador. Morreu instantaneamente.

Fiz um jogo disso, praticando minha coordenação olho-

-mão equilibrando entre os que tentavam atacar e os que tentavam fugir, vendo quantos conseguia matar e quão criativamente. Seus gritos de terror foram silenciados um após o outro, em ondas de caos e lâminas afiadas da lei. Caíam com mísseis de cinzas, teias de luz pura, e espirais de metal que se enrolavam ao redor de corpos e membros e apertavam até serem fatiados em medalhões de carne e osso.

As ruas estavam encharcadas de sangue e os membros espalhados dos valentões ainda tressaltavam enquanto eu caminhava calmamente em direção ao último que ficou de pé, me enfrentando apenas porque estava paralisado de terror. Era aquele que primeiro me respondeu grosseiramente, aquele com o sorriso mofado.

Com um guincho ele tentou fugir, tropeçando nos corpos e escorregando no sangue de seus aliados.

Fiquei contente de ter deixado um vivo. Com um estalo de dedo ele foi arrastado para o ar, membros agitando enquanto eu gesticulava, pressionando-o imóvel contra uma parede próxima.

“Não estou de bom humor hoje,” sussurrei, estendendo a mão para agarrar um pulso. A pele imediatamente enegreceu sob meu toque, borbulhando em bolhas horríveis enquanto uma pestilência começava a tomar sua carne. Distendeu em esferas verdes furiosas, a podridão comendo sua carne tão rapidamente que quando a carne

escorregou do osso não havia mais sangue... apenas pus batendo branco e quente de suas veias.

Ele guinchau. Oh como ele guinchau.

Suspirei. A Arte sempre vinha ao custo de preciosa praticidade. “Olha, isso não teria acontecido se não tivesse me atacado,” eu ralei, e com um estalo de dedo os últimos ossos de seus braços desmoronaram, “Agora você tem mais três chances de me responder. Como encontro Pharod?”

Ele choramingou, soluçando, e estava no processo de molhar as próprias calças, se o fedor quente que surgia era alguma indicação.

Ele se acalmou quando eu estava prestes a agarrar seu outro braço. “P-Pharod! P-P-Praça do Trapeiro! Prédio ao norte... portal! Um punhado de lixo é a chave!” ele gangemeu.

Assenti, “Obrigado.” E com isso me virei e fui embora. Alguém mais pode se encarregar dele... eu tinha um Rei Coletor a visitar.

Cambaleei enquanto a memória vazava, o resíduo daquela crueldade fria e analítica como uma adaga escorregando de uma ferida. Pharod estava a ferver, sem notar meu súbito torpor.

— Aye... — seu rosto de repente se abriu em fúria, a pele corando de vermelho. — Depois de ter pendurado uns vinte de meu sangue nas paredes da Colmeia pra MORRER,

tinha razão suficiente pra te prometer os próprios PLANOS. Então sua carniça esfolante vem ao meu LAR, meu KIP, pra EXIGIR um “favor” de mim...

Pharod se acalma, embora seu rosto ainda esteja corado:

— Aye, concordei...

Engoli em seco, sacudindo o resto da memória:

— Estou... estou arrependido pelo teu povo, Pharod. Isso não era eu... mas se puder compensar a perda para você, o farei.

Pharod fez um tsks:

— Não importa, seus corpos me serviram bem o suficiente. Os Dusties pagam o mesmo por deaders frescos que por velhos...

Por quanto tempo havia eu o encontrado pela primeira vez? Dez anos? Vinte? Estranho como os atos mais horríveis podem esfriar em tão pouco tempo. Qualquer simpatia que tinha estava sangrando embora se ele tratava seus companheiros tão friamente:

— Era esse o único motivo pelo qual concordaste com meu pedido?

— Você sabia coisas sobre mim... coisas que só eu sabia. Sabia que eu era ganancioso por algo sob Sigil, e você colocou nome e imagem nisso: a esfera de bronze, você

disse. Não achei que você a traria para mim...

Riu:

— E fez? Aye. Os Planos giram de maneiras estranhas...

— E isso é tudo que sabe?

— Tudo que sei? Não... mas é tudo que sei sobre você, cadáver.

— Bom. Próxima questão... o que tirou do meu corpo depois que morri?

— Eu? — Pharod lambeu os lábios. — Por que, não tirei nada, cadáver.

Seu rosto se abriu num sorriso:

— Então, não fui eu que encontrou seu corpo...

— Quem foi?

O sorriso de Pharod se alargou, puxando as pregas pastosas de carne para longe do rosto como uma cortina:

— Minha filha, a rosa dos meus olhos, a mais doce da minha família, e o espírito mais afiado de todos... — Lambeu os lábios secos e suspirou em tristeza falsa. — Tal língua cruel tem ela...

— Sua filha? Quem?

— Minha queridinha, Annah. Foi ela que te encontrou, morto como deader pode estar, num lugar onde a maioria dos Coletores não iria por uma montanha de cobres. Podia

ser que apanhou algo de você, podia ser que não...?

Inclinou-se, sacudindo a cabeça:

— Terás que perguntar a ela, pois não é lugar do pai dela dizer.

Algo nele me incomodou:

— Não minta para mim, Pharod. Você é um mercador, e sempre tira uma parte de seus trabalhadores. O que Annah lhe deu do meu corpo?

— Ah... sim... minha contribuição... — Pharod dobrou as mãos murchas sobre a muleta, quase protetoramente. — Não há como saber o que era seu ou não, cadáver. Mais provavelmente, não havia nada.

Por mais que minha encarnação passada lhe houvesse feito mal, o homem me irritava. Precisava dos elementos do meu passado para montar qualquer coisa e aqui estava este abutre pendurado nos meus pertences como pouco mais que badulaques:

— Pharod, minha paciência chegou ao fim. Se não entregares o que foi roubado de mim, tratarei de que os Dustmen saibam onde te encontrar.

Pharod ficou em silêncio por um momento. Bateu os dedos contra a muleta... devagar.

— Bem?

— Aonde foi a decência do homem... — Pharod

resmungou, sacudindo a cabeça. — Uma cortesia estou fazendo por você, cadáver... tal cortesia. Pharod se desfazendo de qualquer coisa... seria o Livro dos Mortos para mim se alguém ouvisse... espera aqui, não move uma jarda. Voltarei.

Ele se esgueirou para as sombras atrás de seu trono.

— Hmmm. Onde estará indo...

Depois de muito tempo, Pharod voltou, sua muleta batendo nas pedras. Em suas mãos, ele segurava uma série de itens, que me passou:

— Você ficará em silêncio sobre isso e aceitará a bênção de eu ao menos ter lembrado...

Minha sobrançelha tressaltou. Era realmente uma criatura vil:

— Algumas centenas de cobres, um pedaço de papel, e um anel? Muito bem... agora gostaria de falar com essa Annah. Onde ela está?

— Onde está Annah? — Pharod deu de ombros. — Ela está se escondendo nas sombras aqui, suspeito, nos ouvindo trocar a real. Mandeí chamá-la depois que foste lá baixo... tive que lhe perguntar se tu estavas realmente no Livro dos Mortos quando te encontrou ou não...

Riu seco, depois respirou fundo e chamou para a escuridão:

— Annah! Para de mafamar nessas sombras e vem cumprimentar nosso hóspede!

— Ela está aqui...?

Houve movimento nas sombras da câmara. O movimento quase brincalhão de uma cauda longa e nacarada chamou minha atenção, e com isso consegui distinguir o vago contorno de uma mulher pressionada contra uma parede, oculta e imóvel numa lasca de escuridão.

Nem sequer a ouvi entrar na câmara, mesmo com a armadura de fragmentos que todos os malandros aqui tinham remendado juntos. Seu braço direito estava coberto com uma série de placas entrelaçadas que pareciam ter sido tiradas da pele de alguma criatura, e uma peça de ombro com chifres protegia seu braço esquerdo.

Ela saiu das sombras, o balanço em seu andar e a forma afiada como movia os ombros traíam seu sarcasmo e ardor. Seu cabelo era o brilho vermelho-brasa de um fogo cintilando com vida obstinada, e seus olhos eram tão penetrantes quanto as adagas enfiadas no cinto. Sua armadura de couro deixava pouco à imaginação, e embora fosse ágil com graça felina, era tão de pele branca quanto qualquer nobre com um busto generoso que carregava bem.

— Uau... acho que há mães aqui afinal... — Morte arregalou os olhos.

— Ah, o que agora? — Reconheci aquele sotaque espesso e enrolado, o sarcasmo afiado daqueles lábios preto-avermelhados.

Arregalei os olhos:

— Você é Annah? Nos encontramos na Colmeia — fora do Mortuário! Você me apontou para uma viela que estava fervilhando de valentões!

A garota me ignorou e se virou para Pharod:

— Do que se trata isso, então? Não vou puxar correia com esse cão marcado, não vou. Pede a um dos teus outros paletas pra fazer isso.

— Você sabe quantas facadas levei?!

— Annah, rosa dos meus olhos — Pharod não ensaiou nem um pouquinho o tom preocupado — não te ensinei a respeitar os mortos?

Fez uma leve reverência na minha direção:

— Este cadáver cheio de recursos precisa saber onde você o encontrou.

— Eh? Do que estás falando? — Ela me franziu. — ‘Ele’ não é um deader.

— Ah! Sim, meu erro... — Pharod assentiu, depois sua voz baixou perigosamente. — Ainda assim, minha

queridinha Annah, isso ainda torna o Erro Seu... pois este aqui tinha apenas um pé no Livro dos Mortos quando o trouxeste para mim.

Bateu a muleta nas pedras com uma batidinha leve:

— Ele acordou, foi me procurar — MUITO embaraçoso.

— E daí? — Annah me olhou, depois deu de ombros.

— Não deveria estar se fazendo de deader pela Colmeia enquanto eu estou por aqui, ou vai acordar nos braços de um Dustie, vai.

Um músculo no canto do meu olho tressaltou enquanto eles falavam sobre mim:

— Talvez pudesses ter VERIFICADO se eu estava vivo antes de me largar lá — rosni.

— Ah, aye, e talvez VOCÊ devesse ter tido mais cuidado e talvez não estivesse deitado de cara para baixo e imóvel como pedra nas pedras do beco como um deader, aye?!

Trabalhei o maxilar, tentando amassar aquela frustração. Acenando as mãos dispensei isso. Raiva nunca resolveu nada:

— Chega disso — onde encontraste meu corpo?

— Mostra a ele onde encontraste o corpo, Annah. — Pharod bateu a muleta de novo para ênfase. — Leva-o à viela assombrada.

Pharod estudou Annah por um momento, depois sorriu

e se virou para mim:

— Se porventura perderes minha queridinha Annah no caminho para a viela, cadáver, volta ver Pharod. Vou te guiar...

— Tchhhh... — Annah fez um esgar para Pharod, depois lançou um olhar para mim. — Vamos então. E mantém os passos rápidos, tá? Tenho pouco tempo a perder com os teus likes.

Sacudi a cabeça:

— Ainda não. Nós três ficamos em meio às catacumbas por dias e estamos exaustos. Precisamos de um pequeno descanso em Sigil por alguns dias antes de ir a qualquer lugar tão perigoso quanto describes.

A língua dela estalou, afiada como a ponta farpada de um açoite:

— Ah, aye? Bem, então podes farejar tua tumba sozinho, idiota! Não estou espe-

— Annah... — A voz de Pharod era quieta, mas cortou o discurso da garota como uma faca. — Sê sua guarda. Vê que não vem a nenhum mal enquanto na vila. Então guia-o para onde desejar ir.

Annah cuspiu no chão:

— Praga em vós dois...

— É o que eu estava pensando... vamos — disse com um

resmungo.

Isso cheirava a problema, eu podia dizer.



Capítulo 40

Ela bufou:

— Uma novidade.

— Só estou dizendo que começamos com o pé errado. Quer dizer, se vamos viajar juntos, pelo menos podemos tentar—

— Não estou interessada em me dar bem contigo. Nem em viajar. Nem nos Poderes-sabem-lá-o-quê que um idiota sem noção como você quereria fazer. Tenho deaders pra nick... espera, qual é o seu nome mesmo?

— Er... não sei. Tudo que sei é que acordei numa laje no Mortuário... obrigado por isso, aliás... e que não consigo morrer.

Annah me lançou um olhar torto, aqueles lábios escuros se curvando num esgar. Cuspiu e murmurou para si mesma:

— Que coisa idiota.

Dak'kon lançou a Annah um olhar frio, seguro e direto como aço, enquanto Morte balançava para cima e para baixo, examinando-a de todo ângulo lisonjeiro que conseguia imaginar:

— Diga, Annah... aquela cauda vai até onde mesmo?

— Ah, aye... pela sua caixa-de-miolos pra arrancar os miolos.

Morte cessou o movimento oscilante:

— Uh... acho que vou ficar do lado do chefe agora.

Subimos as escadas de madeira saindo da Vila Soterrada, e na entrada havia outro valentão alto e de ombros largos. Podia ter sido bonito em algum momento, mas o destino não havia sido gentil com ele. O rosto e os braços eram relativamente limpos de cicatrizes, o que significava que ou era novo ou era um lutador mais formidável que os demais.

Ao eu entrar no cômodo ele levantou da cadeira e veio na minha direção:

— 'Oi! Me chamo Bish. Quem pode ser você?

— Meu nome é "Adahn" — menti. Ter um nome falso podia ser menos desconcertante do que não ter nenhum, e seria melhor não agitar as coisas bem quando ia embora.

— Ad-o-quê?

Bish me encarou sem expressão, depois sacudiu a cabeça vigorosamente:

— Nunca te vi chegando e Pharod não me falou de nenhum "Adahn" rondando por aqui.

Notei sua mão se movendo lentamente em direção à

arma:

— É melhor me dizer o que estás fazendo aqui, imbecil.

— Não tenho nada a esconder, e não quero causar problemas. Só quero passar.

Bish parou, como se considerando o que fazer.

— Ah, deixa a gente passar, seu idiota! — Annah estralou saindo de trás de mim.

A cabeça de Bish se voltou para encontrar o olhar dela, e um valentão mais baixo, de um olho só, grinhou:

— Ah, então tás viajando com a favorita de Pharod, hein? Fico me perguntando como ela fica com tanta grana lidando só com deaders. Pharod a contratou pra ser sua escolta ou...

Ele resmiu baixinho:

— ...escolta?

A gangue gargalhou, e joguei o olhar para baixo para ver Annah deslizar uma mão graciosamente por trás das costas, os dedos se enrolando ao redor de uma adaga escondida.

— Oi! Nada disso, sua escória de cabeça mole!

Bish se virou e me franziu:

— Tudo bem, se tás viajando com ela deve estar bom. Podes passar. Mas saiba disto, imbecil: se causares problema pra moça, vou partir teu crânio se te ver de novo.

Assenti, e bem quando ia embora o vilão de um olho só passou por Bish e se inclinou para sussurrar:

— Se por acaso domares a moça e levatares o rabo dela, certifica-te de dar uma provinha pro resto, tá bom?

Sáímos com as gargalhadas roucas deles queimando os ouvidos.

— E agora pra onde? — Annah perguntou, suavemente demais. Suave demais, como se forçasse a calma. Engraçado... Annah não parecia o tipo de deixar pra dentro a raiva.

— Suponho que não gastes de raiz Gar-Bar?



Sentamos no meio-fio apreciando o banquete.

Com bastante ouro das peças vendidas para comida, Morte e eu atacamos a refeição com voracidade. As peras eram crocantes, firmes e doces. O pão de especiarias e nozes era aromático e temperado com cenoura e amêndoa, levemente doce e leve, deixando vontade de mais. As ameixas do mar eram de uma cor azul-esverdeada estranha, com uma casca um pouco amarga e extremamente azeda. O bastante para me fazer fazer uma careta e tremer ao morder, mas a carne da fruta era notavelmente doce... um complemento maravilhoso.

— Não comia essas desde que era pequena — Annah murmurou, cusbindo o caroço de uma semente de fogo Arborea para que rilintasse pela metade da rua. — Tinha que roubar, claro. Junto com uma ou duas bolsas gordas da multidão.

— O que é isso? — perguntei, abrindo um pequeno pacote de papel.

Dak'kon levantou os olhos do espeto de carne temperada que estava experimentando:

— Shiftspice dos Planos de Limbo. A especiaria pode ter o gosto do que se quiser. É pouco mais que uma questão de concentração e força de vontade curvar seu sabor ao capricho de cada um.

Molhei o dedo e mergulhei, lambendo o pó da ponta. De fato, terminei o pacote em uns nove ou dez lambidasos, e como prometido cada prova forneceu um sabor diferente.

— Ah, sempre gostei de lamber linhas da coisa do estômago de uma meretriz — Morte suspirou. — Ei, por acaso tem cinquenta ouro sobrando?

— Você precisa aprender que “não” significa “não”, Morte.



Passamos um bom par de horas comprando novos

feitiços e ferramentas, e foi bom que o fizemos quando nos deparamos com um rosto familiar... e um cheiro familiar. A refeição estava passada de volta quando nos deparamos com Fedorento de novo, arrancando uma crosta de imundície de um ouvido enquanto arrotava em uníssono com um som úmido e peidorento.

— Ah, voltastes ao velho Fedorento, camarada? — ele me cumprimentou com um sorriso mofado.

— Phaugh! Afasta-te, sua besta fedorenta! — Annah rosnou.

— Ei, espera — empurrei Annah de lado, e com o olhar que ela me lançou jurei que teria me enfiado uma das adagas nas costas se eu deixasse. Minha bolsa estava um pouco pesada afinal de contas, e o pobre homem poderia usar um pouco de caridade.

— Suponho que tenhamos tempo para uma história.

Os cobres tilintaram na palma de Fedorento e ele os guardou. Com algumas batidas no queixo os olhos se iluminaram, e ele recuou, assumindo postura enquanto começava a tecer seu conto.

— Havia um feiticeiro, não um simples bruxo de cerca, mas um mago de poder.

Fedorento juntou as mãos reverentemente, depois sorriu maliciosamente:

— Ardeu com a Arte, e a Arte o queimou.

— O nome dado a ele foi Ignus, um nome respeitado, depois temido, depois odiado, depois punido.

Fedorento soltou um chiado tilintante, depois arranhou o ar e sibilou, aparentemente imitando “Ignus.”

Ignus... o rosto de um ífero em gargalhadas veio à mente, sua carne negra como carvão e o bafo espesso de cinzas. Conseguia sentir o calor no rosto... ouvir o metal guinchando enquanto derretia sob ele. Aquele ífero no Bar do Cadáver Fumegante... a memória mandou um arrepio pela espinha.

— Ensinado por um dos últimos grandes magos estava Ignus, e como aprendiz, Ignus aprendeu muito, muito... e nada ao mesmo tempo.

Fedorento sacudiu a cabeça tristemente:

— Em seu coração, seu coração negro como carvão, um fogo ardia. Queimava, queimava, e tinha fome.

Fedorento arranhou o peito, como em dor:

— Enquanto tinha fome, Ignus tinha fome. Era seu desejo ver os Planos queimarem.

— À noite...

Fedorento se curvou e começou a se esgueirar lentamente na direção do beco, com um sorriso louco no rosto:

— Ignus veio ao Beco que viria a ser o Beco dos Ângulos,

e o fogo em seus olhos, o fogo em seu coração, ambos ele deixou sair.

Fedorento apontou para o Beco, depois jogou os braços no ar, silenciosamente gritando e rindo ao mesmo tempo.

— Carne correu como cera, pessoas como velas, e Ignus riu, riu...

Fedorento desabou no chão, o corpo sacudido com dor imaginária:

— Um mal, um mal foi feito, e não esquecido, não esquecido.

Levantou, depois se curvou, olhando para a esquerda, olhando para a direita, depois começou a murmurar, como se em conferência secreta com alguém:

— Algo tinha que ser feito, ser feito...

Levantou rigidamente, o rosto resoluto:

— Uma punição foi decidida, todos os bruxos de cerca, parteiras, contadores de runas, bruxas de pechinchas de cobre, toda sorte de magozinhos... vieram, todos, até os que tinham o menor traço da Arte, para punir Ignus. Separadamente eram moscas...

Fez um zumbido entre as gengivas podres:

— Juntos, perigosos, perigosos.

Fedorento cantarolou, depois ergueu as palmas:

— Pegaram Ignus, concederam seu desejo...

Redemoinhou as mãos, como se lançasse um feitiço:

— Ele desejava queimar, eles concederam, usando o próprio desejo para alimentar o lançamento. Fizeram do corpo dele uma porta para o Plano do Fogo — pretendiam matá-lo, matá-lo...

— Falhou, falhou...

Fedorento soltou outro gás, como que para acentuar o fracasso dos magos:

— Ignus viveu, Ignus viveu, apenas dormiu, cobertor de chamas, chamas, se virou no sono enquanto queimava, nunca mais feliz, nunca mais feliz...

Fechou os olhos, abraçou a si mesmo e girou lentamente:

— Queimando... sempre queimando...

Os olhos se abriram de repente:

— Um dia ele vai acordar, e então, então os Planos vão queimar!

Coçando o queixo, ponderei um momento antes de falar:

— Quero ouvir a história do homem que veio a esta cidade sem nome ou memória e falou com o contador de histórias amaldiçoado que o advertiu do perigo dos nomes.

Fedorento parou de se contorcer e coçar por um momento, e me encarou:

— Esse conto... esse conto não custa nada, pois não vale

nada, e vale notar que seria um conto triste de fato.

— Mesmo assim, gostaria de ouvi-lo.

— Por onde começaria tal conto...?

Fedorento grunhiu, depois soltou um chiado fétido que fez meus olhos lacrimejarem. Parecia estar pensando.

— Phaugh! — Annah engasgou, dando alguns passos para trás. — E eu nunca pensei que o ar desta cidade pudesse ficar mais podre!

Cruzei os braços, lancei a Annah um olhar, e me virei para Fedorento:

— Começaria com um homem acordando no Mortuário, considerado morto, mas na verdade, apenas suas memórias estão mortas.

Fedorento assentiu, depois me estudou e começou a se arranhar violentamente, como se quisesse abrir cicatrizes em si mesmo:

— Morto, mas não morto... sem memórias, sem memórias, sem nome...

— Ele escapa do Mortuário, entra na Colmeia, e fala com um homem que deixou seu nome verdadeiro escapar uma vez e se arrependeu.

Fedorento pareceu hipnotizado pelas minhas palavras:

— Sim, sim, muito perigo em nomear... talvez... talvez o homem com quem o sem nome fala seja um aviso do perigo

dos nomes.

Pareceu mastigar isso:

— Talvez aquele que esqueceu seu nome esteja em melhor situação...?

— Está?

Lancei um olhar para Dak'kon, e ele sacudiu a cabeça solenemente. Morte se inclinou como num encolher de ombros, e Annah revirou os olhos com uma mão de marfim branco sobre o nariz como para afastar o fedor:

— É melhor sofrer a verdade com todas as suas consequências ou é melhor permanecer ignorante? Qual dos dois homens está em melhor situação?

Fedorento deu uma tosse seca, cuspiu — o cuspe verde e úmido — e se virou de volta para mim:

— É a tua pergunta, teu conto...

Falou devagar:

— És tu quem deve respondê-la.

Olhei para Fedorento, depois para Dak'kon, e de volta para o homenzinho malcheiroso:

— Talvez o homem que esqueceu seu nome verdadeiro esteja em melhor situação, pois está protegido daqueles que lhe fariam mal, inclusive de si mesmo. Onde um homem com nome se move, é seguido. Quando um sem nome se move, seu nome não deixa rastro...

Fedorento assentiu como em concordância, enquanto eu continuava:

— Mas... o homem que *conhece* seu nome verdadeiro está em melhor situação, pois *conhece* a si mesmo e é uma pessoa mais forte por isso. Alguns escolhem apenas sobreviver... outros buscam a salvação.

Fedorento remoeu isso, lambendo os lábios. Começou a acenar lentamente, depois murmurou em voz baixa, como se debatesse consigo mesmo. Eventualmente, se virou de volta para mim:

— Esse é um conto, um conto com uma moral que revela a moral do narrador...

Tossiu e cuspiu mais um globo de catarro nas pedras:

— Um conto que responderá a si mesmo, com o tempo, com o tempo...?

— Deve ter uma resposta, e todo conto tem um fim. Recuso-me a aceitar de outra maneira.

Fedorento se coçou por um momento, assentindo, depois enfiou a mão nas dobras do manto e me atirou uma moeda:

— Por tal conto: um cobre partido.

Fez um esgar:

— Não mais, pois o conto não acabou.

— Obrigado, Fedorento. Boa sorte.





Capítulo 41

— O chefe é assim. Claro que mexe no avespeiro mas no fim a gente faz mais bem do que mal... intencional ou não.

Annah rosnou e se virou para Dak'kon:

— Bem? Não tens nada a dizer?

Dak'kon apenas lançou a Annah um olhar passivo e não disse nada, voltando à meditação. O som suave da karach se afiando e fluindo ajudou a acalmar meus problemas.

Tinha posto a caixa na mesinha de cabeceira deteriorada antes e a examinado. Era um pequeno cubo de madeira, com desenhos intrincados gravados em sua superfície. Em algum momento teria sido digno o suficiente para ser exposto na propriedade de qualquer aristocrata, mas com o passar dos anos o descuido cobrou seu preço e a coisa estava se despedaçando: a madeira rangia e se lascava, as dobradiças estavam enferrujadas, e o acabamento dourado estava descascando. Se não fosse pelo grande rubi montado na frente da caixa, não valeria nada. Pensando melhor, pousei a caixa com cuidado e a deslizei para baixo da cama.

Embora o rubi cintilasse com um brilho reconfortante quando a luz acertava no ângulo certo, a própria caixa

parecia emanar sentimentos de pavor. Logo depois que a aceitara mal conseguia segurá-la, e comprei um saco cheio de trapos para guardar a maldita coisa. A caixa de Mar fazia a esfera de bronze parecer uma bola de novelo fedorento em comparação.

— Addle-coves malditos — Annah rosnava. — Os Nove Infernos podem ficar com vocês, não vou descansar os olhos perto das vossas almas três vezes malditas.

Com um trejeito da cauda Annah caminhou para a outra extremidade do alojamento e tomou uma cama lá.

— Já passamos por pior, não é? — disse, olhando para meus dois companheiros restantes.

Morte estava embaraçosamente em silêncio. Dak'kon continuava encarando a lâmina, alternando entre fluido e aço caótico negro.

— ...Certo.



Ku'atraa fugiu aos berros do armazém ao ver a caixa, mandando-nos a Brasken. Brasken nos mandou a Shilandra. Shilandra nos mandou ao Beco dos Ângulos Perigosos.

— Procurai o Padre Aola — ela disse com a indiferença de quem passou décadas estudando coisas perturbadoras

demais para perturbar. — Há uma catedral no centro do Beco dos Ângulos Perigosos. Um padre ou alguém que tira poder de uma fonte superior poderia ajudar.

Com fogo e aço abrimos caminho pelo Beco dos Ângulos Perigosos. Quanto mais eu manejava a Arte, mais hábil me tornava, e àquela altura eu era um adversário formidável por conta própria. Com Dak'kon, Morte e Annah atrás de mim, o clã de valentões que havia se enterrado fundo ali havia sido varrido. Em breve outra gangue se mudaria para aquele território recém-limpo, mas por ora podíamos atravessar o Beco com segurança, nos aproximando de uma casca queimada de prédio que devia ter se erguido alto e orgulhoso algum dia.

O velho padre sorriu ao eu entrar. Numa mão segurava um cajado grandioso, e estava coberto em nobres vestes negras com guarnição violeta. Puxou gentilmente uma barba bem untada e nevada de idade:

— Bem-vindo à catedral de Aoskar... sou Sumo Sacerdote Aola. Viestes adorar Aoskar comigo? Podem ser meus segundos discípulos.

Olhei ao redor. O barracão degradado estava tão dilapidado por dentro quanto por fora. Era menos uma catedral e mais uma cabana de eremita:

— Por que não há outros discípulos de Aoskar?

Seu sorriso nunca vacilou enquanto fitava a distância:

— Com os anos tive muitos discípulos. Infelizmente todos desapareceram. É bastante frustrante, na verdade. Assim que se tornam iniciados nunca mais os vejo.

Estalou a língua:

— Ultimamente, há um rumor correndo de que a Senhora mesma é a causa. Agora ninguém mais aparece. Sois a primeira alma que vejo parar por aqui em muito tempo.

Annah sibilou. Morte olhou para os lados. Dak'kon fechou os olhos como se se centrasse. Poucos nativos eram tão ousados a ponto de falar da Senhora de qualquer jeito, quanto mais assim. O homem devia estar meio maluco, e eu estava cético sobre se conseguia me ajudar. Ainda assim, o rastro parecia terminar aqui, e eu estava no meu limite:

— Venho buscar conselho concernindo uma caixa e um infero.

Expliquei a situação. Aola pareceu considerar por um momento antes de falar:

— Eu, humilde discípulo do grande Aoskar, posso de fato ajudá-los. Primeiro devem ceder-me a caixa.

A entreguei com alguma preocupação. Se o padre subestimasse o poder do infero ou a natureza da maldição, não queria ser responsável por sua morte horrenda. Aola pareceu sem se preocupar, porém, e colocou a Caixa de Moridor dentro de uma estrutura de arame em forma de

pirâmide, murmurando uma oração a Aoskar. O familiar cintilamento de um portal logo preencheu os lados da pirâmide. Aola então casualmente estendeu a mão pelo portal e abriu a Caixa de Moridor.

Gritei numa tentativa de detê-lo, mas era tarde demais. Quase instantaneamente a caixa começou a se desintegrar enquanto uma fumaça adoentada se enrolava no interior da pirâmide. Uma sensação de pavor imenso encheu o cômodo, e tudo que consegui fazer foi me impedir de fugir da tenda. Conseguia ouvir os dentes de Morte tilintando, as pragas abafadas de Annah, o uivo da lâmina de Dak'kon enquanto ele próprio entoava o que podia ser uma oração invocando o nome de Zerthimon.

Mas à medida que as volutas de fumaça tocavam os lados da pirâmide eram sugadas para o vórtice giratório dos portais. Quando a última espiral de fumaça desapareceu a sensação de pavor passou. Aola nos sorriu um pouco nervosamente, triunfante:

— Testemunhai o poder de Aoskar, o Guardião dos Portais!

Engoli em seco:

— Tenho certeza de que um infero de tal poder que exigiu tantos feitiços para contê-lo não terá problemas em encontrar o caminho de volta aqui. E quando o fizer vai estar te procurando...

— Levei isso em consideração. Veja, cada lado da pirâmide continha um portal para um Plano diferente. Com efeito, espalhei sua essência por toda a extensão do multiverso. Sabia que há raças por aí que consideram demônios uma espécie de iguaria?

Começou a rir suavemente enquanto alcançava a pirâmide e peneirava as cinzas da caixa, retirando a gema presa a ela:

— Pagamento pelos meus serviços. Usarei isto para ajudar a reconstruir minha bela catedral.

Suspirei de alívio:

— Fique com a gema; ganhou mais do que merece. Adeus.

Desejei bem a Aola antes de sairmos, mas pelo canto do olho notei Annah se esgueirando atrás do velho padre.

— Está bem, entrega — disse quando saímos do prédio.

— Não sei do que tá falando.

— O rubi. Sei que você roubou de Aola.

— O homem aceitou a caixa, Annah — Dak'kon murmurou. — Os perigos assim como as recompensas. É dele por direito.

— Ei, ei, relaxem, rugas. Quem precisa mais? Um padre louco num barracão queimado ou nossa gangue de matadores de monstros e retificadores de injustiças?

Morte estalou a língua.

— O homem é um perigo para todos nós! — ela rosnou, apontando para a cabana. — Não ouviram?! Ele busca espalhar a palavra da rival D-da D-

Annah olhou para um lado e para o outro, depois baixou a voz para um sussurro:

— *Da Senhora.*

Coçando o queixo:

— Não sei nada sobre rivalidades entre deuses, m-

— Não diz isso!

— MAS— olha, só entrega e vamos embora.

A cauda de Annah bateu no chão:

— Nay. Não vou seguir um addle-cove idiota sem noção mais nem um passo! Tens a marca do destino em ti, tens! E não vou me deixar arrastar para o abismo contigo.

— Pharod disse que me ajudaria! Ainda precisamos encontrar aquele beco—

— Pharod que vá se catar por tudo que me importa. Talvez isso pague outro idiota pra te levar. Não vale ir mais dois passos com—

Agarrei o ombro dela. Sua pele era branca como leite, e macia sob meu aperto rude. Mas havia aço sob aquela beleza, como uma rosa forjada em metal por um artesão habilidoso. E rápida como um açoite ela se virou, com um

som de metal deslizando contra couro. Houve uma dor aguda e cortante no estômago e olhando para baixo encarei estupefato uma adaga de soco enterrada bem no meu plexo solar.

Olhei para Annah, cujos olhos tinham arregalado de choque, como se ela própria tivesse se surpreendido com os próprios instintos. As únicas palavras que consegui formular foram “Bela execução...” mas o sangue que borbulhou até meus lábios as afogou num gorgolejo.

Ah, amada calçada, lá vou eu de novo.

THUD.





Capítulo 42

O primeiro sentido a retornar foi o tato, e conseguia sentir meu sangue úmido e frio no chão pavimentado.

O segundo foi a visão, e enquanto meus olhos se entrebriam conseguia ver o estalo borrado de uma cauda esguia e branca como leite, e o movimento de membros se debatendo.

O terceiro foi a audição, e num instante o som de uma dúzia de palavrões que envergonhariam Morte queimou meus ouvidos:

— Oi! Solta logo de mim, seu pikin' gith de pele amarela-enrugada! Deixa logo se quiser manter inteiros os teus ovos murchos!

Gorgolhei com a garganta novamente coalhada de sangue:

— Urghlll.

Annah guinchou de choque e finalmente parou quieta, e misericordiosamente em silêncio.

Tossi para limpar o entulho da boca e me virei rolando. Tropeçando de pé me encostei numa parede, lançando a Annah um olhar reprovador embora provavelmente tivesse

parecido mais petulante do que autoritário.

— Ele vive novamente. Não disse a verdade? — Dak'kon murmurou.

A cauda de Annah cessou o trejeito, e Dak'kon soltou seus pulsos, confiante de que ela não fugiria agora.

— Como eu ia dizendo... — tossi de novo — ...bela execução.

Um músculo na bochecha de Annah tressaltou, e seus olhos se cravaram nos meus. Com o jeito que a cauda se movia ela parecia muito com uma gata tentando descobrir se eu era predador ou presa.

Seus olhos deslizaram sobre mim, afiados e penetrantes como fio de navalha, e estralando a língua tirou a gema de um pequeno nicho na armadura:

— Tudo bem, seu idiota. Se vai te satisfazer, toma e acabamos com isso.

Havia uma borda de medo em sua voz, como se tivesse se descoberto inesperadamente lidando com um diabo.

Ergui o rubi na mão. Era uma tonalidade gloriosa de rosa, e cintilava puro e limpo mesmo na luz suja do dia de Sigil. Olhei de volta para ela:

— A gema é assunto menor, na verdade—

— GHCK!

Os olhos de Morte arregalaram.

— Só preciso pegar mais alguns amuletos de proteção, algumas novas armas, e iremos para o beco escondido onde encontraste meu corpo. Podes ficar com a gema se quiser.

— Não preciso de caridade de gente como tu! — ela estralou, rosnando e pensando a respeito.

Tentar recusar o pedido de um mago imortal era uma coisa, era outra inteiramente dizer não a um que havia sido comprovadamente incômodo e que sabia onde você morava:

— Bom. Mas só até lá, tá?

— Ótimo. Agora que isso está resolvido...



Se uma boa refeição havia suavizado as coisas com Annah antes, um pouco de álcool podia fazer ainda melhor.

— Ah, agora eis uma visão que esses velhos olhos sentiram falta — Ebb Rangejuntas riu enquanto Annah passava balançando pela mesa dele. — Não suponho que pudesse comprar uma bebida pra ti, moça?

— Não há ale suficiente nos Planos pra isso, seu velho saco de rugas gordo.

Ebb franziu os lábios:

— Ora, isso foi duro, moça.

Ebb sorriu para mim:

— Oi, é bom te ver de novo, meu velho amigo. Não suponho que um idiota sem noção como tu ainda precise de um guia?

Sacudi a cabeça:

— Acho que consigo me virar por ora. Obrigado, Ebb.

Ele smirrou, e se inclinou perto de modo que a barriga pressionou contra a mesa rangente:

— Bem, vou te dar este pedacinho de graça. O barman tem te encarado com olhos de faca desde que chegastes. Fez algumas perguntas sobre ti da última vez que estiveste aqui.

— O que lhe disseste?

— Nada muito incriminador — ele bateu na mesa e soltou uma gargalhada alta e vulgar ao ver o choque no meu rosto. — Ahhhh! Desculpa aí, rapaz, és fácil demais. Não, não havia nada a ser dito. Tomamos algumas bebidas, falei um pouco da real, e tu fostes embora. Embora se me recordes bem deixastes aquele beco todo vermelho na saída.

Tive um impulso repentino de esfregar as mãos. Coçavam com aquelas manchas de sangue antigas:

— Bem... realmente não tive escolha—

Ebb fez um gesto despreocupado:

— Bah, não te preocupe com isso. O Harmonium mal consegue conter o número de idiotas inúteis nesta esquina da Colmeia... er, não diz que disse isso. Em todo caso, eu ficaria de olho no barman se fosse tu.

Assenti:

— Obrigado, Ebb.



Atrás do balcão havia um homem de pele curtida com apenas um toque de cor acinzentada no rosto. Seus dentes pareciam mais afiados do que o normal, e seus olhos estavam cheios do tédio de quem viu de mais. A voz era nasal e cortada, e fervilhando de raiva como se eu lhe tivesse feito algo de errado:

— Você de novo, hein? O que quer desta vez?

Piscei:

— O que quer dizer?

— Sim, “você de novo”. Tem problema de audição ou coisa assim? Estava aqui uns quinze anos atrás, ficou bêbado, destruiu o lugar, e deixou uma pilha de moeda que não foi suficiente pra pagar os danos. Então arrancou o próprio olho sangrento e me disse que voltaria para reclamá-lo quando juntasse duzentas moedas. Com quinze anos de juros, você tem umas quinhentas moedas. Você

tem o dinheiro, parceiro, eu tenho seu olho.

Gaguejei:

— Quinhentos? Isso é ridículo!

Ele pausou por um momento, considerando:

— É mesmo. Olha bem. Me dá trezentos, e o olho é teu.

Pensei a respeito, pensei mesmo. Mas diabos, se era um pedaço do meu passado não podia me dar ao luxo de ser mão-fechada:

— Fechado. Aqui está o dinheiro.

— Fechado.

Ele tirou do bolso uma garrafa escurecida, vedada com cera, de boca larga. Havia o som de líquido chacoalhando dentro, junto com um ruído mais pesado e mais mole. Abrindo-a, o fedor de algum tipo de agente conservante quase me fez engasgar... Poderes acima esta cidade maldita deveria vender mais tampadores de nariz e perfumes. Flutuando na lama viscosa estava um globo ocular.

— É melhor descobrir o que quer fazer com isso... — o barman disse sabiamente. — Agora que o expôs ao ar, pode muito bem colocar um ovo em conserva na jarra por tudo que vai adiantar. Resolve logo, camarada... ovo em conserva ou não?

Isso ia doer.

Com um momento de hesitação, alcancei meu globo ocular e o pus na palma da mão. A dor foi incrível. Minha visão se distorceu, e por um momento fiquei levemente sobrecarregado com uma sensação de vertigem enquanto o olho arrancado apontava em uma direção estranha, as duas imagens não se fundindo bem. O barman prestativo cortou o nervo óptico, e direcionou minha mão para o pote de gosma no balcão. Depositei meu olho ainda vivo no conservante, enrolei os dedos ao redor do antigo, e o deslizei para dentro do globo ocular vazio.

Assobiaram com a sensação da salmoura encharcando a carne tenra do globo ocular nu, mas após um momento conseguia sentir o nervo óptico se reacoplando ao novo olho... e de repente um clarão de memória estralou como um açoite.

Lampejo. Olhei para baixo para a vasta extensão de terra selvagem e sempre mutante se estendendo abaixo, um grupo de abutres humanoides mergulhando em minha direção, armas cruéis prontas para golpear, e mantive minha própria lâmina brilhante apertada no punho...

Lampejo. Três valentões me rodeavam, nas cores de um inimigo que não conseguia identificar com precisão. Adagas longas cintilavam em suas mãos, e a luz faiscava cruelmente dos dentes expostos. Olhei para minhas mãos marcadas de cicatrizes, e soube que logo estariam cobertas de sangue...

Lampejo. Uma enorme criatura semelhante a um sapo veio saltando pelo caos, em minha direção com uma boca cheia de dentes. Lancei meu dardo pela matéria cambiante e preguei a criatura em um plinto de pedra súbito... e CONHECI as formas de combater mais uma vez.

Me encontrei curvado sobre o balcão, gemendo enquanto as memórias recuavam como água escorrendo de pedra e o barman resmungava como se eu não tivesse acabado de arrancar meu próprio olho e substituir por um em conserva:

— Apressa-te, tás? Tenho clientes pagantes.

Pisquei aquele olho algumas vezes. As coisas estavam um pouco embaçadas, mas mesmo enquanto os segundos passavam as imagens iam ficando mais claras enquanto a carne se regenerava:

— Nos traz algumas bebidas.

Satisfeito por não estarmos prestes a nos enrolar, o barman assentiu:

— Quer uma bebida, tá conseguindo. Isto é o que temos: cerveja, bitter, hidromel, água elemental, vinho de fogo Arborea e sementes, vinho-coração de Curst, e uísque de Baator. O que vai ser?

Morte chilreou:

— Mmmm... hidromel.

— Solicitarei uma xícara de chá de shiftspice.

— Ach, se o chefe tá pagando acho que posso me contentar com o vinho de fogo.

Assenti:

— Uísque.

O barman colocou um shot de alguma substância fumegante que parecia urina fervente na minha frente. Os vapores que flutuaram em minha direção, porém, eram exquisitamente tentadores. O sabor, embora quase insuportavelmente quente, era tão defumado quanto o aroma — a sensação do licor queimando até meu estômago era quase dolorosa, mas até essa dor era doce. Os olhos do barman arregalaram:

— Ainda de pé? A maioria das pessoas não consegue nem passar pela metade do primeiro shot.

Dei de ombros:

— Me sinto bem. Não sinto nada.

O barman me estudou cuidadosamente enquanto punha os outros copos. Cutter, tem alguns que têm imunidade natural a venenos e coisas assim. Alguns chamam o álcool de veneno. Se for esse o caso, boas chances de você ter uma defesinha e tanto contra envenenadores.

Sorri para o copo vazio:

— Olha só...



Capítulo 43

Entramos num pequeno cômodo. Vi uma tiefling esguia de pé com as costas para mim. Notei que tanto suas mãos quanto a mesa virada diante dela estavam empapadas de uma camada fresca do que parecia ser tinta rosa. Parecia completamente alheia à minha aproximação.

Cumprimentei-a. Ao som de minha voz, a garota virou a cabeça para me encarar. Seu rosto, embora um tanto sujo e salpicado de pingos de rosa, era de uma beleza marcante. Abriu um sorriso largo e levemente travesso, depois voltou a atenção para a tela improvisada.

Tentei falar com ela, mas a garota tiefling parecia totalmente imersa em sua arte. Me ignorou completamente.

Desse cômodo um corredor curto se abria, com portas em ambos os lados. Havia outro habitante no corredor, e imaginei que sua reação seria suficientemente típica — ele atacou. Foi despachado rapidamente, tolo que era ao enfrentar quatro contra um.

O resíduo pungente de energia crepitava nas pontas dos dedos enquanto olhava para o cadáver com sombria satisfação. O buraco no peito dele exalava fumaça, e os

olhos ainda estavam arregalados e brilhantes de loucura.

Esses Xaositects eram realmente tão malucos quanto se dizia. Quando não tentavam me pintar com uma lâmina, falavam um absurdo completo.

Num dos cômodos tropecei com um homem idoso vestido em trapos andrajosos. Ao me aproximar, descobri que ambos os olhos lhe faltavam. O tecido cicatrizado das pálpebras havia recuado para dentro das órbitas vazias, dando a seu rosto a aparência macabra de um crânio em decomposição.

— Saudações.

O velho se virou vagamente na minha direção, os braços estendidos como se me apalpassem no ar:

— Escuridão quem seja em voz? Amigo as palavras direi de você e chamar caos.

— Falar as palavras do caos e me chamará amigo? Esse latim embaralhado é realmente necessário?

— Ugh, é só um Caótico velho e maluco — Morte resmungou. — Deixa quieto antes que chame os outros cães atrás de nós.

O velho inclinou a cabeça de um lado, o olhar sem visão fixo no espaço vazio:

— Caos de você não é. Não! Pote! Bote!

Gemí:

— Todo mundo aqui perdeu o juízo?

— Esse é mais ou menos o ponto, chefe.

— Andar, não falar. Falar completo. Completado para conclusão!

O velho fez um gesto de dispensa e virou as costas, aparentemente tendo encerrado a conversa.

Fechei a porta atrás de nós ao sair, me dirigindo para outra:

— É óbvio que não chegaremos a lugar nenhum perguntando a esses loucos. Teremos que encontrar nosso próprio caminho.

— Talvez não — uma voz sussurrou.

Dei um pulo.

Ao olhar mais de perto notei uma figura escondida entre as sombras no canto do cômodo. Quando me aproximei, uma jovem mulher saiu para se revelar. Estava vestida numa túnica folgada que, junto com o cabelo curtíssimo e a estrutura esguia, lhe dava uma aparência bastante andrógina. — Devo dizer, é um alívio enorme ver pessoas que não embaralham as palavras nem mordem as paredes. E eu não entraria aí se fosse você.

Acenou na direção da porta na parede sul.

— Por quê? O que há além da porta?

Ela fez uma careta ao som de minha voz, colocando

um dedo nos lábios para indicar silêncio. Pausou por um momento, depois respondeu em voz baixa:

— Uma porção inteira desses lunáticos uivando, é o que tem. Parece que estão tendo algum tipo de reunião. Não tem como passar para o beco até eles se dispersarem.

— Quem é você?

— Meu nome é Sybil.

Ela sussurrou quietamente, depois cuspiu na palma e estendeu a mão para apertar a minha. Cumpri com relutância enquanto a bola esguichava contra minha palma.

— O que estás fazendo aqui?

— O que parece que estou fazendo? Estou me escondendo. Entrei aqui procurando... comida.

Mas notei que enquanto falava, a mão direita se movia instintivamente para a bolsa na cintura.

— Só um pouquinho de fome, hein? O que há na bolsa?

Parecia prestes a responder, mas se conteve. Me encarou por um momento, depois deu de ombros:

— Tudo bem, tudo bem... então sou ladra. Uma menina precisa ganhar a vida de algum jeito. O que importa pra você? Obviamente não é do Harmonium, e definitivamente não é com os selvagens lá dentro.

Sybil olhou por cima do meu ombro:

— Bem... olá, Annah.

Olhei para trás, e por um momento não a localizei. Annah havia se esgueirado para as sombras enquanto conversávamos. Não havia percebido que ela também se escondia.

Seus lábios preto-avermelhados se torceram num esgar:

— Bom, não esperava te ver aqui. Mas ficar presa como um Lim-Lim num saco molhado, isso é clássico da Sybil, aye?

— Hmph. Bem, com teu barulhão terias desistido na porta da frente. Depois terias ido vasculhar mais deaders, talvez?

Annah sibilou:

— Pelo menos eu luto pra sair, sua ratazana de beco!

— Ah claro. Brigar como bêbada sempre foi teu estilo, não foi? Sem necessidade de graça, ou de se esgueirar suavemente — Sybil sorriu. — Nada melhor que uma ladra que é dura como martelo e igualmente silenciosa, hein? E uma que só sabe lidar com marcas que estão frias, rígidas e prontas pra laje.

Um músculo na bochecha de Annah tressaltou, e por um momento tive certeza de que iam partir para a briga. Em vez disso, Annah apontou o dedo para Sybil:

— Lido com você muito bem, se isso for um convite!

— Olha, meninas — Morte sussurrou — por mais excitante que seja esse bate-boca, ainda estamos num covil cheio de lunáticos.

Com isso a boca de Annah se fechou com um estalo. Sybil corrou com vergonha.

Me coloquei entre as duas e me dirigi a Sybil:

— Conheces outro jeito de chegar ao beco?

Ela suspirou:

— Talvez haja outra forma de passar por esses animais sem briga. Há outra porta que leva para lá. Pelo que consegui ver, há pilhas de caixotes de madeira ao longo da mesma parede que a outra porta. Pode ser possível se esgueirar dessa porta para a saída do outro lado do cômodo. Há só um problema...

Morte riu:

— Tem sempre um problema... não seria muito divertido do contrário.

— A porta está trancada... tentei. Meu palpite é que a chave está num dos valentões lá em cima. Não sou louca suficiente pra ir procurá-la lá, porém.

Sybil cruzou os braços e me encarou esperando.

Assenti:

— Se a chave está lá em cima... vou encontrá-la.

Sybil sorriu aliviada e recuou para as sombras:

— Se conseguir sobreviver tempo suficiente para encontrar a chave, a porta fica num cômodo a sudeste. Ficarei observando das sombras. Se conseguir desbloquear a porta e chegar ao Beco inteiro, estarei logo atrás de você.

Vasculhamos ao redor procurando um jeito de subir, os dedos grudentos para qualquer migalha que pudéssemos encontrar. Algumas moedas soltas aqui, alguns encantos de coágulo ali. Foi fácil até toparmos com certa caixa.

— Hsst! Cuida dos seus ossos feios, seu idiota sem noção! — Annah sussurrou, me agarrando pelo pulso quando eu estava prestes a dar uma olhada dentro. — Essa aí está armadilhada.

— Como sabes?

— Um fio fino... e um gatilho embaixo da tampa. Esses olhos não mentem.

Com isso seus olhos seguiram o fio, levando-a a uma caixa coberta de poeira do outro lado do cômodo. Enfiando uma adaga sob a tampa para manter o gatilho abaixado, Annah levantou a tampa e retirou a pequena bolsa de moedas dentro.

— Obrigado, Annah.

— Sem necessidade. Fico com essa.

Não discuti.

Com um pouco mais de vasculhar, encontramos a escada para cima.

— Oi, ouviram isso? Os ossos da vimeira são lúgubres no som, e adoçaram o tutano da terra dançante — uma voz rouca murmurou.

— Nay, é um rato. Vai embora seu idiota, é meu! Tem uma mensagem pra mim, tem, do conselho sussurrante pra ver qual matar a seguir.

— É só um rato seu maluco! Melhor comer antes que conte onde o Nimbo de Nove se esconde hoje à noite.

— NÃO! NÃO eles voam com asas carmesim, e vão colocar todos os que riem no abismo se não apaziguarmos em sorrisos azul-borrado!

Com o bate-papo louco e inane nos ouvidos, eu tinha dificuldade de me concentrar. Pelos Poderes conseguia sentir meu prosencéfalo tentando se abrir caminho pelo crânio só para silenciar a insanidade.

Abri a porta e me deparei com dois valentões impassíveis. Seus cabelos estavam em desordem, e seus lábios estavam salpicados de sangue enquanto um segurava o cadáver amassado de um rato craniano na mão. Olhos azuis suaves brilhavam e redemoinavam com os motes do caos enquanto me encaravam como se esperassem minha chegada.

— Olá — disse, e acertei o valentão mais próximo com

quatro mísseis mágicos cor-de-rosa.

Dois contra um... foi fácil demais. Dak'kon se moveu velozmente e sua lâmina disparou para cima, empalando a cabeça do valentão pelo queixo, fixando a mandíbula fechada para que não pudesse gritar, nem mesmo na morte. Morte barrou pelo meu ombro, dando uma cabeçada no ferido e mandando-o contra a parede.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto eu segurava um dedo nos lábios. Quando nenhum barulho de botas nem o tintilar de guardas chegando veio na nossa direção, continuamos para cima.

Sangue por sangue trocamos lâminas com os Xaositects. Uivavam loucura enquanto lutavam, movendo mãos e pés em padrões aleatórios difíceis de bloquear. Seus passos jerky tinham se tornado uma dança intrincada para esquivar nossos golpes, e à distância um cântico não familiar crescia em volume enquanto sentia o zumbido familiar da Arte se encaixando na realidade.

Droga.

Suas habilidades eram diretamente contrárias ao Caminho de Zerthimon, mas eficazes à sua maneira. Sob o peso de nossa magia e aço, porém, os Xaositects desabaram, e vasculhando as vestes fumegantes do mago morto recuperei a chave.

A partir daí foi simples nos esgueirarmos pelos

Xaositects restantes, rastejando atrás dos caixotes para a segurança.

Sáímos para o ar fresco da noite, e embora não fosse bem o mesmo alívio que sentimos ao voltar para o fedor da Colmeia depois de presos nas Nações Mortas por tanto tempo, ainda assim era reconfortante estar fora daquele labirinto de loucura.

— Devo dizer, camarada... estou impressionada. Achei que esses animais iam te triturar — uma voz familiar chilreou atrás de mim, e de novo quase saltei um metro no ar.

Sybil sorriu:

— Desculpa. Bem, acho que devo agradecer.

Pausou por um momento, depois enfiou a mão na bolsa e retirou uma pequena gema verde:

— Aqui... essa é por conta dos Dogs. Até mais, camarada.

— Adeus, Sybil.

— Ach. Odeio aquela moça — Annah rosnava.





Capítulo 44

Os casarões vazios estavam cheios de poeira e cinza. Aqui e acolá portas estavam semiabertas, algumas mal se aguentando em dobradiças ou fechaduras enferrujadas. Alguns mal serviam para se ficar dentro, outros estavam quase em ruína. Os que ainda se mantinham erguidos orgulhosos estavam curvados sob o peso dos anos, presos por pregos e tábuas martelados por uma mão servil e incansável.

Conseguia ouvir o martelamento de longe.

Um dabus flutuava entre as casas velhas pregando tábuas e tapando buracos em seu dever incansável. Assim como eu não via nada de notável nele (a criatura parecia qualquer outro dabus que já havia visto), ele não via nada de notável em mim, nem em nenhum de nós. Em nenhum momento levantou os olhos do trabalho, nem para lançar um olhar a um estranho que acabara de entrar em seu domínio árido. Tudo que conhecia era seu dever, que cumpria com graça metrônômica.

Clang. Clang. Clang.

Enquanto caminhávamos o martelamento foi ficando mais distante, e um vento frio soprou pela rua estreita.

Enquanto açoitava os prédios em decomposição soava a meus ouvidos muito como um gemido. Os prédios rangeram em resposta, como se ansiassem pela agonia e benção da libertação.

Um prédio, no entanto, parecia ter resistido à prova do tempo. O que mais poderíamos fazer senão entrar para investigar?

Embora bem conservado, esse prédio não era mais habitável que o resto. O chão estava úmido e verde de mofo antigo, e o que havia de mobília havia apodrecido há tanto tempo que devia ter desmoronado se não fosse pela resistência persistente da madeira.

Dak'kon sussurrou algo que não consegui entender, e Annah ficou imóvel, movendo-se apenas para traçar um círculo sobre o coração ao reconhecer o que havia no canto do cômodo.

Era o cadáver murchado de um dabus, a carne manchada e amarela de putrefação. O fedor de sua decomposição era sufocante e, pela aparência de sua postura rígida e não-natural, o rigor mortis extremo havia se instalado há muito enquanto o resto apodreceu. Aquele grande topete de cabelo branco prendia-se frouxamente ao couro cabeludo, como se pudesse ser arrancado com uma leve puxada como grama de raízes fracas em solo úmido.

Levantei a mão, alcançando com o poder das Histórias-que-Ossos-Contam que havia aprendido com Maria Mofada.

— O que estás fazendo? — Annah sussurrou. — As criaturas estão sob a proteção dela! Não podemos mexer com elas sem cuidado, aye?

— Só quero falar com ele — disse com calma.

Ao alcançar com meu poder houve um fraco tremor no ar, e o corpo do dabus ficou embaçado por um momento. Senti uma dor estranha e lancinante no crânio, como se alguém martelasse nele, aguda, desesperadamente.

Tentei focar, e o esforço era como tentar nadar num campo de fragmentos de ferro frio, afiados e penetrantes como cada martelada que soou em meu cérebro.

Minha visão ficou negra por um momento e a dor do martelamento desapareceu, até parecer que vinha de fora do crânio. A escuridão se desfez, e conseguia ouvir o martelamento vindo de fora do prédio. O prédio inteiro parecia de alguma forma nebuloso, confuso, como se o estivesse vendo através de uma névoa.

O martelamento morreu, e pelo canto da visão uma versão espectral do dabus flutuou para a vista, entrando no prédio. Ao fazê-lo, as janelas e as portas se tornaram como água, de repente selando a entrada por onde o dabus veio. Dentro, o dabus se virou, pausou, e então

começou um circuito lento do cômodo, examinando as paredes e martelando em cada uma delas uma vez, como que testando.

O dabus completou seu circuito do cômodo, depois pausou pela “porta” por onde havia entrado. Começou a martelar, lascando a pedra, mas a cada golpe a parede se reparava. A visão desbotou para o negro, e o martelamento continuou, primeiro num ritmo constante, depois mais devagar, depois mais devagar ainda...

— Acho que devia mordê-lo? Não está voltando... acho que devia mordê-lo.

— Bater nele não ajudou. E ele não está morto, não está. Ach, isso é ruim...

— Oh não sei, sombriazinha. Tudo parece bom desse ângu-EEEEEE!

Minha mão disparou e agarrou o pulso de Annah antes que ela arrancasse os olhos de Morte:

— Nngh... estou bem — disse, bamboleando ao me levantar. — Dabus não se comunicam em palavras... suponho que falar com o espírito deles tenha resultados igualmente estranhos...

— O que viestes a *saber*? — Dak’kon entoou enquanto Annah jogava Morte de lado, fazendo-o chacoalhar pelo chão até conseguir se reequilibrar.

— Este prédio... está vivo de alguma forma. Prendeu o

dabus e o deixou murchar aqui.

Esfregando um nó no tēmpora para tirar o resto da névoa, havia pouco mais a dizer enquanto saíamos apressados.

— Bem, se terminou de trocar real com deaders, segue-me então — Annah disse, nos guiando pelo resto do caminho.

Depois de algumas curvas e voltas, paramos diante de um portão alto e sólido de madeira antiga. De alguma forma as dobradiças giraram suavemente sem o menor guincho quando Annah empurrou, revelando uma escada descendo para um pátio aberto.

Descendo as escadas, fiquei nervoso, como se estivesse começando a descobrir algo melhor deixado escondido. Havia algo tabu em descobrir o destino de minha encarnação anterior. Sentia como se tentasse recapturar um sonho, evanescente como uma memória esquecida e tão impossível de agarrar quanto fumaça presa nas pontas dos dedos.

— Este é o lugar — Annah disse, parando num ponto solitário e se virando para me encarar. — Encontrei-te deitado exatamente onde estamos.

Teria esperado uma mancha de sangue, ou um contorno onde eu havia deitado.

Outra brisa agitou o pó do chão, mais forte dessa vez.

Não havia venezianas para chacoalhar nem pedaços de tecido frouxo para tremer, mas o próprio beco parecia respirar. Era um vento inchado que passou por nós, ansiando com o gemido de uma criatura transbordando de dor e paralisada de dores sufocantes.

No canto da visão as paredes pareciam se dobrar e deformar levemente, logo além de meu olhar. Quando virava a cabeça para capturar um vislumbre não via nada, mas olhando para meus companheiros eles pareciam sentir o mesmo.

Quando o vento se aquietou uma seção da parede estremeceu, ondulando e se estendendo enquanto tijolo se tornava suave e pedra amolecia. Fixo no lugar observei enquanto a pedra se moldava como se de argila e se suavizou num brilho bronze opaco na noite escura e sem estrelas.

Encarei, pasmo com o espetáculo bizarro. O que parecia ser uma parede de tijolos ordinária e sem graça pulsava, palpitando de movimento. A parede se expandiu com elasticidade curiosa, se projetando para fora como se alguma força invisível tentasse abrir caminho pelo obstáculo do outro lado. Lentamente, a massa ondulante começou a se assentar, suas curvas ficando cada vez mais pronunciadas, e nos encontramos ao nível dos olhos com a caricatura pétrea de um rosto humano.

— O que é isso...? — murmurei. Dak'kon ficou parado

de admiração... talvez esta cidade se *conheça* afinal...

— Não sei — Annah encarou o rosto incrédula, os dedos nervosamente acariciando as adagas. — Mas sou a favor de sair antes de descobrirmos, aye?

Algo me incomodava no fundo da mente:

— Ainda não. Há algo...

De repente, uma forte brisa começou a soprar ao nosso redor e o ar se encheu de um suspirar estranhamente inquietante. Mais lamentoso que o vento e mais alto que o desespero, a brisa crescente ficou mais forte, carregando outros sons também: o ranger de tábuas, o farfalhar de folhas, e o ranger de pedra contra pedra. Depois de alguns momentos, o estardalhaço deixou de ser uma cacofonia de sons individuais e começou a se fundir num som articulado. Conseguia distinguir uma voz, uma voz que falava suavemente, mas parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo.

Hesitante mas ansioso por respostas, me aproximei da entidade e falei:

— Você me conhece?

O vento ao nosso redor havia parado, mas a voz ainda estava presente de alguma forma.

— *Quem és tu?*

a voz disse simplesmente, tão sem expressão quanto

aquele rosto de pedra diante de mim.

— Onde estou?

— És... a voz do próprio Sigil? — Dak'kon perguntou. Sua voz, fria e uniforme como a brisa, parecia se mesclar com a do Beco.

respondeu, e Dak'kon permaneceu em silêncio, nem satisfeito nem insatisfeito.

— As coisas em Sigil quase nunca falam a real direta — Morte resmungou.

Olhei para o ponto onde Annah estava:

— Disseste que me viste destruído... onde?

— *Sabes o que aconteceu contigo?*

Me concentrei na voz estranha composta de sons ao meu redor. Em algum lugar, nos recessos mais profundos de minha mente, houve um breve lampejo de recordação. Sentia como se houvesse algo vagamente familiar nos sons...



Enxamearam ao meu redor, com garras de névoa e olhos cheios de ódio: ódio por tudo que vive e pelo que lhes foi roubado. Enquanto aquela multidão silenciosa me cercava o Beco ficou em silêncio, e apenas observou enquanto fechavam na carne que tanto invejavam.

Aquelas espirais afiadas de sombra estalaram como um açoite, e as pontas em forma de adaga me perfuraram a garganta e o peito. Minhas mãos ficaram desajeitadas, em vão cobrindo o sangue e tentando despejá-lo de volta nos ferimentos enquanto eu bamboleava.

Outro estalo, chamuscando um ferimento nas costas. Outro, rasgando aberto meu ventre.

Estava vagamente consciente de meu corpo batendo no chão com um baque pesado, e na borda opaca de minha consciência fraquejante era grato por não sentir aquelas garras enquanto começavam a rasgar minha carne.

Uma cauda passou pela fresta do portão, como para atrair qualquer presa a investigar. Mas as ruas abandonadas estavam em silêncio exceto pelo suspiro wistful que permeava o beco inteiro, e depois de alguns momentos o portão se abriu um pouco mais, enquanto uma jovem tiefling esguia espetou a cabeça e se esgueirou para dentro.

Era bela, com cabelo vermelho-ferrugem e pele branca como leite, a armadura rangendo pouco mais que couro simples enquanto se movia.

Ajoelhando sobre o cadáver, a cauda fez um trejeito mais. Mais um deader para os Dusties, e era isso.



A voz do Beco ressoou em meus ouvidos, dispersando as imagens de minha mente e me trazendo de volta ao presente.

— *Estás morrendo?*

— *Dividir?* — perguntei, genuinamente confuso.

O lábio de Annah se curvou:

— Uh, deve ser algo no “jeito.”

Piscai:

— Do que estás falando?

— Acho que está grávido.

— Oh.

— Que loucura — Morte chilreou. — Então onde estamos tecnicamente agora?

— Realmente não quero saber a resposta, Morte.

A voz continuou enquanto o vento crescia em volume, abafando nossa tagarelice. Se essa era a única saída, assenti:

— Do que precisas para dividir?

— Queres que eu mate o dabus no Beco?

— Oi, chefe... realmente não acho que isso seja boa ideia — Morte alertou. — Esses cabeça-de-chifre podem ser irritantes como sarna mas ainda estão sob a proteção dela.

Annah assentiu com relutância ao se descobrir concordando com o crânio.

— Não temos outra escolha — disse, subindo as escadas.

Seguir o martelamento contínuo do dabus foi simples. Livrar-me dele, porém, não seria tão fácil.

A criatura martelava uma tábua quando me aproximei:

— Saudações.

Virou para me encarar, e uma série de símbolos apareceu ao redor de sua cabeça.

<Devo cuidar de meus deveres. Sem tempo para falar.>

O que veio em seguida foi difícil de dizer, palavras honestas que eram. Por mais que tentasse me convencer de que tudo que fiz foi dizer a verdade, e que não havia maldade nisso, não conseguia deixar de sentir culpa no fundo do ser:

— Entendo. Só achei que devia saber que descobri o corpo de um dabus neste Beco.

O dabus inclinou levemente a cabeça para um lado. Vários símbolos jorrou acima de sua cabeça, a maioria indicando surpresa e angústia em vez de palavras.

<Morto? Onde?>

— Jaz num prédio abandonado não muito longe daqui. Parece que ficou preso de alguma forma.

O dabus me encarou brevemente, depois curvou levemente e flutuou na direção do prédio abandonado.

— Adeus — murmurei, e em seu choque o dabus não conseguiu perceber o tom de finalidade em minhas palavras.

Voltei ao rosto de pedra me sentindo drenado. Já havia precisado matar para me proteger antes, mas isso era algo semelhante a um assassinato. Maior e mais terrível, talvez, ao fazê-lo a um dabus. Certamente estas ruas já haviam visto piores em seu tempo, mas no fundo do estômago sentia... enjoo. O silêncio após tal ato era insuportável, e uma ou duas vezes olhei sobre o ombro, como se a cidade inteira soubesse o que eu havia feito. Mas mesmo que a Senhora mesma fosse testemunha de minhas ações, teria rasgado a carne dos meus ossos no instante em que falei.

Melhor não me deter em tais coisas, mas eu temia que teria que fazer pior nos tempos por vir.

Os vários sons ambientes do Beco mais uma vez assaltaram meus ouvidos, e através deles a voz falou.

— Falei com o dabus. Lhe disse sobre o irmão morto e ele foi investigar.

— Podes agora dividir sem interferência, correto?

Com isso suspirei, vasculhando a mochila, retirando um pé-de-cabra, depois um martelo.

— Mãos à obra, pessoal.

Com a falta de mãos, Morte vibrava das arquibancadas e Annah e eu suamos e resmungamos, e Dak'kon trabalhou com silêncio estoico. Tábuas foram arrancadas de um prédio, pregadas de volta em outro. O chão tremeu levemente enquanto parecia afundar aliviado, e os prédios rangeram como se estirando ossos velhos e cansados.

Voltamos ao rosto bem quando o céu começava a brilhar com a nova aurora.

— Revertemos os reparos como pedido.

De novo o vento começou a soprar ao nosso redor, dessa vez com intensidade feroz. Os sons onipresentes do Beco começaram a crescer em volume até que o murmúrio suave da voz era quase abafado pelo estardalhaço que se seguia. Uma seção do comprimento da parede onde o rosto repousava desmoronou, caindo ordenadamente até não restar pedra sobre pedra. Um vento fresco e limpo soprou pela abertura, carregando o cheiro de argamassa molhada, madeira recém-cortada, e metal novo e nítido.

E prédios velhos começaram a desmoronar. A voz nos impelia.

Ficamos na nova entrada hesitantes, mas enquanto as paredes começavam a se deformar com essas palavras finais, o rosto desmoronou.

Corremos. O chão sob os pés sacudiu violentamente enquanto nossas botas rachavam contra o pavimento,

rolando como água e se estirando como taffy. O vento se intensificou ao nosso redor, uivando, urgente num gemido quase humano, como um homem na beira de um espirro. Pedras caíram e tábuas estalaram ao nosso redor enquanto corremos pelo corredor, e raios crepitavam no ar enquanto a cidade velha cedia lugar à nova, ruas parindo novas ruas, casas se dividindo em novas casas.

As pedras de calçamento pipocaram ao longo da estrada como bolhas enquanto a nova seção da cidade deu um último tremor, nos expelindo como uma secundina. Tumbando pelo ar numa nuvem de poeira cinza e amarela eu gritei. Os gritos agudos e palavrões ecoando atrás de mim poderiam ter sido Morte ou Annah por tudo que sabia.

Tudo que sabia era que quando pousamos foi flat em meu cóccix, que estalou sob meu peso. Annah se tucou e tombou graciosamente por mim, tropeçando apenas levemente ao se equilibrar, enquanto Dak'kon deslizou pela poeira até parar ao meu lado. Uma pequena esfera branca veio tumbeando por mim, guinchando ao rachar contra o pavimento, quicando uma, duas vezes, antes de rolar para parar à distância.

Gemí, esfregando o traseiro enquanto Dak'kon me ajudava a levantar, e um comerciante muito surpreso em belas roupas bege me encarou de cima:

— Bem... bom dia, senhor.

Ele me olhou de cima a baixo na poeira e na areia, a saia esfarrapada e o colar de ossos:

— O senhor parece que poderia estar interessado em roupas finas.



À distância Morte tossiu e raspou a poeira da língua com os dentes. Lábios ou um palato mole teriam sido uma bênção, mas poderia ter pedido um corpo se fosse por esse caminho.

Esse aqui é mais louco que todos os outros juntos, Morte resmungou para si mesmo. Mas pelo menos está indo mais longe que a maioria dos outros pobres idiotas.

Levantou, e era tão simples quanto levantar seria. Imagine uma perna, depois a outra, e apenas pense em se mover. Olhando ao redor, Morte assobiou um sopro de ar entre os dentes. O Distrito Inferior... que delícias esperavam aqui.

Nas sombras duas vozes sussurravam uma para a outra, agudas e chiadas e o hálito fétido com o cheiro de carne podre.

— É esse aqui?

— É um crânio, né? É o que ELE quer. Pega.

Morte se virou bem quando um saco pipocou sobre ele

e se fechou com um estalo:

— Ei! O que estão fa—

Ele se debateu, tumbeando contra a serapilheira velha. Seus dentes deslizaram inutilmente contra o pano grosso e fedorento.

— Ei! Solta! Ajuda! AJUDA! — Morte gritou.

No fundo de sua mente, desesperou que desta vez, poderia perder de vez toda esperança de um dia se aninhar entre um par de mães saltitantes.



— CHEEEEEEEEEEEEEEEFE!!!

Com os guinchos agudos de Morte nos ouvidos, empurrei o comerciante cujo sotaque culto e afiado contrastava gritantemente com o palavrão que murmurou. Uma mão amparava meu cóccix estilhaçado enquanto eu me arrastava. Olhando ao redor tudo que via era uma cauda verminosa enquanto dobrava a esquina de um prédio.

Meus pés estavam entorpecidos e pesados enquanto tentava seguir, mas dar alguns passos já provou ser demais. Caí de joelhos enquanto Dak'kon corria atrás da voz de Morte, desaparecendo na distância rapidamente demais para alcançar.

Bati o pavimento com o punho, me xingando por ter acrescentado mais um osso quebrado à lista, e xingando os que haviam sequestrado meu companheiro. O primeiro amigo que havia feito nessa nova vida bizarra.

Annah se agachou ao meu lado, dizendo algo que eu mal conseguia ouvir através da névoa de dor e raiva.

Droga. Morte.



Com ossos doendo e torcidos com a velhice, Pharod sentou com cuidado na palma de seu trono. Os dedos se curvavam levemente para dentro, e uma vez com as almofadas certas haviam apoiado sua espinha da forma certa. O tempo, porém, não havia sido gentil com ele. Seus ossos haviam dobrado com o peso dos anos, e toda vez que se levantava daquele assento, doía.

Fitou seu reflexo lançado pelo orbe em seu colo. Seu rosto, manchado de mostarda doentia pelo bronze, era tão deformado quanto seu corpo.

Com cuidado chupou um dente. Mais um estava frouxando, amarelo e mofado, fedendo com o gosto azedo de carne apodrecendo enquanto ainda vivia. No Distrito dos Escribas poderia ter chamado um dentista. Talvez os serviços de cura de um clérigo. Uma poção para

curar seus males teria sido uma ninharia, mas aqueles dias haviam murchado há muito quando fugiu para as profundezas em desespero, buscando uma maneira de enganar a condenação que seguiria na morte.

Pharod acariciou a superfície do orbe gentilmente, e o metal rastejou sob as pontas dos dedos. Tudo que precisava agora era aprender como usá-lo. Talvez um oráculo, ou—

Um frio varreu o cômodo. A Corte do Vento Podre havia ganhado seu nome com o aroma empoeirado de detritos antigos, não de correntes de ar estranhas. Correntes de ar não faziam bem para seus ossos velhos. Mas frio havia, o tipo de frio doloroso que vem devagar, devorando o calor de uma brasa cintilante enquanto um pai se encolhe sob um cobertor durante o inverno, lamentando os filhos todos perdidos na guerra. Era o frio que entorpece uma mãe ao ver o rosto pálido de seu bebê natimorto, e se perguntar o que poderia ter feito para mantê-lo vivo. Era a geada que se abate sobre uma vila morta, cobrindo os cadáveres rígidos nas ruas com apenas um sobrevivente solitário se perguntando por que foi poupado.

Era o frio do arrependimento.

Pharod puxou os cobertores para si com dedos nodosos. Enquanto as brasas diminuía traçou um círculo sobre o coração como se pudesse afastar a escuridão que avançava.

E elas vieram, cintilando para a substância a partir das sombras. Uma por uma se desenhavam da escuridão. Seus corpos eram deformados e esfumaçados, olhos cinzas de lágrimas não derramadas. Voltas de névoa serpenteavam de seus crânios como o cabelo de cadáveres inchados balançando no mar frio. Seus dedos eram longos e pontiagudos como agulhas, e flexionavam como se ansiosos por provar a maciez da carne viva.

A voz de Pharod rangeu quando falou:

— Se... se vieram por mim —

Parou, tentando encontrar as palavras, e elas saíram num gemido como o ganido de um cão de beco faminto:

— Tenho a esfera. Tenho-a!

Pharod ergueu o orbe de bronze, e aquela superfície amarela doentia distorceu ainda mais aquelas formas dobradas e esfumaçadas. As criaturas flutuaram para ele em silêncio, e Pharod se agarrou à esperança desesperada de que a esfera as manteria à distância de alguma forma.

— Tenho a esfera... — ele gemeu.

A garganta doía, e lágrimas se encharcaram em seus olhos.

Os sons de fumaça chicoteando contra carne preencheram o salão alto da Corte do Vento Podre, e havia o estalo úmido de carne e osso sob a faca de um açougueiro. Em algum lugar no meio do barulho havia um

grito úmido.

Quando as brasas voltaram a cintilar, o sangue havia esfriado nas pedras.



A aurora estava clara e brilhante sobre o distrito limpo e bem cuidado. Sigilenses em roupas mais ricas, de seda e veludo em cores vivas e recém-tingidas, nos encaravam. O ar cheirava limpo, se um pouco acre com o menor toque de fumaça e saboroso com a riqueza de pão recém-assado. À distância o murmúrio da cidade crescia. Sigil estava se agitando com a luz da manhã.

Seria um dia lindo.



Capítulo 45

Tentei me perder no barulho de vendedores e compradores, comerciantes apregoando suas mercadorias e a algazarra de regateadores em debates acalorados sobre o preço certo dos bens. Alguém poderia pensar que numa feira tão agitada como essa uma voz a menos passaria despercebida.

Suspirei, fingindo interesse numa maçã Arborea.

— Não entendo por que tá assim. Era só um crânio idiota.

— É meu amigo, Annah.

— É irritante, fala demais.

— Morte é alguém que suporta bem na dança das lâminas — Dak'kon disse firmemente.

— Oh tá bom, então perdemos uma esponja de dano, aye? Você é muito ansioso pra servir de alvo de qualquer jeito, seu maluco.

Joguei ao comerciante alguns cobs e mordi a fruta. Sua carne era ligeiramente azeda, com uma doçura que parecia resplandecer enquanto os sucos escorriam pela língua. Aliviou um pouco meu humor sombrio:

— Morte tem respostas... e quero saber por que estive

me mentindo.

Annah bufou. Dak'kon não disse nada.

Assim que havia me arrastado para fora daquela cripta antiga havia procurado um espelho. Forçando o pescoço e me torcendo um pouco havia dado uma olhada nas tatuagens nas minhas costas por mim mesmo. Embora as marcas estivessem lá e profundamente gravadas, a massa de cicatrizes e queimaduras havia tornado muitas das palavras quase ilegíveis, a menos que se soubesse de antemão o que a mensagem dizia. Não havia de se admirar que Annah e Dak'kon não tivessem dito nada sobre as instruções sombrias e o aviso terrível que se seguia. Não poderiam ter lido com facilidade.

Não confie no crânio.

Era certo que Morte havia lido essa mensagem em mim antes. Era possível que fosse um toupeira traiçoeiro. Havia adiado a questão por tempo demais por simples sentimentalismo. A ideia de ter que lidar com ele se me traísse era... desagradável.

Estava ficando encantado demais com o sujeito.



O ar do Distrito Inferior, embora livre do cheiro de lixo e corpos sujos e não banhados, tinha uma podridão que

crescia forte quanto mais fundo íamos. Enquanto as bordas do distrito eram suportáveis, a monolítica Grande Fundição se agachava no centro, expelindo vapores metálicos no céu. As ruas estavam marcadas com a chuva ácida que caía, as paredes dos prédios pareciam ter suas superfícies descascadas. Parecia que até a Videira-navalha lutava para crescer aqui, embora talvez fosse por capinagem mais diligente por parte dos moradores.

A marca da Fundição pesava mais nas pessoas. De pele amarela como um githzerai, não poucos estavam emaciados, ou tossindo em trapos por causa do veneno lento sendo alimentado em seus corpos a cada respiração. Tal era o preço de ser artesão e desfrutar dos escassos luxos oferecidos, e a paz que o Harmonium trazia.

Uma jovem mulher bonita usando roupas simples vagava pelo mercado e examinava tudo, mas não parecia fazer nenhuma compra. As pessoas pareciam a evitar, se concentrando em outras coisas como se tentando não tornar óbvio. Ela me lançou um sorriso caloroso ao me aproximar.

— Saudações. Não suponho que pudesse ajudar um estranho neste distrito.

O sorriso da garota se alargou:

— Olá, sou Karina. É um prazer te conhecer, camarada.

Continuou a sorrir:

— O que quer saber?

— Bem... tive um crânio e foi roubado de mim. Conheces alguém que faria tal coisa?

Ela piscou, e pressionou uma mão delicada ao colo:

— Um crânio? Por que queres uma coisa assim? Isso é bastante mórbido, não é? Ah bem, se quer um crânio suponho que poderia pegar um no Mortuário... bem, talvez não. Eles não gostam de dar essas coisas agora que penso a respeito... de qualquer jeito, não sei quem teria pegado seu crânio. Por que quer um crânio?

— Ele é meu amigo.

Karina me deu um olhar desconcertado:

— Sério? Um crânio? Isso soa estranho, sabe. Nunca ouvi ninguém ter um crânio de amigo. Já vi pessoas com animais de estimação e tudo mais, mas nunca um crânio. Mas você não disse que era animal de estimação, disse amigo, o que o torna mais estranho ainda.

Pausou para pensar.

Suspirei:

— Bem... onde posso comprar algumas armas?

Ela sorriu e apontou para um dos balcões:

— Anze aí vende armas. Todos os tipos de armas. Você é guerreiro? Que idiota eu sou, claro que é. Quer dizer, como poderia não ser com todas essas cicatrizes... ah, me

desculpe, não devia mencionar isso. Você não é sensível quanto a elas, é?

Dei de ombros:

— Não, já me acostumei.

Ela pareceu aliviada:

— Oh bom... não quis magoar seus sentimentos, nem os de mais ninguém. É que tem que ser cuidadoso com o que se diz a alguém, sabe? Quer dizer, as pessoas são diferentes e nunca se sabe. O que pode ofender uma pessoa pode não ofender outra. Então... de qualquer forma.

Pausou para respirar e me sorriu.

— Onde posso comprar magia?

Ela sorriu e apontou para um dos balcões:

— Aalek aí vende coisas mágicas. Você é mago? Não parece, mas acho que as aparências podem ser bem enganadoras. Não sei como um mago realmente parece, agora que penso. Você sabe?

Ri. A garota não era de jeito algum idiota, mas certamente parecia ter um talento para dizer tão pouco com tanto:

— Sim. Usam mantos com símbolos engraçados e um chapéu pontudo.

— Sério? Bom saber. Quer dizer, magos me assustam então quero saber como eles parecem. Acho que é todo

aquele poder que têm, e podem fazer coisas realmente incríveis e tudo mais, mas você não sabe como eles aparecem. Guerreiros e padres e... e... você sabe, outras pessoas poderosas simplesmente *parecem* poderosas com todo aquele material que carregam que diz que são pessoas poderosas. Mas não os magos.

Pausou:

— Você, er... realmente gosta de falar, não é?

Ela se mexeu e pareceu envergonhada:

— Eu, er... bem... Me disseram que provavelmente falo um bocadinho demais e, bem... As pessoas tendem a me evitar... e não tenho realmente amigos nem amigos do sexo masculino me cortejando... às vezes fico solitária...

A voz foi ficando mais baixa até finalmente silenciar. Ela olhou para o chão a seus pés.

Sorri:

— Não acho que você seja uma pessoa má, Karina. Particularmente gosto de você.

Annah revirou os olhos e bufou.

Ela me deu um olhar esperançoso:

— Sêrio? Muito obrigada... não sei seu nome.

Sorri enquanto mentia pela garganta abaixo:

— Sou Adahn.

Ela sorriu de volta:

— Obrigada, Adahn. É bom saber que tenho um amigo.

— Tudo bem, se queres procurar o crânio é melhor sermos rápidos com isso — Annah disse, aborrecida.



O Quinto Círculo de Zerthimon abriu naquele momento enquanto esperávamos numa esquina, e passei os olhos pelas placas que Dak'kon me entregou.

“Zerthimon foi o primeiro a conhecer o caminho da liberdade. Ainda assim não foi ele que primeiro veio a conhecer o caminho da rebelião.

O saber da rebelião veio à guerreira-rainha Gith, uma do Povo. Ela havia servido aos illithids em muitos dos Mundos Falsos como soldada, e havia vindo a conhecer a guerra e a carregava em seu coração. Havia vindo a conhecer como outros poderiam ser organizados para subjugar outros. Ela conhecia os caminhos do poder, e conhecia a arte de tomar dos conquistadores as armas pelas quais poderiam ser derrotados. Sua mente estava focada, e tanto sua vontade quanto sua lâmina eram uma só.

No turno em que Zerthimon veio a conhecer Gith, Zerthimon deixou de se conhecer. Suas palavras eram como fogos acesos nos corações de todos que a ouviam.

Ao ouvir suas palavras, ele desejou conhecer a guerra. Ele não sabia o que o afligia, mas sabia que desejava unir sua lâmina à de Gith. Desejava dar expressão ao seu ódio e compartilhar sua dor com o illithid.

Gith era uma do Povo, mas o saber de si mesma era maior do que qualquer que Zerthimon havia encontrado. Ela conhecia os caminhos da carne, ela conhecia os illithids e ao se conhecer, ela viria a saber como derrotá-los em batalha. A força de seu saber era tão grande que todos que caminhavam em seu caminho vieram a se conhecer.

Gith era uma só. Sua força era tal que fazia outros conhecerem sua força. E Zerthimon lançou seu aço a seus pés.”

Deslizei as placas fechadas.

— O que viestes a *saber*? — Dak’kon perguntou.

— Há grande força nos números, mas há grande poder num, pois a força da vontade de um pode reunir números a si. Há força não apenas em *conhecer* o eu, mas em *saber* como trazê-la à tona nos outros.

— Viestes a *conhecer* o Quinto Círculo de Zerthimon. Com este *saber*, imparto-vos isto.

Ele pegou o Círculo e com um movimento hábil, torceu um dos elos de modo que uma das placas deslizou para fora.

— Meditai sobre seus ensinamentos, e o *saber* deles vos

dará força.

— Gostaria de *conhecer* mais do Caminho de Zerthimon — entoei, como de praxe no ritual que adotáramos.

Os dedos de Dak'kon apalparam as bordas do círculo de pedra e o torceu no sentido horário, os elos clicando até se assentarem numa nova configuração. Depois reverteu o movimento, redefinindo a pedra.

— O próximo Círculo de Zerthimon está aberto a vós. Estudai-o, depois ouvirei vossas palavras.

— Talvez mais tarde — olhei a nova meditação da zerth. O Poder de Um... um feitiço de fortalecimento maior do que qualquer que havia visto.





Capítulo 46

Caos.

Era algo com que todo githzerai vivia, o que todo Zerth lutava contra. Matéria fervente e sem forma por fora, essência dura como aço por dentro. Unidos mas soberanos, ordenados no coração da desordem... o paradoxo era o pão e a água do githzerai. No entanto os ângulos e becos alienígenas de Sigil guardavam uma loucura própria, uma com a qual Dak'kon ainda não havia se acostumado.

Fazia tanto tempo que havia saído por conta própria que havia quase esquecido o peso insuportável de seu fardo, e por um tempo os elos de ferro tilintantes de um voto há muito esquecido eram um sussurro opaco no fundo da mente. Como as coisas haviam mudado... como velhas dores retornavam frescas e ardentes de novo.

Dak'kon olhou para as mãos: estavam enrugadas e usadas pelo tempo, mas já conseguia sentir sangue novo pulsar pelas veias. Havia algo diferente nessa vida. Algo diferente neste Sem-Nome.

Dak'kon ergueu o olhar, surpreso com onde seus passos o haviam levado.

“Casa de Penhores”, dizia a placa, rabiscada por uma

mão desesperada. A madeira estava gasta e marcada pela idade, descuidada e esquecida.

Isso era preocupante. A última vez que havia deixado a mente vagar assim havia levado ao desastre.

Ainda assim com um suspiro pesado o velho Zerth entrou, uma migalha varrida pelas correntes de Limbo. Guardaria sua força para lutar contra a atração cambiante em outro lugar.

A loja estava organizada de forma descuidada. Quinquilharias inúteis e bens esotéricos pesavam as prateleiras até rangerem. Embora houvessem sido espanadas e limpas com uma mão meticulosa, os itens descansavam inertes nas prateleiras. Apenas um cliente entediado examinava as mercadorias, e apenas com olhar casual. Sem ele, a loja teria parecido completamente parada.

Uma mulher rechonchuda, completa com olhos de arpão e uma voz nasal, zurziu enquanto Dak'kon entrava:

— Ora, o que temos aqui? Um cliente? Meus olhos veem um cliente?

A voz era aguda e necessitada, e Dak'kon suprimiu o impulso repentino de recuar caso ela comesse a apertar sua armadura e arrastá-lo mais fundo para a loja numa tentativa desesperada de fazer uma venda.

Um homem diminuto resmungou, colocando a cabeça

para fora do fundos da loja:

— Claro que seus olhos veem um cliente! Eles veem um cliente a tempo inteiro... clientes NA RUA! Não temos clientes, nunca teremos clientes, é inútil e desolador esperar por-PELOS PODERES! Miccah! Temos um cliente!

Os olhos se iluminaram animados no velho gith.

— É o que venho te dizendo! — Ela baixou a voz e se virou para Dak'kon. — O que podemos fazer por você?

Dak'kon juntou as mãos e curvou polidamente:

— Vejo-vos, senhora da loja, e gostaria de *saber* quem sois.

Era dito que os forasteiros faziam tais apresentações ao se encontrar.

Miccah cuspiu amargamente, mãos nos quadris:

— Eu? Estou acorrentada a esta âncora de casa de penhores com um marido que não me aprecia o suficiente...

Brokah interpôs com pesada ironia:

— E pergunto-vos, como não poderia apreciar a boca e figura de uma criatura tão formosa quanto esta? Verdadeiramente sem discernimento e gosto sou eu...

— Algo que pensei que o casamento pudesse curar e cuja esperança foi inteiramente em vão. Ach!

Ela franziu os lábios:

— Aquele gordo e preguiçoso é Brokah. É meu marido de uns vinte e tantos anos, embora sua natureza inconstante torne difícil acreditar que não tenha saído pra pastar nesse tempo...

— Certamente que torna difícil acreditar! — Brokah berrou de volta. — Todas aquelas chances, desperdiçadas, quando poderia ter aproveitado a vida ao máximo!

— Com certeza, as cabras da fazenda devem sentir falta de suas tenras ministrações...

Brokah empalideceu e os dois caíram naquilo que soou como o mais recente de uma longa, longa série de discussões. Suas atenções estavam inteiramente voltadas uma para a outra. Dak'kon ficou ali plantado, desconcertado, não sabendo bem o que deveria ser feito.

Caos. Era sempre o destino de um githzerai estar resoluto no olho do furacão.



De volta no mercado, Annah tinha sumido em busca de Lenny. Dak'kon e eu ficamos pela feira enquanto esperávamos por seu retorno.

A queima metálica ácida enrolou a língua a cada respiração que eu tomava. Tossi... parecia que a sujeira no ar testava até minha constituição imortal.

Um comerciante passou marchando, seu cavalo trotando atrás arrastando uma carroça carregada de cestos de frutas. Um artesão na esquina tossiu num trapo e cuspiu uma bola grossa na rua. Um homem mais velho, vestido em vestes elegantes, piscou para mim, os olhos brilhantes e o sorriso caloroso. Curvou levemente, e me aproximei.

— Bom dia, camarada. Sou Sebastian, como posso servi-lo?

Apertei sua mão:

— Saudações.

— Saudações também — ele pareceu distraído enquanto olhava para minhas cicatrizes. Seus olhos as percorreram e as sobrelanceiras arquearam em surpresa. Devolveu o olhar para mim. — Estava prestes a perguntar o que poderia fazer por você, mas não há necessidade. Acho que vejo por que veio me ver, camarada.

— Então és o homem que curou o Cinder. Pode me ajudar com estas cicatrizes também?

Ele sorriu e deu de ombros:

— Talvez, camarada, talvez.

Inclinou-se e começou a examinar cuidadosamente minhas cicatrizes. Passou um dedo por várias delas, murmurando para si mesmo. Por fim me olhou:

— Sim, camarada, posso ajudá-lo. Não posso curá-lo, mas posso aliviar o pior de sua... condição.

— E seu preço?

— Ah, sim... o preço.

Começou a esfregar o queixo e me encarou. Tive a impressão de estar sendo pesado de alguma forma, como um pedaço de carne:

— Tenho um trabalho que acho que poderia realizar.

Assenti:

— Continue.

— Assinei um contrato com certa criatura. Não consigo mais cumprir o acordo; está... além de minhas capacidades. No entanto, a criatura não me libera de nosso negócio. Em vez disso, ameaçou-me de morte a menos que cumpra o contrato.

— Deixa eu adivinhar: quer que eu resolva esse problema.

Ele suspirou:

— Sim. Não consigo fazer sozinho. Minha reputação exige que cumpra o contrato ou enfrente as consequências. Estou à sua mercê nisso. Vai ajudar?

Com a multidão de demônios, devas e toda a estranha sortida de outros planares, tinha que considerar as coisas com cuidado:

— Que tipo de criatura estamos falando?

— Um abishai chamado Grosuk, camarada.

Parou para avaliar minha reação:

— Sei que é uma tarefa difícil, mas uma que acho que pode resolver. E a recompensa que ofereço é grande.

Gesticulou para minhas cicatrizes.

— O que foi contratado para fazer?

Sebastion sacudiu a cabeça:

— Não posso revelar essa informação, camarada. Estou magicamente vinculado a não fazê-lo. É por isso que as pessoas vêm a mim. Sabem que se aceito um contrato, será tratado com discrição.

Hmm, esfregando o queixo:

— Um trabalho interessante para um curandeiro.

Ele olhou para mim esperançoso.

— Sim, dá-me os detalhes.

Ele sorriu e soltou um suspiro de alívio:

— Obrigado, camarada. Precisaré de uma arma mágica para causar algum dano a um abishai, portanto confira com algumas das lojas se não tiver uma. Um conjurador de feitiços também pode causar dano. Grosuk pode ser encontrado a leste, além da torre de cerco.

Cerco terminado com Grosuk — num estado bem

deplorado das duas partes — voltei para Sebastion.

Ele sorriu ao se aproximar, embora seus lábios imediatamente azedassem ao ver meu rosto arruinado:

— Bom dia, camarada. Presumo que tenha completado sua missão?

— *Shim*, e vimho bushar o que mhe é devhido.

— Um momento, por favor, camarada.

Sebastion alcançou a veste e retirou uma pequena bola de cristal. Fitou-a por um momento antes de devolver a atenção para mim:

— Não posso agradecer o suficiente, camarada. Cumprirei minha parte do negócio. Está pronto?

Assenti:

— *Shim*.

Retirando um frasco do cinto, Sebastion derramou um líquido viscoso e roxo na palma. Murmurando um cântico complexo, desenhou um sigilo arcano na poça. Onde seu dedo traçou o líquido, a poça começou a brilhar, borbulhando brilhante e violeta. Com um estalo a magia foi liberada, e rastros da substância inundaram para dentro de minha carne. Minha pele borbulhou, e um ardor quente fluíu pelo corpo enquanto sentia feridas se fechando e cicatrizes recuando. Ofeguei, lambendo os lábios recém-crescidos.

— Está feito, camarada. Mais uma vez obrigado.

Sebastion curvou-se profundamente para mim.

Olhei para o meu corpo maravilhado. A palidez cinza permaneceu, mas muitas das dobras de carne torcida haviam recuado, se não desaparecido inteiramente.

— Obrigado e adeus, Sebastion.



Capítulo 47

Conseguia sentir meu rosto se estilhaçando ao bater contra a parede. Fragmentos partidos de osso raspavam uns nos outros, mandando raios de dor perfurando minha cabeça. Senti um jorrar fundo dentro, e algo salgado pingou na boca. Meus lábios haviam sido arrancados na briga, e meus grunhidos de dor sibilavam por entre dentes lascados.

Apesar dos ferimentos horríficos, a batalha não havia sido tão ruim quanto esperava. Havia chamuscado Grosuk com raios do fogo de Elísio e me encolhido sob suas garras quando golpeava. Embora o encantamento de minha adaga fosse suficiente para perfurar sua couraça, o combate corpo a corpo teria sido uma estratégia péssima, estúpida e horrível.

A cauda serpenteante de Grosuk se enrolou no meu tornozelo, e ele sem cerimônia me arrastou para si enquanto eu esfaqueava inutilmente o apêndice agitado.

Como disse. Estúpido.

Uma garra me agarrou em volta da garganta, e Grosuk me ergueu para olhar nos meus olhos. Seu hálito fedia a carne podre:

— Grosssuk matar homenzinho devagar, comer carne!

— ele rosnou. — Espalhar restos pelo Deserto Cinzento!

Gorgorei.

— O que homenzinho diz? — Grosuk rosnou. Suas garras, já manchadas de negro pelo sangue de suas presas, se cravaram em minha garganta.

— 'ossil mágico — pressionei os dedos contra seu maxilar.

A explosão resultante nos separou, embora suas garras deixassem feridas rasgadas ao longo do meu pescoço enquanto voamos para lados opostos. O estouro de sangue sulfuroso me nublou a visão, e quando saltei de pé e enxuguei os olhos, lá estava Grosuk, uivando enquanto os restos do que restava de sua mandíbula clicavam inutilmente.

Desorientado, ele se arrastou atrás de mim, mas eu era mais rápido. Dei a volta ao redor dele, pulei de lado quando arranhava. Se fosse mais sábio e calmo, poderia ter se rendido e prometido deixar Sebastion em paz. Não — um infero é uma criatura vingativa, caso contrário não teria ameaçado o mago em primeiro lugar.

Acertou alguns bons arranhões apesar de meus desvios, e quando caiu eu podia sentir minha vida pendurada por um fio.

Mais vale ter valido a pena.

Sebastion sorriu com minha aproximação, embora

os lábios imediatamente azedassem ao ver meu rosto arruinado:

— Bom dia, camarada. Presumo que tenha completado sua missão?

— *Shim*, e vimho bushar o que mhe é devhido.

— Um momento, por favor, camarada.

Sebastion alcançou a veste e retirou uma pequena bola de cristal. Fitou-a por um momento antes de devolver a atenção para mim:

— Não posso agradecer o suficiente, camarada. Cumprirei minha parte do negócio. Está pronto?

Assenti:

— *Shim*.

Retirando um frasco do cinto, Sebastion derramou um líquido viscoso e roxo na palma. Murmurando um cântico complexo, desenhou um sigilo arcano na poça. Onde seu dedo traçou o líquido, a poça começou a brilhar, borbulhando brilhante e violeta. Com um estalo a magia foi liberada, e rastros da substância inundaram para dentro de minha carne. Minha pele borbulhou, e um ardor quente fluíu pelo corpo enquanto sentia feridas se fechando e cicatrizes recuando. Ofeguei, lambendo os lábios recém-crescidos.

— Está feito, camarada. Mais uma vez obrigado.

Sebastion curvou-se profundamente.

Olhei para o corpo com admiração. A palidez cinza permaneceu, mas muitas das dobras de carne torcida haviam recuado, se não desaparecido inteiramente.

— Obrigado e adeus, Sebastion.





Capítulo 48

As palavras flutuavam nas bordas de minha consciência, como uma mariposa batendo contra o vidro levemente iluminado de uma lanterna:

— Acorda, eu disse!

Havia uma dor aguda no lado que antes não estava lá, e quando a ponta firme de uma bota rachou contra minhas costelas de novo a dor flamejou de novo.

— Estou acordado — gemi, me empurrando de uma poça coagulada do próprio sangue.

Apalquei a garganta em busca do ferimento que o githyanki havia feito. Tudo que restava era uma cicatriz coçando, e até isso parecia estar cicatrizando bem. Mesmo com a voz alegre de Annah soando nos ouvidos, essa era possivelmente a melhor de todas as vezes que havia ressuscitado.

— Ach, te deixo sozinho por duas horas e te matas de novo. Sorte que tenho jeito de me espremer em lugares que a maioria dos outros idiotas de Pharod ignora, ou nunca te acharia enfiado aqui.

Avaliei os arredores. Pelo jeito das coisas havia sido

jogado atrás dos barris nesse beco mofado e deixado para apodrecer na sombra esquecida. Annah ficava de pé sobre mim, arfando como se tivesse corrido metade do Distrito à minha procura.

— Estás bem, Annah?

Ela pausou um momento, se agachando mas tendo cuidado de não deixar a cauda arrastar no meu sangue. A cauda fez um trejeito, traindo o semblante severo que ela havia ajustado. Annah estava nervosa.

— Eu... preciso da tua ajuda.



Trist havia sido presa — esposa de um mercador falecido, suas dívidas usadas como pretexto para vendê-la como escrava. Annah a conhecia de infância. Isso explicava muito.

Com o documento roubado por Lenny mas guardado como seguro — e entregue voluntariamente após uma conversa convincente — levamos as provas ao leiloeiro Deran. Em questão de minutos Trist estava livre.

Deran os olhos pelas páginas. Depois de um momento suspirou, dobrou o documento e colocou dentro da camisa. Virou para Trist, que havia estado mordendo as unhas o tempo todo:

— Parece que os tribunais lhe devem um pedido de desculpas, Senhora Trist. A partir deste momento a senhora está livre, e farei todos os arranjos para devolver seu status e propriedade.

— Obrigada, Deran.

— Não, obrigado a você — ele sorriu para mim. — É raro o indivíduo que faz o que o senhor fez. Agora me excuse, preciso falar com os magistrados. Adeus.

Com uma mão delicada sobre o peito Trist suspirou. Os olhos estavam marejados ao tomar minha mão:

— Você é meu salvador, camarada. Estarei eternamente em sua dívida.

— Fui feliz em ajudar, Trist.

— Obrigada a todos — Trist deu um passo como se fosse abraçar Annah, mas o semblante severo da ladra a dissuadiu. Trist assentiu, a felicidade se sobrando. O que quer que um dia tivessem entre si havia se perdido no abismo dos anos.

Ela se voltou para mim de novo:

— Salvou-me de uma morte certa, camarada. Uma morte lenta e dolorosa... Por favor, espere aqui, voltarei em breve.

Quando voltou estava coberta de sedas finas e o rosto havia sido lavado e polvilhado. Estendeu-me uma bolsa:

— Isso não é muito, mas é uma recompensa bem merecida pelo que fez.

— Obrigado, Trist.

Resisti ao impulso de apertar a bolsa, mas o peso já me dizia que significava um mês de boa vida.

— Não, eu que agradeço. Adeus, camarada.

Trist sorriu e se virou para Annah:

— Espero que fiques com este. Tem bom coração... talvez os Planos possam mudar afinal.



— O que sabes de Vristigor, Dak'kon?

Meu amigo e mentor me encarou enquanto eu me agachava na esquina da rua descansando as pernas. A lâmina cintilou quando pronunciei o nome, brilhante como um raio de reconhecimento.

— Como... viestes a *saber* esse nome?

Minha garganta coçou com a memória de uma espada de bordas prateadas e irregulares rasgando pela cartilagem e carne, derramando uma maré carmesim que fluiu pelas pedras do calçamento. Estralei os dedos e conjurei algumas faíscas de chama... um cântico ou dois aliviarão a mente:

— Um githyanki o mencionou aos companheiros enquanto ficava de pé sobre meu corpo. Pensavam que eu estava morto.

A lâmina cintilou de novo, preta e serrilhada. Por um momento Dak'kon ponderou em silêncio e espirais carmesins sangraram ao longo da karach, como se ansiasse por mergulhar no ventre de um inimigo. O rosto de Dak'kon era calmo como pedra.

Silenciosamente tomou o Círculo de Zerthimon nas mãos, passando os dedos murchos e amarelos ao longo de suas bordas. As placas clicaram lentamente enquanto trabalhava o padrão.

Acenei a chama dançante na ponta do dedo. Cinco vezes já havia visto ele desbloquear os Círculos de Zerthimon, e cinco vezes eu estava ansioso para aprender a verdade. Mas o ar carregava um presságio negro agora, e minha garganta estava seca quando ele me entregou o Círculo.

Comecei a ler.

“Nas Planícies Devastadas, Zerthimon disse a Gith que não pode haver dois céus. No rastro de suas palavras, veio a guerra.

Nas Planícies Devastadas, o Povo havia alcançado a vitória sobre seus mestres illithids. Eles conheciam a liberdade.

No entanto, antes que os fogos verdes houvessem se

apagado do campo de batalha, Gith falou de continuar a guerra. Muitos, ainda cheios do furor de sangue em seus corações, concordaram com ela. Ela falava de não apenas derrotar os illithids, mas destruir todos os illithids pelos Planos. Depois que os illithids fossem exterminados, trariam guerra a todas as outras raças que encontrassem.

No coração de Gith, chamas ardiam. Ela vivia na guerra, e na guerra, ela se conhecia. Tudo o que seus olhos viam, ela desejava conquistar.

Zerthimon falou os primórdios daquilo que estava contra a vontade de Gith. Ele falou que o Povo já conhecia a liberdade. Agora deveriam se conhecer novamente e reparar os danos que haviam sido feitos ao Povo. Atrás de suas palavras estavam muitos outros corações do Povo que estavam cansados da guerra contra os illithids.

Sabei que o coração de Gith não era o coração de Zerthimon nesta questão. Ela disse que a guerra continuaria. Os illithids seriam destruídos. Sua carne não existiria mais. Depois o Povo reivindicaria os Mundos Falsos como seus. Gith disse a Zerthimon que estariam sob o mesmo céu nesta questão. As palavras eram como aço nu.

De Zerthimon veio a Proclamação dos Dois Céus. No rastro de suas palavras veio a guerra.”

Fechei as placas enquanto Dak'kon aguardava minha

resposta:

— *Sei* que a devoção de Zerthimon ao Povo era tal que estava disposto a protegê-lo de si mesmo. Sabia que os illithids haviam deixado de se *conhecer* em sua obsessão com o controle e a dominação. Então escolheu parar Gith antes que ela levasse o Povo à sua própria destruição. Deve haver equilíbrio em todas as coisas, ou o eu não se sustentará.

— Vistes as palavras e as *conheceste*.

A voz de Dak'kon desacelerou, e suas mãos apertaram as bordas do Círculo Inquebrável. O torceu no sentido horário, e houve um clique enquanto duas placas deslizavam para fora. Dak'kon encarou as duas placas em sua mão — não fez nenhum movimento para me entregá-las.

— Dak'kon... essa segunda placa é para você?

Dak'kon ficou em silêncio. A lâmina havia parado de cintilar, a película congelando em sua superfície. Ele encarava a segunda placa, paralisado.

— Você *conhece* o Sexto Círculo?

Dak'kon ergueu o olhar, mas seus olhos negros como carvão não encontraram o meu:

— *Saber* que não há mais nada que possa ensinar-vos. *Conheceis* o Caminho como o Povo o *conhece*, e ele vos dará a direção pela qual podeis vos *conhecer*.

— Não foi isso que perguntei. Você *conhece* o Sexto Círculo ou não?

Dak'kon ficou em silêncio por um momento, depois falou, sua voz lenta e cuidadosa:

— Sucedeu que não *conheço* o Sexto Círculo de Zerthimon. Outrora o *conheci*, mas *sei* agora que apenas via as palavras.

Os olhos de Dak'kon encaravam através de mim. Ansiavam com memória antiga, de nostalgia não cumprida:

— Isso é tudo. É meu caminho que não mais *conheço* o Caminho de Zerthimon.

Pensei cuidadosamente de volta ao Primeiro Círculo, ao Segundo... todos os pedaços começaram a se encaixar, estalando um por um como elos de uma corrente.

— Dak'kon... há mais uma coisa que gostaria de *saber*. Por que o Olho de Vilquar está no Círculo de Zerthimon? Parece estranho. Conta como o Povo se beneficiou de uma traição de dentro. Parece...

Os olhos de Dak'kon faiscaram:

— Já lhe disse que é parte do relato de como o Povo veio a *conhecer* a liberdade. Não escutais?

A voz ficou plana, como se recitasse uma passagem de memória:

— Diz ao Povo que mesmo na maior traição, um maior

saber pode ser alcançado.

— Não me parece que você acredite nisso. Acho que há outro motivo para o Olho de Vilquar estar no Círculo de Zerthimon. Está ali por causa do Sexto Círculo e da Proclamação dos Dois Céus. Está ali para justificar a traição de Zerthimon ao Povo nas Planícies Devastadas.

Dak'kon ficou em silêncio, e a lâmina sangrou em negro morto de noite, dentes ondulando ao longo do fio.

— Ele dividiu o Povo nas Planícies Devastadas, Dak'kon. Dividiu sua raça, quando estavam no caminho da vitória. Gostaria de acreditar que foi porque desejava salvar o Povo de si mesmo — mas não acho que você acredite nisso.

Dak'kon ficou em silêncio por um momento, depois falou, devagar:

— Eu... não *conheço* o Sexto Círculo como é *conhecido* pelos outros. Temo que o Terceiro Círculo, o Quarto Círculo e o Sexto Círculo estejam mais intimamente ligados do que muitos *sabem*. É em *saber* isso que me perdi.

— No Terceiro Círculo, Zerthimon submergiu sua vontade para enganar os illithids, depois no Quarto Círculo, fala dos benefícios da traição. Depois no Sexto Círculo, Zerthimon divide seu povo antes que extermine os illithids. Você acha que as palavras de Zerthimon podem não ter sido as dele?

— *Saber* minhas palavras, e *saber* a ferida que jaz sobre

meu coração: temo que quando Zerthimon estava nos Pilares do Silêncio, ele não submergiu sua vontade. Temo que sua vontade lhe tenha sido tomada pelos illithids. E quando falou nas Planícies Devastadas, eram as palavras deles que ele falava. Temo que o que fez não foi pelo bem do Povo, mas por nossos antigos mestres.

— É possível, mas *saber* que isso não significa necessariamente que ele—

A fúria súbita de Dak'kon foi o rumble e o estalo de uma geleira se dividindo ao meio, sua voz como uma faca:

— Então **saber** isto e **não falar mais disso. Saber** que nunca **conhecerei** a VERDADE. Não há NENHUMA resolução para este assunto, pois JAMAIS *conhecerei* o coração de Zerthimon nas Planícies Devastadas.

Os olhos negros como carvão fulguraram para o círculo de pedra em sua mão:

— E assim não *me conheço* por causa do Círculo Inquebrável de Zerthimon.

— Dak'kon— comecei, mas a figura esguia de uma ladra de cabelo vermelho-chama deslizou para a vista vinda da esquina.

— Ach, odeio interromper seja lá que briga de casal haja entre vocês dois, mas o encontrei.

Me levantei enquanto o rosto de Dak'kon se suavizou em imobilidade, águas silenciosas cobrindo a tempestade

agitada por baixo. Ele guardou o Círculo.

— Certo. Vamos ver o que conseguimos bater fora deste Lenny.





Capítulo 49

Era um homem de aparência feral, mal-educado e envolto em roupas surradas. Olhos de camundongo disparavam ao redor, vasculhando os arredores enquanto se esgueirava pelos becos.

Dobrei a esquina para encará-lo, e num instante a mão tressaltou, como se escondesse algo.

— Saudações. Deve ser Lenny.

Ele me olhou de cima a baixo, depois lançou olhares em volta. Voltando a atenção para mim, deu um sorriso perverso:

— É melhor ter um bom motivo para me incomodar, imbecil.

Uma corrente de apreensão correu pela voz.

— Tenho algumas perguntas...

Ele riu:

— Não sou nenhum guia. Se tem perguntas, arranje um. É melhor se afastar antes que eu precise te sangrar.

— E se eu te dissesse que Byron Pikit me enviou?

Os lábios se puxaram num sorriso frio. Posturear. Era

tão fácil quanto vestir uma segunda pele.

Ele parou de sorrir e me examinou por um tempo. Os olhos ficaram nas cicatrizes, e ele engoliu levemente:

— Pikit... te enviou? Por quê?

— Ele disse que podias responder algumas perguntas...

Lenny franziu o cenho e recuou, ombros rígidos. Um músculo tressaltou na bochecha e a mão mergulhou casualmente nos bolsos.

— Não estou interessado em cobres perdidos que ficaram colados em teus dedos, Lenny. Não — quero te perguntar sobre os papéis que roubaste de Trist.

Ele engoliu fundo e aqueles olhos avelã se travaram nos meus. Lenny pôs uma mão no quadril de forma casual, mas pela postura estava tenso como uma mola. — Não sei do que estás falando, imbecil. É melhor ir embora.

Sorri maliciosamente:

— Sabes do que estou falando, Lenny. Byron te mandou roubar alguns papéis de Trist. Estou aqui para recolhê-los.

Ele engoliu fundo e o canto de um olho começou a tressaltar. Lançou outro olhar para as cicatrizes padronizando meu corpo, uma tapeçaria de carne que gritava dor suficiente para cem vidas. Seus lábios tremeram, e desesperadamente tentou encontrar meu olhar. O pescoço estava rígido ao se esticar para trás, e

os olhos subiram ao longo da carne, mas era tudo.

O rato de beco nem conseguia me olhar nos olhos.

— Recolhê-los... eu... destruí os papéis depois que os peguei, exatamente como Byron me disse.

— Sério?

Me aproximei, uma mão na faca. Mesmo que não fosse encurvado eu teria ficado mais de uma cabeça mais alto que ele:

— Então por que estás tão nervoso, Lenny? Deixa eu adivinhar: Byron acha que você destruiu os papéis, mas talvez não. Talvez os tenhas guardado. Um pouco de material para chantagem, talvez?

Ele me encarou por apenas um momento, depois de repente virou para correr:

— Ah filho de uma—

Bem quando ia fugir saltei para frente para agarrá-lo. Ele habilmente deslizou para fora do meu alcance e começou a se esquivar lateralmente, tentando escorregar por uma lasca de espaço no beco estreito. Vendo minha presa prestes a escapar fiz outro mergulho mais desesperado. Não era a mais ágil das criaturas, mas o empurrei, forte.

Desequilibrado, Lenny tropeçou para frente enquanto Dak'kon explodiu da outra esquina, acertando Lenny no

peito com uma palma aberta. O malandro foi arremessado para trás, calcanhares por cima do crânio, e quando pousou duas adagas de soco estavam ternamente ao redor de sua garganta.

— Rato peludo, aye? Posso te dar um bom barbeiro por dois cobres.

Ele guinchou enquanto as lâminas se cravavam na garganta:

— Tudo bem, não os destruí! Vou dá-los a você, só me deixa ir.

— Vai com calma, Annah.

— Nay, acho que um pouco em cima seria suficiente por ter posto Trist por isso...

— Disse vai com calma. Dá a ele a chance de falar.

Annah franziu os lábios, depois suspirou enquanto deslizava as lâminas de volta para os punhos. Lenny apalhou o pescoço enquanto eu falava:

— Por que os guardaste, Lenny? Chantagem, presumo.

Recuperando a compostura, ele fungou e me deu um olhar desafiador:

— Os guardei para poder virar contra teu chefe Pikit e manter Trist fora da plataforma!

Sacudiu a cabeça:

— Chantagem uma ova...

Piscei:

— Por que virar contra ele?

Ele me olhou com algum orgulho:

— Posso ser ladrão, mas tenho alguns padrões. Não vou matar nenhum coitado, e não vou fazer o que Pikit fez a Trist e ao marido.

Sacudiu a cabeça e olhou para o lado:

— Disse ao teu chefe que o que fazia era errado, e ele gargalhou de mim.

— Então há honra entre ladrões afinal de contas...

Coçando o queixo:

— Bem, ficará feliz em saber que Pikit não é meu chefe.

Ele me encarou incrédulo:

— A sério? Achei... mas você disse...

Observou de perto por um momento e então gargalhou:

— Você me deu o papo pra eu soltar a real!

Sacudiu a cabeça e me olhou com respeito:

— Bom trabalho, camarada.

Sorri:

— Vamos buscar os papéis, Lenny.



Com os papéis nas mãos e Trist livre, encontrei o guarda Corvus na praça. Entreguei as evidências contra Byron Pikit. O oficial examinou as páginas minuciosamente, os lábios afinando e os olhos arregalando mais a cada página. Quando terminou as dobrou e tocou o ombro de outro oficial ao seu lado.

— Excelente trabalho, cidadão. Esses documentos são bastante detalhados em seu conteúdo. Pessoalmente tratarei que Byron Pikit seja levado perante os tribunais.

— Nunca pensei que ficaria feliz em ouvir isso de um Harmonium — Annah smirrou enquanto saíamos.

Dak'kon se virou para mim ao sairmos:

— Mencionastes que *sabeis* de um ataque a uma Fortaleza Githzerai. Agora que este dever está feito, vos imploro que alerteis nosso povo.

— Exatamente o que eu estava pensando, Dak'kon. Tens algum contato entre os Githzerai? Algum velho aliado?

Uma sombra cruzou seu rosto quando falei, e os olhos se apagaram, e quando respondeu era em voz baixa, rangendo de velhice:

— Eu... gostaria que falasses com um em meu nome.

Assenti, sem estar pronto para questioná-lo ainda:

— Muito bem. Se é o que desejas.



A mulher tinha o mesmo tom amarelado na pele e traços severos. Tatuagens cobriam o corpo, e ela usava uma longa lâmina ao lado. Os olhos eram como duas pequenas pérolas negras. Ao me aproximar, seguiram os movimentos de Dak'kon e ignoraram os meus completamente.

Dak'kon lhe fez uma leve reverência, que ela igualmente dispensou.

A voz estalou como um chicote ao ela arremeter contra Dak'kon, as palavras da língua githzerai perfurando como uma dúzia de adagas:

— Por que insultais o Círculo Inquebrável de Zerthimon continuando a usá-lo contra vosso coração? Não sois numerado entre o Povo, traidor de Shrak'at'lor! Os Anarquistas e os zerths falaram e suas palavras serão obedecidas. Não deveis falar vossa mente para mim... nem para nenhum zerth.

Dak'kon curvou a cabeça quando falou:

— Ouvireis este humano quando ele falar?

O nariz dela se enrugou com sua careta aborrecida:

— Suas palavras carregam o peso das vossas e têm a forma do caos de Limbo. Não vos ouvirei, Dak'kon.

— Ele viaja comigo, Kii'na, discípula de Zerthimon. Vem a ti para ouvir as palavras de Zerthimon que vós como zerth

deveis transmitir. O ouvireis?

— As palavras de Zerthimon não são para os ouvidos de um hu-mano escutarem — Kii’na sibilou. — Suas mentes não são como uma, e trazem divisão para onde quer que viajem. Este usa uma camisa de cicatrizes e sangue, e viaja com um traidor. O coração de Vilquar bate dentro de vosso peito se perguntais se o ouvirei.

Meus olhos arregalaram. O coração de Vilquar? Dak’kon?

— Fechareis vossa mente a suas palavras? *Sabei* suas palavras antes de falardes vossa mente, Kii’na, zerth de Zerthimon.

— Não o ouvirei. Ele me ouvirá.

— Isso é suficiente.

Dak’kon curvou.

A mulher gith se virou para mim, seus olhos de pérola negra brilhando perigosamente:

— Não sois *conhecido* por mim, mas vosso aparato fala mal de vós, humano. Vosso corpo é um livro escrito em cicatrizes e sangue, e andais na sombra de um pária que afirma falar pelo próprio Zerthimon. Falai vossa mente!

Ignorei a crítica e curvei na esperança de acalmá-la:

— Saudações, tangedor-de-espada.

Ela sibilou de irritação:

— Vossas amenidades são como pó. O sinal do luto se aproxima — o tempo é curto, humano. Queria *saber* vossas perguntas, depois é minha vontade que partais.

Lancei a Dak'kon um rápido olhar e me virei de volta para ela:

— O que quiseste dizer ao dizer que ando na sombra de um pária?

— Andais com um pária e não *sabeis* seu histórico? Ele foi rápido em falar outras palavras, mas de seu histórico permaneceu em silêncio? Perguntai a ele sobre Shrak'at'lor, sobre a queda de uma poderosa fortaleza para os githyanki, e vede o que sua mente dividida revela a vós. Perguntai a ele como fala com as palavras de Zerthimon, mas sua karach é como névoa.

Embora os olhos de Kii'na encontrassem os meus, ela estava falando por mim. Cada palavra feroz era lançada como uma flecha farpada, e com cada acerto certo os olhos de Dak'kon ficavam mais abatidos. Sua pele parecia empalidecer, e a lâmina karach ficou tão cinza como cinzas quanto seus olhos.

Um arrepio serpenteou ao longo de minha espinha, e meu coração pareceu parar. Naquele instante conseguia ver meus olhos espelhados nos seus, meu desejo mais profundo ecoado de volta no suspiro de sua lâmina cortando o ar.

Dak'kon queria se *conhecer* novamente... mas também queria morrer.

— Não são as palavras de Zerthimon que carecem de convicção — sua voz era quieta mas firme. — São os ecos delas que foram distorcidos.

Kii'na foi igualmente resoluta:

— Não há dúvida de como a mente de Zerthimon é falada. Gerações de zerths são como a Joia de Rrakma, de uma só mente sobre este assunto. Vossa postura carrega consigo uma mente dividida. A dúvida é vossa, um eco lançado de vossa própria infidelidade.

— Vossas palavras não falam a mente de Zerthimon. São moldadas de ângulos e ódio, como se moldadas da própria mente de Gith — Dak'kon murmurou.

Era um sussurro que ressoava mais do que um grito de batalha, um que dobrava o ouvido em direção a ele em sua suavidade.

— Jarareis com os mortos de Shrak'at'lor no caos cambiante, pois tudo vedes com o Olho de Vilquar. Vossa mente é dividida, vossa karach, fraca!

Como um raio de um céu limpo ambos os zerths sacaram as lâminas, cada espada fluindo cantando ao cortar o ar.

Me joguei entre os dois:

— Parem! Isso é loucura! Vocês dois vão repetir a

Proclamação dos Dois Céus?!

Dak'kon me falou sem quebrar o olhar que mantinha com Kii'na:

— Fique firme, e não se ponha no caminho de nossas lâminas.

— Dak'kon, ordeno que pares isso.

Dak'kon relutantemente baixou a lâmina, repreendido. Kii'na o encarou incrédula por um momento, e então um sorriso afiado fendeu seus traços:

— A verdade afinal. Vossa mente não é dividida. Sois... escravo deste humano. Ele fala com a autoridade de um Anarquista para vós, e escutais.

— Vossa mente é moldada no molde de Gith, Kii'na — ele repetiu quietamente.

— Não vos matarei como o cão que sois. Não... vivei, Dak'kon, traidor em Shrak'at'lor. Vivei como nossos ancestrais viveram sob o calcanhar da imundície illithid. Tenho pena de vós — ela disse friamente.

— Cala a boca, Kii'na! — gritei.

Vários passantes haviam se aglomerado ao redor de nós a essa altura, sussurrando e ansiosos por ver um pouco de derramamento de sangue ou para testemunhar o Harmonium arrastando dois giths e uma vítima de queimaduras:

— Viemos até ti de braços abertos e tudo em que consegues pensar é em encravar uma lâmina entre eles?! Viemos para te avisar sobre Vristigor!

O humor sumiu de seu rosto imediatamente, e Kii'na me olhou — duro:

— Como tu, que andas na sombra de um pária, vieste a *saber* esse nome?

— Um grupo de githyanki planeja uma incursão à fortaleza dentro de uma semana... murmurou o plano bem sobre meu corpo sangrento na rua quando pensavam que eu estava morto. Estão a caminho já agora.

Nunca havia visto tal expressão de choque no rosto de uma githzerai antes. Envergonhada, um rubor alaranjado pálido subiu às bochechas de Kii'na, e ela recuou, embainhando a lâmina antes de pressionar as mãos juntas e se curvar profundamente:

— Vós... falais a verdade. Peço desculpas, humildemente, e busco vosso perdão, estranho. Sabei... sabeis que tendes minha gratidão... vós e este zerth. Sabei que isso não será esquecido.

Ela se virou para Dak'kon, e desta vez o arrependimento embainhava aquele espírito duro como aço dela:

— ...E sabeis que isso NÃO expiará pela queda de Shrak'at'lor. O veredicto dos Anarquistas permanece ainda.

Ela se virou e correu para transmitir a mensagem, e lentamente Dak'kon desabou no chão com um suspiro profundo e cansado.

— Dak'kon...?

Ele não disse uma palavra, pausando em vez disso por um momento antes de sombriamente se levantar de volta aos pés e embainhar a lâmina. Seus olhos não encontraram os meus enquanto eu pensava adiante em nosso próximo destino.

Viramo-nos lentamente para o sul para encontrar Lothar, o Rei dos Ossos.





Capítulo 50

A luz filtrava por lascas multicores de vidro fixadas na janela, iluminando a cabana decrepita em meia dúzia de cores. Como uma catedral em ruínas, carregava um tipo de beleza efêmera, e por um momento a saboreei em assombro infantil, observando um único mote de poeira derivar entre os raios: primeiro azul, depois vermelho, depois violeta como a noite.

Annah sibilou e cutucou a escada sombria com a ponta da bota. O caminho para baixo estava pavimentado com a morte: ossos de dezenas de criaturas, catados, fervidos e polidos tão limpos que brilhavam com cores agrupadas na beira do reflexo roxo. Cada degrau estava frio ao toque, e o salão abaixo cheirava a terra e era antigo como uma tumba.

Descemos em sombrio silêncio, e a cada passo minha ansiedade crescia. Havia poder aqui... conseguia senti-lo zumbindo no ar e soando em minha alma como um copo golpeado por uma colher de prata. O frio da sepultura beijava minha pele, lambendo os pontos de suor nervoso como a língua de um antigo amante que havia sido rejeitado por tempo demais. Memórias há muito desvanecidas

jaziam enterradas aqui. Era uma tumba para sonhos mortos.

Devíamos ter descido dez, quinze palmos abaixo do nível da rua quando chegamos ao salão propriamente dito. Dezenas de prateleiras revestiam as paredes da casa de Lothar, e em cada prateleira havia centenas de crânios. Muitos eram humanoides, alguns eram retorcidos e ferais, um cruzamento entre o bestial e o demoníaco. Conseguia até distinguir os contornos angulosos de alguns crânios githzerai.

Num canto um caldeirão borbulhava, e na bancada ao lado havia um lote de cabeças decepadas que ainda não tinham sido limpas. O fogo oferecia pouco calor, e quando aquele cheiro de morte fervida chegou até mim já estava frio e impotente.

— Ch-chefe? — uma voz assustada mas familiar gemeu.

— Morte?

Vasculhei a prateleira, e fui atraído pelo familiar piscar de seus olhos avelã-cinza.

— Graças aos Poderes que estás aqui, chefe. Tira-me daqui.

Piscei e estendi a mão. Droga... prateleira de cima, teria que pegar um banco ou...

— O que estás fazendo lá em cima?

— Aqueles vermes de Homens-rato me prenderam e me trouxeram aqui! Vamos, patrão... precisamos sair daqui! Este lugar é má notícia!

— Por que não flutuas para baixo? — rosni, e gesticulei para Dak'kon e Annah para me ajudarem a arrastar um divã adjacente.

— Tentei! — Morte sussurrou em pânico quieto. — Olha, só me tira daí antes—

Fumaça cinza derivou pelo chão e num estalo úmido que soou como tendões se estilhaçando, um homem velho e murchado deu um passo à frente.

Seu rosto estava pesado de rugas, uma longa barba cinza pendia do peito. As vestes de Lothar eram da cor de sangue velho e uma mão se enrolava ao redor de um cajado curvo tilintando com vários crânios. Seus olhos faiscaram de poder enquanto se dirigia a Morte:

— Temos visitantes, crânio?

Me afastei do assento e me posicionei entre Lothar e a prateleira.

— Oh... não — Morte me sussurrou furioso. — NÃO ofendas este figurão, patrão... ele te coloca no Livro dos Mortos mais rápido do que consegues cuspir.

— Devo me preocupar com isso? — murmurei pelo canto da boca.

O homem velho ignorou Morte e franziu os lábios por um momento antes de falar comigo:

— Saudações, viajante. Quem seria para entrar no humilde salão de Lothar sem convite?

— Você sequestrou meu amigo — rosni. — Devolva-o. Agora.

Suas pálpebras se ergueram ao meu tom:

— Sequestrado? Seu amigo? Não fiz tal coisa. Onde está este amigo?

Morte falou. Sua voz soou miserável, assustada e deferente com um ganido que era o de um cachorro que havia apanhado vezes demais. Era óbvio que, na opinião de Morte, esse tal Lothar não era ninguém para se contrariado:

— É a mim que ele se refere. Olha, senhor, só me deixa ir e esquecemos isso. Água por baixo do Fosso, hein?

— Não lhe dei permissão para falar, crânio!

Morte murchou sob a voz sombria de Lothar. Seu lábio se curvou num esgar frio:

— Hmph. Entras no meu salão, arrogante com o peito estufado. Onde outros se ajoelham e imploram por misericórdia, tens a ousadia de exigir de mim enquanto estou em minha própria casa. Só por isso deveria rasgar tua alma em pedaços e triturar os últimos restos de tua

consciência moribunda sob meu pé.

Lançou um olhar para Morte:

— No entanto, o crânio do qual falas tem sido um espinho no meu lado o dia inteiro que esteve aqui. Feitiços comuns têm sido impotentes em silenciá-lo. Importuna-me.

— Ach, parece com o crânio mesmo.

— Marcado, se desejas o crânio de volta, deves me buscar um crânio de maior valor nas catacumbas abaixo. Não negociarei por algo que já é meu. Aceite ou não.

— Ele nunca foi seu... nem de ninguém... para começar. Seus homens o roubaram das ruas!

— Sua ignorância é assombrosa — ele escarneceu. — Realmente sabe muito pouco sobre muito pouco. Agora: busca-me outro crânio para substituí-lo ou diz adeus ao seu amigo.

— Só o deixe ir.

As mãos de Lothar apertaram o cajado:

— O crânio é MEU. Se pressionares o assunto, tomarei também o teu.

— Pode tentar à vontade...

— Patrão, não force! Deixa pra lá! — Morte guinchou.

Lothar assentiu:

— O crânio fala com sabedoria. Atenda-o.

Rosni, mas Morte podia estar certo. Era escorregadio, irritante, e um mentiroso impressionante, mas conseguia sentir o poder emanando de Lothar em ondas:

— Muito bem, então. Como encontro um crânio maior?

— Afaste o divã no centro do cômodo e passe pelo portal na parede leste nas câmaras abaixo até as catacumbas. O portal permanecerá ativo para sua volta. Nas catacumbas jazem muitos crânios. Um de grande valor jaz dentro das criptas enterradas dos Dustmen, além das Nações Afogadas. Traze esse crânio para mim — como meus servos Homens-rato falharam em fazer — e tratarei que seu amigo lhe seja devolvido. Talvez até responda algumas perguntas.

Dei de ombros com indiferença:

— Já fui ao túmulo do qual falas. Está vazio.

— O que significa isso? — Lothar sibilou de frustração, e tirei não pequena satisfação de saborear sua consternação.

— O túmulo estava tão bem armadilhado, tão bem defendido de magias de escrutínio, que foi um desafio mesmo para mim! Deve haver alguma explicação para isso, e — ele alongou as palavras com raiva e deliberadamente — VOCÊ a fornecerá. Passe pelo portal nas câmaras abaixo e busque a resposta.

Ri:

— Era minha própria tumba.

— Sua tumba? SUA tumba?

Ele me examinou cuidadosamente, e por um momento engoli pensando ter falado demais. O homem podia muito bem ter a magia para arrancar meu crânio e mantê-lo polido e limpo na lareira:

— Investigaremos isso com mais cuidado. Busca-me outro crânio, então, já que pareças apegado ao teu, e veremos que respostas posso fornecer. Nosso acordo permanece como antes. Não tentes me enganar com osso qualquer — sou algo de um conhecedor. Volta quando tiveres algo de valor para mim.

Suspirei aliviado.



— Tantos crânios... — Annah suspirou. — E ele precisa de uma caixa-de-miolos especial. Como encontrar um grão de joia num deserto.

— Certamente um crânio que atendesse às necessidades do Mestre-de-Ossos poderia ser encontrado nestes salões sombrios — Dak'kon entou, passando a mão ao longo de um caixão. Um toque de irritação lascava sua voz. Ele sabia que algo havia acontecido entre nós dois, e sabia que era por isso que Annah e eu manobrávamos para mantê-lo entre nós. — Centenas de mortos, cada um único entre os demais.

— Aye, cem sabores de pó há aqui. Não dá pra saber.

Todos os bubbers ricos têm tumbas privadas, algumas fora de Sigil nos Planos Exteriores. Tudo que está enterrado aqui são Coletores lamacentos e almas perdidas.

Assentí com um grunhido, tentando focar na questão em mãos. Alcançando com a disciplina das Histórias-que-Ossos-Contam, conseguia ouvir o suspiro de passados plebeus. Todos os ossos que aqui jaziam tinham lutado sob vidas comuns, e os velhos rangidos desse fardo ecoavam por cada corpo mesmo depois que ele deitara, fatigado e cansado para o único descanso verdadeiro que aquelas almas pobres jamais encontrariam.

— Além disso, a maioria desses caixões foi virada e saqueada. Já vadiei por aqui antes. Depois de uma ou duas brigas com um carniçal, me esgueirei de volta — o lábio de Annah se curvou. — O que esperas encontrar aqui?

— Nada. Por isso estamos indo para as Nações Mortas.

— As Nações M—

Apontei para um longo corredor que se ramificava de nosso caminho. No fim ficavam aqueles velhos portões de ferro. Avancei, os empurrei com um rangido ominoso e pesado.

Annah ficou tensa ao ver dezenas de mortos-vivos trabalhando para manter intacta sua nação de osso e gaze. Havia esqueletos substituindo azulejos antigos no piso de mosaico e espanando as paredes. Zumbis empurravam

corpos profanados para rembalagem e preservar sua dignidade silenciosa. Carniçais carregavam cadáveres de Homens-rato meio comidos nos ombros para apresentar aos irmãos. Suas bocas e garras estavam manchadas de sangue, e seus olhos pareciam saciados, se apenas por um momento.

— Anda — acenei para Annah. — É seguro. Não nos machucarão.

Seus olhos estavam arregalados como pratos, mas ela lentamente se aproximou e se moveu silenciosamente atrás de mim.

— Ahhh, o humaninho voltou — Acaste sibilou. — Ousado e orgulhoso. E tão suculento...

De frente a ela reprimi o pequeno e delirante impulso de revelar os segredos do Rei Silencioso. “Está morto como uma porta!” eu diria com alegria mista, e soltaria os carniçais contra o resto. Jamais trairia Maria Mofada ou Hargrimm claro, mas era estranho como tais segredos podiam coçar no fundo da mente.

— Tens tuas oferendas — rosni, apontando para os cadáveres de Homens-rato a seus pés. Ratos cranianos mortos pequenos tinham sido acrescentados à pilha. — Agora nos deixa em paz. Desejamos falar com Hargrimm.

O velho sacerdote-esqueleto ficava na câmara central, assistindo orgulhosamente seu povo. Mas se virou ao me

ver se aproximar, e uma oscilação tímida naquelas órbitas frias oculares abafou seu porte régio. Talvez ele próprio já tivesse sentido a mesma tentação.

— Saudações, Hargrimm. Buscamos vossa ajuda.

Seus olhos pareceram descontentes com meu retorno, mas forçou a voz a soar sincera:

— Vós retornastes. E com que propósito, pergunto? Não há nada para vós nas Nações Mortas.

— Precisamos de um crânio. Um que seja único, sua história e vida de valor acima a do cidadão comum.

As falanges de Hargrimm apertaram um pouco mais o cajado:

— Não me importo com vossos propósitos, mas este aqui não permitirá a profanação de tumbas plácidas para vossos fins egoístas.

— Preciso fazê-lo para salvar um amigo. O crânio tagarela, lembra? Um dos vossos.

— Falas do que perturbava as belas zumbis femininas de nossa nação? O que as importunava enquanto trabalhavam e invadia suas saias com olhos gananciosos e língua babante?

— Oh bom. Vós recordais.

O estalo do cajado contra o ladrilho enviou um estrondo trovejante pelo corredor:

— Fizestes muito pelo bem de nossa grande nação, Sem-Nome, mas tal não é desculpa para cometer um crime contra o coração das Nações Mortas!

Curvei-me, um tanto envergonhado:

— Me desculpe, Hargrimm. Sei que era muito pedir... deixarei aos vossos deveres agora.

— E agora? — Dak'kon disse, me olhando.

— Bem. Agora tudo que resta é Maria Mofada. A menos que queiras tentar falar com o Rei Silencioso de novo.

— Guh-guhruuuhhh...

<Saudações.>

— É bom te ver, Mary, mas venho numa missão urgente e odeio ter que te pedir isso. Meu companheiro foi sequestrado por um homem poderoso que exige um crânio “maior” pela liberação do meu companheiro. O que devo fazer, Mary?

— Huuu?

<Quem?>

Suspirei:

— É Lothar, o Rei dos Ossos.

Ela ficou ali balançando, como em transe antes de falar de novo:

— Uuu nuuuu hnnn... prrrrvuhhhlll. Dnnngruuushhh.

Hllldz sklll frnnn.

<Conheço ele. Poderoso. Perigoso. Segura amigo-crânio.>

— Sim, Mary. Sei que não posso pegar nenhum dos crânios nestas catacumbas. Mas — preciso do seu conselho. Preciso de um crânio que seria adequado para Lothar.

Ela ficou em silêncio, fitando por mim. Por um longo momento Maria Mofada pareceu considerar o problema, e finalmente com um aceno lento e cuidadoso, agarrou a própria cabeça com as duas mãos:

— Tuh-tuh-tuhk muhhh ssskuhlh...

<Pega meu crânio.>

Fiquei boquiaberto:

— Pegar... teu crânio? Mas isso vai te matar.

Mary lentamente sacudiu a cabeça de lado a lado — seus lábios rachados formaram o que podia ter sido um sorriso triste:

— Kuh-kill? N-n-nuuuh. Mmm uhhhlrrruhhhdyy dhhhud.

<Matar? Não. Já estou morta.>

Suas mãos permaneceram nas têmporas, aguardando minha resposta.

Pressionei as mãos contra as dela, separando seus braços:

— Não, Mary — simplesmente não consigo. Vou encontrar outro jeito.

Mary assentiu:

— Y-y-yuh hhhuf uhhh kinnnd hhhuhhhrt.

<Tens um coração bondoso.>

Era uma solução tão simples ali à minha frente, mas como Mary podia ter pensado que eu seria capaz de suportá-la? Tinha opções limitadas, de verdade. Poderíamos pegar um dos crânios menores e torcer para que Lothar o achasse adequado, ou roubar um de escolha do Mortuário se conseguíssemos passar pelos guardas. Havia o assassinato, ou... talvez até trocar o crânio do Rei Silencioso por outro. Estremeço de nojo com os pensamentos... tão frios, calculistas e práticos... flutuavam por mim como se não fossem meus.

— Suuughhhh...

<Soego...>

Mary gorgolejou.

Piscei:

— Eles — os carnicais. Achei que tivessem destruído o corpo.

Ela sacudiu a cabeça, devagar:

— Nnnh ulll. Hrrrgnnn uuuz zzz wrnnng. Nvhhh hrnnn duhd nuuuhshngz.

<Não todo. Hargrimm usou como aviso. Para nunca prejudicar as Nações Mortas.>

— Eu — quase me chutei por não ter pensado nisso antes. — Estaria em tua dívida se pudesses me ajudar. Acho que Lothar pode aceitar isso como solução.

Mary assentiu, e se arrastou para falar com o Triunvirato.





Capítulo 51

Com Mary ausente, não havia muito a fazer senão sentar e esperar. Sentamo-nos no mesmo quarto-cela de hóspedes onde havíamos passado o tempo na última visita. Minha mente havia estado cheia de perguntas desde que falamos com Kii'na — perguntas sobre o passado de Dak'kon, e o peso dele que parecia sobrecarregá-lo cada vez mais.

— Precisamos conversar.

As palavras vieram, sem convite, com o peso solene por trás delas pesando em meu coração. Dak'kon olhou para mim, e cautela nadava naqueles olhos negros como carvão.

— O que desejas *saber*? — ele murmurou, mas naqueles olhos eu conseguia ver que ele já *conhecia* a pergunta. Havia pairado sobre nós por tempo demais, balançando como uma espada dependurada sobre a cabeça de um rei há muito esquecido, cujo nome havia se perdido para as eras.

— Quando Fell descrevia a tatuagem no meu braço, disseste que *conhecias* os símbolos.

Ele hesitou quando falou:

— Os símbolos falam de quatro com quem viajastes no

passado.

Assenti. Aquelas palavras ecoaram as do velho comerciante de peixes na Colmeia, que me havia visto uma vez, há muito tempo:

— Quais quatro são esses?

Algo soou no fundo da minha mente... o murmúrio era quase inaudível, mas parecia que uma dúzia de moscas engatinhavam no crânio...

— A tatuagem fala de quatro mentes. Uma era uma mulher, que amava um homem que a *conhecia* e não *conhecia* o amor. O outro era um homem cego, que via coisas que nenhum olho mortal podia ver. Outro era um familiar, um animal de estimação de um mago, comprado e vinculado. E o último era um escravo.

— O que podes me dizer sobre os quatro?

Os olhos de Dak'kon assumiram um olhar distante, fitando através de mim e para dentro de uma vida há muito passada, quando outra encarnação havia caminhado em minha pele:

— A mulher era jovem. Adorava o tempo, pois em seu sangue *sabia* das coisas por vir. O arqueiro era um homem cego, e conseguia ver coisas que nenhum outro podia ver. O caminho de suas flechas sempre levava ao coração de um inimigo. Do familiar e do escravo sei pouco.

— Ver as coisas por vir? O nome da mulher não era

Deionarra, era?

O nome nos lábios me trouxe a memória dela de volta: um vestido azul-azul ondulado por um vento não sentido, e olhos azul-cristal brilhantes de lágrimas não derramadas. Seu cabelo era branco como a espuma do mar, seus lábios pálidos franzidos com a necessidade de sussurrar meu nome e tremendo com a tristeza de não *saber* qual era.

Deionarra.

Dak'kon assentiu:

— *Saber* que Deionarra era o nome que ela carregava.

Senti frio:

— O que sabes do arqueiro?

— *Sei* pouco dele. *Sei* que era um soldado. *Sei* que o álcool havia levado uma porção de sua vida. Na cegueira, havia vindo a *conhecer* uma visão diferente. Ao *saber* isso, havia se tornado forte. Ainda assim não *conhecia* sua própria força.

— Sabes qual era o nome dele?

Antes que Dak'kon pudesse responder, de repente soube a resposta. A sensação de rastejo no fundo do crânio voltou, e senti o nome emergindo, como de sob um grande oceano lamacento.

— Seu nome era Xachariah... era cego, mas na cegueira, havia ganhado uma segunda visão que lhe permitia ver

coisas ocultas a outros. Era um arqueiro, e onde suas flechas voavam, encontravam os corações de seus alvos.

— *Saber* que Xachariah era o nome que ele carregava. E *saber* que seu nome perfurou o coração de muitos inimigos.

— E qual deles eras, Dak'kon? Eras o escravo?

Dak'kon ficou em silêncio por um momento, e a superfície de sua lâmina nadou, como em turbulência:

— *Saber* que este aqui te devia um serviço. Ao te dever isso, tornou-se como escravidão.

— Foi em Shra'kt'lor, não foi, Dak'kon?

O nome foi sibilado por Kii'na, que o cuspiu como se fosse amaldiçoar Dak'kon até os ossos.

Dak'kon ficou em silêncio de novo, e quando falou sua voz tremeu, e velhas feridas foram reabertas:

— *Saber* que é o lugar onde morri minha primeira morte.

— O que é esse lugar?

— É um dos grandes lares do Povo. Sofreu muitas feridas em sua vida. Uma de suas cicatrizes é por minha mão.

A cada menção da cidade meu couro cabeludo arrepiava. Lutei contra o impulso de passar as mãos pelo cabelo:

— Como isso veio a ser?

— *Saber* que o conto é longo. O assunto é entre mim e o outro que uma vez fostes. *Saber* que se o ouvires, *saber* que será um longo conto.

— Gostaria de ouvi-lo.

Dak'kon suspirou, e passou a mão pela parede ao nosso lado. Seus dedos acariciaram a pedra azul-cinza, tentando evocar velhas memórias de sua antiga pátria. Falou, e veio numa entonação quieta. Me descobri me inclinando para frente, ansioso para capturar cada palavra:

— No Plano rolante de Limbo, o Povo molda cidades do caos com seus pensamentos. *Saber* que não há lugar para uma mente dividida.

Dak'kon ergueu a lâmina do ombro e a segurou diante de si. Enquanto a encarava, ela ficou tão afiada que era quase fina como papel:

— Uma mente dividida é uma mente sem foco. Uma mente dividida racha paredes e enfraquece pedra.

Enquanto Dak'kon falava, as bordas da lâmina corroeram levemente, o metal se dissipando e derretendo ao longo das arestas:

— Muitas mentes divididas podem destruir uma cidade.

— Por muito tempo *conheci* as palavras de Zerthimon. Por minha voz, muitos vieram a *conhecer* as palavras de Zerthimon. Os zerths protegem a comunidade de todas as ameaças, sejam ao corpo ou à mente. São as pedras guia no

caos. Assim sucedeu que eu falei as palavras de Zerthimon sem *conhecer* as palavras de Zerthimon. Sucedeu que não me *conhecia* mais.

— Então... duvidaste das palavras?

— Não.

A voz de Dak'kon ficou aguçada, e sua lâmina afiou em resposta:

— *Conhecia* as palavras. No entanto entrou em meu coração que talvez outros não *conhecessem* as palavras como Zerthimon as *conhecia*. E assim a divisão se formou. Enquanto minha mente se tornava como duas, enquanto minha mente ficava dividida, aqueles que me viam como pedra guia ficaram divididos. Muitos escores de githzerai, muitos centenas de escores de githzerai... duvidaram. Shra'kt'lor morreu naquele dia.

— Então... os que te seguiam vieram a duvidar das palavras também, e a cidade foi enfraquecida.

Os dedos de Dak'kon apertaram o cabo da lâmina, e ele fechou os olhos:

— Os inimigos de Zerthimon vieram. *Saber* que o ódio deles por suas palavras e pelo Povo emprestou força às suas lâminas. *Saber* que eles sentiram a cidade enfraquecida, e trouxeram guerra consigo. Muitos githzerai se afogaram no caos e sob as lâminas de nossos inimigos.

Pequenas contas de metal apareceram na superfície da

lâmina, como se estivesse formando bolhas. *Saber* que isso aconteceu há muito tempo.*

— O que aconteceu contigo?

— Ao cair dos muros de Shra'kt'lor, *saber* que meu eu estava partido. Minha lâmina era névoa, minha mente dividida. Eu derivava nos mares de Limbo, e desejava me afogar. Morri por dias, minha mente anegada em divisão, quando a morte finalmente veio até mim. Ela usava tua pele, e tinha tua voz.

Piscei, lami os lábios. O arrepio que percorreu minha espinha era um formigamento frio nascido separado do cálido formigamento no couro cabeludo:

— Eu?

— Pediste que eu te ouvisse.

Enquanto Dak'kon dizia as palavras, minha visão sangrou para fora, e a sensação de rastejo começou a serpentear pelo fundo do crânio...

Me rendi à memória.



Tenho que vigiar meus pensamentos.

Tudo ao meu redor está em turbulência — minha visão é turva, rodopiante, vertiginosa, tudo DE UMA

VEZ... há névoa, bolsões de fogo, ilhas de lama, pedra e rochas cobertas de gelo nadando pelo Plano como peixes, impactando e se dissolvendo, gotículas de água arcando pelo ar uivante e açoitando minha pele como dentes — sufoco o enjoo e me estabilizo; este é o Plano de Limbo, tudo é caos, nada é estável...

A batalha havia durado dias. Do meu poleiro havia ouvido os gritos distantes, o coro de metal chocando-se contra metal, aço astral prateado contra karach. Corpos de guerreiros tinham sido fixados às paredes, que sangravam e derretiam na discórdia que se seguiu até a pedra se tornar gelo, então se sublimar em rajadas de vento que dispersaram os cadáveres como trapos antes de coalescer em magma carmesim bruto, envolvendo carne e osso num abraço cinza.

Corpos menores, talvez crianças githzerai, tinham sido atirados para o vazio nebuloso, derivando como bonecos quebrados. Tinham morrido muito antes que o caos pudesse sufocá-los. Tomei pequeno consolo nisso.

Quando os muros de Shra'kt'lor foram quebrados, quando a barreira fina entre ordem e caos desmoronou, não foi apenas a substância metafísica do reino que inundou, selvagem e fada e giddy. Não — foi acompanhada pelo caos da guerra: githyanki vieram uivando com gritos ulular de dentes afiados, illithids se arrastaram armados com pensamentos que perfuravam como lanças. Os slaadi

enxamearam as outrora imaculadas paredes e gritos de nimbo sem forma enlouqueceram os habitantes de terror, amolecendo-os para ser devorados pelas lâminas e garras famintas de seus inimigos.

Estou em silêncio enquanto caminho pela ilha partida, dois quarteirões inteiros da cidade que haviam se desprendido e foram enviados flutuando para o vazio nebuloso. Acima, o reino de Limbo se manifesta em belas manchas aleatórias de matéria transubstancial. Neve cinza flutua para baixo sobre as ruas restantes, como se algum resíduo psíquico latente chorasse em lamento.

Há apenas o rugido distante do caos acima e o esmagamento arenoso de escombros sob minhas botas. Caminho pelos corpos, pelo sangue, pela ruína total e absoluta. Em alguns dias a vontade psíquica persistente dos Anarquistas vai se esgotar e morrer e lentamente esta ilhota se dissolveria, entregando os cadáveres ao abraço da oblivão louca.

Paro. Ele está ali.

Foco no homem moribundo que jaz diante de mim. Ajoelhando-me, examino o zerth para ver se ainda vive.

O sobrevivente (se assim pode ser chamado) é um githzerai, seu corpo embutido num bolso de terra que redemoinhou ao redor dele — inconscientemente, havia formado uma tumba dos elementos, e embora pedaços de

fogo e água lambessem seu rosto, ele não responde. Suas mãos estão cinzas, seus olhos negros como carvão focando em nada — sua estrutura emaciada fala de inanição, mas sei que é a menor de suas feridas. É a fé que lhe deu o golpe mortal.

Procuro a lâmina que ele carrega.

Em sua mão esquerda flácida há uma massa torcida de metal, sua superfície tendo derretido ao redor da mão como uma luva. Enquanto observo, fumeja e sibila, como uma serpente doente. O githzerai não parece estar ciente disso... mas é essa arma que me trouxe aqui.

A memória fulgura, e ouço minha voz ecoando através da barreira entre a vida e a morte, de uma encarnação para outra.

*“Dak’kon, zerth de Shra’kt’lor-Afogada, último wielder da lâmina karach, **saber** que vim até ti com as palavras de Zerthimon, gravadas não no caos, mas na pedra, gravadas pela vontade num Círculo Inquebrável.”*

À palavra “Zerthimon”, os olhos de Dak’kon rolam em suas órbitas e tentam focar em mim. Com esforço, ele abre a boca para falar, mas apenas um sibilo seco emerge. Trago a pedra da minha mochila e a seguro diante dele para que possa ver.

*“Saber que as palavras de Zerthimon inscritas nesta pedra são verdadeiras, e **saber** que tua mente dividida não*

*precisa mais ser dividida. Tudo que deves fazer é pegar a pedra e **conhecerás** a ti mesmo novamente.”*

Os olhos de Dak’kon cintilam sobre o Círculo Inquebrável de Zerthimon:

“Pega...”

Por um momento, penso que pode estar perto demais da morte para reconhecê-lo. Então a mão direita treme, e ele a puxa lentamente de sua prisão de terra, os torrões de terra que dela escorrem se tornando água nos ventos caóticos de Limbo. Suas mãos esqueléticas agarram a pedra, como um homem se afogando agarrando um galho, e seus olhos faiscam.

“Saber que salvei tua vida, Dak’kon, zerth de Shra’kt’lor.”

Os olhos de Dak’kon se desviam da pedra e cintilem em cima de mim, e ele sibila de novo, a garganta seca demais por um momento para articular as palavras. Pisca, lentamente, depois fala, sua voz mal acima de um sussurro, mas as palavras são o que eu queria ouvir:

“Minha... vida é tua... até a tua não ser mais...”

Sorrio.



Estava pasmo por não ter desabado e vomitado quando

voltei ao presente.

Dak'kon estava em silêncio, contemplativo nos segundos silenciosos em que a memória havia me varrido:

— Ouvi tuas palavras. O caos em minha mente ficou quieto. Me *conheci* de novo.

Engolí em seco, tentando limpar o gosto de cinzas da boca:

— Me fala sobre aquele “eu” de outrora... a encarnação que *conhecias*. Como ele era?

O olhar de Dak'kon viajou através de mim, e ele ficou em silêncio:

— Dak'kon?

— *Saber* que ele era diferente. *Saber* que as diferenças não estavam marcadas na pele, nem no Caminho da arma, nem na vestimenta que o cobria. *Saber* que era diferente no modo de pensamento e nos meios pelos quais agia sobre seus pensamentos. Sua VONTADE tornava-se substância. *Saber* que ele via os outros e NÃO os via. *Conhecia* apenas como poderiam servi-lo. Seu coração era traiçoeiro, e era frio, e nunca sua frieza o queimou.

Minha voz era um sussurro quando perguntei:

— Alguma vez te tocou, Dak'kon? Ele te traiu?

A lâmina de Dak'kon começou a sangrar para um preto opaco e morto, e observei enquanto bordas, como dentes,

começavam a brotar ao longo do fio. Seu rosto se crispou, e ele falou pelos dentes:

— Não é minha vontade que *saibas* disso.

— Me fala, Dak'kon. Ele alguma vez te traiu?

— Entreguei minha PALAVRA a ele. Entreguei meu EU.

— Do que estás falando?

— O Povo não se permite ser escravizado a outro em ato ou correntes. Se nos encontramos em tal gaiola, AGIMOS para nos libertar, mesmo que signifique suportar outra gaiola por um tempo. Realizaste um grande serviço para mim. Ao fazê-lo, me escravizaste. Agi para me libertar. *Saber* que entreguei minha palavra e meu eu para agir em teu nome até tua morte.

— Minha... vida é tua... até a tua não ser mais...

O arrepio com aquelas palavras se cravou nos meus ossos:

— Mas... não posso morrer.

— Isso não era *sabido* por mim. Entreguei minha palavra a ele. Entreguei a mim mesmo. *Saber* que agora não há mais nada que possa entregar exceto minha vida. *Saber* agora que te sigo apenas para que possa morrer.

— Não digas isso, Dak'kon...

— Isso é uma ordem? — ele murmurou com amargura.

Karach ondulou e chacoalhou, como aço dobrado.

— Não! Quero dizer — Dak’kon... recebeste o Círculo de mim, correto?

— Sim. Ao *conhecer* suas palavras, me *conheci*.

— Mas isso salvou tua vida, Dak’kon? Ou te dividiu ainda mais uma vez que estudaste o Círculo?

Dak’kon ficou em silêncio por um momento, mas sua lâmina se contorceu, como em dor. Foi lento para falar de novo, e quando o fez, sua voz era sombria:

— Me dividiu.

— Então eu salvei tua vida, Dak’kon? Ou apenas te levantei de perto da morte para que pudesses morrer novamente? Aquelas palavras... as palavras de Zerthimon — elas apenas parecem te dividir mais. Eu as vejo quando te debrusas sobre os ensinamentos.

Dak’kon ficou em silêncio.

— Digo que NUNCA te salvei, Dak’kon... apenas te levantei de perto da morte para que pudesses morrer novamente. Se tivesses morrido em Shra’kt’lor, então terias *conhecido* a paz.

Sua lâmina sangrou negro como a noite, mas ficou imóvel. As palavras vieram com grande esforço, secas e antigas:

— Tuas palavras carregam o peso da verdade. A morte que teria morrido em Shra’kt’lor — essa teria sido a última

morte. Cada dia que vivi desde então é uma nova morte.

— Não precisas mais me servir, Dak'kon. Nunca salvei tua vida; apenas te matei duas vezes. Não me deves nada.

— Não... — A testa de Dak'kon se contraiu em dor, e seus olhos fitaram através de mim. — Não é tua palavra que carrega o peso, e tua palavra não me libertará. A palavra que me acorrenta é minha. O tormento é meu. *Sei* em meu coração que as correntes permanecem. Palavras não as libertarão.

— Há algum jeito de seres livre?

— Deves morrer uma morte final. No entanto teu caminho não é o caminho da morte. Não há resolução para este assunto.

— Juro que encontrarei uma, Dak'kon. Encontrarei uma que te liberte. És meu amigo, e isso juro a ti pelo dano que fiz.

A voz de Dak'kon ficou rascante, como se de repente tivesse adoecido:

— *Saber* que acrescentaste outras palavras às minhas palavras.

Sua expressão era de dor, e seu olhar encontrou o meu:

— Agora nos acorrentastes a ambos.

Os dois erguemos o olhar ao som de passos suaves e o estalar de cajado contra pedra. Hargrimm se aproximou,

com Maria Mofada se arrastando ao lado. Em suas mãos ela segurava a cabeça de Soego: a pele estava inchada e cinza com decomposição, e havia um leve brilho na pele. Sua boca estava entreaberta num uivo pós-mortem, e seus olhos tingidos de vermelho haviam rolado para trás, encarando o nada. Uma aranha rastejava pela bochecha e começava a prender seus lábios com sua seda.

— O Triunvirato falou — Hargrimm disse sombriamente.
— Pega a cabeça de Soego, traidor de nossa causa, e pode partir em paz.





Capítulo 52

Odeio o fedor podre de Homens-rato.

Era o cheiro mofado de um armário velho, rançoso com a poeira de esporos de mofo e fezes de vermes antigas e secas. Pelo menos os Homens-rato eram inteligentes o suficiente para não viver e comer onde defecavam, mas era pouca consolação quando de fato tinha que me abrir caminho de volta pelos labirintos deles.

O quanto Lothar podia confiar neles, nunca saberei.

As tábuas da ponte de madeira rangeram sob meus pés enquanto eu a atravessava, e suprimi o impulso de dar alguns saltos de teste nela para ver se se estilharia sob meu peso.

— Recuperaste o crânio específico que o mestre quer?
— Mantuok chiarrou. Seus bigodes fremiram.

— Sim — grunhi. — do Homem-rato Soego.

— Dá-me, e o levarei ao mestre. Teus serviços não são mais necessários.

Um músculo na minha bochecha tressaltou:

— Não, acho que o levarei a ele pessoalmente.

— Mal entendes... — as garras de Mantuok se apertaram

e soltaram, e a cauda começou a oscilar. — Não foi um pedido. Dá-me o crânio. Não desejamos problemas... aqui de todos os lugares, bípede. Tais problemas mesmo alguém como tu teria dificuldade em lidar.

Olhei-o diretamente nos olhos. O homem-rato se destacava acima dos outros, seu pelo era entremeado de manchas de preto-alcitrão e sua armadura era de primeira linha. Havia algo perigoso nele, uma ambição astuta e aterrorizante além do que uma pilha de licantropia normalmente podia reunir. Ele me odiava, isso eu conseguia dizer, pelo jeito como seu olhar parecia perfurar buracos no meu crânio.

— Olha, Mantuok... — disse com cuidado. — Tudo que estou fazendo é trocar um crânio por outro. Reaver um amigo meu.

— Não me importo nada com você ou seu amigo!

Alcansei minha mochila e peguei a cabeça de Soego pelo maço de cabelo. Parte de mim esperava que saísse puxando, afrouxada pela decomposição, mas embora escorregasse um pouco em meus dedos o aperto ainda era firme:

— Leva ao teu mestre. Sabe apenas que estou saindo no momento em que Morte voltar... pode trabalhar sob Lothar à vontade. Não estou interessado em ser servente de busca sob o calcanhar daquele velho barbacinza.

Joguei para ele. Mantuok rolou a cabeça nas patas e farejoua criticamente:

— Muitos, muitos lugares nas catacumbas, bípede, não é? Muitos lugares onde alguém pode ser emburado por toda a eternidade e os gritos nunca são ouvidos. Para um desses lugares serás levado e deixado para sofrer.

Ele se virou para seus companheiros Homens-rato:

— Esfaqueia o bípede até ele cair. Pega o cadáver para as catacumbas e o enterra vivo.

Meus olhos arregalaram:

— Mas — não estou tentando usurpar teu lugar aqui! Lothar não tem necessidade de mim!

A gargalhada guinchante de Mantuok perfurou meus ouvidos:

— Idiota bípede. Ser a mão confiável de Lothar era apenas parte da questão. Mato-te independentemente.

— Mas — por quê?!

Suas presas eram longas e amarelas, e uma língua fina lambia o focinho para umedecê-lo:

— Porque odeio o jeito como cheiras.

— Verme doentio! — rosni.

As adagas de soco de Annah estralaram para as mãos, a lâmina de Dak'kon foi sacada com o som suave de seda contra aço.

— Não é doença! — Mantuok riu enquanto os Homens-rato começavam a nos cercar. — É uma bênção! Sou muito maior que você, uma coisa mais cadáver que homem!

— Como meus superiores — escarnei, começando a provocá-lo. — Suponho que seja seu privilégio se agachar em esgotos, se banquetear com imundície e o deader ocasional para se manter vivo, e se vestir em trapos esplêndidos com suas caudas peludas e escamosas arrastando pela lama atrás? Sois vermes, sombras de pessoas, desejando desesperadamente ser humanos. Patético!

— Não, nós — somos seus superiores! — espuma manchou o focinho enquanto ele rosnava. — Somos predadores. Caçamos bípedes. Sois alimento para nós! Presa ganindo!

— Sois alvo de treino para mim.

Digo-lhes, quatrocentas libras de Homem-rato raivoso se lançando em você é algo que nunca se esquece.

Aquele juggernaut de armadura e pelo barrou em mim, me erguendo do chão e me arremessando contra o poste da ponte. A madeira rachou, conseguia sentir um longo estilhaço da madeira estilhaçada empalando minhas vísceras. O cheiro de ozônio encheu o ar, deixado para trás por raios silvantes de fúria eldritch. Conseguia ouvir o som da batalha, o guincho de ratos enquanto caíam e o tilintar

de aço bruto contra karach.

Tosei. Lá está aquele gosto de sangue de novo.

Agarrando minhas dreadlocks miçanguinhas, Mantuok esmagou minha cabeça contra uma das tábuas da ponte. Se estilhaçou sob mim. Ele ergueu minha cabeça, angulando o suficiente para me cravar em outra tábua. E em outra.

Havia um limite superior para quantas tábuas de madeira o crânio humano pode suportar, e eu estava atingindo o meu. Meus olhos rolaram preguiçosamente em suas órbitas, o mundo girou. Conseguia sentir o zumbido de poder bruto bem abaixo de mim. Era aquela energia verde e redemoinante nas profundezas do abismo, batendo contra a pedra e pulsando com uma luz profunda e faminta. Como de um longo túnel havia o sibilo distante da voz de Mantuok, seu hálito fedendo de carne podre e queijo velho.

— Que tesouros tens, humaninho? Que objetos de poder posso arrancar do teu cadáver miserável e meio embalsamado?

— Antes de cobiçar os tesouros dos outros — gemí — é melhor proteger os seus.

E com um empurrão da perna, trouxe minha joelheira espetada para a virilha dele.

Mantuok respirou fundo, seus olhos vermelhos e miúdos

recuaram enquanto um ganido agudo e pequeno vazou de sua garra.

Rápido como um açoite saquei a adaga da bainha e o esfaqueei, bem na garganta. Mantuok recuou, confuso, castrado, tentando desesperadamente estancar o fluxo de sangue com uma pata enquanto tentava alcançar seu machado.

Sem sorte.

O esfaqueei, na borda fina entre uma placa de armadura e a próxima. Atônito demais para me arranhar, Mantuok só conseguia dar uns chutes enquanto eu o agarrava por um dos altos espigões de seu capacete opulento, batendo-o de cabeça no poste atrás de mim. Carne e osso se esmagaram repetidamente até que o rosto fosse uma massa arruinada e o poste estivesse pintado de uma nova tonalidade de vermelho. Não tinha certeza se ele estava vivo ou não, mas tirei alguma pequena satisfação ao chutar o traseiro de cauda de verme dele para o abismo.

— Tudo bem? — disse enquanto cambaleei um pouco tentando me levantar direito.

Já Annah e Dak'kon se examinavam para ferimentos e limpavam as armas.

— Ach, só bem seu idiota. Não sei se poderíamos ter enfrentado aquele grandão totalmente armados, mas o provocastes certinho — Annah sorriu.

Dak'kon lançou um olhar para o poste manchado de sangue:

— Uma grande tragédia. Começar um momento como rei, e terminá-lo como cadáver.

— Mantuok pode reclamar de tragédia quando não está sendo espetado a cada doze horas.

Meu pé esbarrou em algo, e olhei para baixo. Era um tomo grosso, azedo com o cheiro de decomposição. Quando o apanhei o couro pareceu rastejar sob os dedos, como se fosse pele humana bruta deixada ao sol.

E ainda assim... algo sussurrou no fundo da minha mente para abri-lo. Não era o familiar formigamento de uma memória nascente borbulhando para a superfície, mas algo mais... tentador.

— Estás bem? — o nariz de Annah se enrugou. — Não pareces bem.

— Estou bem — grunhi enquanto caminhávamos, sacudindo o impulso de abrir o livro ali mesmo. — Tudo que quero é reaver Morte. O vazio que ele deixou está me deixando de mau humor, acho.

— Bem, só digo que provavelmente devias sentar e curar um pouco, aye?

Pressionei o lado da cabeça onde Mantuok havia apresentado o mesmo à ponte. Meus dedos voltaram molhados de sangue.

— É nada... provavelmente uma contusão, talvez uma fratura no crânineuplu nyyyehtzouppppay—

Lá vão os meus centros de fala. Thud.

E lá vai o controle motor.





Capítulo 53

Quando Annah e Dak'kon conseguiram me arrastar de volta ao covil de Lothar, havia me recuperado o suficiente para formar frases coerentes de novo. Mover-se era um pouco trabalhoso, mas mesmo que cambaleasse um pouco Dak'kon era bondoso o suficiente para me apoiar.

É claro que Lothar não teve a cortesia de estar lá quando voltei, e Morte havia sido removido da prateleira.

Com um grunhido me sentei:

— Bem, suponho que esperemos então.

— Psst.

Olhei para cima:

— Annah? Disseste algo?

Ela piscou:

— Nay. Estás tão atordoado pelos golpes na cabeça a ponto de ouvir coisas agora?

Olhei para Dak'kon, prestes a fazer a mesma pergunta. Não, se ele quisesse chamar minha atenção (e nunca queria) não era do tipo de me fazer psst.

— Aqui em cima.

Olhei para as prateleiras.

A voz do crânio era baixa e rouca, o som de sílex e aço:

— Acho que já te vi antes, estranho.

Me arrastei para mais perto. O sujeito estava bem polido, embora amarelo e de dentes tortos:

— Onde me viste?

— Curst. Cidade-portal para Carceri.

Piscei:

— Curst? Cidade-portal? Carceri?

— O que és, sem noção? É uma cidade-portal, na beira das Terras Externas, a porta para o plano-prisão de Carceri. É um lugar de apunhaladores pelas costas e traidores, e está cheio de esquemas como as cuecas de um baatezu. Ficar bem ao lado de Carceri é capaz de mudar a natureza de uma cidade; não me surpreenderia se a cidade estivesse prestes a escorregar.

— Escorregar? O que queres dizer?

— Quando as crenças de uma cidade-portal ficam parecidas demais com o plano que beira, a força dessa crença é suficiente para fazer seu plano vizinho engoli-la inteira. Acontece o tempo todo — pelo menos quando os Anarquistas estão envolvidos.

Ele falou com um tipo sombrio de orgulho:

— Hey, te conheço! És aquela facção tentando jogar

Sigil no caos.

— Bem... isso é uma oversimplificação — sua voz floresceu enquanto falava. — Somos uma sociedade secreta, células de membros que trabalham sozinhos ou através de diretivas passadas pela rede de informantes e líderes-que-permanecem-ocultos. Nosso objetivo é derrubar a estrutura de poder, libertar as pessoas das mentiras dos políticos e dos poderes, deixar todos conduzir suas próprias vidas por sua própria vontade. Trabalhávamos em segredo — trabalhávamos em segredo — e mudávamos nossas rotinas constantemente para evitar infiltração.

— Pareces um grupo paranóico — respondi secamente.

— Se uma sociedade à qual pertencesse prosperava em intriga, infiltração e no ódio dos detentores do poder estabelecido, seria cuidadoso também. Não é paranóia quando eles realmente estão atrás de ti. Em nossa linha de crença, alguém envolvido em um triplo-cruzamento é um amador.

— Mencionastes que me viram uma vez. Em Curst.

— Hmm? Ah, isso. Sim. Há muito, muito tempo. Lembro de alguém pintado de feio e cicatrizes.

— O que estava eu fazendo lá?

— O que estavas fazendo lá? — o crânio riu. — Estavas balbuciando sobre algum idiota tentando te

matar e vagando pelos lugares errados. Bem, estavas obviamente louco e tudo mais, então eu e alguns amigos te desplumamos. Enterramos um estilete em ti e dividimos o material. Logo depois disso fui traído, mas antes escondi alguns daqueles bens.

Era difícil ficar com raiva por um crime contra mim ocorrido há séculos, contra outra encarnação. Tudo que sentia era uma sensação vaga de inquietação por *saber* apenas aqueles parcos detalhes.

— Bem, então onde está meu material?

— Não digo — o crânio disse teimosamente. — Talvez algum dia consiga um corpo de volta e vá buscá-lo, e talvez não, mas agora me dá grande alegria ver-te se perguntando. Boa sorte em encontrá-lo.

— Droga.



Apenas alguns momentos de espera mais tarde, um trovão e uma nuvem de fumaça heraldaram a chegada de Lothar.

Cravou o olhar de aço em mim, sem ser surpreendido com nossa presença:

— Vieste reaver o tagarela? Seu choro interminável me cansa.

Assenti, e puxei a cabeça decepada da mochila:

— Tenho o crânio de Soego, um espião missionário Dustman e Homem-rato.

Lothar tomou a cabeça de Soego de mim e a examinou cuidadosamente. Seus dedos nodosos forçaram os lábios soltos a se abrirem para verificar os dentes de Soego, levantaram as pálpebras para olhar nos olhos pálidos e vazios:

— Um missionário e espião Dustman, hein? Isso será satisfatório.

Seus dedos traçaram um gesto arcano:

— Seu amigo estará te esperando acima do chão, onde entraste. Agora parte, tenho trabalho a fazer.

Por mais que quisesse ver Morte de novo, Lothar parecia ser alguém que podia oferecer respostas:

— Espera um momento... coleciona as memórias dos mortos. Talvez possas me ajudar a encontrar as respostas que busco.

Os lábios de Lothar se afinaram, desenhando uma longa ruga em seus traços envelhecidos:

— Muito bem, marcado. Talvez possamos conversar. Vem.

Na outra extremidade do cômodo, Lothar embalou a cabeça sobre um caldeirão, borbulhando com uma sopa

verde e opaca. Seus dedos amassaram as bochechas podres de Soego, puxaram a boca aberta:

— Há sabedoria nos ossos, marcado — ele disse com reverência. — A matéria cerebral apodrece, os corações murcham, as almas se sublimam em nada. Mas os ossos perduram, carregando em suas curvas de branco-marfim segredos melhor deixados esquecidos, arrependimentos e amores sem nome. Memórias que afundaram fundo no cerne de um homem são fossilizadas enquanto o crânio durar.

— Lothar...

Ele me ignorou, e seus olhos se abriram amplos em reconhecimento:

— Ah... vejo. Um homem que perdeu sua amante para as garras cruéis de um predador, que vendeu a alma pelo regresso dela, e cujo corpo foi despedaçado por criaturas de frenesi voraz. Já ouvi este conto antes... de um jovem bardo tolo numa ilha de um mundo distante, que cantou o nome de sua amante mesmo enquanto as ondas o engoliam.

Ele jogou a cabeça de Soego no caldeirão com um splash.

— Bem, este revelará alguns segredos Dustman, pelo menos.

A juba de cabelo negro como corvo rodopiou entre a espuma verde como algas marinhas. Balançou um

momento. O caldo podre infiltrou-se na boca aberta, expulsando uma aranha pequena de seu ninho enquanto inundava. Ela disparou ao longo da testa, pernas como agulhas circulando o perímetro onde a sopa fervente comia as bordas daquela ilha encolhendo de carne. Eventualmente aquele refúgio pálido foi consumido enquanto a cabeça afundava e a aranha se debatia, arranhando nada enquanto morria com uma futilidade agônica alimentando seus últimos espasmos. Demorou apenas um momento para seu corpo se dissolver, e na espuma verde borbulhante suas pernas finas derivaram como floco na superfície de um lago.

Annah enrolou os braços ao redor de si mesma como se sentisse frio, nervosa demais para traçar um círculo sobre o coração para afastar o mal como costumava fazer. Mas apesar de suas superstições e medos ela se arrastou perto no meu rastro enquanto Lothar nos conduzia escada acima.

Seu quarto estava decorado como eu esperava — uma gaiola feita de uma caixa torácica de uma criatura, uma parede revestida de crânios animais. Sentou-se numa cadeira feita de várias presas, seu cajado ainda na mão.

— Seja breve, marcado. Não posso me demorar o dia inteiro.

— Por que sou imortal? — perguntei, cruzando os braços.

Lothar me examinou, depois inclinou a cabeça como se fosse uma pergunta de idiota:

— Tua mortalidade — tua alma, se quiseses, aquilo que te permite viver e morrer — desapareceu de ti. Foi tirada por meios mágicos, pela hag-noturna Ravel Puzzlewell. Tua mortalidade é a chave para tua existência — quando a encontrares, encontrarás tuas respostas.

— Já ouvi um pouco sobre ela. Fala-me de Ravel.

— Ravel Puzzlewell é um enigma, mesmo entre as hag-noturnas. Alguns a chamariam de louca; outros dizem que ela joga um jogo mais profundo do que qualquer um pode ver. É maligna, de fio a pavio, tornando os íferos que verás nesta área parecer positivamente divinos em comparação — disse isso com a cara reta, como se não percebesse a ironia. — Está fora do alcance dos homens agora, graças aos poderes, pois foi labirintada pela Senhora da Dor.

Piscei. Isso... seria difícil.

— Labirintada? Como a encontro?

— Labirintos são como dimensões de bolso... pequenos lugares entre lugares. Para alcançar um, precisa encontrar um portal e uma chave. Não sei onde ficam a porta ou a chave. Talvez devesse buscar alguns dos teus velhos conhecidos — certamente deixaste um rastro deles. Eles te encontrarão, sem dúvida — reza para que te queiram bem. Talvez devesse visitar o Salão Cívico das Festividades —

lá há muitas respostas.

Quando fiquei satisfeito com as respostas, voltei ao salão e subi aquela escada sombria. Foi bom ver cor de novo, o respingo de luz multicolor dançando no chão. Virei as costas ao salão de Lothar, deixando aquele mundo abominável para trás ao sairmos.

Um grito distante ecoou de baixo. Era um som incoerente, talvez o nome de uma mulher filtrado pelas profundezas de águas verdes e cruéis.

Ignorei-o.





Capítulo 54

O ar frio da noite abafou um pouco o fedor e a neblina. Saindo da cabana decrepita soltei um suspiro de alívio ao ver Morte balançando alegremente bem na porta.

— Morte!

— Se esta é a parte em que choras meu nome e nos abraçamos, posso fazer isso com Annah em vez disso?

— Como consegues respirar quando falas tanto? — ela rosnou e agitou a cauda.

— Parei de respirar na primeira vez que te vi, sombriazinha.

Eu ri:

— Só estamos contentes de te ter de volta.

— Ach. Não estou, não fales por mim.

Ficaria espremido entre tagarelice rápida de um lado, insultos cuspidos num sotaque enrolado que morde a língua do outro. Sorri. Por ora, pelo menos, era um bom lugar para estar de novo.

— Não suponho que tenhas aprendido algo no lar de Lothar? Ou passou todo aquele tempo tagarelando?

— Ei! Tagarelar é meu melhor traço.

Morte tilintou os dentes por um momento, depois “sorriu”:

— Hein? Hein?

— Sim, sei sobre a Lítania de Maldições, Morte — estou mais curioso sobre o que conseguiste enquanto estavas lá em baixo.

— Bem, fiz alguns amigos quando estava sentado na prateleira no lar de Lothar esperando você me resgatar — obrigado por demorar, aliás — disseram que se eu precisasse de ajuda, podia chamá-los.

— Amigos? O que queres dizer?

— Bem, só assovio, e eles meio que aparecem. São um bom bando de lutadores — mordem como cobras também.

Parecia útil.



Acompanhar Annah de volta à Vila Soterrada era o mínimo que eu podia fazer. Qualquer outra garota como ela teria cuspidido em meu rosto à oferta, mas quando caminhamos juntos de volta para a Colmeia, ela não reclamou.

— Annah... não te encontrei na Colmeia antes de encontrar Pharod?

Ela assentiu, um pouco cautelosa. A cauda fez um trejeito:

— Aye, eu me lembro de ti.

— O que estavas fazendo perto do Mortuário?

— É meu território — estava procurando deaders.

Olhou-me de cima a baixo, depois smirrou:

— Encontrei um andando.

— Quando perguntei sobre Pharod, disseste que ele ficava ao sul e a oeste do Mortuário — quando não ficava — disse com um sorriso irónico. — Era um ninho de valentões.

— Aye, era — e terias feito o mesmo se algum vagabundo marcado viesse a ti e perguntasse onde encontrar teu pai.

Deu de ombros:

— De qualquer jeito te encontraste, então não me venhas reclamar disso.

— Tudo bem, tudo bem... — levantei as mãos defensivamente. — Podes me dizer mais alguma coisa sobre ele?

Com um rebolado dos quadris, Annah fez a cauda espetar ao longo da base de Morte. Apanhado tentando dar uma espiada em seus bens, Morte tentou tartamudear uma desculpa quando com outro trejeito Annah o jogou guinchando para um beco. Houve um estrondo, o guincho de um rato craniano ou dois, e uma série de palavrões que

guardei para uso posterior.

Ah, era mesmo bom tê-lo de volta.

— Está na Vila há mais tempo que eu — Annah disse sem pausar. — Chegou lá há tempo uma pedra, talvez tenha até encontrado o lugar, alguns dos moradores dizem.

Annah franziu o cenho. Pharod era astuto, tinha um jeito de espremer mais de um cobre do que a maioria, e nunca ficava sem dinheiro.

— Ele estava procurando aquela esfera de bronze todo aquele tempo?

— Suponho.

Annah deu de ombros de novo:

— Não sei por que ele estava tão louco para tê-la. Consegui farejá-la assim que a trouxestes a ele.

Enrugou o nariz:

— Fedorento de creme podre estava. Ainda assim... devia ser algo muito valioso para ele carregar tanto sobre o assunto — quase meia dezena de Coletores foram pendurados no Livro dos Mortos tentando buscá-la.

— Acho que ele estava a procurá-la porque achava que salvaria sua vida.

Ela piscou:

— O que queres dizer?

— Pharod não levou uma boa vida, pelo que entendo — disse, repetindo o que lembrava do conto de Fedorento. — Era antes um “Guvner” num dos Distritos Superiores. Aparentemente usou sua posição para mentir, trair e machucar outros no processo — tanto que estava destinado a ir para os infernos quando morresse. Achava que a esfera de bronze o salvaria de alguma forma — tanto que jogou fora seu título, sua riqueza e sua posição para tentar encontrá-la.

— De verdade?

Annah ficou em silêncio por um momento, depois sacudiu a cabeça:

— Não há conta para a tolice de Pharod. Uma quinquilharia não te salva das mãos do destino. Se as manchas na tua alma são suficientemente negras, nenhuma quantidade de lavar as tira.

Parou:

— Ainda assim, se achava que podia salvá-lo, talvez fosse importante de alguma forma... ou pelo menos valesse um pouco de dinheiro.

Um ar sombrio havia se assentado na Vila quando chegamos. As vielas estavam mais quietas que o usual, e os moradores se escondiam em suas cabanas e tendas. O piscar de cortinas revelava rostos parcialmente obscurecidos, olhando para fora com medo por um

momento antes de desaparecer atrás de pano amarelo-envelhecido com a idade.

Era como se uma praga houvesse visitado a Vila Soterrada para as ruas estarem tão esparsas de valentões e lâminas e para o silêncio ecoar junto com nossos passos.

— Algo está errado... — Annah sussurrou, e seu passo se apressou.

— Kelm, o que se tem passado aqui?

Os olhos de Kelm se desviaram inquietos:

— Ah, Annah. Voltaste... não... não esperávamos te ver de volta tão cedo...

Annah franziu os olhos:

— O que está deixando a Vila andando em ovos? Só fiquei ausente um dia ou dois e sou recebida de volta como se estivéssemos carregando a praga.

— Oh, er — Kelm gaguejou. — Não és tu, Annah. De verdade.

— Ach, dizes isso mas teus olhos não subiram abaixo do meu pescoço.

Kelm mordeu o lábio:

— Não, é... Não sei. Pharod tinha acabado de fechar a Corte do Vento Podre, exigido que ninguém o perturbasse. E logo depois...

Parou.

— O quê? Cospe logo, aye?

Kelm lançou um olhar para o outro guarda, que estava perfeitamente satisfeito em ficar em silêncio:

— Annah. Algo está... mais frio neste lugar. Um momento estou trocando rimas sujas com Vruk aqui e no momento seguinte sinto esse arrepio pela espinha como se alguém tivesse cavado e alisado minha tumba.

— Não o sentes? — Dak'kon murmurou para Annah. — O eco de oblvio desolado, como um ponto nulo na espuma de Limbo, onde pensamento e espírito sangram até secar.

Ela mordeu o lábio, e eu também comecei a sentir. Não era o vazio da Vila que era perturbador... era o ar sombrio que esvaziou a Vila: arrependimento e desespero, espesso o suficiente para quase saborear.

— Precisamos falar com Pharod — declarei.

Por apenas um momento Kelm pausou, como se por instinto quisesse repetir o édito de Pharod de não ser perturbado. Mas com um gesto cansado acenou-nos para além do portão.

Há arrepios que picam a carne, como agulhas de gelo. Fazem os pelos se levantarem, se acomodam na pele e a entorpecem. Quando o frio penetra na carne fica paralisada com tremores, quando se infiltra no osso e na articulação carrega os rangidos e o cansaço da velhice.

E então há arrepios que se enterram pela carne adentro

e para dentro da alma.

O corpo estropiado de Pharod jazia flácido na base de seu trono manchado de sangue.

— Da! — Annah engasgou. — O que aconteceu? Quem te fez isso?!

Como relâmpago as mãos de Dak'kon dispararam e agarraram os pulsos de Annah. Suas habilidades eram consideráveis se conseguiam igualar a velocidade das mãos de Annah.

— Olha para longe — ele disse suavemente enquanto Annah se debatia em seu aperto.

— Vai se catar, gith! — Annah rosnou. — Devia te esfaquear agora mesmo!

Dak'kon ajustou a postura e a segurou firme. Aqueles membros finos e frágeis escondiam uma força enganosa:

— É uma bondade que algumas coisas não sejam vistas. É uma misericórdia que algumas coisas não sejam *sabidas* — sua voz era como o murmúrio de um riacho, calma, plácida. — *Sabes* o destino de teu pai. Deixa que isso seja suficiente.

Ela desabou em seus braços em fúria sem lágrimas, unhas se cravando em sua pele e desenhando sangue. Dak'kon não piscou.

— Odeio-te, seu gith de cara mofada — ela rosnou com

uma fúria fria. — Odeio-te tanto...

— Uh, chefe? Talvez não devesse fazer isso — Morte chiarrou nervoso enquanto me ajoelhava ao lado do corpo de Pharod.

— Vou ficar bem — grunhi.

O virei, levantei o manto manchado de sangue no qual seu corpo havia ficado enredado. Estremeci. Não estava bonito. Dak'kon tinha razão em reter Annah de ver isso.

— Ele não lutou — disse. — O braço ainda segura o orbe... e não há nenhum dano fresco em sua muleta. Só posso esperar que tenha sido rápido.

— Só pega — Annah rosnou. — Não ajuda a ele agora, e não é pior do que o que ele já fez a outros no passado.

Enfiei o orbe na mochila, e a sensação de rastejo que deixou em minha palma apenas acrescentou ao meu sentimento de inquietação.

— Annah, tens alguma ideia de como Pharod podia ter morrido?

— Eu... — ela sacudiu a cabeça e esfregou os pulsos. Aquela fúria centelha havia se acalmado o suficiente para Dak'kon a soltar. — Não sei. Ninguém com meio senso ia... Pharod tem uma longa sombra, tem. Cruzas-se com ele, e acabas apanhando, isso tens.

— Não precisas mais me acompanhar, Annah. Se

precisas ficar com a Vila Soterrada, eu—

— Nay... — Annah me interrompeu. — Não preciso estar na Vila — e me perguntava o que faria se Pharod fosse pendurado no Livro dos Mortos.

Ela fungou:

— Ah, bem; está provavelmente adorando a parede de alguém nos infernos, está.

Minha mandíbula caiu:

— Mas... é o teu pai. Não—

— Não é meu pai de verdade.

Seus olhos assumiram um olhar duro:

— Era ganancioso, e era estúpido, e era egoísta, e era fraco. E agora está morto. E isso é tudo.

Suspirei, erguendo a muleta na mão. O bastão de madeira deteriorado tinha uma travessa pregada na parte superior, ela mesma embrulhada em trapos presumivelmente para evitar que a maldita coisa se enterrasse com muita força na axila de Pharod quando se apoiava nela. Sem surpresa, a muleta cheirava terrivelmente, e cada centímetro dela estava coberto de sujeira, esgoto e restos não identificados.

Algo sobre ela me fez me perguntar: apesar de sua aparência frágil, havia se sustentado muito bem. Até testei com meu peso e aguentou sem ao menos ranger.

Considerando a natureza de catador de Pharod, a muleta provavelmente tinha algum valor além da aparência para ele. Talvez fosse uma arma (mesmo que não tivesse se defendido no fim), ou...

Vagueei pela Corte, segurando a muleta numa mão, apontando e gesticulando e mancando sobre ela. Só precisei procurar por alguns minutos antes de...

WOOOOSH...

O ar diante de mim rachou aberto num portal azul familiar.

Brilhante.

O ar me surpreendeu quando entramos pelo portal. Era mofado e rançoso, mas limpo do fedor podre da esgoto da Vila Soterrada. Alcoves altos e graciosos continham livros, livros e mais livros, todos indexados e colocados em ordem arrumada entre as prateleiras. Estavam livres de poeira, sujeitos a uma limpeza meticulosa por uma mão que sabia como organizar as coisas. Puxei alguns tomos, olhei sobre a tinta desbotada. Alguns tinham manchas de pasta amarelo-castanha cuidadosamente aplicadas para remendar rasgos.

Esta era a face escondida de Pharod... uma biblioteca funda abaixo da Corte do Vento Podre, o triste remanescente de que glória este lugar já carregou.

Com que frequência Pharod havia fechado a Corte

do Vento Podre para que pudesse caminhar por estes corredores sem perturbação, lendo livros antigos e suspirando com nostalgia pelos dias perdidos como Guvner? Estava tentando reconstruir algo que um dia teve aqui, consertando anais e arquivos perdidos?

Pus o livro de volta.

— Ach, então este é o grande tesouro de Pharod, aye?

Annah fungou:

— Bem, mais vale eu pegar minha herança enquanto estamos nisso.

Morte estalou os dentes enquanto flutuava ao longo das prateleiras:

— Algo me diz que o velho babão devia ter te comprado aquele pônei quando eras criança, tiefling.

Havia poucas coisas a encontrar no Tesouro, ou o ouro de Pharod estava escondido bem demais para eu encontrar. Alguns pergaminhos, uma salpicagem de encantos, até uma cunha de queijo duro como tijolo.

Quando terminamos, voltamos ao redor para a saída.





Capítulo 55

Os feitiços simples da Velha Mebbeth, outrora raridades valiosas, eram meras quinquilharias ante as forças que havia estado enfrentando ultimamente.

Rolei um pergaminho e o coloquei de volta em sua mesa. Por essa altura tais feitiços eram meros cânticos para mim.

— Hrmph. Bom demais para ti, criança? Era uma época em que rastejava até a Velha Mebbeth em busca de ajuda, era — ela escarneceu, me entregando mais uma tigela de ensopado. Sorvi devagar. Era insípido e cheio de amido. Prazeres ricos não eram para alguém com a idade de Mebbeth.

— Foi uma professora excelente, Mebbeth — bajulei.
— Não teria sobrevivido às provas pelas quais passei recentemente se não fosse por ti.

Seus lábios pálidos se curvaram numa careta:

— Não gosto do apuro em que te metes, criança, não gosto. Saíste de baixo da minha asa e deixaste o ninho para céus traiçoeiros à frente. Na Colmeia posso te proteger, mas lá fora...

Ela sacudiu a cabeça:

— Desculpa-me, criança. Parece que nada te posso oferecer.

— Não é verdade. Podes oferecer-me tua sabedoria, como sempre.

— Vai logo e pergunta, então.

— Já ouviste falar de alguém chamado “Ravel”, Mebbeth?

— Pah! — Mebbeth sibilou e fez um semicírculo sobre o coração. — Que bobagem-de-nada estás falando! Dizendo tal nome na minha presença!

Ela abanava o dedo:

— Maldade, maldade, dizer tal coisa traz maldade à porta de alguém.

— O que sabes sobre ela?

— Ravel? Pah! Mitos e histórias de assustar crianças.

Sua voz ficou baixa, como se me avisasse:

— Escuta, criança: NENHUMA Ravel existiu, não de forma ALGUMA... e mesmo se houvesse, não precisas bagunçar aquela Gaiola.

— Preciso saber tudo que podes me dizer sobre ela, Mebbeth. É importante.

Mebbeth franziu o cenho... parecia não querer encontrar meu olhar:

— Coisas ruins... coisas ruins num nome...

Olhou de volta para mim:

— No estranho coração-de-hag de Ravel, muitas tonalidades de maldade e malícia, todas se cruzando e se torcendo como cobras. Não há mais necessidade de se dizer, deixa estar, deixa estar!

— Sabes onde ela está, Mebbeth? Preciso encontrá-la.

— Onde se encontra um conto de fadas?! Mebbeth não sabe!

Ela sibilou:

— E mesmo se eu soubesse o *saber*, diria? Não, irias tentar desenterrá-la, e não posso ter isso em minha consciência, não posso...

Pareceu de coração partido:

— Mas, criança... se precisas *saber*, se tens absoluta certeza de que está quase te devorando por dentro, então... aye, então, te direi.

— Por favor... preciso encontrá-la, Mebbeth.

— Ravel... — Mebbeth suspirou. — Ravel, a cruel Ravel, jaz sob os cuidados da Senhora, naquele labirinto... diz-se que foi colocada lá há tanto tempo, há tanto, muito tempo... mas encontrá-la? Mebbeth não *sabe* o caminho.

Suspirou:

— Pergunta no Distrito dos Escribas, talvez. Um dos

barbas-cinzentas de lá pode ter o obscuro disso...

Annah estremeceu e traçou um símbolo no ar, e deixou de lado a tigela a metade. Dak'kon tomou a sua com calma.

— Sabes mais alguma coisa sobre Ravel... algo que me possas dizer antes de buscá-la?

— Criança... — Mebbeth falou, mas sua voz soava cansada e partida. — ...se buscas o mal nos Planos... não precisas viajar longe.

Ela tossiu:

— Bruxa *conhece* bruxa, poder *conhece* poder, mas não há ninguém que *saiba* todos os ramos e torções de Ravel. Aprende tuas habilidades bem, e mantém as pálpebras abertas quando novos cenários não parecerem certos. Confia em ti mesmo, e não confies nela, ouves?

Assenti:

— Ouço. Obrigado, Mebbeth.

Mebbeth suspirou:

— Não desejo males a outros exceto a essa. Fico feliz que se foi, e a Gaiola é melhor sem ela. Mais uma vez direi, criança, deixa o passado apodrecer onde jaz. Deixa estar, deixa estar.

Terminamos o ensopado e partimos.



— Bem-vindo ao Distrito dos Escribas, chefe.

Pedras de pavimento bem cortadas se aninhavam umas nas outras como escamas num peixe. Os prédios haviam sido erguidos com pedra limpa e cortada, colorida e polida. Degraus graciosos perfuravam o arco do céu, e nem um remendo de Videira-navalha manchava as paredes. Pelo contrário, flores e videiras haviam sido puxadas e criadas a partir de delgadas folhas de bronze, e em algumas paredes a folhagem metálica se ramificava para cima e para fora, como se desafiando a erva abissal a competir.

Homens e mulheres bem vestidos deslizavam uns pelos outros como cisnes num lago, adornados com vestes de brocado de uma dúzia de cores. O ar estava limpo, as cores, vivas. Nunca soubera que as cores podiam ser tão ousadas sem um véu de neblina amarelo-castanha obscurecendo tudo.

Havia o cheiro de carne sizzling vindo de um quiosque de esquina: carne real, em vez de um rato fervido espetado numa vara. Num canto um grupo de artistas de rua cambalhoteavam uns sobre os outros enquanto a música de flautas e sinos tocava em ritmo com as acrobacias.

Sigil era realmente uma cidade de maravilhas.

Uma mulher mais velha e de aspecto severo passou, e com um olhar seus olhos se estreitaram. Parou, me estudando com uma careta desaprovadora e com os lábios

apertados. O guarda de armadura vermelha ao seu lado ficou atrás dela, cruzando os braços sobre um peito espesso como um barril enquanto olhava para mim.

— Bom dia, milady... — disse com uma leve reverência. Era o que faziam aqui, suponho: se curvavam uns para os outros.

A mulher assentiu cortesmente, falando num tom frio como gelo. Sua voz parecia cortar o ar, como se estivesse acostumada a fazer discursos ou proclamar éditos. Era culta, nítida, tão diferente do balbúcio de sotaque enrolado que morde a língua ao qual havia sido submetido na Colmeia.

A cauda de Annah fez um trejeito ocioso.

Não que houvesse algo errado com um sotaque, porém...

— Qual é o seu negócio aqui? E vigie as palavras, pois sou Diligência, Quarta Magistrada do Distrito.

Piscei, e meu lábio se curvou de aborrecimento:

— Algo perturbador na minha aparência?

Ela bufou:

— Certamente que sim! Se o Ato de Regulação de Vestuário for aprovado, pessoas do seu tipo não serão permitidas a se pavonear de tal maneira, meias-nuas e sujas que estão.

— Esse visual é a última moda na Colmeia, sabe. Talvez deva tentar; pode ficar bem.

— Definitivamente — Morte acrescentou. — Embora seja melhor se vigiar quando ele está tentando se vestir casualmente.

Os olhos da mulher se estreitaram ainda mais:

— Não brinques comigo; não tenho paciência para isso. Agora, o que quer?

Piscei, o bom humor sumindo:

— Julgas rapidamente pelas aparências, não é?

— Dir-me-ias então que não és um errante, vagando pela cidade fazendo perguntas a todos que encontras, se envolvendo em mais de um ocasional combate até a morte com os que te cruzam?

— Er... bem...

A mais tênue sugestão de um esgar apareceu em seus lábios:

— Sou rápida a julgar, senhor, porque sou magistrada por ofício.

— Apesar de tudo isso, madame, estou bastante limpo, e... sem desrespeito... algumas culturas podem achar suas roupas ofensivas.

Ela me examinou de forma cética por um momento, depois assentiu:

— Seu ponto é bem-tomado... senhor. Ainda assim, porém, não pode negar que parece uma pessoa de aparência bastante rude.

— Minha aparência é meramente um produto do meu ambiente, madame, e de uma vida difícil. Não devo ser responsabilizado por isso.

— Oh, mas deve! — sua voz assumiu um tom de pena. Não havia arrogância por trás — se soava como algo, era uma mãe expressando decepção num filho que poderia ter sido muito mais. — Quão fácil é para alguém culpar sua vida, seus arredores por cada fracasso! Posso ver por seus modos que és bem educado, senhor, mas parece insistir num estilo de vida de vagabundagem e violência sem sentido. Por que não se instala em Sigil, torna-se um cidadão contribuinte, em vez de algum nômade de mãos ensanguentadas em suas ruas?

O guarda atrás dela mudou de peso, como para me lembrar que ainda estava ao lado dela.

— A escolha está fora de minhas mãos, garanto-lhe.

— Oh? Como assim?

Seus olhos arrefeceram num olhar de curiosidade:

— É difícil explicar...

— Não obstante, pediria que o fizesse, senhor.

E assim lhe contei minha história... o que *sabia* dela,

pelo menos.

Quando terminei, Diligência parecia chocada:

— Isso... isso é um conto considerável, senhor.

Suspirei:

— Se fosse apenas um conto, madame. É minha vida, e tenho as cicatrizes para provar — como notou quando nos conhecemos pela primeira vez, acredito.

— Sim, sim... assim é.

Ela sorriu levemente... havia começado a me perguntar se era capaz de tal coisa:

— Desejo-lhe boa sorte, senhor, em seus empreendimentos. Que se encontre de novo.

Assenti:

— Meu agradecimento. Adeus, Lady Diligência.





Capítulo 56

— Então... se essas prostitutas vendem diálogo... estou provando suas “mercadorias” ao falar com elas?

Morte balançou ao meu lado:

— Eh, se não for macio e coberto de mel, não chamaria de mercadoria.

A jovem de cabelos escuros no primeiro cômodo encarava o espaço listamente, suspirando com misericórdia e ocasionalmente beliscando as costuras de seu vestido de veludo verde. Era difícil discernir se estava deprimida ou simplesmente entediada. Joias tilintavam em seus pulsos e o tecido esmeralda abraçava sua figura esbelta, especialmente acentuando os seios. Teria sido bonita se não fosse pelo fato de seus olhos estarem semicerrados num anseio petulante.

— Saudações. Lady Grace pediu que eu falasse com cada uma de vocês.

Ela me lançou apenas o mais breve dos olhares antes de voltar a encarar a distância:

— Saudações, sim... chamo-me Juliette. Como posso... ah, deixa pra lá. Me deixa em paz, por favor.

Soltou um suspiro exasperado.

— O que há de errado?

— Oh, nada. Só que passo meus dias fitando a face da mediocridade, vendo se algo pode apagar sua passagem pavorosa e tediosa.

— É sua vida tão tediosa?

— Ai de mim, é.

Ela suspirou de novo, fechando os olhos e massageando as têmporas:

— Terrivelmente entediante!

Eu ri:

— Tenho certeza que poderia acrescentar alguma emoção à sua vida...

— Não, não... és gentil ao oferecer, porém. Já estou com um homem, senhor, e o amo imensamente. É apenas que desejo... — ela bateu o dedo no queixo. — ...algo mais do nosso enlace.

— O relacionamento está faltando algo, então?

— A única coisa que lhe falta é emoção, senhor. Nossas famílias acolheram a notícia do nosso namoro esplendidamente, seus irmãos amam meus irmãos, e nossos amigos consideram nossa união abençoada pelos Poderes. Tudo bem e bom, mas as coisas estão indo... — ela franziu o cenho. — ...tão suavemente. Não é certo ter

um namoro tão sem problemas.

— Não sei quanto a isso...

— Não sabes? Já tiveste tal namoro?

Ela lançou um breve olhar:

— Pareceria que tua vida está cheia de uma variedade de problemas, a julgar pelo tom da tua pele.

Um rosto cintilou em minha memória, de uma mulher de cabelos de marfim pálido, seu vestido azul-marinho sacudido por um vento não sentido:

— Não lembro de nenhum namoro que tive. Os remanescentes dos que encontrei sugerem que posso ter tido alguns problemas.

Juliette me ignorou e continuou, gemendo:

— É apenas que todas as minhas amigas têm relações tão interessantes... repletas de tumulto, famílias em guerra, adagas nas costas umas das outras, veneno, irmãos loucos e pais irados com espadas grandes. Tenho um amante cuja família me ama e a quem o mundo ama.

Ela suspirou de novo:

— Uma grande fonte de aborrecimento. Como eu desejaria formular alguma maneira de apimentar as coisas...

— Isso não parece sábio, Juliette. Aprecia o que tens.

— Desejo experimentar problemas, porém. Desejo

experimentar os altos e baixos do namoro... mas com ele, nenhum outro. Ah, tal é o amor. Pode ser tão enfadonho quanto um porrete, e não serve para nada a uma aspirante Sensata.

— Posso fingir ser um pretendente ciumento, se quiser.

Juliette me olhou, depois escarneceu:

— Oh, eu altamente duvido que— hmm. Na verdade, essa ideia não é tão absurda quanto primeiro pensei.

Ela me examinou como se avaliasse um cavalo:

— És tão rude e duro quanto tua aparência indicaria?

Sorri:

— Não os fazem mais duros que eu, garanto.

— Farás isso por mim, então?

— Sim, farei.

— Excelente! Meu amor, Montague, pode ser encontrado no Salão Cívico das Festividades.



Ela deslizava pelo corredor quando a encontrei pela primeira vez, alta, elegante, com traços aguçados e um porte régio, um exemplo marcante de beleza aristocrática. Suas roupas pareciam ser tecidas de fio prateado, e um pequeno frasco pendia de seu colar. De cabelos ruivos e

imponente, a prostituta estava perfumada com um aroma exótico e erótico que parecia me atrair em sua direção. Aquele aroma dominava o ar sem sobrecarregar meus sentidos, como se fosse seu séquito.

— Saudações...

Ela me examinou, arqueando uma sobrancelha com o que senti ser desdém:

— Saudações. Meu nome é Vivian; devo presumir que estou sendo convocada?

— Não, Lady Grace apenas me pediu que falasse com cada uma em sequência...

Ela assentiu imperiosamente:

— Prossiga, então.

— Que cheiro incrível é esse?

Ela me sorriu:

— Agradeço-lhe o elogio... mas garanto que esse aroma particular é um odor suave e insignificante em comparação com meu aroma pessoal.

Ela suspirou.

— Seu aroma... “pessoal”?

— Sim, tenho um aroma particular que parece ter... saído vagando. É um pouco... difícil de se manter num lugar. Espero que alguém não o tenha levado por acidente... embora nunca se sabe, com as “damas” por

aqui.

Ela franziu o cenho:

— Então... por acaso o cheiraste em algum lugar?

— Você cheira muito bem agora, sabe...

Ela franziu o cenho por um momento, depois num instante me sorriu:

— Sim, sim, e agradeço-lhe o elogio... mas garanto que esse aroma particular não chega ao meu aroma pessoal.



A jovem pequena e atraente sorrindo com bem-aventurança e assobiando para si mesma tinha olhos azul-pálido largos que pareciam constantemente beber os arredores.

— Saudações. Lady Grace pediu que eu falasse com cada uma de vocês.

Ela fez uma reverência com gratidão e olhou para mim, sorrindo:

— Bem-vindo, bom senhor! Sou Nenny! E como estás neste belo d—?

De repente notou minhas cicatrizes e colocou uma mão enluvada sobre a boca:

— Oh, meu! Estás ferido!

Ela piscou:

— Por toda parte!

Morte girou ao meu redor, zombando da obviedade da garota:

— Pelos Poderes, chefe... ela tem razão! Nunca havia notado antes... estás coberto de cicatrizes!

— São todas cicatrizes velhas — a tranquilizei. — Estou bem.

Ela assentiu quietamente, baixando a mão.

— Então eu esperava que pudéssemos—

— Hein?

Ela não conseguia tirar os olhos das cicatrizes. Oh, que vergonha de mim! Não me mandes teu olhar rude! Sou Nenny — ela fez outra pequena reverência. — E é um imenso prazer te dar as boas-vindas ao nosso Bordel para o Saciamento dos Desejos Intelectuais.

Ela voltou a encarar meu corpo:

— Também tens tatuagens sob essas cicatrizes! O que é aquela?

Ela apontou para uma das minhas tatuagens.

— Aquela é—

— Parece fascinante! Olha como as linhas de tinta... acho que é tinta...

Ela semicerrou os olhos, depois estendeu a mão para tocar minha pele.

Deixei-a. As mãos de Nenny eram delicadas ao acariciar a carne marcada de feridas. Seus dedos eram hábeis em absorver as sensações.

— Acho que é tinta.

Ela traçou um dedo pela borda da tatuagem:

— É tinta? E que padrão! Olha como as linhas se cruzam aqui.

Tocou o centro da tatuagem:

— Isso é simplesmente espantoso...

Ela franziu os lábios e franziu os olhos em decepção:

— Conseguiria distingui-la melhor se não houvesse tantas cicatrizes...

— Não há nada a fazer sobre as cicatrizes; são permanentes.

— Oh, me desculpa, me desculpa... praga em mim por ao menos mencioná-las! — ela encolheu. — Mas tenho que saber... tens absoluta certeza de que estás bem? Estou te olhando e não consigo deixar de acreditar que estás com alguma dor.

Dei de ombros:

— Tenho amnésia, mas só isso.

— Amnésia?

Nenny piscou, depois se animou:

— Perda de memória! Tens tanta sorte — ela tilintou alegremente. — Tudo deve ser tão novo para ti.

— Isso é... um ângulo que não havia considerado.

Nenny bateu as mãos com deleite:

— Fico tão contente de poder abrir tua mente para essa ideia!



Marissa, da escuridão:

— Retorna! Tens uma razão desta vez, confio? Ou mais das tuas perguntas sem sentido?

— Na verdade, trouxe teu Véu Carmesim...

— Então por favor me passa.

Ela não soou tão satisfeita quanto eu esperara.

— Claro. Aqui...

Segurei o Véu Carmesim diante de mim, e senti ela tomá-lo de minhas mãos:

— Ah. Sim, muito melhor.

Dois pontos brilhantes de luz vermelha apareceram enquanto ela abria os olhos:

— Então é assim que pareces... talvez tivesse estado melhor com os olhos fechados.



A pequena jovem de pele cor de cobre queimado vinha deslizando quando a encontrei, num vestido branco translúcido segurado precariamente por grampos dourados, cuidadosamente drapeado sobre sua forma esguia como dois riachos brancos prateados de leite curvando ao redor dos seios.

— Saudações...

A mulher assentiu e sorriu brevemente, mas não ofereceu mais nada.

— Podes falar?

Ela sacudiu a cabeça e me sorriu com tristeza.

Morte riu:

— Já amo essa garota!

O afastei e continuei:

— Escreves, então, ou pantomimas? Devo falar com cada uma das estudantes de Grace.

A garota fez uma careta, sacudindo a cabeça. Era tudo. Suspirando, decidi que isso teria que ser suficiente para Fall-From-Grace.



Voltei a Fall-From-Grace. A falta de uma décima estudante deixou um vazio perturbador no fundo da mente, mas esperava que minha resposta fosse suficiente:

— Falei com nove das estudantes, como pediste... mas não consegui encontrar a décima.

Ela sorriu suavemente, seu tom coquete:

— E não conseguiste encontrar a décima estudante? Que curioso.

— Estou pensando que a décima estudante sou eu. Nesse caso, falei com todas elas.

Ela assentiu:

— Muito bem. E seus pensamentos?

— Aprendi o que significa aspirar a ser uma Sensata, e que é melhor sair em busca de experiência do que deixá-la vir até você.

Fall-From-Grace assentiu de novo:

— Muito bem. Viajarei contigo, se ainda desejas minha companhia.

— Desejo.

— Oh, a senhora das alturas vai se juntar a nós? — Annah resmungou. — Ach, o que precisamos dela?

Morte balançou e estalou os dentes:

— Não conseguirias entender.

— Desejo que ela caísse de uma grande altura... posso até empurrá-la eu mesma.

Grace sorriu e curvou a cabeça:

— Bem, com licença, tenho alguns arranjos a fazer antes de partirmos.

— Enquanto faz isso, deveria se livrar de todos os armários do Bordel e usá-los como lenha.

— Ah!

Fall-From-Grace riu suavemente, e seus olhos cintilaram:

— Um pensamento prático de fato.

Grunhi:

— Luis precisa urgentemente de um carpinteiro para aparar aquela libido.

Ela sorriu:

— Acredito que apreciarei sua companhia. Só estarei um momento, por favor, tome um chá até eu voltar.





Capítulo 57

Pele cinza-cinza drapejava sobre um corpo firme e voluptuoso. Aquelas curvas arredondadas eram mantidas frouxamente em rédea por um vestido violeta escasso... já tinha visto mais lã num único trapo de lavar do que nisso. Uma grossa juba de cabelo ondulado, cor de corvo, drapeava sobre ombros graciosos. Olhos carmesins cintilantes ardiam como rubis iluminados pelo fogo. Embora não fosse bonita no sentido típico da palavra, seus traços eram exóticos e não inteiramente desagradáveis.

— Bem, olá, senhorita.

A voz da mulher era profunda e sensual:

— E meus cumprimentos a ti, senhor.

Seus olhos ardentes percorreram meu corpo:

— Sou Kesai-Serris. Diz-me então: o que posso fazer por ti, hmmm?

— Qualquer coisa! — Morte gritou. — Faz o que quiseres comigo!

Kesai riu de coração, revelando caninos longos o suficiente para serem considerados presas. Sacudiu a cabeça e sorriu para Morte:

— De verdade, porém, por favor... o que posso fazer por ti?

— Bem, o que costumavas fazer pelos clientes?

— Conversar, é claro! Normalmente sobre sonhos, frequentemente de natureza erótica... mas nem sempre!

Kesai piscou para mim, sorrindo:

— Então! Gostarias de me contar os teus? Não sejas tímido; já ouvi tudo, sabes. Nada me chocará ou surpreenderá, e adoro tanto ouvir os sonhos das pessoas. Podemos trocar se quiseres — mas deves ir primeiro.

De repente fiquei muito ciente daquela meia-cicatriz dentro de mim, como uma ferida semi-curada:

— Eu... não tenho sonhos, na verdade.

Kesai arqueou as sobrancelhas com surpresa:

— De verdade? Que pena! Até íferos e devas sonham, sabes. Tens certeza de que não sonhas?

— Bastante certo. Sem sonhos, de jeito nenhum.

— Hmm. Peculiar demais! Fico sem saber o que dizer...

Ela fez um beijo em simpatia.

— Estou tentando encontrar o aroma de Vivian... sabes onde pode estar?

— Não, não sei.

Kesai franziu os olhos:

— A maioria das mulheres dirá que ela é enjoada, mas sempre foi gentil o suficiente comigo... me elogiando nos olhos... e ela cheira tão bem! Espero que encontre seu próprio aroma em breve. Tenta perguntar a Nenny; ela está em todo lugar ao mesmo tempo e pode ter visto algo.

Sorri:

— Tens olhos muito bonitos, sabes.

— Muito obrigada! Podes vê-los brilhando no escuro, sabes... bizarro, não?

Ela pausou para me olhar:

— Também tens olhos bonitos... tão escuros, e misteriosos! Tão cheios de caráter.

— Tch.

Annah revirou os olhos com desdém:

— Idiota.

— Não fiques chateada, Annah... és igualmente bela — lancei-lhe um sorriso atrevido, caprichando o suficiente sem ser enjoativo.

— An' o que é que isso quer dizer, seu pikin' retardado?! Achastes que estou com ciúme dessa farfalhona tagarela? Seu salafrário!

Annah cuspiu e desviou o olhar. O leve rubor nas bochechas a traiu.



Se havia algo do qual Annah não teria ficado toda espinhenta, era isto.

Duas estranhas criaturas cúbicas ficavam tranquilamente debaixo de um galho verdejante no jardim interno. Pareciam ser tanto máquina quanto orgânicas — tinham 4 braços esqueléticos como cobre polido, e asas igualmente metálicas empoleiradas em sua parte superior. Ao me aproximar, uma delas me encarou silenciosamente com olhos largos e sem piscar. Seu rosto não tinha o menor traço de emoção.

— Vamos lá, chefe! — Morte gemeu. — Estamos num prédio cheio de algumas das garotas mais gatas deste lado do multiverso e estás parando para falar com *modrons*?

— O que podes me dizer sobre eles, Morte?

Morte fez um barulho de nojo total:

— O que há para dizer? Pestes mecânicas irritantes... estão sempre trabalhando para impor lei e ordem ao multiverso. Não o bem, entende... só a lei. Vamos esquecer deles e ir puxar papo com as garotas, hein?

Morte gemeu exasperado quando me aproximei da criatura:

— Oi.

A voz do modron tinha uma qualidade metálica e

reverberante, como se fosse mais um som tocado num instrumento musical distorcido do que fala verdadeira:

— Teu cumprimento é retribuído.

Houve um suave clique quando a criatura piscou. Um silêncio estranho pairou no ar entre nós dois.

— Tinha algumas perguntas...

— Identifica-te perante nós.

— Sou... Adahn — menti.

A criatura inclinou-se levemente para frente, depois para trás, em suas pernas metálicas — se o movimento pretendia indicar uma reverência ou um aceno, não tinha certeza:

— Identificaríamos a nós mesmos como modrons, tipo quadrone, variante alada, ao sujeito Adahn.

— O que estais fazendo aqui?

— Nosso propósito aqui é a observação.

Olhei ao redor. Não havia fêmeas modron de busto generoso por perto, graças aos Poderes. A ideia era de certa forma perturbadora:

— O que estais observando?

— Estamos observando uma das funcionárias do estabelecimento.

Piscei:

— Quem?

— Como previamente declarado, estamos observando uma das funcionárias do estabelecimento.

— Sim, mas quem exatamente estais observando?

— O objeto de nosso escrutínio se chama “Dolora.”

Ainda não a tinha encontrado...

Não fiquei decepcionado. De cabelos escuros, pele pálida, e com um passo firme e decidido, Dolora carregava um ar culto e refinado. Ao se virar para mim, notei que seus olhos — que eu havia pensado anteriormente serem cinzas — eram da cor de aço escovado.

— Saudações...

Sua voz era suave, calma e sem inflexão — tinha uma certa qualidade de “distante”, como se de alguma forma não estivesse ligada a ela:

— Saudações... sou chamada Dolora. Posso servi-lo de alguma forma?

Me inclinei para frente com um sorriso:

— De que formas podes me servir, Dolora?

Ela piscou os olhos, depois tocou a mão no coração, curvando levemente a cabeça:

— Sou capaz de debater qualquer assunto acadêmico ou erudito com bastante proficiência, se for esse o teu desejo. Também sou versada em vários jogos de estratégia, caso

deseje jogar algo.

— Debater, dizes?

Sorri. Poderia ser interessante trocar filosofia com alguém novo pela primeira vez.

Alguém bonito.

Dolora assentiu:

— Isso é correto. Não sou um tomo nem um tutor; não tenho nenhum desejo de educar meus clientes. Caso tenha uma questão para discutir, porém... as quinze facções e seu efeito sobre a política de Sigil, as estratégias de batalha mais eficazes para guerrear em Acheron, o significado da própria existência... ficaria muito satisfeita em escolher um contra-ponto e me engajar em debate.

— Parece divertido.

Escolhi um tópico e comecei... o debate durou longo tempo enquanto os dois trocávamos pontos e contra-pontos, cada um tentando metodicamente minar a posição do outro. Nesse tempo Dak'kon sentou e ouviu quietamente, Annah sentou no galho alto da árvore, balançando as pernas e apreciando a sombra. Ao longe conseguia ouvir os gritos de algumas das mulheres enquanto Morte tentava espiar por baixo de suas saias.

Mas enquanto falava, uma estranha sensação começou a me tomar... uma memória, tentando emergir...



O eco oco da música pelo salão de banquetes havia se tornado um zumbido distante. A acústica do auditório principal do Salão dos Oradores é ruim. É uma casca vazia em comparação com o disponível no Salão Cívico das Festividades, mas tais detalhes mesquinhos são sem importância para o que está acontecendo aqui.

Elites bem-vestidas circulam, discutindo política e filosofia sobre taças de vinho. À minha frente está um sujeito pequeno e impecavelmente vestido com um medalhão dourado brilhando no peito, estampado com o estranho símbolo dracônico que é o selo do Signo do Um. Nós dois ficamos de pé num círculo de espectadores que se reuniram para ouvir nosso debate.

“Mas... mas isso é impossível!” o homem diz, parecendo perplexo.

“Oh, mas é.” respondo com um sorriso de quem sabe. “Fiz vários pontos irrefutáveis e dei alguns exemplos. Tu simplesmente não existes.”

Ele sóbria, a confusão cedendo ao choque desamparado: “Mas... não podes! Se eu aceitasse isso, eu’d... eu’d...”

“Sim. Deixarias de existir.”

E sem um lampejo de luz ou sopro de fumaça — sem nenhum fanfarra de qualquer tipo — o homem

simplesmente some.

Os espectadores fazem “oooh” e “aaah”, alguns começam a aplaudir, até que a adulação aristocrática cresce em aplausos polidos. Faço uma reverência floreada, ajusto o colarinho do casaco de veludo, e me afasto com um pequeno sorriso satisfeito nos lábios.



De repente percebi que Dolora me observava de perto:

— Estás te sentindo bem? Poderíamos terminar nossa discussão em outro momento, se desejares...

— Não... — trabalhei alguma umidade de volta à boca e lami os lábios. — Vamos continuar o debate...

Por mais que me esforcei para superar o senso de lógica infalível de Dolora, eventualmente venci. Ela simplesmente assentiu com aprovação:

— És um debatedor muito habilidoso; isso não há como negar. Sinto, porém, que se eu tivesse tido tempo para realizar alguma pesquisa, talvez não me tivesses superado.

Sorri:

— Talvez, talvez não. Consideraria isso uma vantagem injusta.

Dolora assentiu:

— Se quiseres, podemos debater mais uma vez sobre o mesmo tópico... eu poderia argumentar tua posição desta vez, caso desejes.

— Sempre és tão implacável num debate?

Dolora assentiu:

— A Mistress Grace me instruiu a não mostrar misericórdia, pois outra de suas estudantes sempre permite que um cliente vença depois de um longo debate. Era o desejo da Mistress Grace que eu fornecesse um tipo diferente de experiência para a clientela.

— Hmm. Poderíamos jogar um jogo, então?

— Claro. Há algo em particular que desejas jogar?

Sacudi a cabeça:

— Não... realmente não me lembro de nenhum jogo...

— Aqui, então — permite que te mostre um.

Dolora trouxe uma caixa fina e laqueada, que se desdobrou num pequeno tabuleiro marcado com uma grade. O conteúdo da caixa provou ser uma série de fichas de pedra polidas... metade delas negras, metade brancas:

— Este jogo tem muitos nomes. Devo explicar as regras?

— Sim, por favor.

Dolora explicou as regras do jogo — como as fichas se movem, como se supera o oponente. Parecia, de alguma forma, vagamente familiar:

— As regras são simples, sim? Mas uma grande dose de complexidade reside dentro do próprio jogo. Leva muito tempo para dominar. Jogaremos?

— Sim, vamos.

Ao jogar, percebi que havia feito isso antes. Várias manobras e estratégias vinham à mente que tinham me rendido partidas anteriores, e me encontrei tentando cada truque que *conhecia* para vencê-la. De repente, uma sensação estranha me tomou... outra memória, tentando emergir...



Um campo de batalha enfumaçado jaz espalhado diante de mim. No topo de uma grande colina com vista para o combate estou sentado, montado sobre uma besta enorme de quatro patas. O brado das trombetas carrega minhas ordens para as tropas abaixo.

Mesmo enquanto observo, minhas forças se dividem, fugindo para esquerda e direita enquanto o exército estrangeiro luta para subir a colina para matar o senhor inimigo — eu.

“Os tolos,” murmuro para mim mesmo, lábios se curvando num sorriso perverso. Em breve meus cavaleiros carregarão morro abaixo e pararão seu avanço num

instante... e nesse exato momento meus pedestres “em retirada” entrarão para esmagar seus flancos! Ah, mais uma vitória prestes a ser minha...



De repente percebi que Dolora me observava atentamente:

— Estás te sentindo bem? Poderíamos retomar o jogo em outro dia, se assim desejares...

— Não... — limpei a garganta e sacudi os últimos vestígios da memória, já sumindo de mim como fumaça nas pontas dos dedos. — Vamos continuar o jogo...

Dolora jogou excelentemente, contra-agindo todos os meus movimentos menos astutos, mas eventualmente meus enganos e manobras calculistas superaram suas estratégias bem trabalhadas. Ela assentiu aprovadoramente enquanto começava a guardar o jogo:

— És um bom jogador, talvez um mestre. Saúdo tua habilidade.

— Só sorte, suponho.

Agradei e passei para o próximo quarto.



— Seu idiota inútil! Eunuco sem pedras!

Recuei ao rosnar que filtrou meio abafado pela porta.

— S-sim, senhora!

Houve o som carnudo de um conjunto de nós dos dedos batendo na carne:

— Desce lá! Lambe!

— mmph mmmh—

— Bah, esquece, seu idiota de barriga pálida e crânio oco. Some da minha vista!

A porta se abriu e um homenzinho esguio saiu correndo. Exibia um belo olho roxo e um fio de sangue corria pelo nariz, o que tornava o meio-sorriso em seus lábios ainda mais deslocado.

A garota tiefling de aparência selvagem encontrou meu olhar com uma careta raivosa. Seu corpo tatuado estava praticamente nu, coberto apenas por um tanga de couro estreito, um sutiã de tecido preto e ombreiras blindadas que pareciam servir mais como decoração do que proteção real. Seu cabelo espetado — bem como o pelo fino que cobria suas pernas de cabra — era branco-dourado, e numerosos anéis prateados pendiam de suas orelhas, narinas, lábios e sobrancelha. Usava uma coleira de couro com a inscrição “Kimasxi Língua-de-Víbora.”

Kimasxi mostrou os dentes para mim:

— E o que é que estás encarando, seu idiota todo machucado?

— Meu amigo achava que eras atraente, mas nossa! Que erro horrível ele cometeu!

Ela olhou torto para Morte, depois olhou abaixo dele, onde normalmente estaria um corpo:

— Língua afiada... para um deader sem caule.

— Como se eu deixasse a minha perto se tivesse uma! O que foi, ouviste a palavra “bordel” e achastes que podias ganhar algum dinheiro aqui, sua vadia fedorenta de sarjeta? Hah! Não acredito que te deixaram sequer entrar pela porta, com todos aqueles carrapatos pulando de suas pernas peludas!

— Carrapatos?! O único inseto irritante aqui és tu!

Ela de repente se virou para mim:

— Ei! Veio falar comigo ou o quê?

— “Ou o quê?” O que mais posso fazer contigo?

Cruzei os braços. Alguns dos clientes poderiam ter curtido ser açoitados por uma tiefling, mas eu sabia que podia dar tanto quanto ela jogava.

— O que tens em mente, seu idiota de boca larga? Vai em frente; me dá um motivo para te dizer “não.”

— Lady Grace disse que eu devia falar com cada uma das dez estudantes. Embora aparentemente precise elevar

seus padrões.

A tiefling revirou os olhos:

— E o que te faz achar que me importo? Por que não lambes minhas costas?

— Minha língua não é larga o suficiente... e não gosto de pelos na boca.

— Bem, parece gostar do gosto de miudezas na boca, seu idiota fedorento.

— Só porque é como te beijar, sua fedorenta ratazana — sorri.

Annah escondeu um riso atrás do pulso.

— Me beijar?

Ela fez um som de enjôo:

— Prefiro beijar uma massa sangrenta de catarro a colocar meus lábios em ti. Não, obrigada!

— Não me agradeças... agradece aos Poderes que alguém quer te beijar de fato.

Kimasxi ficou sem palavras. Por um instante, um sorriso ameaçou rachar a máscara carranuda de seu rosto — depois ela se tornou mais basilisco que nunca:

— Certo, o que queres de mim?

— O que costumias fazer pelos clientes?

— Sou praticante de abuso.

— O que isso significa?

— Vou te mostrar.

A mão dela saiu para me esbofetear, mas consegui mal desviar do golpe. Kimasxi fez um beíço visivelmente, depois franziu:

— Ah, bem.

— Diz lá... — disse olhando de lado para Morte. — Podes ensinar meu amigo crânio aqui a ser mais abusivo?

Ela ergueu as sobrancelhas:

— Agora esse é um pedido incomum. Não sei, já parece muito mal-falado...

— Ele! Isso é “ELE parece muito mal-falado,” Kimasxi “Bexiga-de-Podre”... sua vagabunda roçada e pernuda de cabra!

Morte estralou.

— Quiseras ter pernas como as minhas, sua miserável caixa-de-ossos! Consigo andar, correr, dançar... o que fazes? Balançar desejando ter um par, de cabra ou qualquer outro!

Os dois foram para cima um do outro, trocando insultos farpados e escaldantes e chocando com línguas de fio de navalha. Mais de uma vez fui tentado a tampar os ouvidos, e até Annah pareceu impressionada com a batalha.

Por fim os dois pararam de brigar, e um silêncio

arrepiante se assentou sobre eles enquanto se encaravam com ódio. Finalmente, a tiefling fez uma admissão relutante para Morte:

— Não és ruim, na verdade. Não és ruim de jeito nenhum.

— Melhor que tu, talvez?

Morte mexeu o que sobravam das sobrancelhas:

— Hein? Hein?

Kimasxi estreitou os olhos para Morte:

— Não force, crânio.

— Não vou, tiefling. Admito que pode ter aprendido uma coisa ou duas... boa ideia, chefe!



Clad numa veste terracota pêssego-acastanhada, a jovem sedutora seguinte tinha um olhar distante em seus suaves olhos verde-mar. Seu cabelo louro-mel estava preso e penteado num estilo alto e elegante, adornado com enfeites finos que apenas serviam para emoldurar ainda mais seu belo rosto.

— Saudações...

Ela assentiu para mim:

— Saudações. Sou Yves, a Caçadora de Contos.

— Que coincidência! Eu também caço rabos — Morte chilreou.

Yves continuou, imperturbável:

— Veio trocar contos?

— Por que és chamada a “Caçadora de Contos”?

Ela fitou por mim e recitou uma história há muito praticada e encantadora:

— Era uma vez, uma garota foi a um oráculo que se dizia saber de muitas coisas e pediu-lhe um favor. Sua vida precisava de direção, então perguntou ao oráculo o que lhe daria propósito...

— O oráculo não era mau, mas era vago e tendia à bebida, o que o tornava obscuro em muitas questões de julgamento e foco. Sua única resposta à pergunta da garota foi que dentro de uma história que ouviria em toda a sua vida estava a verdade que buscava. A garota foi embora e coletou histórias, que persegue até hoje, sem saber qual das milhares guarda a verdade.

— Tal é o perigo de uma pergunta tola e a sabedoria de uma não dita.

Então trocamos histórias, uma por uma. Contei-lhe sobre minha estadia no Mortuário, sobre o Beco que deu à luz um novo segmento da cidade. Falei da maldição fedorenta de Fedorento, do segmento devastado da Colmeia que se tornou o Beco dos Ângulos Perigosos.

Com o coração pesado recitei o conto de Pharod, cujas mentiras o haviam condenado e que buscou salvação em vão; a história de Ignus, cujo coração ardia com o amor pela chama.

Ela me ensinou novos contos em troca.

“Capítulos de Pó”: Há capítulos no Livro dos Mortos, o enorme tomo no qual os Dustmen mantêm registrado o falecimento de tudo que vive. Neste Livro, há capítulos que não são senão pó, e acredita-se que os nomes aí contidos são almas perdidas que não podem morrer, mas devem sofrer a vida eternamente até que a própria história morra e lhes conceda liberação.

“O Cortejo da Senhora”: O conto concerne a um pretendente da Senhora da Dor, um de muitos ao longo dos anos. Era um jovem obcecado com a Senhora de Sigil. A via em todo lugar, em cada canto de sua cidade. Ouvia o farfalhar de seus mantos, o raspar de suas lâminas, e se apaixonou além de toda razão. Esperava que se a adorasse, por fim seria capaz de vê-la... e assim a adorou. Foi encontrado morto nos degraus encharcados de sangue de sua própria casa, feridas atrozes cobrindo todo o corpo... mas seus olhos estavam arregalados e em seus lábios havia um sorriso triunfante.

“A Terra Árida”: Era uma vez, uma grande aldeia foi atingida por uma terrível seca. Um fazendeiro foi à Pedra de Adoração e implorou à ela pela causa da seca.

Perguntou à Pedra por que nada fazia quando os campos estavam áridos e moribundos. Mas a Pedra não respondeu; simplesmente ficou, e projetou sua sombra.

— Annah... tens um conto para trocar?

— Aye, não sou boa a contar essas coisas, não sou.

Ela franziu os olhos e acenou as mãos como tentando afastar a ideia:

— Não me pede essas bobagens, agora.

Yves sorriu para Annah:

— Mas gostaria muito de ouvir teu conto...

— Por favor compartilha teu conto, Annah... — insistiu.

— Vamos lá já, tiefling. Já tens uma cauda que não abrirás mão — Morte resmungou.

Annah pareceu desconfortável, a cauda oscilando lentamente para frente e para trás:

— Bem, *sei* um conto...

Ela de repente ficou com raiva, encarando Yves:

— ...mas talvez não gostes, não vais, então não me culpes por engolir à força!

— Vai em frente, Annah...

Annah franziu, depois afinal cedeu com um suspiro exasperado:

— Ouvi um conto quando era pequenina.

— Este idiota está caminhando tarde para casa, perto do anti-pico, e passa por uma velha boca-desdentada numa rua escura e de outra forma vazia. “Para onde vais?” ela pergunta.

— “Para casa, pra minha mulher e meu canto,” ele diz.

— “Perto das Escórias?” ela pergunta.

— “Certamente,” ele diz.

— Então ela lhe pede um favor... levar uma caixa que ela tem ao Poço dos Deaders e entregá-la à mulher lá. Agora este idiota é um trouxo de verdade, bondoso demais para dizer não apesar de ter certeza de que algo não está bem com essa velha crone, e concorda. “Mas qual é o nome da mulher?” ele pergunta. “Onde ela mora? Onde devo procurá-la se não estiver no Poço dos Deaders?”

— A mulher lhe entrega a caixa — uma coisa de madeira, embrulhada em pano colorido — e lhe diz para simplesmente ir, e ela estará lá. Por fim, ela o avisa: “E seja o que for, NÃO abras a caixa!”

— Então ele a leva para casa e a esconde nas vigas, pensando em levá-la ao Poço dos Deaders quando clarear. A esposa dele, porém, ao vê-lo esconder a caixa, fica toda ciumenta achando que é um presente pra uma amante ou algo assim, e a abre assim que ele não está olhando.

— Bem, resulta que a caixa estava cheia de olhos arrancados e membros masculinos decepados com o pelo

ainda neles. O grito dela trouxe o idiota correndo... ele se lembrou do que a crone disse, ficou com medo e embrulhou a caixa de volta.

— Ele saiu direto para o Poço dos Deaders, e com certeza havia outra velha hag esperando por ele lá. Ele lhe entrega a caixa, e ela lhe diz: “Esta caixa foi aberta e olhada.”

— O pobre idiota tenta negar, mas ela fica com uma cara medonha: “Fizeste algo horrível!” ela lhe diz, e depois desaparece. Feito isso, ele corre de volta para seu canto.

— Está se sentindo mal quando chega de volta, e vai pra cama. A esposa se arrependeu amargamente de ter aberto a caixa e tudo, mas era tarde demais... no dia seguinte ele morreu de uma doença que apodreceu, e as primeiras coisas a ceder foram os olhos e o membro.

Annah assentiu sombriamente, seu conto concluído.

Se era o tipo de história com que Annah cresceu, isso explicava algumas coisas.

Yves sorriu:

— Foi um conto maravilhoso, Annah; nunca hesites em compartilhá-lo.

— Dak’kon... tens um conto para trocar?

— Ach! Estás louco? Palmas e gritando por hora de histórias?

— Ah, não escuta ela, chefe. Está com ciúme de que os seios de Yves são melhores do que os dela — Morte desviou antes que Annah pudesse agarrá-lo para fazer algo horrível.

Dak'kon assentiu solenemente:

— Impartirei o conto de “Ach’ali Afogando-se.”

Dak'kon contou a história de Ach’ali, uma githzerai tola do mito que havia se perdido no caos de Limbo. Normalmente, um único githzerai pode usar seu foco e disciplina mental para formar o caos ao seu redor num pequeno ambiente habitável. Ach’ali, porém, fez tantas perguntas inúteis e sem foco em sua busca por voltar para casa que sua ilha de matéria se dissolveu ao redor dela, e ela se afogou.

Yves sorriu:

— Fascinante, Dak'kon. Deixa-me compartilhar contigo e teu companheiro outra versão do teu conto que já ouvi...

Dak'kon pareceu atento, e talvez um pouco surpreso.

Yves continuou a contar uma versão diferente do conto de Dak'kon, na qual Ach’ali foi expulsa da cidade githzerai de Shra’kt’lor por sua tagarelice constante e inútil...

— Um dia ela encontrou um slaadi a caminho da pedra de desova. Ela apressadamente ergueu uma parede de matéria caótica, que até mesmo o slaadi voraz achou difícil de derrubar. Faminto, ele esperou, e falou com ela através

da parede. Ela lhe fez perguntas, e enquanto ficava mais absorta em suas consultas inúteis e nas respostas do slaadi, sua própria parede decaiu e desabou sobre ela... e assim ela se afogou na matéria de Limbo.

Dak'kon ficou em silêncio, ruminando essas palavras com cuidado.

Sorri para Morte:

— Tua vez.

— Eu? — ele gemeu. — Por que tenho que contar uma história?

Suspirei:

— Esquece, então.

— Não, não, farei isso... só achei que reclamaria um pouco por convenção. Além disso, adoro a atenção.

Mostrei a língua:

— De jeito nenhum, Morte. Não quero ouvir.

— Por favor! Vamos lá? Pleeeease? É uma ótima história! Muitos personagens, ação, antecipação e um desfecho surpreendente!

— O que é um desfecho?

— Não faço ideia! Mas soa muito impressionante!

Revirei os olhos:

— Tudo bem, vai em frente.

Ele sorriu alegremente, depois afundou a voz para soar tão sério quanto podia ser:

— Um homem idoso estava sentado sozinho num caminho escuro, certo? Não tinha certeza de qual direção ir, e havia esquecido tanto para onde estava viajando quanto quem era. Tinha sentado por um momento para descansar as pernas cansadas, e de repente olhou para cima para ver uma mulher idosa diante dele. Ela cacareou desdenturadamente e com uma gargalhada, falou: “Agora o teu terceiro desejo. O que será?”

— “Terceiro desejo?” O homem ficou perplexo. “Como pode ser um terceiro desejo se não tive um primeiro e segundo desejo?”

— “Já fizeste dois desejos,” a hag disse, “mas teu segundo desejo foi que eu devolvesse tudo ao estado anterior ao teu primeiro desejo. É por isso que não lembras de nada; porque tudo é como estava antes de fazeres qualquer desejo.” Ela cacareou para o pobre idiota. “Então, tens um desejo restante.”

— “Certo,” disse o homem. “Não acredito nisso, mas não há nada de errado em desejar. Desejo saber quem sou.”

— “Engraçado,” disse a velha enquanto concedia seu desejo e desaparecia para sempre. “Foi esse o teu primeiro desejo.”

Meu sangue esfriou.





Capítulo 58

A essa altura havia falado com nove das prostitutas. Juliette, a amante problemática. Vivian, a beleza perfumada. Nenny de Nove Olhos, tão entusiasta e perspicaz. A garota muda de aparência bonita (que, por algumas perguntas posteriores, viria a saber que se chamava Ecco). Havia a cruel Marissa, a voluptuosa sonhadora Kesai-Serris, a erudita Dolora, Yves a Caçadora de Contos e Kimasxi Língua-de-Víbora, nenhuma das quais precisava de mais adjetivos.

Nove. Morte estava muito ansioso para ajudar a encontrar a décima.

— Poderias tentar a porta secreta nos fundos — disse Annah com um sorriso depois que circulamos o bordel pela terceira vez.

— ...Porta secreta?

Ela indicou um painel de madeira perto dos fundos, que habilmente girou para o lado para revelar uma escada para baixo.

Ah.

Havia visto muitas maravilhas no meu curto tempo em

Sigil, mas isso me deixou sem palavras.

Uma estátua gigante se elevava sobre nós, de uma mulher nua congelada nos passos de uma dança. Ao seu redor vasos de barro pendiam do teto que abrigavam massas de videiras, cada uma adornada com folhas e flores como vestidos esmeralda e violeta. O ar estava fresco: úmido e frio como uma clareira de floresta.

Um homenzinho esguio de olhos de coruja olhou para mim, empurrando os óculos de volta à ponte do nariz. Ele gesticulou para mim com seu regador:

— Saudações, senhor. Posso perguntar como vieste a estar aqui?

— Acabei de descer por aquelas escadas... pela porta estranha que encontrei.

— Devo trabalhar melhor para ocultá-la — ele deu de ombros, depois me sorriu. — Sou o zelador do Bordel. Não deves estar aqui, na verdade, mas está bem que olhes um pouco.

Olhei para os arcos graciosos da folhagem:

— Podes me dizer o que é este lugar? É lindo.

Ele sorriu:

— Muito obrigado. Faço o que posso, sabe. Este é o porão do Bordel, onde as pedras sensoriais das damas são guardadas... usam-nas como diários de certa forma. Não

conseguirás usá-las, se é nisso que estás pensando... cada uma está sintonizada a uma estudante específica do Bordel, para que apenas ela possa acessar essa pedra.

Anéis prateados esguios prendiam cada pedra sensorial como franjas de um corpete, acentuando a curva suave do globo de vidro dentro. Eles zuniam com o olhar inabalável dos pensamentos e memórias de uma mulher, misterioso como seu olhar e contido apenas por uma fina camada de cristal.

Cada pedra sensorial tinha o nome de uma prostituta inscrito em sua base, nove prostitutas ao todo.

E mais uma. Mantida na malha de bandas de prata gravadas, pulsava com aquela mesma luz suave que as demais. Algo uma vez havia sido inscrito em sua base, mas a escrita havia sido apagada.

Droga.

Bem, tinha outras coisas a fazer de qualquer maneira.



Voltei a Fall-From-Grace. A falta de uma décima estudante deixou um vazio perturbador, mas esperava que minha resposta fosse suficiente:

— Falei com nove das estudantes, como pediste... mas não consegui encontrar a décima.

Ela sorriu suavemente, seu tom coquete:

— E não conseguiste encontrar a décima estudante? Que curioso.

— Estou pensando que a décima estudante sou eu. Nesse caso, falei com todas elas.

Ela assentiu:

— Muito bem. E seus pensamentos?

— Aprendi o que significa aspirar a ser uma Sensata, e que é melhor sair em busca de experiência do que deixá-la vir até ti.

Fall-From-Grace assentiu de novo:

— Muito bem. Viajarei contigo, se ainda desejas minha companhia.

— Desejo.

— Oh, a senhora das alturas vai se juntar a nós? — Annah resmungou.

Morte balançou e estalou os dentes:

— Não conseguirias entender.

— Desejo que ela caísse de uma grande altura... posso até empurrá-la eu mesma.

Grace sorriu e curvou a cabeça:

— Bem, com licença, tenho alguns arranjos a fazer antes de partirmos.

— Enquanto faz isso, deveria se livrar de todos os armários do Bordel e usá-los como lenha.

— Ah!

Fall-From-Grace riu suavemente, e seus olhos cintilaram.





Capítulo 59

O homenzinho barrigudo atrás do balcão sorriu enquanto larguei uma mão cheia de moedas em sua palma. Tudo no Distrito dos Escribas era consideravelmente mais caro, mas nunca havia visto copos tão limpos.

— Aqui vai, Annah — passei-lhe uma taça de vinho. Ela havia estado resmungando atrás de nós um pouco desde que saímos do bordel, e conseguia sentir aqueles olhos queimando nas costas enquanto caminhávamos. — Então...

Annah apenas me olhou ao ser abordada, e franziu o cenho. Não pegou o vinho:

— Aye? O que queres agora?

Piscei:

— Estás bem?

Ela apenas me encarou.

— Er, estava esperando poder te perguntar algumas coisas—

— Por que não perguntas à succubus-arrogante as tuas perguntas, então?

Os olhos de Annah se estreitaram em fendas:

— Por que estamos sequer viajando com ela? Não a PRECISAMOS.

O maître dos outros clientes esvaziou com praticada indiferença, mas a conversa deles parou. O silêncio estava denso com o esforço coletivo de ignorar nossa pequena briga:

— Annah, por favor. És muito importante para mim, e preciso da tua ajuda.

— Oh, aye, e por que isso, então? Isso deve ser rico. Sentes pena de mim, é isso? Achas que te atraso? Vai logo, diz!

Fiquei surpreso que não me esfaqueou ou apunhalou ali mesmo.

— Não sinto pena de ti, e não me atrasos — és rápida, és habilidosa, e realmente preciso de toda a ajuda que puder conseguir.

Annah franziu o cenho, a cauda fazendo um trejeito para frente e para trás:

— Aye... bem... *saber* que vou estripar ela se ela começar a nos avaliar para um festim.

Ela me encarou:

— E não penses que fico porque queres que eu fique — só te estou ajudando, estou.

— Muito bem. Agora... precisamos pensar sobre aonde

estamos indo.

— Aye?

Ela arrancou o vinho rudemente da minha mão, e alguns respingos escorreram pelo cristal bojudo. Bebeu um bom gole. Silenciosamente me perguntei se seus hábitos rudes de beber tinham a ver com sua vida na Colmeia ou se ela simplesmente queria ter um pouco de álcool para me aturar.

Enquanto nossa conversa baixava para um lento frémido, os outros clientes começaram a falar de novo. Papos sobre o tempo para a conversa fluir, e evoluindo dali. Os habitantes do Distrito dos Escribas certamente tinham classe.

— Sei que colectaste muitas histórias na Colmeia. Ouviste alguma história de Ravel Puzzlewell?

Ao mencionar o nome, Annah cuspiu três vezes e traçou um semicírculo sobre o coração:

— Hsst! Estás louco?! Não menciones o nome dela, se valorizas a vida!

— Por quê?

— É a mais maligna das Damas Cinzentas, ela é.

A voz de Annah caiu para quase um sussurro, como se com medo de ser ouvida:

— Filthy mean, com mais poder para espalhar do que

alguns Poderes. Diz-se que está toda espinhenta por dentro — até o coração. Diz-se que NUNCA consegues matá-la, porque o corpo dela é como uma árvore — cortas um galho, e há sempre outro crescendo em algum lugar pelos Planos.

— Falas como se ainda estivesse viva.

— Claro que está. Tem que estar.

A voz de Annah voltou a cair:

— Como matarias algo assim? É por isso que a Senhora teve que LABIRINTÁ-LA, assim diz-se.

Annah ficou um pouco mais fechada depois disso, e foi se apoiar no balcão, fazendo a cauda balançar enquanto pedia uma amarga cerveja preta. Inclinei a cabeça um pouco, olhando um tanto para a firme meia-lua de seu traseiro.

Droga que esse Morte me contaminou.

— Garota notável — Grace disse com um suspiro. — Tal fogo nela... talvez seja o sangue de ínfero em suas veias.

— O que nasce nos ossos será criado na carne, hein? — grunhi.

Grace me deu um daqueles sorrisos misteriosos, e me olhou por cima da borda de seu copo:

— Bem, dificilmente sou a pessoa certa para falar sobre o papel da herança.

Assenti:

— Verdade. O que podes me dizer sobre os tanar'ri?

— Os tanar’ri são íferos — alguns os chamam de “demônios”. Abraçaram o mal pelo bem do caos. Habitam os planos envenenados do Abismo onde se alimentam de sua própria raiva e se expandem pelo multiverso, destruindo tudo que tocam. Sempre buscam tentar outros a cometer crimes de paixão e vício.

— E como vieste a te chamar “Fall-From-Grace”?

— O significado dos nomes é um assunto complicado. Há muito a ser dito, e uma boa quantidade que é melhor deixada sem dizer.

Virei para encarar Grace bem enquanto Annah puxava conversa com um cliente... uma Sensata, pelo jeito:

— É “Fall-From-Grace” o teu nome real?

— Talvez.

Ela sorriu levemente:

— Talvez não. Há nomes que são dados e nomes que são ganhos. Quem há de dizer qual é o real?

— Não tenho certeza de que atribuo qualquer valor a um nome.

Grace me olhou curiosamente:

— De verdade?

Dei de ombros:

— Um nome é um manto de letras jogado sobre uma pessoa, nada mais. Um nome às vezes pode te dizer algo

sobre uma fração da pessoa, talvez até ajudar a definir essa pessoa, mas não é quem a pessoa é.

— Seu ponto é bem-tomado — Grace permitiu com um aceno. — Então por que és chamada Fall-From-Grace?

— Importaria?

Ela sorriu:

— É apenas um manto de letras.

— Importa para mim. Gostaria de *saber* como vieste a ser chamada assim.

Aqueles olhos azuis quentes se desviaram de mim, e ela fitou seu copo na contemplação angustiante que havia visto tanto nos outros. Grace, com tamanha compostura, tamanha autoconfiança e sabedoria, parecia menor de alguma forma.

Nem Sensata nem mentora naquele momento, o semblante ternuro de Fall-From-Grace era o de uma mulher, mais do que qualquer que havia visto:

— Caí de meu povo... alguns diriam que me elevei de meu povo, talvez, mas “cair” parece mais certo para mim.

Ela me olhou questionadoramente:

— Isso faz sentido?

— Sim, faz. Afinal, “cair” carrega consigo um sentido subjacente de perda.

Fall-From-Grace ficou em silêncio por um momento,

depois assentiu pensativamente:

— Sim... talvez seja por isso que pareceu como pareceu. Eu... fiz as pazes com a perda há muito, mas o nome permaneceu.

— Tens certeza de que fizeste as pazes com isso?

Fall-From-Grace encontrou meu olhar, e fiquei mais uma vez impressionado com o tom brilhante de azul de seus olhos. Era tempestuoso, como o oceano antes de uma tormenta:

— Havia pensado que sim. No entanto, ao falar contigo, chegaste a me fazer perceber algumas coisas.

Ela sorriu:

— Tens minha gratidão.

— Bem, se quiseres falar sobre isso, me avisa, está bem?

Ela assentiu:

— És muito gentil. Farei isso.





Capítulo 60

O ar ácido ardeu nas narinas, e meus olhos lacrimejaram de novo. Por pouco evitei esbarrar num abishai enquanto andava pela rua. O arco do céu estava coberto pela névoa amarela ácida, e enquanto imitava superficialmente um mundo primário pelo menos, havia me acostumado tanto a ver uma cidade quando olhava para cima que era desconcertante a ponto da claustrofobia.

O Distrito dos Escribas era caro demais para se viver, a Colmeia não tinha respostas... tudo que restava por ora era o purgativo purgatório do Distrito Inferior.

Entrando no Gran Fundação depois de passar pela portaria com um cumprir do zelador, fiquei de pé em admiração ante o resplendor do grande cadinho, que repartia rios de aço fundido como sopa. O calor do inferno lambejou minha pele, o fogo me hipnotizou. Parecia bem.

Por um tempo me peguei contemplando o rumble das engrenagens, cada uma girando rapidamente com perfeita suavidade e uma canção estável de dentes de metal batendo. Como uma criança estendi e toquei uma engrenagem com um dedo enquanto girava. O metal roçou minha ponta dos dedos até ficar entorpecida com o calor

do atrito.

Os próprios Crentes da Fonte eram altos, bem musculados, e sua pele estava bronzeada pelo calor. Faíscas e areia oleosa falhavam inofensivamente contra os braços nus dos trabalhadores da fundição como se as brasas fossem motes de poeira. Seus olhos ardiam com a centelha de divindade potencial, esperando para eclodir no calor da fundição.



— Hail, estranho. Bem-vindo! Que posso fazer por ti neste belo dia?

O homem atrás do pódio parecia estar explodindo de vitalidade. Seu rosto estava bronzeado e enrugado, e a barba preta começava a mostrar indícios de branco. Estava batendo numa pilha de notas quando me aproximei, as organizando para a próxima palestra:

— Tenho uma mensagem para ti de Giltspur o leiloeiro. Tirei a carta.

— Uma mensagem, hein?

Ele a pegou de mim:

— Muito bem. Podes dizer que a mensagem foi entregue.

— Me fala sobre o que fazes aqui.

— Meu amigo, sou Keldor de Durian, um dos Fatoriais dos Godsmen, e nominalmente responsável por este lugar enquanto nossos verdadeiros superiores estão em conclave.

Ele se endireitou, orgulhoso e feliz pela chance de explicar:

— Acreditamos que o universo é um enorme campo de testes, um lugar onde nos provamos através de uma série de testes. Esses testes continuam ao longo de tua vida, ao longo de tuas muitas vidas. Cada passo em cada dia pode muito bem ser um teste para ti, e tua recompensa na próxima vida depende de quão bem aprendes tuas lições nesta vida. Acreditamos que um ser aprende com a experiência... e que essa experiência se estende por tuas vidas, tornando-te em algo maior do que apenas uma única vida.

— Então. A vida é um teste. Fazemos o teste. Quando passamos, seguimos em frente para uma nova forma. Essa pode ser a forma de um archon, de um ífero, ou de um Poder. As escolhas que fazemos nesta vida, como sempre, ajudam a traçar nosso curso.

— O que vocês fazem, afinal?

— Bem, administramos a Grande Fundação. Também administramos a Casa Harbinger, onde treinamos pessoas que parecem estar em treinamento para se tornarem

Poderes... criaturas que demonstraram algum tipo de habilidade especial que as distingue dos mortais comuns.



Logo depois encontrei Nihl Xander, engenheiro-sonhador e construtor de sonhos, que me contou sobre uma máquina que havia sido comissionada em meu nome — um “fabricador de sonhos” que poderia me devolver a capacidade de sonhar. Precisava de minha pele e sangue num frasco azul-esverdeado, uma gaiola de ferro forjado adornada com navalhas, e um travesseiro que tivesse estado dentro de um caixão.

Cada ingrediente mais perturbador que o anterior. Mas a ideia de sonhar de novo...

Depois de noites sem sonos demais girado na cama aterrorizado de enfrentar o vazio boçante do inconsciente. Finalmente *saber* como era encontrar voos de fantasia enquanto dormia. Até agora havia vivido como um amputado, resignado à perda daquela parte da minha alma.

— Muito bem. Vamos terminar o fabricante de sonhos.







Capítulo 61

Era ao meio-dia quando tentamos entrar na Torre de Cerco. Longas sombras se estendiam da base marcada e picada como as pétalas de uma flor venenosa, com as pontas como agulhas e as bordas de navalha afiadas.

Circulamos ao redor, chegando ao mesmo portal levadiço onde havia matado Grosuk. A madeira antiga estava se lascando, seus cantos carbonizados pelo fogo e sua superfície profunda com as feridas de setas e lâminas.

— Talvez o segredo para entrar seja não querer entrar...

Dado o quanto isso havia suportado, realmente pensei que não queria entrar de forma alguma, quanto mais lidar com o que havia dentro. Na verdade, se Nihl realmente precisava de uma gaiola de ferro forjado, talvez eu pudesse apenas consegui-la de outra pessoa. O ferreiro no mercado ao ar livre parecia competente o suficiente. Talvez eu simplesmente fosse até lá para uma encomend—

Woooosh.

Bem, valeu tentar...

Fomos imediatamente assaltados pelo cheiro de areia oleosa e metal queimando. Faíscas de fuligem e cinzas

caíam como pétalas negras espalhadas no triunfo da ruína.

No coração da Torre de Cerco estava uma... criatura de ferro. Seu tamanho era assombroso; se ficasse ereto na altura total, teria estilhaçado o teto da torre. Ecos trovejantes sacudiam a passarela enquanto a criatura martelava em sua forja, cada ressoar golpeado com uma força que poderia ter estilhaçado mundos.

— Saudações — disse, lambendo os lábios nervosamente.

Houve o estridular de metal contra metal enquanto o gigante se virou para me encarar. Vigas, canos e grandes suportes atravessavam sua parte inferior e fundiam-se nas paredes, e a porção inferior de seu corpo constituía a forja. O golem estava construído dentro da própria torre de cerco.

— **Qual propósito?**

— Queres dizer forjar armas? Esse é teu propósito?

— Oh Infernos, chefe... essa coisa é um Sinker. Pode nem ser um Nomeador, mas é um Doomguard até a medula.

— O que é um Sinker?

Morto estremeceu com o som aguçado de metal rangendo enquanto Coaxmetal virava a cabeça para olhar para os dois.

— Do jeito que os Sinkers enxergam, o multiverso está

naturalmente se esgotando, e tudo que querem é ajudar esse processo — disse Morte. — Meio que como os Dusties, mas na fronteira do psicótico em vez de entediante.

Olhei as armas novamente. Algumas pareciam feitas de forma improvisada de restos mais antigos e partes enferrujadas, mas o design e o equilíbrio com os quais estavam apoiadas falavam de artesanato especializado. Se um exército fosse suprido com essas armas, poderia facilmente esmagar uma cidade ou escavar uma cicatriz profunda num plano.

— Para quem fazes essas armas?

— A “entropia”? Mas isso é apenas — o que a entropia precisa de armas?

— O multiverso é teu inimigo? Por quê?

— *Disseste que alguém derreteu essas armas e forjou teu corpo. Quem?*

— Impressionante. Então esta torre... está projetada para destruir o multiverso?

— Brechar planos? Como?

Ah este tempo em que havíamos conversado, não havia vista nem som de mais ninguém. Para um complexo tão massivo estava vazio, esvaziado como uma concha de concha antiga, o habitante solitário dentro morto e apodrecido há muito. A voz de Coaxmetal era o solitário ressonante da cavernosa estrutura de ferro.

— Olha, tudo que preciso é uma gaiola de ferro pesado e ornamentada. Tens uma?

— Posso tê-la?

Certo.



— Trouxe a gaiola aqui — disse com orgulho a Nihl, entregando-a. — Agora me dá meus sonhos.

— Preciso de apenas mais um item teu, e podemos começar o processo final do Fabricador de Sonhos. Preciso de um travesseiro que tenha ficado dentro de um caixão — estimulará um sono tão profundo que bem poderias estar morto. Abre tua mente para as emanções do fabricante de sonhos. É, devo dizer, um toque de inspiração da minha parte.

Desejaria que as pessoas simplesmente escrevessem uma maldita lista para essas coisas. — Vou buscá-lo.



Com o travesseiro finalmente em mãos — após uma série de peripécias incluindo um zelador de caixões excessivamente verboso, um zumbi que precisava de

liberação do mestre Sebastian e uma conversa que renderá boas histórias — voltei a Nihl.

— Tenho tudo o que precisas. Agora... mostra-me meus sonhos.

Nihl reverenciou com satisfação e começou a trabalhar no Fabricador de Sonhos: uma construção de vapor, metal e antigo ritual que abriria as portas do inconsciente. Enquanto me reclinava no dispositivo, senti a magia pulsar e então — pela primeira vez desde que acordara no Mortuário — escuridão veio sem terror.

E nela, vieram imagens. Fragmentos. Rostos que eu não *conhecia*, lugares que não *sabia* lembrar, batalhas e amores e traições que vieram como eco de vidas anteriores chegando como espuma nas margens da consciência.

Acordei com o coração pesado e a mente plena. Não eram memórias claras — eram sussurros. Mas sussurros eram mais do que o nada que havia tido.

— Funcionou — disse simplesmente para Nihl.

Ele sorriu com satisfação de artesão que cumpriu o que prometeu:

— Seu avô estaria orgulhoso.





Capítulo 62

Enquanto isso, Annah havia encontrado um bar próximo — talvez para ter um tempo longe do resto do grupo. Precisava pensar.

— Idiota pikin’... provavelmente não conseguia manter a caixa-de-miols quieta para salvar a própria vida — Annah resmungou, esvaziando o caneco de cerveja de uma vez. O barman ergueu o olhar dos livros-caixa e arqueou uma sobrancelha.

Seus lábios se afinaram:

— Hrmn. Já fazia um tempo que não ouvia esse argot áspero da Colmeia.

— Ach, cuida da tua — Annah resmungou, batendo no balcão pedindo mais.

— Com razão! Cuida da tua! — Morte intrometeu.

— Quem disse que podias me seguir, crânio?

O tilintar de moedas roubadas abafou o estalo em sua voz.

Morte estalou a língua:

— Ei, aquele sujeito Hamrys simplesmente não conseguia calar a boca. Não podes deixar o bom e

velho eu para suportar aquela tagarelice com todo mundo, podes?

— Os dois de vocês fariam um belo par, fariam.

— Não gosto da concorrência. Além disso, o chefe sabe se cuidar. E se não souber, bem... costuramos de volta e estará ótimo em uma hora ou mais.

Annah trouxe a cerveja:

— Sei quando estou sendo seguida, crânio. Tenho que saber. E tens aquele brilho no olho de quem quer algo.

— Oh, só estou me perguntando.

— Perguntando sobre o quê?

— Só perguntando.

No fundo da mente, Annah contemplou arrancar-lhe os olhos. Era possivelmente a única maneira que ele poderia sofrer... aqueles e a língua eram os únicos pedaços carnudos que lhe restavam, pena. Silencioso, cego, batendo nas paredes. Ela trouxe a cerveja silenciosamente, mastigando aquela imagem bonita e feliz.

— Então vais dizer ao chefe?

Um músculo em sua bochecha tressaltou:

— Sobre o quê, crânio?

— Sobre... já sabes... — Morte disse coquetemente, mexendo o que sobrava das sobrancelhas.

— Não sei, crânio. Se vais dizer algo, cospe, ou cala a boca e me deixa com a cerveja de uma vez.

A voz de Annah amoleceu para um murmúrio enquanto colocou os lábios contra a borda do caneco:

— A cada minuto que passa preciso de um pouco mais de molho em mim.

Morte soltou uma risadinha:

— Vamos lá. É a história mais velha do livro. Rapaz encontra moça, moça apunhala rapaz, moça e rapaz dividem a cama numa noite e têm uma conversa esquisita de madrugada. É tãããão óbvio.

Vai para os olhos vai para os olhos—

— Não sei do que estás falando! — ela rosnou, a voz subindo de tom. — Achas que gosto de viajar com ele? Achas?! A vida dele é uma bagunça danada, toda marcada de cicatrizes e feia como a pele dele.

— Graças aos Poderes que tem uma boa personalidade.

— Um dia desses, crânio, vou arear a tua mandíbula — Annah estralou, esvaziando a bebida. Bateu o caneco no balcão:

— Tens algo mais forte?

— Faz o que quiseres, tiefling.

O tom leve de Morte caiu, e Annah ergueu o olhar. Por um momento ele pareceu... diferente de alguma forma:

— Estou com o chefe há muito tempo. Sei muito sobre ele, e muito sobre mulheres, e me acredita quando digo isto: ele não é o teu tipo.

— Oh, isso é rico, é.

— Falo a sério. Romantismo não é para o povo mortal. Quando és jovem é tudo sobre encontrar o idiota certo, passando por este e aquele, nunca encontrando bem o perfeito. E à medida que os anos passam e comesças a murchar tudo que pensas é que não queres ficar sozinha. Nesse ponto pegas qualquer imbecil que encontrares e cravas aquelas garras nele... e esse é com quem ficas pelo resto da vida.

Annah ficou em silêncio.

— Encará-lo. Para os mortais, o amor é tudo sobre ser desesperado. Simplesmente não tens o tempo que ele tem para escapar disso.

O lábio de Annah se curvou num esgar:

— A cada palavra que dizes fica mais idiota, não fica?

— Ei, tudo bem, escolha tua. Mas se por acaso fizeres uma sessão de esquentamento de lençóis vais me deixar assistir, não vais?

— Cala a boca, crânio!



— Aquela — aquela garota! — resmunguei.

— Fazes soar como um palavrão — Grace disse com um olhar de lado.

— Desculpa, é só que nunca esperava que ela roubasse de mim.

— De forma alguma... tenho certeza que o fez pela praticidade do momento.

Torci o dedo no ouvido, tentando tirar os últimos resquícios da tagarelice inútil:

— Aquele Hamrys conseguiria entediar uma pedra. Embora talvez penses diferente. Gostarias de ver como se sairia no Bordel, talvez?

Por um momento a expressão de Grace ficou ilegível:

— Hamrys é simples o suficiente para entender... embora tenha certeza de que haveria algum benefício se se sentasse com minhas estudantes, provavelmente seria unilateral.

Ela traçou um dedo de marfim pelo queixo pensativa:

— Com Ecco, talvez.

— Ecco? É a prostituta silenciosa?

Grace assentiu:

— Embora confie que nem ela, nem Annah, nem Hamrys estejam verdadeiramente na tua mente agora.

— Sou tão transparente?

— Ocasionalmente... embora instâncias de clareza de um enigma como tu sejam um raro deleite — Grace sorriu.

Suspirei. Era um alívio finalmente encontrar alguém com quem falar sobre isso:

— Queria falar sobre nossos companheiros...

— Quem em particular desejas discutir?

— Morte.

— Morte é muito peculiar... já vi muito na vida, mas nada bem parecido com ele. Comporta-se um pouco como um mimir, mas diferente de qualquer tipo que já ouvi falar.

— Já ouvi o termo “mimir” antes. O que mais podes me dizer sobre ele?

— Mimires são enciclopédias de conhecimento. O dono pode lhes fazer perguntas, e se possuírem o conhecimento, informarão o usuário do que sabem.

— E Morte é um mimir?

— Não acredito que seja. Morte carece do metal prateado que os mimires costumam ter. E parece ter uma atitude própria. Tais qualidades não estão presentes em mimires convencionais.

Grace deu de ombros levemente:

— Pode ser um, mas diferente de qualquer que já encontrei.

Resmunguei:

— Tampouco acredito que Morte seja um mimir.

— Talvez haja algum teste para verificar sua autenticidade... mas não o faria se o valorizas como amigo. Se o fazes, debes aceitar o que te disse.

Quando os encontramos, Annah estava fundo na bebida. Sem uma palavra atirou o saco de moedas para mim e se equilibrando no balcão tentou se levantar. A agarrei enquanto tropeçava... Annah devia ter bebido bastante. Ela realmente não era o tipo de tropeçar.

— Solta! SOLTA! — ela rosnou, se arrancando de mim.
— Consigo ficar em pé sozinha...

— O que é com ela? — murmurei para Morte enquanto seguíamos.

— Bêbada com raiva — ele disse, balançando com um encolher de ombros. — Provavelmente a mais um caneco de estilhaçar a garrafa na parede como uma ranhosa embebedada.

Ri, mas por baixo do sorriso sabia que estava me mentindo de novo.



Depois de resolver o assunto de Dimtree — libertando o pobre zumbi do seu serviço de ouvinte cativo de Hamrys

num ato de misericórdia arcana —, voltei a Nihl Xander com o travesseiro de caixão.

Ele o tomou, os lábios se apertando. Suas sobrancelhas se ergueram levemente ao examinar o travesseiro, satisfeito:

— Quando estiveres pronto para a chave dos sonhos, homem marcado, diz a palavra e eu a passo.

— Levo agora.

Ele pausou, como se reunindo pensamentos errantes:

— Fecha os olhos e estende a mão — ele disse. — Precisas sentir esta chave antes de vê-la ou não funcionará.

Fechei os olhos, e senti um toque na palma da mão calejada. A princípio mal conseguia senti-la, mas cresceu rapidamente em solidez em segundos, até que Xander finalmente falou:

— Abre os olhos.

Quando o fiz, olhei para baixo para ver uma simples pena preta na palma da mão.

— Meu trabalho está concluído — disse Xander com a satisfação de completar quatro gerações de trabalho. — Usa aquela chave na porta mais à esquerda da Fundação e o fabricante de sonhos se abrirá para ti. Preciso ir agora... tenho trabalho a fazer.

Piscei:

— Uma pena? Todo aquele trabalho por uma pena?

— É a proteção final do Fabricador de Sonhos, imbecil — ele disse com um bufar. — Achas que eu queria qualquer pessoa entrando? Não sou idiota. Queres mais alguma coisa ou posso voltar ao trabalho?

— Deixarei tu ao trabalho. Obrigado.



A abertura estava selada, bloqueada por um filme negro tintado e emoldurada com pedra sinuosa curvada. Na periferia da visão conseguia quase ver as cristas rodar e dançar como caprichosos motes de poeira no ar, mas no momento em que focava naquele movimento cessava como se nunca tivesse existido. A escuridão, sólida e inflexível, não fazia nenhum ruído quando toquei com a ponta da adaga.

— Acho que posso confiar em Xander — dei um passo para trás para tomar o arco em pleno. — Se esta coisa fosse me machucar ele não teria me feito passar por aqueles aros.

— Quatro gerações de devoção é um empreendimento nobre — Dak'kon disse suavemente. — A honra githzerai pode se estender até lá, mas é a primeira vez que vejo tal labor de humanos.

— Vai então — Grace acrescentou suavemente. — Mas tem cuidado... os sonhos têm o péssimo hábito de se tornarem reais.

Annah ficou em silêncio, mas escondia seus lábios escuros atrás de um dedo de marfim curvado.

Estendi a mão com a chave-pena no aperto. No momento em que a pena roçou a superfície a escuridão ondulou. O brilho aquoso acenou, puxando gentilmente a pena até minha mão ser envolvida. O espaço do outro lado não era nem quente nem frio, e havia uma sensação de vazio do outro lado. Não o vazio de uma peça faltando ou a decepção de uma caixa não preenchida... quero dizer que o nada atrás do véu, o verso atrás do espelho ecoava com potencial irrestrito.

Entrei nos meus sonhos.



Era com uma vaga sensação nimbica de queda que flutuei para a orla, o canto dos peixes nos ouvidos. É o som da água e do movimento e o puxão das marés como um milhão de pequenas cordas suaves. Havia vinte deles cada um. É reconfortante.

Escavo na praia com as mãos, nem terra nem mar mas algum lugar entre os dois. Deveria haver uma porta aqui,

sob a areia úmida enquanto ela escorre entre os dedos. Ele disse que haveria uma. Há uma porta sob toda praia.

O céu está cinza com nuvens descuidadas e o vento está fresco contra minha pele listrada. Ondas lavam suas languidezas contra a praia e molham minhas botas. Não gosto quando minhas botas ficam molhadas.

Vestido azul soprado no vento. Roupão de seda como ondas e cabelo pálido como as nuvens. Pele branca-marfim e na praia ela habita, mãos frias que alcançam o céu do inferno.

Consigo senti-la vindo. Estou com medo.

~~~~~

É sob a força que dancei o jig da cânhamo. Agora sou eu esta noite.

A voz rompe o silêncio, fria e miserável e estaladinha como cascalho rolando.

“Sonhas de novo? De novo! De novo!”

A porta clica e tranca atrás de mim. Há a vaga sensação de estar preso, olhos invisíveis me encarando pelas costas não importa como eu me viro. Meus dedos coçam para arranhar as paredes, os gritos se prendem em minha garganta. Minhas pernas estão congeladas, de chumbo, quietas como pedra.

Acalma-te. Acalma-te.

~~~~~

*Oh meu bonito pequeno puzzle, mataste-os e tantos mais que perdi a conta de todos eles.*

*Minha voz está presa em minha garganta, nem o mais suave gemido escapa.*

*“Vem a mim, meu boneco... vem a Ravel em seu labirinto de espinhos pretos. Vem sonhar comigo...”*

E então acordei.



Quando a sensação e o calor começaram a fluir por mim de novo, me agitei do chão. As visões de pesadelo já esvoaçavam embora, como o roçar da asa de uma mariposa. Muitos dos cenários e sons estavam meio-lembrados, já escorregando pelas rachaduras da minha mente e para o oblívio.

Sentei-me, contente. Havia uma dorzinha nas costas de ter deitado no chão frio, mas era um bom nozinho, o tipo que se torce e estoura das articulações te deixando ainda mais satisfeito.

— Bem? Como foi? — Annah perguntou enquanto Dak’kon me ajudava a me levantar.

— Acho que... acabei de conhecer Ravel.





## Capítulo 63

Quando se tira tudo, Sigil não é bem um lugar.

Por si só não é um lugar assim como uma estrada é um reino, ou uma ponte ou um arco é um domínio. Não — Sigil é a junção entre destinos, e chamá-la de lugar é como dizer que há um significado na pausa entre as palavras. É como quatro paredes por si só não fazem um lar. Não importa quão ornamentado seja um prédio, quantos cômodos tenha, não é um lar até que um simples requisito seja atendido.

Uma ideia.

É a crença que transforma uma tenda em espaço vivível, uma casa em lar. A ideia de que você é dono desse pequeno quadrado de terra, de que este é um lugar para o qual retornar depois de um dia exaustivo de trabalho. Ideias são o que moldam a realidade ao dar rótulo ao espaço nu, cobri-lo de mantos e insígnias como um domínio completo com rei ou rainha. É a crença rampante que faz Sigil ser mais do que um ponto de passagem ou uma estrada.

E assim eram as Facções, com sua piedade e filosofias, que popularam Sigil e a tornaram numa cidade. Criaram leis, esculpiram domínios de poder, viram valor e mérito no

que detinham, e ansiavam por mais.

Era hora de eu entrar numa.

Fazia sentido, na verdade. Facções tinham poder, recursos muito além do que um grupo de cinco pode alcançar em suas vidas... mesmo que um deles fosse um imortal. Tinham conhecimento, redes. E mais importante, me ligavam a Sigil e me davam um lugar para retornar.

Os Godsmen haviam sido bons para mim, mesmo que o medo do comprometimento picasse em minha alma. O comprometimento com uma causa e com seus seguidores... podia ter nascido ontem (bem, recentemente de qualquer maneira), mas não ia pechinchar minha individualidade tão facilmente e acabar como um fanático.

Mas até agora eram a melhor opção. A capacidade de ciclar por vidas, testar-se a cada encarnação e, com sorte, ser melhor por isso na próxima vida. Concedido que minha alma fica num mesmo lugar por todo o processo, mas tenho o luxo adicional de viver e morrer novamente carregando as mesmas lições do passado.



— Se desejas entrar nos Crentes da Fonte, deves completar três missões — Keldor me havia dito. — A primeira missão é esta: Deves ir à forja e criar um

item. Isso mostrará que és capaz de ver as possibilidades inerentes mesmo num torrão de ferro bruto; que és capaz de trazer à existência algo que resistirá ao teste do tempo. Mede tua visão e tua capacidade de tornar o potencial em real. Fala com Alissa, a Supervisora da Fundação, na Fundação Principal para ver como funciona tudo.

Simples o suficiente.



O avental era pesado sobre meu peito, o couro rígido frio contra minha pele. Por um momento minha mente voltou para a sensação da laje do mortuário... fria, plana, rígida contra minhas costas, mas ao me aproximar da forja a chama queimou isso para longe. Cerrei os olhos um pouco, deixando-os se ajustar à luz amarela quente. O calor me bateu nos braços em ondas, afogueou minhas bochechas e o suor irrompeu de meus poros, fazendo cócegas nas cicatrizes enrugadas enquanto as gotas escorregavam pela pele.

Peguei o minério com as tenazas.

Coaxmetal havia dito que o metal era como a carne... que ambos carregavam potencial em suas veias. Havia o potencial de criar, como o martelo que eu segurava numa mão, e potencial de destruir, como a arma que estava prestes a forjar.

Ver o potencial, e torná-lo real.

Enfiei o minério na forja. Avermelhiu, depois brilhou num branco-dourado brilhante de ferro quente enquanto os dedos de pinça das tenazas ruborizaram com o calor. Minhas mãos estavam escorregadias de suor.

Mãos soaram com uma familiaridade assombrosa enquanto eu martelava. Faíscas brancocandentes dançaram pelo ar, sibilaram ao picar minha carne e deixaram pontos ternos e rosados como uma dúzia de picadas de insetos. Ignorei esses pequenos lampejos de dor. As feridas cicatrizariam em breve. A superfície enrugada do minério se achatou com cada golpe, até se tornar um lingote suave que eu esticei e moldei à minha vontade.

Esticei o minério e dei-lhe uma espinha com a qual ancorar seus membros. Achatei uma extremidade rechonchuda e dei-lhe asas para que pudesse voar.

E quando estava frio o suficiente para manusear, levei-o à pedra de afiar e dei-lhe uma presa para que pudesse morder a carne de meus inimigos.

Dei à minha criação alguns giros de teste, depois a ergui para a luz. O equilíbrio era excelente, e o temperamento não poderia ter sido feito mais perfeitamente. Tudo que precisava era de um pouco de brunimento e um sigilo gravado em ácido e teria se encaixado nas mãos dos

melhores guerreiros dos Planos.

Como todos os pais estava orgulhoso de meu filho, e ansioso pelas críticas que lhe aguardavam.

— Terminei de forjar minha criação.

Keldor tomou o machado de batalha de mim e o examinou cuidadosamente:

— Essa é, sem sombra de dúvida, uma das melhores peças que já vi um recruta forjar. Irás longe, meu amigo.







## Capítulo 64

Keldor sacudiu a cabeça. Nunca havia satisfação em condenar um dos seus:

— Nunca teria acreditado em Thildon. Confio que tua investigação foi minuciosa... e confio em ti. Permite que eu convoque os guardas.

— Podes demorar.

O rosto de Keldor estava seco e pesado quando voltou, e pela primeira vez desde que o havia conhecido ele mostrou o peso da idade:

— Está feito. Meu agradecimento por resolver a investigação. Resta apenas uma tarefa. Sandoz, pai de Sarossa e Saros, um de nossos membros mais vitais, voltou de uma jornada terrível. Trancou-se em seu quarto na torre e ameaça se matar. Fala com ele. Pára-o.



— Sandoz! Precisamos conversar!

Uma voz abafada saiu do quarto, estridente com um soluço sufocado:

— Vai embora!

— Você é Sandoz?

A voz se estralou:

— Quem mais seria? Estes são meus aposentos, esta é minha facção.

Riu amargamente:

— É aqui que vou morrer.

— Fala-me sobre ti, Sandoz.

— Queres conversar? É isso que queres? Que tal ouvires?

A voz pausou, depois ganhou impulso:

— Qual é o ponto disso, é o que quero saber. Por que fazemos as coisas que fazemos? Qual é a coisa que nos mantém em movimento, hm?

— Não sei, qual?

— O orgulho! Orgulho e ego! Continuamos dizendo a nós mesmos que podemos ser algo, que significamos algo, que há uma razão de estarmos aqui, mas no fim... no fim é tudo apenas negrura. Já vi essa negrura final e não há razão de negá-la. No entanto continuamos avançando por orgulho tolo. Não há razão nisso.

Era como equilibrar um globo de vidro na ponta de uma lança, tentar ser delicado mas não condescendente, firme mas não repreensivo. A qualquer momento ele poderia se

enforçar, e eu precisava mantê-lo falando:

— Olha, estou aqui para ajudar. Estou aqui para ouvir.

— Vejo... mandar um estranho preocupado para me tirar disso, hein? Hah!

A voz caiu para um tom conspiratório:

— Disseram que poderias entrar se viesses falar comigo? Acharam que te faria importar mais? Se tivesses visto metade das coisas que vi... só metade das coisas que vi...

— O que viste?

— Vi horrores além do imaginável. Vi um deus torcido e torturado, preso por íferos rindo. Vi uma camada do Abismo destilar-se na essência de um único indivíduo... vi todas as leis da natureza pervertidas e vi todas as verdades do homem viradas de cabeça para baixo. Nada disso faz mais sentido para mim, e não posso mais suportar! Qual é o ponto, eu te pergunto, qual é o ponto?

Tentei suavizar minha voz:

— Não tens ideia do que já vi, Sandoz. Já deitei nas areias da Orla Silenciosa, senti as ondas geladas do Rio Estige lambe minha carne fria. Já vi a escuridão no fim de cada pesadelo, senti o vazio onde deveria repousar a essência de um homem. Não me vêes ameaçando me matar.

Houve uma inspiração curta e aguda de trás da porta, e

então um riso baixo e sem humor:

— Não és muito dado a tato, és? E se eu te dissesse que tenho a cabeça numa corda agora mesmo?

— Dir-te-ia que se feito errado, é uma forma particularmente desconfortável de morrer. Confia em mim, *sei* por experiência.

Concedido, ainda não havia morrido bem por enforcamento, mas já tive o pescoço quebrado vezes suficientes para *saber*:

— Então por que não conversamos?

Sua voz era baixa e quieta:

— Sobre o quê?

— Já consideraste que entraste nos Godsmen por uma razão?

— O que queres dizer?

— Por que entraste nos Godsmen?

Sua voz se esforçou enquanto buscava uma resposta. Era disso que toda a provação se tratava, uma busca por uma resposta:

— Porque pensei que havia significado. Estava errado. Não há significado. Amor, família, riqueza, realização... tudo não significa nada.

— Tudo? Há algo que poderia te provar errado?

— Encontra alguém que possa me persuadir do contrário, alguém que possa me dizer algo diferente. Não consegues, ao que parece... encontra alguém que consiga.



Sarossa me fitou com aqueles olhos de alma, seu rosto branco-giz suave e impassível:

— Saudações, homem ferido. Do que precisas de mim?

— Preciso falar contigo sobre teu pai.

— O que há com ele?

— Trancou-se em sua torre, e ameaça se matar. O que podes me contar sobre ele que me permitirá impedi-lo de fazer isso?

Suas sobrancelhas se franzaram e seus lábios se torceram num esgar. Mesmo furiosa era elegante, aterrorizante como uma tormenta:

— Mentira! Meu pai está viajando! Não se espera de volta por dias, pelo menos!

Quase dei um passo para trás:

— Mesmo assim. Fala com Keldor se não acreditas em mim. Preciso de tua assistência se teu pai vai viver.

— Farei isso, pode ter certeza.

Ela pausou e me encarou — com firmeza. Havia uma

sensação de algo acariciando minha alma, delicado como o toque de um dedo:

— Falas a verdade, não fazes? Não vejo engano em teu coração sobre este assunto. Muito bem. Isto é o que desejo que digas a meu pai: Toda vida é um teste. Não se pode esperar ir diretamente ao fim. Essa não é a resposta. Apenas o Doomguard e os Dustmen acreditam no decaimento total — e sempre os desprezes. Lembra-te disso.



— Sandoz! Temos que conversar!

— O que queres?

A voz soou desesperada e solitária.

— Estou aqui para te dizer o que tua filha disse.

Houve uma pausa. A voz veio, mais quebradiça que antes:

— Falaste com minha filha?

— Sim. Isto é o que ela disse: “Toda vida é um teste. Não se pode esperar ir diretamente ao fim. Essa não é a resposta. Apenas o Doomguard e os Dustmen acreditam no decaimento total — e sempre os desprezes. Lembra-te disso.”

Ele riu, ocamemente:

— Ela disse tudo isso, disse? Dá-me um minuto.

— Pega o tempo que precisares.

Quando Sandoz falou de novo, soava um pouco mais equilibrado:

— Vai lá embaixo e diz a Keldor que entraste em razão. Vou querer vê-lo eventualmente... mas fizeste teu trabalho. Podes ir agora.



Não era dado a cerimônias. Faz um voto, embrulha em palavras bonitas, repete diante de uma multidão aprovadora e era tudo. Tinha pouco valor para mim e, suspeito, menos ainda para qualquer outro iniciado, mas os Fatores me flanqueavam, cabeças erguidas com orgulho enquanto me aproximava do pódio. O incenso picou meus olhos, e a visão de meus companheiros sentados nos bancos ficou turva enquanto lacrimejava.

Dak'kon me fitou com um olhar plano e nivelado. A cauda de Annah oscilava de tédio, e Morte olhava para lá e para cá, inquieto, enquanto Fall-From-Grace sorria, como se escondesse algo atrás daqueles lábios de rosebud. Às vezes eu realmente me perguntava o que se passava na mente dessa mulher.

— Ahem — Keldor tossiu. — O voto?

Piscei, um tanto envergonhado pela distração, e ergui uma mão, repetindo o juramento de memória:

— As tribulações da vida são testes. Não há nada que encontro que não seja uma lição. A dor é o jeito do multiverso de reforçar uma lição. O que odeio mais nos outros é um reflexo do que odeio mais em mim mesmo. Agirei para ativar meu potencial, e para ajudar outros a alcançar seus objetivos. Lembrarei que a centelha da divindade está presente em tudo. Juro lealdade aos Crentes da Fonte e seus objetivos, para nunca abandoná-los.

Keldor sorriu:

— Bem-vindo aos Godsmen, rapaz.

O pequeno público aplaudiu enquanto eu saía, estendendo-se para roçar meus braços nus em afeto morno e formal. Saros apertou minha mão, sussurrando sua gratidão no ouvido por ter o poupado.

Sarossa se aproximou:

— Meu pai vive novamente graças a ti, e meu irmão vai livre.

Assenti, de alguma forma grato por ela não sentir necessidade de me apertar a mão:

— Não foi nada, Sarossa. Teu irmão é impulsivo, mas jovem. Só deseja seu próprio caminho. Quanto a teu pai... entendo como as coisas podem ser difíceis para ele.



— De fato — ela disse, e por seu tom parecia concordar plenamente. — Mas pela tua ajuda ofereço minha gratidão, se a aceitas.

— Claro.

Pausei, lembrando-me daquele olhar estranho dela:

— Isso é algo a ver com teu dom?

— Sim — ela disse claramente. — Não *sei* como o obtive. Parece algo que sempre fez parte de mim. Só posso presumir que minhas vidas passadas e minhas crenças nesta me deram uma visão especial da natureza mortal. Sou dotada com a capacidade de ver um pedaço do potencial dentro de todo ser. Ao ler o nome verdadeiro gravado no próprio ser desse mortal, e ao pronunciar levemente errado esse nome, sou capaz de mudar a natureza desse potencial, mudando assim a natureza de seu portador.

— Então... podes me mudar?

Ela assentiu:

— Posso mudar-te, mas não posso te ensinar — é como ensinar cor a um cego, ou som a um surdo. E te mudarei, se o preço for certo.

— Qual é o preço?

— Diz-me. Subscreves verdadeiramente à filosofia dos Godsmen?

— Sim.

— Então não tenho qualms em compartilhar meu dom contigo.

Ela pronunciou uma sílaba arcana, uma que me sacudiu até os próprios alicerces. Minha alma faiscou como fogo, brilhou como o sol por um único momento. Num momento de pura êxtase meu ser soou como um copo golpeado por uma colher de prata.

O mundo parecia diferente para meus sentidos agora, mais aberto e nítido.





## Capítulo 65

Era uma mulher alta e esguia, esvoaçante e delicada. Era claro que estava fora de seu elemento: enquanto tomava vinho de uma pequena xícara de cerâmica, seus olhos olhavam ao redor e ela arqueava o pescoço alto como se procurasse alguém. Seus traços faciais eram elegantemente exóticos e as orelhas da mulher, embora parcialmente cobertas por seus longos cabelos, chegavam a pontas agudas, como as pontas das asas de um pássaro.

— Saudações.

A mulher se virou para me encarar, olhos violetas cintilando como lascas flawless de ametista. Sua fala era como música; um suave e musical tilintar, como centenas de minúsculos sinos de cristal, soou enquanto ela falava. Cada palavra persistiu em meus ouvidos, como se relutantes em abandonar o som requintado:

— Nemelle se voltou para encarar o estranho marcado e sombrio. Perguntou o que ele desejava dela.

— Estás procurando por alguém? — perguntei a Nemelle. O nome parecia familiar.

— “Onde poderia ela estar?” Nemelle se perguntou. Sua companheira, Aelwyn, deveria ter se encontrado com

ela aqui há dias.

A mulher suspirou miseravelmente; o ar ao seu redor ficou frio com sua tristeza:

— Por quanto tempo ela deve pesquisar esta vasta cidade estrangeira antes de encontrar sua querida amiga?

— Poderia ajudá-la a encontrar sua amiga. Como ela é?

Nemelle juntou as mãos e curvou a cabeça para mim. Ela ia me dizer como Aelwyn era, para que eu a conhecesse caso a cruzasse. Embora não dissesse mais nada, uma imagem se formou em minha mente — uma mulher que se assemelhava a Nemelle, mas com olhos dourados e cabelos de carmesim ardente.

Quando a imagem desbotou, me ocorreu. Glyve havia me dito antes de lhe conceder descanso:

— Me disseram que *conheces* a palavra de comando para este Decantador.

A mulher não fez nenhum movimento para tocar ou examinar o decantador, mas novamente, apenas falou:

— Nemelle tomou-o do estranho, virando-o em suas mãos. Ela teria visto seu igual antes? Ela pensou. Talvez... sim, lembrava agora. Devolveu o decantador, sussurrando em seu ouvido enquanto o fazia...

Senti uma baforada de ar que fez cócegas no meu ouvido, e percebi que agora *conhecia* a palavra:

“Nildenosaj.”

Ela piscou para mim:

— O estranho a deixaria agora, satisfeito com o que ela lhe dissera?

— Sim. Obrigado, Nemelle.



Aelwyn era fácil de encontrar. Era inconfundível — a mesma presença que Nemelle tinha: o brilho da realidade ao redor dela como se existência e vontade e palavra se curvassem uma para a outra.

Aelwyn olhava de vez em quando para cima de sua xícara de vinho para escanear os frequentadores e transeuntes ao redor. Seus traços faciais eram tão elegantes e aguçados, como vidro soprado. Seus olhos — de cor dourada brilhante — capturavam a luz, cintilando enquanto ela olhava ao redor.

— Saudações.

Ela me considerou cuidadosamente por um momento antes de responder. Falou devagar e com cuidado, evitando contato visual direto comigo:

— Eu, Aelwyn, retorno tuas saudações.

— Aelwyn? Tua amiga, Nemelle, está procurando por ti.

Ela começou a sorrir, mas então cobriu a boca com a mão e olhou para baixo para sua bebida:

— Eu, Aelwyn, fico muito contente em ouvir falar de Nemelle. Poderia eu, Aelwyn, persuadir-te a lhe dizer deste lugar?

— Claro.

Ela me olhou diretamente e — pelo mais breve dos momentos, antes de baixar os olhos novamente para a bebida — meus sentidos foram inundados de uma sensação quente e confortável: felicidade pura.

— Eu, Aelwyn, te agradeço.

— É um prazer. Posso te perguntar sobre ela, no entanto?

Aelwyn assentiu devagar.

— O jeito como ela fala, e o que suas palavras fazem... como?

— Eu, Aelwyn, só posso dizer que vimos de outro lugar, outro mundo. Não somos como o povo aqui, cujas palavras, pensamentos — até mesmo sentimentos — não afetam nada diretamente. Eu, Aelwyn, tenho muito cuidado para não afetar os que estão ao redor demais. Nemelle, ela é nova aqui, e não consegue fazer isso. É algo que ela deve aprender, caso escolha permanecer aqui por muito mais tempo.



De volta a Nemelle:

— Encontrei Aelwyn. Ela também estava te procurando.

Os lábios de Nemelle formaram um sorriso perfeito; uma felicidade contagiante irradiou dela, se agarrando a mim como calor de cheiro doce.

— Nemelle ficou exultante em ouvir falar de sua amiga. Aelwyn estava por perto?

— Ela está num outro café a leste daqui, cruzando esta parte do Distrito.

— Nemelle agradeceu ao homem pela notícia maravilhosa. Logo, ela iria visitar sua amiga mais antiga, Aelwyn. Mas agora, ela recompensaria o estranho.

— Não, está bem. Não preciso de recompensa.

Nemelle tocou o dedo indicador nos lábios, fazendo um leve som de “shh”. Ela traria o estranho para perto, colocando sua mão em seu peito e beijando a pele pálida e envelhecida de sua bochecha. Vida fluiria para dentro dele, revigorando-o... esta, então, seria sua recompensa.

Enquanto esperava, havia de fato uma suave sensação de formigamento em minha bochecha e peito. A sensação se espalhou por todo o meu corpo, e comecei a me sentir mais forte, mais animado.

— Meus agradecimentos, Nemelle. Vamos.



Aelwyn tocou levemente meu braço. Pausei, olhando para ela, e o calor evocado por seu sorriso desapareceu em memórias agradáveis.

— Eu, Aelwyn, diria-te algo agora, estranho.

— Sim? Prossegue...

Ela respirou fundo, pouco mais que um suspiro, mas o ar ao nosso redor ondulou com languidez e arrependimentos distantes:

— O nome que eu, Aelwyn, escolhi para ti — “estranho” — não é tão adequado. Tu e eu, Aelwyn, já nos encontramos antes... no Salão das Festividades. Num lugar onde não poderias ter estado se não fosses um Sensata. Quer te lembres ou não, a menos que tenhas traído a Sociedade das Sensações em algum ponto, és um Sensata.

Piscei:

— Vejo... conta-me mais.

Ela assentiu:

— Tu e eu, Aelwyn, nos encontramos em duas ocasiões diferentes. A primeira foi não menos de dois séculos atrás, a última mais recentemente. Talvez não mais de cinquenta anos atrás.



— É muito tempo atrás...

Ela assentiu de novo:

— Meu, Aelwyn, povo é extremamente longo, Esquecido. — Aelwyn suspirou infelizmente, fazendo um arrepio descer sobre mim. — Parecias um homem diferente então... menos sombrio, menos marcado. Tão ansioso para ver tudo que o multiverso tinha a oferecer. Tu me cortejaste, Aelwyn, então, e quase foste tomado como amante — mas depois desapareceste.

— Para onde fui?

— Eu, Aelwyn, fui informada de que foras morto... assassinado.

Ela olhou para cima por um momento para me perscrutar curiosamente nos olhos:

— Encontrei-te apenas uma vez mais após isso.

— Me lembrei de ti então?

— Não.

Ela sacudiu a cabeça tristemente, depois tocou a garganta:

— Não, não te lembravas. Vieste de forma agressiva contra mim, Aelwyn, tentaste me matar. Gritaste que eu, Aelwyn, não poderia te enganar, não te enlaçaria e assassinaria...

Estremeci. Será que abusei e humilhei todos os meus

amantes passados?

— O que aconteceu?

— Tínhamos nos encontrado numa das torres norte do Salão, no sétimo andar. Antes que pudesses me estrangular até a morte, eu, Aelwyn, usei meus poderes e te ordenei que saltasses de uma janela até tua morte. Quando eu, Aelwyn, fui finalmente procurar teu corpo partido, já teras partido...

— Tu fizeste *o quê*?

Ela assentiu, a culpa e o arrependimento escorrendo pela bochecha numa solitária trickle:

— Esse é o todo do meu, Aelwyn, conto para ti. Não éramos estranhos, uma vez, mas agora nos tornamos assim. Adeus, estranho, e que a sorte caminhe contigo em tuas viagens.

— Obrigado, Aelwyn. Eu...

Tentei buscar as palavras certas, algo para pôr em repouso o que quer que houvesse entre nós. Amor perdido, culpa, arrependimento, vergonha... não havia maneira de comprimir tudo isso numa única sentença. No fim só pude oferecer uma resposta tépida, e esperei que fosse suficiente.

— Te desejo bem.





## Capítulo 66

O Salão Cívico das Festividades era uma maravilha de arquitetura esculpida em tons de marfim e dourado. Enquanto me aproximava as histórias do prédio me ocorreram: que era o lar dos Sensatas, uma facção que acreditava que o multiverso só poderia ser entendido e manipulado através dos sentidos, e portanto deveria-se acumular o máximo de experiências variadas possíveis.

Pela primeira vez desde que havia acordado no Mortuário, senti uma sensação familiar, um formigamento de déjà vu. Havia estado aqui antes. Muitas vezes, por muitas encarnações.

Dentro havia salões vastos que abrigavam pedras sensoriais — objetos de vidro que continham memórias e sensações de outros para partilha. Uma facção que valorizava a experiência acima de tudo.

Era um lar que eu nunca havia *sabido* que tinha.

Fui falar com os funcionários do Salão sobre Ravel, sobre o labirinto, sobre como encontrar o caminho para chegar à hag que havia roubado minha mortalidade. A resposta que recebi foi ao mesmo tempo reveladora e frustrante:

— Para alcançar o labirinto de Ravel, precisarás de uma pedra sensorial especial. Uma pedra que contenha a memória de alguém que foi ao labirinto. Tal pedra existe em nosso arquivo... mas está trancada. Apenas com a permissão de um Factor poderias acessá-la.

Havia Sensatas que eu havia conhecido nas minhas jornadas. Fall-From-Grace era a mais óbvia, mas ela havia abandonado o caminho da facção por algo mais próprio.

Havia outro caminho.



No corredor superior encontrei o Factor dos Sensatas em audiência. Um homem de meia-idade com ar distante, como alguém cujos sentidos tinham sido alimentados em tamanha abundância que tudo parecia suave e difuso em comparação. Quando me viu, porém, seus olhos se focaram.

— Ah. O Forgetful One. Sim, eu te *conheço*. Tens estado espalhado pelos Planos como poeira nos ventos.

— Vejo que minha reputação me precede.

— Reputação é uma palavra muito gentil. Um rastro de corpos e maravilhas é mais preciso.

Ele estudou meu rosto por um longo momento:

— Estás aqui para a pedra sensorial, não é? Para

chegar ao labirinto de Ravel. — Não era uma pergunta.  
— Concedo. Tu és um Sensata — mesmo que não lembrês  
— e o Forgetful One tem direito à sua herança. Mas há um  
preço.

— Sempre há.

— Resolve uma disputa entre nós e os Athar. Há uma  
pedra sensorial que ambos reclamamos — ela contém a  
memória de um antigo membro que pertencia a ambas as  
facções, sequencialmente. Os Athar dizem que pertence a  
eles pois ele era Athar quando morreu. Nós dizemos que  
era um Sensata mais profundamente no coração do que  
nunca foi um Athar.

— Como resolvo isso?

— A pedra em disputa está aqui. Partilha-a. *Conhece* a  
memória. Depois me diz: o que o homem era?

Tomei a pedra.

A memória que me inundou foi a de um homem numa  
encruzilhada — literal e figurativa. Ele havia passado  
décadas como Sensata, colhendo experiências, vivendo  
plenamente. Mas à medida que envelheceu as experiências  
havam acumulado não em prazer mas em algo mais  
profundo: uma compreensão de quão frágil era toda a  
crença, quão fina a linha entre fé e engano. Nos últimos  
anos de sua vida havia procurado os Athar não para negar  
os deuses mas para *saber* sua natureza mais plenamente.

No momento de sua morte, ele havia recusado a última sacramental de qualquer sacerdote, de qualquer poder. Mas sorriu.

Devolvi a pedra:

— Era um Sensata. Procurou os Athar não por rejeição, mas por curiosidade — a mais Sensata de todas as motivações. Morreu buscando uma nova experiência.

O Factor assentiu satisfeito:

— Assim mesmo. A pedra é nossa.

Ele me entregou outra pedra, diferente:

— A memória de Ravel. Usa com cuidado, Forgetful One. E quando terminares com ela — quando encontrares o labirinto — *sabe* que os Sensatas esperam ouvir teu relato.

Havia alegria gentil em seus olhos ao dizer isso.





## Capítulo 67

Tomei a pedra sensorial de Ravel.

E o mundo desapareceu.

Não era como dormir. Não era como morrer. Era como ser transplantado — corpo, mente e alma — para dentro da memória de outro ser.

Era a memória da última vítima de Ravel antes do labirinto. Alguém que havia chegado ao lugar sombrio onde a hag-noturna havia vivido, antes de ser capturada pela Senhora. A memória era fragmentada, ansiosa, carregada com o peso do terror e da maravilha.

O que vi foi um jardim.

Não um jardim como os dos Planos Primários ou mesmo das terras mais suaves dos Planos Exteriores. Era um jardim que havia *ansiado* por ser belo, que havia tentado *ser* por muito tempo que as tentativas tinham crescido grosseiras e espinhosas. Rosas com espinhos compridos como adagas. Videiras que se enovelavam ao redor de estacas de osso. Flores que pareciam olhar para você.

E no meio, a própria Ravel.

*Ela era tudo que as histórias descreviam e mais.*

*Horível não no sentido do banal mas do profundo — algo que a mente recusava processar porque a processa demasiado bem. Alta como um homem, curvada como uma pergunta, com pele do tom da terra depois da chuva. Cabelos como o ninho de uma serpente, olhos como duas pedras polidas que haviam visto demais por tempo demais.*

*Ela me viu na memória.*

*E sorriu.*

*“O que pode mudar a natureza de um homem?”*

A voz dela na memória era como fio puxado através de chumbo — deliberada, precisa, deixando resíduos nos ouvidos.

*“É isso que tens de me responder. Se não puderes, nossa conversa está terminada antes de começar.”*

A memória terminou ali. A vítima ou havia falhado na resposta ou havia ficado com medo demais para dar uma.

Voltei ao presente, segurando a pedra na mão.

Dak’kon me olhou:

— O que viste?

— Vi onde está o labirinto. E vi a questão que Ravel fará.

Morte:

— Boa ou má notícia?

— As duas. A boa é que sei o que perguntar.



— E a má?

Olhei para minhas mãos:

— A má é que ainda não sei a resposta.

*“O que pode mudar a natureza de um homem?”*

Olhei para meus companheiros — Dak’kon com sua mente dividida e sua dívida de vida. Annah com seu ardor e seus medos. Morte com seus segredos e sua lealdade tortuosa. Fall-From-Grace com sua graça e seu silencioso luto.

E comecei a *saber*.



## Capítulo 68

Estava começando a me arrepender dessa decisão algumas horas depois. Algo no meu pescoço simplesmente não estava voltando ao lugar direito, então decidi passar mais tempo nos aposentos me recuperando enquanto colocava algumas coisas em dia. Tentei descobrir o que diabos era aquele dodecaedro, quebrando a cabeça e mexendo nele, sem sucesso. Li as histórias de Reekwind do meu diário. Parecia que era hora de uma pausa... isto é, até encontrar algo no fundo da mochila que havia quase esquecido. O livro que Mantuok havia derrubado.

Precisava lavar as mãos.

Só o toque da superfície de couro do tomo me fez a pele se arrepiar. A capa estava solta, com superfície carnuda como pele humana não curtida deixada ao sol. Quando levantei a capa, um leve fedor nauseante exalou das páginas, como um cadáver inchado dragado de um lago morno.

Não havia tocado no livro desde que o apanhara do chão, o sangue de Mantuok ainda morno em minhas mãos. Mesmo que o sangue tivesse penetrado pelas páginas e as umedecido o suficiente para apodrecer, não cheiraria

a carne podre.

— Mestre... — as páginas sussurraram. Pausei, deixando cair o tomo em surpresa enquanto olhava ao redor para ver se alguém podia ver. Não, o quarto estava vazio.

Toquei o livro de novo, e a voz retornou, mais forte desta vez:

— Saúdo-te, mestre. Como pode este humilde tomo servir-te?

— Podes falar?

— Posso, mestre, em muitos idiomas diferentes. Apenas debes ter cuidado para que ninguém nos veja conversando, pois não podem me ouvir. E, mestre, a fala é apenas um de meus poderes.

— Como Mantuok veio a te possuir?

— O rato-mago doentio me desenterrou nas catacumbas, meu mestre. Ele me arrancou do aperto de meu antigo mestre, há muito morto. Trouxe-me ao seu ninho para que pudesse aprender comigo. Seu poder era limitado, porém... era difícil falar com ele, e ele entendia pouco de meus ensinamentos.

O tomo sibilou ao falar, como uma serpente com ácido desprezo em sua voz à menção de Mantuok. Descobri-me fazendo careta também... um vil homem-rato jamais poderia entender o valor de algo assim.

— Fala-me sobre ti mesmo.

— A questão que fazes não é simples, meu mestre, mas teu servo buscará respondê-la da melhor forma que puder. Sou um códex de momentos-agora-esquecidos, ideias-agora-perdidas, e pensamentos de outros tempos e outros mundos. Dentro de minhas páginas jaz o conhecimento de civilizações esquecidas. Em essência, meu mestre, e esta é a única coisa de importância: dentro de minhas páginas jaz PODER. Este Poder pode ser teu... meu mestre.

Sua voz era suave como mel quando me falava, e tinha certeza de que se tivesse língua o tomo estaria lambendo meus sapatos.

— Estou intrigado — disse com calma. — Fala-me de teus poderes.

— São Poderes, meu mestre, que podem melhorar tua vida imensamente. Infelizmente, as leis que me vinculam... elas exigem um pequeno serviço em troca por estes Poderes.

— Um pequeno serviço? Como qual?

— O serviço exigido é uma bagatela, meu mestre. Mal o mencionaria se não fosse pelas leis que me vinculam a estas páginas...

O livro pausou:

— Para desbloquear meu Poder, deves sacrificar apenas um pequeno pouco de ti mesmo, meu mestre. Deves

derramar sangue na primeira de minhas páginas. Este ato servirá para fortalecer a corrente entre nós e me permitir ajudar-te a alcançar teu pleno potencial. É um pequeno preço a pagar pelos feitiços que virão a estar à tua disposição.

Bufei, uma bagatela. — Muito bem. Aqui está.

Cortei a ponta do dedo e deixei um saudável fio de sangue cair nas páginas. Um estranho frio se assentou em meus ossos, e me senti vazio e machucado. Ao mesmo tempo, havia uma sensação de triunfo, e um novo feitiço me veio à mente que reconheci imediatamente. Cegueira. Pouco mais que um truque, mas pode se mostrar útil.

Além disso, beber da fonte do conhecimento tão facilmente era... fortalecedor.

— Este é teu Poder agora... mestre. Sabe que este é apenas o primeiro Poder que jaz em minhas páginas.



Os dias passaram rapidamente, pois fui aberto a uma nova consciência. Como poderia ter sido tão cego, me repreendi.

Estava cheio de um súbito senso de clareza. Do alto de minha varanda conseguia ver facilmente o que era útil e o que não era, o que era ouro e o que era escória. O que dava

poder, e o que o drenava.

Além disso, comecei a perceber que inimigos estavam por toda parte.

— Estás bem? — Dak'kon havia entoadado. — Embora não tenhas nome, vim a te conhecer bem, e algo está diferente.

— Não estás doente — Grace havia dito ao levantar a mão da minha testa. — Mas detecto que há algo faltando. Talvez precisas de algum descanso, ou um passeio pelo Distrito. Os artistas podem te revigorar... e uma nova caravana veio de Parafel com belas novidades.

Até Morte parecia preocupado:

— Vamos lá, chefe. Tu e eu, quando foi a última vez que fomos nós dois pintar a cidade de vermelho, hein?

Annah permaneceu em silêncio, e distante.

Se eu parecia abatido (mais que o habitual, pelo menos), era porque muitas de minhas horas eram passadas em solidão, extraíndo o quanto de sabedoria conseguia encontrar do meu novo servo.

— Dou este conselho: Desconfia dos que manténs perto de ti. Nunca os leves plenamente à tua confiança, e nunca diluas tua força compartilhando-a. Muitos imperadores que conheci o fizeram, e não desejo que sofras o mesmo destino.

— Se afirmam amizade, então que se provem. Palavras

têm pouco peso comparadas à ação. Se amigos forem, então deveriam estar dispostos a morrer por ti.

— Não mostre fraqueza, não admita erros, não mostre hesitação. Estas coisas dizem aos outros que estás incerto, uma pedra desequilibrada que pode ser derrubada.

Senti um leve aperto no peito então.

— Cuidado com a misericórdia. Uma costa virada não é defesa contra a faca de um assassino.

— Cuidado com a visão comum do amor. O amor deve frequentemente ser cruel para que possa se elevar acima do meramente sentimental.

— Separa-te dos tolos de mente pequena e dos fracos ao reconhecer que tens um destino. Isto sozinho te dá autoridade para trilhar onde outros temeriam ir.

Um leve esgar curvou o canto de minha boca com aquelas palavras. Rapidamente o reprimi.

— Há dois segredos para se tornar grande. Um é nunca revelar tudo o que sabes.

— Para se tornar poderoso, deves estar disposto a sacrificar: seja partes de ti mesmo ou coisas preciosas para ti. O poder é uma barganha: Um deve dar para receber.

— Honra e virtude são conceitos que matam homens e matam o espírito. São apenas abstrações que levam homens à estranheza e à morte. Sê fiel a ti mesmo e

obedeça apenas à tua própria vontade.

Meu sangue pareceu se mover mais lentamente enquanto o livro falava, como se tivesse esfriado em minhas veias, ou como se meu coração tivesse endurecido.

— Não tolereis um que te tenha magoado a viver. Fazê-lo é uma admissão aberta de fraqueza.

— A alma do homem é um mar de emoções. Frequentemente o homem luta para trazer ordem a estas emoções, mas é uma ordem falsa. O estado natural do homem é o caos, e é um estado ao qual se deve se render.

— Conhece o significado da misericórdia, usa-a a teu favor... mas não a pratiques.

— Cultiva o medo nos outros, pois apenas o medo governa os homens. Nada deixa cicatrizes mais profundas.

— Estende um sorriso e a mão da amizade a teus inimigos. Quando apertarem tua mão, golpeia-os com a adaga na outra mão, senão certamente farão o mesmo contigo.

— Estas são minhas últimas palavras de conselho. Pesa-as cuidadosamente. Lembra que podes expungir qualquer coisa que consideres indesejável. Só precisas ter a vontade.

Enquanto o livro pronunciava aquelas últimas palavras, um peso frio se assentou em meu coração. Senti-me de



alguma forma manchado. Lúcido, mas manchado.

Foi então que fez sua segunda oferta.

A voz do tomo pareceu entristecida ao me falar, pela luz fraca da vela. Eu estava sozinho em meu apartamento, como sempre, e me agarrava a cada palavra:

— Infelizmente, mestre, as leis que me vinculam exigem um sacrifício maior em troca por maior poder. Daria estes poderes a ti livremente, mas como podes ver, estou vinculado.

— Qual é o sacrifício? — perguntei, minha voz uma mistura de ansiedade e irritação de que o livro se atrevesse a hesitar.

— O segundo sacrifício é que vendas um de teus companheiros à servidão, escravidão. Isso significará o vínculo entre ti e o poder — teu companheiro representa o Poder posto à tua disposição. Há aqueles no Distrito dos Escribas, sou dado a entender, que te ajudarão nesta busca. Procura Vrischika a importadora.

Bem, isso é fácil o suficiente.



O ar estava cortante na loja de curiosidades de Vrischika, como se a fumaça do incenso tivesse espinhos. Por baixo de tudo conseguia detectar o leve cheiro de

sangue que dava a esses espinhos pontas de ferro, e o mais leve fedor de fumaça de enxofre que lhes emprestava crueldade. Havia uma certa elegância nisso que não havia apreciado inteiramente antes.

— Interessada em comprar um escravo ou servo, Vrischika?

Os lábios negros e cheios de Vrischika se curvaram num sorriso:

— Estou sempre interessada em adquirir mais ajuda. Standish — o preguiçoso idiota — me ajuda na loja, mas poderia usar outro corpo para minha mansão. Quem estava oferecendo? Pagarei cinco mil moedas, se for decente.

Havia pensado nisso por um tempo, e a escolha havia ficado clara na noite passada:

— Dak'kon, o githzerai.

Dak'kon ficou em silêncio, suas mãos se apertando até conseguir ouvir os nós talar. Então suas palavras saíram como uma lâmina, frias e firmes e orladas com cada fibra de seu ser:

— Não é minha vontade ser escrava desta mulher.

— Não tens muita escolha no assunto, tens, escravo? — disse com uma sobrancelha erguida.

Seu corpo se enrijeceu com a palavra, e seus olhos negros como carvão se arregalaram e se apagaram como

se tivesse recebido um golpe mortal:

— Vais comprá-lo, Vrischika?

Vrischika estreitou os olhos em Dak'kon, examinou seu corpo como carne. Ela inclinou a cabeça, examinando seus músculos, sua postura, e olhou para aqueles olhos escuros, de repente sombrios mas ainda carregando um fio perigoso. Quase esperava que ela abrisse a mandíbula para examinar os dentes:

— Hmmm... um githzerai, não é? E um zerth também. Desde que entendas que jamais o verás de novo... pagarei cinco mil cobres por ele.

— Jamais? Entendo. Pega-o.

Os lábios de Dak'kon se partiram, seus olhos se arregalaram em tanto horror quanto já o havia visto expressar enquanto Vrischika contava as moedas:

— Nunca pensei...

Seus olhos negros como carvão examinaram meu rosto por um momento, depois caíram ao chão enquanto ele sacudiu a cabeça:

— É um caminho cruel ao qual minhas palavras precipitadas me levaram. Meu caminho... o caminho de Dak'kon...

— Não tens mais nome, escravo — disse simplesmente.  
— És velho e fraco, e aprendi tudo que precisava de ti.

Ele caiu de joelhos com aquelas palavras, suas mãos tremendo. Ele parecia velho: as dobras em seu rosto estavam mais pronunciadas, sua voz rangia como madeira velha enquanto tentava murmurar uma prece a Zerthimon, talvez um desejo de que ele o golpeasse morto então. O fogo em seus olhos vacilou e se apagou, e seus ombros curvaram como se o peso deles fosse demais para seu corpo. Havia sugado seco cada gota útil de conhecimento e vida dele, e não mais o precisava.

— Tua lâmina se estilhaçou, Dak'kon — me agachei ao lado dele, minha voz baixa como um sussurro, mas sabia que aquelas palavras ressoariam em seus ouvidos enquanto vivesse. — Tua karach é como névoa.

Ele se virou de mim em silêncio.

Vrischika entregou uma bolsa para mim, pesada de moedas. A apertei, satisfeito com o peso, e fiquei observando enquanto ela passava um pedaço de pergaminho ao seu servo mais novo:

— Aqui... este é o endereço de minha casa, no Distrito da Senhora. Vai lá, agora... tenta fugir, e terei uma matilha de inferos tão fundo em tua garganta que suplicarás para voltar a Sigil e me servir.

Ela então se virou para mim:

— E tu... meus agradecimentos; tenho certeza de que se mostrará entretido. Curte teus cinco mil cobres... adeus.

Não havia nada restando de Dak'kon o zerth quando saí da loja. Ele ainda estava ajoelhado lá, encarando o nada com olhos mortos e negros, membros frágeis e flácidos como os de um cadáver. Parecia que uma brisa poderia tê-lo partido ao meio.

O grito agudo de uma língua repreendendo, e o estalo de um chicote foram cortados quando a porta se fechou atrás de mim. Em minha bolsa o livro murmurava para mim num suave e satisfeito sibilo:

— Mestre, completastes o segundo sacrifício? Há um ar ao teu redor que diz que sim. Fizeste bem; és um estudante rápido. Ouve estas palavras e aprende ainda mais.

O livro pronunciou algumas sílabas ininteligíveis e uma sensação ardente se espalhou dentro do meu peito, e aprendi o Beijo da Víbora.

Sorri torto. Não precisava disso para provar a ninguém que tinha uma língua cruel.



Annah segurava um braço apertado, como se com frio. Ela se aproximou de mim, seus calcanhares suaves no piso de azulejo. Desde aquele negócio bagunçado com Dak'kon, Annah havia andado em ovos ao meu redor. Ela segurava o corpo rígido e tenso, se esquivando quando eu me

aproximava mesmo enquanto encarava, olhos encontrando os meus. Seu olhar suplicava sentir calor de novo, o tipo de calor que seu sangue de ífero sozinho não conseguia acender.

— O que é isso agora? — ela perguntou hesitantemente.  
— O que é que queres de mim?

— Só estou preocupado, Annah. Não tens sido tu mesma ultimamente.

— Tu também não tens sido tu mesmo — no momento em que as palavras saíram ela mordeu o lábio e olhou nervosamente para meus sapatos, como se desejasse não ter dito nada.

— Sei que isso é sobre Dak'kon — disse ternamente, suavizando o rumble áspero na garganta para que as palavras saíssem doces como açúcar. — Não precisas te preocupar com ele.

Annah se deslocou um pouco, esperou como se estivesse preocupada se precisava de permissão para falar:

— Aquilo — aquilo foi jes' frio, foi. Ver ele assim, e os olhos dele... — ela gemeu. — Nunca esquecerei os olhos dele. Me assombra nos sonhos, assombra.

— Estou com ciúme — ri. — Só deve haver um homem em teus sonhos.

Ela deu um respiro agudo, surpresa de que eu estivesse de repente ao lado dela. Ainda assim não recuou quando

um nó grosso e calejado acariciou sua bochecha. Sua pele era branca como pérola e suave como seda, morna ao toque.

— Gostavas de Dak'kon? — murmurei, me inclinando para que meu hálito soprasse contra seu cabelo. — Como companheiro de viagem? — acrescentei, como se fosse uma reflexão tardia.

— Bem — bem não, mas—

— Então está tudo bem — disse, a puxando mais perto. — Dak'kon era inútil, de qualquer maneira. Pior que inútil. Via como costumava olhar para ele, de pé ao meu lado, nunca me perdendo de vista. Tu e eu nunca poderíamos estar sozinhos juntos com ele por perto.

Aí estava. Seu coração saltou um batimento, e ela engoliu. Isso havia dragado alguma culpa escondida, tornado aquela fantasia vergonhosa real.

— Não precisava de Dak'kon, Annah. Não tenho necessidade de coisas inúteis — murmurei. — Preciso de alguém que seja útil.

*Útil*, ela silenciou a palavra nos lábios.

— Teu pai está morto. A vila soterrada está em caos — me desloquei, me virando até a segurar por trás. Uma mão acariciou a fenda nua de barriga revelada pelo colete, e ela tremeu ao meu toque. — Não tens ninguém para quem voltar em tua vida antiga. Mas eu preciso de ti, Annah.

Seus lábios tremeram, trabalhando como se suplicassem um nome. Qualquer nome que pudesse me fixar para que pudesse sussurrá-lo em meu ouvido.

— Serás útil para mim?

Não houve pausa, apenas uma resposta sem fôlego dada com olhos semicerrados e coração batendo até o sangue ferver em suas veias:

— Sim. Serei útil para ti.

— Obrigado — sorri, meus lábios roçando sua bochecha.  
— Isso me deixa tão feliz.

O som do pulso de Annah drummando em seus ouvidos a ensurdeceu para o som de minha adaga sendo desembainhada.



— Ofereces-me truques e conjurações para novatos — havia rosni. — Poderia ter entrado num salão e comprado o que ofereces, depois me limpado com os sobras. É melhor teres algo mais a meu gosto, servo.

— Oh, tenho, tenho! — toda pretensão de seu lambe e se curvar havia quase sumido, e ele falava com alegria mal contida. — Prometo-te isto: magia além da tua compreensão, e além do poder da maioria dos mortais jaz nas próximas páginas. Oh, serás a inveja dos arcmagos,



prometo-te isto.

Não mais me chamava de “mestre”, mas isso era de pouca preocupação. Sacudi o tomo furiosamente, unhas cavando na pele macia e carnuda que o encadernava:

— Então dá-me!

— Deves ter paciência! Já te mostraste disposto a fazer o que é necessário para alcançar este poder — o livro havia sibilado, um pouco impertinente demais para meu gosto. — E deves perceber que PAGARÁS por este poder.

— O que tenho que fazer?

— Tens companheiros que estás disposto a trair? — perguntou como se revelasse um sorriso cheio de dentes.

— Que tal Annah?

— Não me importo com quem, desde que te mostres disposto. Vai agora e faze-o. Quase soou como uma ordem.



Meus dedos se agarraram frouxamente ao cabo da adaga, ensopados de sangue da lâmina ao punho. O calor que manchava minhas mãos estava lentamente escorrendo, pingando no chão em pequenos respingos vermelhos.

Havia uma lição a ser aprendida, certamente, e meditei sobre ela enquanto me sentava na beira da cama e

encarava o corpo de Annah. Meditei enquanto a observava ficar fria.

Os reflexos de uma ladra são muito mais aguçados do que se poderia pensar. Bêbada de êxtase em meus braços como estava ela ainda podia sentir que algo estava errado, se torcer bem quando a lâmina se enterrou em seu peito. Havia errado completamente seu coração, e Annah começou a lutar.

Havia visto quão rápida ela era com as lâminas, quão hábil. Foram desembainhadas num instante, e ela poderia ter balançado de volta e rasgado minha garganta num piscar de olhos. Poderia ter me deixado gurgulejando no chão de azulejo, meu sangue se misturando com o dela. Não havia razão para Annah não poder agora estar engatinhando em direção à porta, gritando por ajuda mesmo enquanto lentamente sangrava da ferida.

Mas ela hesitou. Oh, como ela hesitou, adagas de soco tremendo em suas mãos como se não soubesse o que fazer. Ela apenas recuou em meus braços, tentando dar sentido a tudo, tentando sair do machado da traição. Não conseguia se matar, mesmo que cortar minha garganta não significasse nada a longo prazo.

Ela poderia ter se salvo facilmente.

— Excelente — o livro gemeu em êxtase. — Excelente. Nunca senti traição tão profunda quanto esta. Consigo

saboreá-la. Provastes ser um estudante digno. Este, então, é o feito final que posso te ensinar.

Ele murmurou algumas estranhas sílabas, e um estranho uivo inchado em meu coração. Um sorriso se curvou nos meus lábios como a lâmina de uma adaga, e soube uma palavra de poder, uma elocução que pode desemaranhar a realidade e severar o fio da vida com apenas um sussurro.

Soava bem ressoando em minha cabeça. Sentia-me tonto, como se guardasse um segredo que não devia deixar escapar.

— Ch-chefe? — A voz na porta era pequena e assustada.

— Ah, ainda bem que estás aqui, Morte — acenei, sem erguer o olhar. — Precisarei de ti como testemunha. A ladra havia de alguma forma invadido meus aposentos, tentado vasculhar meus pertences. Tive que me defender, é claro.

Sua voz estava furiosa, e ele tremeu no ar de raiva:

— Não acredito nisto... já afundaste bem baixo antes, chefe, mas isto leva a taça. Até logo no Baator, seu desgraçado, de cabo curto, traidor, ingrato, estampilhado de bexigas, comedor de merda, de cabelo seboso, de dente podre, miserável pedaço de lixo amnesiático! Pode ter certeza, seu sod do inferno, continua assim e logo estarás morto de vez... e oh, o que te espera então!

Meus olhos se ergueram para encontrar os dele, e falei numa voz suave que pareceu transformar o ar em gelo:

— Cuida tuas palavras, Morte.

— Tu — ele trabalhou a língua, sua eloquência de repente o abandonando. Morte parecia tão inseguro agora, tão com medo de falar. — Tu a mataste. E podia muito bem ter matado Dak'kon.

— Sim. E eu gostava de Annah. E valorizava Dak'kon — testei a ponta de minha adaga com um dedo. — E a partir de agora, ainda gosto de ti. Se essas coisas tiveram que acontecer com pessoas de quem gostava, imagina o que poderia acontecer com alguém que de repente se tornasse um incômodo.

Pela primeira vez, tudo que Morte conseguia fazer era me encarar em silêncio.



Nos últimos três dias havia sido morto doze vezes. Era um recorde para mim, realmente.

Havia sido eviscerado pelo Harmonium, atacado por um abishai enquanto andava pela rua. Capangas me saltaram à noite, e uma das arrumadeiras havia até cortado minha garganta enquanto eu dormia. Cada vez roubavam o tomo da minha mochila e fugiam, mas apenas por tempo

suficiente para eu me recuperar e os caçar de volta.

— As coisas parecem ter ficado muito mais perigosas — refleti, passando o dedo pelo couro de fedor repugnante do tomo. Estava me acostumando com o cheiro de carne em decomposição.

— S-sim, mestre — ele ganiu nervosamente. — É bom então que me tenhas, para guardar tuas costas.

Ri:

— Abandona a farsa, meu servo. Sei o que és.

— O-o quê?

— Oh sim — suspirei, folheando as páginas do livro. — És um parasita. Corroes os fracos, os impeles a um mal abominável. Délictas na corrupção e te alimentas da perversidade, e quando fizeste o máximo para vê-los inchar com poder e inflar com seus pecados, os leves à morte, e segues para o próximo hospedeiro.

— Mas — o livro soou assustado. — Há quanto tempo sabes?

— Desde o início, desde o momento em que te toquei pela primeira vez — ri. — Mas não és tão inteligente quanto pensas, pequeno tomo. Por um lado, sou imortal. Não podes te livrar de mim tão facilmente.

— M-mestre—

— Por outro, não sou um idiota de mente fraca que é tão

facilmente seduzido por poder — meu dedo bateu na capa, e repousei o queixo na palma da outra mão. — Não, sabia o que eras. Não me levaste a lugar nenhum. Escolhi tomar o caminho que segui, e me deste todo o poder que queria.

— Mas — o tomo lamentou. — Ainda posso servir, mestre. Tive muitos donos, conheço muitos de seus segredos e seus jeitos. Ainda posso ser teu aliado, teu servo leal!

— Não, não podes. Drenei-te seco de toda a tua magia, pequeno tomo, e não tenho mais uso para ti — canalizei um feitiço simples pelas pontas dos dedos, e fumaça começou a se desprender da página que toquei. — E não tenho necessidade de coisas inúteis.

O livro guinchou enquanto era consumido por gordas línguas de chama. Fogo negro fumegante floresceu ao redor das bordas, comeu suas páginas com fome voraz.

Alimentei meu passado naquela chama enquanto o via queimar. Memórias de Morte, que agora era pouco mais que cacos partidos de dentes e osso no fundo de um caixote depois de ter tentado me denunciar ao Harmonium. Memórias de Fall-From-Grace, que educadamente recusou continuar viajando comigo, dizendo que havia experimentado traição e ódio suficientes. Memórias de Dak'kon, agora mais partido e sem nome do que eu estava.

E por último, queimei a memória de Annah, que deu

seu coração a mim para que eu pudesse cravar uma adaga nele. Ela ainda repousa num monte na Praça do Catador de Trapos, sabe. Os Coletores não a tocam, roída pelos ratos e gorda de vermes. Mesmo assim deixam os olhos, encarando o espaço, ainda brilhantes de lágrimas não derramadas.

Joguei a pilha de cinzas da varanda, e os flocos negros esvoaçaram, carregados pela brisa que passava pelo Distrito, limpa e doce como podia ser em Sigil.

Ia ser um belo dia.



### *Interlude*

— Para para para para PARA! — exclamou Epetrius. — Não aguento mais isto! Estás contando tudo errado!

— Bem, odeio te dizer, garoto, mas foi assim que a história correu! Este olho não mente, não mente!

— Absurdo! — Epetrius estralou com agudeza. — Como pode um olho de todas as coisas ser um registro de qualquer coisa?

— Lá! Mas não és particularmente esperto, és? — Jeanette exclamou sobre o gaguejo do Guvner. — Há muitos mitos sobre olhos, garoto, sobre como são a janela para a alma, ou como a retina grava as imagens dos últimos

momentos da vida de alguém. E considerando com que frequência O Sem-Nome dançou em ambos os lados do Grande Véu, este olho tem imagens em abundância, todas dispostas umas sobre as outras como estilhaços de vidro.

— Além disso — Jeanette sorriu. — Este aqui foi encontrado no Astral, açoitado por ventos de pensamento e correntes de sonho. Em sua imortalidade havia tomado vida própria, e reunido e preservado antigas memórias do Sem-Nome antes que evaporassem para o nada no Vazio Branco. Pelo menos, é a minha teoria.

Oudilin testou seu ombro recém-curado, balançando-o para frente e para trás enquanto segurava sua lira na outra mão. Pensaria que sem o toque de sua música o conto teria se opacado, mas os jeitos bombásticos de Jeanette são mais que suficientes para preencher aquele vazio. A deusa endireitou um assento virado, repousando a lira num joelho:

— Como exatamente vieste a encontrar este olho, então?

— Ah, mas isso é uma história em si e por si mesma, garoto! — ela lança o olho no ar como uma moeda, o nervo óptico se contorcendo e agitando como se fosse a cauda de uma serpente. — Lá estávamos na Ilha dos Pensamentos Que Desvanecem, onde memórias vão morrer. Alguns poucos coitados perdem o caminho quando caem no Sono Profundo, e vagam pelo Astral por um tempo antes de alcançar os Planos Exteriores. Aqueles que ficam



presos na Ilha são mantidos por seus embalsamadores: uma súcia lastimável, longilíneos e de membros longos como aranhas de jardim. Lá embalsamam essas almas em vez de seus corpos, e as adornam com pensamentos cristalizados antigos: a doçura de mel de um primeiro beijo, um eco da primavera florescendo pelo Elísio e o aroma perfumado de suas flores silvestres. E lá sobre suas cristas e penhascos os mortos são enterrados em caixões de sonhos desbotando.

— Bem, que lugar melhor para saquear, digo eu! Naquela noite viajavamos, o Joren Dell, suas velas inchadas com os ventos da memória, sua quilha flutuando em correntes de crenças perdidas e morrendo. Navegamos ao longo da sotavento da Ilha, um pequeno vazio onde pensamentos vagantes eram poucos. Cavalgamos uma pequena espiral de fé morrendo (não tão pequena nestes dias, graças aos esforços dos Athar) e nos encontramos numa enseada, habitada apenas por vermes gordos que se alimentavam do detrito mental dos planos. Coisas repugnantes realmente; têm sabor de água-viva de bilge em gelatina.

— Quando desembarcamos trouxe uma festa de doze outros comigo. Como disse, a dúzia do padeiro traz sorte! Com meu séquito atrás de mim fui e saqueei as catacumbas em busca de tesouros antigos.

— Estava apenas examinando uma bela sensaçõzinha

gorda (devia ter uns mil anos e o tamanho de um ovo de tordo) da satisfação de um poeta ao finalmente completar sua obra-prima depois de duas décadas varrendo os Planos em busca das palavras certas. Foi então que um guincho chamou nossa atenção, e este bichinho se lançou sobre nós — ela ergueu o olho para dar ênfase. — A coisa ansiava por uma órbita para se enterrar depois de estar sem um crânio para chamar de lar por incontáveis séculos, e imediatamente começou a se esfregar na testa do meu contramestre.

— Bem, ele guinchou como uma banshee que foi, e derrubou uma pilha de velhas alegrias e tristezas. As alegrias ricochetearam, isso não era problema... mas os lamentos se estilhaçaram contra o chão como vidro e levantaram esta horrível nuvem de elegias, e o fedor disso acordou os embalsamadores.

— Eles estremeçaram e se levantaram, membros estalando no lugar como ossos sendo reposicionados, e enquanto meus companheiros lideravam uma merry chase pelos corredores com braços carregados de tesouros eu fiquei na retaguarda, defendendo as monstruosidades uma por uma, meu florete cortando seus membros e gravando meu nome em suas peles negras como a noite.

— Bem, um disparo desencaminhado deles levou meu olho, mas era um belo preço pela batalha intensa que ofereceram! Corri de volta, o sangue e fluido derramando

da órbita vazia como lágrimas gelatinosas. Quando voltei ao Joren Dell as velas já estavam prontas e a âncora tinha sido levantada, e tudo que eu precisava era de uma escada de corda para fazer minha fuga. Balancei naquela escada frágil entre o vazio prateado, respirando a mofa do esquecido, dançando entre os fios prateados de memória e rindo do próprio destino. Ah a liberdade e a maravilha de ser uma pirata! Uma bela tarde com certeza, e quando voltei para dentro o almoço estava pronto. Stroganoff, se bem me lembro.

— Isso é ridículo e tu, garota, estás apenas inventando mentiras de novo! — o Fator Epetrius rosna, enfiando um dedo pontudo em Jeanette. O lagarto empoleirado em seu chapéu estala a língua, como para provocar a garota. — Em lugar nenhum nas bibliotecas de Sigil, não entre todos os mapas do Plano Astral e os livros de tal, esta Ilha é mencionada!

Jeanette ri, como se a resposta fosse óbvia, e se curva. Suas mãos são colocadas nos joelhos e ela sorri enquanto fala numa voz suave, amável, como se falasse a uma criança:

— Oh bom Guvner, meu garoto. É claro que o nome não é mencionado nos teus livros. O próprio nome foi esquecido e enterrado na Ilha em si. E o fato de que não sabes nada sobre ela prova meu ponto realmente. Se realmente quiseses ver o nome, eu o guardo numa caixa em meus

porões. Ha!

Os lábios de Epetrius se puxam num rosnado, como se fosse dizer outra coisa, mas ele apenas esfrega as têmporas e sacode a cabeça em frustração.

Jeanette suspira antes de continuar:

— Agora, quanto a este aqui — ela indica o olho que agora está empoleirado em seu ombro como um papagaio adulator. — Não percebemos a princípio, mas ele havia pegado carona no Joren Dell, escondendo-se nos porões e de repente tímido por algum razão. Armamos armadilhas por um mês e tentamos atraí-lo para fora com uma mistura de mel e aparas de amor contrariado, mas no fim conseguimos cativar a coisa com uma fatia de agonia lenta colhida dos escalpelos de um Inquisidor. A coisa parece se sentir ligada à dor, como o próprio Sem-Nome uma vez foi.

Jeanette suspira:

— Tentei dar-lhe um larinho em meu próprio crânio uma vez... agora te digo, dói como uma viagem pelos Nove Infernos e não é nem metade tão amigável, mas além das dores de cabeça ele me alimentou bastante de lampejares de memória para eu poder montar o que aconteceu com o Sem-Nome. Mas, já que estais tão inclinados a ouvir a história “direito”, acho que terei que começar de novo, não? Agora onde estava eu...

Ela tomou um longo gole de cerveja e se recompôs:

— ...Ah sim, Annah havia acabado de deixar o Salão das Festividades para tomar um pouco de ar noturno...



## Capítulo 69

Annah se moveu silenciosamente pelo piso ladrilhado, suas botas suaves não fazendo nenhum som enquanto ela se esgueirava de sombra em sombra. Qualquer som que seus passos fizessem teria sido abafado pelos roncões de Morte, e se sua carne branca como lua brilhou na luz tênue, as chamas rugindo de Ignus do lado de fora teriam chamado o olhar mais prontamente de seu ponto de descanso na varanda.

— Ei.

— Hssst! — ela sibilou, virando a cabeça para mim. — O que estás fazendo andando por aí? Estás me espiando?

Mudei o peso, saindo da sombra do pilar:

— Também tenho me sentido inquieto.

Ela simplesmente ficou ali, a cauda fazendo um trejeito, braços cruzados à frente. Naquele momento, pela luz fraca de Ignus ardendo pela janela, ela parecia estatuária. Havia uma tranquilidade muda sobre ela, e ela me encarou como uma pedra.

— É uma noite clara — disse. — Quer dar uma caminhada?



O ar estava quieto e crisp, silencioso como uma sepultura. Eram apenas a janela iluminada ocasional e o raro tilintar de botas do Harmonium que davam qualquer sinal de que o Distrito ainda era habitado. Mesmo assim enquanto a noite avançava as luzes cintilaram e se apagaram. O som das patrulhas do Harmonium foi ficando mais distante. O silêncio era rei então, e ninguém nos perturbaria em nossa vagabundagem.

A cauda de Annah balançava enquanto ela se movia quietamente pela rua ao meu lado, e eu me esforcei para manter meus movimentos retos e suaves para que meu colar de ossos não chocalasse ou as miçangas no cabelo tilintassem. A sacralidade pendia no silêncio, e eu não queria estragar o momento com minha desajeitamento.

Annah tucou as mãos no croco dos braços como se não soubesse o que fazer com elas. Esta seria uma noite para as maneiras astutas... de forçar fechaduras e arrombar portas, fuçar pelas joias e ouro dos nobres de Sigil. Verdade que o Harmonium teria dificultado as coisas, mas não havia nada de errado em reconhecer um lugar. Se ela estivesse sozinha, quer dizer.

— Annah, podes me treinar nas habilidades de ladrão?

— Eh? — Ela franziu os olhos. Não era uma pergunta que ela teria esperado. — O que estás falando?

— Gostaria de deixar de lado a Arte por um tempo e tentar a mão em atividades mais furtivas.

Ela me olhou de cima a baixo — uma vez — depois me olhou com uma expressão estranha.

— Estás sério?

Assenti:

— Gostaria de guardar a Arte por um tempo e retornar ao ofício de ladrão. Podes me ensinar?

Ela pareceu cética, depois revirando os olhos:

— Aye, posso... mas pra fazer isso, vais ter que fechar a boca e me ouvir... e seguir minha liderança, jig?

Ela circundou ao meu redor, a cauda fazendo um trejeito sob a luz pálida de uma janela um andar acima enquanto examinava minha postura:

— A primeira coisa que precisas fazer é mudar tua postura, nada dessa coisa de projetar o traseiro e avançar com o tronco que pareces favorecer...

— Tudo bem...

Annah me passou pelo treinamento. No fim de um curto tempo ela deu um passo para trás e assentiu, impressionada:

— Aye, pegaste o jeito. Rápido em aprender, és. 'É claro que é só o começo. Há quatro habilidades que qualquer bom cortapurse precisa *saber*...



— Furtividade, forçar fechaduras, bater carteira e encontrar armadilhas, certo?

Ela assentiu:

— Aye. Tens o básico, vou dar isso a ti. Podemos começar com desaparecer de vista. É minha especialidade.

Seu lábio se curvou num sorriso torto.

— Percebi.

— Aye, bem, o truque para não ser visto é saber onde estás e quão rapidamente podes te TORNAR PARTE de onde estás. Há alguns truques que aprendi — um é esconder num lugar onde alguém não espera olhar — como no teto de um cômodo - ou até mudar teu esconderijo quando estiverem te procurando...

Ela sorriu maliciosamente:

— Havia uma vez que estava me escondendo desse par de cabeça-dura... a 'lei'... e o que fiz foi...

Fizemos os movimentos enquanto ela contava suas histórias, nos abaixando atrás das sombras de velhos pilares, pausando entre uma corrida e outra. Até colocamos à prova... rastejando quietamente de sombra em sombra enquanto o Harmonium passava, a armadura deles tilintando suficientemente distração de qualquer padding de pés descalços que poderíamos ter feito.

Annah continuou enquanto nos encostávamos na

parede do Salão Cívico das Festividades. A pedra estava estranhamente quente contra minha costas mesmo enquanto o ar quieto da noite me bicava a pele com frio:

— ...e assim estava lá o cabeça-dura, de cara na água da vala, as calças sumidas, e o resto dos três companheiros trancados no quarto da bisavó, com ela berrando para os céus.

Annah respirou fundo:

— E aí está. Se consegues usar a mesma coisa pra bom uso, pode ajudar a te esconder quando realmente precisar.



Depois de uma instrução extensa sobre fechaduras e armadilhas, chegamos à parte das carteiras.

— Tentar e cortar o bolso de alguém — bem, posso te dizer o que NÃO fazer — Annah deu de ombros. — É principalmente uma questão de fazer isso rápido e com jeito, para que eles não sintam as bolsas ficando mais leves. Se estiveres tendo dificuldade, pode ser no jeito que estás fazendo isso.

Ela assentiu para mim:

— Mostra-me.

Olhei ao redor:

— É bastante tarde e ninguém está por aí exceto o

Harmonium. Além disso, não quero bater a carteira de alguém aleatoriamente enquanto me assistes.

— Nay, tenta bater uma graninha de mim. Direi o que estás fazendo errado.

Era uma resposta muito mais paciente do que eu esperava para uma pergunta tão grosseira.

— Tudo bem... er, onde guardar?

— Isso é o que tens que descobrir, se quiseres ser um ladrão de sangue puro.

Minha língua de repente ficou espessa, e um toque de calor inundou minhas bochechas:

— Tudo bem... deixa-me tentar bater o bolso de... er, te bater a carteira.

Tão logo me mexi em direção a ela, Annah levantou a mão:

— Tudo bem, para — já te fodeste, fodeste.

— O quê?

— Tens que vigiar a tua abordagem, tens — não podes simplesmente muscular a tua marca como um touro — especialmente quando pareces como parecer.

Annah de repente colocou as mãos nos quadris e se voltou para olhar para o meu lado, como se desinteressada:

— Tens que agir como se a marca não fosse nada para ti — menos que nada. Não te importas nada com o que ela

tem.

— Tudo bem — então ajo como se não me importo...

Meus dedos se contraíram, como se os nervos me falhassem, mas posei como ela instruiu:

— O que depois?

E então, ao completar a lição, fiapos de memória fluíram de volta. Às vezes as palavras dela se tornavam um zumbido mudo, outras vezes o que ela me disse parecia ecoar com familiaridade assombrosa.

Já havia feito isso antes, tinha certeza.

Quando terminamos eu disse:

— Também pensava em poder te ensinar algumas coisas.

— O quê? Estás sério?

Ela ergueu uma sobrancelha. Yeh? Ensinar-me? Aprendes rápido, diria eu, mas ainda estás um pouco verde para me ensinar qualquer coisa.

Dei de ombros:

— Pensei que poderia te dar algumas dicas.

— Aye?

Ela smirrou, sem bem acreditar:

— Como o quê?

— Bem, acho que tua cauda te entrega muito mais do que percebes. Notei que a moves quando estás

sendo observada ou nervosa; é suficiente para que alguém procurando nas sombras por ti possa notar. E outra coisa...

Quando terminamos compartilhei tudo que *sabia* sobre forçar fechaduras, até o know-how de desarmar armadilhas.

No fim de minha instrução, Annah assentiu quietamente:

— Aye, não havia pensado nessas coisas.

Ela franziu os olhos:

— Teria descoberto eventualmente, então não penses que és algum professor do Salão das Festividades, jig?

— Só tentando ajudar.

Annah se virou embora. Sua voz saiu em um sibilo baixo e agudo:

— Mais parece que estás tentando me fazer parecer uma idiota.

— Aqui vens, marchando para dentro da Corte de Pharod, e ele todo se curvando e se reverenciando a ti, fazendo o bajulador, depois ele me ORDENA a ir contigo, o que NUNCA fez, e comesas a dar ares de que *sabes* mais que eu... o que te dá o direito?

Ela rosnou, mostrando as presas:

— Quem pensas que ÉS?

A mulher era realmente uma víbora enrolada, calma

num momento, atacando e sibilando no próximo. Nunca sabia ao redor de Annah se minha próxima palavra renderia um sorriso ou uma facada, mas por algum motivo nunca pedi que ela fosse embora.

Estava começando a me perguntar exatamente por que havia pedido para sair com ela em primeiro lugar:

— Só estou TENTANDO te ajudar, Annah.

— Oh, aye? Tens certeza de que toda vez que bato a carteira de alguém ou forço uma fechadura, não estás apenas balançando a cabeça por trás das costas, pensando, “garota idiota e desastrada, ela não sabe como se faz.” Isso te faz sentir melhor sobre ti mesmo?!

— Annah, só te mostrei essas coisas para te tornar ainda melhor do que és — não estava sendo condescendente. Não acho que és desastrada, e não acho que és idiota.

Annah franziu os olhos, a cauda fazendo um trejeito para lá e para cá como se ainda não estivesse bem convencida:

— Aye, bem — é melhor teres cuidado. Não aceito pena facilmente.

Enquanto eu a deixava quieta por um momento, ela se inclinou para mim, colocando as mãos ao redor da minha cabeça e me puxando perto, me mordendo levemente no pescoço, dando um sibilo suave. Em vez de recuar, ela se pressionou perto de mim e sussurrou no meu ouvido:

— *Gosta das tuas chances?*

A cauda começou a oscilar lentamente para frente e para trás, mas o ritmo era mais hipnótico do que com raiva.

Conseguia sentir o coração de Annah batendo rápido em seu peito, e a cor subindo às bochechas. Sua pele era suave e lisa contra a minha. O abraço apertado em que ela me segurava pressionava o calor de seu corpo no meu:

— Quero te dizer algo, an' não podes rir de mim.

Lami os lábios:

— Tudo bem...

— *Sabes* que gosto do jeito que cheiraes? Oh, aye — me deixa mais louca que um Caótico, deixa.

Ela farejou pelo lado da minha bochecha e soltou um sibilo baixo e ansioso:

— Vejo o jeito que me olha, e gosto. Tens olhos famintos, tens. Me deixa em brasa.

Minha respiração se acelerou e minha mandíbula caiu à sua carícia. Dedos esguios traçaram linhas branco-quentes ao longo da minha carne, queimando um formigamento elétrico ao longo das cicatrizes.

— Quero te morder, suavemente em volta do pescoço...

Ela provocou o lado do meu pescoço com os dentes, nunca quebrando a pele, e a cada sussurro, conseguia sentir o bafo dela ao longo do ouvido. A mão dela deslizou ao redor da nuca, e apertou, e conseguia sentir as unhas

dela cavando crescentes agudos na minha pele. Ofeguei, a dor sóbria me tirando daquela névoa de desejo de volta para o aperto de Annah.

— Quero arrastar as unhas ao longo da nuca e te forçar a me beijar.

— Oh poderes acima... — sussurrei.

— *Sabes* que consigo te farejar de cinquenta paces, aquele cheiro de formol escorrendo de ti como um daqueles shamblers do dustie. Talvez se te limpasses um pouco, serias um prêmio certo.

Seus olhos faiscaram:

— Faria paixão contigo tão forte que serias chutado da Espira.

Annah deu um passo para trás então, a cauda fazendo um leve trejeito contra minha perna, e me deu um olhar duro:

— Então... *gostas* de mim?

Oh que diabos.

Num piscar enrolei os braços ao redor da forma esbelta de Annah. Seus olhos se arregalaram de surpresa, e antes que pudesse se escorregar envolvi meus lábios ao redor da nuca do pescoço dela, roçando os dentes ao longo de sua pele firme e branca como leite.

Arranquei um gáspido dela enquanto minha língua



rascava ao longo da carne.

Annah ficou tensa de repente, e sibilou. Empurrando meus ombros e arranhando como um gato, se arrancou de mim:

— Só estava te caçoando, seu vampiro marcado! S-s-solta!

Apesar de seus protestos, porém, seu rosto estava corado, e ela estava ofegando:

— E cuida as mãos da próxima vez!

Ela cruzou os braços:

— Estás me deixando vermelha, estás!

Ali parado sóbrio, corei. O ar naqueles corredores estava mais frio do que eu havia percebido enquanto labia o calor persistente de minha pele.

— Tu me morde, eu te mordo — resmunguei. — Se não gostas, então NÃO FAÇAS.

— Faço o que me agrada, faço.

Annah franziu os olhos; ainda parecia um pouco corada:

— Só mantém as mãos longe de mim, ouves?

De repente, algo mudou. Um vento frio soprou da rua, carregando um arrepio sobrenatural que se infiltrou fundo em meus ossos. Sussurros de pecados há muito esquecidos comeram minha alma em pequenas mordidas como formigas bicando um animal ainda vivo, começando

a tirar a pele. Então entrou, aquela parte reptiliana e primordial do meu cérebro que gritou para cada célula do meu ser—

— O que é isso?

— Corre... — sussurrei rouco.

Annah piscou, abraçando os braços nus. Os olhos faziam um trejeito para lá e para cá:

— O que estás falan—

— CORRE! — gritei, sacando a adaga.

Eles subiram dos cantos do Distrito, tentáculos se enroscando para fora das profundezas escondidas da noite. O primeiro corte me abriu as costas, e mesmo depois que a garra deixou minha pele conseguia sentir o ferimento cortando mais fundo. O corte era alimentado por vingança, as garras da meia-noite haviam sido afiadas com ódio.

Não precisei repetir a mim mesmo uma terceira vez.

Já havia sido perseguido por valentões, seguido por ratos irritados, atacado pelos mortos-vivos. Mas havia sempre o acolchoamento de passos ou guinchos agudos. Havia sempre o som de ossos tilintando ou gemidos sem mente ecoando pelos corredores. De alguma forma, o silêncio das Sombras era mais aterrorizante.

Mísseis arcanos sibilaram o ar enquanto eu os atirava atrás de mim, estourando em pops de névoa cinza-negra

enquanto acertavam. Nem tinha certeza se os havia ferido ou não.

E então os tentáculos se enrolaram ao meu redor da garganta e apertaram.

Não deveria ter medo... havia suportado tudo que os Planos tinham me arremessado até agora, afinal, mas as Sombras eram um sinal de algo mais profundo, mais primordial. No fundo da minha mente sabia que eram caçadores implacáveis. Impossível de se esconder, enormes em seus enxames. Eram implacáveis em seu ódio, como se atacando pecados não punidos.

Conseguia sentir minha força me deixando num fio, como se aqueles tentáculos estivessem bebendo o calor do meu corpo. Aquelas garras me perfuraram, de novo e de novo, numa chuva de fúria preto-alcatrão. A sombra não tinha voz para gritar, língua para me amaldiçoar, então atacou e perfurou como se nunca pudesse me causar dor suficiente.

Os tentáculos se esticaram, depois estalaram com o som de uma lâmina cortando o vento.

Annah.

Ainda estava fraco, mas o que me segurava se dissolveu em névoa. Balançando enquanto me levantava observei Annah cortando a névoa, tentando se afastar das garras de ébano. Cada toque a esvaziava de força como acontecia

comigo.

Agi rápido. Puxando axiomas e feitiços o mais rápido que podia furei buracos nas Sombras, as rasgando em fúria eldritch. Uma por uma foram despedaçadas, desaparecendo em névoa e deixando uma mancha escura e fantasmagórica onde caíam. Os guinchos moribundos dos monstros me enviaram estremecimentos, como se com cada morte eu houvesse roçado a morte encarnada.



Quando a última sombra caiu o frio no ar havia sumido, e minhas feridas começaram a se fechar. Os cortes eram tão aguçados que eram quase indolores, mas espalhavam uma sensação fria pela carne que recuava com lentidão dolorosa.

— Acabou, Annah. Vamos voltar ao Salão... Grace pode curar teus ferimentos lá.

Apenas silêncio me saudou.

— Annah?





## Capítulo 70

O calor do corpo de Annah estava se acumulando ao redor das minhas botas.

Já tinha visto e sentido muitos modos de morrer: ser empalado em lâminas, ácido borbulhando para dentro de seus pulmões e roendo seu rosto até o osso. Havia corpos crivados de mísseis mágicos, carne explodida até o osso com fúria arcana.

Não consegui olhar desta vez. Você pensaria que nunca havia visto uma garota eviscerada antes.

— Por favor não, por favor não, por favor não...

O chão estava grudento sob meus calcanhares.

Deionarra havia morrido porque havia me seguido. Aelwyn foi forçada a me dirigir até minha morte, de coração partido e com arrependimento gravado em sua alma. Agora Annah.

O amor não é para criaturas como eu... é o domínio dos mortais, onde as paixões têm o luxo de inflamar e esfriar com a idade, onde velhas tristezas podem ser suavizadas e enterradas. Para os imortais, velhos arrependimentos vivem com respiração perpétua, logo atrás do canto de

minha visão e guardados nas sombras. Eles se acumulam como uma dívida ruim, não reconhecida e não paga.

Eventualmente, esses velhos fantasmas vão me alcançar.



E então *sabia* que Deionarra havia estado certa. De repente me lembrei de como persuadir a mais tênue centelha de vida de um corpo, e trazê-la à frente... o pensamento me horripilou e intrigou ao mesmo tempo.

Conseguia senti-la, a barreira entre este mundo e o próximo, suave e fina como um filme de óleo flutuando na superfície de um lago. Não queria me aproximar mais do corpo, mas tinha que buscar, sondando por uma borda ao longo dessa parede suave. Segui os ondulantes da morte de Annah, escutei um eco no silêncio.

Objetivos conscientes raramente alimentam a exploração. A princípio era curiosidade mórbida, e depois era intenção, primeiro uma onda, depois outra, enfraquecendo enquanto passavam. E lá, meus dedos sentiram... um buraco naquela barreira suave, como o espaço deixado por uma bolha estourada.

Cedeu quando empurrei, envolveu minha sondagem como gelatina fria. Havia um vazio no que estava do outro

lado: um nome esquecido, um sapato perdido. Era o vazio entre o sonho e a consciência, o abismo sem mente que parecia tão familiar e ainda tão estranho, como as terras além da fronteira de um rio não cruzado.

O portal estava se fechando rápido.

Chamei sua alma de volta da Orla Silenciosa, a puxei da Ilha dos Sussurros onde os não-nascidos cantam suas lamentações. Houve um estalando som quando o portal se fechou, como se eu tivesse puxado algo das garras de um predador, e com ela na mão rapidamente teci a essência de Annah de volta ao corpo, mandei espírito e carne se juntarem novamente.

Soltei um pio agudo e pulei para trás ao primeiro espasmo. Sim, isso foi maldito digno.

Annah tossiu, seus olhos se abrindo com um estalo. Ela estremeceu, pálida e gemendo como se estivesse nas garras de uma febre. O ferimento havia sumido, mas o sangue ainda manchava sua barriga e tapetava o chão.

— Não fales — disse rapidamente, me curvando para pegá-la. Ela tremeu em meus braços, e seu sangue estava frio e úmido contra minha pele. O ar cheirava a sal e ferro e a crudeza de carne lacerada:

— Vamos te levar até Grace.



— *Kaji zenkai...* — Grace murmurou suavemente, suas mãos brilhando com calor pálido enquanto rezava. — Minha fé me empresta força...

A respiração de Annah ficou mais suave enquanto a cura pingava em suas veias, mas ela permaneceu em silêncio. Na melhor das hipóteses ela provavelmente pensava que havia sido nocauteada, ou gravemente ferida. Certamente não ia lhe dizer que eu havia, literalmente, a arrancado das garras da morte.

— Vejo tua impaciência — Grace me disse suavemente enquanto curava. — Há algo que gostarias de me perguntar?

— Preciso falar contigo. Sobre Morte...

Grace mergulhou as mãos na tigela de água morna, torcendo um pano fresco. Estava manchado de rosa com sangue, mas ainda era bom o suficiente para limpar mais da bagunça. Os Sensatas haviam sido pontuais. Sem serem solicitados, trouxeram água quente e alguma comida para nossos quartos.

— Morte é muito peculiar... já vi muita coisa em minha vida, mas nada muito parecido com ele. Concedido, não há como negar que ele é *sabedor*, mas tem um certo...

Ela farejou o ar e enrugou o nariz:

— ...cheiro baatoriano sobre ele.

Um músculo na minha bochecha tressaltou:



— Cheiro baatoriano?

— Sim. Mas ele não é um baatezu... pelo menos de nenhuma variedade que já encontrei. O cheiro sozinho, porém, me faz tratar o crânio com cautela.

— O que estavas dizendo sobre ele ser um mimir antes?

— Mimires são enciclopédias de conhecimento. O dono pode lhes fazer perguntas, e se possuírem o conhecimento, informarão o usuário do que *sabe*.

Ela pressionou a palma na testa de Annah, outra contra o peito. A tiefling suspirou, e o tremor desacelerou e parou enquanto o calor afundou em seus ossos.

— E Morte é um mimir?

— Não acredito que seja. Morte carece do metal prateado que os mimires costumam ter. E parece ter uma atitude própria. Tais qualidades não estão presentes em mimires convencionais.

Grace deu de ombros levemente, deslocando as mãos e as deslizando ao longo dos lados de Annah, buscando ferimentos ocultos.

O que estava além eu não *sabia*, mas conseguia quase saborear o odor bolorento da traição.



— O que está te incomodando, chefe?

— Podes ler para mim o que está tatuado nas minhas costas de novo?

— Ah, vá lá, chefe. Não me diz que esqueceu de novo.

— Só preciso refrescar a memória.

— Aposto que vou ouvir isso muito.

Morte limpou a garganta.

— Deixa ver...

*Sei que te sentes como se tivesses bebido alguns barris de lavagem do Estige, mas precisas te CENTRAR. Entre tuas posses há um DIÁRIO que vai esclarecer o obscuro do assunto. PHAROD pode te informar sobre o resto da real, se já não estiver no Livro dos Mortos.*

— Continua.

— Vou, vou, espera.

Morte pausou por um momento:

— Tudo bem, aqui está o último trecho...

*Não percas o diário ou estaremos de volta ao Estige. E seja o que for, NÃO diga a ninguém QUEM és ou O QUE acontece a ti, ou te colocarão numa rápida peregrinação para o crematório. Faz o que te digo: LÊ o diário, depois ENCONTRA Pharod.*

— Continua. O que diz depois disso?

Se Morte tivesse pálpebras teria piscado:

— Do que estás falando, chefe? Não há mais nada.

A raiva cresceu em minha voz:

— E o quê, “Não confies no crânio”?

— Oh... aquele trecho no fim? Bem, achei que era frescura, então não li aquela linha em voz alta.

— Oh, de verdade? E o que achas que significa? Achas que se refere a ti?

— Duvido. Quer dizer, podes confiar em mim, não podes, chefe?

— Estás me mentindo, Morte?

— Não! Vamos lá, qual é o teu problema, chefe? Ainda não te desviei errado.

Me virei para encarar aquele crânio familiar que havia sido a primeira voz que havia ouvido nesta vida. Os olhos cinza-avelã. A sorriso largo de dentes. As histórias sujas e os modos indecorosos. Havia me protegido nessa vida, havia me guiado, havia me aconselhado.

E havia me mentido.

— Quem és realmente, Morte?

Silêncio.

— A resposta simples é: sou Morte. Um crânio flutuante. Teu companheiro e mimir.

— A resposta não simples.

Mais silêncio. Depois, muito mais quieto:

— A resposta não simples é... complicada.

— Tenta.

— Chefe, há coisas que *sei* sobre ti. Coisas que me foram *ditas* para guardar. Fui instruído a não as revelar até o momento certo. E *sei*... e aqui está a coisa sobre mim que as pessoas não entendem... *saber* quando é o momento certo.

Cruzei os braços:

— E é agora o momento certo?

Morte ficou em silêncio por um longo momento. Então:

— Quase.

— Quase não é suficiente.

— Chefe. Por favor. Confia em mim desta vez. Quando estiveres diante de Ravel — quando tiveres as respostas que buscas — *saberás* tudo. Te prometo.

Olhei para aquele crânio por um longo tempo.

— Muito bem, Morte. Mas isso é a última vez.

Ele assentiu solenemente — uma coisa estranha num crânio sem pescoço:

— A última vez.





## Capítulo 71

A pedra sensorial revelou o caminho.

Não o labirinto em si — o labirinto de Ravel estava fora do alcance fácil, protegido pela própria Senhora da Dor de todas as tentativas de entrada direta. Mas a pedra revelou onde estava a *porta*. Não uma porta no sentido físico, mas uma porta no sentido de Sigil — um portal, com sua chave.

A chave, descobrimos depois de uma busca extenuante pelos registros do Salão das Festividades e através de velhos sábios que sussurravam com recusa relutante, era uma dor pessoal. Não a dor da ferida ou do dano físico, mas o tipo mais profundo — o pesar de uma perda real.

A ironia não me escapou.

Havia acumulado pesar suficiente ao longo das encarnações para abrir um milhar de labirintos.

Era no Distrito dos Escribas que o portal ficava, disfarçado como uma abertura comum num muro de pedra que ninguém tocava. A maioria passava direto por ela sem saber o que era. Apenas alguém carregando o peso certo de pesar poderia ativá-la.

Nos reunimos diante dela na madrugada, quando o

Distrito estava vazio e silencioso. Dak'kon estava calmo como pedra. Annah estava inquieta — ela ainda não sabia completamente o que havia acontecido com ela naquela noite, mas havia um olhar diferente nos olhos dela, mais suave de alguma forma, como se a roçar com a morte tivesse lixado as bordas mais agudas de seu sarcasmo habitual.

Morte estava suspeita e inesperadamente silencioso.

Fall-From-Grace estava rezando quietamente.

Olhei para os meus companheiros — este grupo estranho e improvável de buscadores. O githzerai partido com sua fé esfacelada mas ainda carregando a lâmina. A tiefling que havia morrido e voltado e não *sabia* disso. O crânio com seus segredos. A succubus que havia caído da graça e encontrado algo mais verdadeiro.

E um homem sem nome.

Coloquei a mão na pedra da abertura.

Pensei em Deionarra. Pensei nas tatuagens que eu mesmo havia escrito em minhas costas, uma encarnação para a próxima, cada uma tentando corrigir os erros da anterior. Pensei na caixa torácica de ossos do Rei Silencioso num trono vazio, mantendo viva uma civilização com uma mentira necessária.

Pensei em tudo que havia perdido que nunca *sabia* que havia tido.

O pesar veio naturalmente.

A abertura cintilou e se abriu.

Do outro lado estava o jardim de Ravel.

E no jardim, havia Ravel.





## Capítulo 72

Ela era como a memória sensorial havia prometido, e mais.

Alta e envelhecida além de qualquer coisa que eu havia visto, com dedos longos que se dobravam como raízes ao redor das hastes das flores que ela pastoreava. A pele era da cor de terra depois da chuva. Cabelos como o ninho de uma serpente, ou talvez ramos — era difícil dizer onde terminávamos e começavam os outros.

E ela me via sem olhar para mim. Simplesmente sabia que eu estava lá, como se eu fosse parte do jardim.

— Ah — ela disse, com uma voz como seda sobre pedras irregulares. — O Sem-Nome veio ao fim. Eu estava me perguntando quando seria.

— Ravel Puzzlewell.

— Eu mesma.

Ela finalmente se virou. Seus olhos eram de uma cor que não tinha nome — não cinza, não verde, não marrom, mas qualquer coisa que essas cores queriam ser antes de serem dadas nomes.

— Sabes quem és. — Não era uma pergunta.

— Sei quem fui. Não *sei* ainda quem sou.



Os lábios dela se curvaram:

— Uma distinção perspicaz. Talvez esta encarnação valha a conversa.

Ela se afastou pelas fileiras de flores com espinhos:

— Eles te enviaram para me matar, não é? Os que desejam minha morte? Meus... admiradores.

— Vim por respostas.

— E tu — ela se voltou novamente, e havia algo nos olhos dela agora, algo que eu não estava bem seguro de querer nomear — tu a conheces. A pergunta. Aquela que eu faço a todos que chegam a mim.

— Sei.

— Então? — Sua voz era suave, quase gentil. A crueldade por baixo era o que tornava gentileza verdadeira tão aterrorizante em seus lábios.

— O que pode mudar a natureza de um homem?

Os dedos dela pararam nas rosas. Por um momento ficou muito quieta.

— E?

— A resposta é: a própria vontade. Uma crença verdadeira, um compromisso verdadeiro. O peso do remorso sem ser esmagado por ele, e o peso do propósito para carregar em seu lugar.

— Hmm.

Os olhos dela estreitaram levemente enquanto me estudava:

— E se eu disser que estás errado?

— Então estou errado. Mas é a verdade que *conheço* agora.

Longo silêncio.

Depois, algo raro cruzou o rosto de Ravel Puzzlewell.

Satisfação.

— Bem. Esta encarnação é mais sábia que as anteriores. Elas vinham com argumentos de poder. Ou de amor. Ou de destino. — Ela deu de ombros. — Todas perspicazes à sua maneira. Mas a tua...

Ela virou de volta para as flores:

— A tua resposta tocou algo que não esperava sentir tocado.

— Então me dirás o que fizeste? Por que me fiz imortal?

— Por que você me pediu que o fizesse, é claro.

O jardim ficou muito quieto de repente.

— Fui eu quem pediu?

— Sim. — Ela continuou pastoreando. — Vieste a mim e disseste: “Ravel, esta vida que vivo é um erro. A cada morte perco quem era. Preciso continuar até *saber*. Torna-me imortal.” E eu, estúpida velha que sou, disse sim.

Ravel se voltou para me encarar plenamente de novo, e desta vez não havia nada de suave em seus olhos:

— Não porque me importava com tua busca. Não porque tu pediste tão prontamente. Mas porque eras o primeiro a me perguntar algo que eu havia querido fazer por alguém durante séculos. E porque — ela pausou — és o único que já esteve aqui que não me pediu para criar algo que destruísse.

— O que fizeste com minha mortalidade? Onde está?

— Eu a dividi. — Ela estendeu os dedos compridos. — Como um nó neste jardim que crescia torto, o cortei. Tua mortalidade foi... preservada. Guardada. Em pedaços espalhados para que ninguém — nem tu — pudesse reivindicá-la sem a tua vontade sendo testada.

— Onde estão esses pedaços?

— Espalhados. Pelos Planos. Nos corações de... certos seres. Certas memórias. Certos lugares onde tua essência tocou algo tão profundamente que se fundiu com eles.

Olhei para meus companheiros. Dak'kon, com sua dívida de vida. Annah, que havia morrido e voltado por minha mão. Fall-From-Grace com sua graça caída mas real.

Morte, que sabia de segredos que não me havia contado.

— Há um caminho de retorno?

— Sempre há um caminho de retorno — disse Ravel. —

A questão é se o caminho valeu o percurso que passou.

Ela se afastou de novo, e por um momento pareceu muito velha, muito cansada:

— A Senhora está vindo. Ela sempre sabe quando tenho visitas. Tens pouco tempo antes que este jardim se feche. Vai — antes que a Senhora venha.

— Mas ainda há—

— Vai! — A voz de Ravel troou por toda a extensão do jardim. As flores estremeceram. Mesmo Dak'kon deu um passo para trás. — Já te dei mais do que dever exigia. Vai e encontra a tua mortalidade, Sem-Nome. Vai e aprende por que te fizeste imortal. E quando souberes — quando *conheceres* a resposta —

Ela se voltou, e havia algo estranho em seu rosto. Algo que eu nunca esperaria ver.

Esperança.

— Quando *conheceres* a resposta, torna-te mortal. E morre uma morte real. Uma morte que signifique alguma coisa. Faz isso por mim.

— Ravel...

— Vai.

Saímos.

Atrás de nós, o jardim começou a desaparecer.

E de algum lugar dentro das sombras crescentes, ouvi

Ravel cantarolar para si mesma, um som velho e triste  
como o próprio tempo.



## Capítulo 73

Enrugei o nariz ao cheiro ácido de metal queimado e ozônio. O salão de treinamento do Mago estava talvez pela metade, com aprendizes e estudantes de magia tropeçando nos seus próprios encantamentos. Atiravam mísseis cintilantes contra uma parede carbonizada revestida de metal, e os que não apagavam espiravam contra o alvo com um triste e partido esguicho. Ninguém parecia saber o que estava fazendo... era como entrar numa academia cheia de homens gordos tentando fazer calistenia.

Uma jovem senhorita, no entanto, estava elegante e bem-vestida. Seu cabelo estava preso e a nitidez nos olhos e a contração dos lábios pintados tornavam claro que ela era uma das poucas que sabia o que estava fazendo. Carregava um feixe de papéis e pergaminhos abertos, e ocasionalmente pausava para olhá-los e ler porções do que estava escrito em voz alta, praticando elaborados movimentos de mãos enquanto fazia isso. Ela ergueu o olhar para mim:

— Bom dia, senhor. O senhor foi aquele na palestra, não foi?

— Er, sim. O que é este lugar?

— Aqui é onde magos aspirantes podem vir para treinar e estudar. Muitos feiticeiros deram seus primeiros passos na Arte como jovens magos aqui.

Olhei ao redor:

— Onde está o instrutor?

— Não sei onde Lady Thorncombe foi. Sugeriria que tentasse os Sensorários... ela passa muito tempo lá...

Ela baixou a voz, franzindo os olhos:

— Talvez tempo demais.

Hmm, Thorncombe... Salabesh a havia mencionado uma vez, em termos não muito gentis.

Os Sensorários eram pavimentados numa espiral graciosa de pedra cinza, uma cor elegante, se excessivamente neutra, para uma câmara no Salão Cívico das Festividades. O aroma do ar não era nem quente nem frio, nem vivo nem úmido. Tudo era estranhamente intermediário. Não que fosse neutro, já que nem mesmo o conceito de equilíbrio ou desequilíbrio estava presente aqui. A decoração comparativamente austera parecia implicar um espaço vazio, um potencial onde uma experiência um dia nasceria.

— A verdadeira arte dos Sensorários não está nas próprias paredes — Grace murmurou como em resposta

à surpresa enrugada do meu cenho. — O apelo está nas pedras sensoriais que arquivam aqui. As câmaras pretendem estar vazias, para que haja menos distrações para desviar a mente.

Já havia visto pedras sensoriais antes, nas câmaras sob o bordel de Grace. Eram supostas a abrigar memórias de sensações intensas e raras para que outros pudessem se deleitar nas experiências de outro. Eram canções e poemas feitos de carne, aprisionados em cristal e enfaixados em prata. Mas entre trabalhar na forja, fazer recados e tentar reunir qualquer pista de um rumor sobre Ravel, não havia tido tempo de explorar os sensorários.

Era difícil encontrar mais do que um sussurro da hagnoturna, já que ela havia sido labirintada há tanto tempo que quaisquer memórias restantes haviam se desvanecido em lenda, dobradas e reforjadas centenas de vezes de modo que o mais leve traço de sua forma original não podia ser inferido.

Ah bem. Melhor experimentar as mercadorias.

Vaguei de câmara em câmara, cada uma com um suporte segurando uma única pedra com uma curta descrição de uma sensação gravada ao longo da base. Neste caso era “Exaltação Aterrorizante”, escrita num floreado gracioso. Cobri as mãos sobre as faixas de metal envolvendo a superfície de vidro, como as cordas de um corpete de mulher presas contra a carne nua. No momento



em que meus dedos tocaram a superfície vítrea, porém, conseguia sentir o pulso quente da memória por baixo, se contorcendo e ansiosa por uma mente a agarrar.

Não foi preciso muito incentivo para puxar a experiência para dentro de mim. Imediatamente ela borbulhou ao convite, saltou para a superfície como se para se pressionar contra meus dedos. Meu coração saltou com o choque como um respingo de água fria, e por aquele momento esqueci quem e o que eu era...

*Torço a cabeça para olhar para cima para o grande aparato preso às minhas costas... um conjunto de quatro asas de morcego se estende dele, cada uma feita de couro esticado sobre molduras de vime. Do precipício no qual me empoleiro, a Fortaleza Flutuante de Dilgyar aparece como um minúsculo ponto suspenso no céu azul-cinza — quilômetros de distância através de nada além de ar vazio. “É assim que todos viajam no Plano do Ar”, disseram, “é fácil.” Sorrio, dou uns passos para trás, e faço um salto correndo do precipício para o vento frio abaixo, deixando o estômago para trás. Quando as asas de repente capturam o ar, uma incrível corrida estremece por todo o meu corpo enquanto plano para fora sobre o nada e em direção à morada do Príncipe Elemental...*

Piscei, me descascando dos últimos remanescentes da sensação como chutar os lençóis ao acordar de um sonho vívido. A sensação ainda estava nítida em minha

mente, se assentando e se aninhando confortavelmente nos vastos espaços vazios que costumavam guardar memórias esquecidas. Senti como se tivesse provado uma saborosa entrada. Não era saciante, mas era muito satisfatório.

Experimentei mais sensações ao longo do caminho, pastando enquanto procurava pela Lady Thorncombe.



*“Puro Maravilhamento.”*

Hesitante, abro a boca e respiro levemente... e água flui para meus pulmões como ar frio. Sorrio e respiro fundo, boquiaberto em todas as direções enquanto afundo lentamente até o fundo do porto, onde centenas de peixes coloridos tecem por intrincados tratos de coral brilhante. Enquanto meus pés tocam o fundo, olho para a quilha do meu barco e rio em voz alta de alegria, uma sequência de grandes bolhas subindo em direção à superfície...

*“Ciúme Supurante.”*

Sinto meu lábio se curvar ao ver o jovem herói de cabelos claros, armadura brilhando como um espelho de prata polida, entrar mais uma vez na minha taverna. Pendurado seu manto de veludo num prego na parede, ele varre meus clientes com um par de olhos como gemas marinhas e um sorriso que faz as garçonetes desmaiarem.

Coloco o caneco que estava limpando e grunho alto, pensando em como seria virá-lo de cabeça para baixo e enfiá-lo num barril de chuva...

*“Psicose.”*

Seguro a ponta de uma faca pressionada contra a garganta do homem, minha mão fechada sobre sua boca e respiração quente e pesada no rosto dele. Começo a esfaquear... devagar. A faca amassa sua pele e eventualmente a rompe. Há o jorro quente de sangue sobre meu antebraço, o som de respiração estrangulada, uma horrível sensação de alegria pervertida... e acabou.

*“Tédio Entorpecente.”*

A experiência não podia ter durado mais do que alguns minutos, mas horas pareciam passar...

Sento numa longa e entediante palestra no corredor mais seco e empoeirado da Universidade de Chalm em Sigil. Olho ao redor do vasto salão, esperando capturar o olhar de alguém para fazer caretas — mas os outros estudantes estão dormindo ou encarando o espaço sem vida. Deixo cair minha pena, pego de volta, e deixo cair de novo... só para ter algo a fazer. Considero me espetar no olho com ela, só para ver se meus sentidos não foram totalmente entorpecidos pelo incrível tédio...

*“Ódio Amargo.”*

Com lágrimas venenosas de dor borbulhando em meus

olhos amarelos estreitos, recolho os restos rasgados das minhas pequenas asas vermelhas escamosas do chão. Recuo humildemente do estúdio de Groba, rangendo meus dentes de agulha sob lábios fechados.

Claro, sou apenas um spinagon — o menor dos demônios — mas isso não é causa para um senhor do abismo arrancar minhas asas porque não gosta da mensagem que trouxe! O que meu mestre gelugon vai fazer agora? Certamente não pode dizer nada a Groba, e para que serve um spinagon sem asas? Provavelmente serei lançado no Poço das Chamas por “incompetência”!

Sem poder haver vingança, resta pouco a fazer além de sacudir minha pata com garras e odiar, odiar, ODIAR Groba com todo o rancor que meu duro coraçãozinho de diabo pode reunir...

*“Impaciência Consumidora.”*

Fico debatendo com Amnas o Horrivelmente Lento, Guardião da Chave do Leão, quanto a se minha missão é importante o suficiente para que ele me relinquisse o artefato. Toda a experiência é um exercício em tormento puro...

cada uma de suas palavras é seguida por uma pausa significativa; cada ponto que faz é reiterado várias vezes antes de ele me deixar falar. Apresento um argumento... depois espero, e espero, e espero enquanto ele faz seu

contra-argumento. Ao qual disparo um contra-argumento vivo próprio... para depois ter que esperar de novo por outro dos arrastados, tortuosos, aparentemente intermináveis contra-argumentos de Amnas. É tudo que posso fazer para simplesmente não decepar a cabeça com presas do infero e arrancar a chave do cadáver se contorcendo...

*“Dor Inevitável.”*

Enquanto luto com ele, na borda de um riacho crepitante de lava derretida, minha mão armada é lentamente, inexoravelmente forçada cada vez mais perto do magma. Amaldiçoo-o por ser mais forte do que eu, por apenas um fio. Gotas de suor evaporam no instante em que aparecem; o pelo no dorso da minha mão enegreceu e fumegou acima do calor tremendo. Por fim, meus uivos de sofrimento ecoando das paredes do cânion ao redor de mim, minha mão e o machado que ela segura mergulha na lava e se carboniza em cinzas em alguns, agonizantes segundos.

*“Amor Ternuroso.”*

Meus olhos estão fechados; consigo me sentir de pé na ponta dos pés, pressionado contra ela firmemente. Lábios suaves, suaves roçam os meus, me dando o mais gentil dos beijos... meu coração parece tremular no peito, e sinto como se pudesse cair para trás e simplesmente flutuar para o espaço...

*“Alegria Pura.”*

Dançando e saltando em ritmo com a música saltitante de festival dos elfos das florestas, eu e uma dúzia de outros dançarinos giramos pela clareira da floresta como um dervixe rodopiante, sorrindo e rindo como loucos. Enquanto os habitantes aplaudem, batem palmas e dançam ao nosso lado, fadas se lançam pelo ar acima de nossas cabeças, deixando trilhas cintilantes de luz colorida...

*“Rendição Cansada.”*

Estremecendo, chacoalhando, esperando além de qualquer esperança ser encontrado, me enrolo sobre mim mesmo sob um cobertor de neve para guardar o pouco calor que me resta. Lutando para manter os olhos abertos — para permanecer acordado — percebo que não consigo mais sentir meus braços... minhas pernas... o gelo contra meu rosto... e cansado, tão cansado, por fim me resigno ao inevitável. Fecho os olhos, dando boas-vindas amargas ao sono enquanto a sensação de perda força uma única lágrima — condenada a cristalizar antes mesmo de alcançar minha bochecha — dos meus olhos doloridos.



Saí da câmara, balançando levemente com a rajada de sensações, saindo delas com a mente doendo sob o peso de tudo. Peneirei as experiências, bebendo o que pude delas e

apreciando a nova plenitude mental que deixaram comigo. E foi quando esbarrei nela.

Era uma mulher bonita de meia-idade, vagando sonhadoramente e mastigando distraidamente a ponta do polegar; seus olhos pareciam focados em nada em particular. Vestes elegantes, porém desalinhadas, pendiam sobre seu corpo como se tivessem sido postas às pressas, e seu cabelo estava levemente desordenado.

Esfreguei os olhos para sacudir os últimos vestígios da suave tontura das sensações:

— Saudações...

— Hm?

Ela tirou o polegar da boca, alisando um fio de cabelo que havia caído à frente dos olhos. Parecia de outra forma apática.

— Por acaso és Lady Thorncombe?

Seus olhos se arregalaram momentaneamente, depois ela desviou o olhar:

— Não. Não sou, senhor.

— Quem és então, se posso perguntar?

Ela sorriu nervosamente:

— Ninguém de importância, garanto. — Poderia ter meu nome?

— Oh... sou, er... Adhana?

— És uma péssima mentirosa, sabes.

Lady Thorncombe franziu os lábios:

— E tu és uma ruína horivelmente marcada de um homem, mais um cadáver ao qual foi dada alguma semelhança triste de vida do que qualquer outra coisa. Agora vai embora.

Dei um passo à sua frente antes que pudesse sair, e ela ergueu o olhar para mim, ao mesmo tempo irritada e escandalizada que eu me pusesse em seu caminho:

— Espera... esperava receber treinamento nas artes mágicas.

— Destruirei tuas esperanças em pedaços, então. Não desejo mais ensinar magia... agora vai, me deixa em paz.

— Mas por quê não?

Ela acenou a mão de forma dispensiva:

— Como se fosse alguma preocupação tua!

— Mas é... busco aprender, e tu podes ensinar. Gostaria de saber o que poderia fazer para te convencer a me treinar.

Lady Thorncombe suspirou alto e retomou a mastigação do polegar:

— Duvido que haja muito que possas me oferecer que não posso encontrar por conta própria. As pedras sensoriais me fornecem todas as coisas que minha



considerável riqueza não pode comprar.

— As pedras sensoriais?

— Mmm, sim... cada pedra tem registrada dentro dela uma experiência ou outra. Quando vim a esses salões pela primeira vez, passei pouco tempo com elas. Só agora percebo o que havia estado perdendo...

Certamente entendia que eram maravilhosas a sua maneira, mas ela parecia estar mais fundo do que isso:

— O que havia estado perdendo?

Thorncombe assentiu, sorrindo. Seus olhos assumiram um brilho vítreo, e ela se abraçou:

— Poderia-se passar vidas, aqui, entre as pedras... experiência após experiência maravilhosa... meras palavras não podem expressar sua magnificência. Só posso sugerir que veja por ti mesmo, senhor.

— Já vi, mas... parece... viciada.

Ela rosnava:

— Bobagem! Poderia parar quando quisesse! Simplesmente escolho me banhar em sua maravilha. Por que desperdiçar tempo ensinando aprendizes de magia titubeantes e ingratos, quando poderia permanecer aqui entre essas pedras preciosas, vivendo cem novas vidas por dia?

— Não acho que as pedras estejam lá para isso. Não

deverias buscar sensações próprias para compartilhar?

— Hmpf! O que pensas pouco me importa. Adeus.

Bem, se Thorncombe não conseguia me ajudar, talvez um rival pudesse...

Salabesh estava fazendo suas rondas habituais, reminiscendo sobre anos lançando maldições em inimigos, rivais mortais e leiteiras que por acaso usavam leite desnatado em vez de integral.

— Bom dia, Salabesh.

— Ah, você de novo. Vi Jumble saindo correndo pelos corredores como um cachorro com o rabo entre as pernas. Trabalho maravilhoso, devo dizer.

— Querias ser o futuro tutor de magos do Salão, correto? Qual é o assunto?

— Hrmph — ele bateu o cajado e apanhou uma ostra de uma bandeja oferecida. — Um título nobre esse, e uma grande honra ser tutor oficial dos magos numa das câmaras de treinamento do Salão. Sim, um dia assumirei a posição de tutor de magos, mas o título está atualmente na posse de Lady Thorncombe. Aquela mulher escreveu sua dissertação sobre os usos alquímicos da pedra-musgo thasaliana, sabes. Absolutamente inútil como educadora, essa Thorncombe.

Ele sorveu a ostra quando terminou de resmungar amargamente, e jogou a concha de volta na bandeja

enquanto mastigava.

— Poderias sempre apontar o fato de que ela está viciada em pedras sensoriais. Parece não querer mais ensinar...

Os olhos de Salabesh se arregalaram, e ele engoliu forte:

— Está, de fato?

Seus lábios apertados se curvaram num sorriso desagradável:

— Excelente... solicitarei para ser feito o novo tutor de magos em breve, então.

— “Em breve”?

A expressão de Salabesh se fechou:

— Recentemente irritei o chefe do conselho de magos do Salão, e sinto que seria melhor esperar por um tempo antes de fazer minha solicitação. Além disso, tenho certeza de que a “Lady” Thorncombe não sairá dançando do sensorário tão cedo...

Ele gargalhou maliciosamente.

— Sabe chefe, se tivesse que escolher entre uma catatônica ou um megalomaniaco como tutor, acho que ficaria com a primeira.

Dei a Morte um aceno. Não queria aprender com outro Ignus:

— Bem, é por isso que usamos isso como uma

oportunidade.

Lady Thorncombe me observou com um olhar estreito quando me aproximei de novo, como se tentando se lembrar de quem eu era. De repente, ela franziu o cenho de forma resoluta:

— Você! Espero que não tenhas vindo aqui numa tentativa mal-fadada de me arrastar de volta à câmara de treinamento... porque certamente não irei.

Fui suave como açúcar hilado quando falei:

— Só me perguntei se sabia que Salabesh ficou feliz com tua decisão e está solicitando para ser feito o novo tutor de magos.

Seus olhos se arregalaram e ela colocou uma mão delicada sobre o peito em choque:

— Salabesh?! Aquele baixinho corpulento... o homem não conseguia conjurar mágica para sair de um saco mofado! Agora qual é essa decisão de que falas?

— Por que, tua decisão de permanecer nos sensorários e não mais treinar magos menos experientes.

— O quê?! Mas... eu...

Seus olhos dispararam de um lado para o outro enquanto lutava por palavras.

— Sim, Lady Thorncombe?

Ela me encarou e meu sorriso levemente satisfeito.

Rosnando, disse:

— Asinine. Totalmente asinine. Se vires Salabesh de novo, diz a ele que não se dê ao trabalho. Voltarei às câmaras de treinamento imediatamente.

Sentindo que meu dever estava feito, subi ao andar de cima através de uma arcada adornada com as palavras “Sensorários Privados”.





## Capítulo 74

Estes sensorários eram algo completamente diferente.

Os Sensatas aqui eram uma multidão bem-vestida se eclética, em respingos de cores vivas que sozinhas teriam sido elegantes, mas numa multidão faziam meus olhos doerem. Muitos seguravam taças de vinho e conversavam quietamente entre si como se fosse uma festa de coquetel. Um teto alto e abobadado se arqueava sobre nós como um segundo céu, com lanternas penduradas como frutas. Bordas douradas e laqueadas cercavam os canteiros de flores, espessos de crescimento exuberante que emanava um doce cheiro de mel.

Quase queria colher uma das flores para provar.

— Experimenta, se quiseres — Grace sorriu como se tivesse lido minha mente. — Visão, olfato, tato, audição, gosto... são assim que um Sensata busca a verdade do multiverso, e o Salão não poupa despesas para seus membros.

— Não sou realmente um membro... não oficialmente, pelo menos.

— Já és Sensata o suficiente para Splinter te deixar entrar. Não é pouca coisa.

Grace sorriu, e casualmente passou a mão sobre a variedade de flores, mal deixando as pétalas tocarem as pontas dos dedos. Ela suspirou, contente em experimentar as texturas de novo.

— Hrmn. Novas experiências às vezes me ajudam a lembrar — murmurei, colhendo uma flor. Era amarela-manteiga, com veias douradas. Dei uma mordida, espalhando os sucos ao longo da língua.

Era agradável a princípio, doce e perfumada, um pouco como jasmim com um toque de vinho de rosas. Em momentos, porém, um amargo terrível encheu minha boca, e chupei a língua e desesperadamente engoli para limpar as papilas gustativas dos sucos.

— Uma Flor de Endilay — Grace murmurou. — De Bytopia. É um antisséptico eficaz, e é frequentemente usado em cataplasmas, se bem me lembro. Nem todas as experiências são agradáveis, mas esforçamo-nos para aprender com todas elas.

História da minha vida.

Naveguei a seleção de orbes, estes de qualidade superior aos disponíveis ao público. Por um lado eram um pouco maiores, e a luz dentro deles ardia e rodopiava como os fogos de pequenos sóis. Passei por muitos, como um conhecedor escolhendo cuidadosamente o que deveria ser seu primeiro gole de vinho naquele dia. Li os nomes

de cada sensação, cada uma simples e enigmática, mais vaga do que as dos sensorários públicos, e por isso mais tentadoras.



*“Remorso Horrível.”*

Ficas no convés do teu navio capitânia, o Martelo Divino, enquanto ele flutua sobre o continente de Agarheim, mantido no ar pelos ventos da magia. A própria paisagem revolve e treme sob o bombardeio da tua frota, mil canhões e bombardeiros de navios arremessando seu fogo encantado abaixo como deuses vingadores. As ondas de choque começaram a atingir teu navio apenas alguns minutos atrás — uma vibração constante que envia estremecimentos por toda a embarcação antiga e move os próprios ossos — acompanhada por um constante rugido baixo. Enquanto as montanhas da terra começam a afundar e os mares que a cercam começam a evaporar na atmosfera, teu primeiro oficial vem se colocar ao teu lado.

— Meu Lorde Almirante... permissão para falar abertamente, senhor.

Aceitas com um aceno, teu estômago afundando enquanto advinhas sua pergunta:

— Meu lorde... perdoa-me, mas como? O que nos dá o direito? Um bilhão de vidas...



Falas sem te virar para ele, incapaz de tirar os olhos de Rhumos, a vasta capital da nação, enquanto ela se vaporiza numa nuvem de gases super-aquecidos de doze milhas de diâmetro e crescendo cada vez mais:

— Se soubesses a traição completa dos Agaritas, Primeiro Oficial Felm, uma que está além da compreensão da maioria dos homens... então *saberia*. Fala sobre nosso direito de os aniquilar? Não temos direito de os deixar viver.

— Mas... senhor? Traidores, todos eles? Certamente, entre as centenas de milhares. Quantos inocentes—

— Silêncio! Não fales mais sobre isso — nosso rei falou, seja feita a Sua vontade. A tarefa que nos foi dada é horrível, inadequada para contemplação ou questionamento. Não há lugar para pena, não há lugar para remorso — apenas *dever*.

Os dois ficam em silêncio por um tempo, assistindo aos últimos minutos de Agarheim. Por fim suspiras... uma exalação baixa e gaguejante que soa como se algo tivesse partido dentro de ti. Sob a placa de bronze que cobre a metade arruinada do teu rosto, teu olho morto começa a chorar...



“Anseio.”

As lágrimas vêm, sem fôlego, sem fim, impiedosas e frias como o inverno. Meus soluços gotejam de volta para minha garganta e inundam meus pulmões, e meu peito dói com a terrível sensação de afogar. Estremeceço com os soluços. Eles rolam através de mim como a maré, irrompem de meus lábios num ritmo instável e entrecortado.

Enxugo as lágrimas com mãos suaves e delicadas e espalho as gotas que vagam pelas bochechas. As cubro nas palmas. Cada uma delas é como jóias cintilando nas luzes dos globos de velas que derivam pelo meu santuário. Vim aqui para reunir meus pensamentos, para refletir sobre o passado com um olho para o futuro, para limpar minha mente antes da viagem que se aproxima. No entanto a concentração escorrega pelo meu aperto como água pelos dedos, se despedaçando enquanto caem até que apenas sombras de memórias felizes permanecem.

Meus membros tremem, cansados demais para se sustentar sozinhos. Abraço o que resta do piso de azulejo frio que sinto pela minha bochecha. Fundo dentro há um agitar no peito, uma fome, venenosa como uma serpente, mordendo meu coração, até parecer que meu peito vai explodir, intumescido de veneno e frágil de frio.

*O que ele quis dizer?!*

Reproduzo a memória na minha mente de novo, esperando pela centésima vez ficar entorpecida com ela desta vez, pelo menos um pouco.

Havia o calor do corpo dele, o aroma áspero da pele dele. Uma boa Sensata estava sempre aberta a novas experiências, e quando coloquei minha mente nisso descobri que podia amar aquele aroma: acre mas acadêmico, aguçado mas severo. Seu aroma era como o fio de uma faca às vezes, afiado e penetrante. Me excitava.

*“Só tu. SÓ tu,”* suas palavras, não mais do que um sussurro, ecoam em minha mente cem, MIL vezes.

Tudo que foi preciso foi um momento de hesitação da minha parte, e ele se desprende de mim. O ar frio irrompeu, arrepiando minha pele e me deixando gelada e meu espírito frágil, como vidro.

Estremececo com a memória dele partindo, o jeito que seus olhos encaravam friamente por cima do ombro, semicerrados em decepção. Ele precisava de mim e eu havia hesitado na beira da porta do tempo. Tentei dizer a ele que não estava com medo de ir, que estava com medo de ser fraca demais, com medo de ficar...

Amaldiçoei minha fraqueza então. Se devesse ter medo de qualquer coisa deveria ter sido de perdê-lo: de sentir ele se afastar e deixar minha carne fria, de deixar seu aroma aguçado desaparecer em nada, de perder o arrepiante rumble da voz dele ou o gosto de seus lábios. O terror verdadeiro me atingiu então, ao ver ele virando as costas para mim e caminhando pela porta, desaparecendo pelo corredor antes que eu pudesse gritar por ele e implorar

perdão.

A serpente se contorce no peito de novo, suas presas mordendo meu coração, enchendo-o até explodir com seu veneno. As lágrimas vêm, escorrendo pelas bochechas em riachos, suas palavras ecoando...

*“Só tu. SÓ tu.”*

Meus olhos se abrem — é A VOZ DELE! Me viro, e ofego; ele fica, poderoso, nas sombras, e avança para a luz dos globos de velas que derivam. Sinto a serpente se contorcendo e MORRENDO, seu sibilo enfraquecendo a cada passo. Seu rosto, severo, mas em algum lugar, naqueles traços, consigo quase ver seu prazer em me ver. Afinal, ele voltou para m—

*“Só tu podes me ajudar, Deionarra. Mas foi errado da minha parte pedir-te ajuda...”*

Algo estava errado—

*“Deionarra...”*

*O nome é doce em seus lábios, como as primeiras águas da primavera gotejando pelas pedras, e ele avança da luz, de pele cinza como uma estátua—*

Oh poderes acima, sou EU tão marcado assim?! Meu/seu corpo parece ter sido banhado em lâminas, as feridas, as tatuagens, horríveis—

*Belas.*

Como ela pode ME VER dessa forma?! Ela não consegue ver o esgar sombrio, o gelo cruel em seus olhos? Ela veste um MANTO sobre meus traços, ela me vê sob tal luz, tal anseio terrível, luz... pois ela... como ela pode SENTIR tal...?

Sinto minha visão se rasgando, dobrando até que sou aquele homem avançando da luz, é a experiência de Deionarra, e é a minha, e é a dele...

*“Pedi demais de ti ao te acompanhar, Deionarra. Não tenho direito de te colocar em tal perigo por minha causa...”*

*A garota treme enquanto olha para mim, ganindo como um gatinho partido. Tinha quebrado muitos homens... alguns eram duros como pedra, mas golpes suficientes os estilhaçariam para que pudessem ser reconstruídos em algo melhor. Outros eram como metal, e martelamento persistente os trabalharia numa nova forma sólida como eu desejava. Muitos eram como argila em minhas mãos, facilmente moldados embora com trabalho demais colassem num monte lodoso. Mas esta garota... esta garota insípida e irritante era como vidro. Desde o momento em que parti ponderei se tinha empurrado demais, se a havia quebrado além do reparo. Fico feliz que não tenha sido o caso.*

*Deixo meu prazer dar veracidade e vida ao meu sorriso, “Oh Deionarra, amada...”*

Eram as minhas palavras, mas eram as palavras de um cirurgião, escolhidas com fria habilidade, sem UM TRAÇO de emoção. Com cada palavra, senti ele ESCARNECENDO por dentro, *sabendo* o que a garota atingida verá a seguir através de seus olhos tingidos de anseio, e quem — SOU AQUELA PESSOA, aquele homem TORCENDO ela com minhas palavras, sem SABER quão poderosas elas são para ela, como parafusos de uma balista, perfurando seu peito.

*Calor e alívio inundam minha pele e sufoco, levitada e tonta à vista dele. Quase desabo enquanto tento me levantar. Só a presença dele me faz tremer, seu sorriso faz meu coração saltar.*

*A garota desajeitada tropeça ao tentar se levantar, se batendo no chão como um peixe morrendo enquanto amontoa as tranças de seus vestidos nas mãos. Eu havia comprado aquelas sedas para ela, azuis como o céu e com dobras ondulando como o mar. Clico a língua... tal desperdício de um bom vestido.*

*“Vim pedir teu perdão, Deionarra. Voltarei a ti assim que puder —”* o gancho prende seu coração e seus olhos se arregalaram exatamente como eu esperava.

*Minha mente se esticou como um tendão, a consciência à beira de se romper ao ser puxada em três direções. Algo jorrou dentro da minha cabeça, um calor inundou meu nariz.*

— A-ajuda... alguém... — as palavras eram salgadas e tinham gosto de ferro nos meus lábios.

Alguma parte atordoada de mim estava tentando desesperadamente falar, para AVISAR Deionarra que este não era um homem, mas uma criatura que mata por suas próprias necessidades, que ele NÃO SE IMPORTA com tu, Deionarra, tu és uma FERRAMENTA para ele, uma FERRAMENTA que ele precisa para—

Deionarra falou, e eu não pude PARÁ-LA...

*Aquele grito estridente e ganindo de necessidade enche a voz dela enquanto ela tropeça nas palavras. Ela praticamente se rastejar em provar a si mesma para mim. “Me colocaria em mil perigos, abraçaria a eternidade por ti, meu Amor! Não tenho medo! Ouve-me — te acompanharei, embora os próprios Planos se ponham de barreira —”*

*“...embora os próprios Planos se ponham de barreira.”*

*Senti-me se estilhaçando, seu alívio e satisfação, e a satisfação dele pelas palavras dela, SABENDO que ela as diria, sempre SABENDO, como se antecipasse os movimentos de uma criança jogando num tabuleiro de xadrez.*

*A admissão de amor dela é como o bater de uma grade de portão através do meu coração. Presa. Ela é minha, mas devo ter certeza, então cravo o prego, penduro a isca*

*mais um pouco.*

*“O caminho é perigoso. Terás que ser forte — muito mais forte do que és agora.” Oh, sim. Pelo olhar nos olhos dela ela o arranharia como uma gata faminta.*

*Nadando pela minha mente, alívio, a onda de alívio. A maré recua, as lágrimas ficam quentes e doces. O fim do anseio, ainda ANSEANDO por ele em suas palavras. Não, não minhas mãos anseiam para tocá-lo novamente, mordo meus lábios para me impedir de pressioná-los contra a carne dele. Não, não devo ser tão carente, não devo assustá-lo...*

*Os dedos ossudos dela agarram as saias, seus lábios se contorcem no esforço de não me beijar então. Boa menina, contém-te. Deita.*

*Tudo que preciso é ser forte, e seu caminho será como um com o meu! Meus pensamentos são como fogos pois posso ser forte, mais forte do que ele sabe, e ao seu lado não conheceria o medo, MORRERIA por ele!*

*“Posso ser forte, meu Amor. Eu—”*

*As palavras dela escorregaram por ele como água. A serpente em seu peito, a que estava perfurando seu coração com veneno tinha sido substituída por esta serpente na carne. Ela não via nada disso, e suas próximas palavras foram planejadas, cuidadosamente, tão cuidadosamente...*



Tentei arrancar minha mão da pedra sensorial, arrancar o cabelo das raízes ou arranhar meus olhos para me cegar ao que estava vendo.

*“Não posso dizer se teremos êxito, Deionarra, mas farei o meu melhor para te proteger. E esperarei nada menos do mesmo de ti. Tu...”*

*“...talvez seja obrigada a fazer alguns sacrifícios.”*  
Assinto ansiosamente, e começo a me inclinar para ele. Se me aproximar o suficiente, talvez ele me tocasse novamente, passasse os dedos pelo meu cabelo, me pressionasse contra a rudeza de seu peito nu. Sacrifícios...

Naquela palavra final, terrível, senti me ser DESPEDAÇADO; ele pretendia um mal a ela... ele não pode me pretender mal, pois eu era aquela garota, e ele pretendia MACHUCÁ-la, porque eu simplesmente PRECISO dela que seja machucada. Eu queria GRITAR, GRITAR PARA ELA QUE ESTÁ EM PERIGO, CORRE, CORRE, DEIONARRA, POIS SEUS OLHOS DESFAZEM TODAS AS COISAS E —

*“Claro, meu Amor. A vida é sacrifício. Isso aprendi.”*

*Ela/Eu falei as palavras, e nelas senti morrer por dentro. Sou um espectador, sou seu amante, sou seu mestre, e naquele momento soube que havia assistido uma mulher morrer. Aquelas palavras foram uma sentença de morte, e ela nem sabia nem se importava.*



Quis GRITAR enquanto arranquei as mãos da pedra, lágrimas de sangue jorrando dos olhos, escorrendo em riachos pelos meus braços, minhas mãos, cobrindo a pedra de carmesim com meus pecados. Ela ainda pulsava azul-pálido, iluminando as manchas escarlates como um batimento cardíaco.

Sangue! O sangue dela! E... não pude AVISÁ-LA... e não conseguia parar de CHORAR...

E de repente Fall-From-Grace estava lá, e seu toque era gentil como seda. Ela enxugou as lágrimas dos meus olhos, mesmo enquanto sentia os gritos borbulhando dentro de mim. Ela me fez shhh, segurando meu rosto através das lágrimas de sangue.

Suas asas aveludadas se enrolaram ao redor dos dois como um cobertor, nos protegendo dos murmúrios confusos dos outros Sensatas.

— Eu... eu... não consigo... suportá-lo... eu... não pude PARÁ-LA, QUIS, mas não pude fazer nada...!

Fall-From-Grace olhou nos meus olhos, e ela assentiu tristemente em compreensão:

— E essa é a natureza do anseio. O desejo por aquilo que não podes mudar ou possuir.

Ela me estudou, retirando a mão, agora encharcada de

sangue:

— Ficar bem?

— Sim... sim... só preciso de um momento...

— Muito bem...

Fall-From-Grace recuou:

— Continuaremos quando estiveres pronto.

Respirei fundo, tentei reunir meus pensamentos.

Por mais que quisesse jogar a memória da experiência de mim mesmo, a segurei firme, porque sabia que era importante lembrar. Era eu naquela experiência... era a experiência de Deionarra, mas porque era eu, velhas memórias inundaram minha mente, e conseguia SENTIR ambos os lados ao mesmo tempo.

Quem ERA eu? Quem era aquela... aquela sombra de mim?





## Capítulo 75

*“Eu te amo, Deionarra.”*

As palavras haviam sido escolhidas com precisão cirúrgica, pressionadas no dorso da mulher pálida que ele agora segura. Ele desliza a confissão falsa firmemente, e a carne cede para que ele possa esculpir seu nome através da alma dela.

Se ao menos tivesse uma.

Ela suspira enquanto seus braços se entrelaçam em torno de um corpo coberto de cicatrizes, seus membros como serpentes e drapeados em azul diáfano como as cristas do oceano. Ela murmura agradecimentos calorosos em seu ouvido, lágrimas quentes de alívio e alegria pressionadas contra a pele dele. Ela não nota o frio do coração dele, ou como seu sangue gelado flui vagarosamente pelas veias.

A adaga desliza mais fundo pela carne e sinévia se partindo, e ela abraça o gesto, se agarrando a ele, dedos cavando fundo em sua carne.

*“Eu te amo, Deionarra.”*

As palavras farpadas apanham seu coração como a

extremidade de um gancho.

O tempo cineráceo chove sobre nós em flocos branco-cinza, e o chão desolado troa em seu repouso. Eles escalam da terra pálida: sombras apodrecidas com pele de fumaça negra, garras sedentas de vingança. Ao nosso redor as formas surgem, envoltas em mantos de cinza e garras tilintando com corporeidade aguçada.

Deionarra fica fria e leve, desaparecendo em meu abraço. Pele pálida e vestido azul roçam em mim uma última vez e desaparecem, como o toque de uma brisa caprichosa.

De alguma forma, isso me aterroriza ainda mais.

— Esperarei por ti nos salões da morte, meu amor...

As garras das bestas antes humanas tilintam umas contra as outras. Passos mudos martelam para ganhar vida na sua aproximação com frio e inflexível propósito.

*CliqueCliqueCliqueCliqueCliqueCliqueClique*

O horror se contorce dentro de mim. Minhas pernas ficam rígidas, minha barriga revira e ferve. Não quero que me toquem.

Em algum lugar à distância, ouço o cacarejar de uma velha bruxa enquanto as sombras avançam.



Meus olhos se abriram para o quarto iluminado por braseiros.

Tinha sido um daqueles pesadelos que teriam qualquer um saltando dos lençóis, engolindo ar enquanto o suor frio se cola à pele. Simplesmente me deitei de costas, encarando o teto com fria apatia até que um familiar tilintamento de dentes estava ao meu lado.

— Ah, aí estás, chefe. Estamos prontos há uma hora.

— Mau momento, Morte.

— O quê? Disseste para te acordar de manhã cedo. Só, sabe... não tens dormido direito ultimamente.

— Não, não tu. Estava falando dos sonhos.

Morte já estava puxando os cobertores com os dentes, mas resmungou pelo tecido de qualquer forma:

— Hrmph. Às vezes fazes menos sentido do que o gith, sabes?

Numa meia hora as forjas estariam soando com o clangor do laboral dos Godsmen recém-iniciados, e o aroma tóxico de metal chamuscando estaria dançando no ar. Tinham se passado duas semanas desde que encontrei aquela pedra sensorial, e não havia voltado ao Salão das Festividades desde então. Foi depois que percebi que a amnésia era, em certos aspectos, uma bênção... cicatrizes na pele podem ser de pouca consequência, mas as feridas dilacerantes pela alma empilhadas umas sobre as outras

teriam sangrado minha sanidade há muito tempo.

— Odeio dormir.

— Ei, se tivesse um corpo estaria deitado por bem mais de oito horas por dia, chefe. Falando nisso, a succubus deve estar nos esperando há um tempo.



Dak'kon estava ao meu lado como sempre, e um catre havia sido montado nos meus aposentos. Foi simples coletar Ignus... o velho mago era facilmente hipnotizado pelos fogos ardendo ao redor dos cadinhos e dentro dos fornos da forja dos Godsmen. Annah preferia alugar um sótão, um diferente a cada noite. Talvez tivesse captado meu humor, mas sempre foi mais confortável num pouco de sujeira, e com a liberdade de se mover de lugar para lugar para que ninguém pudesse encontrá-la a menos que quisesse ser encontrada.

Hábitos de ladrão, ou de corredora de beco.

Grace, porém, simplesmente sorriu polidamente e manteve que ficaria no Salão. Uma forma de me atrair de volta, suponho, dizendo que sempre estaria lá para mim. Nenhum Sensata seria afastado por qualquer experiência, e era com algum pesar que precisei de tanto tempo para mim mesmo.

Dei um soco distraído nos prédios de pedra enquanto continuava pelo Distrito dos Escribas.

Uma vez que os últimos vestígios do sonho desapareceram da memória, porém, as tarefas do dia prenderam minha atenção. Em particular, uma mulher *decked* em vermelho que avançou pela rua. Ela andava com uma tentativa fracassada de transformar seus passos bêbados numa balançada graciosa, e o cheiro de álcool emanava pesadamente dela. Apesar de sua pele escura, o rosto da mulher — belo, mas de aparência cruel — estava corado. Era esguia mas bem musculada, adornada de joias exóticas e roupas de seda translúcida. Numerosas cicatrizes cruzavam suas coxas e antebraços; pareciam ser de ferimentos de batalha.

Com uma contração dos lábios ela parou, mãos na cintura e nariz empinado enquanto seus olhos percorriam Annah, de baixo da cauda aos olhos.

— Bem, bem... que é que temos aqui? Uma pequena rainha-da-sarjeta tiefling, saindo rastejando da Colmeia?

A mulher fez um beicinho, falando como se falaria com uma criança pequena:

— Estás perdida, pequena tiefling? Oh, olha! Tem uma cauda! Tão... *fofa*!

Annah corou, e com um rosar, lâminas brotaram de seus punhos.



— Agora, sangue-de-ífero, não faças isso — a mulher parecia sem preocupação enquanto Annah sacava as armas, e desaprovou clicando a língua. — Cuidado agora, ou arrancarei aquela cauda tua e a darei para meus cachorros.

Não estava disposto a me colocar entre as duas.

— Tens uma língua afiada, pequeninha.

Annah cuspiu e afiou as lâminas uma contra a outra:

— Pergunto-me como as tuas bijuterias pegajosas e roupas de meretriz vão te ficar quando estiveres morta na rua!

— Annah, espera!

— Tu, imundo rebento dos Planos Inferiores, um que nem mesmo um tanar’ri guardaria em sua pocilga!

A mulher bêbada desembainhou a lâmina, e os dois homens com ela, robustos se um pouco ricos demais para bebedeiras de pub, colocaram mãos nos cabos das espadas.

Coloquei uma mão no ombro de Annah, e seu olhar se fixou no meu de um jeito que dizia que queria cravar uma daquelas adagas em mim se eu me metesse nos seus negócios. Ela teria feito também, mas pelo jeito dos quatro de nós estaríamos juntos. Ignus simplesmente flutuou, assistindo.

Dei um passo à frente, minha voz um rosnar baixo:

— Embainhe essa lâmina, garota, ou vou embainá-la no teu corpo.

— Que coisa imunda te deu à luz, senhor?

Ela fez uma careta de nojo, depois riu asperamente:

— E tal cheiro! Serias um dos bastardos da morte?

Morte me olhou esperançoso:

— Quer que eu deite esta maluca abaixo, chefe?

— Não mostre misericórdia, Morte.

Isso ia ser lindo.

Morte me piscou e chamou para a mulher:

— Ei, você! Isso mesmo, tu ali, sua picante jovem intrigante... olha para mim quando falo contigo! O que te deixa tão amarga, hm?

A mulher, pega de surpresa, não respondeu. Ela apenas encarou o crânio flutuante que subitamente apareceu para dançar ao seu redor e zombar.

— Ah, a Princesinha do Deserto fica de calça torcida porque o Sultão queria outro filho? Diz-me, “Princesinha do Deserto”, passas a maioria das noites bêbada e beligerante, seguida por um punhado de bajuladores lisonjeiros, procurando à tua própria maneira patética justificar tua existência a um pai desaprovador?

— O que... quem... como você ousa—

Ela gaguejou, o sangue drenando do rosto. Os dois homens aos seus lados se entreolharam e empalideceram.

— Achas mesmo que tua briguinha mesquinha finalmente te fará sentir melhor consigo mesmo? Sentir que vale alguma coisa? Porque NÃO VAI! Se este é teu caminho triste para te sentir melhor sobre quem és, sugiro que desistas, vás para casa, e cases em algum harém de cortesãos!

— Eu... eu...

Morte se virou para mim como se ela não estivesse mais lá:

— Vê, chefe, sei o que vai acontecer aqui. Todos sabemos que Morte está certinho nessa. Mas oh, não, orgulhosa Príncipezinha do Deserto, derrubada em público, humilha—

A mulher desembainhou a lâmina e, rosnando como um animal enraivecido, se lançou sobre Morte.

Peguei sua mão bem quando uma voz suave e melodiosa perfurou o rosnar:

— Jovem Sarhava? Sarhava Vhjul, poderia ser tu?

A jovem mulher pareceu confusa por um momento, depois reconheceu Fall-From-Grace ao ela descer da entrada do Salão Cívico das Festividades, uma xícara de chá de porcelana numa mão e um pires no outro. Sarhava deu um passo para trás e embainhow a lâmina

imediatamente, sobressaltada e envergonhada:

— Mistress Grace! Não havia te notado... só vergonhosamente admito isso, pois tua nobre aparência seria óbvia até para um idiota.

Fall-From-Grace deu o mais leve dos acenos e pôs a xícara na bandeja de um dos servidores. Dobrando as mãos à sua frente ela se segurou, estatuária:

— Tuas palavras são escolhidas com grande habilidade, ao contrário das que foram ouvidas tão recentemente.

— Sim, Mistress... lamento que tais palavras tenham sido ditas na tua presença.

— Lamento que foram ditas de jeito nenhum.

O tom de Grace mal mudou, mas a sutil reprimenda pareceu rachar o rosto da jovem mulher como um chicote:

— É penoso ver uma antiga aluna minha comportando-se assim...

— Ah... — ela franziu os olhos, depois recuperou a compostura. — De qualquer forma, Mistress, o que te traz para fora do estabelecimento? Algum recado?

— Estes são meus companheiros com quem viajo. Esperaria a mesma cortesia dada a eles quanto a que me deste. Tal é uma marca e a responsabilidade dos... bem-nascidos.

Annah encarou Grace e Sarhava com fúria.

Sarhava se curvou profundamente:

— Então permite-me me despedir com um pedido de desculpas, Mistress Grace, a ti e a teus companheiros. Minhas palavras foram mal escolhidas. É a bebida que me fez dizer tais bobagens, e estou cheia de vergonha por ter me diminuído assim diante de minha antiga professora.

Ela se curvou, se virou e foi embora.

— Uau... — Morte disse, babando. — Isso foi ótimo.

Grace suspirou, lançando um último olhar à sua antiga aluna. Ela realmente parecia decepcionada:

— O truque é saber quando provocar e quando empurrar, Morte, mas fizeste bem. Como tu fizeste, Annah. As experiências individuais que ela teve conosco permanecerão com ela por muito tempo, e se ela for a Sensata que eu esperava que fosse... aprenderá muito com hoje.





## Capítulo 76

Caminhei lentamente entre as araras e alcovas, pesadas de sedas e vestidos de cetim. Isso não era o que eu tinha em mente, mas estava mais do que disposto a me deliciar com Fall-From-Grace.

Não conseguia me imaginar em nenhuma dessas roupas: algumas eram mais bordado do que pano, tão ricas que se usasse uma dessas casacas seria esventrado por meu dinheiro no momento em que pisasse na Colmeia. Até a camisa mais simples era seda fina, e cheirava levemente a colônia adocicada. Drapeei uma camisa sobre o braço, e o tecido leve, tão confortável e suave para qualquer outro, puxava gentilmente nas cicatrizes enrugadas com uma estranha sensação de cócegas.

Não achava que conseguiria usar uma camisa confortavelmente.

O alfaiate, um homem baixo, corpulento e de meia-idade, usava roupas que pareciam tecidas de ouro cintilante. Nas mãos segurava um rolo de pano esticado através de uma moldura de madeira; bordando algum padrão no tecido.

— Saudações...

O homem não pareceu reconhecer minha presença. Continuou a trabalhar no bordado, murmurando para si mesmo... enquanto costurava, motes de luz cintilantes faiscavam e gotejavam da ponta da agulha.

— Bom senhor; ouviu-me?

— Saudações, Mestre Goncalves — Grace disse, acentuando sua aproximação com um leve bater de asas.

Goncalves imediatamente se virou do trabalho, piscando, e se curvou polidamente para Fall-From-Grace, um gesto que ela retribuiu:

— Saudações, Lady Grace. Em que posso ajudá-la hoje? Aquele pedido está quase pronto...

— Não há necessidade de pressa no meu pedido, Mestre Goncalves; tua habilidade exige tempo, e sem dúvida o que vier de tuas mãos será agradável. Não estou aqui sobre aquele assunto, porém. Este homem aqui...

Fall-From-Grace me reverenciou.

— ...desejava falar contigo por um momento...

— Claro!

Goncalves se virou para mim:

— E então, senhor... o que veio aqui discutir comigo?

— Tinha perguntas...

— Hmm? Espero que seja sobre vestes e afins. Não responderei a nada que não me concerne ou à loja, sabes.

Apontei para o rolo de pano que ele segurava:

— O que eram aquelas luzes enquanto bordava?

— Isso? Nada, senhor, exceto um pouco da Arte, que às vezes teço no tecido quando a fantasia me bate. Os itens que presenteio com encantamentos são minhas criações mais especiais, e raramente vendidos.

— Que tipo de roupas mágicas tens disponíveis?

Goncalves me examinou, franzindo os olhos:

— Nada que te caiba, isso é certo.

— Mesmo assim, tenho curiosidade sobre o que tens.

Goncalves se levantou e alcançou abaixo do balcão:

— Deve-se entender, bom senhor, que muitos da nobreza sentem a necessidade de se proteger. O perigo pode ser encontrado em qualquer lugar nos planos, e riqueza e influência muitas vezes são de pouca serventia contra ele. Tenho camisas de seda leve que são tão duras quanto couro curado contra lâmina ou martelo, vestidos para feiticeiras que aprimoram seus feitiços...

— E quanto a... er... bodices de castidade?

Goncalves olhou para Grace, que fingia interesse num lenço de seda:

— Ah sim. Desenhei quase todo o guarda-roupa da Mistress Grace, com não pouco orgulho, bom senhor, embora esta seja uma das poucas vezes que a vejo usar



aquela peça em particular. É forte como armadura de cota de malha, mas encomendada há tanto tempo...

Ele me franziu:

— Espero que isso não signifique que a Mistress estará cavalgando por algum abismo esquecido.

— Temo que saibamos pouco de para onde iremos a seguir, Mestre Goncalves — ela disse distraidamente.

Assenti:

— Não suponho que pudesses fazer algo para ela com um pouco mais de potência? Além de proteção, quero dizer.

Goncalves assentiu:

— Certamente, bom senhor. Minhas habilidades melhoraram significativamente desde que completei aquela encomenda em particular para a Mistress.

— Ah, sem necessidade de agir como cavaleiro — Grace disse com um sorriso enquanto colocava a mão na bolsa de moedas. — Tenho ouro suficiente para minhas próprias peças. Talvez todos os outros possam explorar a loja para qualquer coisa que possa interessá-los?

Piscei. Morte não tinha corpo, qualquer coisa que Dak'kon usasse seria coberta pela armadura, e Ignus teria incinerado qualquer pano enrolado ao seu redor. Tudo que restava era...

O olhar coquete de Fall-From-Grace para Annah fechou

o negócio.

Goncalves ergueu o olhar e pareceu ver Annah pela primeira vez. Tutando suavemente, sacudiu a cabeça:

— Garota, que nos ventos enlouquecidos de Pandemonium te fez se vestir dessa forma?

Annah pareceu surpresa:

— Eh?

Sua surpresa rapidamente caiu num franzido:

— O que queres dizer?

Ele gesticulou para a roupa de Annah:

— O couro, jovem. A total impraticidade dele. A ênfase na linha do busto, especialmente o oh-tão-conveniente corte cruzado no corpete. Teu traje foi obviamente projetado para agradar os impulsos hormonais de alguém em vez de te manter confortável. Mesmo que estejas tentando fazer uma declaração contra a autoridade e o decoro como os tieflings tendem a fazer, a mensagem está realmente te prejudicando a longo prazo...

Morte flutuou perto e sussurrou:

— Não para mim. Consigo lidar. Hein, Chefe? Piscadinha, cotovelada...

Goncalves continuou a repreender Annah:

— Quero dizer, pareces mais pronta para uma sessão no Salão das Festividades do que...

Ele franziu os olhos:

— Por sinal, não és uma Sensata, és?

Annah pareceu confusa:

— Nay. Nay, não sou uma Sensata...

O alfaiate assentiu:

— Não achei. De jeito nenhum. Por que não te deixas me vestir com algo um pouco mais modesto...

Horrorizado, Morte entrou em campo:

— Não!!! Homem, estás louco?! Isso é fala de louco!

— Nay, gosto dessas roupas. Não preciso me preocupar com o frio ou calor, é o sangue, acho. E cuidado com o papo dos tieflings, aye?

— Como desejes, então, minha senhora — ele deu de ombros.

Mais uma vez Grace me deu um daqueles olhares suaves, lábios levemente contraídos, como se esperasse um pouco mais.

— Poderia talvez fazer algo para Annah então? No estilo próprio dela, isso é.

Annah franziu o cenho para mim com ceticismo.

Esperava que o alfaiate se opusesse à sugestão, mas ele levou sem problema:

— Talvez. Encantada também, presumo?

— Claro. Ela é uma... acrobata habilidosa. Algo que possa se mover livremente. Isso soa bem, Annah?

Annah pareceu constrangida:

— Bem... aye. Aye, isso poderia se encaixar.

— E blindada. Odiaria vê-la se machucar.

— E que faça os peitos da mamãe parecerem maiores. Mas não tão pesado no alto a menos que possas fazer algo pelas pernas também.

— Cala a boca, crânio!

Ela me olhou com um rosar, mas por baixo de seu tom áspero conseguia dizer que estava corada:

— Não preciso que me digas o que quero.

Levantei as mãos:

— Claro, claro. Tu dizes ao homem, depois conversamos de preços.

Goncalves era um trabalhador rápido, e quando voltamos do almoço da tarde ele já os tinha dispostos no balcão.

— Não vai experimentar?

Morte agitou a língua enquanto flutuava ao redor de Fall-From-Grace.

Ela simplesmente sorriu, e Dak'kon dobrou os bodices de castidade no croco de um braço. A mulher tinha uma

presença sobre ela, um jeito de erguer uma sobrancelha ou contrair os lábios que te fazia querer fazer coisas por ela. Começas a pensar que uma dama como ela não deveria estar carregando nenhum fardo.

— Tenho fé mais do que suficiente nas habilidades do Mestre Goncalves — Grace disse simplesmente. — Confio que estão mais do que satisfatórios.

Annah saiu do provador, posando de um jeito e de outro, balançando os quadris e testando a forma como o tecido ficava nela de qualquer maneira que pudesse. O azul era um bom contraste ao cabelo ruivo-ferrugem dela, mesmo que parecesse um pouco chillante.

— Ach, move bem, move — Annah disse com surpresa. — Fica bem. Muita liberdade nesse aí.

Goncalves assentiu:

— Oh sim, jovem. Consigo dizer que és uma... artista. A liberdade de movimento deveria aprimorar tua habilidade de exercer teu ofício.

Ela o encarou. Com firmeza:

— Aye, e o que é que isso supostamente significa?

— Furtividade, jovem.

— Ah.

— O outro é mais adequado para combate. Encantamentos protetores mais fortes foram postos

no tecido, e deveria emprestar alguma rapidez aos teus pulsos.

— Prefiro essa cor, eu — Annah a ergueu nas mãos, se virando para me olhar.

Ela nunca admitiria gostar de coisas bonitas, mas acho que essa era a gratidão máxima que conseguiria dela.



## Capítulo 77

Estava igualmente confuso.

A câmara soava com estalos e rangidos e guinchos. Engrenagens rangiam umas contra as outras, molas vibravam, pistões bombeavam e pêndulos balançavam em ritmo surdo e repetitivo. Por baixo de tudo conseguia ouvir mecanismos menores tilintando e soando, e ocasionalmente um som distante de manivela quebrava o staccato. O cheiro de óleo era tão espesso no ar que conseguia sentir lubrificando os pulmões. Cada pedaço das paredes estava em movimento vertiginoso.

Besta de um cubo colecionável.

A única coisa aqui dentro era um modron, uma daquelas criaturas robóticas em forma de cubo com membros mecânicos esguios. Já os havia visto no bordel de Grace, toda estrutura e sem personalidade. Falar com um era como passar estilhaços pelos intestinos depois de levar facas demais na barriga, mas sendo que este era um construto modron eles seriam os que teriam quaisquer respostas. Teria simplesmente que aguentar e respirar.

— Er, saudações.

A criatura focou seus olhos sem emoção em mim:

— Saudações, aventureiro. Bem-vindo a Rubikon, o construto de masmorra. Obrigado por escolher Rubikon para sua experiência de masmorração. Você pode acessar Rubikon por esta porta.

Bem, isso não foi tão ruim:

— O que é um Rubikon?

A criatura encarou sem responder.

— Pelo menos podes me dizer o que diabos é um construto de masmorra?

Ela piscou, mas não deu nenhuma indicação de ter ouvido a pergunta.

Ótimo.

Um homem mecânico de pele verde-pálida andava em círculos no próximo cômodo. Embora fosse obviamente um construto, tinha um rosto animado, que me franziu no momento em que entrei.

— Saudações.

— Ah, um visitante! Excelente. Sou Rubikon!

A figura se virou e inclinou a cabeça numa reverência formal:

— Meu dever é cumprir os desejos do Criador... e o desejo atual do Criador é que Rubikon seja um teste de habilidade para aventureiros. Tens habilidade? Aqueles que a têm têm a bênção do Criador. Aqueles que não têm...



não têm.

— Quem é o Criador?

Rubikon pirou a cabeça levemente:

— Aquele que me criou, claro. Uma resposta simples para uma pergunta simples. Talvez não sejas tão habilidoso quanto o Criador previu?

— O Criador pretendia que me encontrasses?

— Oh sim. E que me derrotasses, por assim dizer. Ou sendo derrotado, o que é mais provável com esta coleção de não-aventureiros.

Morte ficou indignado:

— Não-aventureiros?! Somos muito aventureiros! Diga alguma coisa, chefe!

— Concorda comigo, pelo menos nisso. Morte é muito mais aventureiro do que parece.

— Erm. Bem. De qualquer forma, tu, aventureiro: teus objetivos são simples. Deves enfrentar os desafios de Rubikon. Existem três salas de desafio. Em cada uma, tu ou tua equipe deverá derrotar a criatura guardiã. Se bem-sucedido, receberás uma recompensa do Criador. Se não...

Rubikon pausou dramaticamente.

— Se não?

— Se não, então tu e tua equipe sereis... incinerados.

— Ótimo.

Suspeitei desde o início que o “cubo colecionável” fosse uma cilada.



Não me alongarei muito sobre o que se passou dentro de Rubikon. Digamos que havia: criaturas mecânicas de vários tipos e tamanhos que nos atacaram com entusiasmo programado; uma batalha particularmente intensa com algo que Morte insistiu em chamar de “Cubo Gelatinoso com Ambições Acima da Estação”; e um momento em que Dak’kon, com toda a calma estoica de um mestre zerth, decepou uma engrenagem giratória com a karach enquanto murmurava algo sobre o Caminho de Zerthimon.

Ao fim, Rubikon nos saudou com o que parecia ser genuíno entusiasmo mecânico:

— Parabéns! Derrotastes todos os desafios de Rubikon! O Criador está satisfeito.

Uma gaveta deslizou aberta na base de Rubikon, revelando uma modesta pilha de recompensas.

— Os prêmios do Criador.

Peguei os itens. Morte bocejou com os dentes.

— Isso foi intenso — Grace disse calmamente enquanto saíamos do cubo, que se fechou com um clique atrás de nós

e voltou a parecer um mero brinquedo nas minhas mãos.

— Nunca havia participado de nada assim.

— E tu, Annah?

— Ach. Criaturas mecânicas. Prefiro as orgânicas. Pelo menos sangrando sabes que estão morrendo.

Coloquei o cubo no bolso:

— Concordo plenamente.





## Capítulo 78

Já que tínhamos a loja para nós enquanto navegávamos, desejaria que tivéssemos o benefício de mais clientes por perto para diluir o olhar predatório de Vrischika. A maioria dos donos de lojas tinha aquele olhar impaciente nos olhos, avaliando se você era um cliente ou um admirador de vitrines.

Vrischika me lembrava de uma aranha, com aquele sorriso de dentes afiados, agachada atrás do balcão esperando que eu parecesse ter sido fisdado por algum pedaço de isca. E — sim, com certeza, ela se lançou logo que demonstrei algum interesse num velho tomo.

Era um livro bastante simples preso por uma minúscula fechadura de latão. Numa loja onde cabeças encolhidas, nós de gatos e afrodisíacos destilados de almíscar de górgona eram a norma, a simplicidade do livro realmente se destacava.

— Aquele — Vrischika arrulhou — é o Codex do Inconcebível. Só direi que é apenas... apenas... bem, não consigo explicar. Meras palavras simplesmente não bastam! Podes possuí-lo por meros mil cobres comuns... e acredita-me: vale cada um.

Assenti, mas minha atenção já estava se deslocando para uma pequena réplica metálica de uma criatura parecida com um cubo com olhos enormes numa das faces. O brinquedo tinha duas pernas, dois braços, duas asas dobráveis, e pelo menos dezoito pontos de articulação.

Vrischika sorriu ao eu pegá-lo:

— E aquele... é um item colecionável, talvez, ou uma peça de arte. Quem sabe? Mas gosto. Se o comprar, pergunta por aí... alguém pode saber mais sobre ele do que eu. Podes tê-lo por apenas mil e quinhentos cobres.

— Fico com os dois.

Sáímos rapidamente, antes que Vrischika pudesse reclamar do “fedor ta’nari” de Fall-From-Grace.

Folheei o tomo enquanto descíamos para a rua novamente. O que a princípio parecia um livro bastante simples preso por uma minúscula fechadura de latão era, na verdade, encadernado em couros estranhos e bronze encantado. Era rotulado simplesmente: *O Codex do Inconcebível*.

Abri-o... e comecei a ler!

Minha mandíbula caiu ante o conteúdo do tomo. Ali fiquei parado, enfeitiçado, devorando cada palavra, cada uma mais fascinante e espantosa que a última. Meus olhos mal conseguiam se mover rápido o suficiente para

acompanhar meus dedos, ansiosos para virar a próxima página. Seu conteúdo era simplesmente demais para ser descrito — meras palavras seriam impotentes para explicar as maravilhas que o Codex continha.

— Isso foi... isso... eu...

Morte balançou ao meu lado:

— O quê? O quê? O que havia lá, chefe?

— Nada que te concerne, Morte — murmurei estupidamente.

— O QUÊ?! Estás de brincadeira comigo? Vamos, deixa-me ver!

Ergui o Codex para ele.

Morte flutuou sobre meu ombro para examinar o conteúdo do Codex. Seus olhos quase saíram das órbitas enquanto escaneavam as páginas:

— Ooo. Ooooooooo. Oh, eu... mas... nossa.

Fiquei pensativo por um momento, olhando para o Codex, antes de fechá-lo e reverentemente guardar o tomo.





## Capítulo 79

Um prédio em particular se destacou enquanto explorávamos o Distrito dos Escribas: *A Galeria de Arte de Yvana*. Aventurando-me para dentro, vi que tinha uma esperada simplicidade urbana. As paredes eram simples, o piso pavimentado num padrão suave de azul e cinza pálido como osso. Muitas das peças de arte se moviam ou balançavam ou rodopiavam de cor, como se agitadas por uma corrente não sentida.

Uma mulher idosa bem-vestida num vestido de fio pêssego-dourado ficava perto da entrada, mãos dobradas primas sobre a barriga. Ela assentiu na minha direção. Foi então que notei que ela não tinha pupilas — seus olhos eram inteiramente brancos. Havia uma certa familiaridade sobre ela, os traços aguçados do rosto e o jeito de se portar.

— Saudações, senhor. Sou Yvana; bem-vindo à minha galeria. Fique à vontade para olhar ao redor, passando o tempo que desejar aqui; caso tenha perguntas sobre qualquer das peças, não hesite em me perguntar.

— Obrigado.

— Um momento, senhor... tua voz; está pesada de idade e ferimentos. Serias tão gentil de me permitir tocar teu

rosto?

Me ajoelhei um pouco:

— Sim, vá em frente.

Yvana sorriu, passando gentilmente as velhas mãos pela pele do meu rosto. Ela franziu, parecendo levemente intrigada:

— Tantas cicatrizes... tanto antigas quanto novas. Parecem...

Tocou o lado da minha garganta, corou, depois se afastou:

— Perdoa-me, senhor. Estava curiosa para ver até onde iam.

— Não tem problema. E estão em todo lugar; todo o meu corpo é marcado de cicatrizes. O que é este lugar?

— Por que, é minha galeria dos Planos.

Ela sorriu e gesticulou ao redor:

— Essas peças foram trazidas de longe e perto. Algumas vendo, algumas guardo — todas exhibo, de uma vez ou de outra. Por favor, aprecia-as... e novamente, caso tenha perguntas sobre qualquer das peças, não hesite em me perguntar.

— É especial apreciar arte quando não se pode vê-la. Se não te importas de dizer, Yvana.

— Acredito que ela é cega por escolha, e não por



circunstância — Fall-From-Grace observou. Ela parecia satisfeita... era certamente um capricho que uma Sensata abraçaria.

Yvana assentiu, sorrindo:

— Tua amiga está bastante certa, senhor... não consigo ver, mas apenas porque não desejo. Com o tempo, permitirei que minha visão retorne para que possa re-experimentar o conteúdo de minha galeria com o benefício de olhos novos e frescos.

— Pareces-me familiar... conheces alguém chamado Yves?

— É minha filha.

Por um momento houve uma sugestão de tristeza na brancura leitosa dos seus olhos:

— Não mais falamos uma com a outra.

— Por que isso?

— Não há nada a ser dito entre nós. Ela partiu em busca de histórias... por razões das quais não estou ciente.

— Ela me contou um conto que pode responder a essa questão...

Yvana ergueu as sobrancelhas:

— Oh? Conta-me, por favor? Apreciaria muito, senhor...

Contei-lhe o conto da Caçadora de Contos, e de sua busca interminável pelo conto que guardava a verdade que

buscava.

Yvana assentiu lentamente:

— Eu... não fazia ideia. Verei-a agora. Agradeço-te, bom senhor, por trazer-me essa notícia de minha única filha.

Enquanto falava, a cor lentamente sangrou os íris pálidos até que seus olhos fossem de um brilhante tom de verde.

— Teus olhos... consegues ver agora, Yvana?

Ela assentiu, sorrindo, e as saias farfalharam enquanto ela saía.

As galerias de arte têm o hábito de atrair os piores fingidores, que têm o hábito de estudar arte por pura pompa. Encontrei-me tornando um deles, cruzando os braços e batendo nos lábios tentando agir como se soubesse o que procurar.

As pinturas abstratas não eram tão interessantes quanto as esculturas. Uma estatueta de rubi... uma trompa de batalha que implorava para ser soprada. Quem quer que tenha inventado o velho ditado “sente com os olhos, não com as mãos” obviamente nunca havia encontrado um Sensata.

Não deixei uma única pintura ou estátua intocada, e estava começando a fazer o mesmo com as esculturas e outras curiosidades quando me deparei com *As Aves Sombrias de Ocanthus*.

Era composta de vários cacos de cristal negro — ou gelo — rodopiando dentro do vento congelante que o pedestal ornamentado exalava. Cada caco parecia ter bordas de navalha; tocar ou pegar um era perigoso, mas a curiosidade superou a mim.

Ao estender a mão para pegar um dos cacos rodopiantes, meus dedos entraram no vento gelado que subia do pedestal. Instantaneamente, uma camada de gelo entorpecedor se formou ao redor deles, e momentaneamente recuei.

Encarei como um desafio.

Com um grunhido determinado enfiei a mão no vento frigoroso e entorpecente. Sem que eu soubesse, minha mão inteira congelou sólida enquanto envolvia um dos Pássaros Sombrios. Quando outro dos cacos negros girou contra meu punho, minha mão se quebrou no pulso com um estalo agudo e foi chacoalhando pelo chão da galeria.

Minha mandíbula caiu enquanto encarei estupidamente o plano limpo do meu pulso esguichando sangue pelo chão. Assim que me recuperei, peguei meu punho coberto de gelo e o coleí de volta no toco sangrando. O Pássaro Sombrio que peguei — um caco afiado de gelo negro — já havia derretido em nada.

— Espero que ninguém tenha visto isso — murmurei enquanto me afastava rapidamente.

— Eu vi — Morte poflou. — Se fosse tagarelando com Yvana...

Parei no lugar.

O retrato pendurava na parede de um canto escuro e escondido da galeria. Com o rosto emoldurado por sombras e vinhas espinhosas, a velha crone grotesca e nariguda encarava para mim como se por uma janela. Sua carne era de uma cor doentio azul-cinza; seus olhos brilhavam como brasa de fogo moribundo. Seu queixo, longo e aguçado, se projetava para frente em uma mordida extremamente inferior; dois caninos amarelados se projetavam para cima da mandíbula inferior, como pequenas presas. O sorriso nos lábios murchos e arroxeados falava de segredos horríveis.

Consegui desviar o olhar tempo suficiente para ler a plaquinha. *“Hag Cinzenta de Oinos.”*

*“Sonhas de novo! De novo!”*

Um arrepio subiu pela minha espinha, e até Morte de repente ficou em silêncio. Aquela parte crua e reptiliana do meu cérebro estava gritando para se afastar.

Enquanto começava a me virar da pintura, as sombras mudaram no canto do olho. Meus olhos voltaram rapidamente para o retrato, boca seca, pele arrepiada com um arrepio profundo e aterrorizante. Aquela sensação de formigamento surgiu no fundo da mente como um espirro

se formando...

*Um rangido distante ecoa pelo corredor, um som de madeira velha se dobrando e plantas sendo empurradas e instadas ao crescimento. Tudo neste labirinto de abrunhos e espinhos está envolto numa irealidade suave, nem vivo nem morto. Tudo tinha a substância de um sonho vívido, e as farpas de um pesadelo.*

*A velha crone hedionda se agacha diante de mim, cabelo tão desgastado e emaranhado como musgo, pele tão cinza quanto a de um cadáver. Ela cacalha, um som como adagas sendo jogadas pelos corredores, e os corredores cantam de volta. Ela está revestida em gritos e pesadelos, bajulada pelas raízes alimentadas de sangue que ela cuida, a mãe sombria de seu domínio. O almíscar de terra apodrecida e mofo paira ao seu redor como um manto velho.*

*“Meu pobre, querido, adorável homenzinho!” ela arrulha. Sua voz se distorce mesmo enquanto ela fala, torcendo e estalando para combinar o rangido distante dos caminhos mudando do labirinto. “Por que, esse foi teu primeiro desejo!”*

*A hag ergue a mão e aponta um único dedo ossudo e com garras para minha testa, e a dor pulsando nas têmporas me manda para um acesso de gritos...*

Eram épocas como essa que pareciam explicar por que usava uma saia... se não tivesse me acostumado a esse tipo

de coisa já, teria passado por tantos pares de cuecas há muito tempo.



Yvana voltou num farfalhar de saias e um sorriso satisfeito no rosto, contente por ter se reconciliado com sua filha por fim. Havia esperado por uma boa hora, tempo demais se queria manter Annah longe de apuros pelo tédio:

— Saudações de novo. Tens perguntas sobre uma das peças?

— Sim, tenho...

— Oh? Qual delas? Uma das pinturas?

— Sim, uma das pinturas... *Hag Cinzenta de Oinos*.

Seu sorriso desbotou um pouco, e sua voz estava calma quando falou:

— Diz-se ser um retrato de Ravel Puzzlewell, muito provavelmente a hag mais maligna que já aterrorizou o Desperdício Cinzento e além.

— O que sabes sobre ela?

— Ela é uma hag-noturna, uma das mais velhas Irmãs Cinzentas dos Desperdícios, que veio a Sigil há muitos séculos para prosseguir experimentos arcanos. Acreditava-se que esses experimentos eram contra a

vontade da Senhora, e que Ravel foi assim banida de Sigil, aprisionada num dos labirintos da Senhora no éter onde seu corpo repousa até o dia de hoje...

Assenti.

— Dizia-se que Ravel era uma mestra de enigmas e puzzles, mas acreditava-se que um enigma — uma questão em particular — dizia-se ter atormentado a antiga haginoturna: *O que pode mudar a natureza de um homem?*

A questão chacoalhou em minha mente, fez cócegas em algo no fundo do cérebro, depois se desbotou.

— Ela lançou um desafio a quaisquer interessados: prometeu instruir quaisquer que viessem a ela em seu ofício... se apenas pudessem responder à questão de forma satisfatória. Se não pudessem, consentiam em ser sua próxima refeição. Muitos morreram cobiçando os ensinamentos de Ravel, e acredita-se que até suas últimas horas em Sigil, Ravel nunca descobriu a resposta à sua questão.

— O crime de Ravel acreditava-se ser alguma forma de tentar despedaçar a Gaiola, tentar abrir o próprio Sigil por alguma razão desconhecida.

Yvana suspirou:

— Isso é tudo que sei sobre ela.





## Capítulo 80

A Colmeia cheirava tão mal quanto antes, mais ainda agora que não estava banhado em seu fedor durante todas as horas do dia. Levou um pouco de prática, mas logo estava filtrando o ar com os dentes de novo para respirar sem saborear a podridão no ar.

Com algumas novas tatuagens da loja de Fell começamos a fazer caminho de volta para o Distrito dos Escribas.

Um homenzinho gordinho de cabelo branco acenou para mim na outra extremidade do quarteirão; o verde brilhante de suas roupas o destacava como um oásis num deserto.

Mourns-For-Trees sorriu largamente ao nos ver:

— Ah, meu amigo; voltaste! E bem, pelo jeito disso!

Sorri:

— Annah, Grace, este é Mourns. O que lhes falei, cuidando das árvores.

Fall-From-Grace curvou a cabeça polidamente:

— É um prazer finalmente conhecê-lo, Mestre Mourns, embora suponha que possa estar considerando um novo nome em breve.



Ele riu:

— Não, não, minha senhora. Sou velho demais para mudar... tudo que tenho a oferecer são velhas palavras empoeiradas de conselho para jovens bonitas como a senhora.

Annah parecia levemente distraída. Devia ter sido estranho para ela voltar à Colmeia... ela claramente havia crescido demais para ela como um par de sapatos velho, e o Distrito dos Escribas ainda não cabia bem. Com um pouco de tempo talvez tivesse quebrado o suficiente para ela.

— Então como vão as árvores, Mourns?

Ele bateu as mãos satisfeito:

— Oh, muito bem, rapaz, muito bem! Está um pouco devagar mas não posso reclamar... especialmente desde que é tudo graças a ti. Olha! Novos brotos aqui e aqui, e as folhas estão florescendo. Até o ar parece um pouco mais limpo agora.

Sorri:

— Annah, poderias ajudar também?

Ela piscou:

— O quê? Não podes estar falando sério!

— Estou, Annah. Ficaria grato se pudesses simplesmente dar-lhes um pensamento ou dois... como um favor a mim, se por nenhuma outra razão.

Seu sorriso sardônico por fim cedeu a um sorriso:

— Ah, pro Baator com isso! Se estás tão maldito envolvido com tudo isso, por que não? Claro, vou “me importar” com as tuas árvores, camarada. Mas me debes por meu tempo!

— Obrigado. Grace, considerarias?

Grace assentiu:

— Certamente. Acho que é uma ideia excelente.

Silenciosamente esperamos sob os galhos das árvores. A sombra parecia mais fresca, como se a folhagem houvesse espessado para bloquear mais luz. O cheiro de enxofre queimado que permeava o Distrito ainda estava lá, mas estava abafado de alguma forma, e o mais leve cheiro de néctar adocicado gotejava por baixo numa corrente perfumada.

E lá estava. Um dos primeiros botões estava começando a desabrochar. Lentamente, com o calor de uma mão curvada, as folhas externas começaram a se descascar, revelando uma borda de rosa crescendo continuamente.

E então o ar começou a ficar quente... desconfortavelmente, terrivelmente quente.

— Ignus?

— Simmmm... — ele sibilou.

— Ignus, não!

Jatos de chama inundaram de seus dentes carbonizados:

— Queimaaaaar...

— Para com isso, Ignus! Pararás com isso agora mesmo!

Mourns-For-Trees encarou em horror enquanto percebia o que estava prestes a acontecer. De repente ele entrou em ação, se atirando entre Ignus e as árvores:

— Não! Para! Não podes!

— Oh! Não consigo assistir! — Morte uivou, se virando.

Ignus riu horivelmente; chama erupcinou da garganta:

— Tu ficassss entre mim e a coisa que queimaaaa? Tu, tambémmmm, queimaaasss...

— Nãoooooo!

Meu grito era apenas um sussurro ao lado do rugido das chamas, o grito trovejante da vitória de Ignus. Num instante os fogos rolantes lavaram sobre Mourns-For-Trees como mil línguas carmesins lambendo famintamente sua carne. As chamas abafaram seus gritos, vazaram para seus pulmões quando ele tentou desesperadamente respirar, chamuscando-o por dentro e por fora. O aroma saboroso de carne cozinhando e graxa fumegante encheu o ar mesmo enquanto as ondas de calor varreram tanto a doçura das flores das árvores quanto o fedor da Colmeia.

Mas aquele pobre e triste montão de carne fumegante não era seu alvo.

A seiva sibilou e virou vapor num instante, e as veias das plantas explodiram: folhas murchando, casca varrida numa nuvem de cinzas brancas e brasas carmesins. As ondas de chama varreram o espesso cobrimento verde do botão, e por um instante o cone nu de pétalas dobradas parecia prestes a desabrochar... mas era apenas o calor peeling de volta as dobras delicadas, como uma crosta velha ou uma pele de cobra se descascando.

Quando acabou o Distrito estava assustadoramente quieto... todos os outros haviam fugido. Havia apenas o estalar de brasas moribundas, e os suaves lamúrios de Annah enquanto ela se ajoelhava sobre o cadáver do gentil homem velho. Grace murmurou uma oração.

E era tudo.



Nenhum de nós queria estar sozinho. Dak'kon sentou em meditação, Grace sentou no sofá tentando contemplar uma única rosa. Annah sentou num canto, na sombra de um dos pilares. Sempre parecia mais confortável lá. O próprio Ignus havia sido banido para a varanda por ora... e até que eu pudesse descobrir o que fazer com ele, teria que ficar lá.

Claramente era perigoso demais para soltar, e louco demais para manter por perto. Mas se tentássemos matá-

-lo... bem, com seu poder certamente um de nós morreria, e eu não estava confiante de poder trazer alguém de volta da morte com o que ele podia fazer. O poder de Ignus chamuscava alguém mais fundo do que o osso, deixava queimaduras na alma...

Mas por ora tinha outras batalhas em mente.

O pequeno brinquedo metálico que segurava nas mãos era o Cubo Modron que comprei de Vrischika, uma réplica de uma criatura parecida com cubo com olhos enormes numa das faces. Talvez fosse um item colecionável. Não estava na embalagem original, então certamente estava livre para brincar.

Movi os braços e fiz barulhos de luta de espada. *Swoosh! Ffffffft! K-ching!*

O brinquedo clicou e chiou enquanto movia as articulações. Em momentos, o minúsculo cubo havia vencido todos os oponentes imaginários que eu havia enviado contra ele, e voltou à posição normal.

Acenei seus braços e fiz barulhos de torcida. *Raaaaaah! Raaaaaaaah!*

Hordas de criaturas imaginárias de todos os Planos torceram pela vitória do cubo. Quase conseguia ver uma minúscula lágrima oleosa brotando num dos olhos... era um herói, o maior cubo que já vagou pelos Planos, e todos o amavam. Em minha mente, Grace e Annah o abraçaram e

o cobriram de beijos.

Suspirei, e o coloquei quietamente no colo para descansar para futuras batalhas contra o multiverso.

Morte me encarou e sacudiu a cabeça.

— O que é isso, cubo-herói? “Morte é um crânio idiota?”  
Por que, sim, é mesmo, não é, cubo-herói?

Morte gaguejou:

— Ei! Ele não disse isso!

— Disse sim! Disse agora mesmo!

— Wh —?! Me dá essa coisa!

Segurei o Cubo Modron longe dele:

— Não, é meu. Ele só quer ficar comigo de qualquer jeito. Não é, cubo-herói? Sim, é mesmo!

— Só. Quero. Segurá-lo. Por. Um. Segundo.

Sorri:

— Mas não tens mãos.

— Vou segurá-lo nos DENTES.

— Não, acho que vou guardar por ora — disse, mostrando a língua.

— Vou esmagar aquele cubo modron em pedaços —  
Morte resmungou baixinho.

— Ouviu algo, cubo-herói? Eu também não!

Estava mexendo nele por mais um tempo, antes de ter que guardá-lo, quando ao dobrar o joelho esquerdo houve um estalo! estranho e o brinquedo estremeceu nas minhas mãos.

— Wh—

Brinquei mais com ele.

Os movimentos errados resetavam os membros às posições originais, mas um por um trabalhei a sequência correta de manipulações. Primeiro foi o joelho.

Estendi a asa esquerda, e o brinquedo fez um suave chiado.

Estendi a asa direita, e o brinquedo zunziu levemente, ficando quente ao toque.

Rotacionei o braço direito. Houve um chiado, um clique, depois uma luz branca cegante explodiu subitamente nas minhas mãos...

Oh, que novo inferno era esse?



## Capítulo 81

Enquanto estava no Salão das Festividades, achei que poderia aprender algo com as palestras que eram realizadas lá.

Os murmúrios da multidão enchiam o cômodo. Embora o salão de palestras fosse modestamente grande, espremei-me através de um labirinto Bizâncio de cotovelos salientes e saias. Mulheres me olharam torto pelo ocasional pisar numa bainha de vestido, enquanto aquelas nobres em roupas mais escassas lançaram olhares penetrantes quando eu roçava como se estivesse tentando apalpar um pouco de pele nua.

Resmunguei e ignorei os olhares. Se escolhiam se vestir assim, dificilmente podiam me culpar por esbarrar num pouco de pele nua.

Devia ter deixado Grace tomar a dianteira em vez de tentar ser cavalheiro. Para ela a multidão se abria o quanto podia. Os Sensatas conheciam o prestígio de Grace na facção, enquanto os mais ignorantes pelo menos sabiam não cruzar o caminho de uma Ta'nari. Os Sem-Noção podem não ter sido tão delicados, mas aparentemente poucos deles compareceram a esta palestra. Pena: teriam



se beneficiado mais.

Um homem velho baixo e curvado ficava no pódio, ainda carregando os ombros largos e as mãos calejadas e marcadas de cicatrizes de um trabalhador ou guerreiro. Uma aura de cansativo desespero pairava sobre ele, por seu cenho franzido e esgar amargo. O nome no letreiro que anunciava a palestra lá fora dizia “Ghysis o Torto”, e pelos seus traços retorcidos conseguia ver por quê.

— Certo! Agora prestem atenção... este é o seminário sobre a Guerra. Se estão aqui para ouvir sobre a Guerra de Sangue, fiquem. Se não, estão no salão errado e é melhor tirar suas macias nalgas de Sigiliano confortável daqui.

— A Guerra de Sangue? Mais entediante do que ouvir um Guvner recitar leis. Vamos encontrar algumas jovens Sensatas que precisam ser doutrinadas nas maneiras da paixão!

Morte agitou as sobrancelhas com antecipação.

— Não, Morte... quero ouvir isso — disse, silenciando-o rapidamente, bem quando o resto da multidão deixava suas conversas morrerem no ar.

O homem de repente lançou um olhar sombrio sobre o público, como se procurando algo:

— E mais, se forem tanar’ri ou baatezu, tirem seus couros escamosos pela porta. Não vou deixar vocês malditos caprichosos ficarem por aqui e depois ouvirem

seus argumentos loucos...

Grace inclinou levemente a cabeça, traçando um dedo delicado pela bochecha pensativa.

— ...porque isso não é discussão sobre quem está certo.

Atrás de nós conseguia ouvir o som de algo grande saindo do salão de palestras:

— É apenas a Guerra de Sangue do ponto de vista humano. Não estou promovendo um lado ou outro, porque os dois fede de jeitos diferentes.

O palestrante ficou sóbrio:

— Então... o que restou de vocês que querem ouvir algumas histórias da Guerra de Sangue... contos sobre a Guerra. Aqui para ouvir o horror de tudo, sem dúvida. As fortalezas flutuantes tecidas de pele humana! Os campos de batalha em escala planetária nos quais a Guerra de Sangue é travada!

Ele mostrou os dentes amarelados:

— Contos de inferos travando presas com outros inferos! Grar! Snarrrr!

Seu rosar desbotou, e ele pareceu de repente entediado:

— Bem, deixa eu abrir as pálpebras e rachar as caixas cranianas de vocês: é tudo uma pilha fumegante de bobagem louca ficar ruminando sobre essa escória de forja.

Ele cuspiu em desdém, revirando os olhos selvagememente:

— Vou lhes dizer isso, porém: não podem imaginar a escala em que a Guerra de Sangue é travada. Nada que viram, ouviram ou participaram — nada se compara: tempo, números de “legiões”, derramamento de sangue puro... nada se compara, idiotas. Tentar imaginar — esqueçam. Meu conselho? Simples: fiquem longe de toda aquela bagunça sangüínea. A única coisa que precisam saber é esta: íferos estão matando íferos. Baatezu estão massacrando tanar’ri, tanar’ri estão degolando baatezu. Agora mesmo.

Ele cuspiu de novo:

— Nenhum está ganhando. Não acho que nenhum possa ganhar. O maior impasse desta lado da eternidade... graças aos Poderes.

— É isso.

Ele deu de ombros:

— É isso. Responderei quaisquer perguntas que tiverem para mim agora...

Um jovem Sensata ergueu a mão:

— Qual é sua pergunta, camarada?

— O que começou a Guerra de Sangue? — ele chamou da multidão.

— Têm direito de se perguntar o que começou essa grande e velha bagunça caldosa em primeiro lugar: o que colocou os íferos a travar chifres no começo, mordendo e arranhando uns aos outros até que era a única razão pela qual viviam...

— Simples: eles se encontraram.

Ele suspirou:

— Tanar’ri e Baatezu se cruzaram um dia e como dois bêbados fanáticos, começaram a brigar. Simples assim.

Ele franziu:

— Bem... não, passa isso: imagine dois padres bêbados que acreditam que cada um sabe a única maneira de viver. Agora torna esses padres rasgados de escamas e presas e chifres e uma veia cruel de sete léguas de largura e os bota numa cela pequeninha... e terão uma boa ideia do amor que pode brotar daí. E lá está! A origem da Guerra de Sangue.

— Por que duas raças malvadas estão lutando? — outro perguntou.

— Uma acredita que o mal deve ser agradável e ordeiro. A outra acredita que o mal deve ser caos, correndo rampante pelos Planos. Ambos malvados, mas não significa que possam concordar em nada. Sangue ruim, sangue ruim... cada um quer exterminar o outro para que apenas seu “tipo” de mal permaneça. Odeiam uns aos outros, como... como...

O palestrante torceu as mãos, tentando encontrar as palavras certas:

— Vejam, eles não odeiam como nós odiamos. Nós nem sabemos o que é ódio. Temos uma, uma palavra para “ódio”. Eles têm...

Sua voz caiu:

— ...milhares, sobre milhares, os significados deles torcidos e empilhados como... corpos. É por isso que lutam.

— Não pode me dar um pouco mais sobre a própria Guerra de Sangue? — chamei.

Morte revirando os olhos. Poderia tê-lo perguntado com tanta facilidade.

— Se fosse destilar, seria assim: a Guerra de Sangue vem acontecendo há quase-toda-a-eternidade, e continuará acontecendo até a quase-toda-a-eternidade ela mesma ser pendurada no Livro dos Mortos. Os tanar’ri, os campeões do caos e do mal estão tentando pisotear a bosta verde-colorida para fora dos baatezu, os campeões da lei e do mal. Eles se massacram sobre como cada um deles acha que o mal deveria ser, se é que podem acreditar nisso. Hah!

— O que você acha que aconteceria se alguém parasse a Guerra de Sangue?

— Não podem fazer nenhuma diferença na Guerra! É grande demais. São uma pedra, um seixo num oceano que é um seixo em outro oceano que é um seixo em outro

oceano e assim por diante até os stenchkows voltarem para casa. Como seixo, o objetivo é não ser notado e afundar para o fundo com o resto dos fundos...

Fiquei feliz por ser mais alto do que a maioria aqui, para que ele pudesse me ver claramente:

— Os Planos cairiam? Por quê?

Ele ergueu as mãos como pilares:

— A Guerra de Sangue é como uma grande e sangrenta viga de suporte sustentando os Planos... derrube-a, e muitos dos Planos viriam desabando com ela. Muita bagagem repousa nas costas da Guerra.

Ele de repente zurziu como um burro, rindo amargamente:

— O maior e mais torpe animal de carga nos Planos...

Ghysis sorriu cinicamente:

— Além disso, como dizem, guerra é ótima para os negócios.

Ele riu oecamente, depois pareceu prestes a chorar:

— Eh... esqueçam isso... mais alguma pergunta?

— O senhor está bem? Parece em dor...

O homem sorriu tristemente:

— Aye, aye... ouve, camarada: não sou padre, nem quereria ser um, mas ouça isto: mantenham o mal longe

do coração. Quando morreres com mal no coração, teu espírito cai nos Planos Inferiores, onde te tornas um peticionário... Alguma sugestão do que acontece então? Os peticionários no Abismo e Baator são torcidos em soldados rasos... e ficam para lutar na Guerra de Sangue por toda a eternidade.

Ele sacudiu a cabeça:

— Então é o obscuro sobre por que os baatezu e tanar’ri tentam corromper tudo que tocam: porque precisam de mais tropas. Atendam a isto: mantenham o mal longe do coração, imbecil.

As perguntas vieram, principalmente da frente da multidão onde minávamos.

Algumas perguntas foram gritadas do fundo do cômodo:

— Onde é travada a Guerra de Sangue?

— Muitos lugares... geralmente os Planos Inferiores. Em qualquer lugar ao longo do Rio Estige... as nove camadas de Baator, os quatro fornos de Gehenna, o Desperdício Cinzento, o frio e vermelho Carceri — o plano-prisão — e o poço de mal quase-sem-fim que é o Abismo.

De alguma forma o Desperdício Cinzento soava familiar...

Felizmente, alguém mais estava igualmente curioso:

— Conte-nos sobre o Desperdício Cinzento.

— Também chamado de “Penumbras”.

Ghysis deu de ombros, depois estremeceu, como por reflexo:

— Cinzento em todo sentido da palavra. As cores queimam os olhos lá; gritam, são muito altas, e os sonhos são puxados para a superfície e derramados no chão, perdidos para sempre. Apenas as hag-noturnas reinam lá... as Damas Cinzentas dos Desperdícios.

Um jovem particularmente cru, de rosto fresco, tinha um sorriso insouciant. Era ou Sem-Noção ou mimado até a medula:

— Como alguém é contratado para a Guerra de Sangue?

— Sabes, de vez em quando algum imbecil de couro vem por aí perguntando sobre um emprego na Guerra de Sangue. Querem um pouco de dinheiro, querem uma curta passagem e depois seguir com suas vidas. Talvez eu fosse um desses cabeças de couro. Talvez eu fosse um mercenário, e ouvi que havia um pouco de dinheiro a ganhar na Guerra. Me interessei...

Ele sacudiu a cabeça:

— Me ensinou uma lição: somos como formigas correndo ao redor dos calcanhares de deuses que dançam. Vi homens grandes, que afirmavam ser grandes soldados... Soldados de papel. A guerra é uma fornalha para eles. Os acorda ou os queima.



O jovem enrugou o nariz, como se avaliando Ghysis:

— Então como sobreviveu à Guerra de Sangue?

O rosto do homem escureceu:

— Eu... bem, essa é a única coisa que não falarei, camarada. Basta dizer que um homem faz o que tem que fazer para escapar da Guerra.

— Certamente poderia nos aconselhar sobre como sobreviver à Guerra de Sangue?

Ghysis cravou o olhar em mim:

— Quer saber como sobreviver à Guerra de Sangue? Três coisas, camarada.

Ele ergueu uma mão mutilada com apenas dois dedos:

— Primeiro, fica bem longe dela. Em segundo lugar, mantém-te longe do inferno dela. E por último... ficas bem longe do maldito inferno dela. Se qualquer parte da Guerra rolar na tua direção, deixa sua imaginação dar um chute na bunda e corre tão longe e rápido quanto puder. Se não conseguires correr, então deita bem quietinho e reza para que passe por ti.

Ele pausou por um momento:

— Exceto que não há lugar onde não toque e quase não há para onde fugir para se livrar dela.

— Se não há para onde correr, por que não há inferos lutando em Sigil?

Sua expressão pareceu amolecer:

— Ah, agora, camarada, olha: eles já lutaram aqui... algumas vezes. Às vezes recebemos um pouco de transbordamento da Guerra de Sangue. Nossa Senhora da Dor, abençoe seu coração cheio de aço, apaga os fogos... algumas vezes.

Ele franziu:

— Houve épocas, algumas épocas aterrorizantes de se molhar os calções, quando eles esmagaram e queimaram e arranharam o caminho através de quarteirões inteiros de Sigil antes que ela decidisse fazer faxina.

Ele estalou a língua e piscou cinicamente:

— Então ela não está sempre tão ansiosa para parar a Guerra de Sangue quanto pode parecer, entende?

— Por que os inferos simplesmente não tomam Sigil?

Ele riu, mas se transformou num golfar tossidor:

— Não me entendam mal: tanto os tanar'ri quanto os baatezu querem Sigil furiosamente. É o campo de apoio mais precioso em todo o maldito multiverso — a Gaiola é a Cidade das Portas e conecta em todo lugar. Não dá pra ignorar, e se estiver servindo na Guerra de Sangue e quiser ganhar, terá que tê-la.

Ghysis tossiu de novo:

— É apenas que os inferos não vão consegui-la enquanto

a Senhora estiver no comando, é tudo. Ela é dura como pregos, suas lâminas cortam mais fundo do que qualquer presa de infero. E isso enrola os talentos dos inferos como não podem acreditar. Uma Senhora quieta, com as mãos nas mangas, segurando a Guerra de Sangue toda ela mesma.

Ele riu amargamente.

— Não acho difícil de acreditar que uma mulher possa parar a Guerra de Sangue — Grace interpôs, e instantaneamente Ghysis pareceu levemente repreendido.

— Mas os inferos ainda são permitidos em Sigil? — continuei.

— Oh, certamente. Não podem brigar nas ruas... muito. Então como terreno neutro, Sigil os permite chacoalhar as caixas cranianas sem tentar se matar. Às vezes conversam aqui. A paz não dura assim por muito tempo, porém...

— Além disso, só porque não podem se matar nas ruas não significa que espionagem, recrutamento e facadas pelas costas não continuam aqui. Lutam batalhas com mentiras e palavras, idiota. Às vezes é tudo na fanfarrice e balbúrdia. E há casas-esconderijo por aqui também. Lugares onde podem esfriar as garras antes do próximo confronto... E também gostam de recrutar aqui. Procurando rapazes recém-chegados aos Planos com um pouco de ganância nos corações que podem tornar parte

de seus gloriosos exércitos.

Ele parou de falar para me olhar de perto:

— Talvez eles tenham te recrutado uma vez, hein, camarada? Parece ter provado a Guerra.

— Talvez.

— A Guerra deixa uma cicatriz em ti, camarada. Saberías. E saberías que nunca queres voltar.

Uma pressão construiu nos recessos da memória, e as têmporas latejaram com agonia enquanto considerava as palavras do homem...



*Este é o lugar onde as esperanças vão morrer.*

*Este é o lugar onde as orações não são ouvidas, caindo como pedras para a terra...*

*raios cor de veia faiscam através de coisas que já foram céu, mas agora fervem sob meus pés e gritam quando as roço...*

*Corro à frente de um grande bando de homens, passando por cânions escuros onde as paredes tremem umidamente e batem como um coração, usando meu próprio sangue como roupa. Por fim fico de pé num lugar onde o terreno cinza-cinzento rasteja como uma*

*massa de cobras, se enrolando ao redor dos tornozelos e sussurrando meu mal para a terra. Marchamos sem fim, silenciosamente, por essa terra sem cor, onde a fadiga parece viver e nos caçar como uma sombra sobre os desperdícios, nos açoitando com desespero...*

*Quero gritar, mas a futilidade arrasta até mesmo esse impulso para as profundezas.*

*Com o tempo, eu e os homens esfarrapados que me seguem deparamos com uma hag sentada sobre um monte de larvas gigantes e se contorcendo, cutucando uma das coisas cobertas de limo com uma garra quebrada. Gesticulo para um dos homens correr à frente e falar com ela; a voz áspera da hag chega aos meus ouvidos...*

*“Gostaria de falar com ele,” ela diz, depois cacalha. Seus olhos brilham enquanto aponta para mim para o homem. “O bonito que lidera sua coluna esfarrapada. Gostaria de falar com ele.”*



— Camarada? Estás bem?

Por um momento a tempestade de cor, textura e aroma me assaltou. Suprimi o pânico que borbulhava como vômito rançoso. Voltar ao Salão das Festividades diretamente do que só podia supor ser o Desperdício Cinzento foi um choque para os sentidos:

— Sim... estou bem. Então, os íferos recrutam frequentemente?

Ghysis assentiu sombriamente:

— Podes ter certeza disso. Sigil é a melhor fonte de bucha de canhão dos Planos. Supera ordenhar planetas de todos os seus habitantes primários... trabalho demais.

No final, Ghysis varreu a multidão uma última vez, e quando não havia mais perguntas deu um aceno firme:

— Certo... este é o último trecho, então. Alguns de vocês são Sensatas, então tenho uma coisa a dizer: não se inscrevam para ver “do que se trata a maldita Guerra de Sangue”. Não sejam idiotas loucos. Usem uma pedra sensorial se precisam saber, mas fiquem longe do inferno de qualquer coisa relacionada à Guerra de Sangue de verdade. Simplesmente não vale a pena. É...

Por um momento uma expressão de grande dor cruzou o rosto do homem; parecia que ia chorar:

— ...não vale a pena, de jeito nenhum. É o fim desta sessão, então adeus.

Tentei dar sentido a essas memórias e sacudir o sentimento opressivo que vinha com elas, enquanto saíamos do Salão de novo.





## Capítulo 82

Dizia-se que este homem era um linguista.

Era um homem baixo e erudito, com um franzido apertado e nervoso no rosto. Ele me olhou de cima a baixo enquanto folheava o maço de papéis na mesa. Era uma tentativa de parecer ocupado de sua parte para que eu pudesse ir embora:

— Saudações; sou Finam. Devo pedir-lhe desculpas, senhor, mas me importo pouco com hóspedes — convidados ou não — então a menos que tenha negócios comigo, pediria que se retirasse.

— Esperava que pudesses me ajudar, na verdade.

— Quero que saiba que sou um estudioso e linguista, senhor — ele bufou. — Embora esteja feliz em responder a quaisquer perguntas sobre meu campo de estudo — linguagem e similares — não posso ser de ajuda em outros assuntos.

Desdobrei o dodecaedro para uma página com “escrita” nele e o apresentei a ele.

Finam tomou o dodecaedro desdobrado nas mãos e o examinou de perto:

— Esta linguagem é uma há muito morta, conhecida por virtualmente ninguém. Acredito que meu pai — um linguista, como eu mesmo — conhecia esta linguagem, e pode muito bem ter sido o único homem em Sigil na época que podia entendê-la. Reconheço-a a partir de suas notas, mas não consigo traduzi-la.

— Ainda tens essas notas?

Finam sacudiu a cabeça:

— Não serão de utilidade para ti se estás procurando traduzir qualquer coisa... e os poucos livros reais que ele tinha pertencentes a essa linguagem desapareceram por volta da época de seu assassinato, acredito.

— Seu pai foi assassinado?

Finam assentiu:

— Estrangulado, foi. Havia saído para dar aulas a alguém — ensinava várias línguas para complementar sua renda de pesquisa — e foi encontrado morto num aposento lateral do Salão Cívico das Festividades. O assassino nunca foi encontrado. Isso foi há... oh... talvez cinquenta anos. Eu era apenas uma criança.

— Ele conhecia a linguagem, porém, e podia ensiná-la?

— Com certeza sabia e podia, se estivesse vivo hoje. Dizia-se que meu pai era um ótimo professor.

Finam suspirou tristemente:



— Tenho sua habilidade com a linguagem, mas infelizmente não a sua paciência com os outros.

— Ele está... guardado no Mortuário?

— Por que não, suas cinzas estão guardadas aqui.

Ele apontou para uma urna de bronze sentada em cima de um armário ao lado de um buquê de flores roxas:

— Por quê?

Um sorriso irônico cruzou os lábios de Finam:

— É um necroscópio? Fala com os mortos?

— Er, não. Só queria prestar respeitos.

Virei-me para Grace com um piscadela. *“Distrai-o”*, articulei em silêncio.

Com um leve bater de asas, Fall-From-Grace se apresentou grandiosamente, mãos abertas e cabeça levemente inclinada:

— Finam, ouvi muito sobre o senhor. Deu uma palestra no Salão Cívico das Festividades, ao que entendo. Sobre as diferenças fonéticas entre os dialetos de Bytopia?

Finam arrancou o chapéu imediatamente, fazendo uma profunda reverência para Fall-From-Grace:

— M-Madame Grace! É uma honra tão grande tê-la em minha casa. Oh meu Deus, por favor perdoe a bagunça...

Toda a pretensão empresarial havia sido abandonada:

— Temo que tenha estado ocupado, veja bem. Não percebi que estava interessada em meu trabalho.

— Estou interessada em todos os assuntos de discurso — Grace sorriu. — Embora tema que tenha estado preocupada com outras coisas. Que pena que perdi sua palestra... devo imaginar que foi fascinante.

Brilhante.

A urna ficava em cima de um pequeno armário, sem dúvida cheia de cinzas e pedaços de osso carbonizado. Gravado na base da urna estava: *“Fin Andlye — Amado Marido, Pai e Estudioso de Cem Idiomas.”*

Lancei um olhar por cima do ombro e, reconfortado que Finam estava preocupado, abri gentilmente a tampa.

Sondando a barreira entre este mundo e o próximo, as cinzas pareceram se agitar levemente como se movidas por meu hálito. Uma voz distante sussurrou de dentro da urna:

— Por que, por que fui convocado para estas cinzas, frias e cinzas como o coração de uma hag?

Agora que o contato havia sido feito, não precisava mais manter tão perto. Encostando na parede e tentando parecer casual, murmurei na voz sem alento dos mortos:

— Para responder algumas perguntas, espírito...

— Pergunta, então, para que possa voltar aos meus pensamentos mais quietos...

— Quem eras?

— Era Fin, um linguista e estudioso. Fui assassinado — assassinado! — por um aluno meu... assassinado para que eu não pudesse ensinar a outro a língua que lhe ensinei. A língua dos Uyo, era, uma das mais raras no multiverso. Não conhecia ninguém que a falasse, exceto eu mesmo e aquele único e maldito aluno assassino...

Com o dodecaedro ainda desdobrado, descrevi a ele a escrita estranha.

— Poderia ensinar-te esta língua, sim... me agradaria fazê-lo, de fato, se apenas para contrariar aquele aluno de mãos sangrentas de outrora. Primeiro, dize-me quais idiomas já falas...

Enquanto o espírito me falava da língua perdida dos Uyo, uma sensação pulsante pulsou nas têmporas enquanto uma memória começava a emergir... memórias da língua. Tudo voltou a mim... letras, palavras, frases, até que — como um vento da Espira soprando a manta de névoa venenosa sobre a Grande Fundição — a língua foi mais uma vez revelada a mim em sua totalidade.

Mas mesmo que aquela memória desbotasse conseguia sentir outra camada por baixo, borbulhando para a superfície... uma mais sombria. Sua presença agitou meu coração, o encheu de inquietação e inexplicáveis pontadas de culpa...



*“Muito bem,” Fin Andlye sorri. Eu havia repetido o poema. Inflexão quase perfeita — sim, sim. Sua voz é gentil. Jeito amável, olhar suave. Os cantos dos seus olhos se vincam do jeito que fazem quando está impressionado.*

*“Espantoso, não é? Ouvir isso em lábios novos traz nova vida tão fresca à cultura mais uma vez,” sua voz incha. Ele está orgulhoso: “Tenho grande fé que com sua fluência poderás fazer muitas coisas. Talvez um dia os Uyo possam viver novamente em livros e discursos. Talvez possas pioneirar o campo.”*

*Preciso fingir sorriso obsequioso. Baixar os olhos, agir escondendo constrangimento com elogios altos. Manter junto — ainda preciso dele só mais um pouco, só mais um pouco.*

*Em breve, sim, em breve.*



*O Salão das Festividades é uma mistura de cores e texturas, lugar muito cheio, preciso encontrar um local isolado. Visões e aromas e sons demais. Saboreio as cores, sinto os aromas. Anéis de vermelho e verde e a música sempre-presente assombrando os corredores com*

*ecos fantasmagóricos. A festa é hoje à noite, corredores abandonados exceto pelas sensações sem mente que os enchem.*

*O silêncio é melhor mas a música ajuda. Acalma.*

*Unhas cavam meus antebraços. Esculpem pequenas feridas de meia-lua em minha carne. As mãos tremem de determinação, encarquilhadas e marcadas de cicatrizes e envolvidas ao redor da frágil garganta de Fin. Cartilagem firme sob carne e músculo flexíveis resistem à compressão. Pressione-o para baixo no chão e coloque peso nele — a garganta esmaga contra as palmas e a pressão faz o sangue brotar nos olhos do homem, capilares estourando.*

*Os sons de sufocamento me dão enjoo. Cala a boca velho cala a boca cala a boca cala a boca.*

*Quando está frio e quieto me agacho ao lado dele tremendo ante o aspecto físico disso. Respira. Seguro, por fim seguro — o diário escondido numa caixa-puzzle dodecaédrica com três armadilhas e escrito na língua obscura dos Uyo. Seguro para sempre de olhos curiosos.*

*A música continua a tocar.*



O espírito pareceu levemente confuso com minha aparente proficiência na língua dos Uyo:

— Pareces já ter algum domínio da língua, estudante...

— Fin... devo dizer-te... fui eu quem te assassinou.

O espírito ficou em silêncio por um tempo, as cinzas farfalhando suavemente dentro da urna. Quando falou de novo, sua voz estava cheia de tristeza:

— Mas... por que... e por que virias até mim mais uma vez? Esqueceste o que havias sido ensinado?

— Não... bem, sim. É difícil de explicar, mas deve ter sido um “eu” anterior meu que te assassinou. Cada vez que morro, acordo, como de um longo sono... mas tendo esquecido tudo... quem eu era, ou o que havia feito...

— Acho que entendo... sinto teu arrependimento e te perdoaria. Que a paz esteja contigo, velho pupilo, e que proves mais gentil nesta vida do que naquela que pôs fim à minha...

— Obrigado, Fin. Adeus.



Voltei ao meu quarto para ler. Escrito por um louco assassino e paranoico, não esperava que muito fosse de real iluminação. Não fiquei muito decepcionado.

*“Os sussurros não são as sombras SE MOVENDO. Estão FALANDO TRAMANDO CONVERSANDO entre elas. Consigo entender algo do que dizem.”*



*“O livro me diz coisas, sussurra coisas. Diz-me para evitar a garota-fantasma, evitá-la. NÃO A CONHEÇO e ela me ATORMENTA.”*



*“WHY CAN’T I DREAM?!”*

*“Usei o Cálice de Semir para forçar um SONHO ACORDADO. Vi uma HAG. Ela me TENTOU, AMEAÇOU-ME com SOMBRAS! Nunca a VI, mas ela veio quando SONHEI. Não devo SONHAR de novo. Devo sempre estar CONSCIENTE. DESTRUÍ O CÁLICE.”*

*“Ela diz ser alguém de PODER, e que me TERÁ, me ENCONTRARÁ. Vai embora, HAG! Fica BEM LONGE de mim! Me deixa em PAZ! Não quero NADA a ver contigo!”*

*“Sua voz cheirava a GARRAS do mal, garras como ARANHAS, elas SE ENTERRARAM na minha matéria cinzenta, e precisava que ela SAÍSSE da minha MENTE. FORA! FORA, hag!”*

*“Ela é um MITO, um CONTO DE FADAS que sozinha DESAFIOU a SENHORA DA DOR! Como se pode LUTAR contra alguém que é um MITO? Não tenho ARMAS. Preciso de armas que a MATEM caso ela me ENCONTRE. Preciso*

*de uma ESTRATÉGIA para que não possa me derrotar quando VIER POR MIM.”*



*“TEME OS NOMES. Os NOMES têm poder na identidade. NOMES podem ser usados como ARMAS por OUTROS. São um GANCHO que pode ser usado para TE RASTREAR TE ENCONTRAR TE CAÇAR pelos Planos. Permanece SEM NOME, e estarás SEGURO.”*



*“Então as CABEÇAS HORRENDAS disseram:”*

*“FOSTE DIVIDIDO. És UM de MUITOS homens. Carregas muitos NOMES; cada um deixou suas cicatrizes na tua carne...”*

PERDIDO — IMORTAL — FIM DE UMA ENCARNAÇÃO  
HOMEM DE MIL MORTES — O CONDENADO À VIDA  
— O INQUIETO

UM DE MUITOS

O QUE A VIDA MANTÉM PRISIONEIRO — O  
TRAZEDOR DE SOMBRAS

O FERIDO — TRAEDOR DE MISÉRIA — YEMETH



*“És um espelho prateado que se RACHOU e os pedaços foram espalhados pela história”*

*“Apenas UM PEDAÇO tem importância. Recupera-o, e tua VIDA será tua novamente. Haverá um preço. Este preço te comprará uma chance. Sem a chance, estás CONDENADO...”*

*“PERDESTES AQUILO QUE NUNCA DEVERIA SER SEPARADO DO HOMEM. TUA MORTALIDADE TE FOI ARRANCADA. PERDIDA. ELA EXISTE, MAS DEVES ENCONTRÁ-LA ANTES QUE TUA MENTE TAMBÉM SE PERCA.”*



*“UM LEGADO, dizia a nota, ‘NÃO TE ESQUEÇAS DE COLETAR TEU LEGADO,’ e um pequeno CÓDIGO raspado ao lado: 51-AA...”*

*“Uma ARMADILHA, sem dúvida, armada por mais um dos meus FALSOS EUS. Verei que seja DESTRUÍDO.”*

A maior parte sem sentido, algo perturbador, tudo louco. Mas o número do legado era interessante. Planejei voltar a Iannis amanhã.





## Capítulo 83

### Entrada do Labirinto 1

Tentando me manter são escrevendo meus pensamentos. Não tenho como contar o tempo aqui dentro, mas estou bloqueado do mundo lá fora. O isolamento e o silêncio incubam meus pensamentos, e enquanto os segundos raspam embora tornou-se muito fácil me voltar para dentro. As memórias do passado borbulham e se misturam com as minhas, e os dois fluxos de pensamento incham os minutos em eras.



### Entrada do Labirinto 2

O labirinto não tem barreiras, apenas caminhos sinuosos separados uns dos outros por abismos de profundidade sem luz. Caminhos estreitos limitam meu movimento, enquanto a exposição de não ter paredes para me proteger me deixa sentindo vulnerável a quaisquer espectros que possam atacar.

Embora saiba que não há mais nada aqui, de vez em quando olho por cima do ombro. Não sei por quê.

Não saber quão fundos são — talvez vazio infinito — não consigo cair, não consigo cair.



### **Entrada do Labirinto 3**

Droga estou com fome.

Devem ser semanas aqui embaixo. O estômago inchou e murchou e inchou de novo. O corpo em regeneração mantém a morte à distância.



### **Entrada do Labirinto 4**

dez noites sem dormir vão e voltam — olhar de vidro claro do insone — fica nublado — não consigo dormir

O chão é duro para dormir, mas deitar e descansar é pequeno consolo. A sensação de estar ao ar livre dificulta o descanso, e mesmo que consiga cochilar sonhos vestigiais arranham minha mente e me deixam num semi-sono agitado. Às vezes me arrependo de ter meus sonhos restaurados.

*Ó lábios cheios de luxúria e de riso, Cobras enroladas que são alimentadas do meu peito, Morde com força, para*

*que a lembrança não venha depois E pressione com novos lábios onde pressionaste.*

*Nossa Senhora da Dor.*



## **Entrada do Labirinto 5**

Dizem que quando a Senhora labirinta as pessoas, ela deixa uma saída aqui em algum lugar, mas está tão bem escondida que as pessoas enlouquecem de desespero procurando por ela. Estou me mantendo bem, porém. Tenho certeza de que consigo encontrá-la.

Só queria que a voz na minha cabeça fechasse a boca.



## **Entrada do Labirinto 6**

Ainda estou com fome.

Cólicas de fome distraindo. Devo comer e limpar a mente se quero escapar. Conjurei um pouco de água e um toque de fogo.

O processo é doloroso, mas o acesso é fácil com um pouco de dobramento e uma lâmina polida. Rim fatiado em pedaços finos e fervido para sopa. Carnudo. Tem gosto levemente de urina.



## **Entrada do Labirinto 7**

Encontrei algumas marcas de garras ao longo do caminho e um pouco de sangue seco. Parece que alguém entrou em certo frenesi aqui. Parece um bom sinal porém... estou começando a traçar o caminho que minha encarnação anterior tomou. Deve ter encontrado uma forma de escapar no passado.

*Pois a coroa de nossa vida enquanto se fecha É escuridão, o fruto dela pó; Nenhum espinho vai tão fundo quanto o de uma rosa, E o amor é mais cruel que a luxúria. Nossa Senhora da Dor.*



## **Entrada do Labirinto 8**

Encontrei um pedaço de raiz de gar-bar preso no fundo da mochila. Tirei o fiapo. Foi a coisa mais deliciosa que já comi.

A regeneração está muito lenta. Estou ficando sem rins.



## **Entrada do Labirinto 9**

Encontrei um portal emoldurado por um arco. Passei por ele, mas tudo que fez foi me transportar para outra parte do labirinto.



## **Entrada do Labirinto 10**

Jackpot.

Encontrei um acampamento rudimentar. Um poço de fogo havia sido queimado no chão de pedra, e dois cobertores velhos e surrados serviam de catre. Um sortimento de ossos humanos carbonizados havia sido empilhado de lado, perturbador e estranhamente familiar. Não me aproximo deles.

*dói dói dói dói*

Vasculhando ao redor, porém, descobri um pesado martelo de guerra e um diário. Construído de forma inteligente, a moldura era feita de ossos humanos emendados, com folhas de pele humana seca esticadas por eles. As peles haviam cicatrizado juntas formando a espinha do diário, e travado outras páginas de pele entre elas. A capa era da mesma palidez que minha carne, e sua superfície cinza e marcada de cicatrizes era remanescente do couro de um zumbi.

Era bastante óbvio do que isso havia sido feito.

Uma série de símbolos incompreensíveis havia sido escrita em sangue pela capa. Tinham sido rabiscados com uma mão louca, e escritos de cabeça para baixo, da direita para a esquerda, e em ângulos estranhos que machucavam os olhos.



## **Entrada do Labirinto 11**

Tentei mais e mais vezes decifrar os símbolos. Não pareciam seguir nenhum padrão... pelo menos, nenhum padrão que eu pudesse ver. Pelo menos foi bom ter cobertores de novo.



## **Entrada do Labirinto 12**

Foi como um raio perfurando o céu.

Bem quando eu havia re-engatado a moldura de osso depois de outro período de estudo, fui atingido por um pensamento estranho... e se as páginas internas não fossem para fazer sentido? Eu... ou quem quer que eu fosse na época... coloquei os símbolos lá para enganar qualquer um que procurasse ler o conteúdo real, que estava escondido em algum outro lugar na moldura do diário.

Pelos Poderes, este era paranoico...

Com um pouco de ajuste descobri que um dos ossos tinha uma longa fratura de fio de cabelo ao redor de uma das pontas. Pus a mão sobre a borda e torci a parte superior do osso, revelando um espaço oco. Dentro havia um pequeno recorte de pele enrolado.

Estava coberto de escrita, com palavras rabiscadas sobre e sobre ele de novo até estar quase ilegível. Mesmo assim consegui decifrar algumas das palavras e símbolos...

*“PRESO Preso SENHORA’S vontade seja feita ESQUIVA o olhar dela... MUITOS MATEI, muitos demais, estrangulei e matei e parei a RESPIRAÇÃO em suas gargantas... há uma SAÍDA EU SEI então darei a rir para a de Lâminas... UM dos ARCOS tem saída, UM deles tem, UM tem a saída, não dá para continuar PASSANDO por eles um de cada vez, talvez — talvez eu deva passar por um, DEPOIS caminhar de volta ao mesmo portal sem...”*

A entrada se esvaiu em rabiscos indecifráveis.

Se este havia sido labirintado por matar demais, perguntei-me quem foi labirintado por orar à Senhora. Quantas encarnações tinham sido presas aqui? Quantas morreram e acordaram neste poço de loucura?

Na verdade, não queria saber.





## **Entrada do Labirinto 13**

Mapeei todos os arcos. Como sugerido pela entrada do diário peguei um, depois retornei a ele mais uma vez depois de ter sido teleportado. Acho que encontrei o portal certo. Passei por ele uma vez, e quando voltei o destino para onde levava havia mudado.

Sim. Agora este arco... as bordas do portal cintilavam com trilhas de poeira prateada, e através dele conseguia ver uma rua de tijolos cinza desconhecida. A música de um grupo de apresentadores soou por ele, despedaçando o silêncio em que havia estado preso por tanto tempo.

Passei para a libertação.





$$\nabla \cdot \mathbf{E} = \rho$$
$$\nabla \times \mathbf{E} = -\frac{\partial \mathbf{B}}{\partial t}$$
$$\nabla \cdot \mathbf{B} = 0$$

$$\Delta = \square$$
$$\nabla \cdot \mathbf{M} = 0$$
$$\nabla \times \mathbf{M} = 0$$
$$\therefore \mathbf{M} = -\nabla \phi$$

$$\phi = \Sigma$$
$$\Delta t = -?$$
$$\Omega = \infty?$$

$$\nabla \cdot \mathbf{E} = \rho$$
$$\nabla \times \mathbf{E} = -\frac{\partial \mathbf{B}}{\partial t}$$
$$\nabla \cdot \mathbf{B} = 0$$



## Capítulo 84

Annah me saudou calorosamente no meu retorno. Ela me abraçou e pressionou a pele quente à minha, que havia sido coberta pelo frio do Labirinto por tanto tempo.

Realmente devia ter sido mais suspeito.

Agachado e curvado sobre o chão dos meus aposentos agarrava o peito, ofegando. Soltar uma profunda e nauseante tosse permitiu que um pouco de bile esguichasse pelos lábios. Era tudo que podia fazer para não vomitar as entranhas então. Sorte, então, que Annah foi embora em vez de me trabalhar mais.

A agonia era lenta em receder.

— Awww, parece que alguém sentiu tua falta — Morte disse, balançando. — De verdade porém, chefe, nos deste um susto e tanto. Achamos que tinha acabado.

— Foi *sabido* por mim que teu destino não terminaria ali — Dak'kon acrescentou. O alívio em sua voz era claro. — No entanto foi através da convicção de Fall-From-Grace que nos mantivemos tão bem na tua ausência.

— Ele tem razão, chefe. Digo que teríamos nos separado de quatro jeitos se não fosse por ela.

— Um consenso requer o acordo de todas as partes, Morte. Não subestime suas próprias contribuições — Grace disse modestamente.

Levantei-me. Dak'kon foi gentil o suficiente para me ajudar a me segurar enquanto fazia um círculo para trabalhar o resto da dor:

— Então quanto tempo foi?

— Uma dezena completa de dias — Grace disse, sua voz suave. — Tudo que tínhamos era tempo. Muitas horas foram gastas pesquisando nos registros dos Guvners daqueles que haviam escapado dos Labirintos. Os contos eram poucos. Até tentamos contratar aqueles que se supunha terem ido em expedições para salvar aqueles que haviam sido vítimas da ira da Senhora.

— Os filhos da puta estavam mentindo pelos dentes fora. Acredita em mim, chefe. Quando se jogou fora tantos contos altos quanto eu, sabe-se quem está planejando te enganar e quem não está.

— Pareceu muito mais do que dez dias... — gemi. Com cada passo ficava mais fácil falar. — Pareceram semanas. Meses. Sem forma de contar o tempo, memórias sobrepostas a memórias...

— *Query*: por qual mecanismo se escapou da dimensão espacial invertida conhecida no singular como os Labirintos?

— Explico mais tarde. Por ora, poderia muito usar algo para comer.



Vieiras seladas num molho Arborea agridoce de vinho, ensopado de amêijoia e açafrão sobre uma cama de massa, bife em cubos temperado com shiftspice, e um caneco de hidromel Ysgardiano adocicado.

Estava fazendo o meu melhor para saborear devagar. Não seria bom celebrar minha fuga engolindo tudo e tendo tudo de volta num beco.

Nordom tinha tentado imitar nossos modos, e o barman foi gentil o suficiente para lhe dar um caneco vazio para brincar. Ele passou alguns momentos batendo a borda do caneco contra o rosto, mas eventualmente desistiu e se contentou brincando com as bestas. Faziam uma variedade de sons de clique, primeiro uma, depois a outra, como se conversando.

— O que estás fazendo com as bestas?

— *Attention*, Nordom: requerida!

Nordom se virou para mim, gaguejou no meio do caminho, depois se reorientou com um clank:

— Resposta à *Query*: Ação sendo executada nas bestas? Submeter Pedido de Esclarecimento: Bestas nulas

presentes.

— Tens um par de bestas bem ali, Nordom — aponte com um osso de frango. Estava em processo de ser roído até ficar limpo.

— *Clarification:* Declaração “repleta de falácias.” Nordom não emprega bestas.

Ele gaguejou por um momento, depois de repente as bestas estavam apontadas para mim — mas não as vi se mover:

— B-b-b-bestas nulas.

— Não aponta essas bestas para mim.

Pisquei por apenas um momento — e as bestas estavam de repente apontadas para Nordom. Ele parecia alheio aos seus movimentos, o olhar permanecendo focado em mim:

— Contradição não inicia contração. Bestas nulas.

— Ah, de verdade? Como chamas aqueles dois objetos que *-klikam-* nas tuas mãos, Nordom?

— *Response:* Dois objetos *-KLIKANDO-* mantidos em dígitos oponíveis.

Nordom ergueu seus dedos rebitados e agitou as duas bestas, que de repente começaram a klikitar e tilitar, como se irritadas:

— *Response:* Objetos = Espíritos de Engrenagem.

— Espíritos de Engrenagem? O que queres dizer?

— *Query*: Definir: Espíritos de Engrenagem. *Response*: Espíritos de Engrenagem.

— Sim, mas o que são espíritos de engrenagem?

— Chefe, por mais divertido que isso seja, arrancar um banco de um traseiro de baatezu pode ser mais proveitoso do que bater as caixas cranianas com este polígono idiota.

— Sabes o que são espíritos de engrenagem, Morte?

— Chefe, não faço ideia do que este cubo está tagarelando.

— Achei que eras o especialista nos Planos.

— Wh — Sei mais do que tu, seu amnésico estupefato e gutural! Também, aqui estão mais três informações para chacoalhar naquela caixa craniana vazia: primeiro, não há ESPECIALISTAS nos Planos, segundo, sou a coisa mais próxima de um que vais encontrar, e terceiro, trata-me com um pouco de respeito. Por quê? Vê o segundo motivo.

Por fim, depois de muitos meandros de conversa, descobri os fatos essenciais: Nordom era um modron quadrone que havia se tornado “rogue” ao ser exposto ao caos de Limbo enquanto construía Rubikon. Ao fazer isso, havia se desconectado da Fonte modron — a consciência coletiva — e na prática se tornado mortal. Quando morresse, o que morresse não seria um novo Nordom.

— E disse que sou o novo Diretor Criativo de Rubikon.



Nordom me encarou por um momento em silêncio, depois um lento whrrrr veio de dentro de sua moldura e ele KLIKOU. Não tinha certeza, mas pareceu que algo se encaixou no lugar.

— *Status Updated*: Diretor Criativo agora reafirmado na hierarquia.

Para minha surpresa, algo do chiado havia saído da voz de Nordom; era mais uniforme, mais controlada do que antes.

— Hmmm. Nordom... por curiosidade, que tipo de deveres é o Diretor Criativo responsável? E quanto precisas obedecê-lo?

— *Response*: Responsabilidades do Diretor: (A) Manutenção de Integridade do Projeto Rubikon, (2) Emissão de Ordens ao batalhão/grupo de trabalho Rubikon. Período de obediência em conformidade com obediência Nordom: Até o projeto Rubikon ser interrompido, Diretor Criativo = superior de Nordom.

— Então... farás tudo que te digo?

— *Affirmatory*.

— Faz uma pequena dança para mim, Nordom.

Nordom imediatamente executou uma pequena giga. Suas engrenagens tilintaram e suas articulações rangeram, mas foi uma giga tão alegre quanto um modron pode executar. Quando terminou, Nordom se assentou,



depois os olhos klikaram abertos:

- Ordem p-p-p-processada.
- Bem isso certamente fez meu dia, chefe.





## Capítulo 85

— Saudações, Iannis.

— Tu de novo.

Os olhos de Iannis estavam assombrados. Nas semanas ou mais desde que o havia visto ele parecia ter envelhecido vários anos. Sua curvatura era mais pronunciada, sua pele mais fina e mais pálida. Muitas noites sem dormir encadeadas pesavam sobre seus olhos. Deve ter visto a pedra sensorial de Deionarra:

— Estou aqui para recolher um legado.

— De verdade?

Ele soou apenas mildly interessado:

— Muito bem... lembra-se do legado em questão?

— O legado é o número “51-AA”, acredito — disse, recitando o número do dodecaedro. Estava indelevelmente gravado na memória, dado quantas vezes havia perscrutado aquele diário numa tentativa fútil de afastar a loucura do tédio.

Ele me olhou com surpresa ao eu nomear o legado:

— Esse é extremamente antigo... tens certeza... espero que não tenha sido um dos que foram queimados...

— Quão antigo é?

— Bem...

Iannis ponderou por um momento:

— Várias décadas pelo menos.

— Podes verificar se o legado ainda existe?

— Oh, sim, claro... levará um momento.

— Muito bem, esperarei.

Iannis voltou depois de um tempo, assentindo:

— Sim, felizmente estava ileso pelo fogo. Todos os artigos estão seguros.

— Poderia recolhê-lo? Sou o beneficiário.

— Claro... assine aqui e aqui... na linha pontilhada...

Rabisquei um pequeno X em cada linha em vez de um nome adequado. Iannis franziu, mas pareceu suficiente para ele.

— Pronto; esse deve ser o último dos papéis. Aqui estão todos os itens que estavam no Cofre... um parece ser um recibo da Fundição, embora bastante antigo, com certeza.

O pacote que ele entregou incluía um olho de vidro e o que parecia ser um pedaço de pão fossilizado. Nossa. Este era um artefato antigo que havia lido nas bibliotecas Godsman... a Garganta-de-Pedra de L'phahl o Grosso.

*Como a "lenda" vai, L'phahl o Grosso era dito ter sido um*

*praticante promissor da Arte, aprendiz de um dos Últimos Videntes de Es-Annon. Apesar de sua habilidade na Arte, porém, sua gula era objeto de muito ridículo entre seus colegas.*

*Durante a última grande Assembleia de Es-Annon, L'phahl foi convidado a jantar na mesa central, mas sem que soubesse, seus colegas haviam enchido seu cálice de vinho com um elixir de transformar carne em pedra para dar ao rotundo estudante uma “lição”.*

*L'phahl consumiu tanta comida e bebida durante a Assembleia, porém, que diluiu os efeitos da poção. Reclamando de dor de estômago horas depois do banquete, os curandeiros locais descobriram que o estômago de L'phahl havia se transformado em pedra, mas ainda era capaz de digerir comida. L'phahl viveu o resto de seus dias felizmente comendo, embora sua garganta fosse alguns quilos mais pesada do que antes.*

*Quando por fim morreu, seu estômago foi removido como uma curiosidade... e desde então “vagou” pelos Planos em busca de novos estômagos.*

*Deixei isto para mim por uma razão. Mais valia aproveitar ao máximo.*

*GULP*

*Nossa. Totalmente repugnante.*

*Realmente queria um copo d'água para engolir isso.*

Raspando os últimos pedaços da Garganta de minha língua e engolindo (não desperdiçando assim nenhuma magia) nos conduzi para baixo até a Fundição.



Com o recibo da Fundição em mãos, voltei ao velho Nadilin no balcão. Após verificar o papel centenário e franzir muito, ele foi aos fundos e voltou com um fragmento de metal filigranado reluzente. Parecia quase diáfano, mas com bordas espinhosas que dificultavam o manuseio. Descobri que poderia se desdobrar numa abertura quadrada grande o suficiente para caminhar através.

Não sabia para onde ia agora, mas devia ser importante se o havia encomendado para mim mesmo.

Nordom examinou-o curiosamente, e uma lente clicou sobre um de seus olhos:

— *Know what it is*, Nordom?

— *Negatory* — ele respondeu. — Item parece possuir características espaciais anômalas encapsuladas dentro de si. Análise: efeito similar ao cubo modron. Correlação de padrões de curvatura espacial invertida: 42,0045%.

— Então é algum tipo de portal, achas?

— Pensar-pensar — ele clicou, confuso. — Penso,

portanto sou... acho.

— Esquece.

Tudo que precisavas agora era encontrar a chave adequada.



Na Galeria de Sensorários privados havia uma pedra que havia intencionalmente evitado. Não sabia por que tinha medo dela. Seu cristal verde doentio parecia pulsar como uma ferida cheia de pus. Onde as faixas de prata que prendiam outras pedras sensoriais eram delicadas, quase castas ao conter as memórias que jaziam dentro, as espirais de metal ao redor desta eram mais como uma gaiola aprisionando os horrores que jaziam dentro.

A inscrição abaixo dizia: *“O Mensageiro.”*

O nome inocente tornava tudo isso ainda mais aterrorizante, de alguma forma.

Ao tocar a pedra, seu exterior verde ficou nítido, clashing, seu brilho se tornando mais do que conseguia suportar, tanto que fechei os olhos para bloqueá-lo...

A pele ao longo dos meus braços estava entorpecida, como se toda a sensação tivesse sangrado deles. Cansado... tão cansado. Tento piscar, mas a escuridão permanece; as pálpebras parecem moles e vagarosas, não

responsivas. O chão de terra é duro abaixo de mim, e ao redor está o cheiro de cobre de sangue e... ervas? Por que estou aqui?

Tento me orientar com uma tentativa fútil de mover os membros. Por que não consigo me mover?

*“Ah... acordou agora, está? A-questionando tudo feito?”* A voz é de uma mulher velha, grossa e áspera, como se tentando forçar caminho através de uma grossa camada de pó. Por mais que tente, não consigo abrir os olhos e ver a mulher, mas um arrepio de medo percorre minha espinha.

*“Agora, a-me veja o fez, a-falou o fez e mal, então o preço pagou, hmnnn?”* A crone soa divertida, depois seu tom cai bruscamente. *“Não mais as tuas perguntas; agora OUVIRÁS, e a-lembrarás minhas palavras, pois em guardar-me, viverás. Acena se me ouves, ou OUTRO pedaço tomarei.”*

Aceno.

*“A-lembra-me, viajante. A-lembra-me a uma pedra, um dos lindos brilhantes no teu Salão das Festividades — usa-a como um copo, despeja o que sentes nela, e sabe isto: a-lembra-me a um homem que usa uma pele de cicatrizes e tatuagens, que busca memórias mas as a-perdeu; se esperto for, a-saberá o a-saber de MIM. Diz a ele para me encontrar — ou se não estou a-encontrar, diz a ele para vir à pedra-brilhante, e falaremos, meu precioso homem e eu.”*

A mulher pausa, depois sibila de novo:

*“ACENA se me a-ouves, coisa esfarrapada!”*

Aceno de novo.

*“Ah... bonito, educado a-ouvir tanto tempo... quando vier à pedra-brilhante, diz ao homem para falar meu nome, e tua dor não terá sido em vão...”*

A voz da crone foi desbotando, como se distraída. Tento falar de novo, mas há apenas um ruído doentio de gorgolejo...

*“Ravel! Ravel, sou eu!”*

O reconhecimento de que isto era apenas uma sensação, uma memória guardada numa pedra, me sacudiu acordado rápido o suficiente para que conseguisse gritar o nome dela. O grito soou oco, como se afogado pela escuridão na qual eu estava escorregando...

Há silêncio:

*“Ravel..?”*

*“Ahhh... meu precioso homem.”*

Há o arrastar lento de pés, e sinto uma picadinha aguda no olho esquerdo; ofego, e de repente, mal, consigo VER — com meu único olho. Jaz num chulé cinza, sobre um chão sujo, onde sangue, meu sangue vermelho-brilhante infiltrou-se na poeira cinza ao redor. Me curvo para frente, olhando para baixo. O véu sobre minha visão se limpa um



pouco a cada piscar, e olho para baixo. Meus braços foram arrancados, minhas pernas decepadas nos joelhos.

No entanto... sinto-me entorpecido, e não há dor... apenas medo.

Ergo o olhar através de minha visão sangrenta e turva, para ver um rosto horrível azul-acinzentado, sorrindo com presas amareladas:

*“Ravel está satisfeita — a-perguntando estava se este mensageiro chegaria, pois fraco estava quando seus pedaços foram colocados no meu prato...”*

Ela ergue uma garra na minha frente, e empalado na ponta dela está um globo ocular — o direito:

*“Mas ao Salão Festivo ele voltou ao que parece, e nosso tempo-dois-juntos ele compartilhou. E agora vieste... sucesso!”*

— Ravel... como estou falando contigo, se esta é a experiência de outra pessoa?

*“De pedras e experiências e contando irá Ravel fazer, mas não o contando de como te fala agora.”* Ela fala soothingly. *“Muitos são os ramos e torções de Ravel, e muitos são seus segredos. Preciso de ti, e preciso que saibas disso.”*

— Ravel... tenho muitas perguntas para ti.

A crone balança a cabeça:

*“Não, apenas tempo para respostas tem Ravel, e não tem tempo a-desperdiçar com tuas perguntas-suposição. Sabe isto, e no saber cresce forte: deves ME ENCONTRAR, meu precioso homem.”*

— Mas como? Não sei —

*“Tchhh! Estou além do saber, num lugar da Senhora. Agora shhh-e-a-ouve Ravel, pois há muito que deves fazer — para me encontrar, a-três coisas deves fazer: encontra a porta, sabe a chave, depois abre a chave.”*

— Porta?

*“A porta não é coisa acabada... pelo menos, quando por última vez lancei os olhos sobre ela, hmnnn? Mas na passagem do tempo, talvez agora bem-forjada esteja. Vai ao lugar das forjas e aço; talvez lá encontres a porta que leva a mim...”*

A Fundação... o portal e a chave... me lembrei do que Quell havia me dito:

— Ravel, recuperei o portal, e sei que a chave é um pedaço teu, mas não sei como encontrá-la —

*“A chave É de mim, não é... nó? Eh...”* A crone sibila, como se tentando reunir seus pensamentos. *“Não é imagem, não é conto, não é pedra, mas a chave é algo de MIM, um labor da minha própria carne e sangue. Busca-a! Vive ela...”*

— O que queres dizer com “abre a chave”?

*“A-saber a chave NÃO é suficiente, assim Ravel pensa. Saber e a-abrir, duas tarefas que devem se unir... pois às vezes, uma coisa não sabe sua natureza... mas tu não és estranho a isso...”*

Ravel cacacalha, um longo e horrível grito que enche meus ouvidos de dor...

*“Farewell, Ravel...”* murmuro.

*“Retorna — darei a ajuda que puder...”* Ravel dá um sorriso final, um horrível sorriso amarelo de presas; uma língua enegrecida darda dos lábios e se demora na beira, provocadora.

*“Mas no fim, apenas uma questão permanece...”*

— O que queres dizer, Ravel?

*“Apenas uma questão, isso peço...”* Os olhos de Ravel ardem como fogos, a luz vermelha tornando seu rosto vermelho-sangue.

*“O que pode mudar a natureza de um homem?”*

Com a questão, um tremor passou, como trovão, e sinto queimar...

Minha visão se limpou, até estar de pé uma vez mais diante da pedra horrivelmente verde... ela parecia diferente do que antes, mais... horrível, de alguma forma.

Imediatamente movi meus membros, passei a língua pelos dentes e me delicieei com o fato de estar inteiro.

— Era uma daquelas pedras de novo, não era, chefe?

Assenti:

— Agora sei o que fazer. Sei como encontrar Ravel Puzzlewell.





## Capítulo 86

— Sabes onde posso encontrar um “pedaço” de Ravel?

Annah enrugou o nariz:

— Um pedaço daquela hag? Nay, não sei onde encontrarias tal coisa.

Annah pensou por um momento, a cauda balançando lentamente para frente e para trás, depois sorriu. Era uma mudança refrescante: raramente tratava de tais entidades sinistras de forma tão leve:

— A-claro, ela provavelmente deixou semente suficiente espalhada pelos Planos que poderias perguntar a uma delas.

— O que queres dizer?

— Semente, parentes, pequeninas — a Velha Ravel é dita ter uma porção de filhas, assim dizem os contadores de histórias — ou apenas uma, dependendo de qual contador perguntas — e se estão bebendo enquanto falas com eles.

A voz de Annah caiu para um murmúrio:

— Ravel as pariu de algum ífero, dizem os contos.

— Achas que uma dessas filhas ainda pode estar por aí? Podem saber algo sobre como chegar até ela.

Annah deu de ombros:

— Não sei. Com certeza não quereria encontrar uma delas. Se são metade tão malvadas quanto ela...

Ela foi embora.



No Bordel, Yves sorriu ao meu pedido:

— O conto de Ravel Puzzlewell, assombradora de crianças, começa e termina com uma questão: *O que pode mudar a natureza de um homem?*

— Muitas foram as vezes que ela pôs este enigma àqueles que se aproximavam dela, àqueles que buscavam adquirir dela as estranhas magias que ela sozinha parecia possuir. Todos tentaram responder à sua questão, mas em vão... e descobriram que o preço de sua resposta errada era algum destino horrível, sempre mais terrível que o da vítima anterior.

— O conto me atinge desta forma: a própria Ravel não conhecia a resposta a esta questão, mas ansiava por tal resposta. Apenas o porquê do assunto permanecia em questão. Por que a natureza de um homem importava para uma das Irmãs Cinzentas, especialmente de uma de tal poder como Ravel?

— Diz-se que ela pôs a questão à Senhora da Dor; não

diretamente, mas gritou-a ao próprio Sigil, desafiando a Senhora a responder. Quando nenhuma resposta veio, teceu terríveis magias que ameaçaram abrir a Gaiola e deixar a fúria dos Planos entrar como uma onda.

— Não recebeu nenhuma resposta senão o banimento. Até hoje, ninguém conhece a resposta à questão de Ravel... e agora não há ninguém a peticionar, pois a própria Ravel foi perdida para os Planos.

— Hmm... é melhor eu perguntar a alguns outros...

— Espera... há mais. Embora meu conto termine com o fim de Ravel, há alguns que afirmam que a hag ainda vive. Há uma prostituta silenciosa aqui que um dia falava de tais coisas, mas não fala mais. Se ela falasse contigo, poderia te contar mais de Ravel.

— Há mais que podes me dizer sobre esta prostituta silenciosa?

— Ecco?

Yves franziu, pensativa:

— Ouvi um conto de uma garota que conhecia a palavra que, se falada, desfaria o multiverso. Talvez esta seja Ecco. Pergunta a Dolora, porém... entendo que ela às vezes se encontra com alguém que conheceu Ecco antes de ela parar de falar.



Com a ajuda de Dolora, descobri que Ecco era uma construto e que Merriman tinha as chaves do seu coração. Depois de uma série de recados — obtendo um fragmento do Pássaro Sombrio de Ocanthus num caneco encantado para apagar as memórias de Merriman — trouxe a Dolora sua liberdade emocional e finalmente cheguei a conversar com Ecco.

Ecco apontava que ela havia tido a voz roubada pela godling Paramisha com ciúme. Só uma nova voz poderia devolver-lhe a capacidade de comunicação. Depois de negociar com Vrischika — a Língua do Infero primeiro, depois as Lágrimas da Deva para acalmar a maldição da língua — Ecco finalmente conseguiu falar de novo.

— Ravel não apenas existe como tem filhas! — ela disse, sua voz como o tilintamento de sinos. — Uma delas fica aqui às vezes... Kesai-Serris. É uma filha de Ravel, embora seja relutante em aceitar o fato. Quem poderia culpá-la?







## Capítulo 87

Dolora piscou os olhos para mim com um súbito flash ao eu me aproximar:

— Encontrastes-o? Ele concordou em devolver as chaves do meu coração?

— Sim... tenho as chaves do teu coração. Aqui estão.

— Por fim...

Ao ela tomar as chaves do meu aperto, sua mão roçou a minha — sua pele era seca, mas gelada ao toque, como metal frio:

— Estas serão de grande utilidade para mim. Agradeço-te.

Olhei para ela curiosamente:

— Esperava aprender mais sobre tua natureza.

Dolora piscou:

— Merriman nunca me disse muito sobre minha construção. Sei pouco dos funcionamentos internos do meu corpo, muito como provavelmente sabes pouco dos teus. Externamente, porém, sou uma mulher humana em todos os aspectos... exceto pela textura e temperatura da minha carne. Isso satisfaz tua curiosidade?

— E tua mente, tuas emoções?

— Suas funções são tanto um mistério para mim quanto as de qualquer humano. Quando vim a este lugar pela primeira vez, não entendia emoções, nem tinha nenhuma própria. Tenho... sentimentos... agora, embora esteja apenas começando a entendê-los.

— O que as chaves fazem, exatamente?

— Só posso supor que Merriman fez as chaves para que não houvesse risco de eu me afastar dele antes que ele tivesse se cansado do seu experimento. Agora que estão na minha posse, sou livre para desenvolver e possuir minhas próprias emoções.

Assenti, satisfeito, e me despedi com votos do melhor para Dolora.





## Capítulo 88

Kesai-Serris sorriu calorosamente ao eu me aproximar, empurrando uma mecha ondulada de cabelo para longe de seus olhos carmesins brilhantes:

— Bem, saudações de novo... algo que posso fazer por ti, hmmm?

Poderia ela realmente ser filha de Ravel? Olhei-a de cima a baixo... certamente não parecia muito com uma hag.

Kesai-Serris sorriu, provavelmente tomando meu estudo de suas feições como ogling. Poucos clientes devem ter-lhe dado tal tratamento.

— Se não te importas que eu pergunte, o que és?

— O que sou?

Kesai-Serris piscou, depois inclinou a cabeça de lado:

— Sou uma tiefling. Como podes ver.

— Mas teu pai... ou tua mãe... eram diferentes?

Os olhos carmesins se estreitaram levemente:

— Por que perguntas?

— Estou procurando alguém... e acho que podes estar relacionada a ela.

— Relacionada a quem?

Respirei fundo:

— A Ravel Puzzlewell.

Por um longo momento Kesai-Serris ficou absolutamente quieta. Depois, devagar, seus olhos carmesins se afastaram dos meus. Quando ela falou, sua voz era baixa e cuidadosa:

— Não sei do que estás falando.

— Acho que sabes.

— Estás enganado.

— Kesai...

— Por favor.

A última palavra foi dita de forma tão quieta, tão cansada, que por um momento não tive vontade de pressionar. Era o cansaço de alguém que havia carregado algo pesado por muito tempo e estava exausta de apenas tentar mantê-lo equilibrado.

— Sou filha de Ravel — ela disse por fim, sem me olhar.

— Mas isso não faz de mim Ravel. E não posso te ajudar a encontrá-la.

— Por que não?

— Porque... porque não quero ter nada a ver com ela.

— Kesai-Serris finalmente me olhou, e havia algo nos olhos vermelho-rubi que não era raiva ou medo, mas algo mais

antigo e mais fundo. — Ela é o que ela é. Eu sou o que sou. Não são a mesma coisa.

Fiquei em silêncio por um momento.

— Preciso de algo dela — disse por fim. — Apenas um... vestígio. Algo da sua natureza. Para abrir um portal que leve a ela.

Kesai-Serris ficou em silêncio por um longo momento. A cauda — que eu mal havia notado antes — começou a fazer um trejeito suave.

— E se eu te der isso — ela disse finalmente — isso encerra nossa conversa? Nunca voltas a me perguntar sobre ela?

— Tens minha palavra.

Ela assentiu, devagar.

— Então que assim seja.

E Kesai-Serris estendeu a mão.





## Capítulo 89

Era como saltar numa piscina de água fria num dia quente de verão. O salto do meu aconchegante apartamento no Salão Cívico das Festividades para a penumbra do labirinto de Ravel deixou minha cabeça girando, sem saber o que era cima ou baixo, direita ou esquerda. Como no meu próprio labirinto o ar era frio, mas enquanto o meu guardava a frieza enlouquecedora do vazio, aqui o ar era úmido. A umidade tornava tudo ainda mais grotesco.

O chão era incomumente macio aqui, e ao espremer sob as botas ao pousar tropecei, me segurando nas mãos e joelhos. Minha carne pousou suavemente, e sob as palmas havia musgo frio. O aroma terroso de putrefação era espesso aqui, o detrito frio e pegajoso contra a pele.

De alguma forma o musgo parecia se mover sob mim, se contorcendo como se ansioso por absorver o calor da pele.

À distância havia o guincho de vinhas se apertando e madeira rangendo.

— Isto... — Dak'kon murmurou — ...este labirinto é vontade feita carne.

— Ah, os lugares maravilhosos para onde me leva, chefe. Obrigado. De verdade.



Nordom trinou:

— Portal detectado.

— Estão em todo lugar, Nordom — resmunguei. — Não se incomode em mapear o lugar... o espaço se curvou sobre si mesmo e todos os caminhos levam de volta ao centro. Diabos, pode ser mais fácil encontrar Ravel do que evitá-la aqui dentro.

— Não nos está deixando sentir melhor com isso, não está...

— Está bem, Annah — disse, me levantando e sacudindo a terra das palmas. — Enquanto estivermos juntos vamos ficar bem.

— A-aye... — ela murmurou com um estremecimento.

Onde antes havia paredes de pedra revestidas de uma fina rede de vinhas, agora era mais planta do que argamassa. As paredes respiravam enquanto passávamos, e os galhos que cresciam em camadas uns sobre os outros se curvavam em nossa direção, como se curiosos. Havia algo sinistro na folhagem, algo domado mas cruel neles. Nenhuma floresta era esta, selvagem e guiada apenas pelo equilíbrio da natureza, mas cultivada por uma mão demente de modo que galhos cruéis e retorcidos e espinhos venenosos floresciam.

Este era o jardim de Ravel. Espera...

Me virei para os companheiros:



— Ouviram isso?

Annah gáspidou quando o chão retumbou sob nós, e a terra se abriu enquanto galhos de madeira pálida se enrolavam para fora dos fragmentos de solo e podridão. As criaturas vieram com um lamento, seus gritos agudos e estaladiços como madeira seca. Garras afiadas se arquearam, ancorando contra o chão para puxar seus corpos do esconderijo. Em altura total pareciam árvores sem folhas, com olhos opacamente brilhantes e chifres alados onde deveriam estar os galhos.

A lâmina de Dak'kon silenciosamente clivou através de uma delas, cortando garras e galhos e espirrando longas cordas de seiva pelas paredes. A outra criatura guinchou, fechando com uma velocidade antinatural se desajeitada. Perto demais para usar magia com segurança, cravei a adaga em seu rosto. A força do golpe rebateu quando a ponta da lâmina atingiu madeira dura, e apesar do aperto minha mão escorregou ao longo do cabo, e a borda crua do aço cortou contra os dedos e a palma.

— ARGH!

Dor faiscou pela mão enquanto a adaga tilintava para o chão. Gotas escarlates espirraram sobre a criatura, e onde pousavam afundavam em sua pele de madeira como se sedenta de sangue. Diabos com isso.

Uma mão estendida — um míssil de força erupuiu da

palma, estilhaçando aquela que havia sido mutilada por Dak'kon numa chuva de lascas. Me virei para aquela que agora pairava sobre mim, e luz branco-pálida floresceu contra seu corpo. A onda de choque da explosão me chacoalhou dos dentes às botas. Quando o mundo voltou ao foco me levantei de forma instável, a cabeça ainda girando da explosão concussiva. Morte já cuspiendo pedaços de madeira, dentes manchados de seiva.

As criaturas-planta caíram uma por uma, e nos abrimos caminho pelo labirinto de Ravel.

Nos arrastamos por planícies lamacentas, lutamos através de terras verde-luxuriantes assustadoramente silenciosas de insetos ou pássaros, habitadas apenas por flora sedenta de sangue. Aranhas de espinheiros rasgaram nossa pele, nossas roupas ficaram pegajosas de seiva e suor e sangue. Nossas botas ficaram escorregadias com os sucos do musgo esmagado.

E lá, no coração disso tudo, estava Ravel Puzzlewell.

Ela não parecia muito um mito, esta crone rechonchuda de nariz adunco; vestida como estava numa camisa e calça simples (se suja) de marrom, com várias bolsas penduradas no cinto puído. Parecia alheia à nossa presença, mais preocupada com as raízes pretas emaranhadas tecidas juntas para formar o chão do labirinto do que com qualquer coisa que acontecia ao redor.

Um emaranhado de cabelo cinza irregular saía de sob o capuz da crone, descendo pelos ombros como uma massa de raízes cinzentas retorcidas. Carne azul-acinzentada doentia pendia em dobras frouxas de seu rosto; seu queixo estreito, longo e afiado, se projetava para frente numa mordida inferior extrema, e dois caninos amarelos e sujos se projetavam de sua mandíbula inferior, como pequenas presas.

— Ravel...?

— Ah... visitantes.

A voz da crone era grossa e áspera, como se tentando se forçar através de camadas de pó. Seus olhos eram de um vermelho opaco e sangrento, com veias negras correndo através deles como ramos de árvore. Enquanto me encarava, uma estranha sensação de rastejo percorreu meu corpo, como cobras se enterrando sob a pele.

— Saudações... Ravel.

Friccione a língua contra o céu da boca tentando reunir um pouco de umidade. Meus lábios se sentiram de repente secos.

— Bem, agora, minha coisa bonita, voltastes por fim?

O rosto de Ravel se fendeu num sorriso grotesco, exibindo uma fileira de presas amarelas lascadas:

— Estavas a-ido por tanto tempo, temi que esquecesses de pobre e solitária Ravel.

Ela soava como uma velha senhora solitária, esperando e ansiando que seus filhos a visitassem. Ela beliscaria minha bochecha com aquelas garras sujas? Ofereceria chá e balas de um pote empoeirado, grudadas juntas numa única massa açucarada? Havia poder naqueles olhos, e idade, e necessidade... e se pudesse convencê-la com palavras gentis a cair no meu coração talvez não nos esfolasse todos vivos.

— Como poderia esquecer-te, Ravel? Senti tua falta, mas escondeste a ti mesma num lugar difícil de alcançar. Vamos... não desejaste minha companhia?

— Ahhhh...

O sorriso amarelo de Ravel se alargou, puxando de volta as dobras de sua pele, e ela cacalhou suavemente:

— Palavras tão doces... já *sabes* a resposta da tua pergunta, meu precioso homem. Espalhei pistas como estacas, e estes foram meus meios de a-guiar-te ao meu jardim. Temi que foste TU que me esqueceste.

— Garanto-te que não fiz tal coisa. Voltei a ti por fim.

— Voltaste? Mas O QUE voltou?

Ela me examinou com olhos de veias negras e sibilou suavemente:

— Deixa Ravel ver como a-fareste nesta vida.

Ela se estendeu, como se fosse me acariciar, e meus

olhos estavam fixos naquelas garras, cada unha suja e maldosamente afiada.

Com um engolir a deixei me examinar, como se inspecionasse um cavalo premiado.

Suas garras esfarrapadas traçaram caminho pela minha pele, e em seu rastro senti a mesma estranha sensação de formigamento de quando Ravel me olhou pela primeira vez. Seus olhos se apagaram um pouco, e as garras deslizaram gentilmente ao longo dos contornos do meu rosto, se demorando nas cicatrizes.

Estava começando a lembrar de algo, uma memória se projetando perto da superfície como se fosse uma bolha prestes a estourar. Estendi a mão para tocá-la e sentir seus traços.

Minha mão tocou a bochecha de Ravel enquanto suas garras acariciavam meu rosto, e instintivamente, espelhei seu toque — enquanto suas garras arrastavam ao longo da minha bochecha esquerda, meus dedos arrastavam ao longo da dela. Seus olhos se fecharam, e os meus os seguiram.

Quando meus olhos se abriram de novo, parecia como se toda a cor tivesse sangrado das árvores e do labirinto; tudo era cinza morto e sem rosto.

Os olhos de Ravel ainda estavam fechados, mas enquanto eu observava, eles lentamente se abriram e ela

sorriu: um sorriso triste e cinza. Senti palavras subindo aos meus lábios, ecoando algo que havia dito no passado, num lugar diferente, em outro plano...



*“Diz-se que és a maior das Irmãs Cinzentas, Ravel. Viajei longe para chegar até ti”* digo a ela, mãos erguidas em paz.

*Ela assentiu, mas devagar, devagar demais, como se através de um sonho. Quando fala, as palavras são abafadas, como se sendo ditas debaixo d’água:*

*“Mas por que viajaste tão longe? Tua necessidade deve ser grande... mas pareces não ter trazido nada que me interessasse. Deves PAGAR pelos meus serviços...”*

*“Minha necessidade é grande. Minha moeda é esta: um desafio. Talvez um desafio impossível... um que temo estar além mesmo das tuas habilidades.” Minhas palavras são coquetes e doces como mel. Tenta negociar com uma hag-noturna e acaba com a pele esticada para curar na poeira dos Desperdícios. Lisonjeia, dizem, bajula e agrada, e podes voltar vivo.*

*A sutil torção nas palavras é exatamente certa para puxar seus cordões. Os olhos de Ravel arderam num cinza ardente, e o cinza que estava comendo a paisagem parece*

*recuar de seus traços. Sua carne escurece com sua fúria, sangue negro florescendo em suas bochechas:*

*“Não há NADA que esteja além de mim, homem tolo! NADA! Apresenta teu desafio, eu te ouvirão!”*

*“A morte espera no fim da vida para todos os homens. Preciso que não mais me espere — podes fazer isso, bela Ravel?”*



A visão se limpou, o cinza sangrou para fora do labirinto, até que a cor retomou, minha mão ainda envolvendo a bochecha de Ravel. Seus olhos estavam fechados, e ela suspirou. Retirei a mão devagar, e depois de um momento, os olhos de Ravel se abriram e ela deu um sibilo rouco:

— Yessssss...

— Ravel...?

O dedo de Ravel recuou, e ela me olhou tristemente:

— Oh, triste, triste, coisa quebrada pela metade. Toda-em-pedaços.

Ela me examinou de novo:

— Não é mais aquele que Ravel conheceu... ainda a-quebrado estás, depois de todo esse triste, triste tempo?

— Quebrado? O que queres dizer?

— Um corpo possui, mas um corpo de conhecimento não?

Ela apontou sua garra esfarrapada para meu peito, para minhas cicatrizes:

— Muitas e tais, tais cicatrizes tens, todas a-rabiscadas na tua pele. Muitos contos conta tua pele.

— Que contos conta minha pele?

— Tuas cicatrizes e tatuagens me gritam: “eis um homem em confronto com o mundo.”

Ravel fez um som de arrulho, não muito diferente de um pássaro morrendo:

— Sim, tais contos que até os ouvidos de uma hag encolheriam...

— Conta-me estes... contos. Gostaria de conhecê-los.

— Os contos são muitos. Ecoam de equilíbrio desequilibrado, provações de guerra, batalhas com elementos demoníacos, e uma criatura que se alimenta de outros de longe para se sustentar... e de tormentos. Tais tormentos que a carne nunca conheceu...

— Equilíbrio Desequilibrado?

— Dividido em dois foste, quando tua mortalidade foi descascada de ti. Não mais equilibrado, muito a-quebrado na separação... tanto uma bênção quanto um erro... mas mais erro do que bênção, Ravel pensa.



— Tomaste minha mortalidade? Como?

— Esquecido o como, tenho eu... tenho?

O olhar de Ravel se apagou por um momento, as veias negras nadando em seus olhos:

— E mesmo que eu o a-membrasse, nunca o faria duas vezes. Não esquecido o momento tenho, depois da quebra, a-vendo a dor jorrar de tuas veias, teus gritos como de uma criança que chora, cada pedacinho de teu ser cheio de vazio. Terrível, mesmo para estes olhos.

Mentalmente sondei aquele espaço interior, senti as bordas serrilhadas ao longo daquela fronteira entre o ser e o não-ser. O vazio além sempre me fez estremecer, e agora o vazio cantava ainda mais.

Dak'kon teria discordado, mas algumas coisas é melhor deixar desconhecidas. Saber que o vazio era onde minha mortalidade havia sido arrancada de mim por aquelas garras, áspero e cru e sangrando das bordas do espírito, tornava tudo pior. Podia quase senti-la de novo, como carne sendo descascada, camada por camada, até aquelas garras atingirem o osso e passarem por ele...

— O que... o que quis dizer então com Provações de Guerra?

— Grandes, grandes provações de guerra... muito demais para ser suportado por qualquer, qualquer coisa mortal.

— Que guerra?

— Esta guerra toca A TODOS, meu precioso meio-homem. Não há lugar onde sua carícia não seja sentida... ela te tocou?

A voz de Ravel caiu, quase amarga:

— A isso, Ravel diz “aye”.

— Isso explicaria as cicatrizes... e quanto a essas batalhas com elementos demoníacos?

— Duas cabeças de ífero se batem...

Ravel fungou, como em desdém:

— Suas cabeças pequeninas cheias de ideias de como os Planos deveriam ser, mas nunca podem ser ou os Planos que seriam não seriam mais. Tal tolice!

E de repente, a palestra que Ghysis o Torto havia dado há tanto tempo soou verdadeira:

— Queres dizer a Guerra de Sangue...

— Aye...

Ela sibilou. Seus lábios se retorceram de desgosto. Algumas coisas eram terríveis demais até para o estômago de uma hag-noturna.

— E quanto a esta criatura que se alimenta de outros de longe?

— Nenhuma fome básica sentes, mas fomes muito,

muito mais terríveis fervem sob tua pele. E tal custo...

— Fomes? O que queres dizer?

— Não *sei*... nó? Nó a natureza nem a causa destas fomes. Mas presta atenção a isto: Eventos por vir lançam suas sombras diante deles, meu precioso meio-homem... não há a-dizer de quais serão esses eventos, nem mesmo com os olhos de Ravel.

— E estes tormentos... de que tormentos falas?

— Uma pedra-imã puxa o ferro a si... e assim fazes, meu precioso meio-homem, mas não é ferro, mas almas atormentadas. Enquanto outros sofrem, são atraídos a ti, e teu caminho se torna o deles.

Ela fez um gesto de varredura:

— Não os vêes nos olhos daqueles que viajaram aqui contigo?

— Meus companheiros? O que queres dizer?

Olhei de volta para eles, e já *sabia* o que Ravel queria dizer, e quão fundo essas palavras cortariam.

— Desejas explicar, gith?

Ravel lançou um olhar ardente para Dak'kon, temperado com um sorriso de presas:

— Votos podem se mostrar mais apertados do que qualquer corrente, não é? Os grilhões de uma raça outrora escravizada, agora escrava de novo?

Dak'kon estava em silêncio, mas sua lâmina se deslocou às palavras de Ravel... a lâmina escureceu, a borda se afiando até que a própria karach parecia carregar uma horrível malevolência sobre ela:

— Cuidado com tuas palavras, Ravel...

— A caixa-de-engrenagens...

O olhar de Ravel derivou para Nordom:

— Uma vez só conhecia a definição do sofrimento, mas agora sente sua picada. Não há lugar para “2” no mundo de 1s e 0s, não há lugar para “talvez” numa casa de verdadeiros e falsos, e nenhum “verde de inveja” num mundo em preto e branco. Quando descobrir como os planos giram, quando descobrir a VERDADE por trás da lealdade e da ill-lógica, mais tormentos conhecerá...

— Ravel, deixa meus companheiros em—

— O crânio tagarela...

Ravel nem se deu ao trabalho de olhar para Morte, como se ele estivesse abaixo de sua atenção:

— As tiradas são escudo suficiente para o que jaz enterrado dentro da tua caixa-craniana, hmmm? Por que falar verdades quando mentiras bastam?

— Morte...

— A tentadora Abissal...

Ravel escarneceu, seus dentes amarelos perfurando

seus lábios arroxeados enquanto examinava Fall-From-Grace:

— Uma pele tão bela, lábios tão ricos, olhos que podem fazer-te esquecer da própria Ravel... e ainda assim ela sofre, mais do que qualquer outra. Quando alguém se volta contra a própria natureza, muitos são os tormentos que surgem de tal traição.

— Ravel... — Grace respondeu suavemente, quase com cautela. — Cheguei a um acordo com m—

— MENTIRAS, succubus!

Os lábios de Ravel se puxaram num rosnar:

— MENTIRAS! Não ouses MENTIR para mim, quando teu coração é um LIVRO para mim! Cada palavra que CUSPIS grita do teu tormento!

— Cuida com tuas palavras, Ravel! Chega disso!

— Ah...

Ravel gesticulou para Annah, como se ela estivesse à venda num bloco de leilão:

— Olha para a tiefling feroz... tal cabelo e voz ardentes...

Ravel sorriu, mostrando suas filas de dentes amarelos:

— Devo falar do teu tormento, tiefling?

Annah pareceu paralisada, olhos arregalados enquanto Ravel voltava seu olhar de veias negras para ela. Conseguia vê-la tremendo, o coração batendo rápido.

— Não... não, não falarei disso.

A voz de Ravel caiu, quase de exaustão, e o sorriso sumiu de seu rosto:

— Cansada de crueldades e tormentos, Ravel ficou... o mundo é um lugar a-serrilhado o suficiente...

Ela se virou de novo para mim, seus olhos sangrentos se apagando, e suspirou. Olhei de volta para meus companheiros, suas velhas feridas abertas, expostas para todos verem. Eles se olhavam nervosamente, como se algo profano tivesse sido revelado entre eles.

— E meu precioso, precioso meio-homem... para ti, o maior tormento de todos... vida para sempre. Pode ser que vida te cuide como Ravel cuida?

Ela rangeu os dentes amarelos com um horrível clique:

— Um tão corajoso, tão apaixonado, tão terrivelmente perdido, triste, triste.

— Ravel, por que me tornaste imortal? Preciso s—

— Um puzzle de osso e pele eras, sempre, intrigante, e o mais amado de todos que vieram a mim, peticionando, pedindo, implorando... agradando? Implorando por ajuda.

Ravel me encarou com força, seus olhos de brasa de veias negras se estreitando:

— Tão difícil ver a-além das cicatrizes, desenterrar o homem-que-outrora-foi por baixo...

— Ravel, podes me dizer algo sobre quem eu era uma vez?

— Uma sombra com substância, a-buscando aquilo que lança a luz. Conheço-te mais e não... *saber*...

Ravel pausou, seus olhos se apagando:

— Não mais do que *conheço* a natureza de QUALQUER homem. Passados cruzados temos... um homem impregnado de não-morte, ainda sentindo as dores da separação, e uma velha enrugada crone, agora toda-aprisionada.

— Passados Cruzados?

— Parece que nos estamos a-encontrando pela primeira vez? Não, não, não, não... nó?

Ravel pareceu confusa por um momento, depois estremeceu, como se sacudindo um peso:

— De jeito nenhum. Um eco de um encontro futuro este é... ou um encontro passado, dependendo para que lado o tempo está voltado.

— Então este... este encontro ecoa um encontro no passado?

— O agora e o então — muito... similar? Tão emaranhado o agora-e-então está, ambos espelhados um no outro... uma e de novo, vens a-ante mim com um problema, para me desafiar por uma solução para uma

## IMPOSSIBILIDADE.

Ravel sibilou para mim, e seus olhos arderam:

— Belo, ingrato, amado homem!

— O que era esta impossibilidade que pedi para resolver?

Ravel não pareceu me ouvir — ela ainda parecia estar no passado, pois seus olhos se apagaram, como se olhando para longe:

— Tal fogo em teus olhos, suficiente para agitar o coração de uma Dama Cinza... paixão para ser livre, mas quando liberto, o fogo em teus olhos se apagou. Com a separação, tua vida perdeu todo significado, temo.

Ravel sorriu com seus dentes amarelos, depois os clicou juntos, como se rindo:

— Talvez debes sentar nas patas traseiras e mancar as patas dianteiras — talvez Ravel te dê outro pedacinho de *saber*.

Olhei de volta para meus companheiros, depois para Ravel, e me ajoelhei:

— Se implorar me trará respostas, então imploro-te, Ravel: Diz-me o que sabes. Preciso de tua ajuda para lembrar o que aconteceu.

— Ah... um coração abrandado agora?

Os olhos de veias negras de Ravel cintilaram, e o canto



de sua boca se torceu para cima, como uma cobra:

— A vida a-amoleceu-te... ah, mas há esperança.

— Ravel, tenho muitas perguntas que desejo te fazer...

— Ah, MAIS perguntas tens?

Ravel arrolhou suavemente, mas havia uma nitidez nisso, como se me repreendesse:

— Tchhh-tccchhh. Mas já fizeste tannntas.

Os olhos de veias negras de Ravel tomam um brilho curioso:

— O tempo para MINHAS perguntas é agora, meio-homem.

— Muito bem, Ravel... faz tuas perguntas.

— Sabe isto e *sabe* a lei de Ravel: se não responderes minhas perguntas, não responderei mais as tuas, meu precioso homem. A-pisa com leveza nas respostas, ou o perguntar te RASGARÁ em pedaços...

— Tuas regras são justas. Faz tuas perguntas, Ravel.

— Gostaria de *saber* por que viajaste aqui com estes outros... não *sabiam* o lugar para onde estavam viajando?

— É claro que *sabiam*. Quem não desejaria viajar aqui para se encontrar contigo, bela Ravel? Raras oportunidades a vida proporciona para tal encontro. Desejavam ver se os contos do teu poder e beleza eram verdadeiros... como eu sabia que eram.

Coloquei um pouco espesso, mas ela parecia louca o suficiente para cair nisso.

Ravel me encarou por um momento em silêncio, depois seu rosto se fendeu num sorriso horrendo, sua fileira de presas amarelas brilhando na tênue luz de seus olhos:

— Ahhhh... meu precioso homem, carregas apenas palavras...

Uma língua enegrecida dartou de seus lábios roxos, e rolou ao redor da borda de sua boca, como em antecipação de uma refeição:

— ...mas BIEN armado estás, de fato...

— Apenas verdades falo, Ravel.

Atrás de mim conseguia sentir Morte revirando os olhos.

Ela assentiu devagar, e seu sorriso desbotou:

— E eles viajam contigo voluntariamente?

— Escolheram caminhar meu caminho comigo. Como disse, quem não qu—

— *Escolheram?* Ahh... uma palavra perigosa. É assim?

— Sim.

— Sim?

Ravel lançou um olhar de veias negras para Dak'kon, sua voz como uma flecha:

— É escolha, gith? É? Ou é uma questão de dois céus?

A lâmina de Dak'kon sangrou num preto morto vicioso, espelhando seus olhos... e para minha surpresa, a borda da karach silenciosamente se dividiu em presas serrilhadas.

— Ravel... deixa-o em paz. Responderei às tuas perguntas, não eles.

— E a caixa-de-engrenagens?

Ravel se virou para Nordom, escarnecendo:

— O que ELA *sabe* de escolha?

Ela estralou os dedos, como o som de ossos se rachando:

— Há apenas obedecer e obedecer, hmnnn?

— *Query*: O que Nordom define /escolha/? Definir: ESCOLHA: O ato de escolher, seleção; o direito ou oportunidade de esco—

— Nordom, para. Isso é entre Ravel e eu. Olha, Ravel

—

Ravel se voltou para Morte:

— Crânio, crânio, crânio...

Ravel estalaou a língua depois de cada palavra, e seu sorriso se alargou:

— Tua expressão é difícil de ler sem o envoltório de pele, mas sinto teu MEDO daqui. Vir aqui não foi tua escolha.

— Bem, não tinha nada MELHOR a fazer exceto ir a um dos labirintos da Senhora e conhecer uma das criaturas

mais malignas que já pisaram em Sigil, então disse “claro! Por que n—?”

— Morte, fica quieto. Ravel, eu...

— “Fica quieto?!”

Morte clacou os dentes:

— Que infernos eu fico! Acho que ouvimos esta crone chacoalhar a caixa-craniana o suficiente, e agora ela tem uma par de pedras, dizendo que não tenho pele! Então E DAÍ se não tenho?! Obviamente o fato dela TER pele fez maravilhas para a APARÊNCIA DELA! Ela acha que gosto de ficar PELADO o tempo todo? E outra coisa—

— Morte! Para com isso! Ravel, olha—

— A succubus...

Ravel examinou Fall-From-Grace:

— Ela teve escolha? Talvez em sua mente de pele lisa de sedas macias e verdades duras, TALVEZ escolha... tchhh. Mas não. Uma Sensata DEVE experimentar tudo, e recusar-se a vir — NÃO seria uma Sensata. Ainda assim sem escolha!

— Ravel. Chega disso...

— A tiefling. A ARDENTE.

Ravel cacalhou suavemente, e seus olhos se acenderam, como se divertidos:

— Sem escolha. Nenhuma. Quando sentes em vez de

pensas, há pouco espaço para escolha.

Annah não fez nenhuma resposta — a mera presença de Ravel parecia tê-la silenciado. Sua cauda havia parado de agitar, porém, e seus olhos haviam perdido a borda dura.

— Annah...? Não, não, precisava me concentrar.

— Chega disso, Ravel. Que outras perguntas tens?

— Shhhhh... haverá tempo suficiente para falares, meu precioso homem.

Ravel bateu uma garra contra uma de suas presas amarelas:

— Esta próxima pergunta: O que sentes por estes que vieram contigo? Eles **IMPORTAM** em teu coração?

Ela sorriu, veias negras dançando em seus olhos:

— Ou são **FERRAMENTAS** para tua vontade?

— Por que queres *saber* tal coisa?

— Tchhh... espesso e tão obstinado quanto um githzerai! É ainda **OUTRA** pergunta, mas a resposta não te custará nada — minha resposta é porque **DESEJO** *saber*, nenhuma outra razão. Agora, entrega tua resposta do teu coração cético.

— Eles importam para mim.

— Mesmo o gith?

O olhar de brasa de Ravel caiu em Dak'kon, depois

deslizou para se travar nos meus olhos de novo:

— Fala o que ele significa para ti, e diz verdade, ou cobrindo meu jardim estará.

— Ele é meu aliado. Conheço-o. Ele é meu amigo — respondi, tão firmemente quanto possível. Não ia deixar Ravel machucar ninguém, menos ainda meus amigos.

— Ah...

Ravel assentiu... depois sorriu de novo, suas garras se batendo umas nas outras.

— Isso te surpreende?

— E o crânio?

Ravel nem se deu ao trabalho de olhar para Morte:

— Certamente ele não importa para um como tu! Ou... importa?

— Gosto dele... ele é meu amigo.

— Curioso, curioso-er, curioso-ela...

Ravel sorriu:

— Que caixa-de-puzzles estás a-moldando a ser. O que mais se esconde nos lugares escuros de tua mente?

— Não escondo nada.

— Ah...

A voz de Ravel tomou um peso ameaçador, e ela se voltou para Fall-From-Grace, seus olhos vermelhos

ardendo:

— E aqui está o núcleo disso — a tentadora Abissal... ela se eleva acima do meramente carnal para ti, ou é outra coisa no teu olho, hmmm?

Grace nada disse. Parecia estar estudando Ravel atentamente... e de repente me veio a sensação de que Grace estava avaliando Ravel por pontos fracos. Esperava que se isso degenerasse mais, os outros estivessem tão prontos.

Ravel se voltou de volta para mim, clacando suas presas amarelas, como em antecipação:

— Fala, precioso homem, mas tem cuidado onde tuas palavras caem.

Havia uma nitidez escondida em sua voz, como a borda serrilhada de uma faca raspando contra o interior de sua bainha. As coisas haviam se tornado consideravelmente mais perigosas de repente.

— O que ela é para ti, bela Ravel? Ela não pode sequer se comparar à tua aparência, teu intelecto, teu poder — perguntei.

Ravel deslizou o olhar de mim e estreitou os olhos em Grace:

— Hmmmnnnn... então se eu a golpeasse, apagasse seu infernal coração, não terias nenhuma objeção? Responde com cuidado...

— Eu... retiro minhas palavras. Não desejo que seja prejudicada — disse, lambendo os lábios nervosamente. Não havia nenhuma mentira sobre meus sentimentos por Grace... não havia dito nada de jeito nenhum sobre o assunto.

— Pah! Homem contraditório!

Os olhos de Ravel fumegaram, e ao se voltar para mim, as veias em seus olhos haviam se afiado:

— Que pensamento a-chacoalha em teu crânio agora?

— Falei falsamente — não sabia o que disse, mas já vi o suficiente de morte... a minha ou de qualquer outro... para durar várias vidas.

Ravel deslizou o olhar de mim e estreitou os olhos em Grace.

— Grace... gosto dela. Tem muitas qualidades boas; considero-a uma amiga.

— Hmnnnn...

Ravel se virou, clacou as presas, depois lançou um olhar de relance para Annah com um esgar:

— E quanto a ESTE pedaço de carne... a fiendling, a tiefling de cabelo escarlate e paixão ardente. O que É ela para ti, meu precioso homem?

Ravel havia tocado num ponto sensível com essas palavras, como se pressionasse contra uma velha



hematoma. Annah, que havia mentido para mim da primeira vez que nos encontramos, e me mandou para baixo de um beco cheio de assaltantes para minha morte. Annah, que foi forçada a me guiar para onde havia encontrado meu cadáver, que escarneceu da minha ignorância e desajeitamento enquanto tentava manter alguns passos à minha frente. E ela era a que seus lábios se apertavam quando eu falava com mulheres bonitas. Ela era quem me ensinou como se esgueirar e roubar numa noite fresca no silêncio escuro do Distrito dos Escribas, nossos corpos pressionados um contra o outro inocentemente numa tentativa de bater a carteira um do outro.

Eu me lembrei do corar de sua pele, sua timidez súbita, suas confissões meio-ditas que ansiavam ser ouvidas, e sempre eram descartadas como brincadeira...

*“Sabes que gosto do jeito que cheiras? Oh, aye — me deixa mais louca que um Caótico, me deixa.”* Ela farejeou pelo lado da minha bochecha, e deu um sibilo baixo e ansioso. *“Vejo o jeito que me olhas, e gosto. Tens olhos famintos, tens. Me deixa em brasa...”*

E me lembrei de como segurei seu corpo no beco, desesperadamente tentando estancar o sangue com as mãos e manter o calor de escorrer pelas pedras de calçamento.

— Poderia me apaixonar por ela — murmurei, e sabia

que era a coisa mais honesta que havia jamais dito.

Ravel lançou um olhar para Annah, depois fungou, seus olhos de veias negras brilhando:

— Hmmmnnnn... assim seja.

— Chega destes jogos, Ravel. Olha —

— MINHA PRÓXIMA pergunta é esta...

A voz de Ravel caiu, quase sussurrando. E de repente, tive a estranha sensação de que ela não queria ouvir a resposta:

— Por que esperaste tanto para retornar a mim? Ravel ficou a-solitária sem ti, precioso homem.

— O caminho a este lugar é difícil, bela Ravel. Esforços foram feitos para garantir que tenhas pouca companhia, e muitas foram as provações que fui forçado a empreender para estar diante de ti. No entanto fico feliz em te ver mais uma vez, Ravel — o tempo não apagou tua beleza, vejo.

— Tuas respostas...

Os olhos de Ravel cintilaram, e seus lábios se puxaram num sorriso grotesco:

— Tuas palavras são suaves e não foram ouvidas em tanto tempo... elas agitam até meu coração de espinheiro negro. Não importa onde tuas memórias estejam, teus charmes permanecem, coisa bonita...

— Nay, são os teus charmes que persistem, bela Ravel.

— De charmes, encantamentos, beguinhos... todos estes Ravel dominou... ainda assim, parece muito que poderias ensinar a mim...

— Ahhhh, yessss. A terceira e última pergunta... é esta...

Enquanto Ravel abria a boca para falar sua pergunta final, fui de repente tomado pela terrível realização de que esta pergunta final havia assassinado muitos outros a quem havia sido feita. Sabia o que era, e a sentia surgindo dentro de mim, compelido a perguntá-la.

— *O que pode mudar a natureza de um homem?*





*O que pode  
mudar a natureza  
de um homem?*





## Capítulo 90

— *O que pode mudar a natureza de um homem?* —  
murmurei, repetindo suas palavras mesmo enquanto ela as falava.

— Vejo que não esqueceste...

Ravel sorriu, suas presas amarelas brilhando:

— Qual é tua resposta?

As palavras saíram num sibilo estaladiço, como cinzas esmigalhando se descascando de um fogo moribundo. Centenas, talvez milhares, haviam morrido por causa dessas palavras. Cada um era um peticionário pela sabedoria de Ravel, cada um ousando pensar que poderia fornecer a resposta. Cada um morreu devagar e horripelmente, enlouquecido por pesadelos ou torturado com agonia cegante até que aqueles por perto pudessem cortar a garganta do coitado por misericórdia. Era quase difícil temê-la, esta criatura baixa e senil de pele de verruga. Nada poderia estar à altura das histórias de sua maldade, e era talvez isso que tornava Ravel tão perigosa. Aqueles seriam-aprendizes devem ter subestimado a crueldade de Ravel.

Rezei para não ser tão tolo.

A resposta veio gentilmente, com uma suave certeza, mas soou verdadeira enquanto a olhava nos olhos.

— Tu, Ravel. Como mudaste minha natureza para sempre.

Seus lábios se puxaram num sorriso maligno, e ela inclinou a cabeça, brincalhona e coquete. Ela não parecia nem ansiosa nem ofendida com a resposta, e por um momento isso me deixou inseguro:

— E essa é tua resposta...?

As veias nos olhos de Ravel começaram a se deslocar levemente:

— Tem certeza antes de dizer.

— Pode não ser a tua resposta, mas é a minha — disse, fechando a mandíbula. Meus dedos coçavam e sentia o poder da Arte borbulhando em mim, só em caso.

— E isso foi tudo que desejei, meu precioso homem.

O sorriso de Ravel relaxou:

— Uma resposta simples, e no fim, muitos são os homens que derrubei enquanto buscavam MINHA resposta.

Pausei, aturdido por um momento, e a tensão caiu como água de chuva escorrendo de um telhado:

— É isso...? Pensei...

Ravel cacalhou:

— Incontáveis vezes a questão foi feita, e nem UMA VEZ as cascas patéticas que vieram a-ante mim responderam com SUAS respostas, mas sempre buscavam se infiltrar em minha mente e encontrar o que eu pensava... tchhh! Não há verdade nisso.

— Eu... não acredito em ti. De fato, não acho que jamais poderiam ter respondido verdadeiramente, mesmo se fosse verdade para eles.

Ravel caiu repentina, estranhamente, em silêncio. Ela me observou cautelosamente.

— Nunca te importaste com nenhuma resposta que não fosse a minha. Nunca. Pois não? No entanto ainda fazias a questão, sabendo que não importava o que respondessem, morreriam à tua mão.

Ravel sibilou:

— CLARO que tua resposta era a única que buscava, pois TU eras o ÚNICO motivo pelo qual fazia a questão! Pensaste que me importava com eles...? Tchhh! Pensaste que me importava uma fração da quantidade que me importei contigo, meu precioso homem? Responde-me isso!

— Terminei de responder tuas perguntas, Ravel. Agora responderás às minhas.

— Claro... sempre perguntas, sempre perguntas...

— Por que foste aprisionada, Ravel?

— Tentei ajudar uma Senhora e a-gentilmente ela não levou.

— A Senhora da Dor? Tentaste ajudá-la?

Grace disse, chocada.

— Minha oferta de ajuda foi indesejada. Tentei a-libertá-la; Sigil é a GAIOLA, uma Cidade de Portas e Fechaduras, é uma prisão para ela. Deve ser, não deve ser? Por que outra razão chamariam a cidade de Sigil “a Gaiola”? E quem está na gaiola? A Senhora! Uma prisão tão pequena para uma tão grande. Injustiça, erro, intolerável tormentar uma mulher assim!

— Acho que sei quem deveria estar numa gaiola... — Morte murmurou.

— Tentei quebrar a Gaiola, deixar a Senhora ir livre.

Ela fez um gesto de afastar, sua expressão se tornando penosa enquanto espalhava pássaros invisíveis:

— Shoo, shoo, oh mulher atormentada, deixa o anel de Sigil ser quebrado para que possas voar longe de suas ruas sujas e dos estúpidos dabus que não ousam falar em palavras por medo de que seus pensamentos sejam interceptados!

As mãos de Ravel lentamente pararam seu movimento de “afastar”, e ela deu um lento suspiro:

— Antes que pudesse terminar, a-encontrei-me aqui, e



minhas memórias nenhuma melhor pela viagem... muito escapou, muito esquecido, sim foi... é? Foi?

Ravel sorriu com seus dentes amarelos:

— O desvanecer das memórias tornou-se um conforto para estes velhos ossos. Muito esqueci... tenho sorte de ainda lembrar de ti.

— Ravel, mas... POR QUE tentaste libertar a Senhora da Dor de Sigil?

A voz de Ravel caiu, quase repreensiva:

— Resinto qualquer um, mesmo um Poder, ser aprisionado e penso que todos, todo mundo... seja pedras, margens ou quietas damas de lâminas... deveria ser LIVRE. Alguns disseram que sou mais tola. Por que arriscar tal coisa, disseram?

— Acho que fizeste a coisa certa tentando libertá-la, Ravel — menti. Ainda melhor lisonjear.

— Fico contente de compartilharmos uma mente semelhante e visão semelhante neste assunto. No entanto... quando não consigo deixar assuntos bem estar... parece aos meus olhos que muitas são as vidas e sonhos que são a-deixados em pedaços no chão.

— É isso que tentavas fazer quando me encontrou há tanto tempo? Estavas tentando me libertar?

— Quase certamente, certamente quase. As correntes

da vida e o medo-da-morte podem ter apertado com muita força no homem que eu novo... *sabei? Sabia* então, hmmm-hmmmm?

Ravel catou um de seus cabelos cinzentos irregulares, enrolando-o ao redor do dedo:

— Nenhum gosto por correntes e gaiolas tem Ravel...

— Ah, então estava gaiólado de alguma forma? Ou acorrentado? Parece-me que tua memória está despertando, Ravel...

— Yess...

Ravel piscou por um momento, e seus olhos de veias negras ficaram mais opacos, como se tivesse sido atingida por uma arma pesada. Sua garra apertou ao redor do cabelo cinza, tão apertado que pareceu que ia arrancá-lo do crânio:

— Talvez... estavas a-preso? Mas não era uma gaiola comum que te prendia...

— Tens alguma ideia do que me prendia?

Ravel pareceu confusa, e seu rosto se torceu, como se lutasse contra um pensamento desagradável:

— Esqueci... talvez uma promessa...? Não, não...

Seu dedo se apertou ao redor do cabelo cinza, e para minha surpresa, houve um estalo como um galho se quebrando, e Ravel arrancou o cabelo da cabeça. Um fio

de sangue negro rastejou de sob o couro cabeludo dela, e ela sibilou de raiva.

— Ravel...? Estás bem?

— Não MAIS direi...

O rosto de Ravel se enrugou de dor, a garra coberta com o cabelo cinza manchado de sangue — mesmo arrancado da cabeça, parecia irregular e rígido:

— Não *sei*, e nenhum *saber* compartilharei!

Ela encarou o cabelo cinza enrolado ao redor da garra, e então sibilou, e o jogou para mim:

— Pega isto, e deixa o passado onde jaz, meio-homem!

— Ravel... quem és? De onde vieste?

— Eu? Ravel sou eu, uma fazedora e quebradora de puzzles, uma solucionadora do que não pode ser solucionado, uma mente desembaralhando e desembaralhando até que os fios do pensamento sejam atados como nós no cabelo de um homem bêbado.

Ravel catou outro de seus cabelos cinzentos irregulares, enrolando-o ao redor do dedo:

— É suficiente, suficiente é.

— Mas o que és? Alguns te chamaram de “hag-noturna”, seja lá o que for.

— Hag-noturna...?

Ravel deu um sorriso espantoso, seus dentes amarelos como agulhas:

— Sou apenas uma mulher que gravemente... *soarmente*? *Soarmente* sentiu falta de sua amada criação. Alguns me chamaram de crone, dama cinza, irmã Yaga, hag-noturna — mas EU MESMA é meu nome, Ravel, Ravel que puzzlea bem, fornecendo enigmas para decifrar e impossibilidades para prostrar. Mas...

— Mas...?

— MUITAS coisas são ditas sobre nós damas cinzas. Uma raça somos nós “hag-noturnas”, mas um indivíduo sou eu. Alguns nos chamam de mal Antigo, atormentadoras de sonhos mortais, as gentis, coisas feias e horrendas cujos lares jazem nos lugares escuros da mente dos homens.

Os olhos de Ravel se estreitaram em faíscas avermelhadas:

— Mas isso não significa NADA para mim... o que chamaria um tal como TU a um tal como EU, coisa bonita?

— Encontro-te bela, Ravel. Talvez não ao olho, mas tua mente parece afiada e vibrante — menti.

— Tchhh! Pensas que me importo com tais verdades?! Uma maldição na beleza interior, não importa quanto possa durar a carne. Pensas que sou feia...?

— Ravel, não és feia...

— No entanto feia não preciso ser, coisa bonita. Minha forma é apenas água para minha vontade, e posso retecida suas fibras num tapeçaria mais agradável...

Ravel lançou um olhar para Fall-From-Grace, depois sorriu e lambeu os lábios:

— Sim...

— Ravel, o que—

Ravel havia... derretido em Fall-From-Grace, assumindo sua postura, seus traços, suas roupas:

— Esta forma é mais agradável?

Ravel sorriu, seus dentes agora de um branco brilhante e perfeito, os lábios com apenas um toque de vermelho. Tinha a voz doce de Grace, musical como o som de sinos. Ela me acenou para me aproximar:

— Vem, meu precioso homem, meus lábios não ardidos de tormentos Abissais. Pousa teus lábios sobre os meus.

— Não, Ravel.

— Talvez... é a mulher mais áspera que craves, a de paixão ardente?

Ravel lançou um olhar para Annah, que se enrijeceu enquanto o olhar de Ravel a pregava. Depois Ravel havia derretido na forma de Annah, assumindo sua postura, seus traços, seu colete de couro...

— É a mulher de bordas ásperas que craves, aquela para

quem a idade ainda não temperou as paixões?

A cauda de Annah... de Ravel... fez um trejeito, como em antecipação:

— Vem, acaricia meus lábios com os teus, e te agradarei.

— Ravel, para esses jogos... não tenho nem tempo nem paciência para eles. Retoma tua forma.

Pisquei, e Ravel havia se torcido de volta à sua forma original. Por um momento fiquei perdido de palavras. Ela havia soado e parecido tanto com Annah que...

— Um homem difícil de agradar és! Pah! E perguntam-se porque não há machos de nossa espécie!

— Que outras formas podes... já assumiste?

— Talvez algumas, Mebbeth nenhuma.

Ravel pareceu confusa pela questão:

— Não me a-membrei de tais, tenho, tenho-vene, Ei-Vene, talvez? Nem esperta nem Marta... tantos fios e ramificações, tantas Ravels... sempre costurando e remendando e crescendo estão minhas formas.

— Mebbeth? Eras Mebbeth?

Perguntei chocado. Não poderia ter sido...

— Pode ter sido um de meus nomes... sim?

Ravel pareceu mais confusa, seus olhos de veias negras ficando neblinosos:

— Os nomes são difíceis de lembrar...

Sua voz ficou fraca:

— Como chamar através de uma grande distância...

— Mebbeth foi gentil comigo e me ajudou, Ravel. Isso significa que TU me ajudaste. Agradeço-te.

Com a menção de Mebbeth, toda a cor sangrou do rosto de Ravel até ela ficar cinza e cinzenta — literalmente. Era como se a cor simplesmente... desaparecesse. Sua voz saiu com aquele suave arredondamento cinza, sua voz aquele doce ranger velho, gentil e maternal.

— E quem poderia ser, hmmm? Teu caminho te traz de volta à porta da Velha Mebbeth, criança...?

— Sim, traz... Mebbeth... eu, uh, vim para aprender mais da Arte. Podes me ensinar mais alguma?

— Pah! Sou apenas uma parteira, criança, tal poder quanto a Arte comanda está muito além de mim...

— Não... acho que não. Acho que podes ter mais a ensinar do que podes perceber. Muito mais.

Então veio a pergunta como um eco:

— Queres aprender a Arte, queres? Por que queres aprender tais coisas?

— Porque posso precisar dela para resolver o mistério de quem sou — murmurei de novo. As palavras ecoaram de volta para mim do passado, quando ainda era tão novo

para o mundo, implorando na porta de Mebbeth por ajuda.

Depois de um momento, Ravel... Mebbeth... assentiu:

— A Arte pode ajudar, pode não, e não deves depender dela para resolver todos os teus problemas.

Ela suspirou:

— Criança, é mais provável que vá apenas acrescentar outro fragmento à tua pilha de perguntas...

Ela se inclinou perto:

— Mas se queres *saber*, então ouve...

Mebbeth... Ravel... sussurrou algo, e me senti diferente, mudado de alguma forma. Era algo horrível que havia sussurrado para mim, algo sobre como os Planos funcionavam, mas minha mente havia bloqueado suas palavras, e não conseguia lembrá-las. Só pensar nelas fazia meu coração bater mais forte... Era um segredo que não tenho certeza que ninguém deveria conhecer.

Ravel me observou, me estudando.

— Ei-Vene também me ajudou à sua própria maneira, Ravel. Isso significa que TU me ajudaste. Agradeço-te — disse, engolindo em seco.

Quase inconscientemente, a mão de Ravel se estendeu para mim, e por apenas um momento, consegui jurar que eram as garras de Ei-Vene...

A mão esquerda de Ravel arrancou um cabelo da



cabeça, o enrolou ao redor das garras, e relâmpago-tal, enfiou outra garra na pele perto de uma das minhas cicatrizes. Era mal mais do que uma picada de alfinete, mas parecia que estava prestes a me costurar.

Como foi com Ei-Vene, a sensação foi curiosamente indolor, mas o fio e a costura pareciam ir muito mais fundo, quase DENTRO de mim, sem realmente ir além da superfície da pele. Em momentos, as garras de Ravel recuaram, e me senti... melhor, mais forte. Ravel murmurou na voz de Ei-Vene:

— *Dum zomfie...*

— Marta era louca, Ravel, mas não era gentil e não era desgentil. Se eras ela, então não me desejas dano. Agradeço-te.

E ao eu dizer seu nome, o rosto de Ravel pareceu mudar... sua pele azul flacidou, até ela usar a mesma expressão azeda e coalho-cara que havia visto no rosto de Marta. A garra do dedo indicador se ergueu como um bisturi e avançou sobre mim:

— Vamos, agora... não sejas todo-difícil para a Marta... cadáver falso, desagradável.

A garra suja de Ravel cravou-se no meu abdômen, depois o puxou brutalmente para baixo num movimento de serra... mas não havia dor. Observei enquanto minha pele lentamente recuava ao seu toque — nenhum sangue

jorrando da ferida. A mão livre de Ravel cavou no meu peito, onde ela enrolou meus intestinos como fio, e os arrancou do meu estômago... ao fazê-lo, meu estômago se fechou, como se o tempo estivesse andando para trás.

Ravel segurou meus intestinos como um troféu.

Me senti o estômago, inteiro e empedrado com cicatrizes entrecruzadas como antes. Não houve sequer a menor sensação de puxão nas entranhas.

— Uh... posso tê-los de volta, por favor? Posso precisar deles mais tarde.

Ela me passou a massa de corda... apesar da frescura, os fluidos ao redor dos meus intestinos haviam secado como resina. Parecia mais uma alça de corda glaceada.

— Uh... obrigado. Vou guardar isso sempre.

Marta... Ravel... assentiu devagar:

— Como bem deveria, não deveria, Marta? Sim... sim, deveria, Marta. Magia poderosa para ser encontrada nas entranhas de um imortal, sim... não como dentinhos... ou olhos...

Assenti, e o rosto de Ravel havia voltado ao seu, como se nada tivesse acontecido.

— Já me ajudaste três vezes. Ajudar-me-ias novamente, então? As lendas afirmam que és uma maga poderosa, Ravel. Podes me ensinar um pouco da Arte?

Ravel franziu desaprovadoramente, sua pele azulada se torcendo como um trapo:

— Ravel *conhece* a Arte?! Tua mente foi-se a-embora com a mortalidade, uma coisa toda a-perdida e esquecida?! Esqueci mais da Arte do que jamais...

Ela me espetou com uma das garras:

— Jamais.

Espetou de novo:

— *Saberás*.

— Podes me ensinar um pouco da Arte, então?

Ravel estreitou os olhos de veias negras, me estudando:

— Talvez pudesse ser persuadida por um tal como ti... embora qualquer outro NÃO teria tal chance, nem o bônus que ofereço. És um estudante rudimentar nas artes ou estou diante de um mestre tentado-verdadeiro-e-cansado... *ataviado*? Cansado mestre?

Me deslocei:

— Em algum lugar entre os dois, bela Ravel. Ainda tenho muito a aprender.

— Lisonjeador... e ainda tuas palavras me aquecem.

A voz de Ravel mudou, alternando em tom, como alguém arranhando um instrumento de cordas:

— Muito aprendi cuidando deste jardim. Encantos

e incantações, destilados dos espinheiros... ritmando, balançando formas dos consonantes e movimentos que trazem os espinheiros a teu auxílio... ouve, os galhos falarão disso.

Fechei os olhos e ouvi.

Um grande tremor passou por mim então, como se dúzias de cobras espinhosas se enterrassem sob a carne. Minhas veias se contorceram, sinews se torceram e esticaram de músculo e osso. Bem quando pensei que a dor era mais do que conseguia suportar, súbita e instintivamente comecei a cantarolar, o mesmo tom que Ravel fez... e a dor diminuiu. Na distância do labirinto conseguia ouvir o clique das criaturas-árvore, como se respondendo ao meu chamado.

Continuei a cantarolar.

Ravel observou com uma luz curiosa nos olhos de veias negras:

— Tal poder...

Ela deu um sibilo suave, como em espanto, e seus lábios se puxaram num sorriso:

— A-toca todos que o ouvem. És poderoso, meu precioso homem, tão poderoso... um dia até os Planos podem se curvar à tua vontade...

Abri os olhos e sacudi a cabeça:

— Não desejo tal coisa, Ravel. Há muitos que caminhariam esse caminho, mas não eu.

Ravel assentiu, depois olhou para minha mão, que para minha surpresa, segurava vários brotos pretos de espinhos. Tomando uma porção dos brotos, ela os colocou em sua palma, depois os esmagou. Um pequeno fio de sangue enegrecido correu de sua mão, mas quando a abriu não havia nenhuma ferida... apenas um colar de espinhos negros, tecidos ao redor de uma mecha do cabelo cinza de Ravel:

— Pega isto; é de mim, e te servirá bem.

Reconheci então os brotos... eram da mesma semente que Mebbeth havia me dado há tanto tempo, quando estava me treinando para me tornar um aprendiz de magia.

— Guarda esses brotos, precioso homem... não uses todos eles, pois podem se mostrar mais úteis em outros lugares neste labirinto... mas se poderoso és, esses lugares encontrarás.

Guardei tudo, e suspirei:

— Por que me tornaste imortal, Ravel?

— Foi o que quiseste, mudinha, e pediste tão docemente... agora como Ravel poderia dizer “não” a um tal como ti? A imortalidade era tua solução e teu desafio para mim.

— Minha solução? Mas por quê?

— Não sei, mudinha. O tempo também meu raspou as memórias, ao que parece... *costura*? Se te lembrar, diz-me... estou a-curiosa eu mesma. Deve ter sido algo importante... não está na natureza de um homem querer viver para sempre?

— Só se o que jaz no outro caminho carrega maior dor — Dak'kon disse. Sua voz era suave e certa.

— Ravel... isto é muito importante; tens alguma ideia de por que pedi que o fizesses?

— A morte era algo que precisavas desviar. Coisa fácil de dizer, talvez, mas fazer, não é! A imortalidade, mesmo com suas falhas, era a melhor solução que esta mente enrugada conseguia desemaranhar...

— No entanto... — sondei.

— O chumbo não é facilmente a-mudado a ouro, mas é possível, pensou a imprudente... *im-razões*? ...Ravel. Se água pode ser extraída de sangue, mortalidade pode ser retirada de um mortal, descascada como um filme pegajoso.

— Então a retiraste?

— O abismo entre homem e não-homem é grande. Viajaste a distância. Forneci os meios, mas cruzaste por tua própria conta.

Ravel bateu na própria cabeça e arranhou a mão pelo cabelo:

— Ravel má! Os mortais são defeituosos demais para serem feitos para durar. Ainda assim quebram! Devem ser arrastados, chutando e gritando, para um molde novo e não-saudável.

— Não-saudável? Então o ritual foi falho?

— Atalhos devem ser feitos, e podem quebrar o moldado... pois não é sempre o molde que quebra, mas a substância despejada dentro dele. Force algo numa forma que não foi feito para ser, e quebra! Pensei que o material era de material mais forte, mas foste quebrado.

— Mas sou imortal — certamente isso foi um sucesso?

— Sobreviveste por muito, o imortalado, mas tornaste-te a presa da criatura que é a vida.

Ela curvou as palmas, depois reverteu o movimento, formando um dossel com as mãos:

— O corpo é apenas uma cabana para a alma. Mas agora ninguém habita tua cabana.

— O que deu errado com o ritual?

— Puzzle-de-carne quebrado, belo, belo homem mortal, o ritual não era... nó? Nó. Não era uma coisa acabada.

O cenho de Ravel se enrugou, e suas garras cataram seu cabelo de novo, puxando um fio solitário:

— O ritual te deu o que quiseste, mas...

— Mas...

— O ritual te deu o que quiseste, mas grandes foram os custos... o lançamento de sombras, as mortes quietas e violentas da mente, e a dor-tomando vacuidade... essas coisas, a-perigosas eram são em um vaso tão frágil, por mais forte que seja um homem mortal. Arrependo-me delas e do ritual.

— Lançamento de Sombras?

— Sombras ingratas... mas ingratas sem causa? As sombras... te odeiam, Sem-Nome, pois são por ti geradas, teus filhos, uma vez abandonados, jamais te perdoarão. Farão tudo que puderem para destruir o pai... tal é o jeito dos filhos.

As sombras... as palavras me gelaram até a medula. Meus olhos vasculharam o labirinto, observando uma cintilação de escuridão ou o tremular de uma sombra, como a bainha de um manto. Depois as senti, se contorcendo nos cantos da existência, calçadas numa lasca entre o ser e o não-ser. Por um momento elas arranharam pelas paredes da existência, famintas de vingança. O ódio jorrava delas em ondas, e enquanto borbulhavam das profundezas sem luz do labirinto de Ravel, parecia como se uma maré de ódio estivesse rolando para dentro para me engolir. Minha garganta se prendeu, minhas mãos foram à adaga, mas subitamente perderam a força de agarrá-la. O zumbido da Arte, tão frequentemente como a ressonância de um copo golpeado por uma colher, foi repentinamente silenciado.



E tão rápido quanto vieram, elas desapareceram de volta ao nada.

— Lançaste sombras na existência, Sem-Nome. Com cada morte, uma sombra surge fresca dos campos de tua carne. Elas a-vagam por um tempo, mas sempre a-retornam, buscando assassinar seu pai. Tal é o jeito de muitos rebentos...

Ravel prendeu os lábios em desaprovação, depois súbita e bruscamente me cutucou no peito com uma garra:

— ...e de jovens ingratos como tu mesmo.

Estremeci, e a força voltou aos meus músculos:

— Então o que queres dizer com a morte quieta e violenta da mente?

— Mil mortes, e te recuperas de cada uma. Não assim a mente, a mente é muito mais frágil. Suas cicatrizes correm fundo e não cicatrizam. O cérebro está encerrado numa casca de osso duro, difícil de violar, mas sem defesa contra aquilo que a corrói por dentro.

Deionarra havia falado de tal. Já conhecia a resposta à questão no momento em que a fiz:

— E a dor-tomando vacuidade?

— Tens um todo onde... *veste?* *Veste* tua mortalidade outrora jazia dentro de tua casca.

Ela fez a mão num punho e a chacoalhou:

— Chacoalha-chacoalha o homem vazio, brinquedo de bebê, com nada mais do que uma pedra minúscula que a-tilinta e claca em tua moldura.

— Apesar desses problemas, parece que o ritual funcionou...

— Duvidas de Ravel? Claro que cumpri o que foi prometido! Não muito depois que o feitiço se a-encerrou, matei-te para ver se havia funcionado. Lutaste tanto, mas mantive meu aperto firme e assisti morrer tua primeira de muitas mortes.

Ravel clacou os dentes:

— Então fui a-aprendida em suas falhas...

— Que falhas?

— O ego nos envolve como uma prisão. Esqueci que às vezes serve como escudo.

Ravel estalou a língua:

— Minha coisa bonita e bonita, há muito sabedoria e compreensão na verdade de que a vida é uma preparação para o objetivo final: a morte. Nossa vida é um meio pelo qual aprendemos a morrer. Se ESQUECEMOS tais coisas...

— Então foi aí que descobriste que eu perdi memórias ao morrer...

— Yess...

Ravel assentiu:

— Infeliz... sem a mortalidade para guardar tais memórias firmemente, a casca que um corpo é...

— Então tiraste minha mortalidade de mim... ainda está intacta?

Ravel pareceu surpresa, seus olhos arregalando em reconhecimento:

— Sim, sim, sim! Não temas por uma mortalidade quebrada... se estás aqui... *ouve?* Ouves me-falando, intacta tua mortalidade deve estar. Tal coisa não pode... nó... não ser destruída enquanto existires. És uma âncora de tua alma mortal. Enquanto estiveres intacto, assim será. Feito para durar és tu...

Ravel sorriu e deu uma risada ofegante:

— Pois a vida te engoliu e cuspiu!

— Ela o engoliu, mas não sei se saiu por aquele lado — Morte murmurou.

— Chega disso — olha, Ravel, tomaste minha mortalidade de mim, e ela causou mais dano do que benefício. Gostaria de recuperá-la agora — a tiveste por tempo demais, acho.

— Ah... fazes uma exigência...?

Os olhos de veias negras de Ravel se aguçaram e se retorceram, assumindo uma consciência perturbadora, e ela mostrou suas presas amarelas:

— Não, não, não. Isso, Ravel, eu, não farei. O que está desfeito não pode ser feito.

— Por que não?

— Ravel não pode dar tal coisa a ti, meu precioso homem, pois Ravel nada tem para dar... nunca possuí tu ou tua mortalidade... embora desejasse guardar ambos no meu jardim como lembranças de afeto egoísta, traçar os padrões de tua carne... mas tais coisas Ravel não conseguiu se trazer a fazer...

— Por que não?

— Yeh a amava!

Annah quebrou seu silêncio — ela soava assombrada:

— Yeh o amava, yeh amava!

Ravel deu um sorriso largo e baixo:

— Isso é tão difícil de acreditar, fiending...?

Ela cacalhou suavemente para si mesma:

— Será que Ravel sendo Ravel, e portanto um mito, não merece carregar tal sentimento em seu coração de espinheiro negro...?

— Nenhuma criatura é indigna de tal sentimento, Ravel.

Grace falou suavemente:

— As histórias não pintam uma imagem tão compassiva de ti, porém...

— Tchhh! O passado é passado, e as histórias se importam pouco com a-falar a verdade...

Ravel franziu, depois sua voz caiu levemente, ameaçadoramente, enquanto estudava Grace:

— A sensação me tocou, sim... e agora guarda tua língua prateada, filha Abissal. Não preciso de tuas palavras suaves para nublar o ar aqui — o homem e eu falaremos, e te retirará disto. Cuidarei de ti em breve.

— Chega, Ravel: Se não tens minha mortalidade... onde está?

— Não sei, coisa doce. Mas se fosse tu, a recuperaria rapidamente. Não há como dizer que coisas horríveis alguém poderia fazer contigo se tivesse tua mortalidade como RESGATE.

Ravel clacou as garras juntas:

— Seria como segurar a alma doce e succulenta de alguém... um fantoche dançando nas cordas de alguém, seria, e um fantoche muito triste também... dois? *Saber* onde está, eu não *sei*.

— Espera um momento... dizes que TU não sabes onde está minha mortalidade. Sabes de alguém que SABE onde está?

Ravel sorriu horridamente, suas presas brilhando:

— Astuto, astuto, astuto és... sim, há OUTRO que pode

*saber* as coisas que Ravel não...

— “Outro pode *saber*?” Quem?

Os olhos de Ravel se apagaram, como se encarasse algo à distância, e sua voz desacelerou:

— Um... de pele clara... debes perguntar. Um anjo, uma deusa, alguém que voa nas asas da manhã e com suas mãos é o arquiteto de horizontes. Ele jaz, jaz além de meu domínio, em outra gaiola, em outra prisão... em seu *saber* está o *saber* do que desejas *saber*. Faz-lhe tuas perguntas, ouve suas respostas, usa-as como guias.

— Onde posso encontrar este anjo?

— A-deixando esta prisão, para outra prisão maldita chegarás... embora possa não aparecer como tal a olhares casuais. A-pisa com leveza, e encontra o elo dourado na corrente sempre-encurtando. A luz dará o obscuro do assunto, e novos caminhos se abrirão a ti.

— Deliciosamente críptico... embora não surpreendente. Obrigado.

Ravel cacalhou:

— Do passado não estou presa a particularidades... és afortunado de receber qualquer coisa, o cáustico!

— Oh, é mesmo? É apenas que a corrente de quem *sabe* o quê e onde estão nunca parece ser uma série suave de elos — resmunguei.

— Ahhhh...

Ravel sorriu, erguendo uma das garras:

— E é por isso que debes manter cada elo seguro, pois se não estiverem suaves agora, imagina como a corrente será quando MAIS elos se estilhaçarem... o tempo e a morte não são tão pacientes com os outros quanto são contigo.

— O que estás dizendo?

— E se um de teus preciosos elos fosse morrer? E se te esquecesses de novo? O que farias então? Onde estaria tua mortalidade roubada, então... estaria PERDIDA para sempre, pois não haveria mais ninguém para PERGUNTAR como chegar até ela. Rastrear teu caminho se tornaria mais difícil... talvez IMPOSSÍVEL...

— Verdade suficiente — disse suavemente e fiquei ali por um momento, refletindo se havia mais algo a perguntar.

— Obrigado pelas informações que me destes, Ravel; devo partir agora.

— Espera...

A voz de Ravel caiu para um sibilo baixo, como o de uma serpente:

— A pergunta mais importante ainda não fizeste, meu precioso homem. Já ocorreu a ti?

E veio a mim, o último pedaço de conhecimento que precisava:

— Sim... preciso *saber* como sair deste lugar. Sabes a resposta a esta pergunta?

— *Sei* os ramos deste lugar, as torções e curvas e enterramentos. Embora não haja folhas aqui, pode-se tomar sua licença quando desejar.

— Então sabes como sair?

— Envolve tuas mãos ao redor de ti como galhos, faz-os encircular teu peito como uma gaiola. A-afasta da borda do labirinto para a escuridão, e para outra gaiola teu corpo irá — uma saída simples, mas não há RETORNO quando esse passo final é dado, então TEM cuidado e TOMA o que precisas antes de tomar o passo.

— Por qual das bordas do labirinto saio?

— Qual, uma questão posta à bruxa... qual? Uma das bordas *sabe*, eu não. Lembrar-me de qual falhou em mim, e as bordas do labirinto tiveram pouco a dizer sobre o assunto.

Pisquei, surpreso:

— Sabes como sair? O tempo todo? Então... por que não saís?

— Por que ficar quando se pode sair é tua questão para mim?

Ravel entrou num sorriso torto, exibindo uma fileira de presas:



— Viro a questão na cabeça e a mando correndo de volta para ti. A resposta não está no ficar ou no sair, mas nas causas e razões, meu precioso meio-homem.

— Não queres sair?

— É um querer, um outrora-querer, mas não um agora-querer, e cada vez mais um não, nada, nó-querer. Do que preciso que jaz além das minhas paredes de espinheiro? É um mundo cruel e serrilhado além das bordas deste labirinto, e Ravel já puxou estilhaços suficientes de sua pele.

Dei-lhe uma reverência educada:

— Prestaste um grande serviço, bela Ravel. Obrigado por ouvir meu pedido e compartilhar teu conhecimento comigo.

Ravel deu um sorriso torto, todo presas, e depois cacalhou suavemente:

— Ah... sou EU que te agradeço, meu precioso homem. Por muito tempo foi desde que tal lisonja tão doce foi trazida a este labirinto... desejo te conceder uma graça, meu pássaro-cantor.

— Nenhuma graça é necessária, bela Ravel.

— Teus protestos não têm lugar aqui, pássaro-cantor. Shhh... gostaria de te dizer um segredo...

— Muito bem... — disse com um engolir. Ainda não me

havia machucado, e poucos tinham tal oportunidade.

— Então me ouve... fecha os olhos, e deixarei que vejas a natureza do multiverso...

Fechei os olhos, e ao fazê-lo, uma dor aguda e perfurante faiscou pelo olho direito. Meu olho... um dos meus olhos... abriu... e vi Ravel diante de mim, seus próprios olhos vermelho-sangue brilhando de deleite; uma de suas garras estava estendida, e estava pontilhada com meu sangue... e um globo ocular. O meu.

— O que... fizeste...? — gemí, colocando uma mão no rosto, sentindo a pálpebra se indent antinatural ao meu toque.

— Uma graça concedi, pássaro-cantor. Uma torção de percepção, um toque nos galhos da mente, um toque nas raízes do *saber* de Ravel concedi a ti... um pedaço de mim...

Ela tomou o globo ocular, e observei com nojo enquanto puxou uma semente preta e os colocou ambos em sua palma esquerda. Com um sorriso grotesco, os esmagou com um estalido enjoativo que me deixou tenso:

— Ahh...

— Dá-o... de volta...

— Claro, precioso homem...

Ravel abriu a palma e meu olho jazia ali, aparentemente intocado, me encarando. Ela o colocou entre o polegar e o

indicador, depois antes que eu pudesse reagir, o cravou no meu globo ocular vazio.

— Erhhkkkk...

Por um momento houve uma assimetria na minha visão... meu olho normal via as coisas normalmente, mas aquele que Ravel havia cravado de volta parecia pesado, ponderado de alguma forma como se fosse feito de chumbo. Mas através daquele globo o mundo ao meu redor parecia zumbir, sombras dançando entre objetos, auras se ramificando e retorcendo, dançando como algas movidas pelas ondas. As visões dançavam como se fossem imagens queimadas na retina, e lentamente desvaneceram. Mesmo depois que tudo se reajustou, os Planos pareciam diferentes, como se estivesse vendo os Planos através dos olhos de Ravel além dos meus.

É melhor ser cuidadoso sobre quem lisonjeio de agora em diante, especialmente se estiver ao alcance de uma facada.

— Um pedaço de mim jaz no teu bom olho, precioso homem. Quando vires os Planos por aquele olho, entenderás MAIS do que outrora entendia... mais sábio serás, e mais experiência dos Planos e seus movimentos entenderás... e isso é tudo.

Assenti, massageando o rosto e limpando o sangue:

— Muito bem... obrigado, Ravel. Devo te dar adeus.

Enquanto pronunciava meu adeus, uma sensação de rastejo percorreu meu crânio — e os olhos de veias negras de Ravel assumiram um fogo estranho e predatório.

— Não vais me deixar ir, vais, Ravel? — murmurei rouco.

— Uma questão perceptiva — e ainda assim não é a questão real.

A voz de Ravel baixou para um sussurro sombrio — triste e mournful, que enviou um leve eco através da minha mente:

— A questão é: desejas me deixar, meio-homem?

— Não desejo estar preso aqui neste lugar, Ravel. É tua casa, não a minha. Preciso encontrar minha mortalidade e me tornar inteiro de novo.

— Não, *saber*, não... *sabe* ISTO...

Ravel ergueu um dedo com garra, como se me advertindo:

— *Sabe* que é NOSSA casa, meu precioso meio-homem. Dois imortais seremos neste jardim de espinheiro negro, e te mantereí seguro dos Planos.

— Bela Ravel, ajudaste-me quando vim a ti há tanto tempo, e o fizeste de novo. Não esquecerei o que fizeste. Mas agora devo partir — preciso *saber* mais sobre mim mesmo.

Houve um terrível tremido no ar ao redor de Ravel —

e o som de galhos se estilhaçando e troncos de árvore rachando, e o som horrível das árvores se dobrando e se lascando...

— Wh—?

Os lábios de Ravel se puxaram e sua voz se tornou aguda, como um vento uivante:

— O que SABES tu de SABER, meio-homem?! SABE isto: SABE que ficarás aqui até OS DIAS FINAIS no meu jardim de espinheiro, nunca para partir, e me AMARÁS, como eras DESTINADO, como PROMETESTE!

Abri as mãos, tentei acalmá-la:

— Temo que seria má companhia, Ravel. E não posso ficar de jeito nenhum. Temo que deves me conceder passagem.

— NÃO te deixarei partir — tenho o poder de te MANTER aqui, e USAREI esse poder. Meu labirinto de espinheiro negro NÃO te permitirá viajar além dele enquanto eu VIVER, meu precioso, precioso homem...

— Ravel, não quero lutar contigo... não faças isso. Concede-me passagem, e voltarei para te visitar. Não precisas estar solitária neste lugar.

Atrás de mim conseguia ouvir o nervoso desembainhar de lâminas.

— RETORNAR?! RETORNAR como AFIRMASTES que

o faria há tanto tempo?! Não... não, NÃO mentirás para Ravel DUAS VEZES! Não mais SÉCULOS aguardarei por ti...

Os lábios de Ravel se puxaram enquanto ela guinchava, e suas garras cresceram, se alongando em presas demoníacas:

— Aqui no meu jardim ficarás, e a-vagares pelos Planos NÃO MAIS farás...!

— Ravel, acalma-te, não há NECESSIDADE para isto...

— Esqueceste teu LUGAR, MEIO-homem. Humildade é necessária. Atende-me, meus animais!

Ela arrolhou, fazendo um gesto de torção com a mão. O solo tremeu sob nossos pés, as paredes se contorceram com vida animalesca. O odor pungente de vegetação podre e musgo úmido ficou espesso no ar, e numa erupção de solo as criaturas-árvore de Ravel vieram em seu auxílio.

— Trigits... — disse quietamente, de repente sabendo seus nomes. Ravel pode ter sido sua mestra, mas agora eu compartilhava seu poder. Conseguia sentir o pulso de seiva pelas paredes, a curva de cada fibra de madeira. Cada galho, cada torção, poderia ser minha para comandar se conseguisse apenas me concentrar...

— Reúnam-se a mim... — entonei, na minha voz gutural rouca, tentando o mesmo gesto de torção com a mão. Com aquele mesmo zumbido, aquele mesmo estremecimento de

solo e podridão, três trigits a mais se puxaram do solo, ao meu comando.

Ravel cacalhou:

— Precisas de mais PROVA, doce criaturinha, de que tu e eu estávamos destinados a estar juntos?!

Galho se chocou contra galho e vinha emaranhando vinha. O ar estava cheio do som de madeira se lascando e flocos de folhas caindo. Senti o ar zumbir com o poder de Ravel enquanto ela erguia as mãos, e um escudo de urtigas violeta-negras se enrolou ao redor dela, e meus projéteis de força caíram impotentes contra seu escudo.

— Cuidem dos trigits! — gritei para os outros. — Estou avançando!

O cacalejar louco da bruxa martelou em meus ouvidos, e raios caíram sobre os trigits inimigos. Os encantamentos de Fall-From-Grace haviam assumido uma borda letal, e agora seus poderes estavam canalizados para o combate. O choque foi suficiente para eu me aproximar de Ravel...

Com um estalo da garra de Ravel, uma massa de espinheiros brotou da terra e encirculou minha perna, suas farpas escavando fundo no osso e me mantendo no lugar. Uivei de dor, como um lobo preso numa armadilha de urso, me contorcendo no chão e tentando puxar a perna livre. Mantido firme, minha mão recortou no osso tanto quanto conseguia, desesperadamente tentando decepar

minha perna para me libertar antes que Ravel pudesse nos matar a todos.

Pela primeira vez amaldiçoei meu poder regenerativo... músculo e sinew estavam voltando ao lugar tão rápido quanto eu cortava, e cada facada da adaga só conseguia fazer uma impressão na cartilagem do meu joelho.

— Deixa-nos ficar sozinhos juntos agora, querido — ela sibilou, formando as mãos num círculo e pressionando para baixo. Suas palmas tremeram com a força, e um icor negro de shadowstuff líquida se aproximou do coração da câmara, formando um orbe que zumbia de poder.

— NÃO! — gritei, enquanto a esfera negra explodiu.

Num flash ela cristalizou, como seiva endurecendo ou gelo rachando. A substância rangeu enquanto a sombra líquida ficou sólida, e meus amigos ficaram encerrados no que parecia vidro violeta. Dak'kon, Annah, Morte, Grace, Nordom... congelados rígidos em sombra vítrea.

— Nunca mais te deixarei ir, querido...

Ravel sibilou. Ela se aproximou de mim ansiosamente, garras arranhando o ar, lábios famintos e molhados de sua língua serpentina. Se eu não me afastasse daquele espinheiro, tudo estaria perdido...





*A cabana de Mebbeth cheirava a ervas secas:*

*“Trouxe as ervas que querias... agora talvez possas tirar esse maldito arbusto de espinheiro do meu pulso.”*

*“É assim?” Mebbeth lançou um olhar para as farpas que rodeavam meu pulso. “Se assim for, pensa-as para longe, então.”*

*Me concentrei.*

*Rangendo e estalando, os galhos de espinheiro negro se desemaranharam do meu pulso e se formaram numa bola emaranhada de matinho e gravetos; parecia um ninho de cobras pretas mortas.*



Com aquele pensamento os espinhos que escavavam em minha perna se retraíram e os espinheiros desmoronaram. Ela pairava sobre mim, piscando com surpresa, quando atirei um projétil final de força, comprimido tão fino quanto meu dedo mínimo.

Um nimbo brilhante de luz cercou minha mão enquanto o raio de força disparou para frente, estilhaçando seu escudo de espinheiros, perfurando seu coração negro.

Por um momento Ravel olhou estupefatamente para seu peito. Sangue escuro jorrava do pequeno ferimento já, correndo pela blusa em riachos de ébano. Ela ergueu o

olhar para mim, o fogo em seus olhos se apagando, lábios curvados num triste franzido. Sua boca se abriu como se quisesse dizer algo, mas devagar, quietamente, seus olhos rolaram para trás e ela caiu com um baque quieto contra a terra.

A lenda estava morta.





## Capítulo 91

Conseguia senti-las se reunindo no momento em que Ravel morreu, se arrastando pelas bordas da realidade e borbulhando como névoas negras da beira da oblição. As sombras que furiavam e caçavam sem limite.

Elas estavam vindo por nós.

Ficava entorpecido de pé sobre o cadáver de Ravel. O sangue continuava a escorrer de seu corpo, e a tonalidade azul-violeta que tingira sua pele estava se drenando. Aqueles olhos, outrora cheios de fogo e farpas, estavam vítreos e pálidos, como os de uma boneca. Trabalhei rapidamente vasculhando o corpo por tudo que precisávamos para sair daquele inferno.

Um pergaminho, um olho diabólico, um fragmento da unha de Ravel que parecia cruelmente vicioso como arma... estranhamentos, mas o que mais podia esperar encontrar numa crone presa por séculos num dos labirintos da Senhora?

— Já tens o que querias, agora, dá ao lugar a risada, aye?

Annah parecia igualmente aturdida. Ela nem se deu ao trabalho de fazer o sinal que normalmente fazia para

afastar o mal.

— Sim — resmunguei. Por um momento fui tentado a passar os dedos pelo cabelo da hag... quase sentia pena de Ravel agora, frágil como parecia deitada no musgo com um fio de sangue coagulando no canto dos lábios. Não tenho certeza de que estivesse à altura das lendas de sua crueldade.

— Vamos para os infernos sair daqui.

— Portal detectado! — Nordom assobiou.

— Estou te dizendo, Nordom. Estão em todo— pausei. Algo na minha mochila parecia... ativo, como se estivesse ativando o portal próximo que Nordom detectou. Isso não era algo que esperava: no primeiro labirinto do qual havia escapado os portais estavam sempre lá.

Puxei a mochila aberta.

O espaço sob um dos galhos salientes começou a brilhar suavemente, e cintilações do portal nascente revelaram o que parecia um pequeno cômodo espinhento além. O estranho amuleto de espinheiro negro que Ravel havia me dado se contorcia, como uma cobra morrendo.

Mantendo a mochila aberta, me aproximei mais do galho saliente.

O estranho amuleto, usando suas sementes espinhosas, mordeu gentilmente na minha pele. Usando suas farpas como arames, subiu pela minha mão esquerda, onde se

enrolou firmemente ao redor do dedo indicador. Em resposta a luz ficou mais brilhante, nos acenando para atravessar.

A fortuna favorece os ousados.

Ainda estávamos no labirinto, mas o chão da nova câmara estava pontilhado de indentações poligonais brutas, como as escamas de uma casca curada incorretamente. Ali e aqui montes de terra violeta jaziam áridos exceto por três gravetos doentios no centro... parecia como se tivessem devorado toda a outra vegetação ao redor deles.

Eram como dedos finos e agarrantes, e não tinham nenhuma das farpas negras que revestiam os galhos em outros lugares do labirinto. Enquanto os examinava, porém, uma vibração mágica neles zumbia com uma canção melancólica, como as leves vibrações no resto do labirinto. Ainda assim eram mais insistentes, como o lamento de crianças minúsculas.

— Ei chefe, quando acabares de brincar na lama aqui podemos provavelmente ir...

— Um segundo, Morte.

Levantei uma mão para silenciá-lo. Balancei com o ritmo da vibração, e uma vez que reconheci a natureza da ressonância comecei a cantarolar, o mesmo tom que Ravel havia usado para convocar o poder do Labirinto.

Enquanto começava a combinar o timbre da vibração com minha própria voz, os gravetos de repente começaram a se torcer dentro do seu círculo morto, os dedos se debatendo, agarrando algo. Sabia, instintivamente, que estavam agarrando uma semente de espinheiro negro.

Ainda cantarolando, joguei uma das sementes em seu meio.

A semente voou entre os galhos, e os três gravetos se torceram ao redor dela com um estalo, lascando-a. Os gravetos pararam de se debater e lentamente cresceram, engrossando até se tornarem galhos. Os galhos se torceram um ao redor do outro, depois com um estalo partiram na base, rolaram pelo chão, e pararam, mortalmente quietos.

O galho de três-trançados ainda zumbia na minha mão, como um batimento cardíaco. Era obviamente mágico, e poderoso. Conseguia sentir o galho respondendo ao meu cantarolar, e uma enorme quantidade de poder jazia nele: um traço do poder de Ravel, mas talvez principalmente pela minha própria força de vontade.

— Nossa, bacana.

Sorri para Morte:

— Muito.

Sair era como a maioria das funções corporais: o caminho para fora era mais difícil do que o caminho para

dentro. Predadores afiados e neblinosos, com cabelo serpentino e membros como chicotes, perseguiram cada passo. Havia sombras maiores, com garras de escuridão afiadas e rarificadas em lâminas de meia-noite que ardiam com gelo. E então havia os trigits: os trigits sempre sedentos de sangue.

Se cada grama de náusea paralisante e incontinência induzida por medo não tivesse sido cortada, escavada e surrada de mim há muito, teria me sujado até sangrar ao enfrentar as sombras. Elas guinchavam quando vinham, seus sibilos incompreensíveis para meus amigos tenho certeza, mas para os meus ouvidos havia o sibilo subjacente de fúria descontrolada.

Conseguia quase entender o que significavam, como se ouvindo de relance os sussurros de um segredo mortal. Elas guinchavam de futuros roubados, de destinos desfeitos, de fúria e vingança e sede de agonia. Me aterrorizava, mas ainda tomei a dianteira: meu corpo havia aumentado sua capacidade regenerativa, e se eu devesse morrer isso seria o menor de nossos problemas.

Cada centímetro havia sido conquistado com sangue e suor e o sibilo de mana correndo pelas veias. Projéteis de raiva explodiam sombras pretas esfumaçadas abertas, e tempestades de relâmpagos arqueavam por corredores espessos de folhagem. Deixamos atrás uma faixa de shadowstuff se sublimando e matéria vegetal fumegante

enquanto avançávamos, até Nordom trilhar:

— Portal detectado!

Completei um gesto e o corredor foi chamuscado numa tempestade de fogo e gelo, depois circudei as mãos ao redor do corpo como galhos, como Ravel havia me dito. O espaço se ondulou diante de nós, e com vento quente de deserto batendo contra a pele, fomos embora.



Dizer que Ravel era uma criatura retorcida era falar verdade sobreposta a verdade.

Era tanto um paradoxo quanto seu nome. Desfiar é enredar: ela é a que enwrapa suas vítimas em vinhas e pesadelos, montando sonhos como cavalos e quebrando aqueles capturados em seu jardim de espinheiro negro além da quebra. Desfiar é também desvincular: ela é a que destece a verdade de seus laços e abre puzzles melhor deixados não resolvidos.

Ravel é uma criatura retorcida em mais de uma forma. Enquanto era verdade que Ravel havia sido sempre perversa, ela de todas as hag-noturnas havia sido mestra de curvamentos. Ravel curvava a realidade à sua vontade e cultivava os espinheiros da Arte. Raiz e semente, fruto e vinha haviam sido todos dominados por ela enquanto vidas



mortais caíam como folhas de outono. No entanto havia aprendido apenas que nenhum espinho pode ir tão fundo quanto o de uma rosa quando o conheceu.

Seus gritos chacoalham as pedras de calçamento de sua casa. Espinheiros estremeceram e poeira cinza recua a seus gritos, fervendo ao seu guincho inumano.

— POR QUÊ? — ela ulula, e nenhum pode responder.

As lágrimas, espessas e gordurosas, esculpem sulcos gordos no rosto. Pingam do longo nariz e pelo queixo, desespero espirrando à terra gota por gota. Longos arranhões haviam sido escavados no solo e na pedra ao redor dela, e suas unhas estão sujas e gastas de rasgar a terra e dilacerar o jardim em pedaços. Vidro estilhaçado e cerâmica espalham-se pelo covil, e velhas poções borbulham e chirriam na pedra onde se haviam misturado haphazardly.

Quando o frêmito do ritual havia terminado de ressoar por ela, a satisfação tonta de terminar tal tarefa não estava lá. Tal coisa aterrorizante de ver, mesmo através dos olhos de uma hag. Como ele havia se torcido e se contorcido, acorrentado ao altar, seus gritos de agonia chacoalhando-o até o osso. A mortalidade se torceu em suas garras enquanto ela puxava, arrancando e rasgando as sinews da alma. O som de seus laços se estilhaçando sob os dedos, a sensação escorregadia e molhada da resistência... parecia uma eternidade de luta antes de ele explodir livre, como

pus de um furúnculo lanceado.

Quando acabou ele jazia tremendo: gemendo como um gatinho, tenro e vulnerável e estremecendo como um bebê recém-nascido. Estava flácido contra a pedra fria, olhos vazios e implorando que a dor parasse.

Ainda assim como com todas as coisas Ravel era minuciosa, e havia apanhado a adaga sem um pensamento. Entorpecida e fria pela luta, descobriu suas mãos se movendo por conta própria: segurando-o, pressionando a ponta fria da lâmina contra o peito dele.

Ele gemeu fracamente, tentou lutar contra o aperto dela. Mas suas palmas estavam escorregadias de suor, seus músculos haviam sido drenados de sua força, e sua carne era tão tenra e macia...

— Shhhhhhhh criança... — Ravel murmurou, surpresa com a suavidade em suas próprias palavras mesmo enquanto a lâmina deslizava com propósito implacável.

Sua respiração chacoalhou na garganta. Sua cabeça rolou para trás. Seus membros caíram para os lados.

Já os espinheiros estavam florescendo, afiados e venenosos, nutridos por seu sangue.

Ele ficou quieto. Algo era diferente. Um sentimento estranho pingou por ela, algo que fez seu coração negro se acelerar, seus dedos retorcidos tremeram. Pouco a pouco, o horror se infiltrou pelos recessos escuros de sua mente.

Um frio que jamais conhecera antes sifonou o pouco calor que mantinha no núcleo do ser.

Já a umidade de sua pele estava ficando fria sob sua palma. Sua pele estava empalidecendo, seus lábios azul-acinzentados. O calor de sua carne estava vazando.

— Não... não não não não... — ela murmurou, olhos arregalados, em pânico demais para se mover. — O que fez Ravel? Pode ela consertar isso? Consigo eu consertar isso?!

E então ela o sentiu. Um pulso, tênue como o guincho de um ratinho bebê, mas o próximo era mais forte, e o próximo mais forte ainda.

Ravel havia *sabido* que os mortais podiam chorar de alegria, mas foi apenas agora que soube o que significava. Olhos vermelho-sangue e de espinheiro negro úmidos, coração aquecendo, ela riu de deleite. Giddy como uma senhora, Ravel caiu de joelhos. O tremido do medo de que tudo havia dado errado estava vazando, e por uma vez seu riso era doce, seus dedos ternos na carne de outro enquanto amparava a cabeça dele gentilmente.

— Oh belo homem... — ela havia balbuciado através das lágrimas quentes. — Oh doce, belo homem... voltastes para mim.

Em seu coração ela prometeu que ele nunca mais sentiria dor, que tudo que desejasse ela arrancaria dos fios

da realidade, se apenas caminhasse com ela pelo jardim, mão na mão.

Mas as primeiras três palavras de seus lábios gelaram seu sangue.

— Quem sou eu?

Ela jaz enrolada no chão, tremendo de tristeza. Quando os soluços diminuem no choro quieto e suave que vem quando não há mais lágrimas, ela guinchou de novo, forçando-as para fora... a terra está manchada de preto com sua agonia. Serão dias até que não haja nada restante, quando tudo que resta é um núcleo vazio que, por um momento, sonhou com amor.

Nas eras por vir os Planos tremerão ao seu nome. Homens se quebrarão em suas garras, suas almas serão físgadas por suas farpas. Sigil se dobrará com seu poder e a Senhora será convocada no caos. Ravel era forte em muitas coisas, mas se tinha uma fraqueza, era que jamais teve a força de terminá-la ela mesma.

De todos os puzzles, ela nunca saberia por que até ele retornar.



Seus labirintos estavam frios e quietos. Já as canções dos trigits haviam emudecido. Os espinheiros cresciam

selvagens e retorcidos, e folhas caíam como flocos de pele se desprendendo.

Os espinheiros cresciam para dentro da carne de seu cadáver, desesperadamente se nutrindo de seu sangue frio mesmo enquanto morriam. Raízes mergulhavam na ferida escancarada no peito e nos lábios entreabertos por uma língua gorda e inchada na morte. Seus olhos outrora-ardentes encaravam para longe, vítreos e vazios.

Com a determinação sombria de um carrasco, uma criatura flutuou para frente, a realidade se ondulando enquanto se movia. Parecia ser nada além de galhos retorcidos ele mesmo, mas com uma aura que fazia a própria existência gritar em seu rastro.

O corpo de Ravel ficou quieto. Ainda assim havia um tremor, um movimento desencarnado de balançar do braço como tentando afastar a criatura. Sua voz era distante e oca enquanto ela sibilava:

— Vai embora! Morta estou.

A criatura não estava divertida, e sua voz soou como um sino profundo e sonoro.

— Sh-sh-sh... vai embora — estou morta, e nenhum tráfico com os vivos posso ter.

Os espinheiros desmoronaram e se esfarelaram em cinzas enquanto ela se levantou, sacudindo-se. A língua inchada se retraiu, o vermelho piscou de volta aos olhos.

Com uma mão limpa ela apagou o ferimento, e mancha e lágrima foram absorvidas como uma borrao, deixando o tecido impecável de sua blusa embaixo:

— Havia pensado que morrer à sua mão cumpriria os requisitos que o passado estipulou — Ravel sibilou.

Ravel prendeu seus lábios gordos e verrugosos, e colocou ambas as mãos nos quadris enquanto ponderava em espanto:

— Poderoso é esta encarnação, e matar-me ele poderia, mas por alguns truques que possuo. Afortunada fui.

As palavras ressoaram na câmara, a voz da criatura certa e final.

— Não tenho medo, não do tipo como tu, coisa esfarrapada!

Ela rosnou, espetando um dedo para a criatura enquanto flutuava:

— Fraca Ravel pode ser, mas alguns truques aprendeu Ravel ao longo dos anos, e soube que virias!

Chamas jorraram das garras do executor, perfurando o corpo de Ravel. Sua pele murchou, sua carne se dividiu no calor, e vinhas e folhas jorram para ser consumidas no fogo.

Levou um momento para a coisa reconhecer o cadáver espinhento pelo que era, uma ilusão, mas era tudo que

Ravel precisava, se descascando das sombras atrás da criatura. Espinhos a encirculavam num escudo, placas de força rodeavam seu corpo. Com um gesto ela convocou cada grama de poder que conseguia, dividindo espaço e tempo, ordenando os elementos, fundindo agonia para alimentar sua magia. De cada centímetro do labirinto o shadowstuff negro se derramou, se quebrando contra a criatura em ondas. A tempestade de tudo enviou um blackblast que chacoalhou o escudo de cristal de Ravel, e teria esmagado torres em pó, transformado mortais em névoa vermelha úmida.

— Testemunha a raiva de Ravel! — ela guinchou, e relâmpagos perfuraram a névoa.

Mas então Ravel o viu... seus membros pálidos se retorcendo, nadando para cima da massa. Sem uma palavra as garras da criatura se curvaram, e a ressonância que zumbia lhe deu aviso suficiente para refocalizar, erguendo os fios de proteção para cima.

Os projéteis vieram, um por um, energias planares martelando o escudo de vinhas e força. O guincho de cada raio se aproximando veio bem quando o último explodia com a força de uma balista. O momentum carregou através até suas mãos, chacoalhou Ravel até os ossos.

Estava rachando. Sua armadura estava rachando.

No princípio eram rachaduras de fio de cabelo, mas

ao longo da teia crescente de energia estaladiça pedaços se esfarelaram, sublimando em nada. Ravel refocalizou, murmurando outro encantamento. O escudo aguentaria, mas ela precisaria retecê-lo se quisesse sua proteção total.

Mas então os pequenos fios verdes começaram a invadir aquelas rachaduras de fio de cabelo.

Era tudo que ele precisava, uma rachadura de navalha fina, um pequeno buraco por onde uma agulha poderia escorregar. Ravel guinchou enquanto os fios a acariciavam, chamas verde-folha explodindo de sua carne onde quer que lambessem. O salvo de projéteis planares havia terminado, mas Ravel caiu de joelhos, arranhando as chamas e gritando enquanto elas começavam a comer fundo nos seus ossos.

Fogo floresceu ao redor dela. Gelo rachou e esmagou seus ossos contra o chão. Sangue neblinizou o ar sobre seu corpo pulverizado.

E acabou.

Ela flutuou sobre o cadáver em triunfo.





## Capítulo 92

Tossi.

Argila seca racoalhou sob as botas, a terra mumificada e quebradiça como uma velha casca. O ar carregava um aroma cúpreo, como metal enferrujado. De vez em quando minhas cicatrizes me puxavam: o clima árido estava secando minha pele, encolhendo-a de modo que a malha entrecruzada de carne vincada recuou, me puxando como uma rede. Uma figura em linho marrom cintilou no canto do olho, puxando um lenço para manter a poeira do nariz e da boca. Além disso e das bolsas dispersas de civis sussurrando entre si, as ruas estavam principalmente áridas.

O silêncio me perturbava. Sigil era uma metrópole agitada, e o labirinto de Ravel um labirinto de vinhas cantoras e plantas que arrulhavam. A aspereza de Curst era chocante, e cada arranhão ou rangido de uma porta me deixava de prontidão. Era uma cidade de traidores, e já conseguia sentir as facas apontadas para minhas costas.

Um pássaro verde-escamado de duas pernas bicava um tufo de grama e um trinado saiu de sua garganta.

— Trichas — Morte disse, e só isso. Fossem bichos

selvagens ou gado, não sabia.

— Ei, você! — uma voz cascalhosa gritou. — De onde diabos você apareceu? Não sabe que há uma interdição?

— O que podes me dizer sobre este lugar?

— Estamos sob interdição agora por causa da praga. Não sabemos o que está causando, mas estamos colocando em quarentena seções da cidade até descobrirmos. Quer mais alguma coisa?

— Bem... ESTOU procurando uma deva.

O guarda escarneceu:

— Então estás no extremo errado do Grande Anel, imbecil, porque mesmo se houvesse uma aqui, não a encontrarias. Estaria trancada como o ouro de um avarento.

Annah ficava de pé ao meu lado, e com o mais leve dos movimentos ela roçou a lateral da minha bota com a dela. Por um momento quase verifiquei minha bolsa de moedas, quando me veio. Numa cidade como essa, mantém-se uma distância de qualquer um que te olha, e dá o dobro de espaço para os guardas. Quem sabe o que fariam?

Ruídos abafados de um dos becos por que passamos confirmaram as suspeitas de Annah.

— Onde escondeu, Jansen?

O baque surdo de carne soou nos meus ouvidos.

— Só diz!

— Não posso! — Jansen uivou.

Um dos guardas me localizou, e fez uma pausa suficiente na surra para me lançar um olhar frio:

— Não viu nada, não, se souber o que é bom para você.

Virei-me. Perguntei a mais alguns sobre a deva, mas a maioria era... menos do que prestativa. Ir sozinho não funcionaria.

Conjura o cheiro de água de porão e mofo, de trapos fedendo com ambos mas usando-os para esfregar copos tão sujos que ainda é uma melhoria. Imagina dezenas de olhos de bordas negras cintilando sobre ti por meio instante, tão rápido que mal percebes e te perguntas o que está acontecendo por trás daquele fingido desinteresse. Vê a si mesmo contando o troco exato, porque sabes que a moeda que receberias em troca caso contrário teria em toda probabilidade estado aninhada entre os seios escabiosos de uma prostituta com varíola recentemente.

Isso é luxo em comparação com a Taverna do Portão do Traidor.

Sentei-me no balcão. O assento do banco estava tão gasto que podia muito bem ter estado sentado em madeira nua com um saco de couro crostoso por cima.

— Uísque de Carceri, por favor.

E por uma vez fiquei satisfeito com o rosnado grosseiro na minha voz. Afastou a maioria dos ratos. Note que disse “a maioria”.

— Oi, chefe — um homem encapuzado me cumprimentou. Suas vestes estavam rígidas de suor e sujeira. Uma língua preta de mofo faiscou por sobre dentes tão amarelos quanto manteiga:

— Parece que teve uma briga. Precisa de um descanso, chefe?

Sua mão já estava escorregando sob a veste.

— Não se preocupe comigo. Devia ter visto o outro cara. E num flash ele sumiu.

Olhei de volta para o barman enquanto ele rosnava, uma taça cheia de algum espírito avermelhado. Tomei de uma só vez com um esgar... era tão picante quanto qualquer coisa que já havia provado antes. Só descobri mais tarde que o uísque aqui era destilado de pimentas de ferrugem de Carceri fermentadas.

— Parece que aguenta em mais de um sentido, imbecil — disse ele com uma torção dos lábios. — Está procurando trabalho?

Esfregue a língua contra os dentes, o calor da bebida ainda nos lábios:

— Já estou queimando a vela dos dois lados. Estarei,

dentro de uma hora ou duas, pelo menos.

Ele riu, um homem curtido e sombrio. Seu rosto áspero estava marcado e intemperizado, e seus olhos estavam de bordas vermelhas:

— Bem-vindo ao Portão do Traidor. Sou Barse Maculado, o estalajadeiro.

Captei a tensão em sua voz:

— Algo está errado?

— O que está errado é que minha filha foi sequestrada por traficantes de escravos, e agora o lugar vai ficar para trás nas contas e vou perder o local para um daqueles ricos safados do primeiro círculo.

Ele me olhou mais de perto:

— Tu és o sujeito perguntando sobre a deva, não és? Diz o que. Me ajuda, te ajudo.

Pisquei:

— O que sabes sobre a deva?

Ele sorriu astutamente:

— Estás procurando ele, não estás? Posso te dizer que está escondido bem abaixo da prisão. Posso te dizer como chegar lá também, sem ser preso ou tentar subornar para entrar — o que não funcionaria de jeito nenhum.

— O que tenho que fazer para isso?

— Vai lá e fala com Marquez. Ele é o ex-Harmonium. Ele sabe sobre esses traficantes — e guarda a primeira parte da chave que te colocará no caminho de ver a deva. Há cinco partes da Chave, mas não é uma chave física. Quando tiveres as partes juntas, vem me contar — e ela desbloqueia conhecimento em minha mente. Até então, fica em segredo. Tens que satisfazer os guardadores da chave.

— Por que a deva estava aprisionada?

Ele me olhou de perto para ver se estava brincando com ele:

— Disse que descobriram ele enterrado na terra, correto? Isso significa que não tenho ideia de como chegou lá. Queria ter poder suficiente para prender uma deva. Esse seria um poder que valeria ter.

Dei um aceno irônico:

— Parece um lugar tão amistoso, no entanto. Ainda assim, não parece que o povo aqui seja do tipo capaz de oferecer a uma deva tal... hospitalidade.

Barse Maculado sacudiu a cabeça, mas pareceu concordar:

— O que este lugar é, mais do que qualquer outra coisa, é um viveiro de rumores e insinuações. Ninguém confia em ninguém. Não se faz favores a alguém sem certificar-se de que estão em dívida contigo. Todos odeiam todos

os outros, e todos procuram uma alavanca sobre todos. Alguém como tu... és um alvo maduro de oportunidade para as pessoas, porque não conheces a política. E garanto que serás sugado para dentro.

Resmunguei:

— O que é isso com a cidade tão abandonada?

— Heh. Problemas em abundância, como sempre. Primeiro, continuam cavando buracos no chão para tornar a prisão maior — e descobrem esta deva, envolto numa grande bolha de obsidiana, acorrentado ao chão. Pegam sua espada e usam seu poder para manter os criminosos nas celas. Estão ocupados debatendo o que fazer com o celestial, arrancando os cabelos tentando descobrir como lucrar com a descoberta e trair seus “amigos”... e aí a praga atinge.

— Praga?

— Isso. Algo que derruba as pessoas. Faz o povo ficar todo irritado e mal-humorado — e fraco demais para fazer qualquer coisa a respeito. Os guardas fecharam porções da cidade, e estão todos tensos. Te prendem na mínima pretensão agora. Não sei como entraste na cidade, mas não saís a não ser que encontres um portal.

Ele esfregou um copo impaciente, sua mão tão apertada no trapo que espremeu um pouco dos respingos. Água verde-amarronzada escorregou pelo interior do copo:

— Melhor falar com Marquez, camarada.

Marquez era um homem louro e corpulento usando a armadura de um oficial do Harmonium. Seu rosto estava rosado de bebida, e por trás do sorriso seus olhos estavam cheios de amargura. Entrou em discurso sem preâmbulo:

— Aqui está o negócio. Traficantes de escravos sequestraram a filha de Barse. É teu trabalho recuperá-la. Direi onde encontrá-los; vai lá matá-los e retorna a mim, e te ajudarei a encontrar a deusa que procuras. Até te ensinarei armas. Combinado?

— Tenho algumas perguntas sobre isso, primeiro...

— Algumas perguntas? Não. Há apenas duas respostas possíveis. Estás a favor da escravidão ou contra?

— Contra.

Conseguia ouvir a karach de Dak'kon se afiando com essas palavras, e mesmo parado e em silêncio seus pensamentos pareciam cortar o ar.

— Então ajudarás, correto? Sim... ou não.

— Ajudarei.

O olhei de cima a baixo, a armadura vermelha laceada tornando claras suas lealdades:

— Quem és?

— Sou Marquez, anteriormente Nível Três do Harmonium. Anteriormente, disse, porque larguei não



muito tempo atrás.

— Por quê? Qual é teu interesse neste negócio de escravidão?

— Descobri que o Harmonium — um grupo no qual havia acreditado desde o início — estava comprando pessoas, sequestrando-as, levando-as contra sua vontade e arruinando suas vidas. Estava sugando a vida das pessoas por se atrever a ser diferentes, e não aguentei mais. Os traficantes que enfrentarás são velhos camaradas meus.

Ele cuspiu no chão:

— Imbecis. Mentirosos. Não se pode mais confiar em ninguém.

Não havia falta de becos em Curst... os prédios se agachavam um ao lado do outro como se eles próprios fossem suspeitos demais para se aproximar, cautelosos demais um do outro para ficar mais afastados.

Dois dos soldados seguravam a garota, um pedaço de mulher num vestido rasgado. Lágrimas manchavam a maquiagem nas bochechas, e seu rosto estava molhado de choro. Ela olhou para mim com olhos vermelhos:

— Por favor... por favor... salva-me destes homens...

A voz da garota era tão quieta, tão partida.

Um oficial do Harmonium, mais velho e com mais cicatrizes que os outros, me viu encarando. Estava vestido

em sua armadura cerimonial, e o fato de estar no comando dos traficantes tornava tudo ainda mais obsceno:

— O que quer?

Meus olhos se estreitaram:

— O que estais fazendo aqui?

Ele sorriu:

— Dificilmente a forma adequada de cumprimentar um oficial Nível Dois do Harmonium. Skatch é o nome, e meus homens e eu estamos reunindo recrutas para ensiná-los sobre o certo e o errado. Como podes ver, nem sempre estão dispostos... mas faremos ver a luz eventualmente.

Sua voz tinha um tom untuoso, quase reconfortante:

— Farás um bom recruta, imagino.

— Não estou interessado.

— Que pena.

Ele gesticulou para seus homens:

— Ignora a garota. Pega ele.

O poder da Arte fervia em minhas veias antes que eu soubesse. Uma inversão kármica moderadamente-difícil que poderia ser melhor descrita como um toque mágico. Equilíbrio em Todas as Coisas, como Dak'kon frequentemente entoava, um feitiço que havia sido inscrito no próprio Círculo de Zerthimon. Era útil, se limitado para um githzerai — mas para um imortal, o efeito tinha poucos

pontos negativos.

O Harmonium se lançou sobre mim, machados balançando, lanças cravando. Uma borda perfurante de alabarda me empalou, e senti a lâmina rasgar meu ventre e romper meus órgãos. Meu estômago se contraiu, os fluidos jorram fundo por dentro. Bem quando tossi e provei sangue nos lábios conseguia ver os oficiais do Harmonium ao meu redor se dobrando com gritos gorgolejantes, o mesmo ferimento aparecendo em cada um dos corpos deles. Aqueles que não se dobraram de agonia deixaram o momentum de seus ataques os carregar, e um machado esmagou meu ombro, estilhaçando a clavícula e deixando um sulco fundo de costas ao peito. Outra lança, me pegando mais baixo, nos rins, enquanto o soldado se dobrava de dor.

Esses três ferimentos foram suficientes para matar os traficantes menos experientes, deixando apenas Skatch de joelhos, sangue escorrendo da boca.

— Que diabos és?! — ele gorgolejou.

Nada disse, ocupado demais puxando as lanças das entranhas para me dar ao trabalho de responder. Rosnei enquanto torcia a superior... o maldito tinha uma cabeça que ficou presa entre duas costelas.

Incapaz de me atacar, Skatch se contorceu, se lançando desesperadamente sobre a garota, com a

faca desembainhada. Era o debater de um homem amargo decidido a destruir o que não podia ter.

Karach repicou contra armadura e osso, e a cabeça de Skatch caiu no chão. Seu corpo balançou e caiu sobre ela, sangue ainda jorrando do toco do pescoço. Os olhos de Dak'kon eram frios enquanto limpava a lâmina. Não tinha amor por traficantes de escravos.

A mulher só conseguia nos encarar:

— Salvaste-me... muito obrigada! Estaria morta ou pior sem vós...

Ela abriu os braços e se moveu para me abraçar.

Meus ferimentos já estavam começando a se costurar, mas rosnei enquanto ela apertava com força; sua bochecha, molhada de lágrimas, pressionada contra meu peito.

Depois de um tempo ela recuou e olhou para mim, sorrindo:

— Devo partir... mas deixa-me dizer “obrigada”. Não esquecerei tua bondade.

Assenti simplesmente, cuspiendo uma bola de sangue e saliva, sugando o gosto de ferro da língua antes de cuspir de novo.

Ela estremeceu levemente, e gentilmente foi pelo caminho dos corpos. Deu um sorriso levemente angustiado

e nervoso:

— Uh... adeus, estranho, e obrigada.

— Claro. Adeus — rosni.





## Capítulo 93

Marquez ergueu o olhar da mesa ao eu me aproximar:

— Estás aqui sobre a filha de Barse, Jasilya?

— Ela está livre. Deve estar de volta aqui em breve.

Ele me bateu no ombro:

— Bom trabalho. Queres a primeira parte da chave que te levará abaixo de Curst? Aqui está: *“Tal lugar a justiça eterna havia preparado para os rebeldes...”*

Vai falar com Kitla ali. Ela tem a segunda parte da chave.

Isso poderia esperar até a manhã. Tudo que queria naquele momento era uma cama em que pudesse deitar até os ferimentos se coser. Pagamos pelos quartos e subimos as escadas, passando por pequenos grupos sussurrando uns para os outros, cada um com um jeito ensaiado de nos lançar olhares furtivos enquanto passávamos. Mais de um par secretamente passava moedas por pequenas bolsas de contrabando em troca, escondidas atrás de prostitutas que exibiam seus atributos de forma tão ampla que se pensaria que estavam recebendo uma fatia do contrabando oculto feito por trás de suas costas.

Lá em cima um homem particularmente agitado me lançou um olhar com uma careta. Seu olhar não era nem de longe tão ensaiado, e ele se segurava com uma tensão que falava de ser um forasteiro. Me aproximei do homem tímidomentinho com olhos assustados e saltitantes:

— Por favor, não me machuque! — ele sussurrou. — Vão me matar se me encontrarem!

Pisquei:

— Quem vai te matar?

— Os guardas. Estão atrás de mim. Acho que ofendi alguém com uma pergunta, ou disse algo para a pessoa errada. Só estava oferecendo uma opinião, mas parece que tens que falar de um certo jeito aqui. Está tudo corrompido!

— Quem és, afinal?

— Sou Berrog Sapatoveloz, viajante e solucionador de problemas. Acho que podes me chamar de ladrão, mas prefiro me chamar de engenheiro — armadilhas e puzzles e tal. Só uso minhas habilidades para bons fins — odeio machucar qualquer um. Acho que eles usam engenheiros para propósitos diferentes aqui.

Ele estremeceu:

— O que estás fazendo aqui?

— Vim a Curst porque ouvi que havia uma deva presa

aqui, e como tenho alguns amigos archon de volta no Monte Céstia, pensei que poderia ser de assistência. Esta cidade, porém... este lugar é um esgoto e não posso confiar em ninguém! Como as pessoas podem viver assim? Preciso sair daqui!

— É melhor ires então. Toda a cidade está em lockdown, mas talvez consigas encontrar um lugar para se esconder apropriadamente quando for levantado.

Ele me olhou com descrença nos olhos:

— Obrigado! Não me verás de novo!

Ele saiu correndo.



— Chefe, há um cadáver do lado de fora do nosso quarto.

— Parece fresco — disse com um aceno.

— Está meio me deprimindo.

— Arrastamos para longe mais tarde, acho.

Naquele momento saudei a Colmeia. O ar era fedorento e também podias ser assassinado sem um segundo olhar, mas pelo menos os corpos teriam sido arrastados num piscar de olhos por um Coletor.

Admito, fiquei meio surpreso de não encontrar uma prostituta morta deitada na minha cama. Um cheiro seco



e mofado pairava no ar e pó estampava as bordas do tapete em camadas grossas. Uma biombo estava armado num canto do quarto para troca de roupas, e os móveis remendados pareciam estar nos últimos suspiros. Ignorei os borões e riscos marrom-ferrugem nas paredes. Pelo menos a cama era grande e confortável.

— Ei Annah, quero falar contigo.

As seis palavras mais aterrorizantes que podem ser ditas, por homem ou mulher.

Ela pausou, braços cruzados sob os seios. Seus dedos tremeram, como se acariciando os cabos das adagas de soco.

— Por que vocês todos não veem o que Barse está servindo para o jantar? — disse com um aceno. Era uma dispensa tão clara quanto podia fazer, mas Nordom para um piscou.

— Nordom não requer sustento. Esta unidade é auto-operada e alimentada por ener—

— Oh vai se catar seu polígono idiota — Morte rosnou.  
— Só leva seu traseiro metálico lá para baixo.

— A seu comando.

A cauda de Annah fez um trejeito nervoso assim que a porta se fechou:

— Aye? O que é que queres, então?

— No labirinto, Ravel disse que estavas atormentada... o que quis dizer?

Annah franziu:

— Ela não quis dizer nada, ela não quis. Fala louca de hag, foi.

— Annah, sei que atraio tormento para mim. Sei sobre Morte, Dak'kon, Nordom, e um pouco de Grace. Tens certeza de que ela não quis dizer nada?

— Foi NADA. Se não sabes o que ela estava dizendo, eu também não.

Ela deu uma sacudida de cabeça, como que dizer que seus problemas eram seus próprios. Podia respeitar isso.

— Bem, se quiseres falar sobre isso, estou esc—

— Eu... — o olhar de Annah caiu por um momento, e seus ombros curvaram. — Não sei por que estou viajando contigo! Não sei por que fui contigo encontrar Ravel!

Ela franziu, mas parecia mais confusa do que com raiva:

— Não faz sentido, não faz, e não gosto disso.

— Eu... — Annah respirou fundo. — Acho que tenho sentimentos por ti. Parece estranho, parece... não acho que já gostei de alguém. Mas tu...

Annah deu um meio-encolher de ombros sem encontrar meu olhar:

— Não sei o que é em ti, quero dizer — és tolo muitas

vezes, andas como se os quadris estivessem quebrados, és desajeitado, cheiras como zumbi, mas...

Ela suspirou:

— Gosto de ti.

— Annah, por que não disseste algo? Poderíamos ter resolvido isso muito—

— É porque acho que estás condenado.

Annah de repente encontrou meu olhar:

— Acho que andas com correntes, mas ainda não sabes. Então eu... sinto por ti, mas tenho medo por ti... e isso me está matando, está. Não consigo deixar que venhas a te magoar, mas não sei o que fazer para pará-lo!

O calor de sua voz cresceu com cada palavra. Seus dentes se morderam em lábios preto-vermelhados. Havia uma fome em seu olhar. Quando nos encontramos pela primeira vez ela havia mentido para mim e me mandado morrer num beco. Quando Annah ficou ao meu lado ela havia lutado à minha ordem, sangrado por mim. Annah, tão supersticiosa que ficou paralisada de medo à mera menção da Senhora, me seguiu para o labirinto de Ravel. Ainda conseguia sentir o calor de seu sangue tricotando para a rua, o desespero quando tentei chamar sua alma de volta ao corpo...

Num instante agarrei a nuca com a mão livre, e os traços de Annah ficaram pedra enquanto a puxei para mim e a

beije nos lábios.

No começo era como beijar uma parede, depois ela começou a me beijar de volta devagar, hesitante no princípio, depois com mais confiança, seus dentes mordiscando levemente meu lábio superior. Ela rosnava no fundo da garganta, e sua cauda começou a se enrolar ao redor da minha perna, depois a apertar, cada aperto combinando com uma das mordidas.

— Vocês dois vão parar antes que eu precise chamar um dabus para separar vocês! — Morte hmmphed. Nem ouvi a porta se abrir. — Ou pelo menos me deixem cortar para dentro.

Por uma vez Annah o ignorou. Queria jogar algo pesado.

Continuamos, compartilhando o calor dos corpos um do outro, a umidade dos lábios, quando de repente a pele de Annah ficou mais quente — irradiando calor, como carvões quentes. Me afastei, os dentes de Annah dando uma última mordida, e ela me olhou confusa, depois com raiva:

— O que é, então? Não sou boa nisso, sou?

— Não, é tua pele — por que está ficando tão quente de repente?

— Aye?

Annah franziu, e olhou para baixo para si mesma; pequenas espirais de fumaça saíam das bordas de seu colete:

— Sangue de infero, é...

Ela ergueu uma sobrancelha:

— Nunca aconteceu isso antes, porém.

— O quê? Ninguém jamais te beijou antes?

Ela deu de ombros:

— Ninguém jamais se atreveu. E mesmo que tivessem, duvido que fosse assim.

— Aceito isso como um elogio, então.

— Aye... eh...

Annah olhou ao redor, e sua cauda fazia um trejeito errático:

— Vamos descer ao bar agora ou o quê? Não temos tempo de ficar parados conversando, não temos.

— Bem, não terminei de te beijar ainda. Vem cá.

Ela recuou, alarmada:

— Nay — quem sabe o que aconteceria a seguir — talvez meu corpo vire chama, vai! Tu e teus lábios ficam à distância!

— Muito bem — desta vez. Vamos em frente.

Tentei não rir quando saímos, fechando e trancando a porta atrás de nós. No canto do olho, porém, Annah parecia estar sorrindo.



Após extensa negociação com Kitla — que me deu a segunda parte da chave em troca de resolver uma disputa de herança entre os irmãos Crumplepunch e Kester Malako — e depois com Nabat — que me deu a terceira em troca de defender Kyse o zelador do lixeiro contra a gangue de Wernet — a metade da cidade já me conhecia e a outra metade começava a me evitar.

Todas as vantagens de ser reconhecível como mercenário num covil de traidores.





## Capítulo 94

Kitla suspirou com azedume quando lhe contei como havia resolvido a questão:

— Obrigado por resolver isso, mas... olha, tenho muito planejamento a fazer. Deixa-me apenas te dar a Chave e chamemos de quites, tudo bem?

Assenti.

Ela se concentrou por um momento, e sua voz assumiu um tom diferente, mais profundo enquanto entonava as palavras:

— *“Aqui sua Prisão ordenou em escuridão total...”*

Ela pausou e falou normalmente:

— Para a terceira parte da Chave, fala com Nabat ali.

Ela bocejou profundamente, me dispensando:

— Estou exausta. Fica com isso, e depois me deixa em paz por um tempo. Preciso pensar no meu próximo passo aqui. Adeus.

O que ela me entregou era um pergaminho de feitiço gasto, e embora fosse de outra forma sem traços, imediatamente senti o poder contido nele.

Nabat era um homem de rosto angelical, seus olhos apertados quase fechados como se relutantes em assistir os horrores do mundo ou em deixar o mundo ver os horrores dentro dele — e ainda assim seu rosto estava vincado de linhas de sorriso:

— Oi. Ouvi que estás procurando por certa Chave.

— Vamos ser rápidos com isso — rosnei. Só mais alguns.

— O zelador do lixão da cidade é um homem chamado Kyse. Diz-se que tem muito ouro escondido sob o assoalho — e que há uma gangue de arruaceiros planejando pegá-lo. Tenho minhas razões para que não o façam. Vai falar com Kyse e que ele te conte a história. Faz isso, e te dou a Chave. E se estiveres interessado, posso te mostrar alguns truques de furtividade.

— Por que isso é tão importante para ti?

— Importa mesmo? E se eu dissesse que ele era meu avô? E se eu dissesse que queria vingança nas pessoas que vão tentar atacá-lo? E se eu dissesse que queria aquele dinheiro para mim mesmo? A motivação importa? Estás conseguindo o que quer — a Chave — e estou conseguindo algo para mim.



Kyse era um velho castigado que fedorenta a lixo,



curvado de cansaço mas de alguma forma mais vital do que a maioria das pessoas desta cidade. Seus olhos e postura eram mais vibrantes, como se não pertencesse bem aqui.

Ele ergueu o olhar enquanto nos movíamos entre os entulhos manchados, e endireitou as costas:

— Viestes ver Kyse? Ouvistos histórias de sabedoria e retidão? Exemplos a serem dados e vividos?

— És o zelador?

— Sou Kyse, zelador do lixo da cidade. Cuido dos dejetos deles, e em metáfora já vi um bom número de almas flutuar por aqui também. Sou a voz que os urge à bondade — e temo que me ignorem.

Pareces *saber* mais de Curst do que seus outros habitantes, velho.

Ele sacudiu a cabeça em pena:

— É uma cidade à beira do desastre. Todo tipo de mal está sendo feito aqui, e nada é como parece. Tudo está escondido sob uma aparência de civilidade, mas o veneno marca aqueles que o respiram. Esta é uma cidade envenenada, cheia de gente envenenada.

Ele se inclinou conspiratoriamente:

— Tenho uma entrada secreta para o underground aqui, um lugar secreto que quase ninguém sabe. Há um caminho para a cidade subterrânea... Mas nunca a usei.

Se eu descesse, tenho a premonição de que nunca poderia retornar. O caminho para baixo é escorregadio, e os entulhos desmoronariam atrás de mim. Quando estiver pronto para morrer, escorregarei lá para baixo e deixarei os monstros festejar em meus ossos.

— Bem, és radiante — lancei um olhar além dos portões. Não podia culpá-lo... cada centímetro de Curst fermentava de crueldade e egoísmo.

— Ouvi que estás tendo problemas com um grupo de capangas.

Kyse assentiu:

— Wernet é o homem, um líder de piolhos, um coletor de pecados. Diz-me que tenho moedas, que devia dá-las a ele, mas minha riqueza reside unicamente em meu coração e em minha fé. Disse isso a ele. Temo que não acredite. Vai, convence-o disso. Por favor. Ele fica no interior de Curst, no lado sul, perto das carroças.



Wernet era corpulento, com uma força bestial como a de um urso raivoso. Seu rosto estava marcado de cicatrizes e vincado de inúmeros contos de violência:

— Oi, que quer, imbecil?

— Vim falar contigo sobre Kyse, o zelador do lixão.

— Awww, o coitadinho ouviu que íamos atrás do dinheiro dele?

Ele se coçou:

— Vai lá dizer a ele que ou entrega ou é homem morto. Vai lá.

Droga.

Depois de defender o lixão com barricadas de lixo e uma batalha final com a gangue de Wernet — com as adagas de soco de Annah sendo particularmente decisivas — voltei a Nabat.

Ele deu um sorriso enorme enquanto eu entrava:

— Ouvi que acabaste. Isso significa que tens a terceira parte da Chave.

Seus olhos arderam por apenas um momento e o verso soou:

— “...sua porção determinada...”

Quando seus olhos voltaram ao normal, ele deu de ombros:

— Não é muito de um verso, temo... mas terá que servir. Obrigado pela ajuda. A próxima porção da Chave está com Dallan. É aquele com a jovem amiga ali.



Dallan tinha olhos azuis severos e cabelo preto até os ombros. Tudo que olhava parecia fumar sob seu olhar:

— Sou Dallan. Estás procurando uma Chave — disse com um grande sorriso.

— Isso mesmo. O que tenho que fazer desta vez?

— É simples. Um dos líderes da cidade está tendo um pouco de... dificuldade política, digamos. Um de seus inimigos no conselho da cidade está causando-lhe problemas. Vai falar com ele sobre isso e ver o que podes fazer para ajudá-lo. Seu nome é An'izius — é um githyanki, e o encontrarás perto do portão de Carceri no centro da cidade.

O olhar de Dak'kon ficou duro.

— Ele é teu amigo? Procuras um resultado específico para isso?

O sorriso de Dallan se alargou:

— Digamos apenas que confio em tua discrição. Verás o que quero dizer.



An'izius circulava ao redor do Portão de Carceri. Ele era de pele amarelada, de rosto fino e olhar malévolo, marchando deliberadamente. Conseguia praticamente sentir sua raiva:

— O que queres?

O olhar de Dak'kon era duro como aço e duas vezes tão afiado:

— Devemos ajudar um githyanki? O que o atrai aqui, longe da canção de sangue tecida por seus irmãos?

Os olhos do githyanki se estreitaram:

— Abandonei o ódio que carregava pelo teu povo. Elevei-me acima da briga pequenina entre nossas duas raças. Por isso me exilaram — mas em meu coração, os superei. Podes dizer o mesmo?

— Muito bem, vocês dois... parem com isso. Tinha algumas perguntas.

— Quais são?

— Um amigo me disse que estavas precisando de ajuda.

Sua intensidade dobrou, e sua voz soou como se pudesse ter polido pedra:

— O que ouviste?

— Simplesmente que estavas tendo dificuldades com um inimigo político.

Seus olhos se arregalaram por apenas uma fração de segundo, e se estreitaram de novo:

— Vejo. E vais me ajudar?

Dei de ombros:

— Depende do que precisas de mim.

— É de natureza delicada. Uma rival precisa de educação. Não precisarás matá-la, se isso te deixa constrangido.

Ruminei. Não ter que matar para fazer algo por uma vez era bastante refrescante:

— Farei isso, então.

— Isto é o que deves fazer: A mulher, Siabha... tem vendido sua influência ao maior licitante, minando minha posição junto ao Burgomestre desta cidade. Desejo que a humilhes. Tudo que precisas fazer é dizer ao Capitão dos Guardas que ela tentou te contratar para me atacar, e serás bem recompensado.



A troca com Siabha e An'izius foi um estudo em como uma cidade de traidores funciona: cada um tentou me subornar para trair o outro, dobrando o preço em tempo real. Levei as evidências de corrupção de ambos para o capitão dos guardas, que imediatamente usou a informação para solidificar sua própria posição.

— Droga. Acho que acabei de ser enganado.

Mas tinha a quarta parte da Chave.





## Capítulo 95

Dallan bebeu sua cerveja:

— Aqui está teu pagamento da minha parte.

Sua voz se aprofundou, assumindo um tom quase ritualístico:

— *“...tão removido dos Deuses e da luz do Paraíso...”*

Sua voz normalizou:

— Para a porção final da Chave, fala com Dona Quisho ali.

Dona Quisho era uma mulher de cabelos ruivos, baixa e rechonchuda. Seu rosto estava marcado de preocupações, sofrimentos e ódios que pareciam ter fermentado por tempo demais:

— Estás procurando a entrada para o underground, aye? Precisarás fazer Dona Quisho um favor antes de ela te dar seu pedaço da chave. Há um infero trancado aqui na cidade. Preciso que seja libertado.

Ela pressionou um pergaminho nas minhas mãos antes que eu tivesse chance de reagir.

— Por quê?



— Porque é meu! Porque sacrifiquei tanto por ele! Porque eles o pegaram de mim e o esconderam de mim e ninguém jamais me ajudou quando era tudo que eu queria para mim mesma!

Sua voz ficou astuta, manhosa:

— Mas agora tenho conhecimento que precisas, e nunca o conseguirás a não ser que liberte Agril-shanak.

— Não defendo libertar inferos.

Ela cacalhou na minha cara:

— Isso não importa. Precisas da quinta parte da Chave. Tenho-a. Menos que estejas disposto a encontrar outro caminho para dentro do teu precioso underground, tens que fazer o que digo.

— Como sei que não vai sair em disparada?

Um pequeno sorriso preencheu seus olhos, um dos sorrisos mais venenosos que já havia visto:

— Esse não é um problema que me concerne. Fazes teus próprios acordos com o infero. Só quero que seja libertado.



Perguntei-me se minhas botas estavam limpas.

A verdade é que estava prestes a libertar um horror devorador-de-almas dos reinos do inferno para causar

estragos pelos Planos a pedido de uma velha amalucada. Fazia isso por um propósito desconhecido, numa cidade onde a ignorância me havia levado pelo pior caminho imaginável.

E a única coisa em que conseguia pensar era se minhas botas estavam limpas enquanto pisoteava no que restava do suprimento de grãos da cidade.

Os grãos rangem sob os pés, a escada balança enquanto subimos. Me concentrei nas pequenas coisas para manter a sanidade.

Claro, não podia ser indiferente aqui.

Bem no centro do sótão havia um pentagrama vazio. O ar estava seco e frio, e havia um odor no ar, de magia velha e rançosa e mal permeando a área, mantido em rédeas apenas por um círculo de cinzas cor de osso.

O ar escureceu por um momento, e houve uma sensação de vento ruindo pela cabeça e pelo coração, trazendo um frio que pareceu congelar as entranhas. Quando minha visão se limpou um infero imponente ficava de pé, com mais de quatro metros e meio de altura com uma cabeça canina raspando o teto. Seu torso massivo brotava quatro braços... dois terminando em pinças, e dois com mãos de garras. Presas afiadas brilhavam marfim-amarelas e olhos violetas cintilavam com intelecto demoníaco. Ele me encarou firmemente.

— Uh, nossa.

O olhar da criatura nunca vacilou enquanto continuava a me encarar. Engoli, sem saber o que dizer até sentir uma sensação de puxão em minha mente e uma voz ressoar em minha cabeça:

— Saudações a ti também, humano. Sou Agril-Shanak. Por que estás aqui?

— Tenho algumas perguntas...

— Perguntas... isso me diverte. Podes perguntar.

Seus olhos me encaravam da maneira mais perturbadora. Estava confiante em minha resistência mental... havia saído de muitas apuros apenas pela força de vontade, mas Agril-Shanak era uma força mais alienígena do que qualquer que jamais havia enfrentado.

— O que és?

— Alguns me chamam de infero... alguns de amigo. Sou Agril-Shanak. Sou tanar'ri. Alcancei meu status através de trabalho duro, traição, sangue e medo. Sou uma criatura de pesadelo.

Ele ficou em silêncio.

— Quem te chama de “infero” e quem te chama de “amigo”, exatamente?

— Os ignorantes que não conseguem ver além do medo e do preconceito. É a sua miopia que os faz me rotular

assim... e aqueles que desejam poder frequentemente me veem como meio para um fim. São eles que me chamam de amigo.

— Como foste aprisionado aqui?

— Não sei...

Houve uma longa pausa antes de ele continuar:

— Fui convocado e respondi ao chamado. Uma força maior então me interceptou e vim aqui. Estou preso desde então.

— Quem te convocou?

— Sabes a resposta, tens o pergaminho em tua mão. Foi Dona Quisho.

Assenti:

— Dona Quisho me enviou para te libertar. Como faço isso?

Ele apontou uma garra para a borda do pentagrama:

— Simplesmente quebra o diagrama apagando uma pequena porção...

Ele me olhou, seus olhos furando meu crânio.

Pausei:

— O que ganho com isso se o fizer?

— Minha gratidão não conhecerá limites. Deposito os próprios planos aos teus pés... liberta-me!

— Preciso de algo mais concreto que palavras... se não consegues entregar, simplesmente vou saindo.

— Muito bem...

Conseguia sentir seus olhos me furando enquanto pensava:

— Concederei uma arma mágica, uma arma de grande poder, uma arma para trazer teus inimigos de joelhos... concederei Esmaga-Corações!

— Esmaga-Corações?

— Sim... Uma arma preciosa para mim, mas uma que sacrificaria pela minha liberdade. O que diz? Vai me libertar por Esmaga-Corações?

Lancei um olhar de soslaio para Grace. Se alguém conhecia o coração de um tanar'ri seria ela. Ela devolveu o olhar com uma frieza firme, e o mais leve aceno. *"Faz o que deves"*, ela parecia dizer, *"desde que estejas disposto a pagar o preço."*

Não tinha interesse em armas demoníacas, nem em qualquer poder que carregasse o fedor dos Planos Inferiores. Sabia que estaria abrindo uma caixa de Pandora fazendo isso... mas por todos os Poderes havia chegado tão longe.

Ajoelhei-me, tocando o diagrama, e uma onda de energia subiu pelo braço.

Com um golpe rápido apaguei uma parte dele. Tão rapidamente a energia desbotou e um grito de triunfo rugiu dentro da minha mente:

— Livre por fim!

— Vou pegar Esmaga-Corações agora.

— Sim... cumprirei nosso acordo, humano. A arma é tua e a liberdade é minha. Uma troca justa...

Ele me encarou e então um machado enferrujado apareceu em sua mão. Ele o estendeu:

— Parece nada... mas é poderoso.

Estava momentaneamente cético, mas um toque daquele machado enferrujado me disse tudo que precisava saber. Gritava de poder e sede de sangue... tal arma não deveria estar nas mãos de ninguém, muito menos de um ífero.

— Prestaste-me um grande serviço e, em gratidão, não te matarei.

Ele apontou uma garra para mim:

— Sabe, porém. Se nos encontrarmos de novo, lamentarás o dia. Adeus.

Já havia sumido quando murmurei sob o fôlego:

— Fico ansioso por isso.



Dona Quisho arrolhou enquanto eu entrava:

— Terminaste, não és? Sim, estás... mas onde está Agril-Shanak?

— Tenho certeza que estará por aí logo.

Ela cacalhou:

— E faremos nossos planos e armaremos nossas armadilhas e eles lamentarão seus erros, oh sim.

Ela pressionou uma bolsa de moedas nas minhas mãos:

— Aqui está a última parte da Chave: *“Tal como do Centro três vezes ao pólo mais extremo”*. Vai de volta e fala com Barse Maculado agora; ele te guiará direito.

Ainda cacalando, ela reuniu seus pertences e saiu correndo.



Barse ainda estava polindo um copo com um trapo sujo. Ao me ver chegar ao balcão, casualmente puxou uma taça e a encheu com uma boa dose de bebida forte.

Tomei de uma vez. A bebida tinha dificuldade em me afetar, mas tanto faz tentar depois de tudo que havia passado por esse poema:

*“Tal lugar a justiça eterna havia preparado para os rebeldes — Aqui sua Prisão ordenou em escuridão total —*

*Sua porção determinada tão removida dos Deuses e da luz do Paraíso — Tal como do Centro três vezes ao pólo mais extremo.”*

Barse assentiu:

— Estás pronto para ir? Não há retorno — a porta estará trancada, gradeada e protegida magicamente assim que passares. Queres fazer isso?

— Confia em mim, estou no humor de pôr algo no túmulo, e duvido que gostasses de me ter por perto para isso.

Ele deu um aceno brusco:

— Boa sorte, camarada. Precisarás.







## Capítulo 96

Dizem que há duas grandes forças na vida que fazem o multiverso girar: o amor, com todos os seus prazeres devotos e envolventes; e o ódio, a obsessão que tudo consome. Um bom filósofo poderia argumentar que toda ação na vida é construída em torno de uma dessas duas forças de alguma forma. Criação e Destruição. Vida e Morte. Yin e Yang. Eros e Tânatos. Pessoalmente, acho que há uma terceira opção que se encaixa entre as duas.

Propósito frio e dirigido.

Quero dizer, vamos ter uma conversa sincera aqui. Mesmo com meus sentimentos por Annah de um lado e a tagarelice de Morte do outro, o eixo se torna menos um princípio de contemplação e mais algo que se agarra num momento de necessidade para que se possa empalhar uma criatura com a ponta aguçada (provavelmente a parte do “ódio”). Não é amor que sinto quando a ressonância do multiverso flui através de mim, nem é ódio que me faz transformar um trelon num borrado borbulhante espalhado por dez metros quadrados de alvenaria. É apenas o fato irritante de que preciso ir do ponto A ao ponto B e essas malditas coisas estão bloqueando minha

vista do destino.

Embora se o assunto são trelons, é melhor dizer logo:

Odeio essas coisas.

Trelons são mais garra e presa do que carne, vêm em enxames, e seus dois únicos membros anteriores terminam em garras gigantes. Socar um é como balançar num saco de navalhas. Como essas coisas acasalam? Sua existência é ou de castidade vitalícia ou de um ciclo brutalmente extravagante de assassinato-suicídio.

Meus projéteis mágicos haviam quebrado a carga da horda e os amolecido, e simplesmente corri para a refrega enquanto Nordom descarregava seu aparentemente interminável suprimento de virotes na carne deles. Dak'kon e Annah tentaram ajudar, e por um momento temi que meus gritos os fizessem mais ansiosos para saltar na orgia de sangue e carne rasgada. Uma vez que conseguiram separar minhas palavras dos sons molhados de jorrar, porém, relutantemente ficaram para trás. Morte foi incomumente obediente nesse quesito.

Não conseguia me regenerar tão rapidamente quanto me machucavam, mas como muitas batalhas corpo a corpo em que estava envolvido era uma de atrito.

— Ai... — resmunguei, sentando num cadáver de trelon e esperando meus ferimentos se costurem. Estávamos longe de qualquer refúgio seguro, sem nenhum lugar imediato

para descansar. Precisávamos racionar nossos recursos, e isso significava guardar nossa magia, dos meus projéteis de força à cura de Grace.

Tornava o progresso mais lento já que tinha que sentar e respirar fundo cada vez que encontrávamos problemas, mas ironicamente carregar numa tempestade de dentes e garras era a alternativa mais segura. A imortalidade tem uma maneira terrível de mudar a mecânica da guerra.

Claro, isso não significava que estávamos desperdiçando tempo enquanto eu esperava meus tendões se reconectarem.

— Annah, podes ir explorar a área?

Ela deu um aceno orgulhoso como se ansiosa para pôr suas habilidades únicas em bom uso, e imediatamente desapareceu pela curva. Mesmo sabendo que estava apenas ali na esquina tive que me esforçar para ouvir o mais leve pisar de suas botas de couro macio.

Devo admitir que fiquei nervoso pelos primeiros dez minutos. Se tivesse sido avistada e machucada porque a mandei para fora eu não acho que conseguiria me perdoar. Mas uma hora de unhas roídas e pé tapando mais tarde, senti uma pancada no ombro e olhei para cima para Annah. Meus ferimentos haviam cicatrizado em grande parte por então.

— Encontrei algo interessante?

— Monstros de sobra — ela respondeu, mordendo o lábio. — Coleções feias de demônios ao norte. Coisas grandes e flácidas tremendo como gelatina, e uma horda de criaturas redondas tanto quanto altas, com carne pedregosa. Um dos grandes com asas pode ter captado meu cheiro, parecia o tio-avô de um abishai.

— Lemures e Nupperibos, chefe. Soldados rasos dos baatezu.

— E um cornugon, se extrapolarmos para adivinhar o que a criatura alada pode ser. Estranho — Grace murmurou. — Que aqui encontremos as forças da lei e do mal em tais números. Particularmente estranho ver um cornugon tão longe dos esquemas de Baator. E Dona Quisho havia convocado um glabrezu, um demônio do caos sem mente.

— O que achas que significa, Grace?

Ela sacudiu a cabeça:

— Os esquemas dos baatezu requerem leitura e estudo cuidadosos de suas estratégias, algo difícil dada nossa falta de informação e tempo para investigar o assunto. Escusado será dizer que Curst esconde mais em seu coração do que alguém deixaria transparecer.

— Exceto talvez a deusa — Dak'kon entoou. — Se é seu *saber* que devemos buscar para teu bem, podemos sondar seu *saber* desta cidade também.

— Parece ótimo.

— Aye, mas há algumas pessoas aqui embaixo também. Uma ao sul, outra bem a oeste. Não sei como evitaram os monstros, ou se são amigos ou inimigos.

— Hmm. Como eram?

— T'chah. Um é um eremita. O outro é... bem, digamos que doou para uma causa maior, aye?

Vhailor — o nome ecoou de repente no fundo da mente. De onde havia vindo isso?

Tanto faz. Primeiro as coisas primeiro.



Lidar com as hordas Baatorianas foi um assunto menor. Não foi pouca a energia que despendi com isso, mas às vezes simplesmente tens que mandar uma mensagem. Depois de passar pelo grupo de íferos, nos encontramos com o cornugon.

Se estava com raiva de mim por ter matado seus subordinados sem mente, certamente não o mostrou. O poder que os baatezu buscavam vinha do domínio de sua raiva, afinal. Era vagamente humanoide, coberto de escamas grotescas, com asas enormes dobradas para parecer menor do que era. Uma cauda longa e prênsil deslizava pelo chão com um movimento sinuoso e rítmico, e

olhos aguçados me observaram se aproximar com diversão.

— Saudações.

Ele deu uma gargalhada e sorriu para mim:

— Sim... saudações a ti, pequeno humano.

— Quem és?

— Meu nome não é importante. Se houvesse uma razão para me conheceres, saberia. Se precisas prender um nome a mim, podes me chamar de Tek’elach.

A criatura sorriu.

— Disseram-me que és um cornugon. Um baatezu maior.

Tek’elach lançou um olhar para Grace, a carne de sua mandíbula curvando num esgar parcial. Aqueles olhos sinistros cintilaram então, e farejando o ar deslocou o olhar para Morte. Se tivesse cólon, Morte pode ter acabado de esvaziá-lo.

— Sim... isso te surpreende?

Algo definitivamente estava acontecendo aqui. Não se vê lordes e barões metidos em cavernas sob um vilarejo planar:

— Só não vejo por que estarias aqui. Não suposto estares lutando alguma Guerra de Sangue ou algo do tipo em casa?

Ele franziu:

— Sim... há a Guerra de Sangue. Mas isso está longe por ora e não precisa ser falado...

— Por que não?

— Pela nenhuma outra razão senão que escolho não... por ora.

Ele olhou torto:

— Então o que estás fazendo aqui?

— Meu negócio aqui é meu; não o vejo como uma preocupação tua.

Ele sorriu para mim com sabedoria:

— Sugiro que mudes o assunto.

— Não entendo, por que o sigilo? Dás-me a impressão de que algo mais está acontecendo aqui.

Tek'elach me olhou com surpresa fingida:

— Dou? Ou escolhes interpretar minhas palavras ou ações para atender às tuas próprias necessidades? De qualquer forma, respondi tua pergunta. Não falarei mais sobre este assunto.

— Então o que podes me dizer sobre a cidade de Curst?

Ele franziu e deu consideração séria à minha pergunta:

— É um lugar abandonado... um lugar de traição e caos... uma cidade equilibrada na beira do desastre. Viaja com sabedoria dentro de seus limites.



— Equilibrada na beira do desastre?

Ele suspirou e olhou para longe:

— Esta é uma cidade fronteira, pequeno humano. De um lado estão as Terras Externas. Do outro está o plano de Carceri. Enquanto o status quo em Curst permanecer equilibrado, isso continuará sendo uma cidade fronteira.

Ele pausou para efeito.

— Já ouvi tanto. Continue.

— Se as coisas saírem do controle na cidade, ela poderia deslizar para Carceri e se tornar uma com o plano. Impõe muita ordem, e ela deixa de ser uma cidade fronteira ao deslizar para as Terras Externas.

Ele deu de ombros:

— É o jeito de tais lugares.

Minhas sobrancelhas se franziram. Já havia ouvido isso antes, e ver os planos havia tensionado minha sanidade repetidas vezes. Mas para toda uma cidade se mover era difícil de acreditar:

— Estás dizendo que a cidade poderia ser... deslocada?

Um sorriso fingido curvou a mandíbula de Tek'elach:

— Sim...

— Se isso acontecesse, o que poderia ser feito?

Ele deu de ombros:

— Determina em que direção a cidade deslizou e aplica uma força oposta. Muita ordem? Instiga algum caos. Pouca ordem? Impõe mais lei. Se fosses persistente em teus esforços poderias puxar a cidade de volta ao seu status de fronteira... ou deslizá-la para o lado oposto.

Ele sorriu de novo. Tek’elach certamente parecia divertido, e eu tinha certeza de que não ia gostar do motivo:

— Foste muito prestativo... O que traz outra pergunta... Por quê?

Ele me deu um olhar confuso:

— Por que o quê?

— Supostos que vós baatezu sejais as encarnações do mal. Então por que estás sendo tão prestativo?

Ele deu uma gargalhada:

— Não confundas minha ajuda com bondade, nem a mim como qualquer coisa além de maligno. Estou te ajudando porque serve às minhas necessidades... nada mais.

— Como me ajudar serve às tuas necessidades?

— Como de fato...

Por um momento o encarei fixamente, através de olhos negros como o pecado e dentes amarelo-osso de um sorriso irregular. Não, não tinha tempo para isso. Tinha outras coisas a fazer.



Voorsha era um homem de cara de rato, de meia-idade em roupas surradas. Uma mão descansava na adaga, a outra fidgeted com o colar. Não esperava ver mais ninguém aqui embaixo, e cautela guerreava com alívio até fazermos as apresentações. Depois disso, o que faiscou em seus olhos foi oportunidade.

— O que estás fazendo aqui?

Ele me encarou blankly depois deu de ombros:

— Sou um... comerciante. Esta é minha área de armazenamento.

Olhei ao redor. Um alambique, alguns bens cobertos com uma lona... certamente não era difícil descobrir o que estava acontecendo:

— O que armazenas aqui?

— Não vejo que isso seja de tua conta.

— Só estou curioso...

Ele deu de ombros:

— Bem... Cerveja, hidromel e... outros bens.

— Por que estás tão nervoso?

Voorsha começou a fidget:

— Nada... Podemos mudar de assunto?

— Não, acho que estás tramando algo e quero saber o quê.

Ele me olhou torto depois suspirou:

— Estou... trazendo as coisas por... canais alternativos. Os guardas não sabem...

O sujeito era um ótimo sorrasteiro ou muito bom em suborno, porque com certeza era um terrível mentiroso:

— És um contrabandista.

Ele franziu:

— Sou um bootlegger. Soa melhor que contrabandista, não achas? Olha... que tal me ajudas... por um pedaço do negócio?

— Que tipo de ajuda?

— Bem, recentemente há uma quantidade incomum de... atividade aqui embaixo. Bandos de trelons enxameando, aquele fedor de enxofre que não estava aqui antes. Acho que até vi alguns íferos por um dos túneis mais profundos. Principalmente ficam para si mesmos mas... há um gehreleth por perto. Tem tentado me matar e isso dificulta tirar minhas coisas. Preciso que alguém cuide disso.

Pisquei:

— O que é um gehreleth?

Ele deu de ombros:

— É apenas uma criatura estúpida decidida a comer tudo que vê...

— O farastu Ghrist era alto e esguio, com braços longos e uma cabeça alongada. Várias presas se projetavam de sua boca desmedida e seus dedos terminavam em garras longas. Ele nos encarou firmemente enquanto nos aproximávamos.

Desagradável como era, a criatura não tinha pressa. Inclinou-se para frente e me cheirou, depois estendeu uma mão com garras e beliscou meu ombro. Ele lambeu os lábios:

— Estás um pouco duro, mas podes ser gostoso mesmo assim.

— Tenho algumas perguntas.

Sua boca se dividiu num sorriso cheio de dentes:

— Conversa antes de jantar tudo bem. O que queres *saber*?

— Vais me comer?

Seu sorriso ficou ainda maior:

— Aye, assim que terminares com tuas malditas perguntas de tolo.

Ele levantou um braço e coçou a axila languidamente.

— Há um bootlegger aqui embaixo que quer que estejas morto.

Ele me olhou blankly depois assentiu:

— Sei... tentei comê-lo outro dia. Ele escapou. Tentei pegá-lo, mas ele tem o lugar armadilhado.

Ele deu de ombros:

— Sou paciente. Um dia vai cometer um erro.

— Ele me enviou para te matar.

Tanto vale ser honesto. Não é como se isso fosse durar muito tempo de qualquer forma.

Ghrist assoou o nariz na mão depois jogou o resultado para o lado. Enxugou a mão enquanto respondia:

— Oh... só mais um motivo para matá-lo então... e a ti.

Antes que sua mandíbula caísse para rosnar e saltar, as adagas de soco de Annah esculpiram dois novos sorrisos ao longo da garganta de Ghrist.

Dei a Annah um aceno agradecido enquanto limpava a bagunça das mãos. Nossa turma era uma máquina bem azeitada agora. Annah conseguia ler o propósito real por trás do bate-papo sem o menor sinal.

Enfiei a cabeça decepada num saco fresco.





## Capítulo 97

Voorsha olhou para mim:

— Olá... de novo. O que posso fazer por ti?

— Matei aquele gehreleth para ti.

Ele pareceu surpreso mas rapidamente se recuperou, e sua garganta balançou com um engolir pesado:

— Uh... ótimo. Bom trabalho.

— Disseste que me farias teu sócio. Estou pronto para receber.

— Sim... disse isso.

Voorsha assentiu, nos encarando por um momento antes de começar a fidget.

Depois de tudo que havia passado, tinha minhas dúvidas se Voorsha cumpriria sua parte do acordo:

— Não achavas que eu poderia matar o gehreleth, achavas?

Ele me encarou por um momento mais depois suspirou:

— Não... Parece que superou minhas expectativas... Estava esperando que o gehreleth cuidasse de ti e me poupasse o trabalho. Agora acho que tenho que cuidar de

ti eu mesmo.

No momento em que sua mão escorregou para as costas meus braços já haviam disparado, agarrando-o num mata-leão. Idiota imbecil. Se conseguíamos derrubar o gehreleth que chance ele achava que tinha contra mim com o pequeno espetinho na mão? Preso como estava, ele cravou na minha costela em sucessão rápida.

Ferimentos como esse e normalmente sangraria em trinta segundos, mas tudo que infligiu foi um fluxo opaco enquanto artérias e veias se costuravam tão rápido quanto um belisco dos meus dedos.

Esta foi a última vez que alguém nesta cidade ia me usar. Tocou no urso uma vez a mais.

Fiz de forma gentil e suave, adicionando a pressão apenas um pouco, trabalhando por um momento para acertar o aperto certo. Era um favor que ninguém jamais me deu... embora dado quão ingrato era esse pequeno esquilo duvidei que apreciaria. Um giro rápido, um pop molhado, e acabou. Fácil. Indolor. Como mergulhá-lo numa lagoa.

Deixei seu corpo cair gentilmente no chão, cabeça balançando num pescoço recentemente dotado de mais alguns graus de liberdade. Depois vasculhei seus bolsos para compensar. Dinheiro trocado, na verdade.





Mas Annah havia dito que havia duas pessoas aqui embaixo.

Era um homem sujo, curvado e carcomido pela idade e escuridão. Seu cabelo lânguido e oleoso voou dos ombros ao nos ver, e seus olhos se arregalaram de medo. Seus dedos começaram a se torcer através de padrões arcanos. Reconheci os componentes somáticos... vagamente. Algo doloroso, mas um feitiço de origem divina.

Ergui as mãos:

— Está tudo bem... não vou te machucar.

Ele parou no meio do gesto:

— Ach, mais um visitante, hein? Quereis todos assustar o velho eremita até a morte, hein? Estes túneis não são lugar para um passeio de primavera casual, sabes. O que queres de mim?

— Estou procurando uma deva.

Ele sacudiu a cabeça:

— Ouvi rumores sobre ela, mas este velho eremita não a viu. Pensei que pudesse estar no underground, já que este lugar tranca todas as coisas boas, mas ainda não a encontrei. Se pudesse encontrá-la perguntaria se teria ouvido falar do meu deus.

Ele soltou outro suspiro, e olhou pelo corredor:

— De alguma forma, parece que estaria para o oeste ali. Mas ainda não a encontrei. Deve ter um guardião.

Ele piscou para mim.

— O que podes me dizer sobre este lugar?

— Este lugar? Cheio de monstros, criminosos — não sou um deles — e outras pessoas que causam dano a um indivíduo. Ainda mais seguro do que a cidade acima, porém. Pelo menos aqui embaixo sabes onde estás. Lá em cima? Não senhor.

— O que estás fazendo aqui embaixo, de qualquer forma?

Ele suspirou ruidosamente, se conteve, e olhou ao redor selvagememente por um momento:

— Vim a Curst porque meu deus foi exilado para Carceri. Tenho me aproximado dele o tempo todo, mas não vou entrar no plano-prisão atrás dele. Estou tentando encontrar uma forma de tirá-lo de lá. Já que ele é um poder do bem, não deveria estar lá, mas é assim que o exílio funciona, acho.

— Há quanto tempo estás aqui?

— Tempo demais, tempo demais, no serviço de um deus que está quase esquecido. Mas me lembro dele... vou encontrá-lo, mesmo que tenha que esquivar todos os

monstros ao redor para sempre. Vou encontrá-lo.

Ele ficou olhando para longe, murmurando.

O observei de cima a baixo. O pequeno homem mal parecia o tipo capaz de se defender adequadamente:

— Como sobrevives aqui embaixo de qualquer jeito?

Um sorriso dividiu seu rosto:

— Meu deus pode estar aprisionado mas ainda concede alguma medida de poder. Este velho aqui criou proteções. Não muito poderosas, e difíceis de manter, mas servem bem o suficiente. Se fordes um grupo tão amigável como pareceis, deixaria vocês ficarem aqui esta noite para descansar.

Tínhamos trabalhado muito para conservar nossas forças, mas um pouco de descanso não faria mal. Se a deusa estava fortemente guardada, precisaríamos de cada gota de força para abrir caminho.



Uma cortina surrada cobria um pequeno canto em solidão, e a luz de uma única vela lançava a sombra de Grace contra o pano desgastado. Ela estava ajoelhada em oração, quieta e em silêncio, mas o tremeluzo da chama da vela fazia sua silhueta dançar.

— Sinto tua presença, velho amigo — ela murmurou. —

Por favor, vem se desejas conversar.

Limpei a garganta. Meu rosnado gutural era um contraste áspero com a própria voz doce dela:

— Lamento se interrompi tuas meditações.

— De jeito nenhum — ela disse enquanto eu puxava a cortina. — Só se pode experimentar a meditação silenciosa tantas vezes. Há poucas sensações novas para mim a serem tiradas da solidão.

Retive outro pedido de desculpa, desta vez por tê-la levado tão longe de seus deveres de dirigir o bordel. Afinal, ela consideraria uma troca justa... colher experiências novas de nossas viagens devia tê-la beneficiado de maneiras que não conseguia imaginar.

— Deves sentir falta de tuas estudantes.

— Elas se virarão sem minha presença — ela disse, apagando um palito de incenso numa pequena tigela de areia. — Talvez Ecco precisasse de alguma orientação, agora que sua voz foi restaurada.

Grace sorriu com isso:

— Ela se beneficiará de encontrar seu próprio caminho. Nenny e Kimasxi eram sempre bastante independentes... embora talvez um pouco mais de humildade lhes fizesse bem. E Yves... bem, há alguns contos que não posso contar a ela.

A pausa puxou minha mente:

— Por que isso? É uma história que não possuis, ou uma que não darás?

Seus lábios de rosebud se torceram num sorriso suave:

— Ah! Tens uma forma de tirar respostas dos outros. Mas uma dama deve ter alguns segredos.

— Lamento se é impertinente, Grace. Só gostaria de *saber* mais sobre ti. Conheço Morte tão bem, e Dak'kon, e Annah. Não tenho ideia do que passa pela cabeça de Nordom — é sua natureza, suponho. Mas não sei muito sobre ti.

O sorriso sumiu de seu rosto, e ela usou o restante da vela para acender uma nova. Seus olhos encaravam a chama nascente, e brilhavam com uma sobriedade dolorosa:

— Isso está correto. Yves não precisa de mais contos acrescentados à sua miséria... e meu conto não serviria à sua busca pela verdade.

— Contar-me-ias?

— É um conto longo, e não tão interessante quanto alguns fariam parecer.

Ela suspirou:

— Está entrelaçado em outros contos de guerra e escravidão — não é uma história agradável.

— Ainda assim gostaria de ouvi-lo.

— Muito bem... *sabe* que meu passado não é longo, pelo menos pelos padrões tanar'ri. Não sei se és familiar com os tanar'ri, mas somos uma raça do Abismo, uma série escalonada de Planos cheios de corações de caos e de mal.

Suas mãos se dobraram no colo, e ela ergueu o olhar para os meus olhos. Senti uma leve tontura, e fui mantido no lugar por seu olhar:

— Sou tanar'ri, uma ífera, uma súcubo... cresci no primeiro plano do Abismo. Minha mãe, Manto Vermelho, era também uma súcubo — como tenho certeza que sabes, as súcubos tentam os mortais a trazer suas almas para o Abismo. Minha mãe estava entre as melhores, seduzindo incontáveis homens mortais para sua condenação eterna. Ela agora habita o Abismo, vendendo seus filhos para a escravidão.

Senti minhas mãos se apertarem aos lados:

— Tua mãe te vendeu para a escravidão?

— Sim, ela me vendeu para os baatezu, os inimigos de sangue dos tanar'ri. Acho que ela esperava que me matassem — apesar de seu conhecimento sobre outros assuntos, ela pouco sabe de sua cultura e do deleite que têm em atormentar os outros.

— Como escapaste?

— Os baatezu são uma espécie orgulhosa. A ideia de

que uma tanar'ri pudesse superá-los em qualquer coisa era intolerável para eles. Então desafiei um dos mais orgulhosos dos balor para um concurso de improvisação, e minha natureza tanar'ri me deu uma vantagem — vê, os tanar'ri são criaturas do caos, selvagens e imprevisíveis. Os baatezu são mais astutos, com corações ordeiros. Eles entendem a improvisação, mas não são seus melhores praticantes. E assim ganhei minha liberdade — e meu caminho me levou a Sigil. Foi lá que estabeleci o bordel, para dar àquelas febres lascivas que atingem a mente mais vias de expressão além das simplesmente carnavais.

Ajoelhei ao lado dela:

— Quando estávamos no labirinto de Ravel, Ravel disse que estavas atormentada... estás em dor?

Fall-From-Grace ficou em silêncio por um momento, seu olhar se tornando distante. Quando se voltou para mim, seus olhos eram de uma estranha tonalidade de azul, uma tonalidade que espelhava tristeza e lágrimas:

— Digo-te isto: os baatezu não são humanos. Suas luxúrias residem no poder, não na carne, e não se importam com estupro ou copulação como os humanos quando têm outro humano prisioneiro. Os tormentos dos baatezu são muito mais sutis e muito mais devastadores do que qualquer violação da carne, e as cicatrizes duram muito mais.

Pela primeira vez ela pausou, como se incerta do que dizer. Um frio gelou meus ossos... Grace ser silenciada, mesmo por um momento, era perturbador. Foi um alívio quando ela finalmente falou, cada palavra lenta e deliberada:

— Ravel vê muito com seus olhos de espinheiro negro, algumas coisas que estão ocultas aos olhos dos outros, até coisas sobre suas próprias naturezas.

Ela sacudiu a cabeça devagar:

— Às vezes... às vezes, a dor se faz *saber*. Aprendi que se voltar contra a própria natureza é uma coisa... difícil.

— Estás bem?

Ela sorriu, muito levemente, e encontrou meu olhar:

— Sim... és gentil em perguntar. A dor ainda se faz *saber*, mas há muitos séculos que cheguei a um acordo com minha natureza.

— Muito bem, e—

Grace me parou antes que eu pudesse continuar:

— Agradeço-te por perguntar sobre meu bem-estar. Tua preocupação não é indesejada.

Eram minhas mãos que se enrolavam ao redor de seu corpo, me perguntei? Eu era realmente tão ousado para segurá-la, do jeito que um homem ampararia uma mulher, cruzando a barreira invisível que separava um estudante



de um professor?

Mas ela suspirou, e a tensão confusa se desfez enquanto suas mãos seguravam meus ombros. Suas asas se drapearam ao nosso redor como as dobras de um manto. Ela era suave contra mim, de uma forma que nunca pensei ser possível com outro. Compartilhamos nosso calor, apenas por um momento. Não havia nada a ser dito, nada mais a ser explicado. Para um par de Sensatas, a experiência era suficiente para passar compreensão entre nós.

Foi então que o senti em mim... os olhos, o pungente de dor, o gancho farpado que fisgava a alma.

Olhei por cima do ombro, e avistei a ponta branca de uma cauda cintilando ao virar uma esquina escura.

— Annah?

Me levantei, e as asas de Grace se desdobraram de nós. Me afastei, notando de repente pela primeira vez o aperto de seu corpete contra meu peito.

— Deves ir — ela murmurou.

Mentalmente a agradei por entender — não conseguia suportar a culpa de deixá-la no frio.

Pelos túneis rastejei, provando o ar pela presença das proteções. Ainda conseguia sentir sua ressonância por estes corredores laterais, então estava seguro, mas bem abaixo e acabaria. Fui grato pelas lições que havia

compartilhado com Annah há tanto tempo. Embora o caminho fosse difícil os pequenos sinais estavam lá: o agitar da poeira, o leve farfalhar de terra deixado por uma cauda que se enrola. Ela nem estava tentando se esconder.

Mas então o sabor das proteções começou a afinar, como caldo aguado.

— Annah! — sussurrei, vendo o flash de cabelo ruivo, o piscar de uma cauda branca. — Volta!

Mas minha voz parecia apenas impulsioná-la, como o estalo de um chicote.

— Annah, não é seguro aqui! Dane-se, volta! — rosnei, mas não conseguia manter a tensão fora da voz. Havia a puxado de volta da morte uma vez, e não estava disposto a fazer isso de novo.

— Por favor!

Meu coração martelava contra o peito, o sangue batia nos ouvidos, calor inchando atrás dos olhos até ficar quase cego de pânico e preocupação. Ia perdê-la.

Mas então a vi, encolhida num canto, mãos enroladas ao redor dos joelhos. Eu estava ofegante por então, alívio misturado com cautela... se dissesse a coisa errada, ela poderia disparar novamente.

— Annah... — exalei. — Voltarias? Por favor? É perigoso aqui.

Havíamos deixado os limites das proteções há muito.

Ela murmurou algo.

— Não consigo ouvi-la. Vamos voltar e falar sobre isso.

— Sempre achei que eras o idiota — ela murmurou. — Achava que era a esperta.

— Não és burra, Annah. É... apenas um mal-entendido. Grace estava tão magoada, passou por tanto. Todos nós passamos.

— Aye. Vais tentar me convencer de que ela é apenas uma amiga?

— Ela é... é complicado.

Ela ficou em silêncio por um momento mas lentamente se pôs de pé:

— Não é ela que me preocupa. Eu jes não consigo mais fazer isso. É difícil demais *saber* o caminho que estás percorrendo, ver-te dar um passo após o outro até teu fim.

Ela não conseguia me olhar nos olhos:

— Terminamos quando isso acabar. Tenho meu próprio caminho a ir.

Assenti. Talvez fosse o melhor.

— Vamos. Voltemos.

Ela me seguiu silenciosamente de volta ao acampamento. O tempo todo, ela manteve a cabeça

baixa, como se não conseguisse mais me olhar. E por uma vez, não *sabia* mais o que dizer.





## Capítulo 98

A cauda de Annah fez um trejeito de aborrecimento:

— É o que acabei de dizer, não foi?

— Quão grande é?

— Real grande.

— Parece que foi usada como mina há muito tempo — Annah continuou. — Todos os túneis têm esses trilhos e carrinhos enferrujados. Ferramentas velhas apenas juntando poeira agora.

— Oh Poderes acima, não é a prisão de Curst, chefe — Morte sacudiu a cabeça. — A cidade está na beira de Carceri... uma vez que te metem nesse buraco fazem tudo que podem para te manter aqui.

— Quantos guardas, Annah?

— O suficiente para te pintar de vermelho dos olhos ao traseiro dez vezes, diria — ela escarneceu. — A menos que tenhas algo novo em teu saco de truques.

— Sabes, posso ter exatamente isso.

Annah explicou o layout. O complexo inteiro era apenas um par de longos túneis flanqueados com pequenos alcos escavados por mineiros há muito tempo. Era lá que as

dezenas de guardas se enfiavam. Um ramo gradeado ficava longe ao norte, mas a entrada para a prisão propriamente dita se arqueava para o oeste.

Era quase insultuoso como foi fácil. Uma vez que se abre caminho pelo labirinto de espinheiro negro de uma antiga hag-noturna, carne e aço são tanto uma barreira quanto uma cortina de contas.

É só varrer para o lado.

Homens caíram a feitiço e lâmina. Membros voaram em rajadas molhadas e pedaços de armadura se espalharam pelo chão de pedra como folhas caídas. Mentalmente filtrei os gritos, o sangue, o desperdício. Poucos eram inocentes em Curst, e fui grato por isso. Me poupou o trabalho de peneirar pelos corpos de pecadores e contar os santos.



As grades da prisão bloqueavam o portal, cada uma pesadamente espinhosa e branco-cinza como osso. Agarrei o meio liso de uma, dei uma puxada. Tilintou em meu aperto, mas não muito.

— Alguma ideia de como abrir isso, Annah?

— T'chah. Fica de lado.

Cinco minutos de sondagem, torção e cliques mais tarde, estávamos dentro.



Pela primeira vez na vida, conheci serenidade.

Uma luz terna encheu a câmara suja com a suavidade de tardes quietas e amanheceres quentes. Motes de poeira dançavam ao longo daqueles raios. Lá, no esquiife, estava a deva: um ser com pele do mais puro marfim e cabelo de branco ofuscante. Suas asas estavam carbonizadas, as penas destruídas, ainda assim ele irradiava paz e amor. Ficava como em meditação, não notando nossa presença, segurando os braços para cada lado. Correntes prendiam seus antebraços firmemente, presas ao dais no qual ficava de pé.

— Estive te procurando, deva.

Ele ergueu a cabeça e pousou o olhar em mim. Sua voz era pura e melódica:

— O que desejas de mim, mortal? Fala tua mente e me deixa às minhas memórias do paraíso.

Imediatamente seu rosto se apertou e mudou para um franzido.

Seu olhar se voltou para Morte:

— O fedor de Baator é espesso em ti, crânio.

— Também não cheiras melhor. Quando foi a última vez que te banhaste?

— Uma deva... ainda assim essas correntes não parecem tanto prendê-lo quanto sufocar sua mente... — Grace respirou.

— As correntes não o prendem. A crença o acorrenta — Dak'kon murmurou.

Ele olhou de volta para mim com uma feição severa:

— Guardas companhia torpe, mortal... mas faz tuas perguntas a mim, e me deixa às minhas memórias do paraíso.

— Quem és?

— Sou Trias o Condenado, Trias o Ferido, a criança perdida do Elísio, um general dos Exércitos dos Planos Superiores.

Uma sombra passou por seu rosto enquanto ele ficava perdido em seus próprios pensamentos:

— Nunca mais verei os Planos Superiores, temo, a beleza ordenada de Arcádia, os panoramas do Elísio, os Sete Montes do Monte Céstia... toda a fealdade contida nestes Planos Inferiores é apagada lá, onde é verdadeiramente possível acreditar na redenção. Demasiados olham apenas para os Planos Inferiores em busca de inspiração e ajuda, temo...

— Ouvi rumores de uma praga que emergiu quando abriram esta prisão. Estás no coração disso?



O suave repreender soou claro em sua voz:

— É culpa deles próprios. Ao forjar estas correntes para eu vestir, eles temperaram os elos com amargura e traição. Sua falta de visão foi sua queda; se tivessem atendido a meus avisos, isso não teria acontecido.

Grande tristeza preencheu seus olhos:

— Meu coração os apiedoa.

— Como chegaste aqui?

— Traído, na cidade conhecida por traições. Pensei que podia acender a luz da bondade aqui, libertar algumas almas das armadilhas que criaram para si mesmas. Em vez disso, me encontrei enlaçado, bastante contra minha vontade, por meus antigos colegas, preso nesta bolha de escuridão abaixo da terra.

Ele me olhou então, seus olhos pálidos e brancos:

— Não és dessas terras malditas, mortal. Por que vieste aqui?

— Ravel a hag me disse para te buscar.

— Ravel... Ravel...

O nome ecoou pela câmara, e eu estremeci. Morta ela pode estar, mas parte de mim ainda temia que seu espírito pudesse responder ao chamado:

— Seu nome acende faíscas em minha memória, mas... não, sumiu. Estas correntes são como as águas turvas do

Estige — quanto mais permanecem, menos lembro. Se fosse libertado, poderia responder tuas perguntas a tua satisfação.

— O que me podes dizer dessas correntes?

— Estas correntes são de tal feito que me acorrentam sem acorrentar. Afogam memórias, lentamente as segurando abaixo de um rio estagnante de modo que meu conhecimento escorrega e reflui. Não consigo quebrá-las com minha força... apenas uma força divina imortal, um ato de justiça e misericórdia pode estilhá-las.

Dak'kon estava certo. A crença o acorrenta.

— Como pode ser libertado, então?

— Um ato de bondade feito a mim me libertará. Minha espada — minha alma — é um agente de tal bondade. Traz a lâmina para mim e quebra minhas correntes. Está guardada em algum lugar nesta prisão, numa câmara trancada e guardada. *Sei* a combinação para a entrada.

Ele pronunciou três sílabas arcanas que se gravaram em minha memória:

— Liberta-me, e estarei... em tua dívida. Talvez possa te ajudar no que buscas.

— Sabes o que busco?

Trias sorriu, tristemente:

— Não. Mas usas suas marcas em teu rosto e o carregas

em teu coração. Se estas correntes forem levantadas de mim... então serei capaz de antever teu propósito mais profundamente, te guiar mais verdadeiramente. Até lá...

A deva deu de ombros:

— Até lá não posso sequer te dar o benefício de bons conselhos. Estas correntes sufocam memória e instinto.





## Capítulo 99

O portão que a deva me dirigiu era mantido por fechaduras e farpas enormes. Annah estudou o mecanismo por um minuto, levantou-se, depois sacudiu a cabeça:

— Está trancado por magia em vez de engrenagens. Não consigo passar — ela resmungou azedamente.

Isso não era problema. Pronunciei as três sílabas que Trias me dera. Com o primeiro o portão rangeu e gemeu. Os espigões de metal se retorceram e puxaram com o segundo, e com o terceiro os portões se abriram de repente.

O guarda do outro lado piscou ao nos ver:

— Que nos Nove Infernos estais fazendo aqui? — ele rosnava. — Sois os imbecis que estiveram disparando os alarmes?

— A deva me enviou — dei de ombros.

Ele sorriu:

— Logo estarás cantando no coro celestial, imbecil.

Foram despachados rapidamente.

Caminhamos por corredores desprovidos de esperança, onde o desespero e o isolamento enlouqueciam os homens.

Eles se estendiam por entre as grades com mãos não lavadas, gritando obscenidades. O corredor era uma maratona de maldições e gritos. Um leve odor fecal estava no ar, e minha cabeça girava de náusea com o fedor de corpos humanos. As fileiras de guardas da prisão se quebraram contra nós em ondas. Mesmo encharcados no sangue de seus companheiros lutaram com um desespero de animal encurralado enquanto continuávamos mais fundo na prisão.

Os gritos se apagaram nas entranhas desta jaula podre, enquanto as celas ficavam ocupadas com cascos secos de homens: alguns ainda viviam em fugas catatônicas. Outros eram mais afortunados, e jaziam em repouso inchado, bom ninho para moscas e larvas quando não eram reduzidos a ossos pela lâmina do tempo.

Os piores dos traidores eram abrigados aqui, e alguns rostos frescos me deram frias saudações por entre as grades.

— Cachorro! — Siabha cuspiu a meus pés. — Ousas envenenar minha vida com tua presença de novo quando tuas palavras falsas me aprisionaram aqui! Traidor!

An'izius me encarou amargamente e nada disse. Simplesmente cuspiu no chão quando passei e se virou.

Por fim chegamos ao coração deste monstro, e a grandiosidade foi um tanto estragada pelas caixas sortidas

empilhadas contra as paredes e carrinhos de minério velhos deixados para enferrujar. Havia uma exceção.

Uma lâmina prateada curvada pairava no ar no centro de uma plataforma, suas bordas alinhadas com runas que zumbiam de poder. Ela lançava motes de luz enquanto girava, suspensa no ar com a triste beleza de um pássaro em gaiola. Se havia qualquer outra coisa nos planos que carregava o mesmo perverso erro de ver esta lâmina celestial presa e trancada como um troféu, ainda não a vi. Um momento de admiração e nojo, e comecei a me estender para ela.

Foi então que um homem grossamente corpulento, com dobras de gordura escorrendo para todo lado, se aproximou de nós. Seu olho lentamente girou, e quando pousou em mim parei, de repente atingido por uma sensação de perigo indescritível:

— Guardo a essência verdadeira da espada. O que vêes lá é uma casca rasa. A lâmina está em mim. Deves me derrotar para alcançá-la.

— Quem és?

Sua voz profunda rolou para fora das camadas de gordura:

— Meu nome é Cassius. Fui a maior arma de um Lorde Abissal morto, e seus herdeiros ainda me buscam. Sou um segredo terrível no coração dos planos caóticos, e sou o

guardião desta lâmina.

— Eras uma arma?

— Fui outrora a arma mais eficaz em todo o Abismo, moldada à vontade de meu mestre. Podia tomar a forma do fim de qualquer criatura. Matei mais inimigos de meu senhor morto do que a maioria tem momentos em suas vidas. Meu irmão, minha sombra pálida, meu Xekiel, mata ainda nas profundezas do Abismo.

— Por que partiste?

— Meu mestre afundou no coração do Abismo enquanto eu estava fora matando. Quando voltei da missão, ele havia sumido e seus herdeiros vieram latindo para me reclamar. Nenhum deles conseguia me domar, então parti. Este dever é agradável. Os que vêm — mato. Não é uma tarefa onerosa.

— Vim pela lâmina.

Estava errado. Uma arma abissal guardando uma celestial... a ironia abunda nos Planos.

Sua voz era cavernosa:

— Esta espada alimenta a Prisão de Curst. Sua remoção libertará todos os prisioneiros condenados a ser esquecidos. Estou encarregado de impedir que isso aconteça. Desejas a lâmina?

— Sim.

— Então estas são as regras. Deves escolher entre três opções: Força, astúcia ou velocidade. Se falhares em qualquer uma destas, destruir-te-ei.

— Escolho a astúcia.

— Então farei três adivinhações. Se falhares, destruir-te-ei e farei flautas do teu crânio, e tocarei uma canção de tormento em teu espírito pela eternidade.

— Muito bem. Faz tuas adivinhações.

— Começamos com uma adivinhação clássica: O que anda em quatro patas ao amanhecer, duas patas ao meio-dia, e três ao anoitecer?

Fácil:

— Um humano, que engatinha em quatro patas ao nascer, anda em duas patas durante a juventude, e se apoia numa bengala durante a velhice.

— Isso está correto. Para a segunda adivinhação: Gemo, mas palavras nunca escapam dos meus lábios. Posso estar vazio, mas nunca estou pleno. O que sou?

— Serias a fome? — respondi.

— Sim. A terceira adivinhação é esta: O que voa e não consegue ficar parado? O que devora tudo que toca, mas não come nada? O que nunca pode ser emprestado, mas é sempre desperdiçado? O que é sempre gasto, mas nunca ganho?



*Sabia* a resposta também:

— A resposta é o tempo.

— Me superaste. Tua aparência me levou a acreditar que tua astúcia combinava com teu exterior marcado de cicatrizes. Falhei no meu dever e cedo a lâmina a ti. Devo partir deste lugar.

— Obrigado — murmurei enquanto ele ardia numa chama raivosa, deixando apenas uma risca gordurosa negra no chão. Fogo Celestial zunbiu em minhas mãos.

Havia encerrado uma injustiça. Era hora de encerrar outra.



— O que desejas, mortal? — Trias entou, olhos fechados como se tentando agarrar cada grama de si mesmo que possuía.

— Tenho tua espada.

Ele pareceu chocado por um momento:

— Fogo Celestial? Recuperaste minha lâmina? Libertarás a mim? Então desfere um golpe contra a corrente!

Segurei a lâmina awkwardly nas mãos por um momento, equilibrado na beira da indecisão. Algo parecia errado

em brandir algo tão sobrenatural: seria como balançar uma peça de arte, ou embolar uma lâmina ritual numa rocha. Arredei o desconforto de um lado e sufoquei aquele tolo e primordial senso de brincadeira que ansiava pela destruição do outro. Fiz isso porque era certo.

As correntes se renderam facilmente sob a lâmina, e o som de um trovejão ressoou entre meus ouvidos. Tombei do dais, a lâmina escorregando de meu aperto. Estava vagamente ciente da linha de luz girando, a lâmina girando para longe de mim, e agarrada pela mão de seu mestre. Com isso minha visão nadou com luz opalescente. Devo ter me segurado instintivamente, porque quando meus sentidos retornaram estava apoiado nos cotovelos e olhando para cima para a deva, que desdobrou suas asas carbonizadas, ossos nus cortando o ar.

— Agradeço-te por me libertar. Devo-te muito.

Trias respirou. Sua voz estava começando a assumir um senso de clareza, como um homem finalmente acordado e ativo, libertado do leito de doente. Seus olhos estavam acesos de reconhecimento, olhando ao redor de seus arredores:

— Lembro agora... as almas perdidas que tentei redimir. Os traidores, amargos, os condenados... mereçam ou não a sua condenação. Tais batalhas a serem travadas...

Fall-From-Grace interrompeu de repente:

— Referes-te à Guerra de Sangue então, Lorde Trias? Quais são teus pensamentos?

— És perceptiva, tanar'ri.

Seus olhos relampejaram. Fosse ele desagradado com o tópico desconfortável abordado ou por falar com um membro de uma espécie tão ideologicamente oposta à sua, não estava certo:

— Os exércitos deixaram seus corações esmorecer, pois não ousam confrontar os íferos diretamente. Onde está seu espírito, seu amor pela pureza? Meus lordes dirigem a guerra de longe, manipulando os íferos em batalhas custosas uns contra os outros, dando-lhes armas e enchendo suas mentes com o conhecimento de como se machucar mais efetivamente para que não olhem para cima e vejam nossos campos dourados.

— Como isso pode ser mudado? — perguntei, sacudindo o pó.

Trias se assentou, embora suas asas carbonizadas farfalhassem levemente:

— Há formas de mudar até as mentes de generais imortais, mortal. Um dia eles verão, disso não tenho dúvida.

Lancei-lhe um olhar:

— Se posso perguntar, como as asas foram queimadas?

— Foi parte da grande traição desta cidade — eles chamuscaram minhas asas enquanto me algemavam, para que eu não pudesse fugir deles até pela terra. É a natureza deste lugar que coisas de beleza não são toleradas.

Ele esticou os membros e embainhou a lâmina:

— O povo desta cidade — traidores todos — nada *sabem* de verdade e beleza. Não a podem tolerar. Me atraíram aqui e me acorrentaram. Os mortais não possuem a perspectiva que lhes permite desenvolver a força de caráter para se elevar acima dos desejos, como eu tentei ensinar.

— Discordo, Lorde Trias. Simplesmente tinhas um excesso de confiança em teu espírito por eles — Grace rebateu.

Um esgar torceu seu belo rosto:

— Certamente, senhora tanar'ri, não acreditas que os mortais possam alguma vez ganhar essa perspectiva? Não quando és o que és — tua própria natureza clama por subjugar qualquer chance que os mortais possam ter de se elevar acima de seus instintos mais básicos.

Ele se afastou de Grace:

— Agora o que pedirás de mim, mortal? Temo que posso oferecer pouco em termos de bênçãos. Buscas poder sobre as mentes de teus companheiros mortais? Esperas que desejos sejam concedidos? Queres riqueza? Buscas mais

almas para atormentar?

— Busco conhecimento, não poder ou riqueza.

— Então fala teu desejo.

Levantei-me, olhando para ele:

— Minha mortalidade me foi roubada. Desejo reclamá-la.

— Falas tolices — Trias agitou uma mão dispensiva. — No entanto... há alguém que talvez possa te ajudar com o que buscas. É um ífero, chamado Fhjull Língua-Bifurcada. Ele te ajudará.

Os lábios da deva se torceram num pequeno sorriso:

— Ele está sob obrigação de fazer caridade.

— Como o alcanço?

— Há um portal ao norte desta prisão. Sua chave é um elo de corrente partido.

Ele olhou significativamente para os elos estilhaçados ao redor de seus pés, curvou-se, apanhou um e o pressionou em minha mão:

— Uma chave apropriada para um que busca sair de Curst.

— Meus agradecimentos. Adeus.

— Adeus, mortal. Tenho... negócios... a atender.

Ele olhou significativamente para o teto de sua prisão,

e saltou para dentro da terra acima dele como um mergulhador num oceano, deixando para trás apenas motes de luz estelar.





## Capítulo 100

Os túneis do norte eram antigos, os escoamentos desmoronando nas bordas. A qualquer momento o lugar poderia ter desabado sobre nós, e tínhamos que pisar com cuidado, verificando a integridade das paredes frequentemente. Uma batida na pedra aqui, uma sondagem de uma viga ali.

Mesmo as baratas não se atreviam a vir tão fundo. Qualquer coisa viva havia abandonado este lugar. Qualquer coisa morta havia há muito murchado em poeira.

— Ainda nada, Nordom? — perguntei, quebrando o silêncio tão de repente que Annah saltou.

— *Negatory* — ele trinou naquele drone assexuado.  
— Nenhum portal detectado. Intervalo de confiança a 99,9998205%.

— Três dígitos significativos são suficientes, Nordom.

— *Affirmative!*

Bem, pelo menos alguém estava alegre fazendo seu trabalho.

Havíamos parado numa intersecção quando algo puxou

minha consciência como um gancho farpado.

Havia uma instabilidade nas paredes que eu havia notado? Uma viga de suporte fraca? Pausei por um momento, cabeça inclinada e tentando ouvir o eco da memória. Não... era algo mais profundo que isso. Mais primordial, afim ao medo animalesco da escuridão e o terror dos predadores na noite.

*Não há nada a temer...* me disse. Não havia sinais de vida, e décadas de poeira revestiam o chão... nem os mortos-vivos deixariam um rastro tão imaculado.

Mas ainda assim aquela familiaridade cavava fundo, um zumbido insistente de que bem abaixo desta passagem, o perigo espreitava.

Bem, nunca tive senso de autopreservação.

No momento em que passei pelo arco conseguia cheirá-lo, o almíscar estagnante de magia velha desmoronando com a idade. As paredes da câmara eram incomumente lisas, como se talhadas por uma força sobrenatural. Sim, havia encantamento aqui, proteções antigas que pareciam estar amarrando algo com força. Sondei um pouco, sentindo os pequenos fios, e cada um espiralizava para o centro como teias de aranha.

Era lá no centro da câmara que ficava: uma armadura vazia imponente — mas as placas estavam suspensas no espaço como se fixadas sobre uma moldura invisível.



Veias vermelhas corriam ao longo dos greaves de metal, e um enorme machado de duas bordas de executor repousava em sua mão. Gravuras decoravam a superfície da armadura, a mais proeminente das quais era uma serpente carmesim com as asas abertas.

Morte sibilou ao ver aquela crista.

A armadura era arcaica e as lâminas do ombro eram exatamente isso — uma grande crista de lâminas brotando das placas dos ombros. Quase teria tomado as lâminas em crista como decoração, mas pareciam pesadas e perigosas demais para ser qualquer coisa além de uma arma adicional num traje já ameaçador. A própria armadura exibia amolgados e outras marcas de batalha e sua superfície havia sido marcada pela idade e ferrugem. Parecia carregar essas covas e sulcos como marcas de orgulho, como um valentão cuja pele estava cruzada com seu passado.

Me aproximei e dei uma olhada mais de perto no machado de batalha. Era remanescente de uma arma de executor; a cabeça havia sido forjada na semelhança de uma serpente vermelha-sangue com as asas abertas, as asas estendidas curvando para se tornar as bordas do machado. O machado em si era enorme; mesmo empunhado com as duas mãos exigiria uma força tremenda para usar efetivamente. Ainda assim repousava na manopla desencarnada da armadura quase casualmente.

Olhei para cima. O elmo se assemelhava ao crânio de alguma criatura; dentes de metal curvados alinhavam a borda inferior da placa do rosto, pendendo sobre o espaço vazio. O elmo repousava no ar, seu interior escondido na sombra.

Senti os começos de uma memória se agitando....

— Vhailor...?

O nome despejou dos meus lábios num choque. Era o mais leve sussurro, mas ecoou estranhamente na câmara. Não tinha ideia de onde vinha o nome, mas *sabia* que pertencia à armadura. O ar se agitou, apenas o suficiente para enviar uma sensação de rastejo nadando pelo crânio e um nó se apertar em meu coração.

Me abri para as memórias e elas subiram como uma névoa borbulhando do fundo de um pântano. Enquanto encarava o traje de armadura as sombras sob a viseira tomaram forma... coagulando nos traços de um homem poderoso de pele negra como ébano. Seus olhos eram como fogos, e ele carregava inúmeras cicatrizes... seria este “Vhailor”, quando usava carne? Parecia assombradoramente familiar... tanto como um traje de armadura E como um humano de carne e osso.

— Chefe — pode não ser—

Morte começou a interpor, mas precisava *saber*...

— Vhailor... — murmurei, colocando uma mão na placa

do peito. — Desperta.

Um clarão de luz vermelha brilhante de sob o elmo explodiu como um amanhecer carmesim doentio, faiscando até quase a cegueira; escudei os olhos do brilho — quando os descobri, duas brasas ardiam dentro das sombras do elmo.

— **DESPERTEI.**

A voz era espectral, oca, e ecoou dentro do traje de armadura. Não era uma voz humana... mais como uma presença, uma força. Não soava como nada vivo... ou como nada que jamais viveu.

— Quem és? — murmurei.

— **Sou VHAILOR.**

— O que és?

— **Sou um MATADORDEMISERICÓRDIA.**

Ao Vhailor pronunciar a palavra “Matadordemeisericórdia”, Annah e Morte enrijeceram. Até Dak’kon e Grace recuaram um passo.

— Matadordemeisericórdia?

*Sabia* disso. Eram os sombrios executores de armadura negra de Sigil, mas sempre havia pensado que fosse um título. Vhailor o pronunciou com um peso que era mais que isso: carregava um sentido frio de propósito, direto e aguçado como uma lâmina.

— Os Matadoresdemeisericórdia servem à JUSTIÇA. A Justiça PURGA o mal. Quando TODOS tiverem sido purificados, o multiverso atinge a PERFEIÇÃO.

— Por que são chamados “Matadoresdemeisericórdia”?

— A Misericórdia é um escudo usado pelos FRACOS. A Misericórdia é FRAQUEZA. A Misericórdia é MORTE. NINGUÉM é inocente. Os Matadoresdemeisericórdia matam a misericórdia e suas PROSTITUTAS onde quer que sua praga as tenha carregado.

— Discordo — disse sacudindo a cabeça. — A misericórdia é força — e há momentos em que até a justiça pode ser injusta, especialmente quando levada ao extremo.

— Chefe... se queres continuar respirando, por favor não contradiga a Morte Vermelha — Morte disse num sussurro.

Vhailor dispensou minhas palavras e me encarou de cima:

— A MISERICÓRDIA come o coração da JUSTIÇA. NINGUÉM que vive é INOCENTE.

— Há quanto tempo estavas aprisionado?

— O tempo FUGIU enquanto eu jazia aprisionado. O tempo não tem SIGNIFICADO. Apenas a JUSTIÇA.

— Sabes por que vieste a Curst?

— **Muito do meu caminho se perdeu. Viajei em busca de TRAIADORES. Eles me encontraram e me aprisionaram. Um ato de TRAIÇÃO.**

— Que traidores?

— **Curst é uma CIDADE de TRAIADORES. É uma cidade que desafia a JUSTIÇA. Vim para PURIFICÁ-LA.**

Uma sensação de rastejo percorreu o fundo do meu crânio então, e percebi que algo estava errado. Vhailor não percebia que estava morto. Guardei minha língua sobre isso... se revelado, poderia ser perigoso.

Rapidamente mudei de assunto:

— Dizes que serves à justiça, Vhailor. Como?

— **A JUSTIÇA usa os Matadoresdemeisericórdia como seus OLHOS. A JUSTIÇA usa os Matadoresdemeisericórdia para dispensar sua VONTADE. Quando a SENTENÇA é proferida, ela nos EMPRESTA sua FORÇA.**

— Força? Como?

— **A FORÇA da JUSTIÇA depende do dano que a INJUSTIÇA causou.**

— Então... quanto maior a injustiça — quanto maior o crime — mais força a “justiça” te empresta?

— Quando a INJUSTIÇA for grande o suficiente, a JUSTIÇA me emprestará a FORÇA necessária para CORRIGI-LA. NENHUM pode resistir a ela. ESTILHAÇARÁ toda barreira, ROMPERÁ todo escudo, RASGARÁ qualquer ENCANTAMENTO, e emprestará a seu servo o PODER para PROFERIR A SENTENÇA.

Enquanto Vhailor entoava as palavras uma sensação de rastejo passou por meu corpo — tão forte que me fez estremecer. Já havia ouvido essas palavras antes, e *sabia* que eram verdadeiras.

Isso poderia ser útil.

— Podes me ensinar como usar um machado como o fazes, Vhailor?

— Não há nada que eu possa te ensinar. Não é a MÃO que empunha uma arma. É a VONTADE.

— O que queres dizer?

*Sabia* tão perto do que Dak'kon havia me ensinado. De fato, Dak'kon deu um aceno respeitoso às palavras de Vhailor:

— Quando a VONTADE é forte, a LÂMINA é forte. Quando a causa é JUSTA, a lâmina acerta em CHEIO. Quando a MISERICÓRDIA come o coração, a DÚVIDA, a HESITAÇÃO, a COMPAIXÃO se seguem. A lâmina se torna como PÓ.

— Minha vontade é forte, Vhailor. Minha convicção

emprestará força à minha lâmina.

Os olhos de brasa de Vhailor pousaram em mim. Um silêncio pesado pairou no ar enquanto ele me sopesava.

— **Tua VONTADE é forte. Tua DISCIPLINA é forte. Tua VONTADE é a vontade da LEI.**

— Então como—

— **SABE ISTO: Não há nada em TODOS os PLANOS que possa DETER a mão da JUSTIÇA quando ela é trazida contra eles. Pode desfazer EXÉRCITOS. Pode romper os tronos dos DEUSES. Sabe que para todos que TRAEM a justiça, sou seu DESTINO. E o destino carrega um MACHADO de EXECUTOR.**

— Entendo.

— **Não, NÃO entendes.**

Os olhos de Vhailor arderam como duas tochas nas sombras do elmo:

— **REZA para nunca ENTENDERES.**





## Capítulo 101

Vhailor ergueu o machado em direção a mim:

— **Então a prostituta que é a MISERICÓRDIA se mostra. A FRAQUEZA envenenou teu coração.**

— A misericórdia não é fraqueza, Vhailor, nem é incompatível com a justiça — o desafiei. — Quão bem serviste ao bem maior ao abandoná-la? O que vês quando olhas para ti mesmo?

— **Sou VHAILOR. Sou um MATADORDEMEISERICÓRDIA. Minhas AÇÕES falam por meu coração.**

— Não foi isso que perguntei.

Um silêncio pesado sufocou o ar... mas Vhailor não o quebrou. Seus olhos de brasa encontraram o meu sem vacilar.

— Perguntei o que vês quando olhas para ti mesmo. O que vês quando te julgas, Vhailor?

— **Não me JULGO. Sou um MATADORDEMEISERICÓRDIA. Minhas AÇÕES falam por meu CORAÇÃO. Minha VONTADE é a VONTADE da JUSTIÇA.**

— Então estás além da justiça?

— **SIRVO à justiça. Nunca estou ALÉM dela. NADA**



**está além da JUSTIÇA.**

— Então dá uma olhada em ti mesmo, Vhailor. O que os olhos da justiça veem quando olham para o servo?

As brasas nos olhos de Vhailor foram repentinamente ao negro, e houve um silêncio terrível no ar.

Bem quando eu estava começando a me perguntar se os olhos de Vhailor se reacenderiam, houve um CLARÃO, e fui forçado a proteger os olhos.

— Vhailor...

— **Sou VHAILOR. Sou um MATADORDEMEISERICÓRDIA. Minhas AÇÕES falam por meu CORAÇÃO. Sou o SERVO da JUSTIÇA.**

— Mas... Vhailor, o que VISTE quando olhaste para dentro?

Sua voz cresceu num rugido:

— **NÃO SOU ENCONTRADO QUERENDO. ONDE A MISERICÓRDIA VIVE, A MATAREI. ONDE A COMPAIXÃO ENVENENA O CORAÇÃO, A SANGRAREI DE SUA VÍTIMA. ONDE MENTIROÇOS E TRAIDORES DA VERDADE FOMENTAM MENTIRAS, RESPONDEREI A SUAS MENTIRAS COM A LÂMINA DA JUSTIÇA.**

— Mas o que pedi foi...

— **QUEM ÉS TU PARA QUESTIONAR UM SERVO**

**DA JUSTIÇA? ÉS NADA. ÉS UMA CASCA. AGORA VASCULHAREI TEU CORAÇÃO. VEREMOS SE ÉS ENCONTRADO QUERENDO.**

Os olhos vermelhos ardentes de Vhailor caíram sobre mim, rasgando minha pele, chamuscando-a, depois descascando-a — mas não havia dor, apenas uma onda de tontura e uma sensação de afogar.

Grace permaneceu calma enquanto debatia com ele sobre misericórdia e justiça. Annah o enfrentou com sua própria fúria, e Dak'kon ficou em silêncio.

Quando os olhos de Vhailor finalmente caíram em mim com seu escrutínio ardente, me abri para as memórias que me vieram...



*Passo a lista pela cabeça para ter certeza de que tudo está em ordem. É uma lista curta... tenho um corpo muito maior de contingências aleatórias para executar se as coisas derem errado. Se aprendi algo em todos esses anos, é que os melhores planos saem pela janela no momento em que são executados.*

*Um revés temporário, me lembro, e não pela primeira nem última vez me repreendo por ter ido longe demais. Era necessário, é claro. Sempre é. Se tivesse sido um*

*pouco mais cuidadoso porém, não teriam tido que me perseguir para fora de Sigil. Ah bem. Basta esperar uma geração coletando informações nas Terras Externas e até o Harmonium e os Matadoresdemeisericórdia esqueceriam. Tempo e paciência eram frequentemente armas mais afiadas do que a lâmina de um Sinkers.*

*E quão poderosa arma empunho, se tenho todo o tempo no multiverso?*

*O lento e rítmico tintilar de armadura ecoa pelo corredor, anunciando sua aproximação.*

*Ele atravessa o portal, lançando um olhar para cá e para lá com a cautela de um caçador. Então seus frios e penetrantes olhos dirigem seu olhar a mim, injectados de sangue pelas labores de sua incansável cruzada. Seu rosto de ébano está adornado de cicatrizes, esculpindo carne vincada num esgar cruel que aterrorizava sua presa para a submissão. Só vê-lo entrar conseguia sentir a força de sua presença, como se a realidade se curvasse à vontade de seu julgamento.*

*Sua armadura reluz na luz opaca da tocha, e seu rosto está travado de fúria. Veio por mim.*

*“Encontraste-me, Vhailor. Viajaste longe... imagino que não foi fácil me encontrar.”*

*“A Justiça me guiou a ti. Onde caminhas, deixas um rastro de SOFRIMENTO.” A voz do homem rumble, cheia*

*de raiva e fúria e carne e sangue... é perigoso, mas ainda é apenas um homem, e derrotei muitos desses homens. “Far-te-ei ser trazido perante os tribunais de Sigil e punido. Se o negares, então DI-LO, e te julgarei.”*

*Eu escarneci: “Nego. Julga-me... então te julgarei.”*

*“Julgar-ME?” Os olhos de Vhailor ardem e ele aperta o machado com força, os cordões musculares em seu pescoço e braço se apertando enquanto começa a balançá-lo, devagar, ameaçadoramente. “Não tens DIREITO de me julgar.”*

*“Sim, tenho, Vhailor, pois conheço teu coração — e meu poder me dá o direito de te julgar. Mas não te julgarei agora: Deves descansar nesta gaiola até o dia em que eu possa te libertar para caminhar pelos Planos mais uma vez.”*

*Vhailor se afasta de mim, encarando as paredes friamente. As proteções estão se encaixando no lugar, enraizando-o no ponto.*

*“Eludí-te até este ponto, Vhailor... por que achas que concordei em me encontrar contigo aqui? Pensavas que eu estava me rendendo? Ou desejava lutar contigo? Não... esta é a cidade-portão de Carceri, Vhailor. Até Deuses são mantidos prisioneiros lá. És poderoso, Vhailor, mas as energias deste lugar permitem até que os mais poderosos sejam aqui aprisionados.”*

*Vhailor se vira, mas parte do fogo morreu em seus olhos: “Isso é traição.”*

*“A traição corre por este lugar como veias, e é essa traição que me empresta a força para este encantamento — é por isso que fui forçado a me encontrar contigo aqui em Curst. Posso sair desta cela, Vhailor, mas até eu vir por ti, não podes. Tua cruzada pela justiça é verdadeiramente notável, mas será esquecida, e talvez com o tempo — até a própria justiça te esqueça.”*

*“Vais além de te negar justiça, mas estás negando minha cruzada...” sua voz é fria como aço.\**

*“Sei de tua missão. Mas isso terá que esperar até eu terminar com a minha, e esta é a segunda vez que me encontraste e tentaste me julgar. Não permitirei que aconteça uma terceira vez.”*

*Vhailor nada diz — nunca algo soou tão FINAL. É um julgamento terrível sobre ele, um julgamento que não carrega nenhuma justiça.*

*“Sou imortal, Vhailor — mas és uma... coisa estranha. A justiça te tocou, e essa justiça pode ser mais poderosa do que o que quer que seja que me sustenta. Ainda assim, ânimo: não desejo que morras... talvez um dia precise de alguém que tenha o poder de me matar. Por isso ficarás aqui até eu vir por ti.”*

*Dou-lhe um sorriso amigável e passo por ele. Ele se*

*esforça para virar a cabeça, os ossos do pescoço rangendo enquanto observa sua presa sair do canto do olho. Seus dentes irregulares estão à mostra, sua respiração tensa enquanto bufa pelas narinas alargadas. Vhailor morde o lábio, e sangue se mistura com a espuma que mancha o canto de sua boca.*

*Meus passos são suaves contra a pedra nua. Haviam considerado esses poços perigosos demais para explorar apenas na semana passada. Uma palavra com o encarregado, um pouco de ouro pressionado em sua palma, e ele felizmente entaiparia a entrada.*

*Cantarolo uma melodia alegre para abafar os rugidos de fúria de Vhailor desaparecendo atrás de mim.*



A memória enegreceu, correndo para a escuridão, e de repente, estava diante do espectral Vhailor de novo, sua visagem blindada vazia de carne — apenas as brasas ardentes.

— Vhailor...?

— **Serás JULGADO.**

O olhar ardente de Vhailor caiu sobre mim junto com uma estranha sensação de separação, quase como se estivesse me afastando para fora do meu próprio corpo.

Havia um leve sussurro, um rastejo dentro do meu crânio, e de repente *sabia* que não importava o que Vhailor afirmasse ver, ele só veria o que eu DESEJASSE que visse. Até o mais simples dos enganos tinha que aceitar — eu era um livro fechado para ele.

— **Alguma vez ASSASSINASTES outro?**

— Não — menti, mesmo enquanto recordava o rosto gentil do linguista Fin Andlye.

— **Alguma vez cometestes INJUSTIÇA com outro?**

— Não — disse simplesmente, e a voz de Deionarra pareceu sussurrar em meu ouvido.

— **Alguma vez PREJUDICASTES outro?**

— Não, não o fiz.

Levou tudo que tinha para não vomitar com a barragem de memórias martelando minha consciência.

Vhailor me encarou, seus olhos ardendo brilhantemente. Senti o mesmo olhar de antes, o rasgar e descascar da pele, enquanto Vhailor parecia me dissecar. Uma onda de náusea nadou por mim, agitando a bile em meu estômago e transformando minhas entranhas em água.

— **SABE ISTO: Há MUITO que não pode ser visto em ti. VIGIAR-TE-EL. Não podes te ESCONDER de punições por CRIMES por vir.**

— Então podemos ir? — tossi, me apoiando nas mãos e joelhos. Quando havia caído? Minha cabeça girava.

— **NÃO. Julguei os culpados.**

Os olhos de Vhailor faiscaram, e ele ergueu o machado, seu olhar chamuscando Annah até o osso. Ela recuou, o ardor e o vinagre agora mornos e opacos:

— **Ganhaste teu destino.**

Ele balançou.

Lento demais... estendi a mão, os teares da magia escapando de meu aperto enquanto a lâmina pesada caía. Forte o suficiente para cortar carne e osso como se fossem manteiga, força grande o suficiente para romper as barreiras da traição. Ele era alimentado por uma vontade que se agarrava a este mundo para corrigir uma injustiça que não conseguia nomear. Tanto poder.

E eu era lento demais.

O estalo de luz branco-quente, como metal em brasa, me cegou por um instante. Um terror frio me gelou enquanto minha visão nadava para o foco. Ainda seria capaz de puxar Annah de volta e ligar seu espírito à casca dela, perguntei-me, se o julgamento final de uma força como Vhailor fosse o que a matasse?

E então o vi, o frágil velho guerreiro ficando entre a justiça e a condenada, a lâmina karach deixando rastro de faíscas ao defletir o machado.



Dak'kon.

Vhailor rugiu.

Dak'kon não poupou palavras, e Annah recuou, dando espaço para os dois circularem. Dak'kon dançou de passo em passo, suas formas fluindo e leves. Reconheci as posturas: O Passo de Thel'dekon, para desviar os golpes pesados. Quatro Folhas Caindo, o aperto de duas mãos para aparar. A cantiga afiada de sua lâmina zerth tocou um dueto áspero contra os golpes pesados do machado de Vhailor. Concentrado como estava, era apenas uma questão de tempo antes de ser sobrecarregado. Até a espada mais afiada não podia proteger alguém da força de uma avalanche.

Annah estava circulando, tentando encontrar um ponto fraco. Grace estava reforçando a força de Dak'kon com feitiço após feitiço, até um nimbus de luz brilhar dele. Não seria suficiente, e eu ainda estava lutando, devagar, com a Arte.

— Nordom! — chamei. — Nordom, ouve! Como Diretor Criativo, tenho algumas ordens para ti!

— *Status: Aguardando ordens* — ele trinou, como se um behemoth não estivesse se quebrando contra nossos aliados a dez passos de distância.

O machado de Vhailor cavou feridas profundas nas paredes de sua prisão e transformou vigas em gravetos.

Dak'kon era habilidoso, mas cada golpe desviado, cada swing de machado deflexionado em ângulo drenava sua resistência. Vhailor era incansável, sua força de juggernaut começando a sobrecarregar o Zerth.

— Ordeno-te a seres MAIS do que podes ser, Nordom — ofeguei, sentindo o poder começar a fluir de volta para as mãos. — Ordeno-te a te tornares mais forte, mais rápido e mais focado do que alguma vez foste. SEI que podes fazer isso, porque ACREDITO que podes fazer isso.

Nordom me encarou em silêncio. Suas bestas também haviam parado.

— Agora repete as seguintes palavras: “Sou um modron forte.” “Sou um modron rápido.” “Sou um modron poderoso.” “Meu Diretor Criativo acredita em mim.” “Estou focado para o meu Diretor.” Vamos, repete!

Nordom falou, mas sua voz não carregava mais o tremor metálico normal: Era plana. Focada. Sem emoção:

— Sou um modron forte. Sou um modron rápido. Sou um modron poderoso. Meu Diretor Criativo acredita em mim. Estou focado para o meu Diretor.

Com um swing poderoso, Vhailor desferiu um golpe de cima. Com uma mão no cabo e a outra no lado rombudo da lâmina, Dak'kon bloqueou o julgamento final de Vhailor. A força do golpe trouxe o Zerth a um joelho, a borda talhada pela mente cravou a lâmina do machado um centímetro de

fundo. Vhailor retirou a arma, seu rugido de retribuição enviando um rumble através do meu ser.

Outro swing de cima e a força do golpe martelou na lâmina de Dak'kon, desceu seus braços, sua espinha, e através de sua perna. A tensão era demais, e com um rugido de dor seu joelho se estilhaçou contra o chão de pedra.

Estilhaços brancos de osso se espalharam como raízes finas de uma árvore. O sangue de Dak'kon jorrou da articulação estilhaçada, e levou toda sua força para não desabar.

Morte roeu num espigão do ombro, mas com um ganido foi jogado de lado.

Annah havia circulado por então e saltou nas costas de Vhailor com ambas as adagas desembainhadas, cravando para baixo em cada placa do ombro. Onde os ferimentos teriam colapsado os pulmões de um ser vivo, num tal como Vhailor era inútil. Ele girou, as lâminas de sua armadura cortando Annah ao longo do meio enquanto um punho blindado racoava na bochecha dela. Ela foi jogada para trás pela força, batendo na parede onde se largou, silenciosa e sangrando.

— Agora SENTE essas palavras, Nordom! — exige, e finalmente os projéteis de força dispararam das pontas dos dedos, se estilhaçando contra Vhailor em estalos ocos. —

TORNA-TE mais forte. TORNA-TE mais rápido. TORNA-TE mais poderoso. Deixa essa energia dentro de ti EMERGIR e usa-a para te tornares NORDOM.

Os olhos de Nordom se arregalaram, e conseguia SENTIR minhas palavras se agarrando — uma faísca, apenas uma faísca da energia dentro dele... se conseguisse coaxá-la para fora... trazê-la à superfície...

Lanças de gelo floresceram no caminho de Vhailor. Elas o retardaram, rachando contra sua armadura. Mas cada swing da lâmina derrubou essas lâminas de gelo como trigo.

— Vamos, Nordom... Força! Velocidade! Poder! Foco!

— **AFFIRMATORY.**

As pupilas dos olhos de Nordom de repente klikaram e se tornaram pontos brancos brilhantes, como pequenos sóis. Suas mãos se ergueram acima da cabeça num curioso movimento voador, e então desceram de volta para os lados... quando desceram, Nordom parecia mais... definitivo. Mais nítido para meus sentidos, de alguma forma. Algo havia mudado.

— ...Nordom?

— **ORDEM PROCESSADA.**

Nordom piscou, e de repente as bestas dispararam para a frente. Sua voz era incaracteristicamente profunda, como se estivesse falando de dentro de um grande fogão,

e então retomou seu tom normal:

— O-o-o-rdem processada!

Vapor jorrou estridentemente de suas ventilas.  
*WHEEEEEEEEE!!!*

Os virotes voaram das bestas de Nordom numa tempestade de projéteis, de três pontas e farpados, projetados para perfurar armadura. Eles cobriam o corpo de Vhailor, o vestindo em dúzias de penas que o vacilaram enquanto meu fogo e relâmpago chamuscavam. Por um momento parecia que seria suficiente. Ele desabou, fumegando com riscos de fogo, crepitado com eletricidade. Metal rangeu e deformou sob a tensão. Rachaduras de teia de aranha começaram a crescer onde os virotes haviam perfurado.

Mas ele ficou de pé, cambalhoando, empurrando de lado as magias que furiavam contra ele. Com um swing ele atirou Nordom de lado. Com outro senti meus ossos se partindo, aturdido pela estranha sensação de entorpecimento enquanto meu braço cortado voava de lado, tremendo no chão. O momentum do golpe me arrancou dos pés, e um grito de garganta profunda rugiu de minha garganta enquanto sentia o machado cair de novo, clivando pela articulação do outro ombro. Uma bota pesada chutou meu outro braço de lado. Vhailor se virou, me deixando gorgolejo de agonia enquanto ia em direção a Grace.

— Não terminamos, Vhailor... — tossi.

Grace estava ajoelhada ao lado de Dak'kon, mãos no joelho. A luz quente de sua fé inundou ao redor de sua perna. Ela ergueu o olhar mesmo enquanto seus lábios murmuravam a oração, traços calmos mesmo enquanto o avatar da justiça se arremessava em direção a ela.

— Vhailor, tu abominação claudicante! Fui tua maior presa, e te matei há muito!

Isso pegou sua atenção.

Vhailor se arremessou sobre mim, me arrastando para cima pelo cinto de osso que eu usava. Ficou de pé segurando-me com uma mão. A lâmina do machado estava erguida na outra. Seu olhar se queimou no meu em silêncio.

— Isso mesmo, Vhailor. Tua cruzada final. Me perseguiu pelos planos por causa dos meus crimes, porque o sofrimento rasteja em meu rastro como um amante desgostoso... mas te matei há uma era muito passada. Ainda posso te matar agora.

Tossi de forma molhada. O sangue dos tocos inúteis gotejou quente pelos meus lados.

— **Escondeste bem a tua CULPA mas não tens ARMAS com as quais me MATAR.**

— Há armas mais poderosas do que a justiça, Vhailor. A verdade, por exemplo...

— **MENTIRAS.**

— Morreste há muito — cuspi em seu rosto.

— **MENTIROSO. VIVO.**

— Então o que aconteceu ao teu corpo?

Minha perna tremeu. Minha cabeça rolou enquanto minha consciência começou a refluir. Não, precisava me concentrar. Precisava falar.

— **VIVO. Enquanto os CONDENADOS ainda requerem PUNIÇÃO, VIVO.**

— Sentes-te vivo, Vhailor? Remove tua manopla, vê se teus olhos veem pele — ri, a fraqueza me tornando tonto. — Toca teu machado ao braço — faz sangrar? E teus olhos — ardem como fogo, mas podem verter lágrimas? Teu espírito permanece, Vhailor, mas não vives mais.

Por um momento... apenas um momento, os olhos de Vhailor vacilaram.

E então o sangramento parou. A regeneração estava chegando. Meus ferimentos estavam começando a se costurar, grudentamente. Novo sangue começou a bombar nas veias, e minha voz áspera cresceu em convicção:

— Sequer recorda como eras outrora além da armadura, Vhailor? Eu recordo. Eras outrora um homem de carne e sangue, de pele negra como ébano, olhos como fogos... inúmeras cicatrizes carregavas em tua carne, e muitas

foram as justiças que foram praticadas em teu nome. Mas agora aquele homem está morto. E apenas a casca atormentada permanece.

— **Eu... lembro.**

Os olhos de Vhailor vacilaram, mais erráticos que antes. Seu machado caiu ao lado:

— **A memória é... DIFÍCIL de lembrar. Houve uma MORTE... e MUDEI. Não sou mais aquele UM. O que SOU?**

— Não sei, Vhailor. O homem que era Vhailor está morto... és outra coisa agora.

— **A JUSTIÇA era minha causa. A CARNE... a CARNE não podia permanecer. Ainda assim a JUSTIÇA precisava ser SERVIDA. Houve a MORTE da carne, mas a VONTADE não deixava ir... havia MAIS a punir. SEMPRE mais. A JUSTIÇA... a JUSTIÇA não teria sido servida pela minha MORTE.**

— Então apenas MENTES a ti mesmo pensando que vives. Estás MORTO, Vhailor. Que JUSTIÇA é servida quando o servo da justiça mente a si mesmo?

— **CRIMINOSO...** — ele rumbou, mas era apenas um eco de sua outrora formidável presença.

— Mas MORRESTE, Vhailor, há muito. E agora é hora de deixar ir.



Minhas palavras pareceram ecoar, reunindo poder enquanto as falava. A verdade soou como um gongo, ressoando entre nós dois. As brasas nos olhos de Vhailor vacilaram — e então se apagaram. Sua armadura desabou, o machado e as placas de metal tilintando no chão com um estrondo. Enquanto tocavam a terra, porém, subiram — nuvens de poeira — partículas de cinzas e ferrugem subindo do metal enquanto as placas e o machado envelheceram, decaíram e se desintegraram bem diante de meus olhos. Tudo que restou foram algumas placas de metal picadas como lápides de que Vhailor alguma vez existiu.

— Descansa agora, Vhailor — murmurei, me largando ao chão com um gemido.

A adrenalina vazou, e deixou agonia em seu rastro. A bochecha pressionada contra a pedra resmunguei, tentei respirar.

E então o senti. A rachadura de pedra. Os tremores crescentes enquanto o escoramento destes túneis começou a ceder sob a tensão. A batalha havia deixado suas feridas mortais neste poço de mina abandonado.

Dak'kon estava mancando em minha direção, o corpo de Annah jogado sobre seu ombro.

— Precisamos sair — gemí. — Os túneis estão desmoronando. Alguém pode pegar meus braços?

— ***Portal detectado!***

Nordom trinou, meus membros cortados caindo em sua mochila:

— Já era hora — resmunguei. — Que caminho?

Foi um esforço ficar de pé, e me arrastei pelo corredor com Grace me apoiando. Conseguia sentir o elo de corrente esquentando no bolso, ressoando em resposta ao chamado do portal. E lá estava, uma curvatura do espaço, uma torção de branco-azulado, e um longo e amplo deserto se abriu à nossa frente.

Atravessamos, e as cavernas atrás de nós desmoronaram num estrondo de pedra.



## Capítulo 102

O meio-dia pálido do deserto me cegou, e tropecei. Havia caído de joelhos, e por instinto quase tentei me segurar com as mãos. A dor abrasadora foi um rápido lembrete, porém, e tive que estalar o torso para trás para manter o equilíbrio e não tomar um gole de areia.

— As Terras Externas de novo. Este lugar nunca perde o charme, perde, chefe? Provavelmente vamos querer encontrar um pouco de sombra e te remendar já que estás... bem, sabe.

— Nem diz, Morte.

— Estás pensando nisso. Já chega para mim — Morte sorriu.

Levou apenas alguns minutos para me consertar. Nordom segurou meus braços no lugar enquanto Grace me costurava de volta. Não precisava de muita coisa para ficar junto: com minha regeneração natural, o osso estilhaçado estava recrescendo, vasos sanguíneos e tecidos musculares já se costurando. Os nervos eram sempre os últimos a sarar, porém, e nesse tempo meus dedos se contraíam em espasmos inconscientes enquanto se religavam. Isso não significava que não doía como os

Nove Infernos.

Annah foi a primeira a ver.

— Ei. O que é aquilo? — ela murmurou, apontando para uma linha de poeira levantada ao longo do horizonte.

— Tempestade de areia? — murmurei. Não fazia muito sentido. O ar estava quieto com um calor opaco e seco... não o tipo de ar que criaria uma tempestade.

— Uh, chefe? Deves saber algo sobre as criaturas que vivem nesta parte das Terras Externas.

— O que é?

— Estão sempre com fome.

Mal conseguia dobrar o bíceps, muito menos fazer um gesto. Levaria uma boa hora antes de conseguir lançar o mais simples dos feitiços, e na pressa da Prisão e da batalha contra Vhailor havíamos sido deixados sentindo como um torrão de manteiga recém espremido de uma manteigueira.

— Vamos correr como o diabo!

O pânico tende a convocar certas reservas de resistência que nunca percebeste ter, e nossa fuga levou horas com nós engolindo encantamentos de sangue como balas para manter as forças. A perna de Dak'kon estava mutilada até Grace conseguir consertá-la adequadamente, mas ele ainda conseguia agarrar meu pescoço. Meus próprios braços pendurados inutilmente atrás de mim

enquanto o carregava, e o absurdo da situação o deixou murmurando alguns juramentos amargos em língua Githzerai.

Griligs escalavam as faces do penhasco como enxames de insetos, saltando em nossa direção com garras sedentas de sangue fresco. Gronks rugiam à nossa passagem, dentes ansiosos para triturar osso e chupar o doce tutano interno. Os sohmein, porém, eram os verdadeiros chatos. Correndo como o vento com sorrisos largos semelhantes aos de sapos, nos perseguiram numa debandada sem mente ao ver nossos movimentos, tentando nos atropelar em busca de nossa carne.

Então, pouco a pouco, os bandos se separaram como lascas de gelo derretendo.

Nos curvamos então, Annah praticamente desabando enquanto absorvia respirações ofegantes. Dak'kon quase saltou das minhas costas, ansioso para ficar de pé novamente. Até Grace parecia um pouco fora de sua compostura normal. Quase conseguia provar o sangue nos pulmões, como se tivesse sugado ar com tanta força que havia cortado o revestimento interno da traqueia.

O esqueleto massivo de alguma criatura morta pairava à nossa frente, e Nordom deu um trinado confuso:

— Anomalia encontrada. Leituras anormais... in-in-incapaz de processar.

Seja lá o que fosse, sua presença afastou as hordas que nos perseguiam. Do lado de fora um anel de pedras havia servido como fogueira, e um tripé de vigas de metal suspendia um caldeirão de cobre sobre os carvões apagados. Alguns crânios e jarras de cerâmica até haviam sido cuidadosamente arranjados, não tanto um conjunto de decorações ameaçadoras quanto... doméstico. Tomamos uma rápida pausa, suficiente para saciar a queimadura ardente dos músculos.

A entrada havia sido escavada do lado de um crânio tão largo quanto uma carroça. Levava descendo uma escada até uma toca impressionante, com paredes de terra tão densamente compactadas que poderiam muito bem ter sido pedra. O ar estava picante com o odor acre de ervas amargas e o almíscar de vermes abissais, eviscerados e pendurados para curar como presuntos.

Esta era de fato a casa de Fhjull Língua-Bifurcada, e ele não estava feliz em nos ver.

Era um infero destruído, com uma asa surrada e coberto de cicatrizes. Sua voz estava tensa, raivosa e desesperada, saindo por trás de dentes rangendo:

— Uma tanar’ri em minha casa! — ele sibilou para Grace. — De todas as indignidades! Por que não convidas toda a tua imunda espécie para dentro?! Feh! O fedor fedorento de uma tan’nari! Consigo cheirá-la por léguas! Mostra algum respeito pelo meu lar! Não consegues

encontrar alguns vapores ou névoas ácidas para tentar disfarçar teu cheiro? Feh! Nunca vou tirar esse fedor tanar'ri do lugar. Vai atrair baatezu de todos os Planos.

— Gosto do jeito que ela cheira. É bonito — Morte piropeou.

— Oh, e não é qualquer tanar'ri, mas uma prostituta tanar'ri que acabou de entrar em minha casa... as coisas não poderiam piorar. Entre! Entre! Por favor, minha casa é a tua casa!

Ele agitou as mãos no ar em desespero:

— Por que não convidas o resto de suas harpias Abissais para dentro para me atormentar?

— Estendo meus cumprimentos a ti, Advogado Infernus Língua-Bifurcada — Grace acenou com uma leve reverência. — Levarei tua sugestão em consideração.

— Viestes para me matar?! Me atormentar? Se sim, saibas que ainda tenho muito poder à minha disposição!

Levantei uma sobancelha. Havia encontrado inferos cruéis, maliciosos e astutos. Mas nunca tinha encontrado um que parecesse tão amargo até Fhjull:

— Não vim para te matar.

— Feh! Veremos, veremos! Se não pretendes me matar ou infligir dor, temo que o tormento seja de natureza mais sutil... de longe, o pior de muitas dessas dores.

— Um amigo me disse que estás sob obrigação de realizar caridade. Só gostaria de respostas para algumas perguntas...

Ele fez uma careta com isso. Aparentemente era verdade:

— Feh. Fala. Fala o teu pedaço.

— Onde fica este lugar?

— Feh. Uma cratera devastada nas Terras Externas que reflete o vazio e o ocavo da minha vida. Feh. Preciso de pouco. A medula da criatura me fornece comida e as energias peculiares do lugar impedem que tolos bisbilhotem me encontrando... embora aparentemente idiotas ainda consigam encontrar o caminho aqui.

— O que é esta criatura?

— Este é o esqueleto de Ul-Goris, o pai do goristro. São torres de assédio vivas semelhantes a ursos, juggernautas do caos, enormes, praticamente imparáveis, altamente resistentes à magia... e os ossos de Ul-Goris, na cratera onde caiu à morte, irradiam muito encantamento que impede que a magia me espreite, mantendo essa estrutura miserável viva por mais alguns anos desesperados. Feh!

— O que torna tua vida tão vazia de qualquer forma?

— Se tivesses caminhado pelas ruas escaldantes de Dis e cheirado o doce fedor de carne queimando, respirado fundo os vapores venenosos das geleiras de Estigia,



liderado exércitos pelos palácios iluminados pela noite... não farias essa pergunta, quase-homem.

Já tinha o suficiente de sua resmungação:

— Disseram-me que saberias de minha mortalidade. Ela me foi roubada.

Língua-Bifurcada me escrutinou de perto pela primeira vez:

— As memórias correm como cânions ocos pela minha mente, quase-humano. Muitas criaturas encontrei num tempo de imortal... embora não acredite que tu estavas entre elas.

Ele deu de ombros:

— Parecem todos iguais para mim... e acho que teria me lembrado da carne marcada de cicatrizes do teu corpo... é muito parecido com as pinturas respirantes que adornam a galeria de peles de Bel em Baator, exceto com menos graça e mais paixão nos traços das cicatrizes.

Recuei quando ele estendeu uma mão com garras, mas ele pressionou para frente, traçando aquelas garras amareladas pela minha carne enrugada:

— A violência é grande, aproximando-se dos níveis aceitáveis, mas as cicatrizes são aplicadas com crueza quase tanar'ri, sem nenhum cuidado para maximizar a dor do receptor. Um artista baatezu seria muito mais dedicado a seguir os caminhos da dor pelo corpo. Algumas dessas

feridas parecem mortes limpas, outras parecem que um açougueiro cego estava cortando bifes humanos.

Ele escarneceu, como se eu tivesse ofendido sua sensibilidade estética:

— Feh. Arte humana às vezes me enjoa. Tal potencial, desperdiçado.

Grace pareceu divertida:

— Está o Advogado Infernus Língua-Bifurcada implicando que nós tanar’ri somos um povo grosseiro?

— Feh! Dizer que tanar’ri são grosseiros é insultar a grosseria. Qualquer raça menor que se revele no caos, permita que seja puxada e afogada em suas marés estagnantes, e chame isso de “mal” não é uma raça de jeito nenhum. São bestas.

— Certamente objetas apenas à implementação do mal, em vez do grau. Muitos entre os tanar’ri argumentariam que quanto mais perto se está da natureza primordial do mal, mais verdadeiro se é à ideia.

— Feh e duplo feh! As bestas tanar’ri querem arrancar lei e ordem do rosto do mal! Inescusável! Intolerável! Não posso—

— Do ponto de vista baatezu, pode de fato parecer intolerável — Grace começou a rebater. — No entanto... Advogado, muitos filósofos tanar’ri argumentariam que os baatezu não devem ser menos desculpados por excisarem a

paixão da violência, excisando a paixão da própria essência do mal. Os baatezu substituiriam a raiva por crueldade metódica fria. E assim o velho debate continua: Qual é o mal maior? Mal eficiente ou mal apaixonado?

— Feh! Dizes isso simplesmente porque és... o que és.

Fhjull agitou as sobrancelhas para ela, depois agitou a garra dismissivamente:

— Pelo menos ainda me é permitido ser cínico.

— Ótimo — interrompi antes que isso fosse longe demais. — Voltemos a discutir minha mortalidade, em vez das minhas cicatrizes.

Grace inclinou levemente a cabeça em concessão.

— Muito bem, muito bem.

Fhjull coçou a cabeça:

— Se bem me recordo — e há tanto que não me lembro! — ouvi falar de um caso como o teu. Torna-te imortal, não é?

— Sim.

— Se sim, então a morte em si não é mais sagrada. Feh. No meu tempo, os mortais permaneciam assim e sabiam o seu lugar... agora todo mundo e a mãe deles tem a maldição do tédio eterno.

Ele cutucou meu peito. Com força:

— Sabes que se todos fossem imortais, todo esse sistema

de peticionários estaria no famoso córrego fedorento. Feh. A imortalidade não é uma quinquilharia a ser dada a crianças indomáveis como tu.

Encostei sua garra de lado:

— Seja como for, mas diz-me o que sabes de minha mortalidade.

— Feh... como estava dizendo, lembro ter ouvido em algum lugar sobre um lugar chamado a Fortaleza dos Arrependimentos.

Ele pensou por um momento:

— Sim... sim, é isso.

— O que sabes do lugar?

Ele sorriu amplamente, sibilando de prazer:

— Estou satisfeito em informar que NÃO sei. Não de jeito nenhum! Não posso te ajudar a chegar lá, e isso gela meu coração de uma forma tão deliciosa. Não. Posso. Te. Ajudar. Oh, como ansiava por dizer essas palavras. Como elas sab—

— Conheces alguém que sabe?

Era levemente perturbador ver um ífero tão... giddy:

— Eh? Chega de teus interrogatórios cruzados! Sim, sim, conheço alguém que pode saber... em Baator jaz um pilar de traidores, mentirosos... e sábios. Apesar de sua natureza, seu conhecimento é considerável. Eles

podem saber onde podes encontrar esta Fortaleza dos Arrependimentos.

O rosto de Fhjull coalhou num rosnar azedo, seu tom amargo por eu ter conseguido puxar isso dele.

Muito melhor.

— Como chego a Baator?

— Espera, chefe... Baator é MÁ notícia — Morte flutuou entre mim e Fhjull. — Este infero provavelmente está nos escondendo informações... e mesmo que lá encontremos o Pilar dos Crânios, provavelmente podemos encontrar outra pessoa que saiba como chegar a esta Fortaleza sem ir a um dos Planos mais perigosos no multiverso.

Ponderei isso. Morte saberia melhor sobre este assunto... mas então conseguia ver como poderia se opor a visitar o Pilar:

— Estás escondendo algo, Língua-Bifurcada?

— Feh! Não te contei da natureza deste maldito contrato, mas entende isto! Não POSSO reter esta informação. O Pilar... é tua única esperança. Há um portal fora da minha casa. Está na mão desta criatura gigante. Passa pelo arco formado pelo braço esquerdo da criatura e serás levado ao Pilar dos Crânios. O portal estará ativo para ti agora.

— E como retorno depois que for?

— Eh? Retornar? Por que, não havia pensado nisso. Para retornar de Baator, precisas de conhecimento e um pedaço de obsidiana irregular para cortar a língua. Esse conhecimento ganharás do Pilar. Mas não há razão para retornares aqui. E nenhum desejo da minha parte de te ver de novo.

Morte meneou de um lado para o outro imitando um balançar de cabeça:

— É um lugar perigoso, chefe. Prefiro não ir. Já fui, e não é bonito. Tudo bem?

— Não temos escolha, Morte. Mas tenho necessidade de mais...

— Como IDIOTAS conseguem falar tanto? — Fhnull resmungou. — Fala. Fala. Feh!

— Estou necessitando de ajuda.

Ele emitiu um grasnar estrangulado:

— Tenho alguns poucos... muito poucos... itens que acumulei ao longo dos anos. São... preciosos para mim... mas se precisas deles...

— Certamente preciso. Vamos ver o que tens.

Ele rosnava, mas ao final de nossa visita havia me cedido uma série de armas e encantamentos demoníacos, feitiços de sua coleção, e — com grande relutância e maldições coloridas — um lugar para descansar.

— Obrigado.

Haviam me dito por sábios e profetas que eu espalhava tormento onde quer que fosse. Por uma vez, porém, isso se assentou bem comigo.











## Capítulo 103

Após usar o portal que Fhjull nos indicou, nos encontramos numa caverna rasa. Olhando para fora, Baator era basicamente o que eu havia esperado. Um vento frio soprava pela terra acidentada. Açoitava uma ventania carmesim, e a poeira carregava o cheiro de ferro de dor e sussurrava promessas que poderiam ser cumpridas pelo preço certo. Um céu vermelho rugiu acima, tenso como a borda de uma tormenta. Luas negras sinistras pendiam como corpos em forcas, amarradas em suas órbitas e olhando para baixo para as terras devastadas em agonia silenciosa.

Emergimos da caverna, protegendo os olhos do vento de sangue. A boca da caverna parecia respirar o ar como uma ferida torácica de sucção. Liderei o caminho para baixo, rapidamente, com medo de que se demorarmos a caverna nos engolissem de volta.

Nosso progresso foi medido em incrementos tão cruéis: sangue abishai, preto e oleoso, chiava contra as pedras e marcava nossa passagem. Asas cortadas e membros decepados jaziam espalhados na areia vermelha, e seus antigos donos, gritando sua raiva em rosnados reptilianos,

foram silenciados com eficiência rápida. Nos movemos nos passos de uma dança, cada participante com seu próprio papel. Aço e osso e metal forjado pela vontade escudavam o núcleo de nosso grupo, de onde magia e projéteis voavam para se chocar contra as hordas.

Dak'kon em particular lutou com um fervor que normalmente reservaria, suspeito, para illithids e githyanki. Onde os githzerai usam ordem para moldar o caos à sua vontade, este plano inteiro usava ordem como grilhões contra todos que entrariam. Era uma abominação aos seus olhos.

Eu, simplesmente precisava de respostas.

Finalmente o cornugon corpulento que dirigia o grupo morreu sob as mordidas, as facadas e os virotes de força.

O Pilar dos Crânios brotou do centro de uma clareira, cercado em todos os lados por montanhas acidentadas cujos picos perfuravam o céu. O próprio Pilar tinha a bÍlis subindo à minha garganta... esta coisa horrível, imponente e pulsante.

O nojo agitou meu estômago, e uma leve sensação de familiaridade picava nas bordas da minha consciência. As inúmeras cabeças putrefatas que compunham a vasta pilha constantemente se deslocavam e pulsavam, alternadamente discutindo, chorando, conversando, gritando e sussurrando umas para as outras. Cabeças

constantemente borbulhavam à superfície da pilha de algum lugar dentro de seu núcleo hediondo, enquanto outras afundavam de volta no pilar sinistro. Elas empilhavam em direção ao céu: uma sequência de esferas fedorentas que eram menos como osso e mais uma coleção de bolhas cheias de pus, camadas umas sobre as outras numa espuma doentia que implorava por um lanceto para reventá-las.

Me fazia coçar.

Ao eu me mover para me aproximar do Pilar, Morte sibilou para mim:

— Psst! Chefe! Chefe... ouça, não posso deixar aquela coisa me ver. Tens que me tirar daqui... me deixa em algum lugar, me pega mais tarde ou algo assim...

— Muito bem Morte, vamos ver se podes te esconder—

Toda a tagarelice, risadas e gritos loucos abruptamente pararam. As dezenas de cabeças que alinhavam a superfície do pilar lentamente se viraram para me encarar em uníssono. Elas me encararam em silêncio, sua respiração fétida e úmida no meu rosto... até notarem Morte se encolhendo atrás das minhas costas.

— Oh, não... — Morte gemeu.

Todas as cabeças na superfície do pilar falaram de uma vez para formar a voz da coisa — um som terrível e borbulhante que borbulhou para fora enquanto vapores

fedorentos e corrupção pútrida vazavam de suas bocas:

— **ÉS TU DE NOVO... FOI MUITO TEMPO, DE FATO.**

Muitas das cabeças começaram a gaguejar e babar, cantando “...**crânio, crânio, crânio...**” alegremente, lambendo os lábios, os olhos fixados em Morte:

— **SILÊNCIO! NÃO FALAMOS CONTIGO, MAS COM O CRÂNIO. BEM-VINDO DE VOLTA, PEQUENINO. FINALMENTE DECIDISTE RETORNAR AO REDIL, ACEITAR TEU DESTINO FINAL, RETOMAR MAIS UMA VEZ TEU SAGRADO DEVER?**

Várias cabeças emergiram do núcleo do Pilar, rangendo seus dentes quebrados e uivando:

— Sim, volta! Volta para nós, crânio! Crânio...

Morte tremeu de medo, seus dentes tilintando:

— Não posso voltar, chefe! Não posso! Não posso! Não posso!

— Ele não voltou para vocês — disse ao me colocar entre Morte e o Pilar. — Mas tinha algumas perguntas, Pilar dos Crânios...

— **O CHEIRO, É FORTE. CRUZARÁ OS PLANOS, EM BREVE, E BEL VIRÁ** — elas rugiam.

Algumas cantavam as palavras com deleite, outras choravam. Algumas guinchavam, cantavam, uivavam, gemiam. Era suficiente para enlouquecer um sod.

— O... cheiro? O que querem dizer?

As cabeças rolaram úmidas em suas órbitas para encarar Annah e Grace:

**— O CHEIRO... SEU ALMÍSCAR... SEU ALMÍSCAR TANAR'RI. O PERFUME AGRIDOCE CARREGA, E ATRAIRÁ BAATEZU, EM BREVE. SEU SENHOR, BEL, FICARÁ IRADO.**

— Isso é ótimo — Morte gemeu. Annah se aproximou, olhos arregalados como se prestes a se agarrar ao meu braço.

As cabeças voltaram seus olhares para mim, embora algumas ainda farejem ruidosamente:

**— SE TENS PERGUNTAS PARA NÓS, É MELHOR SERES RÁPIDO.**

— Como disse antes, então: tinha—

Antes que eu pudesse terminar, uma parte do pilar tremeu enquanto mais outra cabeça abriu caminho até a superfície. Depois que algum do lodo nauseante havia escorregado, meus olhos se arregalaram.

Era Pharod.

A cabeça de Pharod cuspiu um gole de cistos sangrando e croou:

— Annah, minha adorável criança! É tu?

— Da! O que estás fazendo neste lugar?! — ela gritou

em horror.

As outras cabeças permaneceram em sua maior parte em silêncio por um tempo enquanto a de Pharod falava... apenas algumas sussurraram quietamente para si mesmas, fazendo olhares maldosos de soslaio para Annah e a cabeça de seu pai adotivo:

— Eu estava errado, minha querida garota, quanto à Esfera. Não foi suficiente, não, e agora veja onde acabei... Imploro-te, adorável Annah! Salva teu pobre pai! Salva-me! Oh, por favor, salva-me! Salva m—

Mas mesmo enquanto falava, a cabeça lamentosa de Pharod começou a afundar de volta ao núcleo do Pilar...

Annah encarava o pilar com firmeza, olhos estreitados, punhos cerrados e cauda rígida. Uma mistura de fúria e angústia estava espalhada em seu rosto trêmulo.

— Annah, sinto muito... — Grace murmurou, colocando uma mão em seu ombro.

Annah sorriu de lado, cuspiu, e se virou da pilha de cabeças apodrecidas. Ela deu de ombros, mas não conseguia olhar para Grace ou para mim:

— Não importa.

— Amavas Pharod, Annah?

Annah se virou, olhos chamejando:

— Ele era meu Da.

Ela mostrou os dentes:

— Eu o odiava. Só via em mim uma forma de garantir mais corpos, mais moedas e mais lixo para alinhar seu cofre. “Annah querida,” “Annah, és a coisa mais preciosa em meu cofre,” ele mentia. E mentia. E era fraco de mente e fraco de corpo. E cheirava a cadáver podre e tinha todos os sentimentos de um abutre pegando num cadáver.

A voz de Annah baixou, mas o fogo em seus olhos queimou mais brilhante:

— E era o único que alguma vez me mostrou um farrapo de bondade. É isso que querias ouvir? Estás satisfeito agora, aye?

— **CHEGA** — a voz das cabeças fétidas do Pilar trovejou. — **CANSAMOS DE VOSSA TAGARELICE INSIGNIFICANTE, E DESEJARÍAMOS SABER VOSSO NEGÓCIO CONOSCO.**

— Perguntas. Tinha perguntas...

As cabeças se deslocaram languidamente pela face do pilar, acenando e murmurando antes de falar em sua voz horrenda:

— **FAZE-NOS UMA PERGUNTA, ENTÃO, E PREPARA-TE PARA OUVIR NOSSAS EXIGÊNCIAS — DEVES NOS PRESTAR UM SERVIÇO PELA TUA RESPOSTA.**

— Quem sou eu?

As cabeças gorgolejaram e croaram sua resposta por lábios podres:

— **GOSTARÍAMOS DE RESPONDER ESSA PERGUNTA POR UM SERVIÇO...**

— Qual é vossa exigência, Pilar?

Todas as cabeças do pilar se viraram para encarar Morte:

— **O CRÂNIO... EXIGIMOS O CRÂNIO COMO TRIBUTO. DEVOLVE-O A NÓS, E TERÁS TUA RESPOSTA.**

— Não me coloca de volta lá dentro, chefe. Por favor!  
— ele uivou, olhos em pânico.

— **CESSA TUS FÚTEIS PROTESTAÇÕES, CRÂNIO! A DECISÃO NÃO É TUA!**

O Pilar se virou lentamente para me encarar, seus olhos estreitados:

— **HÁ MUITO ELE TRAIU SEU DESTINO; ELE É NOSSO. SE O RETORNASSES, SERÍAMOS MUITO BEM DISPOSTOS A ESSE PRESENTE... DESEJAMOS SABOREAR SEUS GRITOS...**

— Não podes tê-lo! — rosni. — O que mais aceitarão?

O pilar se inclinou em minha direção:

— **HÁ CONHECIMENTO QUE POSSUIS QUE DESEJAMOS PARA NÓS MESMOS. ONDE RESIDE O**



## **ÍNFERO, FHJULL LÍNGUA-BIFURCADA? DI-NOS, E RESPONDEREMOS TUA PERGUNTA.**

O fedor do hálito quente do pilar me rodeou enquanto aguardava minha resposta.

Maligno como era, não podia trair Fhjull:

— Fhjull se escondeu bem num semiplano da concepção de um mago há muito morto. Aparece apenas ocasionalmente em Sigil, e é lá que o encontrei.

O pilar saboreou minha oferta por um tempo, suas cabeças arrulhando e sussurrando umas para as outras.

— E minha resposta...?

**— NÃO QUEM — O QUÊ. FOSTE DIVIDIDO. ÉS UM DE MUITOS HOMENS — UM EM MUITOS HOMENS. CADA UM — SEJA BOM OU MAU — UM MONSTRO, QUE LANÇA UMA SOMBRA SOBRE A EXISTÊNCIA.**

— Uma... sombra sobre a existência?

**— OH, SIM.** As cabeças do Pilar estreitaram os olhos e sorriram grotescamente. **CADA VEZ QUE MORRES, “IMORTAL”, LANÇAS UMA SOMBRA... CADA VEZ QUE MORRES, OUTRO MORRE NO TEU LUGAR. ESSAS SOMBRAS... ELAS SE REÚNEM, FAMINTAS POR TI, DENTRO DA FORTALEZA DOS ARREPENDIMENTOS. QUANTAS VEZES PERECESTE, SEM-NOME? QUANTAS CENTENAS... MILHARES... MORRERAM, POR CAUSA DE TI?**

O Pilar estremeceu de prazer maligno; suas cabeças fizeram caretas e gorgolejaram zombeteiramente para mim.

— É tudo que tendes a dizer, Pilar?

As cabeças abruptamente cessaram o riso:

**— NÃO. CARREGAS MUITOS NOMES; CADA UM DEIXOU SUAS CICATRIZES EM TUA CARNE:**

Os nomes rolaram de lábios podres numa incantação sombria, rítmica e terrível:

**PERDIDO... IMORTAL... FIM DE UMA ENCARNAÇÃO... HOMEM DE MIL MORTES... O CONDENADO À VIDA... O INQUIETO... UM DE MUITOS... O QUE A VIDA MANTÉM PRISIONEIRO... O TRAZEDOR DE SOMBRAS... O FERIDO... TRAEDOR DE MISÉRIA... YEMETH...**

**— ÉS COMO UM ESPELHO PRATEADO QUE RACHOU... ESTILHAÇADO, E OS PEDAÇOS ESPALHADOS PELA HISTÓRIA. MAS APENAS UM PEDAÇO É DE IMPORTÂNCIA. RECUPERA-O, E TUA VIDA SERÁ TUA MAIS UMA VEZ. HAVERÁ UM PREÇO. ESTE PREÇO TE COMPRARÁ UMA CHANCE. SEM A CHANCE, ESTÁS CONDENADO. PERDESTES AQUILO QUE NUNCA DEVERIA SER SEPARADO DO HOMEM. TUA MORTALIDADE TE FOI ARRANCADA... PERDIDA. ELA EXISTE, MAS DEVES ENCONTRÁ-LA**

## **ANTES QUE TUA MENTE TAMBÉM SE PERCA.**

E então encaixou no lugar. A morte de Pharod, as sombras começando a me perseguir logo depois. Era conveniente demais, o jeito que sempre nos perseguiram como se enviadas por uma mão orientadora, atacando quando estava mais fraco. As sombras deviam ter sido as que assassinaram Pharod, que me havia apontado ao longo do caminho que agora percorria.

Precisava saber:

— Algo me caça, não é? Quem é meu assassino?

O Pilar permaneceu estranhamente em silêncio; algumas de suas cabeças simplesmente olharam para longe, enquanto outras estremeeceram com expressões de dor. Eventualmente, se reuniram e falaram mais uma vez:

**— NÃO... SABEMOS. AQUELAS CABEÇAS QUE ANTES CONTINHAM TAL CONHECIMENTO FORAM DESTRUÍDAS — REMOVIDAS DE NÓS. NÃO PODEMOS RESPONDER-TE ESTA PERGUNTA.**

Isso apenas confirmou meus medos:

— Como alcanço a Fortaleza dos Arrependimentos?

As palavras borbulharam para fora, vozes doentias e grotescas:

**— GOSTARÍAMOS DE RESPONDER ESSA PERGUNTA POR OUTRO SERVIÇO...**

Após mais negociações — recusando entregar Morte, Grace ou Annah, e finalmente oferecendo meu próprio sangue imortal ao Pilar num momento de agonia indescritível — as cabeças finalmente falaram:

**— JÁ POSSUIS A CHAVE, E PRECISAS APENAS DA LOCALIZAÇÃO DO PORTAL QUE TE LEVARÁ LÁ. NÃO SABEMOS ONDE O PORTAL ESTÁ, MAS PODEMOS DIZER-TE SUA CHAVE: “ARREPENDIMENTO.”**

Muitas das cabeças do pilar começaram a chorar e gemer:

— Sim, arrependimento! Arrependimento!

— Arrependimento? — murmurei, aceitando um lenço perfumado de Grace para limpar o icor das bochechas.

**— SIM... DEVES TER EXPERIMENTADO ARREPENDIMENTO PARA ADENTRAR A FORTALEZA. ESCREVE-O NUMA PEÇA DE TUA PRÓPRIA CARNE E TUA PASSAGEM PELO PORTAL ESTÁ ASSEGURADA.**

— E o portal... dizeis que não sabeis onde está?

**— SIM... APENAS TRÊS SOUBERAM O CAMINHO. O PRIMEIRO FOSTE TU... EMBORA TENHAS ESQUECIDO, AGORA. O SEGUNDO ESTÁ ALÉM DO PORTAL, E NÃO EMERGIRÁ. O TERCEIRO...**

Ouvi com atenção:

— O terceiro...?

— **...O TERCEIRO JÁ ENCONTRASTE. SABE DA TUA CONDIÇÃO, DA FORTALEZA E DA TUA NECESSIDADE DE CHEGAR LÁ... MAS NÃO TE AJUDARÁ. SEU ESCUDO É FORJADO DOS METAIS FRIOS DE MENTIRAS E ENGANO, UMA COISA QUE NÃO PODES ESPERAR QUEBRAR COM MERAS PALAVRAS. DEVES BATALHAR COM ELES.**

— Quem é?

As cabeças permaneceram em silêncio por um tempo, dando-me apenas sorrisos complacentes. Finalmente, falaram:

— **ENCONTRASTE O MENTIROSO — E NÃO PELA PRIMEIRA VEZ. O MENTIROSO SABE... MAS NÃO TE DISSE. UMA PEQUENA TRAIÇÃO ENTRE IMORTAIS...**

Vasculhei a memória, peneirando pelas dezenas de rostos que havia conhecido. Mas apenas um veio à mente, por mais implausível que fosse:

— Trias?

— **OH, SIM... EMBORA O CONHEÇAMOS POR SEU NOME COMPLETO: TRIAS, O TRAIADOR!**

O pilar tremeu de alegria, a pilha de cabeças apodrecidas balançando para frente e para trás enquanto ria da minha angústia. Algumas das cabeças cantavam

zombeteiramente:

— Traidor... Traidor... Trias, o Traidor...

— Mas... ele disse que não sabia... — murmurei em choque. Uma deva... como uma deva poderia me trair?

— **ELE MENTIU PARA TI.**

Algumas das cabeças se enrugaram, gorgolejando e rindo suavemente — rindo de mim. E então me ocorreu. Ravel havia sabido.

*Os olhos de Ravel se apagaram, como se olhasse para algo à distância, e sua voz desacelerou. “Um... de pele clara... debes perguntar. Um anjo, uma deva, alguém que voa nas asas da manhã...”*

O bastardo sabia.

Trias, afirmando que não poderia me ajudar até ser libertado e sua lâmina retornada. Fhjull Língua-Bifurcada... exilado de seu povo, um Baatezu de alguma forma enganado em um contrato com a deva...

E Ravel havia sabido.

— Como veio a saber disso?

— **TRIAS TROCOU PALAVRAS CONTIGO UMA VEZ, HÁ MUITO, QUANDO CONHECIAS O CAMINHO. FALASTE TEU CORAÇÃO, E TRIAS — À MANEIRA DE TODOS OS GRANDES TRAIDORES — OUVIU BEM PARA CONSTRUIR TEU TRUST. CURTA**

**FOI A CONVERSA, EMBORA PREENCHIDA DE SIGNIFICADO. SIGNIFICADO E MORTE É O QUE BUSCAS... DUAS COISAS SEPARADAS SÃO PARA UM HOMEM NORMAL. MAS PARA TI... UMA E A MESMA.**

— Por que mentiria para mim?

**— A RESPOSTA NÃO É NOSSA PARA DAR. DEVES BUSCÁ-LO MESMO, E PERGUNTÁ-LHE.**

— É tudo que desejava saber — murmurei, ainda aturdido, e me virei para partir.

O Pilar deteve nossa partida com uma exigência súbita:

**— PARA — DÁ-NOS O CRÂNIO. NÃO PERMITIREMOS QUE ELE VÁ. ELE É NOSSO. NÃO DEIXARÁ AVERNUS.**

As cabeças começaram a arrulhar e provocar Morte:

— Sim, Crânio, não sejas tímido... volta, Crânio... é confortável aqui dentro, Crânio... vem, volta... não dói, Crânio...

Morte estremeceu:

— Vamos embora, chefe.

Dei um aceno a ele, e me afastei.

As cabeças furiosas do pilar começaram a uivar e troar pelos planos. O próprio chão sob nós tremeu enquanto a cacofonia atronadora ecoava pelo todo de Avernus, o agudo coro de incontáveis pecadores. Eles balançaram as pedras,

estouraram o ar morto, agitaram o céu vermelho desolado numa tormenta. Sua fúria chamou todas as hordas do mal sobre nós.

Tapamos os ouvidos, quase cegos e ensurdecidos por seu canto aterrorizante, e fugimos de volta para as terras devastadas de Baator.







## Capítulo 104

Galópamos pelos vales devastados de Baator com os gritos dos condenados atrás de nós, mas eram abafados pelos problemas que jaziam ainda mais distantes no passado. Um horror retumbante enviou estremecimentos pelo peito, o tipo que ressoa quando uma dúvida persistente floresce em plena e terrível realização.

A corrida de volta pareceu levar o dobro do tempo, cada passo alongado com aquele sentido de pânico, cada momento esticado fino com a tensão que me agarrava.

Atraídos pelo cheiro de sangue tanar'ri, eles vieram em horda de presas e garras. Pensando que enfrentavam uma invasão da Guerra de Sangue, o cornugon e seus lacaios abishai esperavam uma quantidade concomitante de brutalidade.

Não os decepcionamos, com eu escolhendo drenar minha frustração no campo de batalha.

O estranho almíscar sulfuroso da morada de Fhjuull queimou minhas narinas. Ele me olhou com olhos semicerrados, um hóspede não convidado vindo para remexer em seus pertences e perturbar a arrumação de sua casa:

— Feh! Então retornaste! E o que o Pilar falou? Respondeu às suas insípidas perguntas?

Fiz uma careta, não dizendo nada, mas Fhjull captou meu humor e um cacalho seco sacudiu seus ombros. Ele enxugou as lágrimas dos olhos e sorriu para mim:

— Ah, quando o raro idiota vai ao Pilar dos Crânios para buscar respostas, raramente aprecia as respostas que recebe.

— Trias foi quem me enviou aqui sob pretextos falsos — estralei. — Não teria posto os pés em Baator se não fosse por ele.

Fhjull ficou rígido, sua súbita alegria morta num instante:

— Trias? Trias o Traidor te enviou aqui?

Suas garras apertaram e soltaram:

— Esta é a indignidade final! Aquele bastardo enche-de-si-mesmo! Mata-o, e te recompensarei com tudo o que tenho à minha disposição! Esfola sua pele e traze-a para mim para que eu possa usá-la como um manto... hurkkk!

Ele engasgou, olhos saltando:

— Quero dizer... não, não... não fere a deva. Seria errado fazê-lo... fui mal interpretado. Mal interpretado, fui.

— O que Trias te fez?

— Feh! Anos de serviço como Advogado Infernus!

Detalhe e organização esmerados. Nunca questionei meus superiores. Fiz TUDO que me foi pedido. Punia aqueles abaixo de mim com as punições mais cruéis e inventivas quando falhavam. ENTÃO... um deslize, e tudo vem desmoronando! Tudo por CHANCE. CAOS. ALEATORIEDADE. E as raças menores se perguntam por que os baatezu desejam que o multiverso seja um construto ordeiro.

Ele pausou, sibilando de raiva:

— A deva mentiu. Ela mentiu. Trias o traidor me enganou a assinar um contrato, e eu, cegado pela possibilidade de capturá-lo, andei direto para sua armadilha. Se ele morrer, o contrato acaba... mas não consegui encontrá-lo, e se o encontrasse, como poderia prejudicá-lo?! O que devo fazer? Mesmo esses pensamentos traiçoeiros fazem minha mente arder de dor. Estava tão certo de que tinha aquele paladino enche-de-si-mesmo. Aquela ganância míope me custou o resto de meus séculos de glorioso maquinação e me entomou neste sumidouro de boa vontade. Bleh.

Fhjull raspou a língua com os dentes, tentando limpar o mau gosto daquelas palavras da boca:

— E agora estou amaldiçoado a fazer boas ações, a ajudar os necessitados de ajuda. Feh! Uma eternidade de maldições sobre Trias! Uma praga em sua abençoada ajuda! Que todos os montes de estrume de Maladomini

chova sobre sua cabeça!

Ele resmungou por mais alguns momentos:

— Aquele pseudo-filho de luz sorrateiro! Aquele desprezível... aggh... não pretendo nenhum mal a ele e seus jeitos enganosos, mentirosos, sem-respeito-pela-lei! Feh! Ele é um enganador, mortal, e não deves confiar nele em nada.

Seu sorriso cheio de dentes era surpreendentemente esperançoso.

— Por mais que goste do que vi de seu trabalho — disse, e Fhjull resmungou azedamente em resposta. — Tenho que concordar. Algo está... fora do equilíbrio.

— Então talvez... precisas matá-lo. Pelo bem maior, é claro.

— Teremos que ver. Mas não penses que podes voltar a devastar os planos, Fhjull. Sei onde moras. E tenho todas as tuas armas, teus feitiços.

— Veremos... — ele sibilou, como se ponderando minha morte.

— Agora precisarei de uma forma de sair deste lugar esquecido pelos Poderes.

— Feh... isso significa que me deixarás à minha solidão mais uma vez? Então proclamo, com o máximo de deleite possível, que o portal fica sob o traseiro desta criatura. Ele

te retornará àquela cidade miserável e rastejante de Curst, de onde vieste, e consigo pensar em poucas formas mais adequadas para viajares.

Sem tempo a perder, calculei. Atravessamos o portal...



Que novo inferno era esse...

Um vento frio do deserto soprava pelas ruínas que outrora continham Curst. Fundações e pilares fraturados brotavam como dentes irregulares. Postes estilhaçados enrolavam-se do chão como as fibras restantes de uma árvore arrancada, ainda sangrando com seiva. Havia uma frescura no dano. Era limpa e nova, e olhei em volta com cautela, me perguntando o que poderia ter feito isso, e se ainda estava aqui.

— Deslizou... — Morte murmurou. — A cidade inteira foi deslocada.

Ainda entorpecido com o choque de tudo me encontrei mexendo com um punhado de poeira, observando ela se derramas entre os dedos. Aquele vento carregou a areia, açoitando-a em fitas até desaparecer na distância.

— Trias...

Curst devia ter estado bem na beira de Carceri, contida apenas pela mais fina margem de crença, o mais fraco

cintilo do bem. Trias não precisou fazer muito para quebrar aquele link tênue, mas estava certo de que tinha algo a ver com isso mesmo assim.

Me levantei, alerta como um cão e vasculhando os escombros:

— Sentis isso? — sussurrei.

— O quê? Sentes o quê, chefe?

— Não... tenho certeza.

Meu olhar mudou, cabeça virando para cá e para lá, tentando rastreá-lo. Havia uma leve névoa no ar que cheirava a pavor e sonhos apodrecendo. E era familiar.

— Se vais me assustar chefe, podias pelo menos ser específico quanto a isso.

— Também o sinto — a voz de Dak'kon era baixa, quase abafada pelo desembainhar de sua lâmina. — Já nos deparamos com o seu tipo, amarrado como os condenados nos Pilares do Silêncio.

A lembrança me veio como um raio. A caixa dodecaédrica. O sacerdote que afirmou ter banido o ífero dentro dela. O ífero cujos fragmentos de essência foram dispersos por todos os Planos...

*“O ífero dentro pode farejar esta energia e muito provavelmente caçaria aquela pessoa caso escapasse...”*

— Aquele maldito padre maluco disse que o havia

banido... — rosnei.

Um rugido ecoou à distância, feral e furioso, e emocionado com o sangue da caça.

— Merda.

Escalou sobre os escombros quebrados da cidade, e seus gritos soavam como um ralador de queijo arrastado pelo meu cérebro. Imediatamente os projéteis de força brotaram das minhas mãos, enviando trovejadas contra o peito da criatura. Alguns pareceram perfurar sua pele, outros deslizaram inutilmente pela pele, como uma pedra pulando por uma lagoa.

— Oh mer— WHAM

Espiralem pelo ar, várias costelas esmagadas e pedaços estilhaçados de osso perfurando os pulmões. Fui grato pela areia mesmo enquanto a cuspia. Se fosse pedra que eu tinha aterrissado, teria deixado uma mancha carmesim de cinco palmos. Me levantei, areia se deslocando sob meus pés.

Dak'kon se esquivou sob os swings do infero, lâmina faiscando e pregando sua pele como um alfinete. Annah circulou ao redor, cauda faiscando e levantando arcos de areia. Virotos cobriram seu corpo. Depois de uma das batalhas mais absurdas e brutais que já tinha travado — culminando com meu polegar no olho do infero enquanto a criatura tentava me devorar e as adagas de soco de Annah

pondo um fim ao assunto — o infero caiu.

Enquanto o esquartejávamos por precaução, ouvi o amortecido tintilar de algo metálico bater no chão.

— Bem, olá — declarei feliz enquanto erguia um anel coberto de sangue. — O que é isso?

— Imagina que tesouros encontrarias se vasculhasses outras coisas além de entranhas de uma criatura — Morte sorriu. — Agora se terminaste, encontrei algo que talvez queiras ver.

Além dos remanescentes caídos do portão para o interior de Curst, no coração das ruínas, agachavam-se os quatro arcos de pernas que continham o portão.

Enquanto me aproximava, as cabeças apodrecidas no portão começaram a falar, cantando palavras entre si para formar frases coerentes:

— Sumida, sumida. Perdida para o traidor, perdida para a luz.

Seus gemidos borbulhavam e quebravam incessantemente, como ondas se chocando contra uma costa morta:

— Sumida no vento, varrida numa maré de mal. Pelo portão, sumida, sumida. A cidade, sumida, perdida para seu próprio ódio. Pelo portão, para dentro da Prisão Vermelha, o plano-prisão... Carceri.



Seu canto lamentoso cresceu, o choro subindo a um pico:

— O plano-prisão... caos, mal... mundos dentro de mundos, orbes dentro de orbes, estendidos como pérolas malignas nos céus... a Prisão Vermelha, a ruína de titãs e deuses igualmente.

— Não podeis falar normalmente?

As cabeças continuaram a gemer:

— Além do véu tudo é... ensombrado, iluminado. Nada se traduz. Nada fácil. Não.

— Então por que ainda estais aqui?

— Traídos, desprezados, incriminados... punidos, executados, tornados exemplo. Pendurados aqui por inimigos. Perdidos, perdidos, perdidos.

As respirações deles tilintaram como uma só.

— É só eu, ou há cabeças falantes e desencarnadas demais por esses dias?

As cabeças pararam. Olharam umas para as outras por um momento, e depois de volta para mim. Penduraram-se envergonhadas no portão.

— Deixem isso — suspirei. Precisava de respostas, e esta não seria uma viagem agradável. — Têm alguma ideia de como chegar lá ou de como trazê-la de volta aqui?

— Pelo portão, para dentro da prisão... nenhum retorno

da prisão, nenhum retorno. Vai pelo portão, vai pelo portão... teu destino te aguarda lá.

Levantei o olhar, o olhar se firmando. Essas palavras soavam proféticas demais para meu conforto:

— O que sabeis sobre meu destino?

— A deusa te aguarda.

As cabeças então ficaram em silêncio, deixando apenas o zumbido do portal ser carregado pelo vento.





## Capítulo 105

Bandas de nuvens cinzas tóxicas rastejavam ao longo da curva do céu. Por um minuto tudo que conseguia ver eram sombras fugitivas correndo por uma névoa vermelho-sangue.

Momentos passaram tilintando com a batida do meu coração enquanto meus olhos se ajustavam, interrompidos apenas por gritos bestiais e guinchos de agonia. Ainda assim logo demais o mundo veio em foco nítido e terrível.

Luz escarlata profunda se infiltrava e ondulava do céu como se eu estivesse olhando de baixo de um oceano de sangue, observando a luz distante ondular através de fitas de negrura. De vez em quando fragmentos irregulares de relâmpago rasgavam entre as nuvens como feridas branco-quentes. Havia carnificina. Por toda parte, carnificina... os poucos guardas de Curst desviavam as hordas da noite carmesim. Os feridos rastejavam por ruas salpicadas de ácido, se contorcendo enquanto sua carne chiava e fumegava. Bestas escamosas galoptavam pelas ruas, devorando os mortos e feridos em igual medida. Os cidadãos condenados uivavam em terror e desespero, gritando contra a loucura que comia para dentro das

bordas da cidade.

Alguns lucravam com o caos. Ladrões esvaziavam casas com impunidade, jogando os civis nas ruas e os abandonando às presas das bestas. Capangas arrastavam nobres gritando para os becos, seus vestidos rasgados e lágrimas negras de delineador derretido. Magos ficavam em telhados, muitos nivelando sua magia não contra as hordas demoníacas, mas os cidadãos abaixo. Clarões de feitiços lançados iluminaram rostos enlouquecidos de alegria... velhas brigas seriam resolvidas hoje.

Num alto balcão, flutuando acima do fedor do caos, assassinato e morte, estava Trias, suas asas esqueléticas abertas e olhar duro de satisfação fria.

E a pergunta candente era esta: por onde em todos os infernos eu começo?

Uma figura familiar espreitou pela esquina, e ao me reconhecer se aproximou a galope. Recuei, mas apertando os olhos um pouco vi que também o conhecia. Era aquele velho fedorento, Kyse o Zelador.

— Retornastes a uma cidade de calamidade, viajante. A deva se ergue triunfante sobre os escombros, tendo nos arrastado aqui para nosso fim. Há apenas um jeito de retornar — e é derrotar a deva, fazendo a cidade reconsiderar sua traição e engano. Quanto mais forte a crença da cidade no perdão, mais fraca a deva.

— Trias fez tudo isso?

— A deusa emergiu do chão e condenou as iniquidades da cidade. Uma grande confusão surgiu enquanto os prédios desmoronavam ao nosso redor — e então chegamos. Há apenas uma forma de combater Trias — e é enfraquecê-lo por boas ações e afastando as mentes dos habitantes do caos e do mal em direção à bondade. Caso contrário, certamente triunfará. Tenho trabalho a fazer. Caso necessite de descanso, busca o antigo quartel ou a destilaria.

Ele pressionou um pergaminho nas minhas mãos:

— Agora pega isto. Vai te ajudar.

Fizemos nosso caminho pelas ruas, sangue quente de batalha. Tive que lutar corpo a corpo principalmente... meus feitiços maiores poderiam significar dano colateral, e precisávamos salvar o máximo de cidadãos possível. Horrores de pesadelo caíram com gargantas cortadas ou pescoços quebrados.

Limpamos as seções da cidade o melhor que pudemos, e finalmente num pequeno redemoinho onde a violência havia minguado para um fio ouvi um gemido de agonia.

Sob as rodas de uma carroça jazia um githzerai envelhecendo... preso durante o caos. Ele cuspiu um torrão sangrando, e sorriu para cima para mim:

— Não vais me ajudar, vai? Foi isso que nos trouxe aqui

em primeiro lugar...

Ele riu debilmente.

— Quem és?

— É um verdadeiro traidor dos githzerai. Amaldiçoou nosso povo — Dak'kon sacou sua lâmina. — Isso é razão suficiente para ele morrer.

— Guarda a lâmina, Dak'kon — instei. — Não temos tempo para rancores.

— Sim, guarda a lâmina, cão zerth. Cuspo em teus ensinamentos. Usa tuas correntes um pouco mais.

O githzerai virou a cabeça para mim:

— Sou Tovus Giljaf. Costumava ser o Burgomestre desta cidade... até a maldita deva romper livre.

— O que podes me dizer da deva?

— A aprisionamos, oh há tantos anos atrás. Pensei que estava perfeitamente escondida de todos os cães farejadores e traidores. De repente ela explodiu de baixo da terra, flamejando, e minha bela, bela casa... deslizou.

Ele me olhou intensamente:

— Gostaria de minha vingança. Liberta-me, sim?

Do outro lado da carroça, um gemido de agonia soou:

— Aieeee! Estou do outro lado! Estás me matando!

A voz era familiar...

— Berrog?

Era aquele ladrão... o auto-descrito engenheiro que havia vindo buscar uma deva aprisionada:

— O que estás fazendo aqui?

Pusemos a carroça de volta no chão gentilmente, e Tovus rosnava de frustração enquanto o peso pesava sobre ele novamente.

— O que estás esperando? — ele gritou. — Liberta-me!

Berrog Sapatoveloiz gemeu:

— Só vim a Curst para libertar a deva... criatura do bem... mas fui mal informado. Nunca deveria ter vindo...

Circulei ao redor da carroça, e lá estava ele. Cuspindo sangue, o eixo pressionando suas costelas:

— O que aconteceu, Berrog?

— Eu estava... fugindo da cidade... quando ela começou a deslizar. Estava perto... dele — ele indicou Tovus — e ele me agarrou. A carroça caiu do céu, e ele tentou me empurrar para baixo dela... enquanto escapava. Mas ainda assim peço que... encontres uma forma de libertá-lo também.

— Ainda comando os guardas de Curst... — Tovus implorou. Sua voz soava frenética, sem dúvida com o medo de que eu permitisse Dak'kon executá-lo ali mesmo. — Posso inspirá-los, ajudá-los, retardar a maré de monstros

que fica entre ti e a deva... liberta-me, e tuas tarefas serão mais fáceis. Liberta-o, e não ganhas nada.

— Não ganhas nada me libertando... confesso isso — Berrog admitiu. — Mas certamente... a maré da bondade virará... se me salvares sem pensar no ganho... melhor ainda salvar a nós dois.

— E se eu tirar isso de vocês dois?

Não podíamos contar com alavancagem para libertá-los ambos. Teríamos que levantar a carroça diretamente para cima, e com os escombros pesando sobre ela nossa tarefa era ainda mais difícil.

Meus músculos se tensionaram enquanto eu levantava do lado de Berrog. Annah, Dak'kon e Nordom levantaram do outro. Meus joelhos dobraram. Os músculos da parte inferior das costas pareciam se torcer num nó. Mas centímetro por centímetro a carroça subiu, até estar suficientemente solta para Grace ajudar a puxar Berrog para fora, chutando e embaralhando.

Do outro lado da carroça alguém soltou um uivo de dor.

— Tovus? — chamei. — Tovus!

— O sod está bem, chefe! — Morte respondeu. — Só tive que morder em alguma coisa para tirá-lo.

Ótimo.

— Meu obrigado, camarada — Berrog sacudiu a



poeira de si e verificou rapidamente o corpo em busca de ferimentos. — Já tive o suficiente deste lugar. Estou de volta ao Monte Céstia. Espero que tuas boas ações te sirvam bem onde quer que vás.

Ele olhou na direção da deva parada no balcão. Sacudiu a cabeça, depois correu.

Tovus fez uma careta azeda e ajustou seu agora surrado nó de cabelo:

— Tens minha gratidão... humano. Vou agora para os muros para ajudar meus guardas. Minha cidade não perecerá.

Ele me deu um sorriso torto e puxou um pergaminho do casaco:

— Não te invejo o conflito com a deva. É um oponente formidável. Aqui. Pega isto. Pode ajudar.

Ao longo das ruas de Curst, encontramos saqueadores, fanáticos e aqueles que tentavam engordar com o caos — um guarda-chefe liderando uma pilhagem, um feiticeiro do templo preparando um sacrifício. Um por um os persuadimos a largar seus planos mesquinhos e ajudar a defender a cidade. O povo de Curst era teimoso, mas o instinto de sobrevivência superava a ganância quando confrontado com a realidade de Carceri.

A luta estava morrendo, o caos sendo contido. Homens eram arrastados pelas ruas, quebrados e sangrando, mas

agradavelmente vivos. Mãos que outrora seguravam facas prontas para as costas de um vizinho foram apertadas para arrastar os feridos dos escombros dos prédios.

Ao longe conseguia ver as cabeças de Agril-Shanak e Tek'elach em piques, carancudas uma para a outra de ódio mesmo na morte.

Um homem sujo, curvado e carcomido pela escuridão, caminhou até nós. Era o mesmo eremita que havíamos encontrado abaixo de Curst. Quando nos avistou ele disse às pressas:

— Kyse o zelador me disse que o senhor apareceria. Fizeste um excelente trabalho de enfraquecê-lo... o caos da cidade está cedendo e seu plano não está funcionando tão bem. Vai e termina o trabalho.

A terra tremeu então, como o frio estremecimento antes de um espirro. Algo novo estava nos ossos desta cidade. Estava começando a recuperar a sepse que a havia infectado. Curst estava bem na borda de se deslocar, com uma última farpa a segurando de volta.

— Sinto-o lá em cima, crescendo e minguando como uma lua ardente. Posso ouvi-lo se perguntando quando virás. Ele anseia pelo confronto.

Olhei para o balcão no qual ele ficava, fitas de fúria divina se espalhando como névoa matutina:

— Então o terá.



## Capítulo 106

Inicialmente pensei que era trovão que rasgou pela parede entre o Interior e o Exterior de Curst, como se o caos não bastasse sem uma tempestade de Carceri devastando a cidade. Quando chegamos ao epicentro, porém, a alvenaria esmagada e os corpos pisoteados não foram o resultado de um temporal.

Era uma batalha entre dois íferos.

Agril-Shanak, que havia libertado do silo de grãos... e Tek'elach, a quem havíamos visto tão secretamente escondido nas entranhas de Curst...

— Esquece isso, chefe! — Morte gritou através do barulho. — Deixa eles se matarem.

Demos-lhes uma ampla margem.

Enquanto prosseguíamos pelas ruas, Grace cuidou dos ferimentos de Dak'kon e eu conversava com Morte sobre as criaturas que havíamos visto abaixo da cidade. Os lemures, soldados rasos dos baatezu — carne sem mente e sem fim, que regeneravam a cada derrota. Tek'elach com seu segredo e seus planos. Trias em seu balcão, olhando a destruição que havia orquestrado com satisfação fria.

Tudo fazia sentido agora. Havia um portal para Baator em Curst, esquecido há gerações, cujo segredo Trias havia guardado como chave de um contrato com os Planos Inferiores. Ao arrastar Curst para dentro de Carceri, havia criado um ponto de lançamento direto para as forças baateuzianas, ignorando todas as defesas tanar'ri nas fronteiras do Desperdício Cinzento.

— Precisamos devolver Curst às Terras Externas. Agora.

— Fala por ti — Annah ofegou. — Alguns de nós precisam de uma pausa entre esfaquear íferos para cá e para lá.

— Não podemos descansar, Annah — minha voz estava dura, e ela estremeceu como se cortada pela borda. — Trias não apenas condenou uma cidade de traidores. Trouxe-a diretamente para a Guerra de Sangue. Curst tornou-se o ponto de lançamento para um ataque baatezuano em massa contra os tanar'ri.

Se Morte pudesse ter se sujado, teria feito isso ali mesmo:

— Não há chance de podermos correr pelo caminho oposto?

— Sim. Por este lado — aponteí minha adaga ensanguentada para o som da batalha, e saí disparado.



Tivemos que redobrar nossos esforços para proteger Curst, e por um golpe de sorte An'izius foi arrastado por dois guardas enquanto eu passava, o desespero da loucura nos olhos.

— Por favor, estranho! Deves me ajudar! Convince o juiz de que meus supostos crimes não são crimes!

Subi as escadas em direção ao enforcamento improvisado, até o homem de rosto azedo que ergueu uma sobrancelha à minha abordagem. Falei de libertação, de ordem, de como executar outro traidor numa cidade de traidores apenas afundaria Curst mais fundo em Carceri.

De maneira improvável, funcionou.

Pelas ruas de Curst, encontramos saqueadores, um mago realizando um sacrifício, uma multidão frenética. Um por um os persuadimos a largar seus planos mesquinhos e ajudar a defender a cidade. O instinto de sobrevivência superava a ganância quando confrontado com a realidade de Carceri.

A luta estava morrendo. O caos estava sendo contido.



O eremita lúgubre que havia encontrado abaixo de Curst

surgiu:

— Kyse o zelador me disse que apareceria. Cabeça para cima e termina o trabalho.

A terra tremeu então, como o frio estremecimento antes de um espirro. Curst estava bem na borda de se deslocar, com uma última farpa a segurando de volta.

Subimos até Trias.



Ele pairava no balcão, acima da fedentina do caos, assassinato e morte — Trias, suas asas esqueléticas abertas e olhar duro de satisfação fria.

— O que esperas realizar aqui? — a voz de Trias ressoou ao olhar para a cidade. Os fogos da condenação abaixo cintilavam quentes em seus olhos. — Muito bem fizeste em tão pouco tempo, mortal. Não será suficiente para manter esses traidores de perceberem a profundidade de sua loucura.

— Por que mentiste para mim?

Mesmo com seus planos destruídos ainda falava grandiosamente:

— Estavas necessitado de direção. O preço de tua necessidade foi a traição. Como é que acreditas ter ganho o direito a quaisquer verdades nesta vida ou na próxima?

Tal arrogância. De fato, era teu dever como ser inferior me libertar. Nada te devo, e é o que dei. Dei-te mais do que merecias. Libertaste-me para te ajudar a ti mesmo.

— Há um portal para Baator em Curst, não é?

Ele se virou para mim então, o rosto calmo, a mais leve torção dos lábios o único sinal externo de que estava impressionado:

— Muito bem, mortal. A podridão que comeu tua mente deixou algumas faculdades intactas, ao menos. Sim, existe um portal para Baator, no arco para a cidade interior. Há muito está esquecido, o segredo conhecido apenas por uns poucos sábios eleitos, que agora jazem mortos. Apenas eu guardo a chave.

— E ao trazer Curst diretamente para Carceri... — continuei. — Os baatezu podem contornar qualquer defesa tanar'ri ao longo das fronteiras do Desperdício Cinzento. Criaste um novo ponto de lançamento diretamente para o coração do caos.

— Uma vantagem temporária — Trias disse dismissivamente.

— Por que fizeste isso?

— Uma cidade de traidores foi traída e recebeu o que merecia. Não há “por que”. Sela meu pacto com os Planos Inferiores. O bem maior é servido.

— Fizeste um pacto com os Planos Inferiores?

— Não se pode escalar o Monte Céstia sem um exército. A composição desse exército é de importância para mim. É muito mais fácil contratar tais criaturas do que forçá-las a um ataque.

Meus olhos se arregalaram:

— Vais atacar o Monte Céstia com íferos? Fraternizar com eles não é contra tua natureza?

O rosto da deva escureceu:

— Estou fazendo isso para redimir o nome do Bem! — ele rosnava. — Enquanto os generais dos Planos Superiores se encolhem atrás de seus portões dourados e alimentam uma guerra brutal que devora os inocentes, trarei-os ao confronto com o que mais temem, e através desse confronto, superarão seu medo.

— Achas que podes acabar com a Guerra de Sangue levando-a aos portões do Paraíso? — Fall-From-Grace ficou ereta, mãos dobradas. — O mal nos Planos Inferiores é quase infinito. As legiões de Baator e do Abismo refletem isso. Antes de te armar com nada além de arrogância pomposa, debes lembrar o terrível poder do mal infinito focado em um único objetivo. Não lhes dê uma desculpa para levar a Guerra de Sangue para os Planos Superiores ou o multiverso sofrerá.

— Assumis muito sobre suas chances, tanar'ri. Uma ideia cujo tempo chegou é mais forte que qualquer exército.



Grace inclinou a cabeça:

— Pode-se aprender de todas as coisas, se for suficientemente perspicaz, meu senhor. Um homem sábio aproveita cada oportunidade de aprender.

— Traição é um abandono da guerra contra o mal — Trias prosseguiu. — Traição é covardia, vender armas a teus adversários por medo de que possam parar de se matar e se voltarem contra ti. Traição é recusar liderar pelo exemplo.

— Tu contaminarias a essência do bem com o mal encarnado. Isso soa como traição.

Longo silêncio, até que minhas palavras o perfuraram como uma bolha:

— O que realmente aconteceu com tuas asas, Trias?

— Os fogos de Baator queimam quentes, mas são velas em comparação com a raiva de um pai — ele agitou os restos carbonizados de suas asas. — Não há dor como ser expulso do Monte Céstia.

— Então és caído, então? Por que deveria acreditar em qualquer das tuas palavras?

— Não fales comigo de traições e quedas, mortal. Estou disposto a me sacrificar para que o Bem triunfe.

— Isso é nobre, Trias, mas o que te dá o direito?

— Estou **aqui**. Vejo o mal. Estou disposto a agir sobre

ele. Minha **vontade** me dá o direito.

— A vontade de alguém não lhe dá o direito. Retira-te, Trias. Ainda podes ser redimido.

Ele escarneceu:

— Não és aquele para falar de redenção, mortal. Exalas mal; tuas palavras são armadilhas e mentiras. Não, este plano continuará, e veremos os portões do Paraíso queimando, mais cedo ou mais tarde.

— Então lutaremos.

A lâmina de Trias explodiu em chama azul fria em suas mãos, e ele golpeou o chão. A argamassa reverberou como um gongo, a pedra rachou como tinta velha. Sohmien chifrudos irromperam do chão, babando com fome carnívora. Os sohmien caíram um a um; Dak'kon decapitou um com um único golpe, Morte ricocheteou entre eles rasgando com os próprios dentes. Os viotes de Nordom perfuraram entre olhos sem pupila, e eles tombaram a meio galope enquanto os de trás os atropelavam.

Trias havia se encerrado em planos azuis de força, cercado por escudos e barreiras contra lâmina e magia. Raios lancetaram de sua lâmina, e viotes cruzaram e arquearam pelo ar sobre as cabeças da manada em debandada. As adagas de soco de Annah encontraram o primeiro, e ela foi arremessada para longe. Os membros de Nordom soaram com um estrépito antinatural quando

outro virote o racoou.

A paisagem começou a se mover.

Não, não era a paisagem. Dois exércitos se chocavam à distância, espalhados como um campo de formigas enxameando. Os baatezu haviam saído da cidade para assegurar a área circundante, e as poucas defesas que os tanar'ri tinham estavam sendo esmagadas pelos lemures. Corpos rosados flácidos pareciam se mesclar uns com os outros, misturando-se como a briga de um caldeirão, lavando o fedor do caos das rochas de Carceri enquanto o oceano comia a costa.

Precisávamos terminar isso.

Empurrei para fora, derrubando a manada de lado com um hemisfério de força violeta. Então estendi a consciência mais longe, para os tijolos e argamassa do próprio prédio. Mais longe e para fora me espreguicei, minha consciência se afinando, a mente ameaçando se partir ao se espalhar tão longe. Bem na borda do meu limite conseguia senti-lo, como se estivesse raspando com a borda de uma unha.

Comprimei os fios brutos de força para cima, jorrando-a para o céu. O estalo dela, alto como mil trovões, chacoalhou o balcão e ameaçou partir o prédio ao meio. Os grandes asteroides flutuando no vazio rolaram, quietos e serenos no silêncio...

Os remanescentes estilhaçados choveram sobre nós.

Pedras do tamanho de maçãs rasgaram através de argamassa e carne em igual medida. Sohmien explodiram em nuvens de sangue e chifres quebrados. O balcão deu uma guinada, a estrutura metálica que o sustentava se torceu como tendão esticado.

Dumbstruck, Trias não estava preparado quando uma placa de karach cravou uma longa cicatriz por todo o seu escudo azul.

Mais dois, das adagas de soco de Annah por trás, lâminas ansiosas para se enterrar em suas costas.

Acima, Morte alegremente ricocheteou, uma teia de cristal azul rachando crescendo com cada golpe.

Uma rajada final de força concentrada riscou sobre o ombro de Dak'kon enquanto eu avançava para a luta, estilhaçando a barreira, cacos se partindo em luz azul-branca ao cair. Trias tropeçou para trás diretamente nas adagas de Annah, e ela as torceu com um esgar. Uma torção da lâmina de Dak'kon e a palma de Trias foi fendida ao meio, entre dois dedos. Sua lâmina forjada nos céus tilintou contra as pedras.

Ele caiu de joelhos, sangue escorrendo dos lábios enquanto eu apontava a ponta da minha adaga abaixo de seu queixo:

— Cedo a ti nesta hora, mortal. Meu aprisionamento me enfraqueceu... em meu estado, não sou páreo para ti.

— Trias, mesmo em tua glória plena, não serias páreo para mim. Agora diz-me o que preciso saber.

— Guarda tua mão, mortal. Vieste a mim em busca de conhecimento que apenas eu conheço em todos os Planos. Ninguém mais pode falar do que estou prestes a te dizer. Se realmente desejas este conhecimento, deves prometer poupar minha vida.

Dak'kon estreitou os olhos e manteve a lâmina no pescoço de Trias, um executor se preparando.

— T'chah! Ele nos mentiu antes, como sabemos que não vai mentir de novo? — Annah rosnava.

— Seria prudente esperar — Grace disse, repousando uma mão no meu ombro. — Sabemos o que Trias é agora. Se suas respostas não nos colocarem no caminho que buscas, sabemos a quem retornar pela verdade mais uma vez.

Acenei e pressionei a ponta da minha adaga mais uma vez em seu queixo para acentuar meu ponto:

— Muito bem. Juro poupar tua vida se me deres o conhecimento que busco.

Trias ficou de pé, ignorando as feridas graves que havia sofrido:

— O portal para o lugar que buscas fica dentro do toro acima da Espira, na cidade de Sigil, a Cidade das Portas. Nessa cidade há um lugar onde os mortos de teu tipo são

levados...

Piscei:

— Queres dizer o **Mortuário**?

— É onde acordaste recentemente, não é? — ele quase sorriu. — Os Planos parecem repletos de tais ironias ultimamente. Tão **perto** estavas, então...

— Qual é a chave?

— A Fortaleza dos Arrependimentos é argamassada com lágrimas, e o semelhante chama o semelhante. Para entrar na Fortaleza, deves contribuir com algo para ela. Quando passares perto do portal, caso carregues arrependimento na mente, sentirás a presença do portal, como o frio abraço da morte.

— E?

— Enquanto este frio te banha, deves arrancar um pedaço de tua própria pele, e escrever um arrependimento nela com sangue do teu dedo indicador esquerdo. O portal se abrirá, e poderás descobrir a verdade por trás da Fortaleza dos Arrependimentos — e talvez conhecer seu guardião.

— Como sabes isso?

— Muitas alianças busquei pelos Planos. Minha busca me levou à Fortaleza, onde falei com seu senhor e guardador de seus corredores sombrios.

Ele apontou atrás de mim:

— O sangue que tens nas mãos agirá como a chave para este portal; simplesmente passa pela porta pela qual entraste, e retornarás.

— O que podes me dizer da Fortaleza?

— Seus corredores são escuros e parecem vazios — mas como tu, atraí almas atormentadas para ela como uma pedra-ímã. Como tu, está vazia e ainda assim cheia dos refugos do tempo. Como tu, é um monumento ao tormento.

Fiz gesto para que continuasse.

Seu sorriso sangrento se alargou:

— São as almas daqueles que morreram em teu lugar. Tornaram-se sombras para que possas viver. São **tuas** sombras, os matizes que lanças sobre a existência, e elas te encontrarão, viajante, e te farão sofrer por seus tormentos. Receberás o que mereces em suas mãos, tu e os que forem tolos o suficiente para te acompanhar.

— O que podes me dizer deste guardião?

— Poderoso é aquele. Não o vencerás, e não poderás arrancar tua mortalidade de seu frio aperto. Está perdida para ti. Embarcaste numa missão empreendida apenas por tolos.

— Tolo posso ser, mas conhecerei mais sobre este guardião.

— A mortalidade de um homem é uma bússola que aponta seu caminho na vida. Se pode ser agarrada como um objeto, muito pode ser aprendido sobre a natureza do homem do qual foi arrancada. Teu adversário sabe mais sobre ti do que jamais saberás. Observou-te e estudou-te ao longo de muitas de tuas meias-vidas. Conheço seu coração. Ele não retornará o que buscas.

— O que farás quando eu partir, Trias?

Ele olhou tristemente para os campos de Carceri, para quão perto havia chegado da vitória:

— Tentarei mais uma vez levantar um exército contra os portões do Paraíso. Não me receberão de volta, e não há outro propósito para minha existência.

— Trias, esqueceste o rosto de teu pai?

— O que queres dizer?

— Os Planos Superiores são o lar da justiça, beleza e bondade. São também o lar do perdão. Vai para casa. Admite teu erro e implora perdão.

Trias abriu a boca para uma réplica raivosa... e pausou, refletindo. Inclinou a cabeça:

— Falas palavras convincentes, mortal, e sua sabedoria me perfura. Buscarei o perdão de meus pais, e aceitarei qualquer retribuição que escolherem.

Ele ergueu os braços então, e saltou para o céu.



Lentamente desapareceu na distância, piscando como uma estrela, até finalmente sumir entre as nuvens negras de Carceri.

Piscei. Elas não eram tão negras agora.

O balcão rumbou sob nós, e cambaleamos enquanto tudo tremeu. Não era o dano que havia feito ao prédio, não... a cidade inteira estremecia com uma vida nova e fresca. Luz ouro-prateada pálida cintilou entre as nuvens, e flashes de azul filtraram através do vermelho. O material que amarrava Curst a sua nova casa estava se estirando, se partindo fio por fio. Curst estava **deslocando...**





## Capítulo 107

Curst voou das planícies devastadas de Baator em sua concha iridescente, a superfície ondulando e mudando de cor como a pele de uma bolha de sabão. Sob nós os picos devastados de Carceri sangraram para longe, e num flash flutuamos acima da sombra do Desperdício Cinzento. Só de olhar para ele conseguia sentir a esperança e a aspiração se esgotando de mim, sangradas em riachos constantes.

— Yggdrasil — Morte ficou boquiaberto. — Uau, nunca o vi desta perspectiva antes.

Em outro flash Curst pendurou entre dois cubos de mil milhas de comprimento, suas superfícies pontilhadas e marcadas de velhas batalhas. Os dois planos planos se pressionavam rapidamente um contra o outro, e por um momento os habitantes da cidade soltaram um grito em massa de terror antes de piscarmos para fora novamente.

Em outro momento Curst girou na borda externa de uma engrenagem gigante, entre o grande reino de mecanismos de Mechanus. Em outro nos balançamos, flutuando gentilmente enquanto rios largos e prados se espalhavam acima e abaixo. Ao longe um rebanho de ovelhas nos olhou de cima de uma colina, depois voltou a pastar.

Giramos através de uma névoa amorfa, onde ilhas de terra e água pendiam, onde o ar cristalizava e o fogo gelava. Dak'kon olhou para a extensão, olhos se embaçando de nostalgia enquanto o vento ondulava contra nós.

Passamos por reinos de ventos uivantes, entre montanhas cuspidas de fogo para as estrelas. Curst flutuou ao longo de grandes rios onde os mortos cantavam seus lamentos pálidos e raíscou por picos verdejantes onde os Poderes e devas habitavam.

Por fim, num satisfatório *pop* como o estalar de uma articulação, a cidade voou sobre uma planície do deserto onde montanhas largas se estendiam na distância. Em espiral sobre um único ponto a bolha parou, o coração dela se movendo como um ovo prestes a eclodir. Meu coração saltou um batimento, e ela começou a rachar.

Os prédios caíram em grupos, descendo com precisão arrumada enquanto raios bifurcavam entre as fundações de pedra originais e suas paredes. A tensão foi demais para alguns, e mais de uma torre desabou com um guincho de metal se torcendo e tijolo se estilhaçando. Na maior parte aterrissamos em segurança.

Momentos de silêncio passaram, até que um grito soou. Depois outro. E outro. Logo a cidade inteira gritava em júbilo, risos e lágrimas se misturando enquanto as pessoas pulavam para as ruas.

Atrás de nós, o portal aguardava.

Por mais bela e aterrorizante que nossa jornada tenha sido, nunca pensei que sentiria tanta falta do fedor da Colmeia.



A porta rangeu quando a empurrei. Havia hesitado em vir, ansioso por poder enfrentá-la novamente. Ou pior, não a veria de jeito nenhum.

Ao entrar Mebbeth ergueu o olhar da cama, o rosto cinzento como se estivesse gravemente doente. Enquanto eu observava, vincos se espalharam pelas dobras de seu rosto como rachaduras e seus olhos cinzentos cintilaram, como se tendo dificuldade de me focar.

— Mebbeth, estás bem? — ajoelhei ao lado das camadas de esteiras trançadas que ela usava como cama. O ar cheirava a poeira. O aroma medicinal das ervas secas havia ficado rançoso.

— Aye... — Ela sorriu debilmente. Sua voz estava arranhada, como se tentando se forçar por camadas de poeira. Quando falou, foi como um eco. — Tenho... um pouco mais...

— Mebbeth... — Tomei sua mão na minha. Era fria e seca, e flocos de pele caíram e se agarraram à minha palma.

— Sabia que eras Ravel?

Ela respirou fundo... suas palavras vieram devagar, a voz rangendo na garganta:

— Talvez... Mebbeth esqueceu-se de si mesma muitas vezes... sonhei que era outra pessoa...

Cada palavra era mais pesada que a anterior, como se séculos de peso as pressionassem:

— Muitas coisas... até pedaços do eu... caem pelas rachaduras da memória, sombras de coisas esquecidas...

— Mas por que Mebbeth? Por que o disfarce quando poderias ter sido Ravel de novo?

— Aqui, neste lugar, tudo que fiz foi o remendo de coisas e corpos, endireitar ossos, entregar bebês... em tudo isso, estava contente.

Ela suspirou:

— Quanto a ser aquela **outra**, aquela Ravel... acho... tu tomas como garantida que comodidade seria, às vezes, extraviar uma memória ou duas.

— Não tinha certeza se estarias aqui, Mebbeth, depois do que aconteceu...

Mebbeth acenou — cada movimento era dolorido:

— Aye, meu precioso...

Ela fez uma careta ao respirar:

— Ver-te aqui... é como um eco. Pouco tempo resta... os fios, essas Ravels... estão se desemaranhando enquanto falamos.

— Estás com dor?

Ela acenou:

— Sim... ainda assim é a ironia que mais dói...

Ela deu um sorriso doentio:

— Um ato de bondade, recompensado três vezes... é o jeito dos Planos que meus poucos atos de bondade deveriam ser minha morte.

Ela riu suavemente:

— Ainda assim não tenho arrependimentos...

— Tenho perguntas, Mebbeth. Preciso saber quem fez isso a ti. Podes—

Ela ergueu a mão para me silenciar:

— Homem precioso... gostaria que me ouvisse, esta última vez...

— Mebbeth, não há muito **tempo**...

— Homem precioso... — ela suspirou. — Tudo que desejei fazer foi libertar a Senhora de sua Gaiola... para ti, tudo que desejei foi que **vivesses**... e para minha filha, eu...

Ela suspirou:

— Há um ditado nos Planos... que a bondade de uma hag é mais cruel... que seu ódio, e envenena tudo que toca...

— Lamento que as coisas tenham resultado como resultaram. Se pudesse ter te salvado, eu—

— Estou morrendo agora...

Ela piscou os olhos reumáticos:

— Meu fim... vem de todas as direções do tempo, todos os fios de Ravel se desemaranhando...

Ela tossiu:

— Ainda assim...

Seus olhos cinzentos pousaram nos meus:

— Talvez nem tudo esteja perdido... uma das minhas sementes de espinho negro do labirinto... trouxeste uma contigo?

— Sim. Aqui está.

— Ah...

Ela tomou a semente cuidadosamente, e a deslizou para as tranças grisalhas. Assim a Unidade-de-Anéis é servida...  
— Com um olhar cintilante, ergueu a mão e me acenou para me aproximar.

Ela sussurrou algo suavemente sob a respiração, depois segurou minha cabeça nas mãos e colocou um beijo fino como papel em minha testa. Fechei os olhos enquanto seus lábios tocavam minha pele...

— Que os Planos te recebam com gentileza, Mebbeth.

Ela suspirou, longo e suave enquanto seu peito caiu pela última vez. Pouco a pouco sua pele se escamou, secando e se soltando como folhas de outono antes de se desfazer em pó. Sentei ao lado do que restava, a coisa mais próxima de uma mãe que havia tido.

Naquela tarde, mais um nome foi cinzelado no obelisco negro diante do Mortuário.



Os que olham para a frente tendem a se preparar para a própria morte. Compram um lote, visitam o túmulo para verificar a vista. De certa forma o que eu estava fazendo não era muito diferente.

Ainda passaria algum tempo antes de eu atravessar aquele portal. Minhas visitas ao Mortuário eram breves, apenas testando as águas do que estava prestes a fazer. O cheiro de incenso me saudou como um velho amigo. Depois os vapores frios e cortantes do formol cortaram a fumaça doce enquanto subia a escada. Trouxe velhas memórias. Estranho pensar nisso como lar, mas era o mais próximo que já tive de um.

*Sempre um lugar ao qual podia confiavelmente retornar, pensei sardonicamente.*



— Então... retornas mais uma vez. Tuas memórias te abandonaram como tantas vezes, Inquieto? — Dhall respirou com um arranhão, depois teve um acesso de tosse. Apesar da expectoração úmida sua pena nunca manchou a página que escrevia.

— Não, Dhall — sorri suavemente, e ele retribuiu com um olhar que falava de seu cansaço do mundo. — Sempre disseste que retornaria aqui... que é o jeito de todas as coisas de carne e osso.

— Para qual propósito?

— Para te agradecer por me salvar tantas vezes, velho amigo. Agora sei o que tenho que fazer para quebrar este ciclo. Encontrei informação sobre onde minha mortalidade foi aprisionada, e em breve minha jornada estará no fim.

— Como a minha — ele murmurou. — Em breve... muito em breve encontrarei o abraço da oblição.

Acenei. De certa forma, Dhall havia esperado por isso mais tempo que eu.

— Todos estamos morrendo, Inquieto. Onde outros lutam alguns aceitam. Se pudesse reunir esperança desejaria paz a ti.

Ele tossiu, lábios molhados de muco. Dhall pausou, erguendo o olhar e olhando para meus amigos:

— E se pudesse lamentar choraria por teus companheiros. Os condenastes, como condenastes

outros antes.

Seu tom era plano e sem acusação, afirmando fato simples:

— Deionarra... — murmurei. Inconscientemente apertei o peito. Dhall acenou.

Disse-me que havia proferido uma profecia... que encontraria três inimigos. Criaturas do Mal, do Bem e da Neutralidade que foram distorcidas pelos Planos. Eram Ravel, imaginei, e Trias? Pareciam se encaixar no padrão. Se verdadeiramente o faziam, tinha um inimigo ainda, um que não sabia nada sobre...

— Ela falou contigo? — a voz de Dhall caiu para um sussurro. — As febres estão sobre ti, Inquieto? Ela alcançou a Morte Verdadeira e passou bem além do teu alcance.

— Ela me falou, Dhall. Seu espírito reside aqui.

Dhall desenhou lentamente um semicírculo no ar à sua frente com um dedo:

— Este é um mau presságio, Inquieto. Seria melhor se apenas sonhaste a conversa... ainda assim é mau agúrio se não fizeste.

— Não vim falar de presságios, Dhall. Queria perguntar se sabias algo sobre a Fortaleza dos Arrependimentos e seu mestre.

Por um longo tempo Dhall me encarou, depois sacudiu a cabeça:

— Buscas o proibido, Inquieto.

— Minha existência é uma aberração. Sou **eu** o proibido.

Dhall ofegou, agarrando o peito. Esperei pacientemente que recuperasse o fôlego, e quando ergueu o olhar de novo seus olhos eram frios e sombrios:

— Os registros que os Dustmen mantêm pouco notaram disso. Tudo que sabemos é que é antigo, que é o ninho de incontáveis almas torturadas, se esgueirando pelos corredores sombrios como vespas...

Ele tossiu, puxando um trapo das vestes. Voltou amarelo de escarro e salpicado de vermelho:

— Duzentos anos atrás o Doomguard planejou um assalto ao sanctum interior. Três de seus Navios Néteros não conseguiram brechar as paredes, e nada restou do assalto para dizer exatamente o que aconteceu.

Havia pouco mais que Dhall pudesse dizer, e saímos insatisfeitos.

Caminhamos pelos quartos de embalsamamento, o único som além do gemido ocasional de um zumbi sendo o de nossos passos. Era um som frio e duro... estranhamente rítmico no que de outra forma seria silêncio.

— Ei!

Me virei rapidamente, sacando a adaga. Annah e Dak'kon seguiram. Nada além de trabalhadores zumbis. Toda a conversa com Dhall havia me deixado perturbado se estava tão nervoso.

Morte havia sido o que falou, e tinha acabado de flutuar para um dos zumbis:

— Chefe, vê este aqui.

— Não isso de novo.

— Não, chefe. **Olha**. Acho que conhecemos este sujeito.

Me inclinei. Seus traços haviam murchado, com carne curtida e cinza-azulada com preservativos. Ainda assim havia algo no arco daquele queixo, nos tufo restantes das sobrancelhas que parecia familiar. O número “331” havia sido cinzelado em seu crânio e seus olhos e lábios estavam costurados. Um buraco escancarado havia sido rasgado em sua garganta, e ele cheirava mal.

Me inclinei, sussurrando nos murmúrios suaves dos mortos. As palavras eram secas e rangiam com a idade, mas a cabeça do zumbi rangeu para cima em reconhecimento.

— Wh-wh... — O zumbi estava estranhamente recuperando a voz, e soou alarmado. — Quem está lá?! Responde-me!

— Não consegues me ver?

— Cego estou, na morte como estava em vida... agora responde. Quem és?

Ele se acalmou um pouco ao me ouvir, e a voz era familiar.

— Quem és **tu**?

— Eu... — O zumbi ficou em silêncio. — ...meu nome... fugiu de mim. Eu... não consigo mais lembrar quem sou.

*Emballo o corpo dela, pressionando minha mão no lado para manter a garota de sangrar. Uma mancha vermelho escura se poça abaixo dela, manchando o vestido azul-céu. Estaio a língua... que incômodo ela é. Custou uma pequena fortuna conseguir algo tão bem bordado mas feito para viagem, e ela o arruinou com sua própria desajeitagem. Maldita garota é inútil em batalha.*

*“O último deles está morto”, nosso companheiro relata, aquele capuz obscurecendo seu rosto. Maldito bom que ele seja cego como um morcego.*

*“Meu amor...”, ela murmura em meus braços.*

*“Shh, está tudo bem”, aceno para o homem parado acima de nós até perceber que não pode ver meu gesto. Tch. Outro daqueles deslizes.*

*“Precisaremos de alguns encantamentos de sangue para curá-la...”*

— ...Xachariah? — murmurei.

— O quê... tu! — O zumbi pareceu chocado, mas contente. — Pelos olhos da Senhora...

Seu tom assumiu um sentido de maravilhamento:

— Não estás **morto**, cutter?

— O que estás fazendo aqui?

— Sou um moço de estrebaria no lugar mais sem vida de todos. Fosse eu capaz de passar além da Fronteira Eterna e ter um Plano para chamar de meu lar, mas muito de minha alma foi desperdiçado, e agora estou aqui.

— O que podes me dizer sobre nossas viagens?

— Uma tripulação malucamente misturada éramos... um meio-morto que não conseguia se meter no livro dos mortos se tentasse — tão feio que todos os Poderes da morte não o tomariam — uma filha de um advogado que se lamentava, um exilado gith, um crânio de língua de chacal que balançava, e um arqueiro cego meio ébrio como eu mesmo.

— Filha de um advogado que se lamentava?

— Aquela malucazinha que queria ser soldado jurou que te seguiria até Baator e de volta, e pelos Poderes, ela estava tão perturbada com o pensamento de ti sem ela que realmente o fez. Pouco se importava comigo ou com o gith, e era pouca coisa. Ela estava louca de veneno de coração por ti, era, prova de que era barmy. Não entendo o que as mulheres viam na tua cara toda cicatrizada, mas fazia o

sangue delas ferver.

Ele zombeteiramente continuou:

— Ela era alguma ricaça do Distrito dos Escribas, e precisavas de algo dela, e o único preço era que ela viesse contigo.

Estremeci. O destino de Deionarra havia me corroído por tanto tempo. As coisas que havia visto, os vislumbres de memória que havia experimentado, aquele terrível encontro com sua Pedra Sensorial que me deixou encolhido no chão e chorando nos braços de Grace... o que minha encarnação passada planejou para a pobre garota?

— O que eu queria dela?

— Um dos segredos que nunca trouxe à luz, cutter. Talvez me digas?

— Desculpa, Xachariah — suspirei. — Disseste que eras um arqueiro cego?

— Era, sim. Realmente esqueceste, não esqueceste? Todos os homens veem com mais do que os olhos, cutter... alguns deles melhor que outros. Sentia os corações de meus inimigos — **teus** inimigos — e minhas flechas sempre acertavam em cheio. Ah, eram bons tempos...

Contei-lhe mais sobre minha vida, sobre as viagens que fizera desde nossa última separação. Ele pareceu encontrar conforto em encontrar alguém familiar de novo. Mas eventualmente o dia havia sido esticado ao limite:

— Tenho que ir. Adeus, Xachariah.

— Antes de ires: preciso que me faças um pequeno favor, cutter.

— O que é?

Sua voz caiu, como se envergonhado:

— Cometi alguns erros, alguns malditos ruins com certeza, e um dos maiores foi assinar aquele contrato Dustman. Se não estivesse tão embriagado de cerveja, nunca teria feito isso. Lamento, e esperava que pudesses corrigi-lo.

— Como?

— Do jeito que vejo, este corpo vai durar muito tempo... e cada dia é longo demais para mim. Poderias talvez me esviscerar de novo, cutter... pela velha amizade? O pensamento de passar mais um lote de anos aqui no Mortuário com esses caras-brancas é bem frio. Consegues ver como me colocar de volta no Livro dos Mortos onde pertenço?

— Se esse é teu desejo...

Olhei ao redor, e certo de que ninguém estava observando o esviscerei. Xachariah caiu no chão com um baque pesado. Houve um suave silvo do corpo, e o peito se ergueu uma vez. Depois, com um fraco rangido, o cadáver ficou em silêncio.



Teci uma rede de fogo sobre o corpo, cremando-o no local:

— Descansa em paz, Xachariah.





## Capítulo 108

Ela sentou ao meu lado na cama, mãos dobradas no colo. O chá na mesinha de serviço estava começando a esfriar além do palatável.

Fall-From-Grace sabia que não a chamei para uma visita social, embora tenha tomado alguns goles só para ser educada. Estranho pensar como retornamos tão rapidamente a dar a esses confortos mundanos tão pouca consideração, depois de tudo que havíamos passado.

— Tens algo em mente, então?

— O problema é mais que eu **não** tenho — mexia num biscoito. Parecia ter o hábito de ocupar as mãos quando as coisas ficam tensas. Geralmente seria uma carícia da adaga, hoje era mexer na comida. Isso era meu, me perguntei? Ou um capricho de uma vida passada, flutuando à superfície como bolhas de decadência num lago fétido? — Quero lembrar Deionarra.

O olhar de Grace vagou do meu, e seus olhos traçaram minhas cicatrizes. Um dedo roçou meu peito, deslizando ao longo do contorno da clavícula. Ela não precisava pedir permissão: havíamos nos conhecido bem demais para nos importar com tais formalidades.

— Alguns acreditam que nós Sensatas vivemos uma vida suave — Grace disse quietamente, mas sua voz era clara como vidro e cortou o silêncio constrangedor. — Que esgotamos os dias nos banhando nos prazeres fornecidos por nossos Sensorários e teatros, ou nossos salões de jantar. É verdade que alguns o fazem.

Ela me deu um olhar que disse o que pensava sobre isso:

— Mas a totalidade do multiverso não é medida em contentamento.

Ela tirou a mão. — Ambos sabemos isso bem. Tuas experiências deixaram sua marca em ti, e as cicatrizes são profundas. Há apenas tanto que posso curar, mas não acredito que essa seja a questão que deves te fazer.

— Achas que não deveríamos tentar, então?

— Alguns diriam que tua amnésia é uma bênção. Que os mortos deveriam permanecer enterrados.

— Suspeito que essas pessoas não são Sensatas.

— Um Sensata conhece suas limitações — Grace disse, depois sorriu suavemente. — Apoiarei qualquer empreendimento que desejes, mas isso não é algo para se comprometer casualmente. Até o Sensata mais comprometido pensaria duas vezes antes de beber veneno para que pudesse provar seu gosto.

Ambos nos lembramos daquela noite que ela passou, me embalando enquanto as lágrimas caíam uma por uma.

O que vi na pedra sensorial de Deionarra havia quase me quebrado, com três fios de consciência atados numa bola de necessidade e crueldade, e os gritos impotentes e não ouvidos de angústia contra ambos.

— O nome de Deionarra foi gravado pela tua mente — ela disse. — Fundo o suficiente para arranhar contra a alma. As feridas ainda sangram quando o ouves pronunciado.

— Não temos escolha, Grace. Há tão pouco tempo.

Ela me encarou por um longo momento, depois acenou. Grace ficou de pé à minha frente, colocando uma mão em cada bochecha. Suas unhas laqueadas eram suaves contra minha pele enrugada, e eu conseguia cheirar o perfume de maçã-picante que havia aplicado nos pulsos. Era reconfortante.

— Tantas fissuras — ela murmurou depois de um momento. — Tanto perdido nas rachaduras e fendas.

— Ajuda-me a encontrar o que puder, Grace.

Ela acenou, e o calor de suas mãos enviou um formigamento pelo couro cabeludo...



*Meu trabalho com a faca foi rápido e praticado, e apenas algumas manchas de sangue mancham minhas*

mãos. Os corpos jazem imóveis a meus pés: mortes limpas, misericordiosas realmente, e nada brutal quanto a isso. Nada para assustá-la, e nenhuma outra voz para protestar e alimentar suas dúvidas. No escuro ela não veria os dentes podres ou rostos verrugentos dos capangas: nenhum ladrão limpo do Distrito dos Escribas eram estes. Ela estremeceia quando a olho.

“Estás ilesa?” pergunto simplesmente.

“S-sim, senhor”, ela fica de pé e escova as saias, e sua voz se firma, “Tens minha gratidão.”

“E não teu nome?” Minha voz dificilmente é rude quando pergunto... simplesmente plana; provocando em seu desinteresse.

Seus olhos se arregalaram levemente: “Deionarra. Meu nome é Deionarra. E o teu?”

“Lamento que não tenho nome a dar.” Quão culto pareço, tão em contraste com esse traje que poderia ser descrito como selvagem, na melhor das hipóteses.

“Gostaria de conhecer o nome do meu salvador, bom senhor.”

“Como disse, não tenho nenhum. Não lembro quem sou”, termino de limpar minha faca, “Deveria te escortar até tua casa. Ninguém deveria estar viajando por Sigil nessa hora”, minha voz cai, soando levemente amarga, “Algo que desejaria ter aprendido há muito tempo.”

Meu estômago revira. Meu peito dói. Era esse eu, aquele espectro sem alma que se reveste na carne de um homem, apenas fingindo vulnerabilidade para levá-la?

As memórias vieram em fragmentos, pedaços que haviam caído entre as rachaduras...

*“Mas deve haver algo. Meu pai é um Advogado... tem amigos em altos lugares na Fraternidade da Ordem. As grandes bibliotecas de Sigil contêm conhecimento tirado de todos os Planos...”*

*“Não, Deionarra”, digo firmemente, “Por favor entenda. Sei o que estou fazendo.” “Só desejo ajudar”, sua voz cai, e seus olhos estão baixos.*

*Gentilmente copo seu queixo, e ela ergue os olhos para encontrar meu olhar. Uma mão branca como lírio repousa na minha, suave como creme. Permito que permaneça.*

Me agarrei às sensações ao meu redor para permanecer são: o aroma de Grace, tão docemente perfumado. O calor de suas mãos.

Mas havia aquela coceira de novo no fundo da mente, o estranho latejo de uma ferida aberta recém-descoberta. Estremeci enquanto a abraçava.

*Deionarra gira para me encarar em choque quando abro a porta, as mãos indo ao peito como se querendo se proteger. Ainda assim ela se segura timidamente, tentando não parecer defensiva para não inflamar minha raiva de*

*novo. O hematoma marcando sua bochecha está bem escondido com maquiagem... a filha de um advogado é treinada para parecer o melhor depois de tudo. Ainda assim não pode esconder aquela carne inchada que a obriga a semicerrar aquele olho.*

*“Deionarra? Posso entrar?” pergunto, tentando o meu melhor para soar arrependido. Ela se desloca ambivalentemente, tentando formular uma resposta.*

*Me viro lentamente como se fosse partir.*

*“Espera!” ela chama, alcançando com uma mão. Sua voz é suplicante e insegura, mas atrelou seu coração a mim por tanto tempo que já não sabia como dizer não.*

*“Por favor... por favor entra.”*

*De todas as mentiras que havia falado, a última era a mais cruel. Por baixo do véu ele tinha planos terríveis para ela. Queria parar, mas pressionei as mãos de Grace contra minha cabeça, me forçando a continuar.*

*Deionarra olha para mim em confusão por um momento, depois seus olhos vão para a taça de vinho. Uma realização horrorizada desponta em seu rosto mesmo enquanto as pálpebras começam a cair: “Mas... meu amor... eu morreria por ti...”*

*“Sei. E é por isso que nunca pode vir comigo.”*

*Me levanto, circulando até Deionarra para que eu possa carregá-la até a cama. Minha carne está quente contra*

*a dela: quero que meu toque seja a última coisa que ela experimenta antes de adormecer. Será reconfortante agora, mas a memória será nítida e quente, queimando em sua mente como uma marca saída das chamas, “Torna-te mais do que és, Deionarra. Lembra-te bem de mim e, rezo, perdoa-me.”*

*Deixo-a inconsciente em seus travesseiros, e sorrio para mim mesmo enquanto me arrumo e parto. Tudo está no lugar.*

*Estava perto. Conseguia sentir. Mesmo sabendo que não era o caso, rezei para que Deionarra nunca tivesse partido com ele. Implorei aos Poderes que ela nunca tivesse seguido...*

*Me volto para a mulher parada na porta, ainda em seu vestido de seda azul, se levemente amassado. A mochila que carrega está em contraste com sua roupa formal. A garota deve ter saído correndo no momento em que acordou e percebeu que não estava lá.*

*Deixo meus olhos se arregalarem e minha mandíbula cair, como se ela tivesse me alcançado a tempo.*

*“Tu... tu homem!” ela sibila, marchando com fúria, “Como ousas me dosar! Como ousas me deixar para trás como um saco de grão indesejado!”*

*“Deionarra...”*

*“Sei o que vi em minhas visões, meu amor”, há um fogo*



*nela agora, e ela me apunhala com as palavras. “Vi a mim mesma te guiando até tua mortalidade. Vi a mim mesma ao teu lado quando morres, se alguma vez morres. Se tua vitória alguma vez ha de se concretizar, precisarás de mim.”*

*Meus braços se enrolam ao redor dela então, e por um momento Deionarra fica rígida. “Demorei demais. Agarrei-me à esperança de que acordasses e que estarias ao meu lado afinal. Eu tinha-eu havia ansiado pensando que te havia perdido para sempre.”*

*A raiva se funde nela então, e logo ela é a garota meiga e recatada que sempre conheci, “Tu sempre me terás, meu amor...”*

*Suspiro, satisfeito, e ela toma a deixa para retribuir o abraço. É afortunado que seu dom seja tão limitado. Se as coisas forem conforme o plano, ela jamais preveria a adaga que colocarei em seu seio. Verá muito mais claramente uma vez que os laços da mortalidade forem quebrados.*

*Seus beijos são quentes de paixão, e retribuo o favor sabendo que muito em breve não terei mais que aturar seu lamento...*

*Quando Grace se afastou, eu já estava gritando.*



— Iannis — sempre havia um rumble quando eu falava, mas hoje minha voz saiu num grasno seco. — Descobri o que aconteceu com Deionarra.

Iannis não pareceu ter me ouvido por um momento. Quando falou de novo, suas palavras vieram devagar:

— Diz-me. Devo saber.

— Sou responsável pela morte de tua filha. A assassinei há muito tempo.

O ar pareceu ficar rançoso e vazio. Um arrepio picou minha pele enquanto Iannis me encarava em silêncio por um momento, até o choque se esgotou. Então sua voz se partiu:

— Como... **como** pudeste fazer tal ato terrível?

Suas mãos estavam estendidas, implorando. As rugas ao redor dos olhos se aprofundaram enquanto seu rosto se contraiu em agonia.

— Não fui eu... — dei um passo para longe dele, engolindo em seco. — Foi outra parte de mim. Minha existência até agora foi uma série de encarnações, algumas boas, algumas más. Ele o fez por seus próprios propósitos, e não sei quais foram. Lamento, Iannis.

— Tu... — Iannis parecia tentar dar sentido às minhas palavras. — Por quê?!

Sacudi a cabeça:

— Não sei, Iannis, juro. Mas seu espírito ainda vive, preso ao longo da Fronteira Eterna.

— Ela **vive**?

— Em... em certo modo. Havia falado com ela quando primeiro acordei no Mortuário.

— Aquilo... — o sangue drenou do rosto de Iannis. — Ela deve ser libertada!

— Já jurei que tentaria libertá-la... ou me juntar a ela lá.

— Se tens qualquer decência, poupa minha filha. Nada pode ser feito para mudar o que aconteceu, então peço que permitas que sua alma descanse em paz. Encontrarei alguma forma de perdoar o que fizeste se fizeres isso por mim.

— Prometo... **voto** que permitirei que tua filha repouse pacificamente.

— Muito bem, então — a voz de Iannis estava seca e gasta. Ele se debruçou sobre a mesa, suportando o peso nas mãos, não tendo mais força para ficar de pé sozinho. Quando falou de novo olhava para a distância friamente. — Agora vai. Desejo ficar sozinho com meus pensamentos.





## Capítulo 109

Passamos nossos dias restantes treinando e nos preparando. À noite vasculhávamos as entranhas do Undersigil, caçando as estranhas bestas que furavam túneis no ventre da cidade como vermes através de madeira podre. De manhã trabalhávamos através das conexões de nossas facções para adquirir magia e armamento. À tarde, vagávamos. Para algumas coisas simplesmente precisavas ir ao mercado.



Fell ergueu suas pálpebras pálidas quando leu minha pele pela última vez.

*Muitas histórias ganhaste, ele assinou em uma sequência de rebuses, Contos sombrios e cruéis assim como belos. Posso escreve-los em tua carne se quiseres.*

— Pode muito bem ser assim, Fell. Esta pode ser a última vez que te vejo.

O fedor nóstico de ferro e enxofre do Distrito Inferior parecia se agarrar à minha boca, mas uma pequena pera azeda ajudou a limpar o travo do palato.



— Estamos nos casando! — Karina disse, encantada.  
— Corvus propôs apenas na semana passada! Obrigada, obrigada muito por nos apresentar! Imagina que ele nunca se incomodou de falar comigo pois achava que eu tinha uma longa lista de pretendentes!

Corvus sorriu:

— Aye, se não fosse por ti não teria conhecido essa garota doce. Adoraria que viesses ao nosso casamento.

— Ah, receio que não. Receio que estou indo... viajar. Provavelmente não te verei de novo, mas desejo a vocês dois a melhor das sortes.

Sorri. Dificilmente seria apropriado dizer-lhes que estava trabalhando em direção a um funeral. Distraidamente folheei o saco de bens e encantamentos que acabara de comprar.

Corvus suspirou:

— Bem, boa sorte então. És um bom homem, cutter.



A criatura à minha frente cheirava a sangue e ferrugem. Enxofre borbulhou quente de seus braseiros, cinzas salpicaram a passarela de metal. Havia violado as

barreiras entre os planos, destroçado mundos. Incontáveis exércitos quebraram suas lanças contra sua fortaleza.

— Coaxmetal, sabes de uma cidadela chamada Fortaleza dos Arrependimentos?

Não obtive resposta direta — apenas o ranger lento de metal contra metal enquanto ele martelava no aço torcido abaixo dele. Suspirei e me afastei, sentindo a lâmina de borda negra que Coaxmetal havia forjado para mim há muito tempo. Ao menos havia conseguido isso dele.

Perguntei mais sobre a Fortaleza, sobre como poderia libertá-lo de sua existência solitária. Suas respostas foram as de sempre — que nada poderia fazê-lo livre sem o instrumento de destruição adequado, um instrumento que eu recusava a oferecer.

— Se isso é o que deve ser, então que assim seja. Adeus.



O engenheiro Modron clicou e zunbiu enquanto processava minhas ordens:

— Entendiste?

— A teu comando, Diretor.

Ele balançou, dando um *whirr* e *click* de confirmação.

— Fantástico.



Grace não nos faria esperar por muito tempo, mas eu não me importaria de me demorar no perfumado átrio do Bordel por mais um tempo. Os galhos da árvore pareciam ondular como se acariciados por um vento não visto, e como de costume chá e bolos eram complementares.

— Ela morreu em meus braços, Kesai-Serris.

A exótica prostituta de pele cinza fungou, enxugando o nariz:

— Acho... creio que senti quando aconteceu. Um sonho nítido de... dela, gritando, voz fria e afiada como uma faca. E depois nada.

— Os Planos foram mais cruéis com tua mãe do que a maioria percebe. Parte dela foi boa para mim. Havia um remanescente de Ravel que era gentil, generoso, afetuoso. Ninguém é irredimível.

Ela se apoiou no meu peito, e coloquei um braço consolador ao redor dela:

— Acho que acredito em ti — Kesai-Serris fungou.

— Visita o Mortuário algum dia, o obelisco negro, e pergunta pela Velha Mebbeth a curandeira.



O comerciante da Colmeia estava apenas abrindo sua loja quando o visitamos de manhã:

— Ah, cutter! Tanto tempo desde que honraste meus stands. Ouvi falar de um homem todo coberto de cicatrizes vagando pelo Distrito dos Escribas como se fosse familiar com o lugar. Espero que minhas humildes ofertas ainda te agradem.

Ele sorriu graciosamente, acenando uma mão sobre suas iguarias:

— Claro. Algo especial que tenhas para mim?

— Ah certamente, certamente! Hoje, uma remessa de Maças Douradas de Hésperis. Muito raras, e diz-se que conferem longevidade e sabedoria aos que as provam. Não faço tal afirmação grandiosa é claro, mas o sabor é excepcional...

Os cobres tintilaram em sua mão:

— Longevidade tenho pouca necessidade, mas sabedoria é sempre apreciada.

Mordi a maçã, e seus sucos escorreram pelo queixo. Nada jamais havia tido sabor tão doce.



— Devia ter sabido que estarias aqui.

Cortes novos e frescos marcavam a armadura de Ebb,



e puxando o cachimbo dos lábios ele exalou, deixando a coroa de fumaça se misturar através da espessa barba branca:

— Bom trabalho lá em Curst, amigo.

— Parecias incomumente contente para um... revolucionário. Esperava que estivesses mais aborrecido por teus planos terem dado errado.

Ebb chucleou, sorvendo seu caneco de cerveja ruim:

— Estava infiltrado. Agente triplo. Agente do Harmonium, se infiltrando nos Anarquistas, fingindo ser um agente duplo do Harmonium. Tens que pensar mais astutamente que esses bestas para entrar... e ainda não tinha certeza se minha cobertura havia sido descoberta quando você entrou naquele armazém.

Acenei, impressionado:

— As coisas funcionaram para o Harmonium então?

Ebb riu:

— Melhor que esperávamos. Cinco células se uniram para a tomada, e cada uma dos Anarcos virou casaco. Metade viu que havia destruição suficiente, e partiram para ajudar a reconstruir Curst de forma mais forte e mais ordeira que antes. A outra metade estava farta do caos e fugiu para saber os Poderes onde. Acho que um deles decidiu ser padre.

Acenei ao barman e pedi algumas bebidas:

— Um brinde então, à queda do velho, e ao surgimento do novo.

Ebb trovejou com risadas:

— Há um sujeito aqui que toca dulcimer. Assim que voltar da latrina digo que jogamos a ele algumas moedas, pedimos comida, e celebramos. A vida acontece apenas uma vez, afinal.



Finalmente... O Mortuário. Foi aqui que começou. Foi aqui que terminaria.

Passei a mão ao longo da laje onde havia nascido para este mundo. O fedor de formol e álcool cortando o ar trouxe memórias, nenhuma delas afetuosa. Ao longe estava o som de arrastar de pés lentos, o esguicho de órgãos sendo pulverizados e corpos processados.

Havia algo sobre o arco à nossa frente... algo assombrosamente familiar. Um frio entorpecedor cobriu o ar entre esses dois pilares negros, como se o arco em si bordeasse algum outro espaço mais frio. Por algum motivo, eu **SABIA** que este era o portal para a Fortaleza dos Arrependimentos... agora tudo que precisava era abri-lo.

Grinhei os dentes e descasquei a pele do meu antebraço esquerdo, como Trias descreveu. Escalpelos finos eram abundantes no Mortuário, e embora houvesse surpreendentemente pouca dor cerrei os dentes. Unhas cavaram abaixo das incisões ao longo da minha carne; com um som molhado e rasgando, descasquei a tira de pele. O frio entre os pilares ficou mais forte, quase faminto, como se o portal tivesse se aberto uma fresta...

O músculo e tendão expostos abaixo queimaram no beijo do ar seco. Segurei o pedaço na mão e olhei por um momento. Sua superfície marcada de cicatrizes cinzenta parecia mais com a pele de um zumbi; parecia mais com um pedaço de couro curtido do que uma tira de pele.

Com o mesmo escalpelo perfurei meu dedo indicador, e os muitos arrependimentos possíveis nadaram em minha mente: o que havia acontecido com meus companheiros, minhas ações, meu passado, todos os eventos terríveis que levaram até este ponto...

— *Lamento as mortes que causei, aqui e por todo o multiverso.*

Antes que a ferida pudesse sarar espremi várias gotas de sangue e rabisquei o arrependimento no pedaço de carne. Minha cura rápida me forçou a parar frequentemente para reabrir o corte no dedo e espremer mais sangue. Vários momentos depois terminei, sangue cintilando no pedaço de pele... uma combinação de carne,

sangue e arrependimento.

Enquanto observava o arrependimento sangrento secar, uma onda de frio me lavou. Erguí o olhar; os pilares negros de cada lado do arco brilhavam suavemente, motes de luz azulada neblinosa derivando de seus lados para formar uma cortina cintilante entre eles. Além da cortina, conseguia mal distinguir uma calçada de pedra desgastada levando para a escuridão.

Lambi os lábios:

— Todos prontos?

Nordom clicou, bestas girando em suas mãos:

— *Query*: Recebida. Resposta: Nordom está preparado e esperou. Aguardando para professar mais diretivas.

— Na verdade, é “processar”... esquece. Fall-From-Grace?

— Cheguei até aqui, e seria rude me retirar antes da hora final.

Ela sorriu levemente:

— Mesmo que me pedisses educadamente, não o permitiria.

— Parece que não tenho escolha, então... Annah?

— Eu... — Annah estremeceu enquanto outra onda de frio emanava do portal. — Se **ela** vai, eu vou também, vou sim. Não vou virar casaco aqui, não vou... além disso,

perderias a própria cabeça se ela não estivesse presa. Precisarás de alguém para te vigiar, precisarás.

Chucleei:

— Talvez. Dak'kon? Estás comigo?

Seus olhos eram obsidiana brilhante, sua lâmina karach nadava e faiscava como mercúrio:

— Teu caminho é o meu.

— Morte? Estás pronto?

— Eh...

Morte hesitou, lançou um olhar para o portal, para mim, para o portal de novo, depois deu um suspiro tilintante:

— Olha, não vou dizer  **muito** aqui, mas uh... bem, há algo que preciso te dizer...

— O quê? Vamos, Morte, precisamos ir...

— Bem, é sobre onde estamos indo... ou eh, na verdade onde... nós... **estivemos**.

— “Onde **estivemos**?” De que estás falando?

Era tão sutil que quase perdi — a lâmina de Dak'kon cintilou, a borda se embotando. Ao olhar para ele, suas mãos caíram para os lados, como se se preparando para a batalha.

Morte gaguejou:

— Isto... uh, esta não é a PRIMEIRA vez que

passamos por isso... vês, estivemos nesta “Fortaleza dos Arrependimentos” antes... embora... eu... não soubesse então.

— Então, desde o INÍCIO... poderias ter me DITO onde estava o portal, QUAL a chave do portal, POR QUE sou imortal, O QUE aconteceu com minha mortalidade, E o fato de que está nesta Fortaleza?! Morte, vou te **MATAR**...!

Estava perto de espumar, e me estendi como se fosse estrangulá-lo, se tivesse pescoço.

Morte pareceu alarmado e se esquivou, falando rapidamente:

— Não! Não! Nós... eu... nunca SOUBEMOS nada disso! Não é como se tu fosses sempre o mais partilhador dos parvos nos Planos! Aquele... aquele **outro** tu guardou MUITO do obscuro para si mesmo, e nem mesmo sabíamos POR QUE íamos a este lugar antes ou mesmo O QUE era este lugar! Só sei o que aconteceu quando CHEGAMOS lá...

Esfreguei a ponte do nariz:

— E... o que aconteceu?

— Bem, fomos a esta — esta FORTALEZA, e mesmo antes de por um pé no lugar, ficamos todos SEPARADOS, lutando por nossas vidas...

Ele estremeceu:

— Então a **primeira** coisa que quero te dizer é que se estás determinado a fazer isso, há uma boa chance de que qualquer um que passe por aquele portal vai acabar em algum lugar **bem** longe de todos os outros. A questão é, mesmo separados, podemos ser tua única esperança...

— Por que dizes isso?

— Porque seja o que for que estava esperando naquela Fortaleza por ti, chefe, já te derrotou uma vez... até hoje não sei como conseguiste sobreviver, mas se caíres de novo, vais precisar de alguém lá para te tirar daquela Fortaleza...

Annah se desconfortou, mas seus olhos estavam firmes com determinação. As mãos de Grace estavam dobradas à sua frente, a imagem da serenidade.

— Morte, preciso que me digas tudo o que podes sobre a Fortaleza... é importante.

— Esta “Fortaleza dos Arrependimentos”... se estende por LÉGUAS, chefe. É uma Fortaleza, mas parece mais um PLANO em si mesmo, tudo pedra, toda escuridão, e sombras — por toda parte, sombras. Se formos lá, e... é melhor estarmos preparados.

— O que aconteceu quando fomos lá pela primeira vez?

— Chefe, não sei o que aconteceu com **tu**, mas sei o que aconteceu comigo... passei meu tempo correndo de abóbada em abóbada, aquelas sombras rastejando por toda

parte em cima de mim, tentando me derrubar... depois, eu só... de repente, estávamos “fora”, como se alguém nos tivesse puxado de volta...

Meus olhos se desviaram para encontrar os de Dak’kon:

— **Saber** que caminhei teu caminho muitas vezes — Dak’kon falou devagar, como se medindo cada palavra; sua lâmina havia se tornado um cinza neblinoso, como se a mente de Dak’kon houvesse derivado. — Uma porção do teu caminho é **sabida** por mim. Cinco caminharam o caminho para a Fortaleza. Cada um morreu sua própria morte.

— Mas... quem eram? Como morreram?

As palavras saíram de meus lábios, sombras de nomes e rostos cintilaram sobre minha memória.

— Morri a morte da fé. O crânio morreu a morte da coragem. A mulher morreu a morte do pesar. O arqueiro cego morreu a morte final e mais misericordiosa, a morte do corpo. Tu... tu morreste a morte da memória.

— A mulher era aquela Deionarra — Morte disse quietamente. — Nunca *soube* do arqueiro...

O rosto de Dak’kon ficou sombrio:

— Não pude salvar a mulher porque não era tua VONTADE que ela fosse salva. Seu túmulo estava seco de lágrimas. Ninguém **soube** de lamentar sua passagem.



— Mas... por que eu não quis que ela fosse salva?

— Tua vontade era **sabida** apenas por ti.

— É... — Morte tilintou, como se estremeendo. —  
Chefe, nesta Fortaleza — há sombras **por toda parte**...

— Havia escuridão lá, e cada sombra era Shra'kt'lor — a voz de Dak'kon era um sussurro, e seus olhos sangraram para um preto morto, parecendo encarar algo apenas além de mim. — São criaturas atormentadas. As feridas em teu espírito são **sabidas** por elas. Atacar-te-ão através delas.

— Elas me falavam como o Pilar dos Crânios... — a voz de Morte caiu.

Dak'kon sacudiu a cabeça:

— As sombras **sofrem**. **Sabem** de tormento. **Sabem** como torturá-lo com aquilo que feriu teu coração. Quando as enfrentares, **saber** que enfrentas aquilo que te matou uma vez.

— Não posso te dizer mais, chefe — exceto que certamente seremos divididos assim que chegarmos, é um lugar ENORME, e está repleto de sombras... e em algum lugar naquela Fortaleza está algo mais poderoso que **qualquer** um de nós.

— Nada vive lá. As paredes são escuridão — Dak'kon murmurou.

Engoli, olhando para aquele portal. Suas bordas

eram neblinosas e vacilavam, como dentes mastigando gentilmente o corredor sombrio além. Então — antes de atravessar este portal — há ALGUMA OUTRA COISA que te apetece compartilhar que achas que pode me AJUDAR?

— Bem... — Morte pausou. — Sim, há mais uma coisa que deves saber — o TU que conheci antes, o TU que nos liderou aqui, não era como tu. Nada.

— O que queres dizer?

— O outro TU, ele... ele não se importava muito com ninguém. Por ninguém. Poderíamos ter TODOS morrido na Fortaleza, e ele nem piscaria. Então... só quero que te agarres às tuas diferenças, porque... bem, gosto **muito** mais deste tu. MUITO mais.

— Mas não é tudo que queres dizer, é?

— Não... — Morte pausou. — Há mais uma coisa — pode não ter gostado muito daquele **outro** tu, mas ele era um bask inteligente — o bask mais inteligente que já conheci; ele sempre tinha todos os ângulos cobertos. Se ele morreu na Fortaleza, isso significa... bem...

— Não achas que posso ter sucesso, achas?

— Não... — Morte sacudiu a cabeça. — Não é isso, chefe. Porque não é sempre quem é mais inteligente, ou quem é mais poderoso, ou quem é mais resistente... às vezes se resume a quem és e o que **realmente** queres. Quero dizer, uma vez quiseste te tornar imortal — mas no final, é isso

**realmente** que querias? Só tem certeza do que queres desta vez, é tudo que estou dizendo.

— Justo. Olha, Morte... não falamos realmente sobre isso, mas sabes que não tens que vir comigo a este lugar, certo? Entenderei se não quiseres.

— É... sei, chefe. E não posso mentir para ti... não quero ir... mas irei. Só sabe que uma vez que atravessarmos aquele portal, não será mais apenas sobre **ti**. São nossas vidas com que estás jogando, e não nos levantamos quando morremos.

— É por causa do que Ravel disse no labirinto. E do símbolo que Fell descreveu para nós — a voz de Grace era suave, tão suave que quase perdi. — Não é, Morte?

— O que Ravel disse, no labirinto — e o que Fell disse sobre aquele símbolo, Tormento? Dizem que atraís pessoas que sofrem a ti, como uma pedra-ímã.

Morte sacudiu a cabeça:

— Talvez seja porque **tu** tens sofrido todo este tempo. Talvez quando acabares de resolver as coisas... talvez **nós** também conheçamos um pouco de paz. Talvez.

Olhei para meus companheiros: Morte, que escondia sua culpa com humor. Dak'kon, seu espírito seco como cinzas quando os fogos da fé se apagaram. Nordom, lutando para ver um espectro de cores onde outrora havia apenas preto e branco. Grace, que guardava seus segredos

no coração. Annah, que cresceu mais duramente do que jamais precisava ter crescido.

— Talvez sim. Então... estás comigo, Morte?

— Por que não, chefe?

Morte sacudiu a cabeça:

— Quero dizer, fomos a TODOS os outros Planos horríveis do multiverso em que consigo pensar. Por que não dar esse passo extra sobre o precipício?

Ele deu um suspiro tilintante:

— Estás pronto TU? Porque se não estiveres...

— Estou pronto, Morte. Não há mais nada que possa fazer para me preparar; estás comigo?

— Bem, eu... — Morte lançou um olhar para a cortina azul cintilante. — Claro. Vamos. Quero dizer, qualquer outro lugar tem que ser melhor do que chacoalhar nossa caixa-de-ossos no Mortuário, certo?

Respirei fundo e atravessei o portal.





## Capítulo 110

Rezo para que esta coisa esteja gravando estes momentos finais, mas não tenho muita esperança de que os Poderes possam ouvir ou responder aos meus apelos.

Um vento frio açoitou minha pele, carregando um frio que não apenas extraía calor, mas a própria substância da carne. Havia um vazio no céu, mais negro que uma noite sem estrelas ou o coração de um infero. Olhar para cima era tentar a loucura, encarando uma oblívão escancarada que ameaçava engolir minha sanidade. Sem sentido como era, parecia que se eu baixasse a guarda seria varrido dos pés e atraído para a eternidade desolada. Era um vazio que me era vagamente familiar... de muitas formas parecia espelhar o vazio no núcleo de meu ser onde uma alma poderia ter repousado uma vez, mil vidas atrás.

Precisava me mover, precisava evocar cada grama de sensação e sentimento e calor para manter a essência de meu ser de ser levada embora por aquele vento como motes de poeira.

Me agarrei firmemente ao que era, enrolando identidade ao redor de mim como um manto, e desci pela passarela.

A Fortaleza havia sido construída de arrependimentos: feridas ainda cruas e sangrando, ou cicatrizes fundas e nodosas em caroços duros que ondulavam abaixo da carne. Passei ao longo de calçadas feitas de tristeza e argamassadas com lágrimas, restos fossilizados de palavras não ditas e sonhos nascidos mortos. Eles sussurravam a cada passo, comendo aquele manto que tentava manter ao redor de mim como larvas.

*Devia ter... Nunca deveria ter...*

Senti minha mandíbula cair, saliva espessa e escorregadia entre dentes resfriados até virar gelo pelo vento. O vendaval engoliu meus gritos, e os sussurros continuaram a me empurrar para a beira da sanidade.

Algo esvoaçou à distância: um vestido azul como o céu e cinza como nuvens de luto.

Deionarra...

Meu passo se acelerou, lamentações rangendo sob minhas botas. Por um momento os sussurros fugiram, ou se quietaram enquanto me aproximava da forma espectral. Suas mãos espectral permaneciam dobradas à sua frente em sua vigília eterna. Ela ficava na beira da calçada de pedra negra, olhando para o vazio do Plano. Ela não tinha medo de se perder... pouco mais restava que pudesse ser tirado dela. De vez em quando seus ombros sacudiam com o choro quieto que vem quando não restam mais lágrimas.

Ela estava tão triste. E tão bela.

— Deionarra...?

Ela se virou para me encarar, olhos se arregalando em choque. Ela se estendeu como se fosse me tocar, mas sua mão parou bem antes do meu peito e recuou:

— Meu Amor! Não **devias** estar aqui! Deves partir imediatamente!

— Deionarra, o que é este lugar? É a Fortaleza?

— Esta é a Fortaleza dos Arrependimentos. É o lugar que mantém o momento da minha morte prisioneiro, e não posso me afastar muito de seus corredores. Se puderes encontrar um caminho de volta a Sigil **deves**; se ficares aqui, meu Amor, morrerás.

Minha boca ficou seca com seu aviso sério:

— E quanto à minha imortalidade? Certamente ainda sou imortal, mesmo aqui...?

Ela sacudiu a cabeça:

— Não, meu Amor. Há algo sobre esta Fortaleza — a casca que a envolve a isola do resto dos Planos. É essa casca que age como barreira à tua imortalidade.

— Como pode esta casca agir como obstáculo? Não faz sentido.

— Enquanto mantinha minha vigília aqui neste lugar, vim a aprender a natureza da tua imortalidade, meu Amor.



É uma coisa que tem fome das vidas dos outros. No momento de tua morte, ela reivindica outra coisa viva em teu lugar, permitindo que vivas. A alma que morre em teu lugar é trazida aqui, para a Fortaleza, como uma sombra. Acredito que esta casca impede que tua imortalidade encontre outra vítima.

Engoli o nó na garganta:

— Então... quando morro, outro morre em meu lugar. E se não pode encontrar outra coisa viva para morrer **por** mim...

— Então se morreres neste lugar, é o fim, pois não há nada que **viva** aqui — então debes ter cuidado. Retorna a Sigil e deixa este lugar maldito!

— Mas — meus aliados estão aqui: e isso significa que estão dentro desta casca. O que acontece a **eles** se eu morrer?

— Meu Amor, se trouxeste **qualquer** coisa que viva contigo a este lugar, então está em terrível perigo — tanto das sombras quanto de ti. Se morreres aqui, tua imortalidade caçará a coisa viva mais próxima na Fortaleza, e **essa** é a que morrerá em teu lugar. Deves partir daqui, agora!

— Não **posso** voltar. Então podes me dizer **qualquer** outra coisa que possa ser útil? O que aguarda dentro da Fortaleza?

— Não há escuridão natural dentro da Fortaleza, meu Amor, apenas as sombras daqueles que morreram em teu lugar. As energias deste Plano as alimentam, e seu ódio por ti está além de toda razão. Não permitirão que partas.

Ela lançou um olhar para as paredes da Fortaleza:

— Não **entres**, suplico-te!

— Mas — meus aliados estão lá. Não posso abandoná-los. Tens alguma ideia de onde podem estar?

— Se trouxeste outros, então foram separados de ti quando chegaste — é a natureza deste lugar dividir coisas vivas... depois matá-las.

Ela pareceu angustiada:

— A Fortaleza é uma coisa de muitas milhas — encontrar teus amigos aqui será difícil.

Sacudi a cabeça:

— Tenho que encontrá-los. Não há escolha no assunto.

— Muito bem, meu Amor... se pretendes continuar, deves saber isto — além da entrada para a Fortaleza há uma grande antecâmara com incontáveis sombras. Deves te mover rapidamente e não deixá-las se reunir ao redor de ti, ou certamente serás morto!

— Mais uma coisa...

Deionarra pausou, como se tentando agarrar uma memória fugaz:

— Dentro... dentro da câmara há grandes relógios... relógios dos quais falaste uma vez como tendo sido a chave de tua fuga dessa câmara... quando estavas preso lá uma vez antes.

Ela me olhou:

— Sei que não posso te deter do teu curso, meu Amor — vigiarei por ti, e te ajudarei se puder.

Ergui a mão, com o anel de casamento de prata ao redor do dedo:

— Trouxe teu anel, Deionarra. Encontrei teu legado para mim.

— O anel ainda guarda uma parte de mim dentro dele, meu Amor. Quando o carregas, carregas meu coração contigo.

Ela fechou os olhos, e um súbito calor passou através de mim. O anel cintilou e ficou quente enquanto sua mão espectral se fechava sobre a minha. Não havia dor, mas em vez disso a intensidade abrasadora que ainda queimava em seu peito. Tão solitária... tão triste... nunca poderia ter pensado que ainda sentia desta forma.

Deionarra abriu os olhos, depois sorriu:

— Sabia que retornarias a mim com ele em teu cuidado. Carrega-o agora com minha bênção, e mantém-no perto de teu coração. Através dele, vou te defender.

— Tens meu agradecimento, Deionarra. Devo partir agora.

Não podia abandonar meus amigos às sombras, e com essa determinação caminhei pela longa e solitária calçada que levava ao meu fim. Os sussurros e tristezas que compunham este lugar não tinham mais poder sobre mim.

Minha mão deslizou para a bolsa do cinto, dedos deslizando ao longo da borda daquela lâmina.

*“Poderias forjar uma arma para matar um imortal?”*

Onde antes estava tão embotada que mal conseguia cortar manteiga, parecia mais afiada agora como se **soubesse** seu propósito. Coaxmetal havia feito bem seu trabalho.

Em breve esta borda se cravaria contra meu pescoço, derramando meu sangue vermelho e quente contra os calçamentos gelados. Em breve meu tempo terminaria. Em breve... descansaria.

Mas não antes de salvar meus amigos.

A porta pesada, uma espiral de cunhas de metal, era a única entrada que conseguia encontrar. Minhas mãos exploraram suas bordas, nós bateram contra a superfície buscando o mecanismo interno. Annah havia me dado muitas dicas sobre como arrombar uma porta, mas com uma fortaleza não convencional devia haver travas não convencionais —

A porta rangeu.

Recuei enquanto a maquinaria rugiu para a vida, o agudo guincho de metal contra metal perfurando o vento áspero. As cunhas bateram umas contra as outras, uma por uma, até se dobrarem completamente como as tiras de um leque.

Dentro, meu fim aguardava.





## Capítulo 111

Os corredores frios e vazios deram uma recepção sombria. Caminhei cautelosamente, mãos à minha frente enquanto meus olhos se readaptavam. Minutos passaram num fluxo lento, e em fragmentos espalhados a arquitetura se revelou a mim.

Globos multifacetados de cristal lodoso pareciam absorver a menor quantidade de luz e mantê-la prisioneira. Poças circulares orladas de dentes redemoinham com fumaça morta e leitosa que emitia algum brilho pequeno. Sob meus pés as pedras de calçamento doíam a cada passo, e pelo canto distante sabia que as sombras estavam esperando.

Ficavam a dois metros e meio de altura e estavam armadas com espinhos. Olhos aguçados me encaravam focados em vingança. Elas ergueram suas garras, carregando, cavalgando a escuridão como montarias.

Tinha poder mais do que suficiente para reduzir essas criaturas a trapos de fumaça, mas racionei meu poder como fatias de carne. Não tinha ideia de quantas dessas teria que enfrentar, quão poderosos os outros guardiões desta fortaleza poderiam ser. Minhas feridas se

costuravam tão rapidamente quanto vinham, e minha faca fez trabalho rápido, se desajeitado, cortando aquela carne insubstancial.

Eventualmente me deparei com o grande relógio do qual Deionarra havia falado. Havia parcialmente derretido na pedra negra ao redor... mas um sentido de familiaridade formigou no fundo da minha mente. Em sua superfície havia uma mensagem gravada com uma adaga... e reconheci a escrita demente como a mesma que pintava minhas costas:

***CORRE — PORTAS são MENTIRAS — USA os Canhões — depois PORTAL***

O rabisco parecia apavorado, como se escrito com alguma pressa. Seguindo a mensagem havia uma “flecha” crua apontando na direção oposta ao ponteiro longo do relógio.

— Obrigado pelo conselho... — resmunguei, e me virei naquela direção.

A máquina antiga que encontrei parecia uma relíquia de guerra esquecida. A maior parte do “canhão” estava coberta de poeira, exceto pelo painel estranho com alavancas na frente dele. Estranhamente, o chão ao redor estava perturbado, largos traços na poeira como se alguém tivesse caminhado aqui nos últimos anos.

Os controles eram uma série de engrenagens e

alavancas — abaixo de cada uma havia uma série de marcas de arranhão que pareciam ter sido talhadas ali com uma adaga. Algumas não tinham marcas, outras tinham uma única barra, e uma tinha um “X.” Senti uma cutucada no fundo da minha mente, e sem saber por quê tinha certeza de que o “X” de alguma forma me ajudaria a sair deste lugar.

Puxei a alavanca. Cedeu facilmente sob meu aperto com um duro *clank*, e para minha surpresa, se desintegrou em névoa. A névoa se espalhou para minha mão, que começou a desvanecer, depois meu braço, e uma tontura me tomou. As paredes começaram a desvanecer enquanto comecei a entrar em pânico...

— Wh—



Enquanto isso, Fall-From-Grace estendeu sua consciência para fora procurando por seus amigos. De vez em quando um cintilo de vida parecia passar por seu alcance de sensação, mas tão rapidamente havia sumido como uma sombra passageira.

Ela vagou pela franja daquela proteção cuidadosamente, tentando capturar o cheiro de seus companheiros. Uma vez que curava uma pessoa, uma afinidade persistia por um tempo... era isso que esperava



a guiar até seu estudante: tão jovem em espírito, e ainda assim tão antigo.

Do lado de fora a escuridão ecoava contra a barreira: o chocalhar de correntes Baateuzianas e a risada grossa dos mestres cornugon. Ela quase podia ouvir os gritos de novo, de dor e violação...

Não... Grace se disse. Aquilo não era algo que ela experimentaria de novo.

— É difícil separar sombra da escuridão aqui — ela murmurou para si mesma. — Este não é um lugar destinado aos vivos.

Algo se aproximava por trás dela, e os olhos de Fall-From-Grace estalaram abertos. Não havia vida que pudesse sentir... era uma antítese, morta além da morte, ainda assim igualmente eterna.

Um frio gelido passou pela sacerdotisa. Seja lá o que fosse, distorcia a existência enquanto se movia.

Ela se virou calmamente para encarar a criatura, uma coisa de fios torcidos e nodosos tecida para fora de um corpo central como artérias e veias.

— Então — Fall-From-Grace refletiu, mãos dobradas à sua frente. A coisa havia atravessado sua barreira como se não fosse nada. — Sois a aranha que jaz no centro de tudo.

Ela circulou a criatura em passo frio, estudando-a de diferentes ângulos como se examinando uma escultura.

Sua cabeça girou no ar, seguindo o olhar de Grace, e ela a olhou nos olhos:

— Tenho muitas perguntas que poderias responder. Teus objetivos neste assunto não têm sido inteiramente claros.

Fall-From-Grace continuou a circular a criatura. Ela nunca havia sido impressionada por retórica desajeitada ou ameaças cruas:

— Meu coração não é negro nem temo por minha vida. Meus companheiros, meus amigos, estão aqui em tua fortaleza. Não partirei até estarmos reunidos e o homem que seguimos ter resolvido este assunto a uma conclusão satisfatória.

— Como gracioso quanto é tua oferta, devo recusar tua oferta de abandonar meus amigos — seus olhos se estreitaram. — Quanto ao “pequeno” preço que ele pagará em tuas mãos, é o equivalente à morte para ele. Viajei com este homem por algum tempo, e há muitas coisas que não desejo que ele esqueça.

— Esse é **teu** julgamento — Grace declarou em palavras orladas de gelo. — O fato permanece que não desejo que ele me esqueça, nem tudo que lutou para alcançar este lugar. Sofreu muito, e encontro minhas simpatias com ele em vez da criatura arrogante que postura diante de mim e luta como covarde, preferindo matar à distância onde seu

oponente não pode alcançá-la.

Fall-From-Grace respirou, suas asas se desdobrando:

— Não o atormentarás mais.

A criatura se esticou, parecendo crescer maior. Ela ergueu um braço, brandindo garras longas como cimitarras.

Grace focou enquanto assumia uma postura defensiva:

— Fizeste dano suficiente. Prepara-te.



Dak'kon avançou pelos corredores. Ele ignorou o sangue escorrendo de seu ombro, a costela machucada em seu lado. Incontáveis cicatrizes de uma vida de batalhas ainda doíam — a memória do corpo era mais afiada que a memória da mente de certas formas — e ignorou seus ferimentos frescos como meramente mais dois.

Gritos de guerra e orações fúteis ressoavam de câmaras vazias, e ele **sabia** seu som. Eram fantasmas de traição e agonia... os espectros de Shra'kt'lor.

Os gritos de uma cidade morrendo o perseguiram através da escuridão.

Dak'kon pressionou uma mão à sua bolsa, agarrou o disco redondo em conforto. O poder do Círculo de

Zerthimon estava em seus ensinamentos, não em sua forma, mas havia ajudado Dak'kon a sobreviver à Queda de Shra'kt'lor uma vez. Sobreviveria de novo.

Outra daquelas grandes sentinelas neblinosas varreu em sua direção pelo corredor, e Dak'kon se virou, deslizando até parar. Difícil carregar essas coisas... as criaturas eram toda ofensiva, e suas carapaças umbrais eram pontilhadas como caranguejos-de-espinho além disso. Ele se virou para evadir, mas uma segunda sombra mergulhou em direção a ele. Sua cabeça se virou rapidamente para o outro lado... para uma terceira sombra, uma quarta, uma quinta...

Dak'kon focou, e sua lâmina zerth cantou num fio serrilhado, afiado o suficiente para cortar um pensamento. Havia tantas, de todos os lados...

— Sombras... — Dak'kon se lembrou. Estas não eram os mortos de Shra'kt'lor voltando para assombrá-lo, não importava como cantassem.

Outra forma deslizou das sombras, sua forma espinhosa vacilando como vinhas numa brisa.

Olhos de obsidiana polida se estreitaram, e a lâmina **zerth** faiscou. A voz de Dak'kon era fria e suave com a idade, mas havia encontrado novo aço para acrescentar a ela:

— Posso ser vencido em batalha, mas nunca me

submeto.

— Estive aqui antes — Dak'kon declarou. A calma que mantinha vinha com certeza. — Desta vez nunca partirei.

A criatura o encarou como se encararia um inseto, e pareceu aprovar como Dak'kon aceitava seu destino. Depois se virou e varreu para longe para dentro da escuridão.

As sombras caíram sobre Dak'kon como uma matilha, o peso de suas garras o martelando ao chão. A armadura se estilhaçou, ossos se partiram como galhos frágeis. Por todos aqueles momentos finais, em meio àquela tempestade de garras negras, a lâmina faiscou e cantou como mercúrio. Sua borda não se embotou até que sangue ensopasse seu cabo, e uma mão amarelada caiu sobre as pedras de calçamento frias.









## Capítulo 112

O mar umbral ferveu e rolou, quebrando contra mim em ondas. Eu os afastei com redes de fogo, me protegi com barreiras de gelo. Um momento os corredores tremeram com o choque de presas negras e Arte branco-quente. No momento seguinte me ajoelhei curvado até os joelhos, ofegando pesadamente e esperando minha carne se costurar.

Estava ficando sem magia. Vacilei, meio drenado, de câmara em câmara. A tontura ainda soava em minha cabeça como um gongo, e a bile ainda estava rançosa nos lábios da última vez que vomitara na transição.

Se tivesse energia, teria murmurado uma prece ao me deparar com o próximo dispositivo.

Simplesmente me ajoelhei ali à frente da chave marcada, peito ofegante. Segundos se passaram, se fundindo em minutos. Precisava me apressar para salvar meus amigos. No entanto precisava descansar se fosse viver tempo suficiente para fazê-lo.

Uma vez que meu pulmão perfurado, meu joelho estilhaçado e a dúzia de outros ferimentos estivessem meio curados, puxei a chave.



Enquanto isso, as bestas de Nordom disparavam virotes na escuridão, um guincho soou, e desbotou nos sombrios sussurros dos corredores.

Nordom: Proteger o Diretor. De: Nordom.

Membros metálicos batiam enquanto percorriam os corredores, alimentados pela mensagem. Nordom era Nordom. Nordom era o Eu de Nordom. Nordom havia estabelecido a prioridade dada, e devia executá-la...

O Quadrone clicou, seu propósito de repente ficando claro. Sacudindo a confusão do passado, escaneou os arredores, tentando reavaliar a situação. O Diretor devia ser encontrado.

— Processando... Plano: Material Negativo. Local: Fortaleza dos Arrependimentos.

Um organismo não classificado derivou para a visão.

Nordom estrategizou rapidamente, e chegou a uma conclusão sombria ao pular de lado... “Sentido de encerramento iminente.”

A proposta foi rejeitada imediatamente:

— Desejas dano a um que ajudou Nordom a custo para si-mesmos. Nordom tentará neutralizar a ameaça. Perspectiva de sucesso: Ligeira.



Um par de virotes assobiantes disparou das duas bestas mecânicas, e passaram inofensivamente pelos vãos na forma de cordas da criatura.

Nordom cambaleou enquanto martelos de força se estilhaçavam contra a moldura de metal.

*Nós ópticos de visualização danificados... visão comprometida...*

— Pretendes prejudicá-lo... Nordom te deterá...

Um estrondo soou nos corredores então. O que se seguiu foi o eco de metal estilhaçado, e o som de cacos caindo contra a pedra como chuva.



Dei um arfido, respirando fundo enquanto a consciência dos arredores era reconstruída. Ainda precisava focar um pouco pelos pedaços dispersos de mente que jaziam espalhados, mas um por um eles se encaixaram no lugar. Gemí, piscei na iluminação fraca da câmara, deslocando membros que doíam contra a laje fria na qual havia me deitado. O ar estava rançoso e morto, e o gosto de cinzas e futilidade enchia minha boca.

Passos começaram a se aproximar de três direções diferentes. Ergui a cabeça debilmente, tentando focar.

— Ele acordou — uma voz familiar disse, calma e

aliviada como um herbalista ao lado de um homem em sua cama de enfermo.

— **Finalmente** — outra voz sibilou. — Pensei que morreria de novo esperando por ele acordar.

— Talvez... talvez AINDA morras. NUNCA esqueças que VIGIO vocês LADRÕES, vocês ASSASSINOS — ASSASSINOS TODOS, todos TRÊS de vocês... — mais outra grunhiu.

— Dois de vocês, sejam silenciosos! Vamos nos certificar de que ele está bem e guardemos as discussões para mais tarde — a de voz suave disse de novo.

Por que essas vozes eram tão familiares? Uma mão se enfiou sob minha cabeça, ajudando-me a sentar. Escorregui da laje, ainda grogue, mas olhando para cima piscei.

— Wh... quem sois todos? — gemi.

Ao meu redor três homens ficavam de pé, cada um com pele marcada e torcida como a minha. Tinham o mesmo cabelo atado em tranças filiformes, tilintando com contas. Usavam a mesma faixa de osso, o mesmo kilt ferrugento, aquelas mesmas botas pesadas.

— Pelos infernos, perdeu suas memórias! Condenação! Ele é inútil para nós agora! — um jogou as mãos para o ar em desgosto.

— Acalma-te. Está apenas desorientado, como

estávamos todos. Dá-lhe um momento para se orientar.

O louco rosnou, espumando como um cão raivoso:

— LADRÃO! Estão ROUBANDO meu corpo... MEU corpo, e vai DEVOLVÊ-LO!

— Estou no limite de minha **paciência** com teu uivo! Fica em silêncio, ou —

— Esta discussão não nos adianta em nada! Dá-lhe espaço, deixa-o em paz.

Tinha o cristal partido minha mente? Enquanto minha visão refocava os olhei mais de perto.

O que me ajudara a levantar assemelhava-se a mim, mas seu rosto parecia... mais calmo de alguma forma. Ele deu um leve sorriso e acenou como em aprovação:

— Estás bem?

Outro ficava com as costas curvadas, como se perpetuamente com medo de ser atingido. Ele me observava com cautela, e sibilou sob meu olhar, as mãos se crispando como querendo me estrangular. Seus braços eram horivelmente retorcidos e marcados de cicatrizes, como se tivessem sido mergulhados numa corrente de ácido — e seu braço esquerdo parecia estar se segurando por um fio, literalmente.

O último se carregava mais como uma força do que um homem. Seus olhos me observavam cuidadosamente, e

enquanto o estudava, sentia-o me estudando:

— Então... chegou a isto.

— Quem és? — perguntei ao me aproximar. Seus olhos pousaram nos meus como aço.

— Não entregarei meu nome a ti ou a qualquer homem.  
— A voz do homem era áspera, como a minha, e soou estranhamente em meus ouvidos. — Quanto a “quem sou”, deverias te perguntar isso — és uma de **minhas** encarnações. Chegaste aqui, com minhas pistas para te guiar.

— Alguma vez tivemos um **nome**? — o calmo disse com um sorriso, rindo suavemente. — Ou foi apenas o primeiro de nós? Sabe que sou teu aliado nisto — eu, como estes outros, morri minha morte em tua mente, e este espectro é tudo que resta.

— SABE que não durará muito neste lugar, LADRÃO!  
— Saliva voou da boca do paranoico, e seu rosto se torceu num sorriso enlouquecedor. — LABIRINTOS E ARREPENDIMENTOS E MORTE são tudo que HÁ AQUI...







## Capítulo 113

Morte uivou enquanto barrilava pelos corredores:

— Chefe! Chefe... ouve, não posso deixar aquela coisa me ver. Tens que me tirar daqui...

Todas as falatórias, risadas e gritos loucos abruptamente pararam. As dezenas de cabeças que alinhavam a superfície do Pilar lentamente se viraram para o encaram em uníssono —

Não. Não era o Pilar. Eram as vozes nos corredores da Fortaleza, vozes que tinham aprendido o que mais atormentaria o velho crânio. Morte disparou mais rapidamente.

*“Volta para nós Morte...”* uma das vozes sibilou. *“Temos tais prazeres maravilhosos para ti, novas formas de te acariciar com dor...”*

*“Quero sentir teus olhos explodir entre meus maxilares!”* outra uivou.

*“Rapaz atrevido...”* outra gigou loucamente. *“Lembras dos jogos que jogávamos, Morte? Lembras como era difícil provocar aqueles ao teu redor com as serpentes se contorcendo dentro do teu crânio? Lembras dos vermes?”*

ela arrulhou. *“Temos vermes em abundância, Morte...”*

Algo roçou seu osso occipital:

— NÃÃÃOOOO!!! NÃO OS VERMES!!!

Morte guinchau de terror.

Uma garra negra se físgou em seu forame magno, onde sua medula espinhal uma vez se prendia, e o físgou. Estava sendo arrastado para dentro da escuridão, os provocações, as gargalhadas ensurdecedoras do Pilar dos Crânios.

— CHEFEEEE!!! Morte guinchau, açoitado pelo horror à beira da loucura. — ME AJUDA! **POR FAVOR ME AJUDA!!**

O estalo de osso e o estilhaçar de dentes preencheu os corredores um momento, e então a Fortaleza ficou em silêncio.



Luz fraca. Laje fria. Ar rançoso. O gosto de cinzas e futilidade. Silêncio.

Os detritos flutuantes de sensações desconexas batiam uns nos outros. Pensamentos jaziam estilhaçados em fragmentos, cada um se contorcendo e preso em suas próprias bolhas como um ninho de ovos de rã. Mente dividida... homem dividido... nada unificado para preencher o corpo.



Um pensamento começou a se contorcer em sua prisão: de uma armadilha há muito armada por um louco para capturar a mente de um imortal pela eternidade.

Ele se contorceu. Se retorceu. Tinha o **saber** de como abrir a armadilha, e com um pequeno empurrão de força de vontade ele explodiu livre.

O pensamento solitário **sabia** apenas a necessidade de liberdade, e às cegas apalhou ao longo das outras prisões. Com o mesmo toque e cutucar, outro pensamento explodiu livre. Ele rasgou pela espuma mental e picou cada esfera, e com cada pensamento liberado a consciência começou a se recoalescer...

Arfei, respirando fundo enquanto a consciência dos arredores era reconstruída. Ainda precisava focar um pouco pelos pedaços dispersos de mente, mas um por um eles se encaixaram no lugar.

Ao meu redor três encarnações aguardavam.



*[As conversas com as três encarnações — o paranoico assassino, o estóico manipulador e o primeiro e gentil — foram longas e reveladoras. O estóico explicou seus planos: a tumba abaixo de Sigil, os tatoos nas costas, Pharod usado como instrumento, Deionarra sacrificada*



*para ser seus olhos neste Plano. O paranoico confessou os assassinatos — Fin o linguista, tantos outros que ele tentou silenciar. O gentil revelou ser o primeiro de todos, o que havia pedido a Ravel para o tornar imortal por medo da condenação eterna que sabia que o aguardava.]*

*[Um por um os confrontei, convenci e absorvi — o paranoico com as palavras secretas da língua dos Uyo, que apenas ele poderia conhecer, provando que éramos o mesmo; o estóico numa batalha de vontades onde usei seus próprios pecados como armas, arrancando-o para o subconsciente. O primeiro se entregou voluntariamente depois de me perguntar: “Viveste tua vida? Valeu a pena?”]*

*[Respondi: “Pareceu tão curta. O que pouco experimentei, apreciei, e não desejo esquecer-lo.”]*

*[E ele acenou, e se dissolveu, derramando seus últimos segredos em mim — incluindo meu próprio nome.]*





## Capítulo 114

*[As revelações continuaram. O nome do estóico para o dodecaedro, para Pharod, para Deionarra — tudo confirmado. As tatuagens nas costas eram dele. O Círculo de Zerthimon era uma falsificação que ele havia criado para dar a Dak'kon algo para acreditar. Xachariah havia sido usado como olhos cegos na Fortaleza, sacrificável. Deionarra havia sido planejada para morrer aqui, para se tornar seus olhos neste Plano — e ele havia sabido o tempo todo que ela seguiria, mesmo após dopar o vinho dela.]*

*[A batalha de vontades contra o estóico foi a mais dura. Ele era séculos mais experiente, mais frio, mais calculista. Mas eu tinha algo que ele nunca desenvolveu: as consequências de seus pecados como combustível. Hammertei-o com a escravização de Dak'kon, a tortura de Morte, o aprisionamento de Vhailor, o assassinato de Deionarra e sua condenação a uma eternidade de luto.]*

*[No fim o absorvi, e a inundação de seu conhecimento — incluindo como chegar até o Transcendente — varreu através de mim.]*

*[Depois me sentei com o que restava: a Esfera de Bronze.]*





## Capítulo 115

Ao erguer a esfera desta vez e examiná-la, as memórias da primeira de minhas encarnações se agitaram dentro de mim. Não era uma força insistente ou imperativa — era calma, como os pensamentos de um homem caminhando uma grande distância para falar com um amigo que não havia visto em eras.

Sua presença em minha mente era um conforto, e através da névoa vaga de suas memórias a esfera parecia estar numa luz diferente — não feia, ou hedionda, mas como algo precioso, como uma criança recém-nascida. A esfera era o repositório de meus últimos momentos, antes de ter encontrado Ravel no Desperdício Cinzento e pedido o impossível dela.

Agora sabia por que havia pedido. E agora sabia que tudo que precisava fazer era tocar a superfície da esfera com ambas as mãos e **sentir** arrependimento, e a pedra se abriria para mim...

Segurei a pedra, e deixei os arrependimentos emergirem.

A esfera enrugou em minhas mãos, sua pele se descascando em lágrimas e se transformando numa

chuva de bronze que me circulou. Com cada gota, cada fragmento que entrou em meu corpo, uma nova memória se agitou: um amor perdido, uma dor esquecida, um latejo de perda. Com elas veio a grande pressão do arrependimento: arrependimento de ações descuidadas, o arrependimento do sofrimento, arrependimento de guerra, arrependimento de morte.

Os arrependimentos se empilharam com o peso de uma montanha, uivaram com a fúria de uma tempestade. Minha mente começou a **ceder** sob a pressão — tão TANTO, tudo de uma vez, tanto dano feito a outros... tanto que uma FORTALEZA inteira poderia ser construída de tal dor. Tinha que me focar, tinha que manter meu centro... mas as lágrimas inundavam pelas bochechas como sangue, os pilares de minha mente começavam a rachar...

E de repente, através do torrente de arrependimentos, pude sentir a primeira encarnação de novo. Sua mão, invisível e sem peso, estava em meu ombro, me estabilizando através da tormenta. Ela não falou, mas com seu toque, lembrei meu nome.

...e era uma coisa tão **simples**, de jeito nenhum o que eu poderia ter pensado que seria. Um conforto profundo se assentou em mim, de algo se tornando completo. De certa forma, havia recuperado a parte mais importante de mim mesmo.

De alguma forma ao conhecer meu nome eu **sabia** a

mim mesmo finalmente, **sabia** que não havia nada que não pudesse fazer. A mão da primeira encarnação se levantou do meu ombro, deixando um calor persistente. Ela me assistia com um leve sorriso.

— Era esse meu nome o tempo todo? Mas se eu era—

Ela segurou o dedo nos lábios, me silenciando. Ela acenou ao símbolo em meu braço.

O símbolo — o símbolo do Tormento — parecia frágil de alguma forma quando olhei para baixo para ele, como se estivesse apenas se segurando à minha pele.

Inconscientemente, alcancei e o descasquei do meu braço. Cedeu com uma leve resistência, como puxar uma crosta. Parecia pulsar quietamente e cair em silêncio enquanto o segurava, e sabia que poderia aproveitar seu poder. Ele não mais me governava.

— Não uso mais o símbolo. Isso significa...?

No meio da minha pergunta, percebi que um silêncio pesado era tudo que restava dentro de minha mente — não conseguia mais sentir a presença da primeira encarnação dentro de mim.









## Capítulo 116

Fiquei de pé no telhado da Fortaleza dos Arrependimentos.

O céu acima de mim não era o vazio desolado que havia conhecido. Ele fervia com uma névoa cinza-púrpura, e relâmpagos doentios verdes como a praga rasgavam entre eles. Com cada trovoada as nuvens eram iluminadas com luz pálida e espectral, e vi que não eram nuvens de jeito nenhum.

Sombras. Incontáveis sombras fervilhando à distância, atraídas para a Fortaleza e esperando por sua vingança. Elas voavam num redemoinho de preto e cinza, e o trovão era seu lamento. No centro de tudo algo se materializou, e soube que era meu inimigo. A criatura que havia enviado as sombras contra mim, a que me havia perseguido através de todas as minhas vidas, a que mantinha minha mortalidade prisioneira.

Estava armada em fios verdes, pulsando como veias. Sua forma orgânica centrava-se num núcleo brilhando com uma luz ofuscante, e através de seu elmo os olhos da criatura ardiam com fúria fria. Ela desceu, vindo me encarar por fim.

Chamas irromperam ao redor dela, e os



arrependimentos cantaram para mim, lambendo minhas botas enquanto avançava.

Os corpos de meus companheiros estavam espalhados ao meu redor.

Grace, tão sábia e serena, ocultando seus ferimentos sob sua fé. Nordom, tão confuso e solitário... tão habituado a receber ordens, agora lutando em sua recém-descoberta independência. Dak'kon, acorrentado por seu voto precipitado e uma vez tão partido em espírito e fé. Morte, que havia me seguido fielmente todo este tempo.

Annah...

Não podia olhar para ela. Não podia—

Foquei na criatura à minha frente. Havia cruzado incontáveis vidas para chegar aqui, deixando tantos mortos em meu rastro.

O que faria agora que a encarava? Tomaria vingança? Desembainhar minha adaga? Brandireria a massa de Arte que fluía através de mim agora, clashando sua vontade com a minha até que os céus dos mundos se partissem e as estrelas tombassem no mar?

Fiquei calmo e centrado, e encontrei seu olhar impiedoso:

— Vim para conversar.

Ela me encarou de cima, olhos perfurando com ódio.

Olhei para os corpos arranjados atrás de mim:

— O que fizeste com meus amigos?

A criatura flutuou, e caminhei com ela. A existência parecia ondular em seu rastro, e as remanescentes ondas passaram através de mim enquanto a seguia.

— Por que fizeste isso? — murmurei.

Ela tentava me quebrar, esgotar minha vontade. Esta era a última batalha para a qual havia se preparado, e era por isso que havia coletado os corpos partidos deles.

— Então os **mataste**.

— Por que o fizeste?

Ela cravou uma garra acusadora em mim. Ela sabia.

— Quem és?! Por que fizeste isso?! — gritei contra a escuridão.

Ela se estendeu e olhou para o vazio:

— Não... **sei** o que és — você não mantém minha mortalidade prisioneira... **és** minha mortalidade. Tua armadura — está torcida como galhos de árvore. Tais coisas falam da magia de Ravel.

— Separada de mim?

— Não fomos feitos para ser separados — sacudi a cabeça. — E os Planos sofreram por causa de nossa separação.

— Meus amigos... — gesticulei para seus corpos. — Quero que suas vidas sejam devolvidas a eles, e quero que tenham passagem livre deste lugar. Este não é o assunto deles. **Nunca** foi o assunto deles.

— Por que? **Não podes** salvá-los? Não tens o poder?

— Então onde está o mal em—

— Não **podes** ressuscitá-los, podes? — Talvez não devesse ter provocado a coisa, mas tinha pouco mais a perder.

Ela escarneceu.

Mentalmente busquei o ar, tentei encontrar a centelha que permanecia em meus amigos. Ainda assim seus corpos estavam em silêncio dessa essência persistente, frios e inertes:

— Deionarra me disse que só podia reverter a morte quando a vítima havia morrido próxima a mim. Mas o que ela despertou em mim — estás dizendo que era apenas uma fração de meu poder sobre vida e morte?

— Se **tu** afirmas ter o poder, então eu devo ter o poder também — mesmo se não estivesse lá no momento da morte.

Me virei de longe da visão sombria:

— Palavras fortes para quem fez tudo para impedir nosso encontro face a face.

— É por isso que envias sombras para me matar em vez de tentar me derrotar tu mesmo? Elas nunca tiveram sucesso em me matar, nem **vão** ter.

— Então as sombras podem viajar distâncias que tu não podes.

— Ainda assim nunca viajaste além destas paredes para lutar comigo... apenas enviaste sombras. Um golem de ferro, forjado das armas da guerra, me disse isto uma vez: Quando se mata à distância e não se mostra, fala de fraqueza. É como um **covarde** luta.

— Ainda quando estava dentro das paredes da Fortaleza, enviaste Ignus para tentar me deter, quando poderias ter me detido tu mesmo.

— Então me usaste para encontrá-lo? Querias que eu o matasse, não querias, para que seu conhecimento morresse — depois tentaste me matar, para que **eu** esquecesse onde te encontrar.

— Mas **por quê?** Por que—

A voz dela soou duramente, como um sino fúnebre:

— Mas já não esqueço quando morro. Talvez antes, mas não mais.

— “Sempre” não significa mais o que significava. Já morri uma vez, e minhas memórias me retornaram, intactas.

— É a verdade — insisti. — Matar-me não me deterá — porque matar-me não me faz **esquecer** mais. Sempre te saberei, sempre me lembrarei de tudo que fizeste, como te alcançar, e eventualmente, como te destruir.

— Mas já escapei de “a maior prisão jamais concebida.” Não podes me matar, não podes me prender, e não podes mais me fazer esquecer a mim mesmo.

— Não, não o farás — declarei. Minha mente havia trabalhado sobre suas palavras por muito tempo agora. — Considera isto: dizes que estamos ligados. Então quando sofro, deves sofrer também. Talvez estejas preso aqui **porque** sofres, mas de forma diferente da minha.

— É possível que enquanto morro a morte da mente com cada uma de minhas mortes, tu morras a morte do corpo? Enquanto perco espírito, tu perdes substância. É por isso que te torna cada vez mais difícil deixar esta Fortaleza e viajar além deste plano. Esta Fortaleza não é apenas tua prisão, está se tornando tua tumba.

— É? Disseste que estávamos ligados. Certamente sentiste teu corpo definhar ao longo do último século — gesticulei para a armadura espinhada que usava. — Até carregas as ramificações da moldura de Ravel sobre ti mesmo, e a **despregas** — mas precisas da moldura sobre tua forma espectral para te impedir de decair mais rápido.

— Mas por que morrer lentamente quando poderíamos

nos tornar um de novo? Pararíamos de nos torturar mutuamente por fim.

— E olha para **ti** — retruquei. — Uma criatura espectral que posturas e se vangloria, mas cuja vida e poder são fantasmas do que a vida uma vez foi. É assim que desejas que os Planos te lembrem depois que desvaneças em oblição?

Ficamos nos encarando por um longo momento, dois monólitos teimosos e implacáveis.

Então:

— Então esta é minha pergunta final: O que pode mudar a natureza de um homem?

— Não obstante, antes que haja um fim entre nós, ouviremos tua resposta.

— Se há algo que aprendi em minhas viagens pelos Planos, é que muitas coisas podem mudar a natureza de um homem — respirei. A resposta ao enigma de Ravel, a resposta que ela nunca soube ou se importou com ela mesma, por fim ficou clara. — Seja arrependimento, ou amor, ou vingança ou medo — o que quer que **acredites** que possa mudar a natureza de um homem, pode.

— Já vi crença mover cidades, fazer homens afastar a morte, e virar o coração de uma hag maligna meio círculo. Havia desfeito Vhailor com crença, e por momentos havia dado vida a outro através do poder

de um nome. Esta Fortaleza inteira foi construída de crença. A crença condenou uma mulher, cujo coração se agarrou à esperança de que outro a amasse quando não amava.

Uma vez, ela fez um homem buscar a imortalidade e alcançá-la — me inclinei para trás, meus olhos tomando a forma completa de minha mortalidade. — E ela fez uma criatura que postura pensar que é algo mais do que uma parte de mim.

— A crença é tudo aqui, criatura — declarei. — Porque acredito no poder do meu **nome**.

Ela falou friamente, mas havia rachaduras na convicção da criatura. Este era **ele**.

— Não **sabes** qual era nosso nome, sabes?

— Por que isso alguma vez foi importante? Estava a nos perseguir?

— Não, agora caça em **nosso** lugar. Incontáveis outros estão morrendo porque tu e eu estamos separados. Não podemos continuar a viver assim, ou continuaremos matando outros em nosso lugar!

As sombras acima de nós rumblejaram, e a tormenta pareceu se agitar com essas palavras.

— Então permitirás que os inocentes sofram em nosso lugar?

— Não sofrerão mais. Uma vez que a morte caçava por eles, mas meu nome é conhecido por mim, criatura! Ao conhecê-lo, tornei-me forte! E ao conhecê-lo, a morte caça por nós mais uma vez!

— Minto? Se és de mim, **sabes** quando te engano. Não minto agora.

Firme como era conseguia **sentir** sua confiança vacilando. **Acreditei** nas dúvidas que rachavam nela agora.

— Sim, o faço — e não permitirei que me enganes numa batalha que não é sequer necessária. Pois ao conhecer meu nome, meu nome verdadeiro, conheço o teu. Não há mais nada que possas fazer contra mim.

— Não, não o farás — te reunirás comigo, e nos tornaremos um de novo, como fomos destinados.

— É melhor **que** aconteça do que o multiverso continuar a sofrer por causa de nós.

Com essas palavras olhei para meus amigos de novo. Grace... Nordom... Dak'kon... Morte...

Annah.

— Não, sei muito bem o que faço. E acho que esta é a única resposta. Prepara-te.

Estava pronto.

Mesmo na derrota ela era desafiadora.



— Posso viver com isso — e os Planos também podem.

Acenei:

— Muito bem. Estou pronto para me tornar mortal de novo.







## Capítulo 117

Nos encontramos um ao outro, e no início foi como misturar óleo e água. As cordas de sua armadura se curvaram e se enrolaram ao redor do meu corpo, abrunhos mordendo fundo em minha carne. Suas garras caíram e se dissolveram, seu elmo se partiu. Uma pressão de substância que havia sido separada por muito tempo se ergueu entre nós: curvando, esticando, até que picou como uma bolha de sabão.

E a forma dela **explodiu**, o núcleo de luz interior inundando dentro de mim. Raios de radiossidade crepitaram entre nós dois e joguei minha cabeça para trás, gritando com a sensação de ser **preenchido** mais uma vez...

Minha mortalidade girou através de mim, viscosa e espessa. A tempestade de seus movimentos incharam, e por um momento temi que pudesse explodir com ela...

Mas então começou a se assentar, como uma onda após se chocar contra a costa. Sua essência se infiltrou nas rachaduras e fendas de meu espírito, preencheu feridas há muito esquecidas e selou lacunas que haviam sido deixadas com incontáveis mortes. Brilhei como um sol. Meus olhos

arderam como estrelas. A cada momento cem vidas se revelaram para mim, um milhar...

Tantas feridas, tantas mortes de memória, tantas fissuras... havia esquecido não apenas as encarnações passadas, mas como era ser **inteiro** de novo. Os incontáveis fragmentos de minha existência se selaram juntos, minha mortalidade os cimentando. Era um Sensata, e esta era apenas mais uma experiência. Era um Godsmán, e este era apenas mais um teste. Havia sido um assassino, um louco, um poeta, um padre, um catador, um enlutado, um escriba, um comerciante, um açougueiro, um padeiro, um estudioso, um mago... incontáveis vidas e incontáveis encarnações encadeadas como pérolas outrora espalhadas, clicando uma por uma numa única corrente.

E o mundo se acalmou mais uma vez... plácido como um lago quieto.

Fechei os olhos e senti fundo dentro, explorando as profundezas de minha mente. Um milhão de novas memórias tagarelavam e as varri de lado, procurando pela lacuna onde meu espírito outrora havia repousado. Nada. Onde aquela ferida irregular estava, aquele buraco que levava a uma oblição profunda dentro de meu ser, havia apenas uma continuidade suave de essência.

Estava inteiro. Estava curado. Era um.

E agora sabia, a totalidade da vida e da morte.

Pressionei contra o véu que ficava entre este mundo e o próximo, e ele se dobrou como gaze ao meu toque. Um pouco mais, e direcionei os fios sobre Morte, para tecê-lo de volta à sua forma corpórea num nimbo de luz...

No entanto enquanto eu me estendia com meu poder, Morte subitamente flutuou no ar:

— Eh... espera aí, chefe. Não precisas me ressuscitar; eu estava uh, apenas deitado aqui, sabe, ouvindo a vós dois.

Minha voz ressoou como a de um Poder:

— Mas, sim, quero dizer que já estou **morto**. Quando estás morto há tanto tempo quanto eu, aprendes a fingir muito bem...

Conseguia sentir meus olhos faiscarem, e meus lábios se curvaram num sorriso.

— Bem, **sim**, chefe. Não é como que tu fosses morrer. Quero dizer, se falhasses, precisariam de alguém para se lembrar por ti. Além disso, sabes como sou inútil numa luta — bem, quando não estou provocando algum mago ou outro...

Ele se inclinou no ar:

— Uh, chefe, o que aconteceu com tua **voz**?

— Wh — sua mandíbula caiu. — Me devolver? E quanto a **ti**? Vamos, chefe, posso ser um **covarde**, mas não há jeito que vou te deixar neste lugar.

— Bem, eu **poderia** ir contigo de qualquer jeito, chefe, se quisesse — ele pressionou, ansioso para ficar ao meu lado. — Quero dizer, já passamos por pior—

A ação estava feita, o que quer que estivesse entre nós estava completo, e Morte não precisava mais me seguir.

Morte me encarou por um momento, depois suspirou:

— Não ficar com os olhos marejados, mas, uh, foi um prazer, chefe.

Estendi minha mão com meu poder de novo. Houve uma rajada de ar, e Annah se agitou enquanto eu tecia seu espírito de volta ao corpo — ela ergueu a cabeça devagar, depois a sacudiu, confusa.

Os olhos de Annah se arregalaram ao ouvir minha voz:

— Wh — o que **aconteceu** a ti? Tua voz — é como ecos, é.

— Wh— Annah abriu a boca, depois pausou. — Wh — Para onde **vais**?

— Mas eu... não **quero** que vás.

Ela se estendeu como se fosse agarrar meu braço, para me puxar de volta para ela, mas hesitou.

Tentei fazer minhas palavras gentis, e embora rugissem com as vozes de milhares de vidas, ela não recuou quando minha mão coupou seu queixo.

Annah acenou. Parecia que ia dizer outra coisa,

mas depois ficou em silêncio. O pensamento não dito permaneceu em sua mente, persistindo.

Meu poder tocou Dak'kon, e ele deu uma respiração vacilante e então ergueu o olhar debilmente:

— Tua voz... afinal vieste a **saber** a ti mesmo?

— O **saber** de si mesmo é um caminho difícil.

Dak'kon ficou em silêncio por um momento; quando falou de novo, sua voz estava afiada, como se cortando uma ligação:

— **Saber** que uma vez te devia uma dívida. **Saber** que salvaste minha vida, e **saber** que te segui para saldar aquela dívida.

Ele curvou:

— Paguei pela tua vida com a minha. A dívida está saldada.

Enquanto meu poder tocou Fall-From-Grace, ela se ergueu tonteada até os pés — mesmo desorientada, de alguma forma conseguia manter a compostura.

Enterei.

Fall-From-Grace ergueu o olhar, e sustentou meu olhar por um momento, e sorriu. Era um leve sorriso, que carregava mais tristeza que qualquer outra coisa:

— Tua voz — então finalmente encontraste a ti mesmo?

— O preço de tal coisa raramente é medido em cobre.



Fall-From-Grace estudou meus traços:

— Ainda és—

Fall-From-Grace sorriu de novo: o mesmo sorriso triste de antes:

— Não, esse não era meu medo.

— Esse não é meu desejo.

Fall-From-Grace se estendeu, e sua mão tocou levemente meu braço. Houve uma leve sensação de formigamento, mal sentida, então ela a retirou:

— **Vou** te encontrar de novo, não importa onde nos Planos Inferiores tu estarás — assim como serás capaz de me encontrar.

— Nenhuma gaiola nos separará, e nenhum Plano nos dividirá.

O rosto de Fall-From-Grace ficou como pedra:

— Continua pensando em mim, e nos encontraremos de novo.

Ela sacudiu a cabeça:

— Só não me esqueças.

Grace dobrou as mãos então, e me olhou, o mesmo olhar que dava a seus estudantes. O mesmo olhar que dava quando tecendo sua maestria de palavras.

— O tempo não é teu inimigo. Para sempre é.



Acenei, e compreendi.

Por fim alcancei até Nordom, moldando a alma na moldura de Nordom: devagar, até que a senti deslizando de volta ao corpo do modron. Houve um estremecimento da forma cúbica de Nordom, e ele saltou até os pés.

Nordom piscou, os obturadores de seus olhos **clicando** rapidamente, depois dilatando até pontos, como se semicerrasse os olhos para mim:

— Tua voz excede os parâmetros padrão reconhecidos.

— *Query*: Onde é teu próximo destino? Nordom seguirá e te protegerá.

— *Query* ramificado: Não (requer) ou não (quer) a presença de Nordom?

Alcancei na minha mochila, e puxei o Cubo Modron.

Nordom *whrrr-clikou* por um momento, então suas bestas começaram a *clicar* e *tilintililar* em suas mãos:

— Nordom cede gratidões. Ajudaste Nordom a encontrar sua identidade.

Ele aceitou o dever com graça, e manteve o cubo perto:

— Resposta: Ouvida e reconhecida. Nordom agora aguardando referido dia.

— O assunto não iguala mais lógica total.

Me virei deles, estendendo uma mão para o espaço vazio à minha frente. Com um torcer do pulso torci os fios da

existência, e a área à minha frente se virou sobre si mesma, ondulando num torvelinho de azul e branco. O portal ficou como uma cortina, e revelou os aposentos perfumados do Distrito dos Escribas.

Senti uma pontada através do peito. Por pouco tempo aquele havia sido lar, e nunca poderia retornar.

Um por um foram através, olhares mantidos para a frente. Deixaram-me nos dobros da vida, e ela os abrigaria pelo resto de seus anos, longos como pudessem ser.

*Mas não tão longos quanto os meus,* sorri para mim mesmo.

Apenas Annah se virou para mim então, a última a partir. Sua boca se abriu, ela se estendeu, mas antes que pudesse correr de volta para mim eu estali o portal fechado.

Fechei os olhos, e esperei pelo fim.



Conseguia senti-lo roendo nas paredes, arranhando nas proteções que minha mortalidade havia colocado quando estávamos separados. Erguí o olhar para as sombras que circulavam, e estremeci, sem saber se era seu mestre ou inimigo.

Com uma varredura da mão as dispersei. Esperava que encontrassem seu descanso correto.

E então me foquei, **sabendo** as proteções que barravam minha morte de mim. Elas estalaram como tendões demasiado esticados, e com cada uma que se quebrou a Fortaleza estremeceu. Longe na distância conseguia **sentir** os arrependimentos desmoronando em cinzas, varridos para o nada do vazio que ficava além. Palavras não ditas e sonhos nascidos mortos... a argamassa e o tijolo de meu palácio, minha prisão, racharam. Os pilares de tristeza fraturaram e quebraram.

A Fortaleza estava se desmoronando.

Conseguia sentir as fundações chovendo abaixo de mim, se dissolvendo em nada. Cada andar e torre se estilhaçou e derreteu como gelo no mar de preto, e com cada barreira que caiu minha morte se aproximou mais, uivando com presas vorazes.

A notei então: Na outra extremidade do telhado para me ver partir. Ela me encarou com olhos azul-cristal, seu cabelo branco-prateado açoitado por um vento não visto. Seu vestido azul-céu ondulou como as ondas de um oceano. Seus olhos pousaram nos meus, e ela inclinou a cabeça. Pouco a pouco seu ser se dissolveu em motes de pó de estrela. Não havia nada para a prender aqui agora.

Murmurei suavemente, mesmo enquanto minha voz ressoava, mesmo enquanto o rugido de argamassa desmoronante abafava minhas palavras.

E o chão se quebrou abaixo de mim, o rugido de chamas abissais queimando minha carne. Joguei minha cabeça para trás, uivando de dor, chorando de alívio. As chamas queimaram além da carne e fundo até a alma, e eu ri. **Ri** que finalmente, a morte era minha.

Suas presas fisgaram meu espírito, sua foice perfurou meu peito. Ela me arrastou para baixo, passando pelos cem planos do Abismo. Para baixo, pelas camadas do inferno. Para baixo, para dentro do frio que gelava os corações dos íferos, para dentro das chamas que incinerariam almas em cinzas. Avancei em direção ao meu destino por uma eternidade, e meus arrependimentos se quebraram atrás de mim, até nada restar.

Estava morto.



Nas profundezas mais fundas dos Planos Inferiores, num reino onde o solo era o sangue seco e estilhaçado de pecadores infinitos, onde a poeira que soprava no vento eram seus ossos em pó, uma única estrela cintilou no céu.

Era uma coisa pálida e patética, encoberta pela poeira que subia em batalha, a névoa tóxica que arrotava das montanhas de fogo no horizonte distante. Ainda assim se alguém olhasse para cima e procurasse com força suficiente, ela poderia sempre ser vista.

Poucos nesta terra viviam tempo suficiente para dar nome a este reino. Menos ainda viviam tempo suficiente para contemplar qualquer coisa além da sobrevivência. Mas aqueles poucos, aquelas raras e preciosas e condenadas almas que podiam se tornar estudantes de uma espécie, estavam divididos em dois sobre o que aquela estrela era.

Alguns acreditavam que a estrela era um pálido farol de esperança: que a salvação estava disponível para todos, mesmo no mais miserável e vil dos Planos.

Outros acreditavam que ela brilhava para atormentar os condenados: um lembrete constante do que estava perdido, uma esperança tão distante que nenhum poderia agarrá-la.

Num vale que havia conhecido apenas guerra e violação, um rio corria entre as colinas. O rio corria por todos os Planos Exteriores, mas aqui se podia segui-lo pela eternidade e conhecer apenas dor. No rio havia um único barco a remo, empilhado com as almas dos mortos. O barqueiro era cego e surdo e mudo, mas suas mãos esqueléticas apertavam sua vara firmemente, guiando sua carga até seus destinos finais.

Um único corpo se contraiu, e tombou pelo lado.

O barqueiro não tomou nota da forma enquanto flutuou: cinzenta e marcada de cicatrizes e enrugada como estava,

teria se mesclado nas águas neblinosas mesmo se o barqueiro tivesse olhos para ver. Em vez disso ele remou adiante, deixando a coisa para trás.

O rio carregou o volume silenciosamente por um tempo, e se algo vivo visse, nenhum sabia o que era.

Por uma eternidade flutuou, até atingir os rasos. As águas o varreram quietamente para a margem... para a praia da Costa Silenciosa.

Ele tossiu então, fluido transbordando da boca e derramando pelas bochechas. O estranho rolou para o lado, vomitando, quente e espesso, até nenhum restar nele. Já tinha bastante de esquecer.

Seus olhos piscaram, e sua visão refocou. As nuvens desoladas nadavam à distância, e por perto conseguia ver um feixe de armas fincadas no chão. Coisas antigas, enferrujadas quase à inutilidade.

Ele saltou até os pés então, se estabilizando. O estranho respirou mais uma vez, tomando seus arredores, o conhecimento de onde estava. O fedor de morte e depravação estava no ar, mas ele o respirou de qualquer jeito. Precisava se acostumar com seu gosto.

Inclinando-se para a frente o estranho escalou o lado da colina. A terra se descascava de suas mãos e botas como crostas antigas. A umidade em suas palmas se misturou com a poeira e a transformou numa pasta ensanguentada

entre seus dedos, e o travo áspero de ferro encheu suas narinas. O rugido de trovão parecia estar vindo de sobre a colina.

E ele chegou ao cume, olhando para baixo para a cena abaixo.

Guerra. Guerra que havia durado tanto que havia perdido todo sentido. O campo de batalha se esticava de um horizonte ao outro, abrangendo a distância infinita, e o barulho de batalha soou de todos os lados até parecer se fundir numa, contínua, gritos de terror e dor. Em cada piscar de um olho cem mil morriam, e em cada olhar cem mil mais nadavam para dentro da refrega: instigados pelo terror ou alimentados por raiva cega.

O estranho olhou para baixo calmamente, os fogos de destruição e morte se refletindo em seus olhos. Ele se virou para o lado, e sua mão se estendeu para agarrar uma daquelas armas que havia caído de lado.

Ele a puxou com alguma dificuldade, e olhou para o machado de quatro lâminas, a poeira caindo livre de suas bordas. As palavras de alguém há muito atrás ecoaram em sua cabeça:

*“O que pode mudar a natureza de um homem?”*

Ele acenou com satisfação então, **sabendo** a resposta. Os ossos e sangue seco rangeram sob suas botas, enquanto descia pela encosta da colina quietamente, sob a luz pálida

de uma estrela distante.

Para dentro da batalha.

Para dentro da loucura.

Para dentro da condenação.

Para dentro de seu destino.







## Epílogo

O Guardião-de-Pensamentos-Esquecidos baixa seu frasco vazio e olha para a multidão. A taverna ficou em silêncio, e a multidão olha: entorpecida e muda ao fim do longo conto. Shara Seis-Lâminas fecha os olhos. O harpa de Oudilin repousa em seu colo. A lança de Scii-Tavakis caiu para seu lado.

Epetrius inclina a cabeça, Xoraskavitt silencioso em seu ombro.

Deitada na mesa Jeanette Dovellet Quatro-Ventos desmaiou num monte, e Ileron de Sen-Tau sorri enigmaticamente, seus olhos frios e cruéis.

Não há aplausos. Não há vivas. Acabou.



É uma manhã sóbria que os frequentadores da taverna saem cambaleando, desaparecendo um por um na luz pálida da aurora. Eles sangram para as ruas: tropeçando meio bêbados ou meio adormecidos para esposas raivosas ou lojas que ficarão sem atendimento no dia.

Cem línguas chacoalharão daqui, desajeitadamente

tentando recontar o conto. Mil variações existirão com cada nova contação. Nos anos por vir, alguns afirmarão que Ignus seguiu o Sem-Nome até o fim, ou que Vhailor sobreviveu e o matou. Alguns dirão que a Lâmina do Imortal permaneceu intacta e que o Sem-Nome cortou a própria garganta antes de sua mortalidade. Outros esquecerão um dos amigos do Sem-Nome ou outro, enquanto ainda outros embelezarão com pequenos detalhes próprios.

Num tempo a partir de agora, santuários serão construídos à sua imagem e um pequeno culto rezeará por sua salvação. Quinze anos depois disso, o culto cairá a assassinos para impedir sua ascensão à divindade, que ele possa um dia retornar a Sigil e contar de seus feitos.

Por ora, porém, saís da Taverna dos Sonhos Quebrados com a multidão, deixando teu manto pendurar frouxamente ao redor de ti para ocultar os volumes nos seus bolsos. O olho do Sem-Nome se contorce em tua bolsa de moedas, e o Tomo da Loucura-Caótica sussurra e balbucia e emite odores estranhos, mas ninguém parece notar.

Fazes uma careta enquanto atravessas o fedor fétido da Colmeia. Comerciantes estão apenas agora abrindo para o dia, e já o fedor do Distrito está subindo a níveis pútridos. Um velho amigo havia pedido que viesses visitá-lo, e ele nunca apareceu no horário designado. Sacudindo a cabeça e resmungando com frustração, estás prestes a

virar numa encruzilhada para perguntar pelo portal mais próximo daqui.

— Ei! — uma voz familiar grita.



Annah se vira, deixando o capuz do manto cair ao grito. Lá, flutuando pela rua, feliz como uma marisco, está Morte. Ao seu lado três modrons caminham pesadamente.

— Onde **estavas**?! — ela estala. — Chegaste um dia atrasado!

Se Morte tivesse pálpebras estaria piscando, e ele pausa em surpresa:

— Atrasado? Uh, és um dia adiantada, fiendling.

— Do que estás falando? Conferi meu relógio três vezes antes de pegar a sequência de portais por aqui!

Os olhos de Morte pousam em Nordom. O Quadrone Diretor já viu dias melhores, e dois de seus membros estão descoloridos e mal-encaixados. Sem dúvida foram catados dos modrons que tentaram matá-lo e devolvê-lo à Fonte.

— Não ouviste, Annah? — Nordom clica. — Desculpa, mas não somos os culpados. O rumor diz que uma obstrução foi descoberta numa das engrenagens periféricas de Mechanus há pouco tempo, e que como resultado os Planos têm estado andando um pouco

estranhamente desde então. Tenho certeza de que o erro será corrigido no tempo devido.

Annah morde a língua e permanece em silêncio, mas acena. Ela tem tentado corrigir seu temperamento ao longo dos muitos anos, mas velhos hábitos morrem duramente.

— Annah? — Nordom continua. — Posso te apresentar de novo a **KlikKlik** e **Whrrrr**. Eles desejam nos acompanhar em nossa busca desta vez.

— É, me lembro deles. — Barmy os dois são, mas lutadores confiáveis para modrons.

— Eu mesmo os ajudei a nomear — Nordom declara orgulhosamente.

— É, me lembro disso também — Annah revira os olhos. — Como está Rubikon nestes dias?

— Infelizmente dois de nosso grupo retornaram à Fonte na recente Grande Marcha Modron — Nordom dá um assobio que poderia ser interpretado como um suspiro. — Não acontecerá de novo.

— Não vais perguntar sobre mim, fiendling? — Morte pergunta docemente.

— Ach, sei o que estiveste fazendo — ela chucle. — Até o pescoço em peitos, diria. Qual era o nome dessa última garota? Lizzie era?

— A “Dama Coxeante de Gloucster?” Eh, esse era apenas seu nome de palco — Morte sorri.

— Aye? Pensei que andasses viajando com essas três caixas-de-clique, não? Algo de interesse com isso?

— Eeh... — Morte parece dar de ombros. — Nada de consequência.

Annah certamente não acreditou nisso.

— Mas realmente, tenho rastreado rumores. Acho que finalmente fixei onde o chefe está. Bem, pelo menos a camada em que está...

Morte pisca de repente, e examina Annah de cima a baixo como se pela primeira vez:

— Aliás, estás terrível.

Annah suprime o impulso de bater nele, e puxa o capuz para esconder as asas de branco em seu cabelo ferrugem-ruivo. Seus anos estão se esticando finos. Ela havia se voltado para poções e elixires, negociado anos dos jovens por várias fortunas que havia libertado de seus golpes. Ela havia descoberto bolhas de tempo no Astral e levantado artefatos de longevidade da própria rainha-lich dos githyanki. Ela ainda é forte, rápida e ágil o suficiente para essas aventuras de uma vez por década, mas no fundo da mente ela sabe que muito em breve isso mudaria.

— Ainda nenhuma notícia de Dak’kon? — ela murmura quietamente.

— Nada desde que desapareceu nas névoas de Limbo — Morte sacode a cabeça. — Não acredito que ainda precisas perguntar depois de todo esse tempo.

— Aye bem, ainda precisamos de alguém que conheça a Arte — ela resmunge. — Tem sido muito mais difícil sem ele.

— Sempre poderíamos perguntar a Grace... — Nordom oferece.

— **Sabes** que odeio ouvir esse nome — ela sibila.

— A caixa-idiota tem um ponto, Annah. Ela tem estado *skimming* o Abismo por conta própria todo esse tempo, e conhece o território. Heck, ela pode até tê-lo encontrado já...

Annah treme de fúria ao se virar:

— Falaremos sobre isso mais tarde. Vamos agora.

Annah lidera os cinco deles enquanto andam pelas ruas. As vielas mudaram e muitas das novas ruelas e cruzamentos são desconhecidos. Mas uma volta aqui, uma volta ali, e Annah reconhece a casca do que costumava ser o Cadáver Fumegante. Estaria perto agora.

— Dizem que a Guerra de Sangue está se acalmando — Annah murmura. — Que alguém depôs o Soberano do Abismo, ou lá o que for.

— Só na semana passada dizem que o Arquiduque

Carrax de Baator foi assassinado pelo mesmo sod — Morte chucle. — Eu não prestaria muita atenção aos rumores.

Um sorriso racha os lábios de Annah de qualquer jeito:

— Mebbe isso também seja verdade.

Cético como é, Morte sacode a cabeça:

— Todos sabemos que a Guerra de Sangue é grande demais para qualquer um mudar. Pelos Poderes acima, até os **próprios deuses** não podem acabar com a Guerra de Sangue. Quero dizer, não me entendas errado, amo o chefe e sei que pode devastar qualquer sod na sua frente, mas ele não é um deus.

Annah sorri suavemente, puxando o capuz mais apertado contra o vento de Sigil.

— Não. Não é mesmo.

Mas continua procurando de qualquer jeito.

*FIM*



## Pós-Epílogo

Velhos hábitos não morrem.

Nem com a Morte.

---

O Mortuário cheirava a formol e a eternidade — dois aromas que, na opinião de Morte, combinavam bem com um terceiro: o de oportunidade.

Não que ele tivesse *planos*, é claro. Apenas... passava por ali. Por acaso. Como fazia vez ou outra desde que o chefe tinha partido para os Planos Inferiores. Nada de mais. Completamente casual.

— Oi — ele disse, flutuando pelo corredor de entrada com uma despreocupação perfeitamente ensaiada. Uma zumbi de jaleco branco levantou os olhos do cadáver que estava costurando. — Não me olha assim. Sou praticamente da família.

A zumbi voltou ao trabalho.

Morte percorreu os salões com a familiaridade de quem conhece cada pedra do lugar — cada pedra, cada laje fria, cada mesa de dissecação. Havia algo de reconfortante



nisso. O Mortuário não mudava. Os mortos continuavam chegando, os Dustmen continuavam processando, as zumbis continuavam existindo com aquela expressão de quem preferiu definitivamente não ter uma opinião sobre nada.

Ele havia tentado outras rotinas. Realmente havia tentado.

Ficara com Annah por um tempo, rastreando rumores dos Planos Inferiores, até que a frequência com que ela perguntava  *você acha que ele está bem lá?* ficou insuportável — principalmente porque Morte não tinha resposta, e não estava acostumado a não ter respostas. Ficara com Nordom também, brevemente, até perceber que a companhia da caixa-de-clique, apesar de genuína, exigia mais paciência com perguntas lógicas do que sua sanidade permitia.

Sozinho, então.

Sozinho era familiar. Sozinho era o estado natural de um crânio flutuante de olhos saltados com opiniões demais e histórias de mais para qualquer pessoa aguentar por muito tempo. Sozinho estava bem.

Estava *ótimo*.

— Olha você — ele murmurou, parando.

No final do corredor das chegadas, uma zumbi dobrava lençóis com uma metodologia que desafiava qualquer

lógica geométrica. Cabelos pretos caídos sobre os ombros. Altura razoável. Olhos sem brilho, mas com uma estrutura óssea realmente admirável considerando as circunstâncias.

— Boa noite — Morte anunciou, acelerando discretamente naquela direção com a trajetória casual de quem definitivamente não estava mirando nesse destino específico. — Nova por aqui? Quer dizer, nova *assim* — ele fez uma pausa contemplativa. — Essa palavra perde muito do sentido neste contexto. O que estou tentando dizer é que conheço este lugar há mais tempo do que a maioria dos residentes permanentes e posso, se quiseres, mostrar os melhores pontos. Os recantos mais sombrios. Sei onde Dhall esconde o chá bom.

A zumbi o ignorou com uma indiferença que beirava o artístico.

— Jogando difícil, entendo — ele assentiu com aprovação. — Respeito isso.

Foi então que viu.

No final da sala, parcialmente oculta por uma coluna, havia uma caixa mortuária de metal. Nada de extraordinário — o Mortuário tinha centenas delas. Exceto que esta tinha os dedos de um pé saindo pela borda.

Pé humano. Grande. Com a textura de couro velho de

quem morreu e ressuscitou vezes suficientes para perder a conta.

Morte parou completamente — façanha considerável para um crânio sem corpo.

*Não, ele disse para si mesmo.*

*Não, não, não.*

*Velhos hábitos.*

Ele flutuou pelo corredor devagar, como se a velocidade pudesse mudar o que estava prestes a encontrar. Como se, chegando devagar o suficiente, o universo pudesse reconsiderar a piada.

O pé não desapareceu.

Morte chegou à beira da caixa. Olhou para dentro.

O homem estava de costas, imóvel como os mortos costumam estar. Cabelo negro comprido espalhado sobre a superfície metálica. Pele marcada por cicatrizes que pareciam um mapa de todas as guerras que o mundo já travou. Em seu ombro, mal visível naquela luz, um símbolo que Morte havia visto tantas vezes que conseguia desenhá-lo de memória — e havia, uma vez, numa parede de Sigil, só para ver se ainda lembrava.

Lembrava.

Sempre lembrava.

Houve uma pausa longa. O tipo de pausa que não

pertence ao tempo normal — que pertence a algo mais antigo, mais vazio, mais difícil de nomear.

Então Morte disse, com uma voz que saiu muito mais suave do que havia planejado:

— Chefe?

Silêncio.

— Hora de levantar.

Nada.

Morte ficou ali por um momento. Apenas um momento. Com algo que não era esperança — porque ele era *Morte*, havia nascido morto, e esperança era o tipo de coisa tola e inconveniente que afligia as criaturas que ainda tinham coração para afetar.

Não era esperança.

Era só hábito.

*Apenas* hábito.

— Certo — ele disse por fim, a voz voltando ao tom de quem não estava afetado por absolutamente nada. — Tudo bem. Era só verificar. Rotina de controle de qualidade. Tudo em ordem.

Ele se virou para partir.

Não olhou para trás.

Não precisava. Sabia exatamente o que havia naquela

caixa — um morto qualquer com cicatrizes parecidas, com pés parecidos, num Mortuário cheio de coincidências cruéis destinadas a testar crânios flutuantes que deveriam saber melhor.

Lá fora, Sigil latejava como sempre. Barulhenta, fedorenta, complicada, cheia de criaturas que se apunhalavam, se amavam, roubavam umas das outras e de alguma forma ainda encontravam tempo para debater filosofia no meio do caos.

O chefe teria gostado disso.

Teria dito algo perspicaz sobre a natureza da persistência. Teria sorrido daquele jeito que parecia um esgar mas não era.

Morte ficou parado na entrada do Mortuário.

A cidade se espalhava à sua frente — a mesma cidade de sempre, com os mesmos fedores, os mesmos gritos distantes, a mesma luz amarelada que nunca chegava a ser dia de verdade em Sigil. Ele a conhecia de cor. Conhecia cada beco, cada portal, cada taberna onde tinham sido expulsos juntos, cada esquina onde alguém havia tentado matá-los e fracassado.

Havia percorrido cada centímetro daquela cidade com alguém ao lado.

Agora percorreria sozinho.

---

Atrás dele, no silêncio do corredor, a caixa mortuária permaneceu imóvel.

O pé não se mexeu.

A cidade continuou barulhenta.

E a ausência — aquela coisa sem nome, sem forma, sem peso aparente, que ocupava exatamente o espaço onde alguém costumava estar — seguiu junto, fiel como sempre havia sido, para onde quer que Morte fosse dali em diante.

*O chefe havia se cansado de morrer. Justo. Já era hora.*

*Chega de Morte.*

*Chega.*

